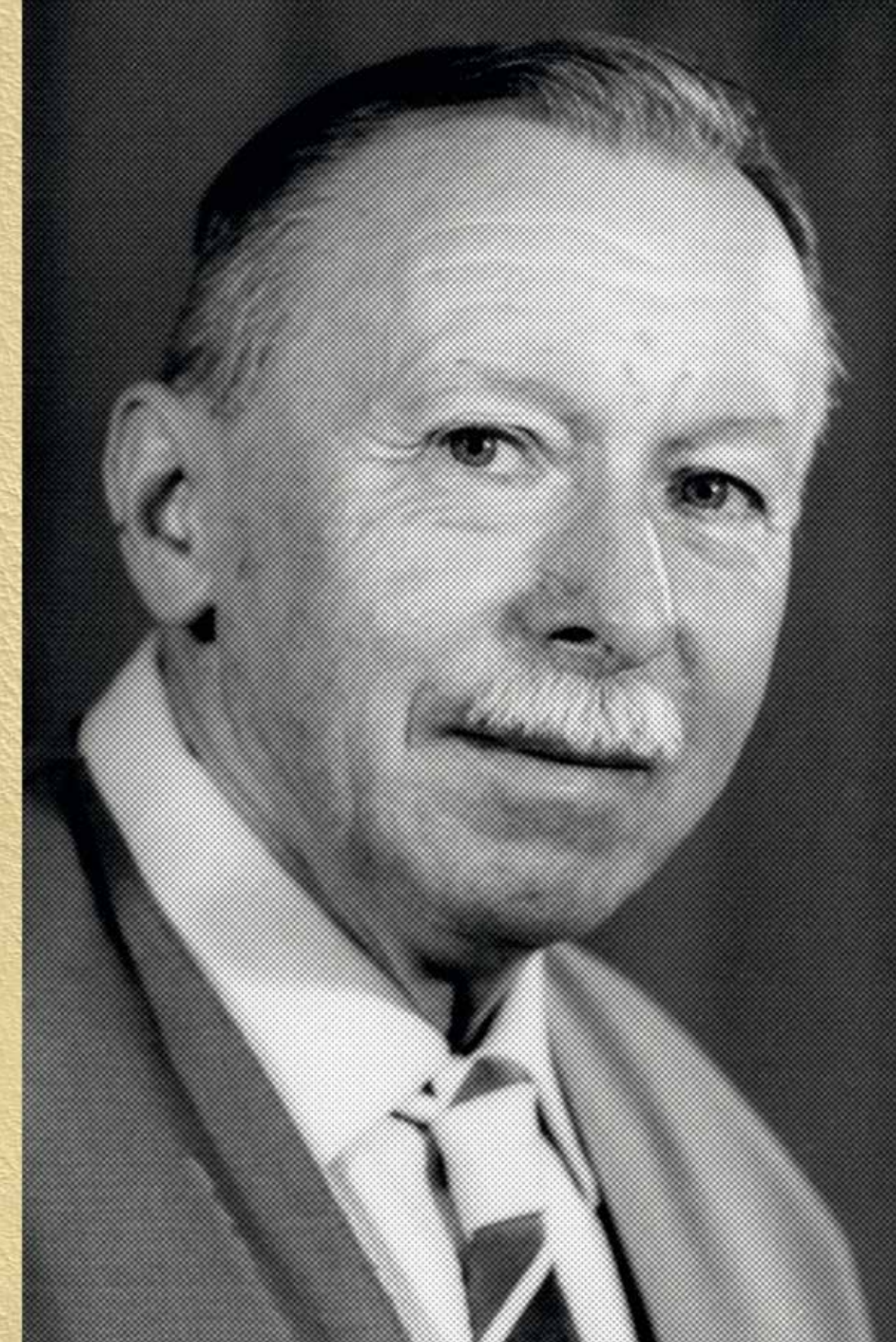


FRITZ PLAUMANN



# A ORIGEM DA VIDA





# A ORIGEM DA VIDA



FRITZ PLAUMANN



# A ORIGEM DA VIDA

Concepções completamente novas  
sobre a origem da vida e  
do ser humano



2022

Impresso em 2022, na gráfica Rotermund (São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil),  
a mesma escolhida por Fritz Plaumann para publicar seu livro em 1949.

# SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira, *João Klug* 09

Nota sobre a tradução, *André Carlos Werle* 23

---

<b>PREFÁCIO</b>	<b>23</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>25</b>
<b>I. ANTIGAMENTE E HOJE</b>	<b>31</b>
1. PROGRESSO E ESCASSEZ	32
2. INFLUÊNCIA INCOMPREENDIDA DAS FORÇAS ESPIRITUAIS	39
3. LUZ E ONDAS	42
4. RADIESTEISA E CIÊNCIA	46
5. MARTE NA MUDANÇA DOS TEMPOS.	48
6. GÊNIO E CULTURA	50
7. O SURGIMENTO DA VIDA NA MUDANÇA DOS TEMPOS	52
<b>II. A TEORIA DA EVOLUÇÃO E SEU VALOR</b>	<b>55</b>
1. A GERAÇÃO ESPONTÂNEA NA TEORIA DA EVOLUÇÃO	57
2. O PASSADO SOB A LUZ DA TEORIA DA EVOLUÇÃO	64
3. O VALOR PRÁTICO DAS MUTAÇÕES	71
4. FRIO E DESENVOLVIMENTO ASCENDENTE	83
5. A VERDADE SOBRE A ADAPTAÇÃO	90
6. DOENÇAS E SELEÇÃO NATURAL	104
7. FORTE E FRACO NO PROCESSO DE SELEÇÃO	121
8. CIFRAS DE REPRODUÇÃO E SELEÇÃO	140
9. ACASALAMENTO E SELEÇÃO	148
10. CRUZAMENTOS E FORMAÇÃO DAS ESPÉCIES	157
11. O VERDADEIRO CAMINHO DA SELEÇÃO NATURAL	163
12. O VALOR DOS ÓRGÃOS RUDIMENTARES	167

13. EMBRIOGENIA E ANCESTRALIDADE	174
14. A FORÇA COMPROBATÓRIA DA CLASSIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES	189
15. FORMAS TRANSITÓRIAS E ANCESTRALIDADE	194
16. A TEORIA DO CAOS E SEU VALOR	205
17. A TEORIA DOS MACACOS E SUA JUSTIFICATIVA	209
18. OUTRAS IMPOSSIBILIDADES DA TEORIA DA ANCESTRALIDADE COMUM	239
19. A FORÇA COMPROBATÓRIA DAS CAMADAS GEOLÓGICAS	248
20. O VALOR DAS MUTAÇÕES PROVOCADAS ARTIFICIALMENTE	257
21. O CONCEITO DE “EVOLUÇÃO ASCENDENTE”	263
22. O TEMPO ATUAL OBSERVADO “MAIS TARDE”	273
<b>III. A REALIDADE</b>	<b>279</b>
1. FATOS SEM MAQUIAGEM	280
2. SEM PLANO ESTRUTURAL, NÃO HÁ MUNDO	287
3. RELIGIÃO E NATUREZA	323
<b>IV. A CERTEZA DO GERME PRIMITIVO</b>	<b>333</b>
1. MATÉRIA PRIMITIVA E GERME PRIMITIVO	340
2. PERÍODOS NA GEOLOGIA E NA HISTÓRIA NATURAL	347
3. PRÉ-CONDIÇÕES PARA O SURGIMENTO DA VIDA	353
4. A EXPLICAÇÃO	366
5. PROVAS	406
6. EXPERIÊNCIAS	453
7. SER HUMANO E LEIS NATURAIS	460
<b>CONSIDERAÇÃO FINAL</b>	<b>493</b>



## APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. João Klug  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de História

Fritz Plaumann nasceu em 1902, na pequena cidade de Preussisch Eylau, então província da Prússia Oriental — localidade que fazia parte da região administrativa de Königsberg (onde também nasceu o filósofo Immanuel Kant), hoje Kaliningrado (Rússia) — e faleceu meses antes de completar 92 anos, em Seara/SC.

Tal região administrativa foi durante dezenas de anos destaque no campo da educação, em função da criação de um centro de formação de professores, instalado em 1834, no Reino da Prússia. Plaumann, assim, frequentou uma escola muito conceituada, com sólido ensino humanístico.

A sua cidade natal é importante na história alemã, especialmente por episódios que se sucederam no início do século XIX, período de avanço das tropas francesas de Napoleão por toda a Europa. Mais especificamente, ela foi palco de uma memorável batalha, ocorrida em fevereiro de 1807, que ficou conhecida como “Batalha de Eylau” ou como “Matança de Eylau” (*Schlacht von Eylau*), na qual cerca de 26.000 russos e 19.000 franceses perderam a vida.

Ainda sobre Königsberg, após a Segunda Guerra Mundial e o “desmanche” do Reich Alemão, passou a ser de domínio russo. Já em 1945, esteve temporariamente sob a administração polonesa e chamava-se Ilawska. Desde 1946, após o reordenamento geopolítico da Europa, Pr. Eylau mudou seu nome para Bagrationowsky, em homenagem a Pjotr Iwanowitsch Bagration, general que se destacou na luta contra os franceses, em 1807.

É importante acentuar que, em função das várias dificuldades e da grave crise econômica pós-Primeira Guerra Mundial, a família Plaumann migrou para o interior de Königsberg, na área rural, onde se dedicou à agricultura, o que lhes garantiu ao menos a alimentação e o eventual excedente para a venda. Com esta mudança,

o jovem Fritz foi encarregado de assumir a atividade de apicultura, produzindo mel para a venda. No entanto, cabe frisar que, neste período, especialmente no ano de 1923, a inflação chegou a cifras assustadoras, atingindo em outubro o patamar de 29.500% ao mês. Um pequeno pão, por exemplo, que custava 250 marcos em janeiro, passou a custar 200 bilhões em novembro. Em março, um dólar estava cotado a 22 mil marcos. Já em novembro, um bilhão de marcos. A crise econômica era algo sem precedentes na história, portanto, não é difícil imaginar as razões do aumento vertiginoso da imigração alemã para diversos países, incluindo o Brasil. Assim, juntamente com milhares de outras famílias, os Plaumann emigram para o Brasil em 1924. Em função da propaganda da Cia. Luce & Rosa, se estabeleceram no Oeste de Santa Catarina, mais especificamente em Nova Teutônia, município de Seara, Alto Uruguai Catarinense.

Devemos levar em conta que o Oeste e o Meio-Oeste do estado neste período iniciavam o processo de colonização, portanto, Plaumann pode ser considerado um pioneiro que, ao longo de 70 anos, desde sua chegada até sua morte (1924 - 1994), vivenciou o cotidiano da região. Praticou agricultura, foi professor na escola de Nova Teutônia, durante breve período foi proprietário de pequeno comércio (armazém de secos e molhados) e, principalmente, fotógrafo que legou um patrimônio imagético local que nos ajuda a compreender a identidade regional por meio das imagens por ele registradas. Entre suas atuações, dedicou-se ao estudo e à compreensão do mundo natural que o cercava, fazendo-o com precisão e método de um cientista.

É inegável que ele conquistou o respeito da comunidade científica e se tornou referência, especialmente no campo da entomologia. Habitualmente, a atividade científica está relacionada a grandes centros de pesquisa, universidades e órgãos de fomento. Não foi esta a realidade vivenciada por ele, visto que se trata de um personagem que fez ciência sem o amparo institucional, longe dos centros consagrados de pesquisa, praticamente só (mas nunca isolado, como veremos adiante), na então exuberante floresta ombrófila mista, que cobria a maior parte das terras da região Oeste de Santa Catarina.

A presente obra evidencia seu sólido conhecimento interdisciplinar em áreas tais como a biologia, astronomia, zoologia, genética, química orgânica, geologia, entre outras.

Sua dedicação, sua ousadia, seu refinado espírito de observação e sua persistência resultaram no mais vasto acervo de entomologia da América do Sul. Trata-se de um patrimônio difícil de ser mensurado, pois seu legado reúne vastas coleções entomológicas que vieram a ser referência neste ramo da ciência. O museu que abriga tal coleção é um espaço de visitação, inspiração e profunda reflexão, algumas das funções, aliás, que se espera de uma instituição como esta: produzir impulsos, inspirar, estimular. Ele inspira, especialmente nos jovens, o interesse pela ciência e o respeito à natureza, com vistas ao desenvolvimento, mas não qualquer desenvolvimento, e sim aquele que se preocupa com uma perspectiva de sustentabilidade, conceito com o qual Plaumann já se ocupava na década de 1930 e que se faz presente e se repete *ad nauseam*, mas tem grande dificuldade de ser traduzido em ações concretas. Nesse sentido, ele foi alguém à frente de seu tempo, pois, nas conturbadas décadas de 1930 e 40, seu discurso já trazia à tona um leque de propostas que só passaram a frequentar a agenda da maior parte dos acadêmicos muito recentemente.

A presente obra *A Origem da Vida (Die Entstehung des Lebens)* é uma espécie de súmula na qual o cientista autodidata expõe seu pensamento e sua cosmovisão. Não é um tratado de entomologia, mesmo sendo ele um entomologista da melhor cepa, e sim uma obra na qual ele faz uma leitura de mundo sob a ótica da contribuição da ciência.

É inegável a forte influência que recebeu de pensadores alemães como Kant (seu conterrâneo), Schelling e Goethe, na formulação de conceitos e interpretação sobre a natureza, conforme acentua muito bem Aline M. Lubenow, em sua dissertação de mestrado intitulada *Enveredando pelas Matas do Sertão Catarinense: A Coleção Entomológica Fritz Plaumann*, defendida em 2015, no Rio de Janeiro, na Fiocruz.

Creio que a afirmação de Goethe "*Auch Flöhe und Wanzen gehören zum ganzen.*" ("Também as pulgas e os pequenos insetos pertencem ao todo") é um claro exemplo dessa influência em sua interpretação da natureza que leva em conta a necessidade de vê-la no seu conjunto e nas suas interrelações.

A publicação foi concluída em 1947, momento no qual o mundo ainda remexia os escombros e respirava a fumaça oriundos da destruição causada pela Segunda Guerra Mundial. Por razões diversas e carências generalizadas próprias do pós-guerra, entre as quais a falta de papel, o texto somente foi publicado em 1949. Neste contexto, Fritz Plaumann deixa claro que nem a política e nem a religião

conseguiram evitar a guerra, um espetáculo de estupidez que gerou o ódio e a matança entre os povos.

À sua maneira e do seu lugar social, ele entendia que a ciência feita com honestidade, ciência esta que aponta para o respeito à natureza, à biodiversidade e à sustentabilidade, teria condições de ser propositiva, trazendo à tona aspectos esquecidos, os quais, se devidamente valorizados, apontariam para possibilidades concretas de melhor convivência em sociedade e respeito às diferenças.

É necessário que se evite vê-lo como alguém isolado na pequena Nova Teutônia, no interior de Seara, rodeado por densa floresta, longe da civilização. Como bem destacou Lubenow, em sua prática de coleta e pesquisa, ele contribuiu significativamente para o processo de transnacionalização da ciência. Ao coletar espécimes para pesquisadores e instituições no Brasil e no exterior, ajudou a formar importante rede, a qual transcendia fronteiras: Plaumann mantinha contatos e trocas com pesquisadores e instituições de cerca de 12 países.

*A Origem da Vida*, agora em língua portuguesa, dará a devida visibilidade a uma figura ainda pouco conhecida no nosso meio, lançará novas luzes sobre temas que são extremamente atuais e importantes na agenda acadêmica, na agenda política, bem como trará um estímulo para a discussão na comunidade em geral.

Numa época em que se verifica o acirramento dos ódios étnicos, muita dificuldade de convivência com a alteridade, a obra de Fritz Plaumann, escrita há quase 80 anos, certamente enriquecerá o debate, ao mesclar valores humanitários com o fazer ciência.

Fica assim evidenciado nas páginas que seguem que não se trata de necessariamente adotar uma postura neutra diante dos temas mais candentes que afetam a sociedade. Desse modo, Plaumann apresenta um desafio para nossa época, qual seja: fazer ciência para melhorar a vida em sociedade.

Nas páginas iniciais, ele faz uma pesada crítica à Igreja e ao Estado, principais poderes na Europa no início do período moderno, por eles perseguirem e muitas vezes condenarem à morte quem pesquisava. A pesquisa significava direcionar holofotes interrogativos sobre a realidade e questionar o *status quo* vigente, o que não era bem visto neste momento da história (e parece que se trata de um problema ainda não resolvido)! Ele menciona como exemplo os casos de Nicolau

Copérnico e Giordano Bruno, expoentes da ciência no século XVI.

Plaumann deixa bem claro a sua proposta nesta obra: libertar as ciências naturais de vícios e amarras e, dessa forma, devolver às pessoas o respeito a si mesmas como humanos, “e não como macacos evoluídos”. Também dá um recado direcionado aos adeptos à religião, como se pode ver a seguir: “[...] este trabalho pretende oferecer uma teoria baseada em fundamentos científicos que pode ser conciliada com a fé [...]. É uma convicção minha que num futuro não muito distante as ciências naturais se libertarão das heresias e farão uma parceria com uma verdadeira ciência da religião. O resultado disso será o benefício mútuo [...]. Nenhuma religião que leva a sério as tarefas que assume pode ignorar a natureza”. Sobre este tema conclui afirmando que “se os seres humanos tivessem uma relação mais próxima com a natureza, alguns grandes equívocos teriam sido evitados”.

Ao longo de todo seu texto, Plaumann faz uma pesada crítica ao que chama de “cientistas de gabinete”, os quais, longe da realidade concreta, elaboram as suas belas teorias. Nesse sentido e como naturalista afirma o seguinte: “Quem quiser conhecer a natureza, precisa ir ao seu encontro; [...] quem quiser conhecer as florestas, precisa viver nelas. Seria de se desejar que os seres humanos no futuro avaliassem melhor os fatos, se direcionassem menos ao estudo dos livros e mais ao legítimo estudo da natureza: é a única área ainda não falsificada que pode oferecer ao pesquisador a resposta correta [...]. Menos sabedoria de letras e mais sabedoria de vida seria mais apropriado.”

Há 75 anos, quando publicou esta obra, fazia uma crítica que pode ser considerada muito atual, isto é, a exploração econômica da natureza somente com vistas ao lucro imediato, ao afirmar que “intervenções poderosas contra a natureza, empreendidas pelos humanos, cegados pelos lucros calculados nos escritórios dos burocratas, cedo ou tarde terão consequências cruéis”.

De forma ousada, Plaumann também toca num ponto bastante sensível, o direito à propriedade, no seu entender, um direito justo. No entanto, segundo ele, “o direito à propriedade não dá carta branca a seu possuidor para fazer dela o que entender [...]. Ele somente pode fazer uso dessa propriedade para proveito próprio, na medida em que não prejudique os interesses do povo: jamais se deve utilizar sua propriedade para prejudicar o povo. [...] o bem-estar do povo está acima do bem-estar do indivíduo”.



De diferentes maneiras e em diferentes momentos, ele acentua uma ideia que lhe era basilar: a natureza é simples, mas em sua simplicidade também é profunda, complexa e harmônica e isso, se bem entendido, teria um profundo reflexo social, pois que “a luta entre irmãos no interior de um grupo, numa mesma espécie, é um acontecimento contrário à natureza, e não comum entre seres vivos inferiores, unicelulares, lagartas, insetos, nem entre aves e mamíferos”.

Considerando que Plaumann era um observador arguto, que pensava de forma holística, levando em conta a realidade no seu conjunto, ele chama a atenção para um aspecto nem sempre observado na pesquisa científica, independentemente de sua área ou especialidade. “É urgente que cada pesquisador em sua área específica não se esqueça do todo [...]. Humano e natureza possuem uma ligação inseparável! Ele não está acima da natureza, mas sim dentro dela.”

Assim, conclui seu livro (não se pode esquecer que o faz numa sociedade que ainda estava removendo os escombros da Segunda Guerra Mundial), reconhecendo que o mundo tem à disposição significativos avanços tecnológicos, tais como automóveis, aeronaves, rádio, telefone, luz elétrica, etc.: “Certamente em relação a seus antepassados, as pessoas de hoje são mais inteligentes no que se refere ao conhecimento técnico, **mas no que se refere à sabedoria de vida, me parece que se tornaram mais estúpidas**”. E acentua: “A tarefa dos seres humanos é ajudar o bem a triunfar!”

#### Nota de esclarecimento:

Tomamos a liberdade de suprimir partes do texto original, especialmente aquelas nas quais o autor procura comprovar afirmações feitas anteriormente por meio da exposição de fórmulas químicas e seus desdobramentos. Também optamos por retirar da presente edição aquilo que julgamos como sendo excesso de subtítulos. As supressões efetuadas para a presente edição foram realizadas tomando-se todo o cuidado para não comprometer em nada o conteúdo original do livro.

---

\* Grifo do organizador.

## NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

Prof. Dr. André Carlos Werle  
Professor de História e tradutor

A tradução de um livro sempre apresenta dificuldades que são inerentes ao ofício de tradutor, mas o livro de Fritz Plaumann trouxe alguns elementos que se mostraram ainda mais desafiadores, principalmente em virtude da complexidade do assunto que ele se propôs a explicar e do vocabulário característico das diferentes áreas do conhecimento, como a astrofísica, biologia, química, geologia, física, paleontologia, história, enfim, um vocabulário erudito, acompanhado de expressões e de exemplos de práticas cotidianas adotadas à época pelos colonos da região de Seara/SC. A tradução desta terminologia específica de cada área e da nomenclatura referente à classificação das espécies de seres vivos — famílias, ordens, classes, etc. — certamente significou um esforço extra.

Como Plaumann procurou elucidar a origem da vida e as respectivas teorias (discutidas na primeira metade do século XX) para imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil, sua linguagem, ao mesmo tempo que aborda termos específicos, melhor dizendo, científicos, também visa facilitar a compreensão por parte de seu público, habituado que estava a expressões mais diretas e menos eruditas. Esta junção entre erudição e cultura popular certamente acabou caracterizando seu estilo textual.

Mas, além disso, o tom muitas vezes sarcástico com que procura descrever as hipóteses que naquele momento os “teóricos de escrivinha”, como ele os ironizava, procuravam explicar a origem da vida, sem dúvida, foi outro elemento que acabou marcando sua escrita. Percebe-se que ele não somente conhecia com muitos detalhes a natureza — aliás, bastante rica e farta na época em que viveu — em suas múltiplas formas, como também era pesquisador de vasta bibliografia e estava antenado às discussões teóricas que no período eram um tanto quanto acirradas, principalmente em torno das controvérsias envolvendo o tema origem da vida: evolução ou criação, ciência ou religião. Isso pode ser evidenciado pelo animado,

detalhado e, por vezes, ilustrado diálogo que manteve com autores e correntes de pensamento que lhe eram contemporâneos.

Assim sendo, traduzir o livro de Fritz Plaumann certamente foi uma experiência enriquecedora, pois exigiu um esforço em compreender expressões, termos e conceitos específicos de determinadas áreas do conhecimento e, ao mesmo tempo, em reproduzir para o português o estilo literário específico do autor — composto por ditos populares e uma certa ironia —, pode-se dizer, acima de tudo, bem-humorado.



FRITZ PLAUMANN



# DIE ENTSTEHUNG DES LEBENS

Völlig neue Anschauungen über  
die Entstehung des Lebens und  
der Menschen.



1949



Selbstverlag:

Fritz Plaumann, Nova Teutonia - Correio Itá  
Município Concórdia, Santa Catarina

Druck und Versand:

Rotermund & Co., São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasilien

FRITZ PLAUMANN



# A ORIGEM DA VIDA

Concepções completamente novas  
sobre a origem da vida e  
do ser humano



**2022**



Edição do autor:

Fritz Plaumann, Nova Teutônia, Correio Itá.  
Município Concórdia, Santa Catarina.

Impressão:

Rotermund & CO., São Leopoldo – Rio Grande do Sul – Brasil

## PREFÁCIO

Obras de valor amadurecem devagar. Longos preparativos são necessários para fixar os fundamentos e, desse modo, evitar equívocos: quanto maior for a abrangência, tanto mais cuidadoso deve ser o trabalho. No presente livro, não se defende um ponto de vista político nem religioso. Contudo, deveria ser permitido ao cientista de hoje expressar livre e abertamente o que entende por verdadeiro.

Duas décadas de experiência na atividade científica nas gigantescas florestas brasileiras compõem os fundamentos desta obra, a qual já em janeiro de 1943 esteve pronta para a impressão.

Infelizmente a publicação de meu trabalho foi impedida pelo ódio racial – introduzido e incentivado artificialmente em consequência da recente guerra mundial –, o qual até chegou a proibir a língua culta alemã, indispensável para o progresso científico.

Foram justamente estes tempos difíceis que apresentaram uma nova evidência da exatidão de minhas concepções e trouxeram à superfície — claro, para os olhos que conseguem ver — a podridão de nossa época: moradores e cidadãos de um mesmo país que, acima de tudo, pertencem à mesma espécie (de descendência alemã, portuguesa, inglesa, italiana, etc.), que até agora viviam juntos respeitando as características próprias uns dos outros, foram repentinamente separados de acordo com sua origem étnica e passaram a se odiar.

As concepções de ordem política que conduziram a isso não me importam. Para mim e para a presente obra, os aspectos determinantes não são os políticos nem os religiosos, mas sim os científicos. E se, desse modo, longe de todo ódio racial e partindo deste elevado ponto de observação, olho para o futuro e então vejo um objetivo distante. Comunidades de povos da mesma espécie: o ser humano do futuro não pensará etnicamente, mas em termos de espécie.

E assim espero que, além de contribuir para a ciência, esta obra talvez também ajude um pouco a evitar o ódio e a guerra entre os irmãos, a aproximar os povos, a plantar o respeito em vez de ódio, a semear a verdade ao invés da mentira.

Política e religião fracassaram totalmente neste aspecto, não aproximaram os povos. Desse modo, resta somente à ciência alcançar aquilo que outros não foram capazes, pois, analisando cientificamente, só há uma certeza: povos, uni-vos. Encontrar o “como” seria brincadeira de criança, se cabeças pensantes unissem seus esforços e deixassem de lado a mesquinharia, se fosse dado a cada qual “aquilo que lhe é merecido”.

Nova Teutônia, dezembro de 1947.

# INTRODUÇÃO

Vivemos numa época caracterizada pelas “teorias da ancestralidade” e pelas “teorias da evolução”. Apenas a respeito da ancestralidade humana, somos agraciados com as mais variadas árvores genealógicas, e assim por diante. Seguindo o princípio de descender tudo de todos, é chegada a hora também de construir uma árvore genealógica das árvores genealógicas que não foram bem-sucedidas. Igual a uma epidemia, um “esforço de derivativo” penetrou no mundo. Como essas derivações dependem muito do gosto pessoal dos envolvidos, muitas vezes grupos inteiros são desviados de ancestrais completamente diferentes. A consequência disso é a infinita disputa em torno da derivação “correta”. Pena pelo tempo e energia desperdiçados com isso.

Especialmente significativos são os efeitos desta confusão de perspectivas na efetiva pesquisa natural. De acordo com a perspectiva pessoal “de alguém”, um mesmo animal serve em diversos ramos das mais diversas árvores genealógicas, nos mais diversos grupos da moderna classificação das espécies. De acordo com a perspectiva moderna, o animal precisa então receber toda vez um outro nome. A consequência disso é novamente uma infinita disputa em torno do nome “correto”.

Graças a esta “forma de trabalho”, já se conseguiu construir um notável estado caótico nas áreas da zoologia e da etimologia. Graças a esta atividade “científica”, um trabalho frutífero se tornou algo impossível. Minha própria atividade nas ciências naturais ao longo de uma década mostrou-me cada vez mais nitidamente a carência e a maldição de uma concepção e de um trabalho científico equivocados.

A pergunta surge involuntariamente: como as ciências naturais passaram totalmente a seguir o caminho de uma tal ideia?

Desde Lamarck e Darwin parece que o mundo está de ponta-cabeça. O que é de se admirar não é tanto o fato de que destas concepções pessoais tenha surgido uma “teoria da evolução” — isso pode acontecer em casos isolados —, mas sim de que seja comemorado como um “grandioso ato científico”. E o mais curioso é que ainda hoje esta ideia em parte domina as mentes de alguns cientistas.

Certamente em parte já se reconheceu que as razões admitidas pelos fundadores da teoria não podem ser aceitas e não são consideradas suficientes para a explicação da “evolução”. Mas como não se estava em condições de oferecer algo melhor, parece que houve o comprometimento de se permanecer fiel à teoria atual.

No entanto, parece que não se deu conta de que isso é ato de desespero.

Desse modo, vivemos hoje o curioso teatro, o qual considera uma teoria como “cientificamente correta”, mesmo que suas lições e provas comecem a ser consideradas insuficientes pelos seus fundadores. Na minha opinião, algo assim pode acontecer somente nas ciências naturais.

A razão desta curiosidade, a meu ver, é a seguinte: as ciências naturais se tornaram uma ciência exclusivamente de escritório, perderam completamente sua conexão com seu objeto de estudo, a natureza viva. Muitas vezes me parece que se lida com as questões da natureza a seu bel-prazer. As consequências maléficas não puderam deixar de estar presentes e não demoraram para aparecer.

Quando candidatos à zoologia, de tanto estudar em livros, não conhecem mais a maioria das espécies nativas, mesmo com elas na mão, então não é de se admirar que tudo se resume a teorias inanimadas de escritório. Mas, entre o *pensado* no escritório e o que *acontece* na natureza livre, há muitas vezes um grande abismo. Se uma mudança deve ocorrer, assim deve se garantir que o cientista natural esteja tão ligado à natureza quanto o agricultor à sua lavoura: o cientista natural do futuro, melhor ainda, o de agora e o do futuro precisam se sentir familiarizados tanto no escritório quanto na natureza.

Se tivéssemos pensado nisso antes, muitos erros graves e ridículos poderiam ter sido evitados.

Felizmente, a grande maioria da população humana e dos povos, que ainda não foi contaminada e continua com uma certa pureza, manteve uma quantidade significativa de instintos saudáveis: a teoria dos macacos, apesar de toda propaganda, não encontrou a esperada aceitação.

Mas me parece ter chegado o momento de retornar à “ciência exata e sóbria livre de preconceitos” das nuvens de idealizações e voltar para a terra firme da realidade.

O agricultor também não pode preparar sua lavoura em uma mesa de escritório, assim como o sapato produzido pelo sapateiro apenas de forma teórica, na prática, também muitas vezes não vai servir. O agricultor que apenas conhece a teoria não saberia o que fazer com uma vaca diante de si, assim como muitos dos atuais “pesquisadores” teóricos não conhecem a unidade viva da natureza.

O lugar do agricultor é na lavoura, o do pesquisador natural, na natureza. Não se pode formar agricultores somente na teoria pura que se ensina nas universidades. Pesquisadores naturais também não. Teoria e prática devem andar juntas. A primeira é muito valiosa como armadura, mas sozinha é completamente inútil.

Com o presente texto, combato a “teoria da evolução”, por mim considerada equivocada. Meu trabalho deve contribuir para apontar novamente o caminho da verdadeira pesquisa à ciência natural, do qual ela mesma, por si só, acabou se desviando. As vantagens disso virão em proveito de todos os amigos da natureza.

Determinados “pesquisadores” e “cientistas” irão me combater e tentar me calar — isso posso prever claramente. Pessoas de determinada linha teórica, com uma visão estreita, realmente não significam muito para mim. Mas quem realmente quiser derrotar as coisas erradas não deve ligar para isso.

Todos que se contrapuseram a uma concepção estabelecida foram e serão combatidos e, em sua vida, a maioria terá poucas alegrias e reconhecimentos disso, especialmente quando se trata de uma teoria científica ou religiosa. Mesmo o próprio Zeppelin foi em sua época “convencido” por parte da ciência de que, de acordo com as leis da física, seu plano de construir um dirigível seria bobagem. A construção das locomotivas foi igualmente considerada uma impossibilidade “científica”. O descobridor das rodas de esteira foi da mesma forma zombado e combatido pelos “especialistas”, assim como todos os seus antecessores com planos clarividentes. A grandiosa descoberta da liquefação do carbono encontrou grande resistência dos espíritos “competentes”. Quando Kepler recusou o Epíclo, que dominou a astronomia no século XVIII, e, em vez disso, reconheceu — em conformidade com a realidade — a órbita planetária como elíptica, a indignação de seus colegas especialistas no que se refere à esta lição revolucionária foi muito grande.

Também Daimler encontrou poucos homens de visão abrangente que acreditaram em sua invenção; os outros “espíritos” lhe deram deboche e escárnio. Mesmo Benz não foi poupado desse tipo de tratamento; até mesmo a santa burocracia se voltou contra ele: ela permitiu para os automóveis uma velocidade média de 6 km/h (!). Longa é a lista de inventores e outros que esbarraram em dificuldades deste gênero.

Em tempos mais antigos, as pessoas que se arriscavam a contradizer autoridades eram simplesmente queimadas. Hoje não se faz mais isso, devido à grande

quantidade de material que seria carbonizado; em contrapartida, se procura silenciar as pessoas incômodas de outras formas — muitos inventores e descobridores acabam na miséria.

Por isso é necessário sempre chamar a atenção para a quantidade de vezes em que o progresso foi barrado por longo tempo, por séculos e, até, por milênios devido a autoridades medíocres, porém influentes.

É apropriado aqui abordar um caso mais detalhadamente. Já há alguns séculos antes de Cristo, Aristarco supôs que estrelas tivessem uma posição fixa e a Terra se movimentasse em círculo, em cujo centro se encontrasse o Sol. O mundo não entendeu isso.

Então veio a “moderna” ciência da época e, em 130 depois de Cristo, Ptolomeu era a autoridade única na área da astronomia. Ele ensinou que “a terra se encontra no centro do universo”.

Isso encontrou reconhecimento geral. Cada nova afirmação (discussão) sobre essa questão — exatamente como ocorre atualmente no que se refere à teoria da evolução — foi recusada como supérflua e considerada como retrógrada. A esse respeito, nada ainda mudou nas autoridades competentes. Isso, na verdade, pode até ser considerado uma prova contra a teoria da evolução.

Durante um milênio e meio (!), as lições equivocadas de Ptolomeu, repassadas e estabelecidas pelas autoridades, dominaram.

Então veio Copérnico. Também este, como provavelmente outros antes dele, reconheceu os equívocos em sua verdadeira estrutura. O que outros não arriscaram ele fez: pronunciou o que considerava certo.

Mas aí de quem contradiz as autoridades! Na época isso era mais do que um perigo de vida!

No ano de 1543, Copérnico publicou seu trabalho revolucionário, no qual, assim como Aristarco 2000 anos antes, fez a Terra girar em torno do Sol. Teve sorte de morrer no mesmo ano. Assim conseguiu se livrar da fogueira.

Seu sucessor e defensor da teoria redescoberta, o monge dominicano Giordano Bruno, se engajou a esta teoria. Foi queimado em Roma.

Apesar dessa medida, em parte diabólica, os inimigos não conseguiram barrar o progresso. Mas o adiamento foi conseguido. Onde poderíamos estar hoje se autoridades cegas não tivessem barrado o desenvolvimento da astronomia em mais de 2000 anos? Como estaríamos se a vida de inventores não tivesse sido desperdiçada por tais vereditos? E se fosse o contrário: se os esforços para o progresso tivessem encontrado o apoio necessário? As bênçãos seriam incalculáveis.

E agora o progresso bate novamente à porta das ciências naturais, sobre as quais reina um princípio autoritário.

O presente trabalho pretende contribuir para libertar as ciências naturais da pilha de místicas “formas transitórias”, de fabulosos “seres primitivos” e da metafísica “geração espontânea”, e devolver às pessoas o respeito a si mesmas: para que todos possam novamente se considerar como seres elevados e destinados à superioridade, como seres humanos, e não como macacos evoluídos. Já para as pessoas religiosas, este trabalho pretende oferecer uma teoria baseada em fundamentos científicos que pode ser conciliada com sua fé.

Dessa forma, o ser humano precisa acima de tudo ter a responsabilidade incensurável sobre tudo o que faz e deixa de fazer; então não há mais desculpas para seus crimes e vícios por meio de fabulosos comportamentos animais, que foram herdados de seus ancestrais símios: o ser humano que surgiu de seu próprio tronco não pode mais ter isso como desculpa. Mas do ponto de vista cultural, isso significa uma diferença que não pode ser menosprezada.

Mas também ficará livre a pesquisa étnica (etnologia, etnogenia), que cai em barreiras inibitórias contrárias à natureza. O que é aparentemente inextricável ficará novamente claro diante de nós. O que é inexplicável por meio da teoria dos macacos irá encontrar agora sua explicação natural.

Mesmo que minhas concepções encontrem a oposição de teorias contrárias à natureza, elas irão se consolidar e, num tempo posterior, olhar com desdém sobre as árvores genealógicas dos antigos e atuais apóstolos da ancestralidade comum: O antigo se reduz e desaparece. E com os anos vindouros surgirá também um novo tempo.



## I. ANTIGAMENTE E HOJE

Até onde podemos retroceder no tempo, cada época teve seu antigamente e seu hoje. Mas toda contemporaneidade teve de encontrar novas soluções para suas questões: o antigo não servia mais no hoje. Peremptoriamente, o hoje requer soluções contemporâneas. Mas o antigo se prende tenazmente no novo tempo: a vovó sempre fez deste jeito.

O poder da tradição sempre interferiu na roda do tempo, tentou atrapalhar o seu andar. E, assim, como a tradição foi o inimiga do novo, da mesma forma também sempre surgiram adversários ferrenhos para as inovações, os quais se personificavam em autoridades empoeiradas com olhares envolvidos em teias de aranha, que carregam consigo o odor moderado de antigas escrituras, sempre querendo dispensar as novidades: onde ficaria sua fama e autoridade se o hoje fosse mais inteligente?

Dura e terrivelmente, em palavras e muitas vezes em atos, pessoas preocupadas em manter sua autoridade sempre tentaram combater, desdenhar e silenciar o novo: o que é a verdade quando a aparência e o amor no seu próprio eu estão em questão?

Mas o novo tempo que poderosamente estava surgindo não se deixou banir: mesmo assim sempre se afirmou vitoriosamente sobre as sepulturas daqueles que morreram por suas concepções. Onde fica a glória dos inimigos?

Desse modo, cada novo tempo traz consigo também novas preocupações; e muitas coisas que à primeira vista pareceram boas, mesmo assim em seguida se mostraram inúteis. Assim, em todos os tempos, nem sempre o novo por si só é bom, e muitas coisas novas muito elogiadas não passaram de elogios a si mesmos.

Apenas na prática é que a utilidade pode ser verificada, na comprovação de seu valor.



# 1

## PROGRESSO E ESCASSEZ

Há poucos anos ainda nos ensinavam, apesar de todos os achados que comprovavam o contrário, que nossos antepassados teriam sido criaturas selvagens de um nível cultural baixo, em certa medida semelhantes aos humanos, enrolados em peles cruas balançando clavas.

Isso aconteceu num tempo em que os descendentes ainda tinham uma vida pulsante, separados por relativamente poucas gerações, e esta imagem foi transmitida por meio de descobertas, lendas e tradições sobre o curso do desenvolvimento num relativamente curto espaço de tempo, que ainda estava próximo e, por isso, lhes dava uma boa visão geral.

Se tais erros graves da ciência não puderam ser contornados por evidências tangíveis, o que se pode esperar de “resultados de pesquisa” que abordam tempos obscuros localizados num distante período inicial da humanidade?

Se nos oferecem impune e descaradamente tais teorias equivocadas sobre nossos antepassados mais próximos, se puderam atribuir significados errôneos a achados e outras provas, num sentido completamente equivocado, então não é de se admirar que sobre os tempos mais remotos ainda nos ofereçam velhas teorias requentadas e que se pesquise em poucos achados, atribuindo-lhes significados até que sirvam nas modernas teorias.

Desse modo, ossos antigos, com os quais não se sabe o que fazer, podem ser reconstruídos neste ou naquele animal. A partir de pedaços de crânios (Neandertal e Krapina) se reconstrói o ancestral humano. De acordo com a vontade, preferência, o desejo e objetivo de pesquisadores isolados, o ser reconstruído se assemelha então mais ao homem ou ao macaco. Essa é a melhor prova do quão amplo é o espaço de manipulação, no qual a assim chamada reconstrução consegue se movimentar, mesmo de uma parte tão específica do corpo como o crânio.

Esta constatação deveria estarrecer o não especialista, que costumeiramente conhece somente um tipo de reconstrução, a moderna. E mesmo assim isso não é algo incomum. Com um pouco de fantasia, pode-se reconstruir um hominídeo também a partir de um crânio de elefante e, há cerca de 100 anos, os dinossauros igualmente sofreram a reconstrução científica para o hominídeo. Insetos petrificados “reconstruídos” muitas vezes são representados de formas tão diversas, que se poderia classificá-los em famílias diferentes. As pessoas gostam de crer naquilo que desejam.

Atualmente parece que há uma tendência muito difundida na “ciência pura livre de preconceitos” de se distanciar o máximo possível dos acontecimentos. Da mesma forma, ainda hoje se admite, sem mais nem menos, apesar da escassez de provas, que o homem descende do macaco! Apesar de toda propaganda, esta teoria dos macacos não conseguiu se estabelecer entre pessoas que preservam seu senso saudável e natural: esta teoria cheira demais à “mesa de escritório”.

Aqui, como em muitos casos parecidos, nossos antepassados, que supostamente deveriam ser mais símios do que nós, a meu ver, tiveram uma melhor sensibilidade em relação ao que é correto do que nossos teóricos contemporâneos com microscópio e micrótomo.

Desde tempos antigos as teorias sobre as maravilhas da criação movimentaram os ânimos dos povos e cada qual encontrou a seu jeito uma explicação correspondente à sua época. Algumas dessas teorias ou explicações tocam as fronteiras da realidade, mas outras estão bem distantes.

E se a história bíblica da criação, seguida pelas atuais religiões cristãs, se estruturou em uma sequência de recortes de criação ocorridos em tempos diferentes e explicou o surgimento dos humanos na Terra, pode-se considerar que nesse sentido ela foi igualmente tão correta quanto a moderna teoria do desenvolvimento — provavelmente muito mais correta.

Digno de reconhecimento é a correta sequência dos tempos de cada criação: plantas, animais aquáticos, animais terrestres, humanos. E tudo isso sem as conquistas da moderna paleontologia, anatomia, morfologia e de outros “ismos” de nosso tempo! Não é de se admirar que a representação produzida nesta época tenha produzido uma imagem que nos pareça um tanto excêntrica. Ela correspondeu

completamente àqueles tempos, ela foi escrita para as gerações daquela época, não para nós. Nossa atual teoria do desenvolvimento já parece agora depois de séculos muito mais estranha e ridícula do que aquela depois de milênios.

Quem hoje olha as antigas representações com desdém não deve se esquecer de que, se forem analisadas de forma correta, quer dizer, pictoricamente — assim como foram compreendidas outrora —, essas representações contêm verdades profundas que, em certa medida, são parábolas, e interpretá-las ao pé da letra é somente uma “conquista” equivocada de nossa época: partiu um semeador para semear suas sementes...

Além disso, o homem moderno não pode propriamente se sentir no direito de olhar com desdém seus antepassados. Com isso, todavia, não se quer dizer que o redator daquela teoria da criação que acabei de citar seja nosso antepassado. Mas ainda em relação a nossos antepassados, parece-me frequentemente que o universo de pensamento dos atuais “modernos” não se diferencia tanto do dos tempos “remotos”: a concepção moderna destitui Deus, mas teme gatos pretos e procura significados nas estrelas e em adivinhações. Zomba-se dos bárbaros por suas rezas a deuses, mas adquire-se “mascotes”, bonequinhos, negrinhos, macaquinhos de pano para venerá-los como amuletos. Onde está a tão famosa razão sóbria?

Os modernos zombam dos povos selvagens ignorantes que se pintam, mas ao mesmo tempo passam base e maquiagem, pintam suas unhas, tiram a proteção natural das sobancelhas para pintá-las com riscos pretos, de modo que muitas vezes se tem a impressão de ter diante de si bonecos de cera andantes ao invés de pessoas de carne e sangue.

Se povos selvagens se massageiam com banha velha e pomadas malcheirosas para se proteger de insetos e parasitas, a isso se pode atribuir um sentido prático. Mas quando os modernos se perfumam tão intensamente, que ninguém consegue suportar seu odor sem máscara de gás, que sentido há nisso?

Se povos naturais se dopam com vinho de palmeiras, civilizados se embebedam e turvam sua consciência com bebidas alcoólicas a ponto de arruinar a herança de seu povo, qual é a “profunda” diferença?

Se determinadas tribos selvagens matam rapidamente seus indesejados descendentes, destruindo com isso seu futuro como povo, num ato de autoexterminio iludido, os modernos já os eliminam de outras formas antes mesmo de nascer: onde está o limite entre ter ou não ter cultura?

Também a eliminação científica com entorpecentes — cocaína, entre outros — não é exatamente uma página de orgulho dos tempos “modernos”.

Luz e sombra, apesar de todos os progressos, ainda hoje estão próximas uma da outra. De um lado, graças ao trabalho preliminar de nossos antepassados, que teoricamente ainda apresentavam traços símios mais fortes do que nós, conseguiram resultados excelentes; do outro, há o número crescente de equívocos.

No mesmo andar do progresso também surgem simultaneamente a escassez e os vícios. Aqueles que já existiam agora são reconhecidos como tais. Mas é uma característica especial dos humanos, a de fazer o sabidamente incorreto ou não ter a coragem de mudar algo para melhor: cidades são aumentadas, embora há muito tempo já foi comprovado que estas se alimentam de corpos humanos, que elas somente permanecem vivas porque seu número de habitantes é alimentado por um permanente fluxo de contingente humano que vem de fora dela. Desse modo foi calculado que, se uma cidade com 4.000.000 de habitantes não tiver este fluxo externo, em apenas 150 anos seu número de habitantes cairia para 90.000 e depois de outros 150 anos os moradores seriam somente 2000 habitantes que vagariam entre as ruínas da cidade decadente (com base nos números de nascimentos de 1927/28).

Com seu feitiço, as grandes cidades atraem anualmente para dentro de seus muros sempre novas multidões, cegadas pelo brilho de uma aparente cultura superior, a fim de eliminá-las impiedosa e completamente da eterna corrente da vida. Nas condições atuais, as grandes cidades devoram literalmente um povo: intencional autodestruição!

Se cada grande cidade dependesse somente de si mesma, ela já estaria há tempo extinta: ela não apresenta uma unidade que fortalece a vitalidade de um povo, mas sim um enfraquecimento. Isso não se refere somente à capacidade de manutenção do contingente humano, mas também à vitalidade da herança que

permanece para a descendência. Portanto, não somente em termos numéricos como também em termos qualitativos ela está bem aquém do campo e da cidade pequena.

De acordo com uma estatística do ano 1910 — portanto, quando as condições das grandes cidades ainda eram melhores —, pode-se concluir que, de cada 1000 nascidos vivos, 280 no interior, 213 na cidade pequena, 192 na cidade média e 189 na cidade grande alcançaram uma idade de 70 anos (58,2% dos nascidos no interior e que ali viviam; 47,8% dos nascidos na cidade e que ali viviam, e 33% dos berlinenses eram aptos ao serviço militar). Em 1900, a relação entre o ideal e o real no que se refere à aptidão militar na Prússia Oriental era de 100:140 e, em Berlim, 100:39!

Estes números demonstram, todavia, ainda uma imagem deturpada em favor da cidade grande! Eles levam em conta os moradores que migraram para as cidades, portanto, os ainda não “cultivados”: imagina como seriam tristes as relações apresentadas por estes números, se somente fosse levado em conta o percentual da verdadeira população nascida das grandes cidades!

Não somente a energia mantenedora do povo e a saúde têm suas raízes na população da cidade pequena e do campo, mas esta também representa — o que talvez ela mesma nem saiba — a infalível fonte da cultura espiritual!

Desse modo, é altamente revelador de onde vêm aqueles que se destacam por suas competências especiais. Sob este ponto de vista foram analisadas as origens de 10.000 contemporâneos, que certamente representam os “10.000 proeminentes” na área espiritual. Nisso se concluiu, entre outras coisas, que, entre os pintores, 21,6% nasceram na cidade grande; 43,6%, na cidade pequena e 34,6%, no campo. Entre os escultores, obtém-se este percentual, respectivamente: 25,2%, 31,9%, 42,8%. Juristas: 9,9%, 45,3%, 44,7%. Filósofos: 15,0%, 30,7%, 54,2%. Pedagogos: 5,3%, 22,1%, 72,5%.

A tarefa primordial de nossa época é trazer aqui uma virada para melhor: ela é tão grande, que diante dela todas as pequenas questões diárias são ofuscadas. Para reconhecer isso é necessário distinguir entre brilho exterior e valor interior. Os povos ainda precisam aprender a diferenciar cultura, incultura e ausência de cultura,

pois o antigo e saudável instinto foi perdido há muito tempo em círculos maiores: a aclamada “razão humana saudável” não conseguiu substituí-lo.

Todas as instituições, ideias, religião, entre outras, que são benéficas ao povo em questão e o elevam sobre povos selvagens, são partes constituintes da cultura.

Já no que se refere à incultura, dela fazem parte as instituições, as ideias, a religião entre outras, que prejudicam o povo em questão: mesmo que possam representar invenções geniais e que, por seu intermédio, se atribui uma posição de superioridade em relação a povos selvagens.

Ausência de cultura são os povos em que ambos estão ausentes.

Se o corpo popular deve permanecer saudável, então deve ser duramente combatida a incultura (pseudocultura), que neste caso também é erroneamente denominada de cultura elevada e que neste ponto é um elemento degenerativo.

Para o bem da cultura é necessária uma instrução ininterrupta, pois o atual homem moderno perdeu parcialmente sua sensibilidade natural, a tal ponto que ele aceita muita coisa sem comprovação, especialmente aquilo que o prejudica. Se a moda ditasse o uso de calção de banho no inverno e um casaco de peles no verão, esta tendência encontraria muitos seguidores, que iriam imediatamente colocar em prática esta moda para não correr o risco de parecer “não modernos”.

Abordando um caso semelhante, mas menos visível: todos sabem o quanto importantes são o ar livre e a movimentação — especialmente para moradores das cidades grandes. O que se faz então? Ao invés de fazer um passeio ao ar livre, as pessoas se sentam num ambiente apertado, suprimindo o pouco ar que existe com nuvens de fumaça de tabaco, chegando a tal ponto que se tem a impressão de que um boi inteiro está sendo defumado, ao mesmo tempo que se enche a barriga de cerveja. E depois disso se corre ao médico.

Não condeno a apreciação moderada de tabaco e álcool, embora se possa viver muito bem sem isso. O que eu condeno é o fato de existir indivíduos fracos que permitem que o consumo destes produtos se torne uma paixão indomável, o que acaba sendo indigno a seres humanos.

Antigamente zombava-se dos “colonos burros”, que nos bons e velhos tempos não queriam se mudar para a cidade porque consideravam-na sepultura. Assim, com seu sentimento natural, fizeram a coisa certa, embora as cidades desta época ainda não haviam se tornado as instituições devoradoras de humanos como o são os grandes centros modernos: em certa medida eles já sentiam um perigo que na época ainda ninguém conhecia. Hoje, por meio de “estatísticas”, entre outras, pode-se confirmar o perigo por eles imaginado.

Conosco se completa de forma moderna o que se percebe em determinados povos: o fracasso dos instintos naturais direcionados à manutenção das características da espécie. Mas isso significa, caso nada seja feito, o início da decadência. Assim se desfizeram e se desfazem povos e culturas em todos os tempos!

Achados de tempos modernos relatam até sobre culturas do tempo da pedra na América do Norte cujos representantes viveram entre 8 e 10 mil anos antes das antigas culturas dos produtores de vime, quando ainda viviam o mamute, o bisão, o bicho-preguiça gigante e os camelos. Surpreendentes equipamentos artificiais são testemunhas de uma alta cultura destes povos: de onde vieram? Para onde foram? Será que as culturas atuais, constituídas tão rapidamente, não estão ameaçadas por um desfecho tão ruim?

É obrigação de nossa época providenciar para que — ofuscados pelo brilho das modernas conquistas — eles não ignorem os erros que ainda existem, que tenham a coragem e a força para afastar o que é doentio, antes que contamine o corpo inteiro (apesar da brilhante carapaça exterior), e que se protejam diante da decadência.



## 2

# INFLUÊNCIA INCOMPREENSÍVEL DAS FORÇAS ESPIRITUAIS

Em outras áreas as antigas concepções de nossos antepassados, baseadas nos sentimentos e na experiência, encontraram acertos muito melhores do que a supermoderna forma de trabalhar da ciência moderna.

Aproximadamente no contexto de nossos avós, os médicos concebiam o ser humano como uma unidade composta por corpo e alma, e pensavam os tratamentos de saúde de acordo com esse princípio. Era de seu amplo conhecimento que, na luta que um corpo trava pela manutenção da saúde, às forças espirituais, como, por exemplo, a vontade, a força da imaginação, o desejo, a fé, entre outros, é atribuída grande importância. Eles sabiam que, para sua recuperação, o doente precisa fortalecer a confiança e a segurança para que o remédio chegue a fazer efeito e que, somente neste caso, o sistema imunológico natural pode agir plenamente.

Mas em seguida apareceu a tendência “moderna” com sua patologia celular, sua mecânica celular, etc... retalhando o corpo humano em pequenas e minúsculas partes, sem com isso abordar a alma. A prova de que as antigas concepções estavam erradas e as novas estavam certas lhes pareceram evidentes. Por meio de uma superespecialização fragmentada, se pensou em poder explicar as doenças com os conhecidos conceitos da química, da física e, desse modo, curar por meio de um tratamento puramente localizado. A conexão com a unidade humana foi perdida.

Neste contexto tem-se, às vezes, a impressão de que o fundamental é menos curar o doente do que explicar a diagnose correta e a pesquisa da parte doente. Naturalmente conseguiu-se alguns sucessos em determinadas doenças; isso é considerado como um troféu. Com um conjunto de “fatos materiais”, a concepção, até então em vigor, de que o ser humano deve ser tratado como uma unidade entre corpo e alma foi descartada cientificamente e considerada retrógrada. As forças

espirituais do ser humano, que não podem ser vistas, cheiradas ou experimentadas, que mesmo com o mais moderno dos microscópios não puderam ser encontradas, deixaram de ter significado. O ser humano se transformou numa máquina altamente desenvolvida cujas engrenagens, que, eventualmente, entram em desordem — mas somente estas —, são observadas com algum interesse. Triunfou o espírito descrito acertadamente por Goethe nas seguintes linhas:

Nisso reconheço o homem culto!

O que vós não tocais, vos está a milhas de distância;

O que vós não abraçais, não vos falta em absoluto;

O que vós não calculais, vós acreditais que não é verdadeiro;

O que vós não pesais, não vos tem peso;

O que vos não tornais moeda, isto, vos acreditais, não tem valor.\*

Depois de algum tempo veio a lucidez. Círculos compreensíveis reconheceram que os resultados práticos não possuíam relação com a incrível confusão do conhecimento teórico; reconheceram que, no amadurecimento desta concepção, muitos reais conhecimentos que sobreviveram dos antigos foram jogados fora. Finalmente se “descobriu” também que as ligações celulares não reagem tão simplesmente de forma mecânica e física, como se supunha nos tempos “modernos”. Achou-se que em cada caso ainda ocorre uma misteriosa dependência do “querer” e do “não querer”. A partir daí ocorreu uma nova “descoberta”: a ajuda das forças espirituais na cura é de significado essencial! Mas isso nossos avós também já sabiam! É que há mais coisas entre o céu e a terra...

Depois de um longo desvio foi redescoberto aquilo que nossos antepassados por pura experiência e sensações já reconheciam e, com sucesso, colocavam em prática. Descobriu-se que estímulos espirituais podiam provocar mudanças corporais (corar ou empalidecer são fenômenos diários conhecidos por todos). Desse modo, ocorreu, então, na sequência desta direção de pesquisa, a descoberta que estímulos espirituais podiam não somente provocar mudanças doentias leves ou pesadas como também podiam curar.

---

\* Também corresponde à realidade abordada na seção III.

Em tempos antigos se curava verrugas espremendo sobre elas uma ervilha, que depois era lançada ao fogo enquanto o paciente saía do ambiente em que se encontrava. Era necessário que ele estivesse fora, antes que a ervilha explodisse no fogo. Sobre “bobagens” como estas o homem “esclarecido” balança a cabeça com desdém. Mas o fato era que as verrugas desapareciam!

Hoje, numa época em que tudo é curado por meio de injeções e os métodos das ervilhas não encontram mais credibilidade, alguém pode injetar algumas gotas de uma solução fisiológica ineficaz de sal de cozinha no braço, e as verrugas desaparecem! Mas o que as fez desaparecer não é a solução de sal, mas sim, como no método das ervilhas, a disposição do doente que acreditou firmemente no método, mesmo sendo ele ineficaz.

Pode-se citar milhares de exemplos sobre curas deste tipo de diversas doenças por meio de influência espiritual. Não é necessário mencionar que determinadas doenças infecciosas e fraturas ósseas não podem ser curadas desse jeito, mas, no decorrer da cura destas, a disposição espiritual do doente tem grande influência.

Disso pode-se concluir que alguns métodos rapidamente descartados pela ciência, apesar de toda sabedoria teórica dos livros e de muitos exemplos práticos, mesmo assim podem ser aplicados.

Neste meio tempo muitos métodos de cura, que há muito tempo foram descartados como sendo não científicos, foram redescobertos. Mesmo que estes velhos e redescobertos, mas eficazes, métodos de tratamento hoje recebam um nome estrangeiro que soa científico, isso não altera em nada a concepção fundamental do velho método de cura.

Se dessa forma a ciência percorreu um longo e dispendioso desvio em algumas áreas, em outras, ela conseguiu sucessos e conquistas inovadores (*Serum operation*, entre outras), das quais ninguém mais pode pensar em abrir mão. Isso deve ser reconhecido. Hoje ninguém irá querer os métodos de cura integralmente adotados em séculos anteriores. Mas o que se espera da ciência moderna é atenção diante da antiguidade e do aproveitamento do utilizável também no presente e no futuro.

O reconhecimento do prejuízo causado pela inapropriada arrogância adverte diante de loucuras deste tipo.



### 3

## LUZ E ONDAS

Luz é um fenômeno vibratório e, respectivamente, um movimento ondulatório. É o que nos é ensinado. Por quê? Porque os especialistas não sabem explicar uma característica da luz que se assemelha a ondas.

Mas todos podem observar diariamente, a cada momento, que a luz não é um movimento ondulatório e nem um fenômeno vibratório semelhante às ondas sonoras.

Se a luz fosse, conforme nos é explicado, um fenômeno semelhante às ondas sonoras, ela teria de atravessar um nevoeiro igualmente como o som; o nevoeiro não poderia atrapalhar nossa visão.

Se entre nós e um automóvel tiver um obstáculo (uma árvore, um pilar de publicidade ou algo parecido), iremos ouvir o sinal da mesma forma como se não tivesse, mas não conseguiremos ver a luz do automóvel. Um obstáculo diante das ondas será por elas desviado; o som chegará de qualquer forma a nossos ouvidos. Mas a luz se comporta de forma bem diferente: ela esbarra no obstáculo e não podemos vê-la.

Se a luz fosse um fenômeno vibratório como o som, assim não existiria sombra e também não haveria eclipse solar e lunar. Mas tem mais. As ondas que nos atravessam de todos os lados do universo, de cima para baixo, da direita para a esquerda, iriam se chocar e se sobrepor umas às outras, e deixar um emaranhado de movimentos inextricáveis. Dessa forma não iríamos tampouco reconhecer um único objeto, uma única cor, assim como uma única voz, um único som num ambiente em que milhares de pessoas falam ao mesmo tempo. Não poderíamos ver o Sol, a Lua e as estrelas nem sequer reconhecer as coisas em nossa proximidade. Fotografia, telescópio, microscópio seriam coisas impensáveis.

Se a luz fosse isto que nos é apresentado erroneamente, quer dizer, um fenômeno vibratório que emana um maravilhoso “éter”, então não existiriam corpos visíveis,

pois esse éter, esta matéria imponderável, iria inundar todos os espaços vazios, mesmo aqueles que são ocupados pelos átomos, e por meio dele a luz passaria por todas as matérias. Mas se esse fenômeno não estiver relacionado a esse éter místico, mas sim às moléculas, então este movimento ondulatório deveria levar mais facilmente a vibrar uma chapa fina de metal do que uma grossa chapa de vidro: vidro não seria transparente, metal fino seria, deixaria passar a luz.

Talvez o físico moderno tenha um carrinho de mão repleto de exceções à disposição, que separam a luz das ondas sonoras. Mas se a luz se forma a partir de tantas exceções, então ela só pode ser algo diferente, e não aquilo que nos é ensinado.

O que é luz?

Há 240 anos, de acordo com Newton, era uma matéria extremamente fina e imponderável, portanto, algo “material”\*. Mais tarde foi explicado por Euler como um fenômeno vibratório parecido com o som, mas, independentemente destas conclusões científicas, o povo falava em raios de luz.

Aguardemos mais algumas décadas, então nossos pesquisadores, tendo em mãos aparelhos melhorados, provavelmente irão concluir que a luz não é um fenômeno vibratório como o som, mas sim um “fenômeno de radiação”, e, com isso, novamente será concebida como uma materialidade que, com sua passagem, é capaz de provocar fenômenos vibratórios.

Então não só ter-se-á reconhecido que a luz branca surge dos raios coloridos — não se falará mais de ondas — como também que cada raio se forma a partir de uma construção altamente desenvolvida: cada raio, por exemplo, poderá ser classificado em suas “unidades” de calor, eletricidade, energia e outras. Assim nos será provado de forma prática que, com estas unidades em determinadas condições, se isto ou aquilo acontecer, podem tornar-se algo tangível (material) e, conseqüentemente, algo que ocorre de maneira contínua.

Atualmente, tem-se conhecimento de muitos “raios”, classificados em “comprimento de ondas”, que provavelmente nada têm a ver com isso. Conhece-se seus efeitos, pode-se provocá-los ou eliminá-los. Mas ainda se está longe de poder

\* Na passagem de átomos também podem aparecer fenômenos ondulatórios.

afirmar o que cada raio em particular é, ou seja, o que eles representam. Mesmo assim, já se chegou ao ponto de reconhecer que raios possuem uma potência maior — referindo-se aos tipos maiores de raios —, mais forte do que algo somente material, quer dizer, mais do que puramente elétrons ou prótons, que por sua vez são partículas do átomo.

O que são elétrons?

Ainda nem faz tanto tempo que nos foi ensinado que átomos seriam corpos indivisíveis. Depois se tornaram diversos sistemas planetários com elétrons orbitando ou não orbitando. Os elétrons se tornaram linhas de ondas; diversas torções tiveram de se manter. Por fim o elétron se tornou um buraco no fabuloso éter mundial. Com isso se reduziu ao nada ou a explicação se reduziu ao nada. Provavelmente não se pode ir além do nada. Aguardemos até que alguém consiga.

A física moderna bem que explicou muita coisa, mas, analisando como um todo, tornou tudo mais enrolado, complicado, teórica-matemática-fisicamente, e inimaginável. Os mistérios do mundo não estão esclarecidos; pelo contrário, eles se reproduziram assustadoramente!

Os físicos teóricos e matemáticos “trabalham” com matrizes, operações imaginárias místicas, tensores e quintas dimensões. Eles parecem ter ascendido num castelo nas nuvens... Aguardemos até que retornem à terra firme. Enquanto flutuam nas alturas, nada há para nós. Calculam isto e aquilo “de cima para baixo”, mas não são capazes de dizer o que deve representar aquilo que se calcula com longos números que o “simples mortal” não consegue confirmar! A tendência moderna pede de nós uma grande, infinita e ilimitada fé, diante da qual as ordens de fé de todas as religiões parecem irrisórias e minúsculas.

Nunca consegui me entusiasmar por uma teoria repleta de grandezas desconhecidas, valores imaginados e coisas inimagináveis: continuo com a opinião de que uma representação útil e palpável voltada à prática, que qualquer pessoa normal consegue acompanhar, mesmo que não seja correta em todos os pontos, é melhor e possui maior valor prático do que uma construída sobre valores imaginados, que provavelmente é menos correta, que não pode ser observada e que, por isso mesmo, não permite conhecer seus equívocos, uma vez que seus métodos de pesquisa

não permitem uma conferência rigorosa. Imaginação demais sempre foi prejudicial. Mas como compreender isso tudo, se uma das supostas operações imaginadas da longa e estranha sequência de cálculos nem sequer está disponível?

Ainda que às vezes um longo cálculo aparentemente estiver correto, mesmo assim ele pode enganar: somente o que pode ser palpável pela experiência diante de nossa frente não nos pode enganar.





## 4

# RADIESTESIA E CIÊNCIA

A relação da ciência com a questão da radiestesia mostra o quão justa é a frequente desconfiança do povo diante de conclusões “puramente sóbrias e objetivas da ciência”. A ação da radiestesia repousa sobre causas bem naturais; não é uma questão mística. Os raios subterrâneos exercem, sobre pessoas que são hipersensíveis, um determinado estímulo: ao atravessar um veio de água, provocam um movimento muscular involuntário. A varinha mantida na mão se move, fazendo com que este insignificante movimento muscular se torne visível; tudo acontece de forma bem natural.

O sucesso da experiência depende única e exclusivamente da sensibilidade da pessoa. Não há fórmula mágica obscura ou coisas do tipo. A hipersensibilidade de determinadas pessoas para determinados materiais, radiações ou coisa parecida é atualmente uma questão “esclarecida”. Assim, todos sabem que há pessoas que reagem fortemente com a mínima quantidade de determinada matéria, que para outros é insignificante. Essa hipersensibilidade também é chamada de idiosincrasia, um fenômeno provocado em alguns casos como uma alergia na pele. Essa hipersensibilidade pode se manifestar de diferentes modos: urticária, inflamação na pele, asma, cólicas intestinais, enxaqueca, epilepsia, cistite, inchaço nas articulações e muitos outros mais: todavia, em todos os casos o corpo precisa possuir a predisposição para isso.

Como este material que consegue provocar reações tão poderosas não atua sobre a maioria das pessoas, os cientistas, que trabalham de forma exata, estariam a qualquer momento em condições de provar a não existência desse material desconhecido. De forma idêntica ocorre com a radiestesia. Algumas experiências apontam que a hipersensibilidade e, com isso, a capacidade do bem-sucedido método da radiestesia, por vezes pode se ausentar completamente, para depois de algum tempo retornar. Nisso também o estado do sistema nervoso da pessoa tem um papel decisivo.

Mas agora se pode ler que experiências com “objetivos inequívocos” aplicadas em três pessoas radiestésicas demonstraram o fracasso total e completo deste método. Por meio deste e de outros fracassos, as desconfianças dos cientistas acabaram sendo fundamentadas.

No entanto, como os métodos radiestésicos estão indiscutivelmente relacionados ao sistema nervoso da pessoa, pode ser que o próprio “ambiente científico” incomum e os procedimentos da experiência sejam culpados pelo fracasso.

Os métodos de comprovação e o pensamento da ciência me parecem, às vezes, muito estranhos: para comprovar suas próprias teorias, pontos de vista, princípios, entre outros, somente os próprios sucessos na área em questão são observados e considerados. Os fracassos que aparecem por toda parte são advertidamente despercebidos e silenciados, mas para testar os pontos de vista, as lições, os trabalhos de outros, então são procurados, olhados, contados e valorizados os fracassos, que naturalmente podem acontecer também nos melhores fenômenos.

Se quiséssemos testar o valor de algum ramo da ciência com base em seus fracassos, deixando de lado qualquer sucesso, não chegaríamos a um resultado animador: duas medidas não combinam com objetividade!



## 5

### MARTE NA MUDANÇA DOS TEMPOS

Apenas se passaram poucas décadas desde que nosso mundo foi surpreendido com a descoberta dos canais de Marte pelo astrônomo Schiaparelli. Este planeta passou a ser o ponto candente do interesse dos povos. Foram publicados mapas detalhados sobre os canais observados; eles representariam instalações técnicas das maiores abrangências. Seus moradores, que construíram obras desta amplitude, estariam infinitamente mais desenvolvidos que os terráqueos no que se refere à cultura e ao domínio das forças da natureza.

Campos verdes cobertos por raras flores se expandiam por ambos os lados dos canais. Cavalos nobres e formoso gado pastavam ali no verão. No inverno, os canais congelavam, e a neve cobria os corredores. Especialistas de primeira categoria defenderam esta descoberta científica.

Foram estipulados prêmios para as primeiras comunicações bem-sucedidas com os marcianos. Imensas somas de dinheiro foram colocadas à disposição para a construção de estações de comunicação. Pesquisadores de renome teriam observado sinais luminosos e outras “tentativas de aproximação” dos marcianos. Comunicados sem fio vindos de Marte — infelizmente não decifráveis — chegavam a nossos zelosos pesquisadores. O planeta era a imagem do desejo e do futuro de nossa Terra!

E hoje?

Marte está morto; não há vida ali, afirmam atuais autoridades. Sua superfície é um deserto morto. Tempestades varrem a areia marrom desértica. Verão e inverno se alternam, mas nenhum ser vivo vê a primavera. Frio siberiano também reina no Equador, onde somente ao meio-dia do verão a temperatura sobe a 0°. A temperatura média ali está em -3°; nas latitudes mais moderadas, entre -15° e -30°. Grandes opostos entre dia e noite fazem o clima ali inóspito. Em nenhum lugar se encontra

água parada ou corrente. Mesmo a umidade do ar está somente em  $\frac{1}{100}$  a  $\frac{1}{80}$  da Terra. É inimaginavelmente pequena. Mesmo o ar perdeu os componentes necessários para a respiração.

Com um espaço de tempo de apenas poucas décadas, a “exata, sóbria e imparcial ciência” nos desenhou duas imagens do mesmo corpo celeste próximo da Terra, cujos opostos não podem ser mais gritantes.

Antes era apresentada com vida florescente e seres altamente desenvolvidos, diante dos quais a cultura da nossa humanidade era considerada simplória; agora lá são vistos desertos terríveis, morte fria e implacável. Um mundo que, se fôssemos pisar nele, poderia paralisar o sangue em nossas veias: desapareceu o brilho nos olhos, desapareceram os marcianos e os animais!

Como Marte será representada após 5 a 10 décadas depois da moderna ciência incorruptível, sóbria e objetiva? O tempo passa e o sentido muda...

“Precaução é a mãe da sabedoria”: esse princípio deveria reger também a adoção ou o reconhecimento de lições científicas e seu material comprobatório deveria receber uma atenção mais elevada!



## 6

# GÊNIO E CULTURA

Há mais de 10 mil anos já existia uma cultura altamente desenvolvida com evidente senso de arte e bom artesanato. Inúmeras tumbas reais e ruínas milenares relatam sobre o grande poder e sobre um esplendor desaparecido. Descobertas realmente revolucionárias foram feitas nestes últimos séculos e rapidamente melhoradas e ampliadas. Em medidas cada vez maiores, a humanidade conseguiu dominar as forças da natureza para seus objetivos — às vezes, contudo, prejudicial a si mesma.

Mas não se esqueça: todo este progresso somente foi possível porque a língua e a escrita nos possibilitaram continuar os conhecimentos que nos foram passados. As gerações vindouras podem cada vez mais construir sobre os fundamentos adquiridos a partir das experiências e dos conhecimentos de seus antepassados.

Mas tudo o que os povos podem chamar de seu e apresentam como suas capacidades é, na verdade, somente o resultado de poucos com talentos excelentes, chamados de Gênios, surgidos da longa corrente de gerações. Do saber destes indivíduos — poucos entre muitos milhões —, toda humanidade acaba tirando proveito. A eles se deve o progresso de sua cultura!

Mas somente poucos puderam receber os agradecimentos em vida. A maioria não foi reconhecida pelos seus contemporâneos; foi ridicularizada pelas autoridades, foi humilhada. Muitos foram perseguidos pela inveja, não compreendidos por seus contemporâneos.

Uma simples observação superficial mostra que a maioria da humanidade não é capaz de pensamentos realmente criativos. Contudo, já é mais fácil de encontrar pessoas, embora não em grande número, capazes de pensar melhorias e completar descobertas anteriormente feitas: os fundamentos já foram dados, e a prática acrescenta o resto.

Atualmente, há uma probabilidade maior de se encontrar um Gênio quando há 2 bilhões de pessoas — é o que pelo menos se supõe —, em comparação com tempos primitivos, quando havia poucas centenas ou milhares de humanos. Somente se isso for levado em consideração é que se pode avaliar justa e corretamente o tamanho e o progresso. Nesse sentido, ainda é de se ter em conta que auxílios que nossos antepassados, supostamente ainda mais próximos dos macacos, tiveram para poder realizar suas conquistas eram muito menores.

Se agora viessem as catástrofes mundiais nos moldes da Pré-história e que somente pequenos grupos humanos atuais fossem sobreviver, as grandes conquistas de nossa cultura atual — rádio, trens — irão se tornar lendas em menos de 100 anos.

Cada sobrevivente, ou cada parte da população sobrevivente, iria chamar de sua cada parte da cultura sobrevivente, mesmo sem helenos e judeus! Cada qual iria, de acordo com as exigências de sua tribo, produzir gênios em maior ou menor quantidade e, depois de alguns milhares de anos, em algum lugar as coisas que hoje compõem nossa cultura seriam redescobertas.

Gênios são espíritos à frente de seu tempo; na maioria das vezes não são reconhecidos. Um tempo posterior irá aproveitar suas lições.



## 7

# O SURGIMENTO DA VIDA NA MUDANÇA DOS TEMPOS

Em tempos antigos se acreditava que a vida frequentemente surgia de materiais mortos. Por exemplo, o musgo vinha da terra; besouros, de cereais; larva da farinha, da farinha, e assim por diante.

Então veio o novo tempo. Com ajuda da esterilização e dos filtros, foi comprovado que, se nas matérias mortas toda vida pode ser exterminada por meio do calor e o acesso de nova vida pode ser evitado por meio de filtros, então dessa matéria morta nunca surge nem nunca poderá surgir a vida.

Onde quer que aparentemente a vida nova surja, em qualquer parte, haverá vestígios, como sementes, seres unicelulares etc. que a antecedem. A contraprova científica foi corretamente providenciada: vida jamais pode surgir de materiais mortos. Corpos vegetais vivos nunca podem se transformar por si só em vida animal. A perspectiva dos “antigos” era um equívoco ridículo.

O material das novas descobertas científicas derrubou a perspectiva antiga. A nova orientação triunfou. Mas logo se mostrou que a descoberta recém-feita, além de conseguir a tão almejada contraposição da antiga perspectiva, acabou também trazendo consigo uma das provas científicas mais indesejadas, que iria ameaçar derrubar completa e involuntariamente os pilares da própria concepção moderna.

Pois se a vida — conforme foi provado por inúmeras experiências — jamais pode surgir por si mesma e se o reconhecimento de um poder criador contradiz em bom tom a ciência supermoderna, como apesar disso se pode explicar que a vida em milhões de formas diferentes povoa a Terra? Isso não é a melhor contraprova de que algo está errado nas próprias contas? Um empecilho para o triunfo.

A ciência natural moderna entrou numa rua sem saída por meio das provas que ela mesma construiu, embora para outros fins: o que inicialmente foi visto com alegria se voltou ameaçadoramente contra ela. Mas algo desse tipo jamais pode ser admitido. E agora? Como encontrar a melhor desculpa?

Não dava para derrubar as seguras conclusões adquiridas por material selecionado e simplesmente ignorar as provas colocadas pela natureza em estruturas de vida variadas. Simplesmente negar da mesma forma não era possível. Elas saltavam demais aos olhos. Em vão muitos coçavam o crânio careca.

Por fim surgiu o alívio que todos ansiavam! A questão era muito simples, brincadeira de criança! Como não se chegou a isso antes! Em todas as regras que são construídas há exceções. Afinal, algumas exceções a mais não fariam a menor diferença.

Friamente as seguintes lições foram embutidas: “a vida jamais surge de materiais mortos. Desta nossa regra há somente em todo universo infinito uma exceção e isso justamente no nosso planeta: esta exceção chamamos de geração espontânea; ela só é possível uma única vez.” No virar das mãos foi construído um fundamento científico que embasa firmemente a teoria do desenvolvimento. Todas as preocupações sumiram.

Não se sabe verdadeiramente o que mais deve ser admirado: o surgimento de uma sentença que foi reconhecida como falsa do ponto de vista dos fundamentos da ciência ou a preferência de apresentar tais lições ao povo como sendo científicas. Em todas as outras áreas uma lição tão ruim nem sequer iria encontrar aprovação. Nas ciências, como sempre permanece algo “inexplicável”, ela pode até o momento ser considerada como resultado de pesquisa.

Verdadeiramente não deve ser tarefa fácil lidar com uma doutrina cujos fundamentos se constroem completamente sobre exceções.

O pesquisador e cientista sério tem o direito de exigir que seu valioso trabalho e sua área profissional não caiam em descrédito e sejam negligenciados por meio de sentenças falsas e ridículas. Por outro lado, o povo tem o direito de ser esclarecido sobre o verdadeiro estado das pesquisas. Contadores de lendas são bem-vindos apenas nos quartos das crianças!

## II. A TEORIA DA EVOLUÇÃO E SEU VALOR

Já nos tempos de minha juventude, não conseguia acompanhar muito bem o pensamento ilógico da renomada teoria da evolução: era muito estranho que, de um lado, seres vivos conseguiram desenvolver seus membros a tal ponto, até que finalmente somente ainda restaram esboços de asas desnecessárias, resíduos de pernas ou restos de olhos. Por outro, houve o desenvolvimento de seres sem membros, alguns para formas superiores, com asas nas pernas, olhos bem desenvolvidos, tudo “condicionado ambientalmente” por meio de uma “adaptação às necessidades da natureza”.

E inicialmente a “evolução” do macaco ao homem! Certamente podia-se identificar algo de símio no comportamento humano e algo de humano no comportamento dos macacos, mas, a partir daí conceber os macacos como sendo os próprios antepassados da espécie humana, isso era muito incrível!

Que poder sobrenatural pode ter forçado um tal desenvolvimento? O meio ambiente? Bem, neste mesmo ambiente vive ainda hoje o macaco como macaco tão bem quanto o humano como humano. Se este mesmo ambiente ainda hoje não consegue promover a transformação, então está claro que antigamente, quando os antepassados do macaco supostamente estavam ainda num estágio mais inferior, jamais o ambiente teria sido capaz de fazê-lo.

E quando esta nova tese teoricamente não precisou nem de plano nem de criador, que o acaso conduziu toda “sabedoria”, quando com um raio de pensamento surgiu a geração espontânea a partir de uma matéria primitiva, quando a “toda-poderosa” onda de material primitivo promoveu o poder de fazer surgir todas as coisas e quando o éter universal enviou aos humanos com tórax de macaco os nobres sentimentos de obrigação e honra, direito e tradição, de eternidade e de divindade, então, diante deste conhecimento esclarecido de metafísica e mística, eu prefiro dez vezes um compreensível criador divino.

Então vieram mais de 10 anos de atividade na distante e genuína floresta brasileira, onde o poder de toda parafernália moderna ainda não conseguiu distorcer as coisas. E o que eu vivi aqui dia após dia, vi com os próprios olhos, isso foi bem diferente do que qualquer teoria urbana: o que pessoas lá no mar de casas em tempo ocioso imaginaram, isso não servia aqui.

Aqui cada planta ainda vivia assim como Deus as havia criado, assim como cada animal, mas nenhum deles está muito cansado de sua existência, não ansiavam por “evolução”. A flora era composta por milhares de espécies, e a fauna por dezenas de milhares, e todos conviviam no mesmo espaço: a alga estava igualmente “adaptada” quanto qualquer gigante da floresta, a insignificante mosca não possuía menos vitalidade do que qualquer ave de rapina de grande porte e, de todos os macacos, nenhum desejava ter uma estrutura humana: um único indício para se tornar humano por meio de mutação genética iria significar aqui nesta floresta a extinção dos macacos.

Quem quiser conhecer a natureza precisa ir ao seu encontro; quem quiser explorar as florestas precisa viver nela!



## 1

# A GERAÇÃO ESPONTÂNEA NA TEORIA DA EVOLUÇÃO

A moderna teoria da evolução parte do princípio de que, num determinado momento, há tempos remotos, a vida na nossa Terra teria “excepcionalmente” surgido a partir de matéria mineral (matéria inanimada) por meio de uma fantástica “geração espontânea”. Somente uma vez a proteína viva teria se formado de materiais mortos. Mas se se questiona aos apóstolos sobre as provas, a resposta é: “provas? Não temos provas e também não precisamos delas! Vocês precisam acreditar cegamente, crer!”

Naturalmente que aquela primeira proteína não pode se formar imediatamente como um animal de verdade, como o conhecemos hoje diante de nós. Teoricamente somente células isoladas puderam se formar e, mais tarde, cansadas da vida solitária, se juntaram em colônias. Em teoria, por meio disso, puderam se desenvolver naturalmente muitas formas, a partir das quais, seguindo vários estágios que nunca foram vistos, mas nos quais se deve crer e que supostamente (sem provas) estão separados por milhões de anos, teoricamente se desenvolveu o ser humano.

Bem que se gostaria de excluir esta geração espontânea do arcabouço da teoria da evolução. É uma origem que não serve muito bem: mas então o ser humano e todo o resto teria surgido somente em nossa imaginação.

Para sair dessa situação embaraçosa, já se procurou deixar claro na teoria da geração espontânea a consoladora esperança de que a maior parte da população, para a qual estas lições são passadas, de qualquer forma jamais terá a oportunidade de conferir uma tal teoria na prática, com a experiência prática.

Mas a teoria da evolução não pode pensar de forma diferente, pois, com o pressuposto de uma “geração espontânea”, a moderna teoria do desenvolvimento e da ancestralidade comum cai por terra e, com ela, todas as árvores genealógicas.

Por isso verifiquemos mais detalhadamente os fundamentos desta ciência moderna:

De acordo com as concepções fundamentais das lições do evolucionismo, é impensável que a proteína primitiva tenha se formado repentinamente sem incontáveis etapas intermediárias dos elementos carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e de diferentes outros detalhes. A formação dos materiais fundamentais necessários para o surgimento da proteína (fórmula pura:  $C_{12}H_{19}N_3O_4$ ) estaria disponível, e assim o hidrogênio e oxigênio como composição da água, o carbono como composição ácido carbônico liberado pela água, o nitrogênio como componente principal do ar.

Teoricamente teriam se formado inicialmente simples ligações de carbono — até agora somente foi encontrada tal origem orgânica, mas isso não importa; destas simples ligações se formaram, por sua vez, ligações mais especializadas, por exemplo, o álcool ( $C_2H_6O$ ), cujo efeito vivificante é conhecido por toda parte. Logo falta somente o nitrogênio na quantidade correta, um pouco disto e daquilo, e já a primeira “proteína primitiva” estava formada.

Então mesmo que os químicos digam que esse tipo de ligações em condições terráneas não se cria espontaneamente, isso de forma alguma perturba um cientista da natureza de orientação moderna. Ele irá dizer: “os químicos podem se enganar. A melhor prova de que tais ligações podem ocorrer está aí, a proteína está aí, portanto, conseqüentemente ela teve de ser formada”.

Deixemos por isso mesmo e consideremos que, apesar disso, a proteína se formou desta ou de outra forma parecida. Também vamos deixar generosamente de lado a questão de como outrora as etapas se sucederam “excepcionalmente” na sequência correta e nas corretas etapas de formação da proteína — certamente isso não pode ser explicado por meio da mutação, e a posterior desencadeada “seleção natural” naturalmente ainda não se fazia presente. A moderna teoria do desenvolvimento possui em sua estrutura tantas coisas inexplicáveis, que verdadeiramente uma ou outra coisa a mais não faz tanta diferença.

Embora teoricamente a primeira proteína primitiva possa ter sido bem parecida à atual, ela natural e infelizmente possuía uma característica fatal: era inanimada. Pois o fato de que a proteína viva possa ter se formado logo de uma vez, sem os

necessários pré-requisitos e formas passageiras, isso contradiz demais as concepções científicas da teoria do desenvolvimento, que pressupõem uma evolução que ocorre vagarosamente, passo a passo.

De acordo com esta concepção, nesta proteína primitiva somente pode se tratar de uma forma unitária de proteína, a partir da qual, ao longo de milhões de anos, os milhares de diferentes corpos de proteína foram se formando.

Como era essa proteína primitiva? Bem, não se trata de um tipo muito especializado, como as fibrinas musculares animais ou as globinas presentes nas frutas, ou algo parecido, mas sim como a albumina presente em todas as células, que também é o composto principal presente na proteína da clara do ovo. Portanto não iremos nos enganar se a imaginarmos como algo parecido com essa clara.

Por isso esta mística proteína primitiva, assim como a clara de ovo e a proteína das células vegetais, são solúveis em água. As moléculas isoladas de proteína que se formam, estas invisíveis minúsculas unidades da nova matéria que se forma, teriam se dissolvido imediatamente nas águas do mar — que, diga-se de passagem, na época ainda não continha o mesmo teor salgado de hoje. Isso resultou, mesmo se pensarmos que a proteína primitiva tenha se formado em quantidades muito grandes, em uma solução de proteína extremamente fina, muito mais fina do que a solução que resultaria de uma única clara de ovo num lago.

Mas como então teria se constituído a espessura necessária (concentração) dessa solução de proteína para a formação celular? Não é muito plausível que se tenha desenvolvido tamanha quantidade de proteína, que os oceanos tenham enriquecido sua solução de proteína, a tal ponto que possa ser assemelhada à correspondente de uma clara de ovo de galinha. Além do mais, qualquer possibilidade de vida iria desaparecer com isso e, desse modo, qualquer possibilidade de evolução.

Mas talvez seria possível encontrar uma saída ao pensar que a capacidade de diluição da albumina “excepcionalmente” possa ter se perdido e foi excluída, da mesma forma que se separam metais de soluções salinas. Assim ela perderia, ao mesmo tempo, sua característica de formar células e, com isso, sua possibilidade de portar vida.

Dessa forma, portanto, também não há saída. Se é obrigado a considerar que a albumina recebeu de forma misteriosa e, excepcionalmente, de forma bem na-

tural, a característica de se unir em forma de gotas — parecida com óleo. Grandes quantidades dessas gotas de proteína foram então lançadas à Terra pelas grandes ondas do mar, onde secaram; outras da mesma forma desapareceram, soterradas sob massas de areia. Desse modo seu número foi reduzindo cada vez mais.

Depois de milhões de anos devem ter sobrado somente pequenos restos desta grande quantidade de proteína, que igualmente possuíam a decadência diante de seus olhos, ainda não disponíveis. Então, na extrema necessidade, quando já era quase tarde demais, formou-se mística e metafisicamente, de forma bem natural, “excepcionalmente”, a primeira célula viva.

Naturalmente isso não aconteceu de maneira repentina, pois uma célula é uma construção complicada: precisa primeiramente surgir ainda o plasma da célula, os cromatóforos, o núcleo da célula, as unidades necessárias para a formação da parede celular e muitas outras coisas, cada qual “excepcionalmente” e uma única vez por meio de uma geração espontânea.

Todas estas diferentes coisas “excepcionalmente” se juntaram teoricamente uma única vez exatamente nas condições necessárias. Naquele tempo os materiais teórica e “excepcionalmente” ainda possuíam a capacidade de sobrepor-se uns aos outros e se adaptar a outros materiais. De qualquer forma, passaram-se muitos milhões de anos, até que se formou “excepcionalmente” a imagem primitiva da célula primitiva. O primeiro passo decisivo para a vida foi dado.

Iríamos estar indo longe demais se quiséssemos reconstruir o caminho percorrido da proteína até a célula primitiva, analisar teoricamente todas as precondições de exceções únicas, analisar, mesmo que de forma evasiva, a possibilidade da possibilidade: o caminho da proteína primitiva até a célula primitiva corresponderia aproximadamente ao caminho da célula primitiva até o suposto tornar-se humano. Incontáveis formas transitórias, de acordo com a teoria da evolução, devem estar neste intervalo: não iríamos chegar ao final de nossas contemplações.

Vamos renunciar a isso e analisar somente o posterior desenvolvimento da célula primitiva e suas possibilidades: naturalmente ainda estava ausente a capacidade de reprodução no nível mais simples da célula primitiva, pois essa nova capacidade, especialmente uma tão complexa, de acordo com a teoria da evolução, se

formou somente sob a pressão das condições e necessitou incontáveis mutações para sua formação.

Bem, a pressão das condições em breve iria aparecer. As ondas do mar lançavam sempre e repetidas vezes para a praia, para a decadência, as poucas células que se formaram a partir dos restos de proteína. Num belo dia, de acordo com todas as análises, teria chegado o momento em que também a última célula primitiva seria eliminada. Com isso a tentativa de formação de uma forma de vida estaria para sempre fracassada.

Mas neste momento decisivo, finalmente, uma célula adquiriu a capacidade de divisão e com isso chegou à reprodução: por meio de uma nova mutação, formou-se uma parede divisória no meio da célula, atravessando o núcleo celular, de modo que ambas cresceram em novas células diferentes.

Mas espere! Há algo de errado! Mutações somente podem se desenvolver quando já há a capacidade de reprodução!

“Não tem importância”, dirá o teórico da evolução, “na época havia ali uma única exceção”. Pois bem, deixemos assim.

Depois deste passo decisivo, que novamente representa um marco para a evolução do ser vivo, a reprodução então prosseguiu à tona. É óbvio que todas as células-filhas ainda estavam fortemente ligadas às células-mãe, visto que o estabelecimento imediato de uma alteração tão profunda na estrutura corporal, como requerem a capacidade de separação e a independência, de acordo com a teoria da evolução, somente é alcançável por meio de muitas mutações e requer espaços de tempo muito longos e incontáveis estágios intermediários.

Em consequência disso, depois de muito tempo, o aglomerado celular assumiu uma grande extensão. Vento e ondas tiveram uma área de ataque cada vez maior; frequentemente este aglomerado foi lançado contra rochas e estourava em muitos pedaços. Cada pedaço destes continuou a crescer sozinho, foi novamente despedaçado, e assim por diante.

Nesta ocasião, diferentes células alcançaram por meio de mutações a capacidade de curar as feridas ocasionadas: em certa medida foi uma divisão forçada. Em



virtude dessa nova capacidade adquirida, foi possível, depois de uma série de mutações, a formação da capacidade de separação e a independência.

Mas espere! Chegamos novamente a um curto-circuito em nossa linha de pensamento teórico!

Aceitamos como pressuposto do surgimento de uma célula primitiva autônoma capaz de se multiplicar e se reproduzir por meio da divisão, que apenas significa o primeiro estágio — muito menos do que um átomo na química! — de um ser vivo, inevitavelmente com uma carroça repleta de perturbações genéticas, chamadas de mutações.

Mas agora a moderna teoria da hereditariedade ensina que tais perturbações genéticas somente são possíveis por meio de repentinas alterações dos genes, ou seja, da hereditariedade. Assim chegamos a uma curiosa conclusão: para a primeira mutação se tornar possível, a genética da primeira célula primitiva teria de se alterar, mas esta genética ainda nem sequer tinha se formado!

Que algo ainda inexistente pode se alterar contradiz demais a capacidade de entendimento humano: onde nada há, nada pode vir a se tornar.

Mas se se nega a alteração da ainda não formada genética por meio de mutações, então a formação por meio da “geração espontânea” de células capazes de se reproduzir se torna impossível.

Talvez aqui, neste ponto, assim como no que diz respeito aos demais procedimentos místicos da fabulosa geração primitiva, a moderna, sóbria-objetiva teoria da evolução responderia: “Sim, mas houve uma única vez única ‘exceção’. Assim como somente houve uma geração primitiva, assim também aconteceu uma única vez que a célula primitiva recém-formada recebeu toda a genética necessária, de uma forma completamente inexplicável. Mais tarde então as mutações puderam acontecer somente com a alteração da já existente genética.”

Estranho! Muito estranho! Assim a vida, a capacidade de reprodução, a hereditariedade que já contém a possibilidade de evolução de seres unicelulares para humanos, isto e aquilo, tudo o que o teórico do desenvolvimento deseja, como num passe de mágica caído do céu e exatamente sobre a célula existente e,

“casualmente”, na medida certa. De maneira natural, isso teoricamente foi só um acaso, mais uma “exceção”, como o “era uma vez...”.

Mas se isso não é “místico-metafísico”, então também não sei de mais nada...

A teoria da evolução considera ser “sóbria, objetiva, realista” e crê que o mundo inteiro acredita nisso. Mas em cada peito de homem que ainda possui algum tipo de envolvimento com a natureza ainda há uma parcela de conhecimento original que se recusa a acreditar cegamente nisso.

A teoria da ancestralidade, quer dizer, da evolução, ensina que todos os seres vivos se desenvolveram a partir das formas mais simples. Essa evolução aconteceu, e acontece, por meio de progressivas perturbações na hereditariedade, isto é, na genética. Esta, por sua vez, só pode ter se formado paulatinamente, mas encontrá-la tão rapidamente e definida nas primeiras células primitivas contradiz demais a “sóbria” teoria da evolução. Perturbações deste tipo só podem acontecer numa hereditariedade já existente. Mas como a hereditariedade teoricamente ainda não poderia ter estado presente nas primeiras células, uma perturbação (mutação) nelas não é algo plausível. E sem mutações é impossível uma evolução para seres mais complexos, como ensina a própria teoria da evolução. Sem uma evolução deste tipo não há fundamento para a teoria da evolução e da ancestralidade: as lições da teoria da evolução negam-se a si mesmas por meio de si mesmas!



## 2

# O PASSADO SOB A LUZ DA TEORIA DA EVOLUÇÃO

Pulemos cerca de 1 bilhão e meio de anos e observemos os últimos 70 milhões de anos por meio da lente da famosa teoria da evolução: há cerca de 70 milhões de anos, quando os grandes dinossauros estavam fartos de sua vida, formaram-se (talvez por decisão da maioria?) os primeiros mamíferos. Como ocorre geralmente na primeira realização de um plano, também neste caso os resultados deixaram muito a desejar.

Bem, isso não é de se admirar. Aos humanos atualmente também ainda acontece a mesma coisa, pois, quando se descobre algo novo — trem de ferro, rádio, etc. —, isso inicialmente ainda apresenta muitos aspectos inacabados e insatisfatórios para, por fim, depois de passar por uma série de melhorias e benfeitorias, surgir algo significativamente melhor. Portanto, se mesmo para os humanos acontece de não se conseguir logo de imediato construir algo de bom, como esperar isso da natureza?

Os primeiros mamíferos demonstraram ainda variadas doenças infantis; especialmente no que se refere ao entendimento, a situação parece que era bastante precária. Desse modo, o predador mais antigo possuía um cérebro muito reduzido e, junto a isso, talvez por engano, uma mandíbula de porco. Por enquanto ainda não está definido de onde este predador primitivo a “herdou” ou de onde o porco herdou as características predatórias.

A criação do cavalo não teve destino melhor. A despeito de seu reduzido tamanho — somente do tamanho de um cachorro —, este cavalo primitivo, cientificamente denominado *Phenacodus*, também somente possuía uma mandíbula semelhante à de porco, o que a propósito parecia bem moderno para a época. A formação de

seu casco não deu certo: em vez disso, a natureza lhe deu provisoriamente cinco dedos. Realmente uma verdadeira gambiarra. O que a humanidade poderia fazer com uns animais assim?

Depois destes experimentos, não é de se admirar que também as primeiras tentativas do vir a ser humano tenham permanecido nos primórdios: somente foi suficiente para formar animais semelhantes a prossímios, que, para piorar ainda mais, apresentavam características de ungulados (provavelmente a imagem do diabo com casco de cavalo é proveniente deste abuso da natureza). Verdadeiros solípedes ainda não existiam na época; o casco era uma moda nova. Outros prossímios apresentavam características de predadores primitivos e comedores de insetos.

Considerados como um todo, as diferenças presentes entre os grupos de animais existentes naquele tempo eram tão pequenas que, se os zoólogos atuais os encontrassem vivos diante de si, provavelmente os classificariam todos numa categoria só. Mas com um pouco de fantasia, qualquer resquício ósseo pode ser classificado em diferentes categorias. A estrutura ausente pode então ser “reconstruída” livremente. Mas cada animal naquele tempo já sabia exatamente à qual divisão pertencia e se comportava de acordo.

Quando se leva em consideração que o desejo de se tornar humano a partir de répteis (dinossauros) há mais de 150 milhões de anos igualmente fracassou, embora os répteis já traziam uma carga muito maior de experiências com mutações e coisas parecidas, é preciso — apesar de todos os fracassos — reconhecer seu sucesso em se tornar uma categoria de animais (mamíferos) como sendo um imenso progresso. Outrora os répteis já conseguiram se tornar eretos, portanto, formas parecidas à humana com braços formados e em certa medida também mãos (disso vieram provavelmente as lendas de dragões). Apesar disso, a cabeça não deu muito certo: permaneceu o crânio alongado dos animais. Por isso ninguém deve se decepcionar pelo fato de que nesta primeira tentativa com os mamíferos ainda se tenha esbarrado na forma do crânio.

Exatamente esta transmutação das formas antigas das espécies isoladas é uma das provas mais cabais da exatidão das lições da ancestralidade comum, pois se adapta muito bem e completamente à forma de pensar humana, que não consegue cogitar — seguindo experiência própria — algo se desenvolver sem um início difícil

e sem longos experimentos. E o que os humanos não conseguem, supostamente a natureza também não é capaz.

Infelizmente ainda não foi possível encontrar as reais formas intermediárias, das quais devem existir um grande número, tendo em vista a grande quantidade de mutações que foram necessárias: essas formas intermediárias por meio das quais, por exemplo, os prosímios se formaram a partir de répteis espertos; as aves de rapina evoluíram a partir dos répteis predadores ou talvez dos crocodilos. Por meio dessas formas se poderia apresentar a “prova” palpável desta teoria.

Mas isso não tem importância. Afinal, encontrar uma prova de que as coisas não tenham ocorrido da forma pela qual prescreve a teoria da evolução é ainda muito mais difícil: apresentar uma contraprova palpável é ainda mais inalcançável, o que acaba sendo uma prova a mais para a teoria da ancestralidade comum.

Apesar do fato de os animais de cada espécie se diferenciarem tão pouco, eles estavam muito bem adaptados às condições da época: eles eram onívoros. Não precisavam passar necessidades, mesmo que acabasse algum tipo de alimento.

No entanto, este estado ideal seria logo quebrado pelo vício por mutações, introduzido pelas primeiras células primitivas. Também entre os mamíferos foi perceptível o desejo de uma evolução. Também eles reconheceram que o progresso seria alcançado por abundantes quebras na genética. Contudo, a abrangência desta necessidade foi avaliada por apenas uma parte dos animais. O resto deles consideraram seu estado predominante como satisfatório e não demonstraram desejo de mudanças.

Certamente as partes superiores, portanto, as formações mais complexas, se separaram das constituições inferiores, de modo que não era possível um acasalamento entre eles e que, desse modo, não pudesse absorver mutações que levassem a um desenvolvimento ascendente. Na época ainda não havia diferenças exteriores entre estes grupos; elas se mostraram apenas no tempo posterior, por meio de grandes e abundantes mutações.

A maioria das mutações deste tipo devem ter acontecido na parcela que direcionava todo seu pensamento para um objetivo, o desenvolvimento ascendente — em se tratando de cérebros pequenos, foi um trabalho admirável. Essas mutações foram trazendo pequenas alterações na genética.

As consequências disso podem ser percebidas 10 milhões de anos mais tarde, quando as diferentes espécies já estavam mais nitidamente distinguíveis. Infelizmente as formas intermediárias correspondentes, que certamente devem ter sido abundantes, ainda não foram encontradas. Uma mutação na direção desejada permanece ainda uma exceção casual e, antes que uma nova possa acontecer, seriam necessários milhões de nascimentos de vidas neste formato!

Desse modo, por exemplo, a direção ambicionada de uma determinada espécie, da qual pertence o acima citado cavalo primitivo, conduziu a duas espécies de pré-cavalos, o *Hyracotherium* e o *Eohippus*. Ambos ainda possuíam dentes parecidos aos suínos, mas as patas dianteiras, somente mais 4 dedos e as patas traseiras, até mesmo somente 3 dedos. Eles já tinham se aproximado significativamente dos ungulados, mesmo que ainda tivessem 10 dedos sobrando.

Também aqui estão ausentes as formas intermediárias comprobatórias a partir do cavalo primitivo. Mas isso não tem importância: pode-se imaginar muito bem a história sem essas formas, e é isso o que importa.

Mas é muito estranho que o desenvolvimento ascendente abrangeu simultaneamente todas as classes de animais e plantas. Para esta convivência harmoniosa, a teoria da ancestralidade comum ainda não tem qualquer explicação (talvez uma conferência internacional de todas as classes de animais e plantas e um programa internacional de evolução?!) Porém, certo é que alguns grupos isolados se excluíram ou foram excluídos desta evolução e, por isso, ficaram para trás ou se extinguíram.

Mas também as novas formas estavam distantes do ideal. Com forças unidas ocorreram cada vez mais e mais mutações, o que — isto deve ser enfatizado — somente aconteciam de forma a se aproximar da constituição desejada, bem ao contrário das mutações ocorridas de forma artificial ou que ocorreram casualmente, as quais, na maioria das vezes, representam um estado pior do que o atual. Sem dúvida os tempos antigos estavam mais evoluídos nesse sentido, apesar de serem mais primitivos.

Inexplicavelmente as formas intermediárias aqui ainda não foram descobertas, mas o que não nos deve impedir de confiar cegamente nisso.

Estes esforços, que se expressaram nas formas intermediárias ainda não encontradas, levaram mais 10 milhões de anos para chegar a um novo progresso na direção da formação dos animais ungulados: o *Palaecotherium* foi encontrado, quer dizer, ao menos os ossos dele. Este, também chamado de animal antigo, somente possuía três dedos em cada pata, portanto, ainda 8 dedos a mais — e, junto a isso, todos ainda tocavam o chão. Mas os dentes já se diferenciavam de seus semelhantes citados anteriormente.

Ao mesmo tempo apareceu um legítimo casco partido como antecedente do porco: o *Anthracotherium*. Um outro legítimo biungulado com número par de dedos nas patas deste período possuía uma estranha membrana interdigital entre os dedos, o que faz a história novamente muito mais confusa. De quem este animal de repente herdou essas membranas interdigitais?

No entanto, tais pequenos detalhes inexplicáveis não devem confundir ninguém, pois de qualquer forma temos uma porção de coisas assim na teoria da evolução. Novamente não se encontram as necessárias formas intermediárias. Realmente é de se lamentar que a natureza é e tenha sido tão inconsequente em relação às necessidades da moderna teoria do desenvolvimento.

Depois da retomada da formação das cadeias montanhosas, tudo ficou revirado; estava claro para os animais que essa forma também ainda não podia ser a correta. Continuou-se com a mutação em alta pressão. Até mesmo os prossímios, que neste meio tempo já se desenvolveram para os macacos, devem ter percebido que precisavam se adaptar mais rapidamente para que antes da Era Glacial os humanos propriamente ditos pudessem estar prontos. Com a reunião de todas as forças conseguiram se tornar o antecedente do hominídeo, infelizmente ainda não encontrado.

Também o restante da fauna logo se transformou, provavelmente por receio do futuro ameaçador. Assim, no decorrer dos próximos 10 milhões de anos, um novo pré-cavalo se formou. Parecido com a zebra, o *Anchitherium*, possuía três dedos e dentes bem curtos. A forma das patas destes animais já saiu completamente do padrão até então: o dedo do meio que tocava o chão se tornou um casco. O fato de aparecerem dois dedos além do casco é uma das “provas mais fortes” da teoria da evolução.

Contudo, o desenvolvimento de dedos secundários está bem difundido em várias espécies e somente poderia causar admiração o fato de se, no ungulado, estes dedos nunca estivessem estado presentes. Seguindo então esta premissa, também poder-se-ia, por causa da existência de dedos secundários ainda presentes e reduzidos, “descender” nosso atual gado do porco. Mas há tempos já se está acostumado a negligenciar este tipo de inconsistência.

Agora o clima ficou mais frio. Novas mutações se faziam necessárias, que também aconteceram no momento certo, como desejado. Mas é chato que as malditas formas intermediárias teoricamente necessárias jamais foram encontradas e, quando o são, justamente nos locais em que, de acordo com a teoria, não se encaixam e não se enquadram.

Desse modo, a partir da chamada forma intermediária, o *Stegodonten*, ocorreu o desenvolvimento dos dentes incisivos para as presas de elefante — mas muitos milhões de anos antes dessa forma intermediária já viveu o *Dinotherium* com 2 e o *Mastodon* com 4 dessas presas: as “formas intermediárias” necessárias apareceram com um atraso de 10 a 15 milhões de anos, mas, mesmo assim — e isso é o estranho! — formam uma imensa base para a teoria da evolução. Entretanto, o preferível era que tivessem aparecido antes, em tempo hábil.

Por esta época também os hominídeos devem ter se “mutacionado”, pois igualmente o cavalo, que o futuro homem necessitava tão urgentemente, se aproximou de sua conclusão: apareceram novos tipos de pré-cavalos, entre outros, os *Meryhippus*, *Protobippus*, *Penacodus* e já o *Hipparion*, este último bastante parecido com o cavalo. Todas estas formas se distinguem deste animal por resquílios de dedos secundários. Aliás, a partir dessas formas ele deve ter surgido, pois se encaixa muito bem nas teorias da ancestralidade comum.

Quando então se passaram novamente uns 10 milhões de anos, em virtude do início de uma era glacial, o primitivo hominídeo ficou desconfortável, de modo que, por meio de novas mutações, o humano foi criado. Se, antes disso, o candidato a ser humano tivesse perdido seu rabo de tanto permanecer sentado sobre o gelo, conforme foi teorizado pelos defensores do evolucionismo, isso certamente não requereria experiências para ser provado cientificamente.

Visivelmente, por volta deste período, já tenha ficado evidente a ideia de que, sem linguagem, a vida não passaria de uma vida símia. Dessa forma, a nova mutação também promoveu o advento da linguagem. Contudo, é e continua sendo inexplicável o fato de que o ser humano tenha perdido seu couro peludo, que tanto o protegia e aquecia — imaginem, justamente na Era Glacial, em que era mais necessária! —, por consequência da “adaptação ao ambiente”.

Uma tal incoerência nunca havia aparecido em toda história das mutações: animais nas regiões de calor tropical, que bem poderiam abrir mão disso, continuaram com seus couros cabeludos, mas o homem que vivia no clima gélido sofreu essa mutação! Realmente, uma zombaria das regras de adaptação ao meio ambiente! É realmente uma desgraça, que justamente o ser humano teve de fugir à regra e, com isso, tenha ameaçado este princípio da “adaptação”, pois geração primitiva e vantajosas mutações são e permanecem o fundamento da moderna teoria da evolução e da ancestralidade comum!



### 3

## O VALOR PRÁTICO DAS MUTAÇÕES

Mutações podem — como deveria estar claro para todo mundo — se formar somente então quando já existirem formas de vida com sua genética de todo tipo já formada. Como mostram novas pesquisas, todas essas genéticas isoladas estão relacionadas a algo específico, a determinados genes. O número desses genes já é gigantesco mesmo nos seres unicelulares mais simples, como algas, infusórios e semelhantes, ainda que seu tamanho seja somente  $\frac{1}{1000}$  mm. Mesmo se levarmos em consideração somente as características e capacidades mais brutas, como tamanho, forma, cor, capacidade de divisão, de reprodução — também unicelulares as têm —, sensibilidade à luz, necessidade de calor, sensibilidade ao teor salino, características do núcleo celular, da pele, do interior celular, etc., respiração, alimentação e digestão, condução, etc., etc., se para cada característica e respectivamente cada capacidade só consideramos um número reduzido de células, mesmo assim já chegaremos a um número considerável. Nisso é de se ter em conta que muitas, talvez a maioria, das genéticas permanecem despercebidas, apesar de todos os instrumentos disponíveis.

Por isso, uma geração primitiva no sentido da teoria da evolução, como já expliquei anteriormente, é algo impossível. Se quiséssemos embasar este surgimento fantasioso da origem dos seres vivos, teríamos de partir do pressuposto de que todas as genéticas de todos os seres vivos já teriam estado anteriormente disponíveis nas matérias inanimadas. Mas a constrangedora pergunta permanece aberta: como os genes chegaram na matéria inanimada?

E para poder levar em consideração a possibilidade de um desenvolvimento ascendente por meio quebras genéticas, precisamos abandonar a impossível geração original defendida pela teoria do desenvolvimento e pensar no surgimento da vida

a partir de uma outra forma, em que o “como” vai ter que permanecer em aberto por enquanto.

As lições de genética diferenciam entre variações que não são hereditárias — por exemplo, crescimento mais robusto por meio da alimentação — e as mutações; quer dizer, mudanças por meio da genética e que, portanto, são herdadas.

As mudanças hereditárias definidas como mutações são aspectos que escapam ao normal, algo incomum que aparece raramente. Todavia, nos últimos milênios, não apareceu nenhuma mutação que pudesse levar a um desenvolvimento ascendente entre os mais de 2.000.000 de humanos.

Estudar a proporção das mutações que ocorre na natureza livre seria uma atividade bem mais grata da moderna ciência, que traria resultados muito mais práticos do que toda esta teoria dos macacos!

Para ser bem claro: índices concluídos em condições desviantes promovidas por experimentos laboratoriais não têm o menor interesse!

Nos primeiros tempos, quando o primeiro vegetal unicelular se reproduziu para chegar nos cerca de 2.000.000.000 — mas provavelmente muito mais tarde —, a primeira mutação deve ter ocorrido. Partindo do pressuposto de que este descendente tenha permanecido igualmente tão vivaz quanto seus antepassados, que teriam se multiplicado por centenas e cujos números num determinado tempo teriam chegado a 200.000.000.000, enquanto isso este descendente teria chegado à quantidade de 100. A proporção de 1:2.000.000.000 continua permanecendo: uma visível mudança de fauna não poderia acontecer.

Neste mesmo tempo, 100.000.000.000 destes unicelulares — avaliado por baixo — devem ter sucumbido, e não é de se excluir que entre estes já se encontrava o portador da primeira mutação. Pelo menos é o que se deve supor que ele estaria entre estes falecidos se, como via de regra, a mutação significa uma diminuição da vivacidade.

Por exemplo, numa diminuição da capacidade de flutuar, este unicelular iria afundar cada vez mais e seria eliminado pela pressão da água. Mesmo que em tempos posteriores outras mutações tenham ocorrido, as quais permitem a sobrevivência de seus portadores, isso jamais teria influência significativa na unificação dos plânctons marinhos; os unicelulares sem essa mutação teriam se multiplicado a tal

ponto, que sua quantidade somente poderia ser expressada por números astronômicos: uma nova mutação seria nada mais do que um grão de areia num monte de areia do tamanho de um quilômetro cúbico.

Assim ficaria somente a suposição de que o portador da nova mutação se reproduziu mais rapidamente do que aqueles que não sofreram a mutação. Mas isso é impossível! Pois cada desenvolvimento ascendente ocorre às custas dos números de reprodução. Uma reprodução maior somente poderia ocorrer num desenvolvimento inferior, mas o que por sua vez novamente é impossível, já que estamos lidando com o nível mais baixo da vida: um passo abaixo e a vida acabaria!

Sobraría ainda a “seleção natural” como explicação para uma reprodução da forma e da mudança de fauna. Os predadores naturais então não iriam gostar de comer os portadores da nova mutação tanto quanto aqueles que não mutaram. Mas naquele tempo ainda nem existiam “predadores naturais”, pois estes apenas iriam se formar posteriormente por mutações!

A possibilidade de uma mudança de fauna por meio de mutações depende unicamente do fato de a superioridade numérica desta mutação significar uma melhoria ou piora da genética.

Observemos, por isso, o que está mais próximo de nós, quer dizer, de nós mesmos. Aqui entre os humanos já podemos notar uma porção de mutações: mais até do que desejaríamos. Apenas para citar algumas: doenças genéticas como a deficiência mental, a hemofilia, entre outras, deficiências corporais como, por exemplo, distúrbios auditivos, baixa resistência em relação a algumas doenças, etc. Ver nisso um desenvolvimento ascendente é um pouco exagerado, mas até agora ainda não cresceram asas no ser humano.

Não se trata de concluir se mutações genéticas acontecem ou não — isso é perda de tempo que não vale a pena —, mas sim se a grande maioria dessas mutações produz uma melhora ou uma piora do quadro genético como um todo e, acima de tudo, se isso apresenta algum significado para seus portadores — não importa que espécie — que vivem na natureza livre, quer dizer, se eles conseguem sobreviver puros!

Depois de muitos esforços em vão, dos quais convenientemente nenhum teórico fala, finalmente se encontrou entre 5.000.000 de tipos de insetos uma espécie

especialmente inclinada para mutações. Esta mosca solitária sempre é demonstrada diante dos olhos de “incrédulos” como um exemplo iluminado. Nestas experiências “famosas” com a mosca da fruta (*Drosophila*) já puderam ser comprovadas algumas centenas de tais mutações. Mas o que se apresenta aqui ao bom público como a “mais bela prova” da exatidão da teoria da evolução é composto, em parte, por seres de asas deficientes e outras malformações, o que na vida comum se chamaria de deficientes.

Oh você, o “objetivo, baseado em experiências e ciência incondicional”, onde ficaram os teus fundamentos?! Como podem as tarefas ser tão simplesmente incompreendidas? Não se trata, de forma alguma, de provar se as mutações acontecem — isso se encontra até mesmo entre humanos de forma espontânea mais do que desejaríamos —, mas sim se a regra da maioria dos casos acontece ou não, com que frequência e se a maioria dos casos representa uma formação superior ou não e, por fim, se conseguem ou não sobreviver.

Será esta talvez uma prova da influência das doenças genéticas no desenvolvimento dos organismos vivos e das alterações resultantes na fauna, quando uma predisposição especial para essas doenças genéticas só pode ser encontrada em  $\frac{1}{5.000.000}$  de todas as espécies de insetos vivos, em quase 100 anos de trabalho, algumas das quais são manifestamente defeituosas? É difícil sair de um estado de espanto ao observar este método “científico” de trabalho. Onde estão as mutações que levam a um reconhecimento de um visível passo em direção a uma “formação superior”?

Mesmo no mundo vegetal, que nos é apresentado como “grandiosa fonte comprovadora”, as mutações podem ser qualquer coisa, menos levar a uma formação superior. Se, por exemplo, uma boca de leão apresenta uma mutação que dificulta ou até mesmo impossibilita a fecundação de sua flor por meio de insetos e, desse modo, ameaça a existência de sua espécie, onde está a vantagem disso?

Hoje em dia pode-se afirmar tranquilamente que as maiores mutações — aquelas que são reconhecidas — na maioria das vezes levam a uma piora, jamais trazem uma melhora da genética. Uma nova cor ou forma que, para os humanos, aparece como bela, ou uma característica mais saliente que lhes é mais útil, significa na maioria das vezes a decadência na natureza livre. Estufas não existiam ainda na época dos dinossauros e muito menos antes deles.

Uma ciência que se voltará para métodos de trabalho mais exatos em tempos vindouros irá mostrar que no mínimo 99% de todas as mutações reconhecidas significam uma deterioração não desejada pela natureza.

É necessária uma exuberante e desenfreada fantasia para compreender os deficientes gerados das maiores mutações — portanto as reconhecidas — como a confirmação da teoria da evolução. Em virtude disso, muitos pesquisadores se voltam com grande dedicação às “pequenas e menores” mutações, quer dizer, àquelas visíveis somente para o especialista com ajuda de um microscópio ou outro equipamento. É evidente que as menores mutações, que somente podem ser vistas por meio de várias ampliações, não podem provocar formas degeneradas impressionantes. Mas elas também não representam um desenvolvimento progressivo ou um melhoramento: se aparecem alguns pelinhos a mais ou a menos numa folha de determinada planta, isso é insignificante para sua força vital!

Considerar estas pequenas mutações — mesmo se elas, contra a realidade, excepcionalmente representam uma melhoria — como fundamento ou como causa de um desenvolvimento superior ou progressivo, na minha visão, é tão equivocado quanto querer que a capacidade vital e a virtude dos humanos dependam do número de seus fios de cabelo na cabeça ou da forma de suas unhas.

Mesmo que uma mutação contribua minimamente para o desenvolvimento superior e para a composição da forma, ainda assim ela precisa ser em vários aspectos superior aos que não foram atingidos pela mutação! Na genealogia está comprovado que as formas degenerativas, resultado de grandes mutações, não são superiores. Se houvesse na natureza uma escolha, nenhum portador desta mutação chegaria à reprodução. A atual quantidade de espécies jamais poderia se reproduzir — a não ser por um período curto e passageiro. Mas as pequenas invisíveis mutações são tão insignificantes para a seleção dos “mais aptos” do mundo animal e vegetal quanto são nos humanos a forma e a cor do nariz.

Se alguém observar a natureza livre, mesmo por pouco tempo, tendo um mínimo de entendimento sobre o meio ambiente e suas condições, não poderá ser tão tolo em acreditar que minúsculas diferenças podem decidir sobre o ser e o não ser. Pois se vê por toda parte seres vivos, das mais diferentes formas e das mais gigantescas diferenças em suas estruturas, etc., vivendo e se reproduzindo nas

mesmas condições e nos mesmos espaços vitais: a teoria não serve para a natureza! E a natureza jamais se adapta à teoria.

O pardal é totalmente indiferente se a mosca que ele captura no voo apresenta alguns pelos a mais ou a menos do que sua semelhante (uma relativa grande mutação do grupo dos “menores”); ao peixe não importa se as pinças dos pelicaniformes (camarão) tiverem quatro ou cinco cerdas mais longas ou curtas; o pássaro que arranha a palha come o besouro que encontra, tendo ele três ou quatro, ou nenhum ponto em suas asas; o pica-pau não pergunta se a larva que ele pica tem tocos de pés mais longos ou mais curtos; também a aranha é totalmente indiferente à cor e à forma do inseto capturado em sua teia; o morcego não possui a menor compreensão das sutis diferenças morfológicas das traças que ele captura; o servo também não analisa todas as folhas que ele come, para saber se ela possui a quantidade habitual de cromatóforos em suas células; o número de pelos do rato e suas unhas não é determinante para o gato.

E o humano? Bem, para ele também é totalmente secundário se a carpa apresenta o número correto de escamas ou não: o que conta é que ela esteja bem preparada.

Uma única enchente elimina milhões e milhões de seres vivos sem pedir a cor e a forma; o determinante é, só e unicamente, o fato de o ser vivo conseguir ou não se salvar a tempo hábil: o como é totalmente indiferente. Também a tempestade leva para a água todos os que não conseguem fugir a tempo. A vespa parasita pica todas as larvas de sua preferência que conseguir, sem examinar se tal larva talvez seja resultado de uma nova mutação. A forma do casco dos animais também é algo secundário para o antraz, assim como o tamanho do dedão humano é secundário para a peste. Uma única onda de frio elimina bilhões de seres vivos, e as eras glaciais superaram este resultado de forma múltipla: de que adiantaram ali as minúsculas mutações, mesmo se elas — contra a regra — representaram uma melhoria? Facilmente se pode encontrar outros exemplos.

Mudanças ocorridas por meio de mutações — também as do tipo grande — não possuem a influência que frequentemente lhes são atribuídas com palavras de efeito como “proteção contra inimigos naturais”!

Então talvez contribuam para o melhor aproveitamento das condições de vida? Grande equívoco!

Piolhos e pulgas: ambos possuem uma vida parasitária e por acaso têm uma estrutura parecida? Se, sob condições parecidas, tais formas de vida tão diferentes conseguem viver bem, quem ainda se arrisca a dizer que poucas mutações foram decisivas? Observemos então as milhares de estruturas diferentes das asas de insetos. Cada espécie ou tipo possui sua forma especial, mas todos correspondem ao mesmo objetivo: voar no mesmo espaço aéreo! Pois é, nem mesmo a quantidade de pares de asas é determinante! A natureza alcança os mesmos objetivos a partir de diferentes formas.

Na madeira podre vive a famosa larva gorda do besouro dinastino, o besouro negro semelhante à larva de farinha, larvas de moscas em formatos de vermes (moscas), larvas predatórias do besouro da terra, lagarta de borboletas, etc. Somente quem não conhece as preocupações da natureza procura estabelecer sentenças que pressupõem pequenas alterações como necessárias à vida. A riqueza de formas, percebidas mesmo em circunstâncias vitais semelhantes, é tão inesgotável a ponto de as diferenças, mesmo as de grande medida, não serem determinantes.

Como é grande a diversidade das formas de vida vegetal numa floresta virgem! Lá as pequenas ou grandes diferenças de formas e de cores nunca são decisivas sobre o ser ou o não ser. E isso também na água! Sim, mesmo nas gotas de água! O que vive ali em formas diferentes nas mesmas condições não se aplica somente aos grandes seres vivos como peixes, insetos e algas, mas também entre os menores! O que significa lá uma pequena diferença de forma ou de cor? Ela decai para a total insignificância, ou seja, não exerce nenhuma influência sobre a garantia de existência de seus portadores.

Sobre o ser ou o não ser de algum ser vivo, o decisivo é unicamente — exceto em casos de catástrofes de grande medida — manter e utilizar a capacidade corporal e espiritual uma vez adquirida — indiferentemente de que tipo — no sentido de possibilitar a vida!

Parece que ninguém se preocupou em saber como as novas espécies premiadas por mutações poderiam se estabelecer num mundo tecido e povoado por espécies há muito estabelecidas. Talvez este ponto, que na verdade é percebido na realidade, mas não se encaixa na teoria, foi sóbria e objetivamente considerado pelos teóricos como completamente secundário.



Mas nós, que vivemos no mundo da realidade e da prática, e não somente no da teoria, tivemos que, com “necessidade natural”, levar em consideração este ponto acima de todas as coisas e, aqui, de fato, só há um caminho: os portadores das mutações (mutantes) precisam ser tão diferentes de sua espécie, a ponto de que mesmo numa estreita vivência não pode haver acasalamentos entre mutantes e sua espécie. Portadores de tais genéticas perturbadas até agora ainda não foram encontrados (exceto deficientes incapazes).

É de conhecimento geral que, em cada geração de um novo ser, há (exceto em determinadas épocas e em determinados unicelulares) um ser vivo masculino e um feminino. Este fato, por ser tão óbvio, parece ter sido completamente ignorado pelos defensores da teoria da evolução.

Para a manutenção e a reprodução das novas mutações, são necessárias no mínimo duas condições: é preciso haver uma tal diferença entre os indivíduos da espécie e os portadores da mutação, a ponto de que um acasalamento entre ambos esteja descartado e que haja uma convivência, no tempo e no espaço, de muitos seres vivos com a mesma mutação de ambos os sexos.

Além disso, é preciso também que, partindo do pressuposto de que os portadores das novas mutações estejam aptos à vida, que estes seres saibam utilizar as novas características e capacidades recebidas e que lhes são específicas, que são diferentes de seus antepassados. Essas características, como nova alimentação, também precisam estar disponíveis nos ambientes em que vivem. Pois se se parte do pressuposto de que as novas mutações diferem corporalmente tanto de sua forma normal, que um acasalamento não é possível, assim é admissível que os seres iriam requerer uma alimentação que fosse diferente da de sua espécie.

Como mutações deste tipo até agora ainda não foram encontradas, uma vivência temporal e espacial de tais seres de ambos os sexos parece pouco provável e, em virtude disso, pode-se atribuir um valor puramente teórico para uma discussão desse tipo!

Em se tratando de seres vivos superiores, deve-se levar em consideração, entre outras coisas, os seres diferentes e, entre estes, certamente também os que se formaram por mutações na natureza livre não são aceitos na comunidade (rebanho), mas

sim são perseguidos e até mesmo mortos. Uma mutação deste tipo provavelmente nem iria chegar a seu pleno desenvolvimento. Um tornar-se humano por meio de mutações é completamente impensável: o fabuloso homem primitivo, que estaria no estágio mais inferior da evolução, iria, na melhor das hipóteses, ver todos os seres diferentes que aparecessem como obra do diabo e os eliminaria. Pensemos nos processos contra as bruxas na Idade Média! O que lhes teria acontecido se o humano tivesse aparecido, desarmado, entre os fabulosos humanos primitivos.

A estes tipos de mutantes estaria reservada a morte antes mesmo de poderem ser capazes de dar algum testemunho de si mesmos!

Desse modo, somente uma pergunta ainda permanece em aberto, a saber, se mutantes poderiam ter tido alguma influência em medida significativa na formação da espécie e no desenvolvimento ascendente dos seres vivos. Anteriormente havíamos dividido estes mutantes em dois grupos, a saber, os maiores, quer dizer, os visíveis, e os menores, cujas mutações só podem ser comprovadas pelo especialista por meio de equipamentos. Para nossos objetivos no momento, podemos conceber ambos como um só grupo, mas que possa ter uma grande variação.

Com um pouco de reflexão fica claro que de antemão a formação de deficientes fracassa completamente, mesmo que isso seja louvado pelos teóricos. Um inseto, um pássaro que sejam incapazes de voar nunca chegarão a um acasalamento; um animal que não consegue correr muito bem será cedo ou tarde devorado e eliminado; o mesmo destino irá sobrar para um falcão cego ou para um servo manco.

Com isso restam somente alterações genéticas que diferem pouco da forma normal. Mas, na natureza livre, seres deste tipo, como não conhecem as exigências da teoria da ancestralidade, sempre irão se cruzar com os seres de sua espécie e serão por eles absorvidos: depois de poucas gerações não haverá mais vestígios seus. A natureza não é um laboratório onde os assistentes cuidadosamente sempre erradicam os bons para deixar os deficientes se procriando! Este tipo de experiência laboratorial, a meu ver, nada mais é do que uma brincadeira “científica”!

A prova de que os mutantes se segregam e formam novos ramos ainda não foi apresentada: com isso se conclui, sem mais, a inutilidade desta “hipótese do evolucionismo”!

Mas há provas suficientes para demonstrar o fato de que os mutantes não se segregam. Os apóstolos da mutação da mosca da fruta (*Drosophila*) necessitam somente juntar seus famosos mutantes com as asas sem marcas, assim como aparecem por toda parte na natureza livre, para reconhecer a exatidão de minha concepção e o absurdo de suas opiniões: aqui os óculos prismáticos da teoria dos macacos não ajudam mais!

Se os apóstolos da mutação quiserem ser levados a sério, então precisariam pelo menos identificar cada mosca da fruta mutante que surge na natureza livre e comparar o percentual em relação a tantas moscas da fruta normais que existem, para, depois de muitas gerações, concluir sua contribuição para o “desenvolvimento ascendente” ou para a “formação de uma espécie” e anunciar os resultados! Estamos saturados desta farsa puramente teórica: queremos ver resultados práticos próximos da realidade!

Todas as formas de animais procriadas artificialmente pelos humanos não contêm força comprobatória; nenhum teria sido evoluído sem o cuidado constante dos humanos. Transpostos para as condições originais da natureza livre, a maioria iria sucumbir e o resto iria se mesclar com as formas de sua espécie e desaparecer.

Galinhas poedeiras recordes, frutas sem sementes, morangos gigantes e todos os outros resultados procriados representam, do ponto de vista da natureza, nada além de deficientes inaptos a sobreviver. Jamais pôde ser apresentado um sucesso da procriação realizada por humanos que pudesse ser superior à forma surgida a partir da natureza ou que uma melhora nesse sentido tivesse dado certo.

Exatamente assim como tais deficiências corporais puderam ser criadas, poderiam ser produzidos também, a partir de uma seleção apropriada, insanos mentais completos “de raça pura”: aqui iria se tratar de um centro espiritual perturbado; lá um centro organizacional perturbado. Isso seria toda a diferença. De acordo com a natureza, as perturbações em ambos os centros são hereditárias. Também uma prensa que saiu do controle irá, por exemplo, em vez de círculos, escrever meias-luas: apesar disso não haveria aqui como ali razões se esta “descoberta” se confundir.

Mutações são, como se pode perceber, prejuízos que aparecem na genética. Quanto maior um ser vivo estiver desenvolvido (especializado), tanto mais fácil

elas podem aparecer. Uma predisposição para mutações pode ser tão hereditária quanto a resistência contra determinadas doenças. Quanto mais desenvolvido for um ser vivo, tanto pior serão os erros (defeitos) que aparecem e podem se tornar prejuízos presentes na genética que vai se estabelecendo, enquanto seres unicelulares poderiam suportar grandes alterações. Um carro de boi construído de madeira pode suportar muito maiores alterações em sua forma, sem que com isso haja prejuízos em sua eficiência, do que um moderno avião.

Para combater o perigo dos prejuízos genéticos, a natureza construiu infalível meio de estabelecimento da bissexualidade de todos os seres vivos superiores, tudo para absorver mutantes ainda capazes de viver e torná-los inofensivos. Apesar disso, os desenvolvimentos unilaterais ainda são combatidos também pelas consequências da consanguinidade.

Mais um ponto que igualmente evidencia o estranhamento dos teóricos em relação à realidade é ignorado pelas teorias da mutação: em cada grande período da história da Terra, a maioria das formas permaneceram imutáveis durante milhões de anos. Então aconteceram catástrofes de gigantescas proporções que eliminaram a vida terrestre até os menores restos; e na sequência disso apareceram então simplesmente, como que brotando da terra, uma nova fauna e flora.

Apenas para ilustrar um exemplo: nos 75 milhões de anos dos períodos carbonífero e permiano, cresceram e acabaram as florestas de carvão de pedra em incontáveis gerações, sem que mutações fossem capazes de criar novas formas e, com isso, uma nova flora. Também o mundo dos insetos não levou neste período a visíveis desenvolvimentos superiores. Então este período novamente trouxe grandes catástrofes sobre a Terra. Formações de montanhas e deslocamento de mares reviraram a superfície terrestre. Uma era do gelo que se seguiu a isso acabou com o mundo dos seres vivos, sejam animais ou vegetais. Isso aconteceu há cerca de 225 milhões de anos, de acordo com a atual contagem do tempo. Somente alguns restos da vida antiga permaneceram parcialmente. Então aconteceu o maravilhoso: no lugar do mundo vegetal devastado, surge um mundo completamente novo, que se diferenciou do mundo antigo como o dia da noite! Também no mundo dos insetos o antigo desapareceu e, em seu lugar, algo completamente novo surgiu! As antigas formas dos vertebrados foram igualmente superadas: anfíbios e répteis colonizaram a Terra!

Se em cada mudança de idade histórica cada vez ocorre uma tal alteração nas condições ambientais e vitais, que torna necessária uma alteração das formas de todos os seres vivos por meio de uma porção de mutações, então o atual mundo vivo, que já passou vitoriosamente por tais mudanças, deveria apresentar uma alta habilidade no que se refere à formação de mutações de todo tipo. Mas ao mundo vivo falta esta capacidade. Se dependesse desta persistência, o mundo vivo seria extinto.

Pois estas mudanças na Terra irão retornar, de acordo com todas as previsões. Depois de 75 milhões de anos acontecerão novamente as primeiras grandes mudanças e, depois de 225 milhões de anos, a primeira transformação maior. Novas formas certamente irão aparecer. Também essas transformações não irão provocar alterações nas formas de vida. O fato é que nenhuma mudança, até agora, teve como pré-condição o desenvolvimento de novas formas como necessárias à vida: ela apenas provocou as condições sob as quais as novas formas pudessem viver ao lado das antigas.

Os unicelulares irão existir mais do que um e meio bilhão de anos; crustáceos, vermes, etc., cerca de um bilhão de anos; as conchas-língua (*Glossidae*), 500 milhões de anos; peixes cartilaginosos, 400 milhões de anos; répteis estão ainda hoje representados em determinadas formas; samambaias e palmeiras igualmente. O que não é apto o suficiente para a vida, para superar um período de tempo tão grande, desaparece; e novas formas semelhantes aparecem em seu lugar. Mas como aparece o novo?

Mesmo que isso passe persistentemente despercebido pelos defensores da teoria da evolução (óculos prismáticos sempre atrapalham uma boa visão), é impensável que os insignificantes restos de um mundo animal e vegetal em extinção, poupados pelas catástrofes, em poucos milênios pudessem produzir tantas mutações “que levassem a algo melhor” e mais apto à vida. Tais mutações teriam sido necessárias para uma total transformação da fauna e da flora, quer dizer, de todo mundo vivo: mas o mesmo mundo vivo não foi capaz de, no auge de sua força e vitalidade popular, produzir nenhuma alteração significativa em exatos 75 milhões de anos!

Mutações possuíram e possuem tão pouca influência sobre a formação das espécies de seres vivos quanto na formação dos corpos celestes: com isso cai por terra o segundo pilar que sustenta a teoria da evolução.



## FRIO E DESENVOLVIMENTO ASCENDENTE

Muitos teóricos da evolução atribuem ao frio uma enorme influência para o desenvolvimento ascendente dos seres vivos. Como prova para exatidão desta concepção, eles mencionam que muitos dos animais das zonas tropicais — Lanceta, o peixe tritão, tubarão, entre outros — seriam muito próximos aos correspondentes a formas mesozoicas, carbônicas e silurianas, portanto, que viveram há 200 ou 300 milhões de anos. Afirmam que é possível comprovar que relações semelhantes possam ter acontecido com os seres humanos.

Mas nas zonas moderadas, diz-se, as coisas foram bem diferentes. Para a vida em geral ser possível, teria sido necessário que ela se formasse primeiramente a partir da resistência às mudanças de temperatura. Esta tarefa foi antes de tudo resolvida pela implementação de uma temperatura sanguínea estável. O melhor apoio desta teoria deve ser procurado no fato de que os restos mais antigos de mamíferos e aves foram ali encontrados em grande quantidade.

De acordo com a mesma teoria, para as espécies em questão, a migração para as regiões mais tropicais teve como resultado grandes perdas no que se refere à sua evolução. Um desenvolvimento ascendente somente poderia ocorrer num ambiente hostil. Somente nele um progresso no desenvolvimento do cérebro seria possível.

No que se refere a isso, é de se observar o seguinte: certamente está correto que os primeiros mamíferos foram encontrados nas atuais zonas moderadas. Mas o clima atual dessas zonas corresponde determinante para as condições daquele tempo? Um tanto quanto improvável.

Mas, no período jurássico, quando apareceram os primeiros marsupiais, reinava um clima bastante uniforme. Em geral, a formação de zonas climáticas bem definidas parece que sempre se estendeu por períodos de tempo passageiros em toda

história da Terra. Na época, a Groelândia pertencia a uma zona quente, com 70 graus de latitude. Spitsbergen, o leste da Sibéria, e mesmo as faixas de terra situadas acima dos 80 graus de latitude, estavam cobertos por florestas de pinheiros. Em Spitsbergen, reinou na época um clima norueguês. Certamente não iremos nos enganar ao supor que estes primeiros mamíferos marsupiais já possuíam sangue quente; a “ave primitiva” que viveu na época também deveria ter pertencido a este grupo. Como se pode conciliar este fato com a concepção de que a construção de uma temperatura corporal uniforme seja uma consequência do frio?

No aparecimento dos primeiros verdadeiros mamíferos dominaram sobre a Terra relações climáticas equilibradas. A zona principal das florestas decíduas se estendia sobre Spitsbergen, Islândia, Groelândia, e magnólias e ciprestes cresciam abaixo dos 80 graus de latitude. Spitsbergen possuía outrora um clima parecido ao da atual Alemanha Central, onde é mais morno. O oeste da Europa possuía características tropicais: palmeiras, louro, canela, figueiras, pinheiros e araucárias dominavam a imagem. Neste reino tropical, mas europeu, apareceram os primeiros verdadeiros mamíferos. Onde e como se pode ver aqui teoricamente o frio como condição prévia para a formação de uma temperatura sanguínea uniforme?

Levar em consideração as condições atuais como causas para a formação dos mamíferos daquela época vai um pouco longe demais. Se, em geral, relações climáticas tiveram alguma relação determinante, então somente podem ter sido aquelas da época: mas estas eram tropicais. Então jamais o frio, mas sim o calor, pôde ser considerado como fator fundamental da teórica ascensão filogenética dos animais de sangue quente — quer dizer, exatamente o contrário da conclusão “científica” de uma determinada orientação teórica.

Acaso as florestas decíduas da Europa eram mais desenvolvidas do que as extremamente diversificadas matas tropicais e subtropicais? As orquídeas das zonas moderadas têm um maior “desenvolvimento ascendente” a apresentar em relação às das tropicais? As aves das florestas virgens da América Latina, por exemplo, permaneceram mais “atrasadas” em relação às da América do Norte? As milhares e mais de milhares de espécies de insetos (complexas em cores e formas, assim como os mais “simples”) dos trópicos também ficaram mais atrasada em relação a seus irmãos das zonas mais moderadas? Os cupins e as formigas cortadeiras de

folhas das zonas quentes, altamente desenvolvidos e que formam sociedades, são “espiritualmente” inferiores? Eles estão atrasados em relação a seus “colegas moderados” em termos de estrutura e entendimento? Seu cérebro ficou para trás no desenvolvimento? A pulga tropical é mais estúpida do que a europeia? Ou isso soa muito “inferior”? O cérebro das espécies de ratos e gatos, e outros grupos de animais, é relativamente menor, conseqüentemente menos desenvolvido, do que o das espécies de zonas frias?

Somente quem nunca viu os trópicos pode afirmar algo assim: é chegada a hora de as pesquisas sobre questões de tal amplitude levarem em consideração a totalidade do mundo vivo — e não se restringirem somente a espécies que “confirmem uma teoria” — além do ser humano com seu parente símio adotado!

“Se as condições de vida — como nos trópicos — variam pouco, desse modo os seres vivos permanecem mais ou menos inalterados. Se as condições florestais — como nas zonas moderadas — são submetidas a rápidas alterações, assim acontece uma “transformação filogenética” de forma explosiva”. É o que se ensina atualmente.

O pardal sul-americano permaneceu “mais parecido a uma ave primitiva” do que o europeu? A diversidade das cobras tropicais é mais “primitiva” do que a víbora ou a serpente de grama? Ou será que a minhoca das zonas quentes manteve melhor a “forma primitiva da minhoca” do que a do frio? O pequeno número de insetos que vivem nas regiões moderadas apareceu de forma mais explosiva do que os milhões de espécies dos trópicos? Encontra-se ali, em vez de formas modernas, somente as da Idade da Pedra? Ou o mundo vegetal nas regiões quentes permaneceu mais inalterado do que nas zonas moderadas?

Portanto, não se pode afirmar um atraso do mundo animal e vegetal nas zonas quentes em relação ao mundo vivo das regiões frias!

Mas ao defensor de tais teorias aconselho uma longa estadia nas florestas tropicais com a história natural prática: isso teria um efeito benéfico! Com floresta não estou me referindo a uma estadia num hotel de luxo de alguma cidade tropical! Não é uma questão de ter estado ou não nos trópicos, mas sim onde, quanto tempo e o que foi feito ali!

Floresta virgem para mim é somente lá onde os grandes predadores ainda vivem livres e selvagens!

Isso irá deixar claro para todos que, em regiões que não sofreram as condições devastadoras das eras glaciais, “antigas” formas de animais conseguiram se manter com mais facilidade do que em condições mais extremas contrárias à vida. Mas considerar que tais formas de animais, que excepcionalmente permaneceram em suas formas mais primitivas, ocorreram “em função da ausência do frio no seu desenvolvimento e por isso permaneceram em suas formas primitivas” seria uma falácia das maiores proporções. Essas formas não ficaram atrasadas; elas simplesmente continuaram aptas à vida e por isso se mantiveram. Nestas regiões convivem a idade antiga e a nova. O que foi eliminado pelas eras glaciais não pôde, naturalmente, continuar vivendo: nestas regiões mais atingidas, somente poderiam surgir novas formas — exceto a vinda de novos seres por meio de migrações. Nas primeiras, apareceu vida nova e as antigas permaneceram; nas últimas, a vida nova apareceu apenas depois do extermínio da vida antiga.

Zonas de clima quente ou frio não exercem influência sobre o surgimento de novas formas de vida. Cada ser vivo recebe em sua origem as capacidades necessárias que lhes possibilitem sobreviver em seu ambiente: o pássaro recebe asas e uma capacidade de construir ninhos apropriados; os mamíferos, uma pele protetora para o clima em que vivem — e de acordo com onde vivem —, até mesmo a capacidade de hibernar; o humano, as capacidades mentais e a capacidade de agir adaptado ao lugar em que surgiu — nunca demais e nem de menos. O Hotentote recebeu essas capacidades exatamente da quantidade suficiente que lhe era necessário à vida; o europeu também não recebeu mais do que lhe era necessário à vida.

Para os seres vivos das zonas moderadas, a questão era a seguinte: “proveite o curto tempo de verão”. Eles receberam as competências necessárias, as quais faltam para as espécies dos trópicos, pois são supérfluas. Todavia, isso não é um movimento uniforme. O coelho pode deixar as “coisas acontecerem”; já o hamster procura se prevenir.

Nunca tais características podem ser formadas resultado de “pressão das condições”: esta pressão somente os deixa atentos! As experiências de vida somente podem vir depois dos acontecimentos, de um inverno, depois da necessidade,

mas então já é tarde demais! Isso muitos teóricos, inexperientes, geralmente não percebem.

No ano de 1942, aconteceu no Brasil, excepcionalmente, um inverno duro e longo, se é que se pode falar de inverno aqui. Durante três meses estava frio. Isso ainda era suportável. Mas nevou: 40 até 80 cm de neve com temperaturas de 5 a 10 graus abaixo de zero. A onda de frio durou várias semanas. Todos os insetos congelaram ou se abrigaram em lugares que os protegiam. Os devoradores de insetos, entre os quais os pássaros, não encontraram alimento. Durante alguns dias esta necessidade foi suportável, mas não por muito tempo. Por toda parte foram encontrados pássaros mortos. De que adianta a esses pássaros a experiência de vida que tiveram?

Também as eras glaciais não devem ter chegado aos poucos, passo a passo, mas sim repentinamente e de forma terrível — mesmo que não imediatamente com toda sua força — sobre grandes áreas de terra. Nas regiões por elas atingidas também já devia ter ocorrido antes, como no Brasil, uma ou outra vez, alguma geadas, mas que depois de algumas horas já havia desaparecido e nos dias seguintes reinavam novamente temperaturas mais quentes.

O que o mundo animal devia ter feito naquela época? Também nada de diferente do que as aves atualmente no Brasil. Elas devem ter esperado até a neve novamente ter desaparecido, passaram fome e frio. Dia após dia, mas a mortalha branca não quer recuar. Salvar-se? Para onde? A direção precisa ainda ser “aprendida” por meio da experiência! E se o pássaro realmente iria voar para o sul salvador, de onde iria adquirir a força para a longa viagem, pois seu corpo já estaria enfraquecido pela fome? Uma tal onda de frio se estende por longas extensões. Se finalmente retornam as temperaturas mais quentes, aí já é tarde demais. O que não morreu de frio, morreu de fome.

Inicialmente, de maneira natural, os comedores de insetos irão desaparecer e somente irão se salvar os pássaros migrantes que já existiam. Os comedores de sementes ainda encontrarão alimentos por algum tempo a mais até quando o estoque suportar. Nada de diferente acontece com o mundo animal (mamíferos). Eles irão esperar por melhoras — o humano também não teria feito diferente. Os animais da época não deviam ter possuído mais conhecimentos. Abaixo da

neve retirada ainda se encontram alimentos, mas as plantas alimentícias tropicais estavam congeladas; a palha ficou preta. Apesar disso, ainda existem plantas suficientes que conseguiram resistir melhor e permaneceram verdes, mas será que são apropriadas aos animais?

Novamente, como todos os anos, surge a primavera. As plantas brotam, as sementes nascem, insetos saem de seus casulos e ovos, tudo volta a ser verde. O mundo animal respira aliviado, pelo menos os que conseguiram sobreviver. Das regiões sulinas retornam novos migrantes para as regiões esvaziadas. O mais difícil parece ter sido superado; em toda parte se mostra a vida nova. Mesmo um humano outrora teria acreditado que esta catástrofe, contrária a toda sua experiência, iria acontecer novamente? Pouco provável, e o mundo animal muito menos.

Ainda se está muito distante do inverno. Então! Totalmente inesperado e repentinamente tudo está novamente coberto por neve e gelo. Mais dura e longa é a dificuldade. Os animais que imigraram nos períodos do ano anterior devem ter morrido de frio e com eles muito mais. O mundo vegetal, que desta vez pôde surgir das sementes do ano anterior, deve ter sido exterminado. Como sempre, também deve ter vindo a primavera; novamente as plantas devem ter brotado, e as sementes, nascido; muitas espécies tropicais não mais devem ter aparecido. Muitos insetos e muitas espécies de animais não mais devem ter encontrado o alimento necessário e, por isso, se extinguido. Novamente devem ter vindo afluxos das regiões mais quentes do sul e o inverno deve ter vindo para exterminar tudo. Talvez depois de alguns anos pôde ter novamente surgido uma melhora passageira, para, depois de décadas de florescência, dar lugar para um período de frio mais intenso ainda. Estes períodos devem ter se alternado por diversas vezes, até finalmente a geleira triunfar. O mundo vegetal, e com ele o mundo animal, deve ter sido eliminado em grande parte. Somente poucos devem ter sido poupados; somente o que possuía resistência suficiente para suportar o frio permaneceu; nas lacunas apareceram animais do norte.

Animais que já antes possuíam hábitos de armazenar alimentos para o inverno devem ter permanecido, contanto que o estoque tenha sido suficiente. Aqueles que negligentemente não haviam se preparado o suficiente sumiram: isso foi o efeito do frio. Quem conseguiu suportá-lo sem uma preparação prévia e se

manteve, naturalmente permaneceu vivo, mas todos os demais sumiram. Uma migração em direção ao sul mais caloroso parecia altamente improvável; outrora isso devia ter acontecido tão raramente quanto hoje. Os animais que viviam no sul sobreviveram e puderam posteriormente migrar para o norte, mas jamais os animais eliminados do norte conseguiram migrar para o sul. É admirável como os teóricos conseguiram “desteorizar” esses fatos. Mas apesar de todas as teorias, os que nas eras glaciais puderam migrar do norte para o sul eram animais do norte já habituados com o frio: os mundos animal e vegetal surpreendidos pelas ondas de frio da Era do Gelo não chegaram a ter a oportunidade de passar para as gerações seguintes, por meio da genética, as mutações que poderiam ter sido provocadas pela triste experiência da fome e do frio. Somente se pode atribuir a este clima a capacidade de manter os aptos, e não a influência de construir essa aptidão à vida no frio.



## 5

### A VERDADE SOBRE A ADAPTAÇÃO

“Adaptação ao meio ambiente” também é uma palavra-chave que se ouve com frequência na teoria da evolução. Ela, nesta teoria estranha à natureza, devia ter contribuído significativamente para o desenvolvimento ascendente dos seres vivos. Já que este conceito frequentemente é formulado de forma falsa, quero esclarecê-lo brevemente: adaptação é, para cada ser vivo, alguns mais, outros menos, uma habilidade interior de se programar na medida suficiente para as mudanças do ambiente, de modo a manter a capacidade de vida, mesmo estando em condições adversas. Enquanto que ela em muitas espécies, até mesmo na maioria delas, se mantém em condições bastante restritas, parece que, em outras, o “onde” e o “como” não têm muita importância.

De forma semelhante à aquisição de uma temperatura sanguínea uniforme citada na seção anterior, parece que poucos quebraram a cabeça sobre como os seres vivos adquiriram ou herdaram essa capacidade e se isso está dentro dos limites do possível.

Como sempre e novamente se sabe que a explicação deve iniciar nos seres unicelulares e nos animais primitivos. Se a precondição não se aplica nesses seres, então este caminho não pode ser aplicado a nenhuma outra forma de vida e não pode ter ocorrido a evolução.

De acordo com os resultados da pesquisa atual, a vida deve ter surgido no mar. Água doce, portanto, rios e lagos, devem ter permanecido despovoados na época. Porém, construir uma real clareza sobre isso deveria ser completamente impossível.

Agora exatamente estes seres vivos inferiores (unicelulares, infusórios, entre outros) formaram uma exemplar capacidade de “adaptação”: eles aparecem por toda parte, mesmo nas águas mais insignificantes (calhas de chuva, buracos de troncos

de árvores, etc.); por toda parte há vida, desde que haja água. Contudo, esta alegria muitas vezes é de pouca duração. Em pouco tempo essa água evapora, e a vida morre. Mas depois de uma chuva, o que aparentemente morreu se tornou novamente vida. Como isso foi possível?

Estes seres vivos puderam constituir “formas duradouras” (criptobiose) que, aparentemente mortas, conseguiram “sobreviver” à maior seca, sendo frequentemente transportadas como pó pelo vento para outros lugares. Nesta condição elas dormem até que uma precipitação as acorda novamente. Esta morte aparente pode durar dúzias, talvez centenas, senão milhares de anos. Comparado com a curta duração do tempo de vida destas criaturas, isso é um período incrível.

De acordo com as regras da teoria da evolução, não pode ser aceito que uma “adaptação” deste tipo, o ressecamento (proteção contra o extermínio por meio da constituição de formas duradouras), já tenha estado presente desde o início nos seres unicelulares. Mas a questão é como se formou esta capacidade de extrema necessidade à sobrevivência?

Para animais marítimos ela era completamente supérflua, pois deve ser estabelecido de antemão que os oceanos não secavam. Não pode ter acontecido que a natureza construísse um tal mecanismo para estas minúsculas partículas de seres vivos somente porque eram arremessadas por tempestades e permaneciam em poças fora do mar: hoje centenas de milhares de peixinhos de “forma superior” morrem desta maneira, sem que consigam construir uma forma duradoura.

Para uma cabeça “talentosa” — e isso os peixes sem dúvida são em relação aos inferiores unicelulares — um tal mecanismo necessário para a vida teria de acontecer muito antes. Será que não é preciso duvidar da racionalidade dos peixes, que, apesar de toda experiência de exatos meio bilhão de anos, ainda não conseguiram uma “adaptação”, que mesmo para irracionais unicelulares foi bem natural?

Provavelmente o teórico do desenvolvimento iria rebater afirmando que esta capacidade dos unicelulares “excepcionalmente” já lhes era própria desde os tempos da geração primitiva. Todavia, uma tal suposição contradiz completamente a teoria da adaptação defendida por eles. Se existisse uma “adaptação” no sentido defendido, a característica do ressecamento que foi adquirida por meio da geração primi-

tiva, para animais que vivem nos oceanos, seria uma capacidade completamente inútil. Mas levando em consideração a teoria da vestigialidade (*Rudimentstheorie*), que também é defendida tenazmente, há tempos iria considerá-la desnecessária e seria desfeita para dar lugar a uma capacidade mais “adaptada”.

Ou esta capacidade apenas foi adquirida quando os unicelulares passaram a povoar também rios e lagos? Mas como então, de que modo?

Se de fato a adaptação ocorre, ou se o meio ambiente é capaz de transformar a genética, então indubitavelmente se tem como pré-condição de que estes seres vivos efetivamente vivem neste meio. E, acima de tudo, deve-se supor ainda que estas novas condições ambientais sempre atuem sobre a genética do mesmo jeito, de modo que cada nova geração possui o tempo e a oportunidade de se adaptar cada vez mais a essas novas condições ambientais.

Apenas se o que foi citado acima realmente for verdadeiro, poderá ocorrer, teoricamente, uma possibilidade de os seres surgidos das mutações, diante da pressão das novas condições ambientais, sobreviverem melhor do que os que não sofreram essa mutação. Os mutantes mais bem adaptados, e que constantemente continuam recebendo mutações, poderiam então, em teoria, ultrapassar os que seguem a forma original de sua espécie e inibi-los, de maneira que, com tantas perdas, estes irão retroceder cada vez mais, até, por fim, extinguir-se.

O andar de uma tal evolução somente poderia ter acontecido da seguinte maneira: depois de uma forte chuva, os riachos e rios saíram de seus leitos. No recuo do rio, permaneceram por toda parte pequenas poças de água com inúmeros seres unicelulares. Nas condições tropicais da época, que, conforme já citado acima, se estendiam uniformemente por quase toda Terra, estas poças de água secaram rapidamente — assim como hoje ainda acontece. Com o desaparecimento da água necessária à vida, sumiu também a vida diversificada que existia ali dentro. No solo seco permaneceu somente um pouco de poeira, que o vento varreu. Nenhuma árvore, nenhum arbusto protegeram do sol escaldante. A primeira vegetação terrestre devia ter surgido apenas 200 ou 300 milhões de anos depois.

Como a adaptação pôde “trabalhar” neste contexto? O meio de vida dos pequenos seres se contenta com pouquíssima água. Desse modo, até praticamente na última

gota de água havia um espaço vital disponível. Apenas com o desaparecimento desta é que surgiram repentinamente “novas condições de vida”. Mas somente nas sombrias encostas íngremes das margens, onde raramente se formam poças, o mundo vivo teria se mantido durante tanto tempo. Nos lugares abertos, a água aquecida pelos raios solares tropicais já teria devastado tudo.

Supondo que estas condições alteradas do meio ambiente e da vida, aqui portanto uma areia seca e quente em vez de água fresca, iriam produzir uma “alteração dos genes”, de modo que teoricamente na próxima geração já poderiam ser formados mutantes apropriados a estas novas condições ambientais, esta “mudança genética” pode ainda ter algum valor para a espécie em questão?

Jamais! Uma alteração deste tipo, mesmo que surgisse, o que provavelmente não aconteceria, seria totalmente inútil, pois os animais ancestrais da espécie sempre iriam morrer antes que essa alteração se completasse. Um ser vivo morto, sabidamente, apesar de todas as “exceções”, nada mais pode transmitir como herança genética. Se este procedimento se repete milhares ou milhões de vezes, jamais nenhum dos seres vivos atingidos irá sobreviver a esta mudança. Os conhecimentos, as experiências, alterações, entre outras coisas adquiridas, jamais podem servir ao mundo posterior. Todavia isso muitas vezes é ignorado, não entendido: coisas e experiências da vida prática, da realidade dos fatos frequentemente não encontram espaço no estreito prédio construído teoricamente.

Somente quem não teoriza a natureza, mas a vive, consegue enxergar: os seres unicelulares que permaneceram vivendo nos lagos e rios sabem tão pouco das catástrofes ocorridas fora de sua área, assim como nós sobre o que acontece em outros planetas. Mas certamente os animais na época não se comunicavam via rádio. Portanto, mutações preventivas ocorridas antes mesmo das catástrofes acontecerem devem ser excluídas. O mesmo é válido, de modo um pouco diferente, mas parecido, para os perigosos seres unicelulares (bactérias) como o antraz, etc., que sobrevivem dúzias de anos em estado ressequido.

A capacidade de sobreviver de forma ressequida somente pode, se se supõe um “desenvolvimento progressista”, ser “adquirida” ou “mutada” correspondentemente às condições do meio ambiente. Não tem importância nenhuma, aqui, se isso aconteceu por meio de mutações, seleção natural ou algo parecido. Mas ressecar



significa a morte dos seres vivos ainda não “adaptados” a isso. Mortos, todavia, não podem transmitir herança genética. Por isso esta capacidade não pode ser adquirida por meio de adaptação. Disso se conclui o seguinte: a capacidade de sobreviver com o ressequimento, entre outras coisas, por meio da constituição de formas duradouras, precisa ter acontecido nos seres unicelulares já antes do surgimento destes acontecimentos devastadores. O que se admira neles como “capacidade de adaptação” não tem nada a ver com adaptação adquirida.

De acordo com a teoria da evolução, a partir destes unicelulares, se desenvolveram os crustáceos depois de passar por algumas formas intermediárias. Como isso pode ter acontecido? Sobre isso ainda não temos uma resposta racional.

Atualmente sabemos somente uma coisa: no tempo do Eozoico, há cerca de um bilhão de anos, houve repentinamente uma grande diversidade de crustáceos, radiolários, esponjas, corais, caracóis, vermes, entre outros, e isso é especialmente admirável.

De onde vieram? Como se constituíram? Como pode todos os filos principais dos invertebrados com muitos subfilos? Por que todos já possuem características altamente especializadas? Por que os vermes de outrora já apresentam semelhanças evidentes com as formas atuais? Por que naquela época já havia gigantes na microfauna, como caranguejos trilobitas de ½ metro de comprimento? Por que afinal surgiram estas formas? Onde estão as fantásticas formas intermediárias? Por que seu aparecimento repentino não cabe de forma alguma na “progressiva/etapista” teoria da evolução?

A palavra-chave preferida “adaptação” fracassa aqui totalmente. As “condições alteradas do meio ambiente” não podem dar justificativas: oceanos são e permanecem oceanos! Em seu interior vivem ainda hoje incontáveis quantidades de unicelulares em incríveis números de espécies. Sim, eles formam agora ainda o único fundamento de toda fauna marítima: sem eles a diversidade e as diferentes estruturas da vida dos animais marítimos iriam morrer imediatamente. Hoje os unicelulares ainda são as formas mais aptas do mundo vivo. Nenhum ser vivo mais desenvolvido que apareceu posteriormente está mais bem adaptado do que eles!

Se adaptação ou aptidão para a vida fosse o único determinante, hoje existiriam somente unicelulares!

As condições do meio ambiente saem completamente das contas, pois elas são constituintes de todas as formas de vida que lá apareceram e ainda irão aparecer. Todos os seres que vivem no mesmo espaço têm seu progresso assegurado, utilizam de forma útil suas características e capacidades.

Não se pode atribuir às relações do meio ambiente e às condições de vida a influência tanto de alterar formas existentes quanto de fazer surgir novas formas!

Então talvez por meio do isolamento de determinadas partes dos seres vivos de outrora tenha ocorrido um desenvolvimento separado com a formação de diferentes novas formas? Essa é uma “suposição” que anda por aí nas teorias estranhas à natureza, em relação ao desenvolvimento da fauna e flora dos países?

Pois bem, creio não estar afirmando demais, embora não possa “provar”, ao explicar que também antigamente os oceanos não estavam separados por meio dos “gases de Miller” em “células isoladas” ou campos de experimentos: na época não existiam, assim como hoje, barreiras intransponíveis. Correntes frias e quentes não entram em questão, porque a “adaptação” ocorrida ao longo de milhões de anos teria superado este tipo de detalhes. E mesmo partindo do pressuposto de que este equívoco seja correto, ainda assim haveria 3 ou 4 “campos de experimentação”, cada qual com uma espécie.

Assim resta somente a “seleção natural”. Mas quem deve ter feito esta escolha? O meio ambiente e suas condições de vida?

Ah, céus! Ele irá agradecer da melhor forma possível pelo trabalho que lhe foi empurrado. Ela realmente tem outras preocupações e verdadeiramente liga pouco com tudo o que lá vive e pretende viver!

Sob as mesmas condições ambientais e de vida, atualmente ainda vivem desde todas as formas de minúsculos microscópicos unicelulares até baleias gigantes de 36 metros de comprimento e 150.000 quilos. Neste caso, não é ridículo falar de mudanças na forma condicionadas ao meio ambiente? Como ainda se pode acreditar que minúsculas alterações corporais determinam o ser do não ser de alguma espécie?

A vida pulsando eternamente está subjugada a bem outras regras do que aquelas que filosoficamente são destrinchadas numa mesa de escritório e que provocaram aplausos entusiásticos de ouvintes que igualmente desconhecem a natureza!

Então talvez “luta pela sobrevivência”? Bonito, querida tia, como poderia ter ocorrido enquanto só havia uma espécie, a propósito, os unicelulares e seus descendentes? Esta somente poderia acontecer depois que o mar, em consequência de uma superpopulação, não mais pudesse oferecer espaço vital suficiente: mas com isso, o que iria acontecer antes seria a extinção das antigas espécies primitivas menos aptas; jamais se formariam espécies novas!

Se hoje em dia os ratos se reproduzem de maneira muito rápida, no máximo o excedente sucumbe — e primeiramente os mais frágeis, mas nunca se transformam em gatos! Outrora também não pôde ser diferente. Ou será que devemos supor novamente uma das inúmeras famosas “exceções”?

O eficiente teórico da evolução naturalmente irá evitar “de forma bastante lúcida” tais penhascos perigosos e utilizar a “seleção” somente quando já existiam milhares de espécies diferentes. Mas não dá para começar a construção de uma casa fazendo o telhado. Primeiro os fundamentos e daí o restante! Ou ali existe para a teoria do desenvolvimento novamente uma de suas tão frequentes “exceções”?

Mas mesmo supondo o inexplicável, natural, único e excepcional surgimento de milhares de diferentes unicelulares em espécies pacíficas, a partir das quais do mesmo modo natural e inexplicável evoluíram as espécies predatórias, como pode ter acontecido a luta pela existência e, com isso, a seleção?

Certamente está claro que as espécies predatórias mais bem adaptadas somente se formaram, sob “pressão das condições”, quando a existência da forma primitiva passou a ser ameaçada. As espécies predatórias “mais bem adaptadas” então tiravam os alimentos diante do nariz de todas as espécies pacíficas de unicelulares menos adaptadas, de modo que nada lhes sobrasse e elas morressem de fome.

Mas por meio desta perseguição, também os unicelulares primitivos, que teoricamente seriam inferiores a estas espécies predatórias, teriam sido extintos e, com eles, os próprios predadores que surgiram a partir delas. Mas hoje todas as formas ainda convivem: como isso pode rimar? Se os unicelulares pacíficos, apesar de

toda perseguição, não se extinguíram, então eram mais aptos à vida do que seus inimigos por eles mesmos formados. Então esta criação não era necessária! Mas se a falta de alimentos não pode ser considerada como decisiva, quem então realizou esta escolha entre as espécies predatórias? Ou será que foram seus inimigos naturais, que na época ainda nem existiam?

Se foi a natureza, a luta pela existência por meio de seleção natural dos mutantes que produziu, considerando os unicelulares originais, os altamente desenvolvidos crustáceos, vermes, corais, etc., então indubitavelmente é preciso partir do pressuposto de que estas formas de vida formadas por meio de uma tal seleção natural precisavam ser mais aptas do que os demais de sua espécie. Esta pressuposição teórica, contudo, não acontece na vida prática.

Embora os unicelulares, que compõem a parte principal dos assim chamados plânctons, há muitas centenas de milhões de anos estejam expostos aos maiores perigos e perseguições — afinal, tudo e cada animal marítimo se alimenta destes pequenos seres vivos —, mesmo assim ainda hoje os mares continuam repletos destes seres e sua força vital permanece ainda hoje intacta.

Mas muito do que se formou a partir destes unicelulares posteriormente há tempos foi extinto do mundo vivo sem deixar qualquer rastro. Trilobitas, a esponja *stromatoporoidea* e os corais primitivos já se extinguíram há cerca de 300 milhões de anos antes de nosso tempo e de muitos outros grupos ainda há alguns tristes restos. Entretanto, os unicelulares formam ainda hoje o fundamento da vida: se eles fossem mais inaptos à vida do que as formas de novos seres vivos surgidas posteriormente, teriam sucumbido e, com eles, todo o resto. Os mares estariam hoje estéreis e vazios.

Novas formas de vida não surgem porque o meio ambiente e a luta pela existência as condicionam, mas porque um mundo vivo já existente possibilita suas existências!

Depois de outros 500 milhões de anos apareceram os primeiros animais vertebrados: peixes cartilaginosos com blindagem (placodermos) e sem blindagem. Também seu surgimento não foi condicionado pelas relações ambientais nem pela luta pela existência. O meio ambiente era tão favorável aos seres vivos já existentes como nunca antes!

Quando os peixes cartilagosos apareceram (este grupo ainda hoje encontra representantes), as trilobitas, entre outras, contavam com 1.400 espécies conhecidas, e os braquiópodes, com 2.500, estavam no seu auge; nos primeiros já se havia chegado à formação de grandes olhos líquidos com 15.000 facetas! Uma formação do peixe cartilaginoso por meio da “luta pela existência” também não era possível, pois não havia ninguém neste momento que pudesse fazer a arrumação entre os crustáceos, etc.! Ainda não existiam “inimigos naturais” — exceto doenças — para eles: estes apareceram-lhes apenas no novo surgimento dos peixes cartilagosos!

Quando se toma como base as lições da teoria da evolução — como luta pela existência, seleção, mutações, etc. —, então se chega a um resultado bastante curioso: que um mundo animal, para sobreviver na luta pela existência, gera descendentes por meio de mutações, os quais por sua vez precisam se alimentar de seus antepassados e, por meio disso, contribuem para seu extermínio mais rápido.

Mas se a forma original, de seus antepassados, não for exterminada, apesar deste aumento da perseguição, isso comprova que as condições ambientais da forma original lhes eram bastante favoráveis, e disso se conclui, clara e inequivocamente, que, do ponto de vista dos seres vivos mais antigos, não havia razão para uma alteração em sua forma e para a formação de um novo grupo animal e de uma nova espécie. Com estas lições, que soam tão eruditas, a teoria da ancestralidade acaba se movendo em círculos!

Jamais um meio ambiente favorável para uma forma original pode provocar uma “seleção natural” nem lhes provocar uma mutação inimiga!

Desse modo, surge a curiosidade que uma teoria foi pensada para comprovar a “evolução” da diversidade da vida, mas que acaba “comprovando” a impossibilidade disso: verdadeiramente! Não há mais as condições de seguir a lógica da teoria do desenvolvimento.

O europeu, mesmo estando nos trópicos africanos, ainda permanece branco, e o negro, na Europa, escuro. Mesmo no esquimó, que vive no extremo norte, ainda não cresceu uma pele natural que o aqueça no frio. Pulgas, percevejos e piolhos em nenhum continente alteraram suas formas e cores. O pardal, tanto na América do

Sul quanto na do Norte, também permaneceu o velho pardal. Moscas, besouros e outros cosmopolitas se sentem bem em toda parte em suas velhas roupagens e, certamente, não apresentavam necessidades de “alterações em sua forma”.

Também a abelha melífera não ansiou por uma moda nova. Os coelhos levados para a Austrália ainda não se transformaram em cangurus. O dente-de-leão, o sabugueiro, a camomila, entre outros, também nos subtrópicos mantiveram sua antiga estrutura. Insetos de todas as zonas são transportados ou intencionalmente levados pelos humanos para outros continentes e lá também mantêm sua antiga forma preservada, se é que realmente possuem a capacidade de adaptação às novas condições.

Mesmo o humano, que da Europa emigrou para regiões bem diferentes, sejam elas tropicais ou subtropicais da América do Sul, não alterou nem sua cor e nem sua forma. Mas, em vez disso, ocorre uma adaptação corporal em seu interior, pois a mudança, caracterizada por fenômenos climáticos de formas bem variadas, algumas em formas mais, outras menos difíceis, precisam ser superadas antes que o humano tenha se “adaptado” completamente. No entanto, em sua forma puramente exterior, o “adaptado” não se diferencia do “não adaptado”. Uma alteração corporal então neste não pode ser concluída.

Mesmo as condições ambientais das mais contraditórias não causam alterações corporais visíveis. A adaptação — caso seja mesmo possível — é um processo interno invisível. Seres vivos que não possuem uma predisposição para uma tal mudança sucumbem nas condições alteradas.

Se existisse uma capacidade de adaptação que levasse a alterações corpóreas visíveis, toda a vida na Terra seria composta por somente um tipo de plantas inferiores (unicelulares): a diversidade da vida seria impossível!

“Mas existem exemplos para alterações corpóreas visíveis que são provocadas por condições ambientais” é reiteradamente mencionado pelos teóricos do evolucionismo. “Existem alguns tipos de plantas que, quando transpostas das planícies para as regiões montanhosas, apresentam uma forma de folhas diferentes, a chamada forma montanhosa. Ou, no mundo animal, o caranguejo do fundo do mar japonês (*Cyclodorippe uncifera*), de cujas larvas pode nascer uma forma de vida que

é cega, a das profundezas, ou, ocasionalmente, uma forma com olhos, que é a do mar raso” — será argumentado pelo apóstolo da ancestralidade.

Então ficamos boquiabertos de tanto espanto: os “líderes da comprovação” simplesmente confundem aqui, sem mais, a “adaptação” com “capacidade de múltiplas formas” e jogam tudo na mesma panela! Não é de se admirar se o prato simplesmente permanece indigesto!

Cada ser vivo, em cuja morfologia estão previstas duas ou mais formas, irá desenvolver a que melhor sirva de acordo com o lugar em que ele cresça. Isso não é uma adaptação, mas sim uma capacidade herdada, que, de acordo com influências externas, irá desenvolver a forma mais acertada das formas possíveis: ao prevalecer a surgida nas montanhas, a das planícies é sufocada em favor da primeira; nas larvas do caranguejo das profundezas é necessária a luz para a formação dos olhos, os quais desaparecem na escuridão das profundezas. Isso não é uma adaptação, assim como os cabelos grisalhos não são, nos humanos, uma adaptação para a idade avançada.

Seres vivos que não possuem a disposição de assumir diferentes formas, mesmo tendo seu hábitat nas montanhas, jamais irão apresentar a adaptação para as formas das montanhas. Da mesma maneira, as formas cegas, que não possuem esta condição para mais formas, mesmo com muita luz, não irão ter olhos: quem não acredita, deveria fazer a experiência para ver os resultados.

Além disso, a multiformidade é um mecanismo que não se encontra somente nos mais diversos seres vivos, mas também em “matérias inanimadas”, por exemplo, em cristais, água, vapor, gelo-neve, e assim por diante. A formação de trabalhadores, soldados, reis e rainhas de cupins, entre outros, as pelagens de acasalamentos e de viagem dos pássaros, a pele de verão e de inverno nos animais, e até a bissexualidade entre humanos, são associadas, em certo sentido, a este aspecto. Somente uma visão encurtada por teorias impede o reconhecimento disso.

Na morfologia de alguns seres vivos está prevista mais do que uma forma, cuja formação depende de algumas influências externas. São os hormônios que conduzem a este procedimento; estes, por sua vez, são conduzidos por influências externas.

Além de uma invisível adaptação às condições do meio ambiente, que não encontra limites para os seres vivos que possuem a capacidade para isso — o mesmo ser humano pode viver nas regiões polares e nos quentes trópicos —, há também uma influência do ambiente sobre a disposição, o espírito e as capacidades mentais. Grande calor, especialmente quando é duradouro como nas planícies tropicais, gera flacidez sobre o espírito e o corpo. Frio intenso tem um efeito adormecedor. A paisagem das montanhas tem efeito diferente sobre a disposição do que a infinita estepe sem árvores. A costa marítima difere da tranquila paisagem composta por lagos. A floresta virgem difere dos parques. A cidade grande difere das vilas, etc., etc. As relações climáticas podem influenciar passageiramente de forma intensa as forças espirituais. Dias nebulosos têm efeito diverso dos dias de sol. Uma brisa suave ao som dos pássaros age de forma diferente do que uma tempestade intensa. Clima quente antes das tempestades é diferente do frescor depois da tempestade, etc.

Mas não se pode atribuir uma real influência do meio ambiente e do clima na formação das espécies!

Tais influências nunca podem agir dessa maneira, mas podem ser degenerativas somente lá onde são contrárias à natureza, como numa cidade grande. Se não é possível atribuir uma influência das condições do meio ambiente na formação das espécies e das formas, será que podemos confiar isso às condições de vida?

Alguns dos exemplos elencados acima negam esta possibilidade. Uma repetição seria desnecessária. Por isso, somente alguns exemplos a mais: piolhos e pulgas vivem sob as mesmas condições de vida, a saber, nos humanos e nos animais. Apesar disso, a pulga possui um temperamento bem mais ativo do que o lerdo piolho, e todos têm sua própria “história de evolução”. Até mesmo uma espécie de besouro (*Staphylinidae*) vive igualmente como a pulga em ratos e camundongos. Um modo de vida parecido também é seguido pela família de besouros *Platypyllidae* na pele dos castores. Apesar das mesmas condições de vida, das mesmas condições ambientais, da mesma luta pela existência, e apesar dos muitos milhões de anos, a pulga já vivia em sua atual estrutura nos tempos da floresta de âmbar (*Bernsteinwald*), ou até mesmo antes. O piolho ou os besouros ainda não se transformaram em pulga, nem sequer os menores “indícios” são perceptíveis, apesar da intensa procura dos teóricos do evolucionismo.

A ausência de “alterações climáticas” ou de “trópicos” também não pode ser responsabilizada por este retrocesso, pois estes animais aparecem também nas zonas frias.

A atual pulga é resultado de, no mínimo, 100.000.000 de gerações iguais ou muito parecidas. Nesta incrível sucessão de gerações, as condições de vida, e assim por diante, não conseguiram “igualar” minimamente as espécies em questão. Mas o ser humano, teoricamente, em apenas algo em torno de 5.000 gerações, “mutou” do pré-primitivo-macaco até o humano. As coisas são um pouco desiguais para parecerem críveis!

No caso das larvas de abelha e da traça, igualmente as formas intermediárias não querem aparecer, apesar de terem vivido nas mesmas “condições de vida” no favo de mel, ao qual elas se “adaptaram” de formas diversas. Numa mesma poça de água vivem larvas de moscas, besouros e suas larvas, larvas de mosquitos e diferentes infusórios sob as mesmas condições de vida, mas cada um destes seres vivos é capaz de se utilizar de forma diferente desta mesma fonte de vida em comum.

Num mesmo tronco de árvore vivem simultaneamente larvas do escaravelho de longhorn de tamanhos grandes e pequenos, os que possuem formas alongadas semelhantes às de libélulas e também os que são mais curtos, aqueles que apresentam um formato redondo, e outros que são de um tipo mais alongado, aqueles de uma cor chamativa, e outros de cores mais discretas; junto ainda estão as larvas de *Lymexiden*, que se assemelham a um verme, diversas espécies de besouros de casca; sem falar das larvas de moscas e mosquitos. As mesmas condições de vida servem a esta diversidade de formas do tamanho milimétrico, num espaço de algumas dúzias de centímetros de comprimento! E não somente o tamanho mas também a cor e o desenho destes tipos de famílias e espécies apresentam enormes diferenças.

Sobre a mesma planta vivem e se desenvolvem pulgões, cochonilhas de escama, vespas-das-galhas, piolho-da-poeira (*Valenzuela flavidus*), cigarras, gafanhotos, percevejos, besouros e borboletas das mais diversas espécies e formas; com isso também líquens, musgos, cogumelos e outros tipos de planta. No excremento de cavalo, da mesma forma, tanto besouros quanto moscas e ácaros encontram suas promissoras condições de vida.

Da mesma maneira, crescem os mais diversos tipos de gramas e flores, que são ceifadas, colhidas, adubadas e cuidadas. Na mesma lavoura, no mesmo ar e clima, com a mesma luz solar e a mesma chuva, que além disso ocorrem no mesmo tempo e da mesma forma, se aduba, se ara, se gradeia, se ceifa e se colhe. Ademais, ali crescem, ainda assim, além dos cereais, também as centáureas, a candelária (*Agrostemma githago*)\*: apesar de todas as semelhantes condições, nestes não querem se desenvolver os recursos teoricamente necessários para se transformar centeio e trigo.

Como é possível que as teorias não levaram tudo isso em consideração? Provavelmente a causa está nas dificuldades de um correto estudo da natureza em condições naturais e no estudo teórico realizado em ambientes não naturais. É disso que provem esta dificuldade.

Se existisse uma adaptação que agisse sobre a alteração das formas, todos os seres vivos sob as mesmas “condições de vida” teriam de apresentar hoje as mesmas formas e cores. O mesmo caso seria se fosse juntada às “condições de vida” ainda uma força de seleção em relação a esta extravagância: jamais a vida poderia ter se formado em tal diversidade estrutural; o que já estaria formado seria remodelado para uma forma unitária.

---

\* Nota do tradutor.



## 6

# DOENÇAS E SELEÇÃO NATURAL

Já que, mesmo assim, seria preciso considerar no campo das possibilidades o fato de que doenças receberiam uma certa importância no “processo de seleção” da natureza, então, por segurança, seria necessário abordar do mesmo modo este aspecto.

Sem mais, está claro que neste sentido as doenças de natureza leve são imediatamente excluídas: dentes defeituosos (*Stockige Zähne*) e calos (*Hühneraugen*) não terão grande influência no decorrer da “luta pela existência”, da “seleção natural” e do “desenvolvimento ascendente”.

Somente entram em questão tais doenças que, via de regra, causam enfermidades ou a morte. Mas estas somente podem apresentar um resultado considerável se apresentam uma relação duradoura com o número da população da espécie em questão ou se frequentemente retornam com altas cifras de mortalidade. Doenças “raras” não têm qualquer significado.

Problemas hereditários e abortos que, direta ou indiretamente, conduzem ao extermínio dos envolvidos também não são determinantes: se a raposa captura primeiramente o coelho manco, isso não é um sucesso de seleção por doenças, mas somente uma forma de eliminar naturalmente um ser vivo deficiente por uma doença. A causa da claudicação, seja ela herdada ou acidental, ou o sofrimento reumático não têm a menor importância para a raposa.

Somente nos casos em que o sofrimento reumático for adquirido por meio de exposição leviana ou descuido no que diz respeito a influências climáticas (não escolher lugares protegidos) a doença poderia significar um indireto fator da seleção — eliminação dos menos inteligentes. Pois a natureza oferece a cada ser vivo que possui alguma necessidade a capacidade de encerrar as influências maléficas — uma forma para as plantas ocorre por meio da queda das folhas e o descanso do

inverno; nos seres vivos animais, por meio de capacidades mentais para encontrar lugares protegidos. Já a não utilização dessas capacidades significa uma contravenção contra as leis naturais, o que será devidamente castigado.

Desse modo, somente restam aquelas doenças que representam o ataque de seres vivos vegetais ou animais menores sobre seres maiores e, geralmente, mais organizados. Isso acontece principalmente, portanto, pelas assim chamadas doenças infecciosas.

Como representante vegetal deste tipo de doença está também a melada. Assim o oídio (*Uncinula necator*) muitas vezes já devastou toda a colheita de grandes áreas. Ele, e igualmente seus parentes, não fazem diferença entre videiras “fracas” ou “fortes”, mas eliminam tudo o que conseguem alcançar.

Da mesma forma, os fungos ferrugem — entre eles, os *pucciniales* (*Puccinia*) e os fungos ardentes (*Ustilaga*) — atacam sem escolha dos “mais aptos”. Caso fosse diferente, nossos produtores de sementes iriam ser capazes de tirar vantagem deste tipo de “poder da seleção”. Se quisermos atribuir a tais doenças este “poder”, mesmo que pequeno, então somente poderia ser encontrado em maior ou menor frequência nas espécies de cereais suscetíveis, que correspondem aproximadamente ao surgimento das raças de humanos. Mas isso iria significar, levando em consideração diferenças maiores do que realmente existem, uma seleção entre tipos, mas não entre seres vivos isolados, no caso, plantas.

Não diferente é a condição do fungo da batata (*Phytophthora infestans*), que atinge tudo o que consegue encontrar pela frente. Em relação a ele, somente poderíamos falar de uma “seleção de tipos”, e não de plantas isoladas “mais aptas à vida” ou de “as mais aptas à vida”. Mas se, todavia, esse “poder de seleção” for analisado mais de perto, ficará evidente que ele nem existe. Estas doenças somente diferenciam plantas jovens de adultas e de velhas. Plantas adultas, no auge de sua força vital, apresentam grande resistência; plantas jovens e velhas são afetadas muito mais rapidamente pela doença. Sabidamente, cada tipo de batata possui tempos de desenvolvimento diferentes; existem cultivados de maneira mais prematura e os mais tardiamente. O maior poder do fungo da batata ocorre em determinada época do ano. Se a infância de um tipo de tubérculo ocorre exatamente nesta época perigosa, assim a doença lhe aparecerá devastadora. Mas se variedades suscetíveis

forem plantadas tardiamente, de modo que na época crítica estejam no auge de sua força, no momento em que sua idade ainda não enfraqueceu, isso diminui o “mecanismo” da “tendência ao adoecimento”. O mistério está resolvido. A doença não “prioriza” nenhum tipo em determinada medida. Só lhe interessa o estágio jovem, adulto ou velho; o tipo em si é relativamente indiferente. Relações semelhantes devem aparecer em muitas outras doenças.

Outra doença conhecida que está presente entre insetos é a cria pútrida das abelhas melíferas (*Bacillus alvei*), a qual, como o nome já diz, ataca as larvas das abelhas, levando-as à morte. Visto que é contagiosa, como, aliás, são todas as doenças infecciosas, ela pode levar à ruína classes inteiras de abelhas, caso seja negligenciada e não for tratada com os cuidados necessários. Nos favos atacados, encontram-se vez ou outra larvas saudáveis isoladas. Todavia, ainda precisa ser conferido se essas larvas são “imunes” ou somente não foram contaminadas pelo agente.

Mas mesmo que aqui se trate de “resistência” das larvas em questão, a “seleção natural” seria em vão: a população de abelhas, que depende de uma determinada quantidade para sua existência, mesmo assim iria extinguir-se. Ainda que a praga não elimine a última cria, estaria consagrada à decadência. Abelhas predatórias invasoras de outras colmeias iriam dominar os pequenos restos, saquear o enxame e ao mesmo tempo levar a “mercadoria”, junto com a praga, para sua própria colmeia saudável, que, depois de pouco tempo, novamente iria se despovoar. Assim elas próprias seriam novamente vítimas de outras abelhas predatórias, que por sua vez iriam levar à morte para suas colmeias, e assim sucessivamente.

A muito temida nose-mose, que atingia as lagartas da seda, causou pânico entre os produtores e somente perdeu seu poder quando se aprendeu a identificar os ovos na desova das borboletas produtoras, o que possibilitou excluir os ovos da borboleta doente (o exame microscópico necessário para o diagnóstico só pode ser feito em borboletas mortas esfareladas.) Se se tratasse de um “processo de seleção” da natureza, que somente deixaria a vida mais forte, seria fácil aos criadores dominar a doença, sendo que tal processo usaria somente as borboletas mais fortes para a criação. Mas a prática ensina que as coisas não são assim.

Aqui pode ser citada também a doença do topo das árvores (*Polyedrie*), que acometeu as lagartas de borboletas. Um exemplo: entre os anos 1922 e 1924, foram

devastadas as excelentes florestas de abetos da região das cordilheiras baixas da Bohemia pelas larvas de borboletas. Pelo menos 100 anos irá demorar, até que, por meio de reflorestamento, a floresta retorne ao seu estado anterior. Em muitos lugares as enchentes nas montanhas íngremes desmatadas oferecem grandes dificuldades para o reflorestamento, ou até mesmo o impossibilitam totalmente.

Já no ano de 1921, iniciou-se uma forte reprodução das lagartas de borboletas, porém, seu combate por parte dos humanos não foi realizado. No ano seguinte, sua multiplicação já estava tão adiantada, que em junho as florestas estavam com suas folhas completamente comidas e os abetos estavam secos, como esqueletos entregues à morte apontando em direção ao céu. Então, em poucos dias, a catástrofe se abateu sobre as lagartas. Antes disso, certamente muitos milhões já passavam fome, contudo, isso era um acontecimento insignificante. Mas agora o bacilo da doença dos topos das árvores atacou os rebanhos de lagartas. Em poucos dias, a maioria da população de lagartas estava devastada. Em algumas partes isoladas da floresta, nas quais a praga ainda não havia avançado, as lagartas permaneceram saudáveis; as que viviam esparsas sobre as árvores de folhas secas foram preservadas da eliminação.

Estes restos foram suficientes para, no ano de 1923, causar uma praga de borboletas talvez até mesmo maior. As partes da floresta, que no ano anterior ainda não haviam sido eliminadas, acabaram morrendo. Desta vez as lagartas adoeceram mais cedo. A morte em massa pôde ser vista por toda parte. Todavia, permaneceram suficientes para no ano seguinte trazer novas legiões para a luta. A fria primavera do ano de 1924 foi muito desagradável para as lagartas; elas adoeceram ainda mais cedo e, mesmo aquelas que viviam nas árvores secas, morreram. Somente alguns casulos chegaram ao desenvolvimento. A praga das borboletas estava vencida, mas a floresta já havia sido devastada: 200.000 hectares morreram.

Em relação ao mundo vegetal, a praga das lagartas nada mais é do que uma doença, da mesma forma que as verminoses o são nos humanos, especialmente quando se trata de infestação de vermes intestinais. Disso resulta o fato supostamente bastante estranho de uma doença ser eliminada por outra, esta devastadora.

Este exemplo demonstra de forma especialmente clara que, mesmo doenças que se apresentam como epidêmicas, não possuem um “poder de seleção”. As lagartas

não diferenciam entre os abetos mais fracos e os mais aptos à vida, a praga das lagartas tampouco selecionou entre forte e fracos: tudo o que pode ser alcançado foi eliminado; somente foi salvo o que vivia em regiões mais remotas.

Aproximadamente no mesmo período, por meio da mariposa “coruja-de-pinho” (*Panolis flammea*), igualmente uma borboleta noturna como a borboleta denominada *Nonne*, foram eliminados no norte da Alemanha 200.000 hectares de floresta de abetos e outros 400.000 quase foram destruídos pela infestação. Nesta praga houve antes um ano preparatório, de forte expansão, para então trazer no terceiro ano a grande catástrofe. Neste caso novamente se trata de uma doença infecciosa, a saber, um fungo (*Empusa*) que preparou um final repentino para a praga das lagartas.

Devia estar claro para todos que as lagartas não exerceram uma “seleção” e não levaram em consideração atacar os fortes ou os mutantes, mas sim ao contrário, eliminaram tudo o que podiam atingir. E o fungo, que era uma praga para as lagartas? Ele também deixou sobreviver apenas os poucos que lhe eram inacessíveis. Mas isso ensina outro aspecto, claramente: intervenções poderosas contra a natureza empreendidas pelos humanos, cegados pelos lucros calculados nos escritórios dos burocratas, cedo ou tarde terão consequências cruéis! Esta bela conta confere, mas o resultado é bem diferente.

Se tivéssemos ficado na cultura do reflorestamento com as florestas naturais mistas, e não passado para a implantação das florestas formadas puramente por abetos, nunca catástrofes destas medidas teriam ocorrido. Então somente árvores isoladas poderiam ter suas folhas comidas. Mas isso, por sua vez, teria resultado na morte das lagartas. Na densidade de árvores de uma espécie só, elas puderam ir de uma árvore com as folhas já comidas para outra ainda verde.

Já entre os pássaros foi a peste aviária que promoveu uma devastação terrível, cuja causadora foi uma bactéria de 0,3 a 1.0 micromilímetro de tamanho. Criações e rebanhos de aves inteiros foram ceifados. Não somente aves domésticas foram atingidas por esta doença contagiosa mas também aves que viviam livres na natureza — pardais, corvos, aves de rapina, etc. O que ainda assim sobrevive a esta doença, que na maioria das vezes termina em morte, quase sempre permanece com graves debilidades e, em parte, acaba morrendo mais tarde. Em parte alguma há sinais de uma seleção dos melhores.

Da mesma forma inconsequente, o antraz devasta os mamíferos; na maioria das vezes os animais morrem depois de 10 a 24 horas. Nesse sentido, não morrem somente os animais mais fracos, mas sim todos que foram contagiados por uma quantidade suficiente de bacilos.

De igual maneira, as pestes bovina e suína ceifam todos que são atingidos por elas. E mesmo que excepcionalmente 5% permanecem em vida, que valor tem isso em relação à “seleção”, já que estes sobreviventes nem sequer significam o “melhor material”?

O mesmo ocorre no caso da raiva, já que o determinante não é a espessura da pele, mas sim a mordida de um animal raivoso, o qual sabidamente não examina antes a herança genética de suas vítimas.

Assustadora foi a devastação causada pela terrível peste tabagista (peste pulmonar) nos anos em que as resistências naturais são diminuídas por influências exteriores — tempestades de areia cujas partículas duras machucam o tecido viscoso e os pulmões — nas marmotas siberianas (*Arctomys bobac*). Eliminada finalmente a peste, sobraram apenas pequenos restos desta espécie animal e grandes áreas despovoadas. Aqueles que sobreviveram ao perigo viviam tão esparsos, que a transmissão da doença não os atingiu, ou viviam em lugares menos expostos às influências maléficas das tempestades de areia. Seleção dos mais fortes? Nem sinal! Esta praga nem diferencia entre animais e humanos!

Nestes tempos, a peste eliminou aos milhares, sejam humanos ou animais. Aldeias inteiras se extinguíram, grandes áreas foram despovoadas. Não importa se foram mongóis, quirguizes, tártaros ou europeus: quem não conseguiu se proteger foi ceifado. Quem ainda consegue ser cego o suficiente para acreditar que em tais cruéis “lutas pela existência” insignificantes mutações conseguem decidir entre o ser e o não ser? O que significa aqui os “sobreviventes”, já que a peste praticamente sempre termina em morte? Ou de que adianta se os humanos mais “fortes” morrem algumas horas mais tarde do que a média?

Outras pestes também atingem animais e humanos, como a peste bubônica. Ao contrário do que foi mencionado anteriormente, ela pode aparecer em formas suaves em ratos durante anos. A transmissão ocorre por meio de pulgas, principal-



mente pela pulga da peste dos ratos (*Xenopsylla cheopis*). A mortalidade é grande. Assim, por exemplo, a Alemanha foi devastada na epidemia da peste de 1709. Da população total da localidade de Stieghnen — como nos foi informado —, apenas um menino sobreviveu.

Até agora somente se conseguiu dominar as pragas na Europa por meio do combate de seus transmissores, mas não por meio de “seleção natural” de humanos resistentes à peste. Na Índia, ainda no ano de 1907, caíram quase 1.200.000 humanos vítimas desta doença. De acordo com as estatísticas encomendadas pelo Papa Clemente VI, somente na Europa ela ceifou 42.000.000 vidas humanas: imaginamos o que isso significou para a população da época! A mesma quantidade de mortos deve ter ocorrido igualmente na Ásia.

O mesmo também ocorreu com a febre amarela: somente com a eliminação do mosquito transmissor a epidemia pôde ser impedida. Quem apesar disso ainda continua cego suficiente para acreditar num “poder seletivo” das doenças, então deixe se contagiar por qualquer coisa; se, apesar disso, permanecer em vida, então ele teoricamente foi um homem de valor; se morrer, então seu desaparecimento foi uma bênção para seu povo. Por que o poder seletivo não foi testado “experimentalmente”, antes que a teoria da seleção fosse comunicada amplamente na esfera pública?

De forma semelhante, a malária é outra doença transmitida por mosquitos e expandida mundialmente, se bem que, ao contrário da anterior, as cifras da mortalidade são bem menores. Todavia, em consequência de seu incrível alastramento, ela é uma das mais importantes doenças do mundo.

Conhecidamente há três formas desta doença. A melhor delas deve ter vivido antigamente nos pântanos; já a forma mais agressiva, a tropical, empesteia ainda hoje regiões inteiras nas zonas mais quentes.

Na Indochina morrem muito além de 10% dos moradores em consequência dela. Mas não é somente isso: a malária também é um fator principal para que muitas outras doenças provoquem a morte, já que deixa o organismo muito enfraquecido.

Desde o século IV antes de Cristo parece que ela também apareceu em sua forma mais agressiva na Grécia; diferentes pesquisadores lhe atribuem parte da culpa

pela decadência deste povo. É impensável que, numa região acometida por esta peste, possa surgir a longo prazo uma geração robusta. Em tais regiões, quase todas as crianças estão doentes. Anemia, baço inchado, etc. não permitem um desenvolvimento saudável, de modo que a população adulta, em parte, acaba tendo uma constituição espiritual e corpórea mais ou menos inferior. O despovoamento da Campanha Romana conhecidamente deve ser atribuído à malária. As fabulosas ruínas do Pesto, que comprovadamente foram abandonadas devido a ela, demonstram seu poder destrutivo.

Além disso, outra comprovação de que esta doença não tenha um “poder seletivo” é o fato de que, entre os casos de morte (1903) das tropas coloniais francesas, 33% são atribuídos à malária. De igual maneira, os soldados do Kaiser alemão na Itália foram reiteradamente atingidos por esta febre. Mesmo na Grande Guerra ela causou destruição. Nossas tropas de defesa também não puderam permanecer sem o necessário antídoto (Chinin, entre outros). Certamente os militares não são compostos por “material humano inferior”.

A doença do sono que despovoou grandes regiões na África tampouco representou uma “máquina seletiva” da natureza. Quem era atacado pela peste, que era transmitida por uma mosca, estava perdido. Os nativos tinham tempo e oportunidade suficientes para poder se “adaptar”. Apesar disso, a “seleção natural” na “luta pela sobrevivência” progrediu tanto, a ponto de nada mais poder ser selecionado. O resultado final foi — contra todas as teorias — o extermínio, e não o desenvolvimento ascendente. O que impediu o extermínio não foi a “força de resistência” ou a “adaptação” dos humanos em perigo, mas sim a “força espiritual” de um povo que nem estava sendo atingido e vivia longe destas regiões, por meio de uma pesquisa com o propósito de inventar a suramina “*Germanins*”, um antídoto insuperável.

Uma outra praga terrível, que somente perdeu seu temor por meio dos “espíritos” humanos das metrópoles, é a varíola. Em 1880, um décimo da população humana morreu em consequência desta doença e outra décima parte ficou cega, entre outros que ficaram surdos. Em tempos de epidemia, estes números naturalmente são muito maiores. Frequentemente morre um terço ou a metade dos doentes. Num relatório sueco, morreram até mesmo 90% das crianças doentes em Estocolmo. De seus 50.000 moradores, a Islândia perdeu em 1707 exatos 20.000.

Com base em relatórios antigos, se pode concluir que a varíola causou muito mais vítimas do que as guerras da época. Soma-se a isso o fato de que os recuperados sofreram diversas mutilações de órgãos, deformações e doenças posteriores. A doença não diferencia entre o Kaiser ou o homem pobre. Que ataque de doenças pode ser tudo, menos uma seleção e eliminação de “mais fracos inaptos à vida”, é comprovado também pelos seguintes dados: de cada 100.000 pessoas que morreram em função da varíola, em 1831, 11,9% eram da população civil e 75,0, de militares; em 1832, 30,3% da população civil e 66,7, de militares; em 1833; 61,1% da população civil e 75,0, de militares.

Nos anos anteriores, a relação foi semelhante. Desde 1834, foi introduzida a vacina entre os militares: em 1853, apenas 0,8% morreu, ao passo que 39,5% da população civil sucumbiu; já em 1854, foram 2,3% dos militares e 43,6% da população civil.

A partir de 1875, a vacina passou a ser administrada obrigatoriamente em toda a população. Em consequência, em 1877, morreu 0,3% da população civil e nenhum militar.

Nos anos posteriores a 1874, apareceram somente 2 casos de morte por varíola em todo exército prussiano. Sem dúvida que a tropa era formada por pessoas “aptas à vida”. Apesar disso, a epidemia apenas pôde ser evitada por meio da introdução da vacinação.

Seria muito demorado aqui elencar todas as doenças, mas a “seleção natural” não seria encontrada em parte alguma. O tifo atingia exatamente as pessoas mais robustas e deixava crianças e idosos. A difteria, por sua vez, acometia assustadoramente as crianças, sem perguntar sobre sua genética; e somente perdeu seu temor por meio da produção do soro.

Sobra somente o ataque de seres vivos mais bem organizados. Um dos mais perigosos é o ancilóstomo (*Ankylostomum*). Este pequeno verme intestinal, de apenas alguns milímetros de comprimento, cuja minúscula larva vive no solo e penetra na pele para se deslocar até o intestino, por meio dos vasos sanguíneos, é literalmente uma praga em países de clima mais quente.

O número de vermes — muitas vezes centenas — é determinante para significar ao acometido mais ou menos a perda de grande parte de sua força de trabalho, a enfermidade ou até mesmo a morte. Em determinados países chegou comprovadamente a atingir 70% da população; e cada acometido significa um potencial contágio de seu entorno. A mortalidade em determinadas regiões é muito alta. Os vermes exalam um veneno que mata as células sanguíneas.

Certamente o homem adulto forte irá necessitar uma quantidade maior de vermes para perecer, mas de que adianta isso se seus filhos, que da mesma forma podem ser atingidos, não evoluem corporalmente e até morrem? O fato é que a grande resistência jamais é capaz de eliminar a doença: a doença elimina a resistência. Até os menos atingidos irão contribuir constantemente para a propagação desta praga. O corpo em si está impotente. A ajuda somente poderá vir de fora. É claro que uma “seleção natural” jamais acontecerá deste modo.

A triquinelose igualmente depende da quantidade de *trichinellas* encapsuladas ingeridas com os alimentos. Apenas com o esclarecimento das medidas preventivas o perigo pôde ser combatido. Se na Alemanha, entre os anos de 1876 e 1889, 0,5% dos porcos foi infectada por este parasita, no ano de 1905, depois das medidas preventivas, seu número reduziu para 0,007%. Em países sem inspeção pública da carne, a infestação era claramente maior (em torno de 2%). Como a mortalidade de humanos depende da quantidade de *trichinellas* ingeridas, ela oscila entre 5% e 30%. Na Saxônia, houve entre os anos de 1860 e 1891 nada menos do que 117 epidemias da triquinelose. Apesar disso, não foi o suficiente para ocorrer um “desenvolvimento ascendente” em relação a outras regiões.

Não somente o humano mas também outros mamíferos, pássaros, répteis, anfíbios, peixes e até mesmo insetos são infestados de vermes. Desse modo, nas florestas sul-americanas, eu abati pássaros selvagens que viviam livres — portanto, certamente em ambientes “naturais”! — cujos intestinos tão cheios de vermes estavam a ponto de explodir. Naturalmente não é possível determinar o número de pássaros que sucumbiram por causa disso. Da mesma forma, animais selvagens e o gado dos campos sofrem as consequências dessa contaminação.

Neste caso, trata-se principalmente de vermes nematoides (*Strongylus*) que, em pouco tempo, arruinam rebanhos inteiros de gado e animais selvagens. Somente

na Bélgica, por exemplo, em 1888, esta doença matou 20.000 ovelhas. Há pouco tempo a metade dos rebanhos de ovelhas e cabras sucumbiu em Marrocos. No final do século XIX, ela eliminou na Argentina em pouco tempo muitos milhões de unidades —  $\frac{3}{4}$  do rebanho total. Na região florestal da Renânia, onde habitualmente há muita vida selvagem, estes vermes exterminaram entre os anos de 1899 e 1908 quase todo o rebanho de veados. Ninguém será tão obstinado a ponto de acreditar que todos os que sucumbiram eram os mais fracos.

Do mesmo modo, a fasciolose conduz à “seleção natural” em grande medida. Na Inglaterra, somente em um ano desta zoonose, perdeu-se 80 milhões de marcos em ovelhas. Outras regiões perderam num único ano  $\frac{3}{4}$  de seu rebanho. Em 1873, a Alsácia-Lorena perdeu um terço; a Islândia, a metade do rebanho. Em somente um ano, perdeu-se mais do que um milhão de cabeças. Nem aqui, nem em parte alguma, estes parasitas se importaram com o comprimento dos pelos ou com outras pequenas diferenças de suas vítimas.

Em cada primavera, o verme das abelhas (*Sphaerularia bombi*) provoca grandes estragos entre as abelhas-rainhas que saem da hibernação. Que “mutação” ou “força” pode proteger contra este parasita de cerca de um milímetro de comprimento cujos ovos crescem de 15 a 20.000 vezes no corpo do inseto atingido? Não há proteção. O que é atingido morre; somente bem poucas rainhas conseguem escapar desta “seleção”.

Não há necessidade de mencionar que da mesma maneira a infestação por meio de piolhos ou de outras classes de ácaros da sarna não é capaz de provocar um “desenvolvimento ascendente”: mesmo os percevejos não param diante dos cuidados médicos.

Repetidas vezes o mundo vivo é atacado por pragas e outras catástrofes, como incêndios nas florestas e estepes, enchentes, secas, calor e congelamento, escassez de alimentos, entre outros. E, além disso tudo, ainda o incessante risco de ser devorado e a luta das espécies umas contra as outras! Nos períodos seguintes, os pequenos restos sobreviventes preenchem com seus descendentes as grandes lacunas abertas, até que novas catástrofes novamente abrem as lacunas, que posteriormente são da mesma forma preenchidas.

Por isso, requer somente um átomo em reflexão para reconhecer a quantidade de felizes “acazos” que teriam que se combinar para casualmente manter vivo um “mutante mais desenvolvido”. Mas apesar das impossibilidades já mencionadas anteriormente, teria sido necessário que, junto com todos os acazos, as mesmas mutações favoráveis aparecessem, casual e ininterruptamente, por milhares de formas intermediárias, sempre na mesma quantidade de felizes acazos, para poder preservá-los diante da decadência.

Em todas as catástrofes que apareceram bilhões de vezes, entre as quais também estão as doenças, que comprovadamente não levavam em consideração as “aparências exteriores”, teriam de ser mantidos maravilhosamente os desvios na espécie que levariam “objetivamente” à constituição do ser humano atual e, enquanto isso, todo o resto dos seres vivos precisariam ser mantidos como tais.

É fácil de reconhecer que, se somente numa única vez um elo desta corrente de mutantes que se formou por inúmeros milhões de anos tivesse sucumbido, teria sido em vão todo trabalho de mutações ascendentes de bilhões de anos até os tempos atuais. A natureza teria de começar do zero novamente com esta linha de mutações.

Os teóricos ainda estão devendo a prova do porquê de as inúmeras exceções acontecerem em benefício exclusivamente de suas lendárias formas intermediárias ou, pelo menos, o porquê de tais formas aparecerem na natureza livre!

É mais do que improvável que tais montanhas de exceções casuais aparecessem; além disso, essas exceções deveriam servir também para as milhões de espécies e formas, assim como para as formas intermediárias da história da Terra!

Somente se poderia atribuir um “poder seletivo” para as doenças — concebidas como parte das catástrofes — se elas atingissem exclusivamente seres vivos mais fracos e inaptos à vida, e excluíssem sua capacidade de reprodução. Mas mesmo assim elas seriam totalmente supérfluas, pois na natureza livre este tipo de exclusão de qualquer forma iria acontecer.

A presente breve concepção é resultado do fato de que as doenças não fazem escolhas, mas sim eliminam tudo que pode ser alcançado e conquistado. Não há outra imagem quando se observa a quantidade das diversas doenças como uma

unidade, como um todo. Observe-se a quantidade de doentes mentais e corporais e conte-se os idosos enfermos cuja vida somente é um peso: apesar de todas as doenças, eles permanecem vivos! A doença os poupa, mas ceifa os diversos robustos, humanos no esplendor de sua força vital que tinham toda uma vida diante de si, dos quais, em parte, algo grandioso era de se esperar. Não se diga: “é que a arte avançada da medicina e nossa grandeza cultural possibilita manter vivos também os fracos”.

Se fosse este o caso, seria muito mais fácil para esta arte e esta cultura manter a vida de pessoas “fortes” diante de mortes e enfermidades precoces!

Mas apesar de toda arte medicinal, as doenças levam consigo anualmente milhares de humanos robustos. Em observações deste tipo, se ignora curiosamente que cada progresso vem em benefício, da mesma forma, em favor tanto das pessoas fracas quanto das fortes, mas que teriam de impactar mais intensamente nestas últimas.

Aqui se escancara novamente uma das muitas lacunas de nossas contas: é de se estabelecer que o percentual daqueles que morrem por doenças é composto por humanos fortes, fracos e inferiores! Completar esse hiato é tarefa do futuro.

Qualquer agricultor pode confirmar que esta relação não se refere somente aos humanos: sua ampla experiência mostra que de modo frequente justamente seu melhor gado é vítima de doenças.

Contudo, um tal comportamento das enfermidades não é privilégio somente dos tempos modernos: antigas fontes, que datam de milhares de anos, relatam que igualmente deficientes mentais e corporais alcançavam idade avançada. Portanto, também outrora a doença possuía o poder de incapacitar pessoas fortes, mas nem sempre de “exterminar” inaptos à vida.

Diante deste contexto, alguns poderão questionar: se não é atribuído um poder seletivo à doença, qual seria então sua função nos procedimentos da natureza? Outro poderá pensar: para manter atentos os sentidos. Bem, em relação a isso eu diria que alguns vespeiros serviriam muito melhor. Quem já recebeu uma picada no nariz irá tomar mais cuidado na próxima vez e pelo menos estará em condições de tirar proveito da experiência.

Mas de que serve a um ser vivo que uma desatenção imediatamente conduza à sua morte e talvez à de sua família, se ninguém consegue tirar proveito de sua experiência? Em tais citações não se pode pensar apenas unilateralmente nos humanos, para os quais a linguagem oferece a possibilidade de dar a avaliação de suas vivências, pelo menos para seus conterrâneos.

Deve-se abordar esta tarefa não a partir do ponto de vista dos humanos, mas sim da natureza!

Onde se apresenta a vida também há parasitas, e mesmo eles são infestados por outros. Bactérias são igualmente parasitas, mas de menor tamanho. A vida surge no projeto da natureza em toda parte em que há possibilidade para tal, não importa de que tipo. Se estas condições foram dadas, é indiferente se o desenvolvimento ocorre na água ou sobre a terra, em materiais inanimados ou em seres vivos. Eles não param nem mesmo diante de venenos (por exemplo, petróleo).

Sem mais, está claro que nesta universalidade da vida seres altamente organizados são capazes de se defender contra invasores. Da mesma forma que sementes de plantas também caem sobre rochas nuas e, se encontrarem umidade, brotam e tentam crescer, assim é feito pelos germes de seres vivos a tentativa de fincar o pé em toda parte, mesmo em solos desfavoráveis.

Doença é a luta pela vida entre dois seres vivos diferentes entre si. Uma briga que, na maioria das vezes, termina na eliminação de um dos lutadores. Não se trata aqui da melhor espécie, raça ou do ser isolado, mas sim da existência: bactérias (parasitas) de um lado e seres vivos superiores do outro. Essa luta não resulta em nenhuma seleção da bactéria mais apta à vida. O que ocorre é que a existência é decidida pela quantidade de seres invasores.

Por certo, do lado dos seres superiores, a vitória é alcançada não por uma especialmente alta “aptidão à vida”, mas sim — caso o agressor não seja muito forte — por meio da defesa do organismo.

A quantidade de forças de defesa dos organismos contra determinadas doenças não é correspondente à geral “aptidão à vida”. A superação de uma doença grave não comprova ainda o valor do ser vivo em questão. Nesse sentido, a natureza

oferece inúmeros exemplos. Mas seu objetivo não é criar uma certa força de resistência contra determinadas doenças, mas sim a manutenção de uma aptidão à vida mais alta possível.

Se existisse um “poder seletivo” natural no interior das doenças, então seria um pecado atrapalhar este procedimento de escolha por meio do combate às doenças. Um pecado contra um mecanismo da natureza, necessário à vida, traz cedo ou tarde castigos implacáveis. Nesse aspecto, a natureza é quase cruel.

Como não se atribui um poder seletivo dos “mais aptos à vida”, o combate às doenças é o primeiro mandamento de todos os seres vivos. Para isso, foram fornecidas pela natureza duas eficientes armas: razão e cifras de reprodução. Com isso vem também a obrigação de usar estas armas objetivamente. Cada desleixo será castigado com a eliminação do ser isolado que peca contra a natureza, ou até mesmo — caso tais violações se tornaram costumeiras em toda parte — toda comunidade desta espécie.

A razão possibilita então combater as influências que diminuem as resistências dos organismos, por exemplo, por meio da busca de lugares protegidos, colocação de ninhos, cavernas, moradias, teias, etc. De acordo com a regra “tudo o que é demais faz mal”, esta proteção não deve ser expandida demais a ponto de levar a um amolecimento, pois isso igualmente iria levar a um enfraquecimento da resistência do organismo. Neste caso, não existe uma fórmula que matematicamente sempre fornece a medida correta para cada indivíduo. A natureza dos organismos e sua sensibilidade nesse sentido são tão diversas no interior de uma mesma espécie quanto algumas aparências exteriores: por exemplo, a expressão facial. Isso também é válido ilimitadamente para o ser humano.

Um endurecimento exagerado é igualmente pecaminoso e decai para o mesmo castigo de uma proteção exagerada (amolecimento). Ambos representam estados contrários à natureza produzidos por uma negligência deliberada ou doentia da razão.

Cada ser vivo deve fazer proveito de sua própria força de resistência na medida apropriada, mas também utilizar a força de sua razão, que a preserva de desnecessária utilização (demais ou de menos) de suas resistências: a natureza não quer um acrobata do endurecimento e nem alguém que fica sentado encolhido ao lado de

um fogão, mas sim uma geração que é capaz e disposta a utilizar as competências que lhe foram conferidas — resistência e razão — de forma natural em favor de si e de sua espécie.

Nisso também está incluído um modo de vida e alimentação que segue ao máximo as medidas estabelecidas pela natureza. Para os seres humanos, isso quer dizer trabalhar durante o dia, dormir à noite. Mas não fazer do dia a noite e dormir até o meio-dia. Para a alimentação não há uma regra secreta do Dr. Eisenbart, mas simplesmente seguir uma alimentação diversificada e bem preparada.

A correta utilização das faculdades mentais não promove somente a prevenção mas também medidas para a cura das doenças, quer dizer, aplicação racional dos materiais que apoiam o organismo nesta luta contra a doença. A utilização de medicamentos não é, em hipótese alguma, contrária à natureza, mesmo disponível no mundo animal (cachorros quando comem capim). Entretanto, o excesso de sua aplicação, a “farmácia em pessoa”, permanece inicialmente sendo uma aberração da mente humana. Assim sendo, depende-se novamente e de maneira exclusiva, no endurecimento ou no amolecimento, da medida correta da “saudável razão humana”.

É absurdo abrir mão do correto uso da medicina porque supostamente é “contrária à natureza”. Do mesmo modo, é igualmente condenável que, em doenças leves — ou até mesmo “imaginadas” — com as quais o organismo facilmente pode lidar, se procura o médico para ser inundado com “muitos” medicamentos. Isso já nos conduz às pessoas que simplesmente não estão saudáveis quando não estão doentes.

A não utilização das faculdades mentais fornecidas pela natureza, que se anunciam também na descoberta de antídotos eficientes, assim como a irracional aplicação destes antídotos, são contrários à natureza.

Seres vivos que não dispõem das necessárias faculdades mentais para evitar preventivamente doenças ou evitar regiões perigosas receberam como compensação uma alta cifra de reprodução, que nesta luta desigual é capaz de fechar as lacunas que aparecem.

Da mesma maneira, seres com capacidades mentais não devem abrir mão deste meio de batalha, pois sua renúncia traria a decadência de sua espécie.

A natureza não forneceu a alta cifra de reprodução para depois exterminar o excesso por meio de doenças, mas para possibilitar a permanência da espécie, apesar de todo aparecimento previsto delas e de outras catástrofes: os coelhos que foram levados para a Austrália de forma contrária à sua natureza possuem altas cifras de reprodução, mas as doenças ainda não conseguiram limitar essa reprodução. Quer dizer, as enfermidades não foram feitas por causa dessas cifras ou da “seleção natural” — neste país, os coelhos vivem muito melhor na ausência dos habituais predadores! O que ocorre na verdade é o contrário.

Doenças não são “mecanismos de seleção” necessários à vida e escolhidos pela natureza. Elas representam um mal infelizmente inevitável, para cujo combate a natureza forneceu duas poderosas armas: “razão” e “reprodução”.

“Proteja-se e preserve-se”: esse é o primeiro mandamento da natureza, de cuja implementação depende o ser ou o não ser de cada espécie.



7

## FORTE E FRACO NO PROCESSO DE SELEÇÃO

Em relação ao “objetivo da seleção” da natureza, na maioria das vezes, parece que reina algo como uma “confusão conceitual ascendente”: constantemente se fala sobre “forte” e “fraco”, mas ninguém percebe que todos seguem uma luz enganadora. Por isso um esclarecimento destes pontos é urgentemente necessário.

Frequentemente se adota nesse sentido a palavra dos “antigos”, segundo a qual “uma mente saudável só pode habitar um corpo saudável”, mas o inverso desta afirmação parece que ninguém observa: se supostamente uma mente saudável só pode habitar um corpo saudável, então, sem dúvida, uma mente doente só pode estar num corpo doente. Um olhar nos hospícios oferece uma resposta correta.

Todos conseguiriam imaginar o resultado se colocássemos “a lei dos mais fortes” em prática, se déssemos os cargos mais influentes e mais responsáveis aos mestres do peso pesado, se os músculos fossem a única “prova de capacidade”: mesmo Goethe teria sucumbido como um atleta idiota.

Um povo construído sobre tais fundamentos estaria tão perdido quanto um povo puramente “espiritual”, que em última instância estaria formado somente por conselheiros privados: um povo basear-se unilateralmente na força corporal ou, caso contrário, unilateralmente nas forças espirituais, significa a decadência!

A aptidão à vida não é unilateralmente força corporal nem unilateralmente força espiritual: fracos não são garantia para inteligência, e força não é indicativo para falta de inteligência, e mesmo a inteligência aliada à força é sem valor quando a força de caráter está ausente.

Devia estar claro para todos que os conceitos forte e fraco — nas relações estabelecidas acima — somente podem ser diferenciados no interior de uma mesma

espécie, conseqüentemente dentro de uma raça, mas não pode ser aplicado para a totalidade do mundo vivo. Sem mais, certamente todos vão compreender que o “forte” elefante, que vive em número bastante reduzido, não é mais apto à vida do que a “fraca” mosca, que vive em incontáveis milhões. Cada um dos milhões de espécies precisa ser apta à vida, senão ela se extingue!

Na natureza não se trata de forte ou fraco, mas sim de ser apto à vida ou não! O que não for apto suficiente à vida para superar a “luta pela existência” será eliminado de maneira sumária, independentemente se o ser vivo em questão é dotado de força em medida especialmente grande ou de qualquer outro “dom”.

Determinante não é o equipamento, mas a sua utilização racional.

A natureza deu a cada espécie os equipamentos adequados. Às vezes surgem excepcionalmente indivíduos no interior de uma espécie, nos quais estão total ou parcialmente ausentes os equipamentos necessários à vida — seja força ou algo do tipo. Mas o que não for robusto o suficiente à vida ou não for capaz de utilizar suas forças objetivamente não tem valor na grande família da natureza e, por isso — do ponto de vista da natureza —, não tem direito à vida. A natureza elimina este excesso; antes que possa dar o passo para a reprodução, a maioria deles já é eliminada antes mesmo que chegue à vida: pouco poder germinativo, incapacidade de romper a crosta terrestre, morte dos germes da vida, nascidos mortos (nos humanos 3,5 %), entre outros. O que mais ainda for inapto à vida sucumbe já em sua infância na “luta pela existência” nas condições da natureza.

O que na natureza livre permanece em vida já passou por uma longa sequência de, em parte, difíceis provas e precisa ser considerado como “vital”, mesmo que o percentual de vitalidade dos indivíduos de cada espécie apresente diferenças significativas. A todo momento precisam dar provas para a “aptidão à vida”, “a prova de resistência”. A distribuição em termos de quantidade das competências isoladas, os equipamentos para o poder viver cuja imagem total é decisiva sobre a vitalidade ou não. Isso será diferente para cada caso e irá perpassar todos os níveis do fraco, forte, mais forte, o mais forte; estúpido, inteligente, mais inteligente, o mais inteligente, etc., mas jamais uma capacidade sozinha será determinante!

Seres vivos cujos percentuais em determinada medida diminuem, que recebem a designação mais estúpido, o mais estúpido, mais fraco, o mais fraco, não existirão

na natureza livre: antes disso eles já são eliminados como “inaptos à vida”.

O espaço de manobra em que um percentual é capaz de se mover sem influenciar visivelmente a “aptidão à vida” pode ser muito grande. Assim, por exemplo, a grande diferença e também a força nos *Hylecoetus* (besouros) pode ser de 70 vezes entre os indivíduos, mesmo que tenham suficiente alimentação, ou alimentos em excesso ou subnutrição; isso não é a causa, isso demonstra que a natureza, nos milhões de anos de existência deste animal, não privilegiou os mais fortes, mas deixou de forma inalterada durante gigantescos períodos uma grande diferença de força. De igual modo, aqui se valorizou não os mais fortes, mas sim os mais aptos à vida!

E este comportamento da natureza é o único correto: para ela, não se trata de manter seres isolados desenvolvidos unilateralmente em determinada direção, mas sim importa a manutenção da espécie estabelecida, quer dizer, a massa total da espécie deve ser composta por indivíduos “aptos à vida”, sejam eles fortes ou fracos!

É irrelevante como os percentuais de capacidades isolados se relacionam entre si em cada ser — caso não decaiam abaixo de uma certa fronteira: o determinante é a aptidão à vida que se desenvolve de acordo com a interação harmônica.

Para oferecer um exemplo mais do que cru: é indiferente se esta interação for de 49 partes de força e 51, de razão, ou de 51 partes de força e 49, de razão. Mas 10 partes de labor jamais podem ser substituídas por mais do que 10 partes de força! Nas sementes, a interação de 48 partes de tamanho (peso) e 52 partes de velocidade de crescimento, ou vice-versa, terá pouca importância. Mas jamais 10 partes de convertibilidade dos materiais de armazenamento poderão ser equilibradas com um maior percentual de capacidade de inchaço ou de peso.

Suponhamos que na natureza livre sucumba tudo o que possua menos de 70% de aptidão à vida — sendo que é indiferente se estes 70% foram alcançados por meio de rapidez no crescimento ou um aumento da produção de sementes —, mas não é indiferente se a totalidade dos seres individuais da espécie apresenta, em sua maioria, 70% ou 100% de aptidão à vida.

Contanto que a espécie em questão povoe sozinha um espaço, o perigo surgido pela redução da média de aptidão à vida irá se fazer menos presente, mas se uma

espécie ou raça aparentada com média de aptidão à vida mais alta tenta invadir seu espaço vital, o resultado é a expulsão do paraíso!

É óbvio que a capacidade de vida e a aptidão à vida frequentemente são condicionadas a determinados espaços vitais. A semente de duas plantas que estão adaptadas em diferentes lugares irá apresentar uma aptidão à vida muito diferente se cair num solo argiloso ou arenoso. A avaliação para coelhos e peixes será diferente se levarmos em consideração água ou terra.

Somente pode ser realizada uma avaliação justa da aptidão à vida tendo em conta os espaços vitais apropriados à espécie!

Por isso a afirmação apontada acima não pode ser comprovada dentro de um escritório: determinante para nós não é o que talvez Sócrates tenha dito a respeito, mas sim como é a realidade! Não interessa ficar comparando as opiniões diferentes dos outros umas contra as outras, até chegarmos ao ponto de que nós mesmos não tenhamos mais uma opinião própria, até nada mais poder compreender: o factual só pode ser fundamentado com os fatos! Por isso, lancemos um olhar sobre a natureza: novamente a árvore brotou, floresceu e carregou frutos. O vento sopra as sementes maduras — hoje uma parte, amanhã algo mais, e assim por diante. A distância percorrida pela semente não depende de pequenas diferenças no formato de seu aparelho voador (pelos flutuantes, alargamentos que facilitam o voo ou instalações flutuantes parecidas), mas sim da força do vento e da localização da árvore (no alto, na planície, protegida do vento, entre outros). Assim se conclui que as mutações que porventura possam alterar o formato das sementes para aumentar sua capacidade de voo são insignificantes e, assim, não são determinantes para a permanência da espécie vegetal. Dos milhares de sementes, a maioria cai em lugares que não oferecem possibilidades de desenvolvimento (rochas, água, arbustos fechados, etc.), e somente uma minúscula parte irá encontrar um lugar apropriado para a germinação. Em geral, se há uma perspectiva de reprodução, então a maior parte das sementes produzidas deve ser a tal ponto construída para que a planta surgida dali tenha vitalidade.

É pouco provável que justamente a mais robusta caia no lugar mais apropriado. Além disso, uma parte das sementes medianas que chega até lá irá ser comida, uma outra parte será coberta pelo gado, entre outros animais, e por isso sufocada. Somente um pequeno resto irá germinar com sucesso. O germinar, por sua vez, irá

progredir mais rapidamente nos lugares ensolarados do que na sombra. As plantas que nasceram na sombra irão atrasar seu desenvolvimento. Lagartas, besouros, animais, etc. também irão eliminar uma parte das plantas que ainda restarem. Finalmente, de todas, talvez restem três plantas, que, por sua vez, terão de dividir o espaço vital com variedades de outras espécies e gêneros que igualmente nasceram — e que a propósito passaram por uma idêntica diminuição. As plantas que estão nas proximidades de variedades que crescem mais rapidamente irão se desenvolver de maneira mais lenta do que as que por acaso nasceram em locais com menos plantas. Insetos e selvagens irão comer; a neve e o gelo irão, nos anos seguintes, exterminar ou perturbar o desenvolvimento de algumas delas. Os resultados desta luta irão ser perceptíveis ainda depois de anos na altura ou grossura do tronco da planta: o ser humano irá diferenciar entre árvores fortes e fracas. Mas quem saberá qual delas possui mais vitalidade? Talvez exatamente aquela árvore que agora é mais fraca superou vitoriosamente as maiores lutas, enquanto que a que hoje parece mais forte cresceu sem perturbações. Talvez a última teria sucumbido se tivesse sido exposta a provas e lutas parecidas.

Não são as exterioridades que são determinantes para uma avaliação, mas sim a aptidão à vida, apesar das lutas, que, aliás, as tornam mais aptas exatamente por isso.

A árvore retorcida, varrida pelas tempestades no alto de uma calva montanha, mas carregando sementes com vitalidade, não é inferior em nenhum sentido em relação àquela árvore formosa da mesma espécie, crescida num local protegido, e por sua incontestabilidade também pode carregar sementes com vitalidade.

Para a manutenção do existente, é suficiente que no lugar de cada planta que morre uma nova cresça, e teoricamente uma semente seria suficiente para isso. Mas, conforme já citado, como apenas uma pequena parcela das sementes consegue se desenvolver, é indispensável que a quantidade delas seja extraordinariamente grande. Por exemplo, nas camomilas, é necessário 45.000; nas papoulas, 50.000; na *Cattleya loddigesii* (orquídea), cada cápsula de sementes precisa ter mais do que 1.000.000 de sementes!

Se desta quantidade somente uma se desenvolve e 999.999 não, então não há a menor perspectiva de que, se porventura entre elas houver uma semente mutante, que esta venha a se desenvolver!



Teria sido melhor se a teoria da evolução tivesse dado mais atenção a este fato e se dedicado menos a acrobacias em torno da linhagem. Seria de se desejar que os seres humanos no futuro avaliassem mais os fatos, se direcionassem menos aos estudos dos livros e mais ao legítimo estudo da natureza: é a única área ainda não falsificada que pode oferecer ao pesquisador a resposta correta.

Com um pouco de reflexão se compreende simplesmente que esta quantidade de sementes não foi produzida por causa da “seleção natural”, como infelizmente é de maneira frequente afirmado, mas sim para manter a espécie, apesar das grandes perdas. Na minha opinião, é uma visão curta supor que a natureza tenha produzido rochas, água, insetos, pássaros, animais e todo o tipo de crescimento de plantas cuja ação conjunta impede o desenvolvimento de 99% das sementes produzidas, apenas e unicamente para “selecionar” a semente mais “robusta” de alguma planta.

Certamente não restam dúvidas de que o rio não foi feito porque ali sempre caía a semente mais fraca e que por isso precisa ser excluída por meio da “seleção”. Ou que o gado ou outra coisa sempre coma exatamente a semente “mais fraca” para impedir seu desenvolvimento. O besouro de tromba, que elimina muitas sementes — muitas vezes até mesmo a maior parte — também não escolhe as mais fracas, bem pelo contrário! Pássaros e animais sempre preferem sementes bem desenvolvidas como alimento e nesta “seleção” deixam para trás exatamente as mais fracas, que então chegam a germinar. O vento consegue levar as sementes mais fracas numa distância maior, as quais então teoricamente conseguem alcançar uma região de abrangência maior.

O que o Sr. “teórico da seleção” tem a dizer sobre isso? Se, como todos podem se convencer, a natureza produz “assistentes da seleção” que eliminam de 95 a 99% das sementes mais fortes para deixar sobrando o excedente, isso não evidencia claramente que a natureza se esforça exatamente para eliminar o mais forte? Onde está a contraprova que expõe com uma clareza convincente que justamente os 99% eliminados são o excedente com aptidão inferior à vida?

Realmente: numa tal lógica poder-se-ia ser levado a tais falácias. Nossos teóricos da seleção confundem totalmente “causa” com “efeito”, e disso estou convencido.

No que se refere a isso, os tempos antigos, nos quais não se era tão distante da

natureza, possuíam grandes conhecimentos das interações naturais, mais do que nossos contemporâneos “exatos”, que estão entre os muros de pedra das cidades pesquisando ciências naturais. Dessa forma, há exatos 2 mil anos, a parábola já dizia: “um semeador saiu para semear suas sementes... algumas caíram sobre a rocha e murcharam, porque não conseguiram criar raízes. Algumas caíram entre os espinhos e sufocaram. Alguns caíram na terra boa e carregaram inúmeros frutos”.

Os tempos modernos, desde Darwin, veem as sementes caídas nas rochas e nos espinhos, assim como aquelas pisoteadas no caminho e as comidas pelos pássaros e animais, como sendo as “fracas”, que tinham de cair para que pudessem ser eliminadas por meio da “seleção natural”.

Está na hora de o conceito “seleção” ser novamente restringido ao espaço que “naturalmente” lhe convém!

Nesse sentido, como tantas vezes, se começou pela parte mais fácil: o que precisou ser examinado primeiramente, a saber, se o ser “mais forte” no interior da espécie também incorpora o indivíduo “mais objetivo”, ficou completamente de lado. Até o momento não me ficou completamente claro por que em tais construções teóricas, “preferencialmente”, sempre se esquece de começar pelo muro do fundamento.

Já deixei claro que a natureza não está preocupada em formar alguns “superfortes”, mas sim que objetiva formar uma comunidade de espécies mais apta possível à vida. O que o agricultor, que pode se basear numa relativa longa experiência nesses assuntos, sabe a esse respeito? Ele deixa as sementes mais “fortes” de trigo ou as batatas “mais grossas” separadas para usá-las como sementes?

Nunca encontrei um que fizesse isso. Todos se contentam em deixar o excedente, quer dizer, excluem grãos cujo peso está abaixo de uma certa norma ou por meio de uma máquina rotativa que produz vento para selecionar sementes, ou por outras formas. Este tipo de semente ainda representa uma mistura de diferentes grãos fortes, com os mais fortes em minoria. Ao agricultor não interessa gerar alguns grãos “mais fortes”, mas que seu campo esteja cheio de cereais “aptos à vida e produtivos”. Ele sabe que o peso do volume em parte depende da retenção de água do organismo, e mal consegue dar informações sobre o valor das sementes.

Também que das melhores sementes uma parte relativamente grande não irá germinar. Ao final, o determinante é a produção!

Se neste caso a seleção das sementes de grãos se concentra somente na exclusão dos que estão abaixo de uma norma, que servem de sementes (uma seleção que realmente abrange a genética de cada grão infelizmente não existe), no caso das batatas, é descartado também tudo o que está acima de uma determinada norma. São utilizadas para sementes somente as batatas médias; as menores e as maiores são excluídas.

Do mesmo modo, em relação às plantas em desenvolvimento, o agricultor não gosta das mais bonitas e fortes, mas sim das que estão no crescimento normal, porque ele sabe que aquelas concentram suas energias somente nas folhas, de modo que deixam muito a desejar ou fracassam completamente na produção. Já as frutíferas que crescem “quentes”, na produção, permanecem atrás de suas semelhantes, que crescem “normais”.

Isso é válido não somente para o cultivo de vegetais como também para a criação de animais. Todo bom criador de aves irá escolher ovos medianos para a reprodução; os grandes e os pequenos são excluídos como inapropriados. Mas ele também sabe que as formas desviantes da normalidade são inapropriadas, que tais “variações” e “mutações” servem melhor para o bolo de ovos do que para a reprodução.

As aves que vivem na natureza livre não escolhem seus ovos “mais fortes”, mas chocam todos os ovos que estão no ninho. O que é incapaz de viver já morre na casca. Volta e meia uma das aves nascidas não tem a vitalidade suficiente e, cedo ou tarde, morrerá. Mas as que tiveram vitalidade permanecem em vida. Às vezes se representa a perspectiva de que a mais robusta imperará, pois come o alimento de outras e, por meio disso, na “luta pela existência”, prevalecerá em relação às mais fracas. Isso é falácia, resultado da ausência de observação da realidade.

Certamente o fim de um filhote doente ou inapto à vida pode ser acelerado por “cutucões na costela”, mas jamais vai conduzir à opressão dos seres mais fracos e à imposição dos mais fortes. Se tiver três ou cinco filhotes aptos à vida no ninho, todos irão se esforçar pelo alimento e todos ficarão satisfeitos, desde que os pais

estejam saudáveis e robustos! Se nenhuma doença surgir, toda ninhada, seja de três, cinco ou oito indivíduos, será criada e irá voar.

A morte de um filhote de pássaro não tem a ver com “luta pela existência” ou com “vitória dos mais fortes”; ambas situações apenas aparecem nos pássaros depois de lançar voo.

Esta é a mesma situação que se percebe em humanos com a mortalidade infantil: relacionar isso à opressão dos mais fracos pelos mais fortes não poderia ser possível nem nos casos de gêmeos. A mortalidade infantil “normal”, ainda no século XVIII, na Alemanha, era de 36%. Transferindo isso para uma ninhada de pássaros, a morte de dois filhotes numa ninhada de seis ovos representa algo “bem normal”. Se realmente houvesse a necessidade de deixar todos eles lutarem pelos alimentos para poder sobreviver, assim, no final, sempre somente poderia restar um único filhote, pois também entre os dois últimos esta luta não iria cessar, mas somente um pode ser vitorioso!

Se entre os filhotes de pássaros existisse a chamada “luta pela existência”, quer dizer, uma luta dos integrantes de um ninho entre si, uma “seleção” dos mais robustos entre eles, nenhum pássaro ou cantar de pássaros iria nos alegrar nos dias atuais na Terra, pois há tempos esta “seleção”, esta luta entre irmãos também teria exterminado o último indivíduo!

É claramente óbvio que, se tudo ocorresse pela “lei do mais forte”, somente o ser mais forte ou o mais inconsequente poderia sobrar. Dessa forma, de cada ninhada somente um filhote restaria. É um caso tipicamente encontrado na natureza livre entre as aves parasitas. O filhote cuco mais forte oprime toda ninhada própria do pássaro canoro, em cujo ninho ele se encontra como hóspede indesejado. Mas para a manutenção do número de aves — tirando muitos outros acontecimentos —, deve-se criar dois filhotes para cada casal que morre. Com a criação de somente um filhote por ninhada, esse objetivo nunca seria alcançado, mesmo que houvesse mais de uma por casal: a espécie se extingiria em poucos anos.

Com os mamíferos o comportamento não é diferente. Certamente os filhotes isolados vão se debater pela mama da mãe, mas — e isto é o principal — todos ficarão satisfeitos, desde que ela seja forte o suficiente. Neste caso alguns irão falecer

devido a doenças infantis, mas o que for capaz permanecerá em vida. Aqui não se pode incluir os animais domésticos, cuja resistência muitas vezes é muito enfraquecida, mas sim animais que vivem livres na natureza. No primeiro ambiente o leite será suficiente para todos os filhotes capazes de viver, indiferentemente se se tratar de porcos selvagens ou de camundongos. E onde houver mais alimentos, haverá menos brigas.

Somente se poderia falar de uma luta natural e de uma vitória dos “mais fortes” se a mãe oferecesse alimentação apenas para um filhote, ao mais forte, e se, no final da luta, somente este único sobrasse e fosse criado. Mas isso há muito tempo teria levado ao final do mundo animal.

Como os animais livres na natureza criam uma descendência numerosa — desde que estejam estruturados para isso —, não se pode falar de “luta” entre irmãos entre si. O ato dos filhotes ficarem se empurrando mutuamente não é uma ocorrência intencionalmente criada pela natureza, mas sim nada mais do que desjeito, que entre crianças se manifesta no “também-querer-ter”. A natureza não consegue “ensinar” algo aos animais, muitas vezes nem com os humanos isso é possível, todavia, ela providenciou para que esse desjeito não tivesse consequências maléficas para as espécies. Apesar disso, os irmãos crescem: isso é o resultado e somente isso é determinante!

Naturalmente pode acontecer que um filhote doentio sucumba por fraqueza, que talvez sem essa concorrência poderia ter sobrevivido. Casos deste tipo a natureza já previu e se ajuda da única forma possível em tais situações: uma ninhada a mais na vida, e a perda novamente é compensada.

Em todo caso, uma certeza: a natureza não deseja luta de irmãos entre si!

Este cuidado para não deixar acontecer esta luta entre irmãos na descendência ocorre com mais intensidade nos seres vivos mais altamente organizados do mundo animal, os quais se estruturam em “sociedades”. Somente os antolhos das teorias impedem o olhar pesquisador de ver o que realmente é.

Na forma mais completa, encontramos isso em abelhas e vespas, indiferentemente se se trata de abelhas solitárias, como vespas escavadoras, ou como as abelhas

melíferas, mamangavas, entre outras, que formam sociedades. Aí não há mais medidas que, mesmo com a mais alta tendência “exata”, poderiam indicar uma “seleção”. Nenhum ovo se perde. Cada um deles é colocado numa célula que não precisa ser dividida com outros. A larva que nasce do ovo, desde que seja capaz de viver, é alimentada e cuidada em sua própria célula. Neste caso não há mais inveja por comida: a mesa é posta exclusivamente para cada larva. Somente as que, apesar disso, morrem são jogadas para fora. Direito do mais forte? Aqui não há nada disso, muito menos outros tipos de direitos pré-estabelecidos. Há somente a obrigação de usar da melhor forma possível as capacidades recebidas para o bem do todo: quem recebe muito também tem muitas responsabilidades.

As abelhas, vespas, mamangavas, formigas, os cupins, entre outros que saíram dos ovos, ajudam no trabalho coletivo para o bem do estado e com isso seu próprio bem e de sua espécie. Nenhum membro desta sociedade — frequentemente gigantesca — luta com o outro para estabelecer quem é o mais forte; nenhum mais fraco é jogado para fora enquanto ainda for capaz de viver. Doentes terminais abandonam o lar para morrer ao ar livre. Inveja, ódio, desamor, luta entre irmãos, roubos e outros males parece não haver entre eles. Seguindo a teoria da seleção, todas estas espécies numerosas há tempos teriam de estar extintas, devido a não eliminação dos mais fracos por meio da luta entre irmãos, o que levaria a uma perda da aptidão à vida: pelo contrário, eles vivem em transbordante vitalidade ainda hoje, colocando à mostra o incoerente da teoria da seleção.

Não só entre os insetos como também entre as aves que vivem em sociedade, parece que reina a mais bela harmonia — somente poucas espécies são briguentas —, indiferentemente se formam pequenas comunidades de 10 a 15 indivíduos ou grandes bandos. Frequentemente toda sociedade dorme apertada uns aos outros num mesmo galho, sem que cada noite fiquem se mordendo para ver quem consegue “o mais alto posto”, como é moda desnaturada de nossas galinhas “cultivadas”.

Se a comunidade faz uma saída em busca de alimentos, faz uma busca em maior ou menor espaçamento — que é diferente de acordo com as espécies — pela região de caça ou se estão na migração: a “luta” jamais é usual. E isso é bom assim! Cada luta entre si irá desviar a atenção em relação ao real inimigo, que além disso ainda seria atraído pela algazarra gerada com as brigas.

Uma comunidade em que reina a eterna insatisfação, que segue a “lei do mais forte” cedo ou tarde irá decair. “Quando dois brigam, o terceiro se alegra” é um dos ditados mais verdadeiros que não vale somente para os seres humanos, mas sim para todo o mundo vivo.

Entre os mamíferos que vivem em sociedade, o comportamento não é diferente, contanto que ainda habitem ambiente natural, quer dizer, lá onde estão constantemente ameaçados por seus inimigos naturais. O veado, que reiteradamente é usado como exemplo, se exclui de imediato dessas considerações. Ele é inapropriado como exemplo, porque se tornou um animal doméstico vivendo livremente na natureza e que há séculos não possui mais inimigos naturais. Tais animais podem se permitir atualmente alguns caprichos que antigamente, entre os perigos naturais, teriam os levado à extinção. Este tipo de “observações” resulta numa imagem deturpada das verdadeiras relações naturais!

Em se tratando de um bando de macacos, quatis ou porcos selvagens, jamais se “luta” por cada alimento. O rebanho se divide nas regiões (árvores, campo, floresta, entre outros) e, sem ruídos, o alimento encontrado é devorado. Um companheiro que chegar muito próximo certamente receberá um “cutucão nas costelas”, um aviso de que ele precisa se afastar, mas isso não é luta. O bando sempre precisa estar vigilante, pois o perigo pode estar em qualquer lugar, o que requer intensa atenção. Cada ruído desnecessário é evitado. A natureza consegue eficientemente evitar a prejudicial luta entre irmãos, não com a realização de palestras educativas, mas a seu modo!

Então, como seria se entre os animais existisse a “lei do mais forte”, com a qual sonham “idealmente” nossos teóricos?

Um dos companheiros de espécie iria encontrar a primeira espiga de milho, o próximo iria tentar tirar a espiga do primeiro e com isso chamar a atenção de um terceiro, quarto, quinto e finalmente todo o bando se reuniria para uma pancadaria generalizada em torno da espiga. Na confusão, a maior parte da presa seria pisoteada e, na melhor das hipóteses, sobraria muito pouco de aproveitável para o vencedor. Na próxima espiga de milho a luta iria se repetir de forma semelhante, etc., etc. Mas luta requer muito tempo. O final da música seria que ninguém se satisfaria e, além da briga, nada teria sido “conquistado”. Nisso, o barulho causado pela algazarra da luta, os rosnados e rangidos seriam ouvidos por quilômetros de

distância no silêncio da floresta. Os predadores iriam dizer a si mesmos: “lá os animais loucos estão brigando novamente; rápido para lá, serão presas fáceis”. Depois de aproximadamente meia hora, um dos briguentos já estaria dando seus últimos suspiros entre as presas do predador, enquanto que o restante do bando se afastaria dali com o estômago roncando.

Não, querida teoria! A natureza age de maneira muito mais razoável do que você acredita! A natureza é algo bem diferente, muito mais simples e, mesmo assim, novamente mais complicada do que você possa imaginar!

A luta entre irmãos no interior de um grupo, numa mesma espécie (rebanho, sociedade, entre outros) é um acontecimento contrário à natureza e não usual entre seres vivos inferiores, unicelulares, lagartas, insetos nem entre aves e mamíferos.

Peixes predadores devoram seus próprios filhotes não porque isso é “necessário”, mas em razão de que seus “cérebros” não são suficientes para fazer esta distinção; como “compensação”, a natureza lhes deu uma cifra de reprodução tão grande, que, apesar de sua estupidez, eles conseguem se manter. Como os peixes predadores nem sequer diferenciam entre sua prole e a dos outros, então certamente pode-se partir do pressuposto de que eles, ao comer neste “processo de seleção”, também não prestam atenção a indivíduos “especiais” e não os excluem de serem devorados.

“Mas a lei do mais forte aparece, sim, claramente”, objetarão alguns; “cada animal enfraquecido por doenças será inconsequentemente excluído da comunidade”.

Isso está correto, mas também novamente é errado. Isso não tem nada a ver com “força”. Qualquer filhote saudável já está em condições e tem força suficiente para se afastar. É do interesse da comunidade que eles sejam excluídos: a natureza não pôde construir hospitais para os animais. Doenças que deixam animais inaptos à vida são pestes, na maioria das vezes. Um animal com essa doença ameaça a existência do rebanho inteiro. Esse perigo só pode ser diminuído pelo distanciamento. Mesmo em doenças inofensivas, o doente atrapalha o rebanho em sua liberdade de movimento, o que significa um aumento do perigo.

Habitualmente o doente se afasta voluntariamente. Se ele não o faz, então os companheiros providenciam uma lição física correspondente. A compreensão

animal não consegue distinguir se se trata de uma doença passageira ou de uma mortal. Ela somente reconhece o estado doentio momentâneo. Por isso, para a manutenção do plantel, o rebanho irá excluir o mais valioso animal com a melhor genética, mesmo que se trate de uma doença passageira, mas, por meio disso, pode levar à decadência da espécie. Infelizmente isso é um mal que, devido ao pouco conhecimento e a outras capacidades, não pode ser evitado.

A natureza compartilha do seguinte princípio: “é melhor que um dos membros estrague, e não o corpo inteiro”.

Se a natureza ofereceu um meio melhor para alcançar o mesmo resultado, então não se deve conceber outro meio qualquer para outros males necessários como uma “orientação”, mas sim cada um deve sempre escolher o melhor entre os melhores: quem não o faz peca nos fundamentos da natureza e não escapará do castigo.

Nesse sentido — como no caso da reprodução —, os teóricos frequentemente viram tudo de cabeça para baixo. Na verdade, todavia, as doenças não foram feitas para eliminar o excesso da reprodução, mas a alta cifra de reprodução, em virtude das doenças, foi um mecanismo útil para a manutenção da espécie! Da mesma forma, a exclusão dos doentes não acontece para erradicar os “mais fracos”, mas sim porque os animais não possuem outro meio para combater a doença. O mesmo acontece com as irracionais brigas: elas ocorrem não porque são “necessárias”, mas pelo motivo de que falta ao ser vivo em questão a inteligência de reconhecer a estupidez de um agir estúpido. Por sua vez, os animais não lambem a sujeira de seus corpos porque o lamber em si seja “necessário à vida”, mas em razão de não possuírem outra forma de se limpar. E isso não significa que o ser humano deve eliminar o sabão e começar a se lamber para eliminar as sujeiras. É que não foram dadas a todos as mesmas características.

A alimentação foi escolha da natureza, mas o modo de se alimentar é diferente entre animais e plantas. Apesar disso, certamente ninguém irá afirmar que “possuir raízes” esteja mais em conformidade com a natureza. Estar em conformidade com ela significa que doentes não coloquem em perigo o plantel da comunidade de sua espécie: como este objetivo é alcançado é completamente secundário. A natureza quer que o inapto à vida não se reproduza: mas os meios e caminhos para alcançar esse objetivo podem ser bastante diferentes. Ela quer que as espécies

não se desgastem com lutas entre irmãos, que os ataques sejam defendidos e que parasitas sejam combatidos. Da mesma forma está em conformidade com a natureza que o espaço de vida necessário seja defendido: o como será específico, “por natureza”, para cada ser vivo.

Duas coisas devem ser fortemente sublinhadas: medidas naturais indispensáveis para a manutenção da aptidão à vida e “meios” disponíveis para cada espécie.

Uma coisa é certa: um “processo de seleção” no interior da espécie que somente deixa sobrevivendo os “fortes” não existe nem na fase das sementes e dos ovos, nem durante a juventude. Na posterior vida adulta isso também não acontece. Assim, somente sobra uma questão aberta, a saber: se talvez na luta com os inimigos naturais ou na competição entre espécies — na qual somente sobrevivem os animais mais fortes — doenças se excluem, pois elas desencadeiam uma “seleção” desse tipo, conforme esclarecido acima.

Volto a enfatizar que o excedente incapaz de viver nem precisa ser mencionado. Por isso, essas explicações se referem somente aos seres isoladamente com vitalidade.

Nas plantas, são determinantes o crescimento normal, o tempo de floração em clima favorável, quer dizer, a umidade e o calor na medida certa para a floração interessante aos insetos, o vento na medida certa para a floração polinizada, o amadurecimento correto das sementes, com um pouco de vento para ocasionar sua queda e seu transporte, entre outras disponibilidades necessárias à expansão do mundo animal. A quantidade de sementes, especialmente em plantas cujo tempo de floração é curto, depende em grande medida do clima deste período. O clima em alguns dias mais cedo ou mais tarde é decisivo para que plantas no ano em questão possam se reproduzir ou não. Para as plantas polinizadas por insetos, a disponibilidade do mel das flores é mais importante do que o tamanho da planta. A ação conjunta bem-sucedida de todas estas pré-condições depende, portanto, menos da “força” da planta e de como ela está em condições de oferecer proteção para não ser devorada.

Na luta uma contra a outra, a força já possui um significado bem reduzido, pois isso acontece apenas de forma excepcional na natureza livre.

“Foi comprovado experimentalmente que plantas mais robustas oprimem as plantas mais fracas que estão em suas proximidades”, dirá o biólogo experimental. “Mas eu vejo anualmente em minha sementeira que as plantas mais fortes oprimem as outras”, diz o jardineiro em relação a seu jardim. Estes senhores têm razão, mas nisso passa completamente despercebido que a natureza não é um laboratório nem um canteiro adubado. A natureza também não é um reflorestamento exemplar, no qual os abetos estão enfileirados uns ao lado dos outros.

Em regiões completamente descultivadas, os cactos isolados e outras plantas desérticas estão tão distantes uns dos outros, a ponto de ser necessário procurá-los: por isso uma luta entre eles está excluída. Mas onde há um solo bom, a planta jovem terá de lutar por um espaço vital, em algumas ocasiões e de forma excepcional, contra plantas de sua própria espécie, mas na maioria das vezes com plantas de outras espécies que aparecem. Observe-se quantos tipos de plantas crescem juntas num mesmo espaço na já reduzida flora europeia. Mas nas florestas virgens naturais, as árvores da mesma espécie estão separadas por cem, até mil metros umas das outras. Já entre elas estão, na mais bela combinação e mistura, uma dúzia ou mais de outras espécies de árvores e no meio de tudo ainda há inúmeras espécies de vegetação rasteira.

Na natureza livre, onde houver um lugarzinho aberto, em áreas densamente povoadas, não caem sementes só de uma espécie, mas de muitas e, assim, entre elas ocorre uma luta para selecionar a unidade mais forte. As sementes que caem ali são de muitas espécies e junto a isso ainda estão os esforços de expansão da vegetação. O que quer viver não precisa competir com as plantas de sua própria espécie, mas contra uma quantidade total de todos os seres vivos que brigam por determinado espaço, assim o defendendo e crescendo.

Nos locais em que já existem plantas que formam uma comunidade de uma espécie, a luta não ocorre entre elas para definir quem é a mais forte, mas sim pelo espaço vital pertencente a esta comunidade, o que forma uma pequena ilha, que, por sua vez, é defendida contra os esforços de expansão de todas as outras espécies de plantas que habitam o entorno e contra as sementes que tentam invadir. O que cresce na natureza livre não conseguiu o direito à vida pela opressão de seus companheiros de espécie, mas pôde viver porque teve vitalidade o suficiente para defender seu espaço contra todas as tentativas de outras espécies que brigavam por ele.

O decisivo sempre é uma certa medida de vitalidade, a capacidade de poder utilizar da melhor maneira possível todas as oportunidades, assim como a produção de quantidade suficiente de sementes com vitalidade em tempo certo, o que leva à sua expansão objetiva.

Já para os unicelulares e seres vivos menores que não conseguem fugir do perigo, o ponto principal é a produção de uma descendência com vitalidade suficiente e capacidade de conseguir arrecadar e digerir alimentos em quantidades satisfatórias. Sua força não consegue preservar ninguém de ser devorado; portanto, também não apresentam uma “seleção”.

No caso dos insetos, isso não depende do exemplar mais atlético, mas sim se a fêmea consegue pôr ovos na medida adequada à espécie, no lugar adequado e no tempo certo. Desse modo, a possibilidade de vida da descendência depende do fato de que, na planta certa, tenha sido colocada uma quantidade de ovos que ela pode sustentar. Nenhuma força corporal está em condições de proteger contra os inimigos naturais. Aqui se trata, em parte, de quem consegue encontrar o melhor esconderijo e de quem entende que é necessário se salvar em tempo hábil. A “seleção natural”, portanto, não pode estar apoiada na “força”. A propósito, cada agricultor sabe que a galinha mais forte não coloca a maior quantidade de ovos e que a vaca mais pesada não produz a maior quantidade de leite.

Já com a tênia, a “luta pela existência” não ocorre num ambiente livre. O principal é produzir a maior quantidade possível de ovos e ter um gado que os coma.

Para as aranhas, por sua vez, o decisivo é construir suas teias em locais em que voam os insetos.

Rãs e lagartixas precisam ser ágeis o suficiente para poder capturar suas vítimas. Até agora ainda não foi demonstrado que o mais forte ser isolado também tem a maior destreza. Da mesma forma, somente a maior atenção e o ficar em segurança em tempo hábil são o único meio de oferecer proteção contra inimigos.

De fato, caracóis e vermes não conseguem se livrar de seus inimigos correndo. O determinante neste ponto são, além da atenção e de se esconder em tempo hábil, as cifras de reprodução.

O lúcio (*Esox lucius*) não irá poupar o peixinho mais forte, mas aqueles que ele não conseguir capturar. Exatamente dessa maneira age a predadora larva do besouro nas ninhadas.

Dos insetos que exercem o cuidado parental ou dos que armazenam alimentos para o inverno, os que irão sobreviver nesta estação ou irão criar sua ninhada não são os formados pelos indivíduos mais fortes, mas aqueles que exercem a contento o cuidado parental, assim como aqueles que conseguem armazenar alimentos suficientes. Junto a isso vem ainda a construção de um abrigo adequando que suporte as intempéries do inverno, a correta escolha do lugar da ninhada e da moradia, como também, de acordo com a espécie, a escolha entre defesa ou fuga: ambos dependem em grande medida da atenção.

A ave de rapina e o animal predador somente irão poupar as presas que souberem se salvar em tempo hábil. É indiferente se a estratégia é se esconder, se camuflar, fugir ou outros: o importante é alcançar o sucesso com uma delas. Os ninhos e as moradias protegidos e bem camuflados oferecem menos perigos do que os colocados de maneira mais exposta. O animal dedicado poderá se salvar com mais facilidade do que o relaxado. A reprodução correta acontece exclusivamente com a alimentação suficiente de sua ninhada. Entre as espécies que armazenam alimentos, apenas sobrevivem aquelas que providenciam comida suficientemente, o que depende de sua dedicação. Claro que entre estas espécies o importante é encontrar locais de alimentos apropriados e suficientes, assim como proteção adequada e diante das intempéries do clima, etc. No caso das aves migratórias, o decisivo é encontrar o momento certo para a ida e para a volta. De resto, está claro que tudo isso jamais pode representar uma seleção dos mais “fortes”.

De igual maneira, entre os animais predadores a força sozinha não é suficiente: tudo depende, em primeira linha, dos sentidos, dos olhos, do cuidado e da atenção, da destreza, entre outros fatores.

Nos seres humanos não é diferente. Um homem de força mediana, mas dedicado, irá produzir mais do que meia dúzia de fortes, mas preguiçosos. O determinante, acima de tudo, ainda são os resultados do trabalho, da resistência, da confiança e de diferentes características de caráter. Muitos, que na escola aprendem “brincando”, irão fracassar completamente na vida, porque não sabem aplicar seus conhe-

cimentos. E muitos que nas aulas de educação física “brilhavam” com sua força corporal, apesar disso, não serão aproveitados num trabalho produtivo, pois não saberão indicar a direção e a utilização de sua força.

Pessoas com os mais belos talentos mentais terminam suas vidas fracassadas como “gênios bêbados”, porque em termos de caráter eram miseráveis deficientes. Da mesma maneira, há pessoas “fortes” o suficiente que, com os vícios, esgotam seus corpos e assim acabam se tornando, eles mesmos e seus descendentes, um peso para a sociedade. Ter a disponibilidade de capacidades de longe não oferece a garantia de sua aplicação razoável.

O valor de cada ser vivo isolado depende, única e somente, do aproveitamento objetivo das capacidades que lhe foram dadas.

Pequenas capacidades, desde que haja predisposição para que sejam completamente aproveitadas, podem resultar em maior aptidão à vida, mais do que grandes capacidades com pouca predisposição de utilizá-las objetivamente!

Lutas entre grupos ou estados da mesma espécie somente acontecem como resultado de superpopulação. Então o vencedor não será aquele que conseguir angariar os mais fortes, mas sim quem conseguir maior população e for o mais corajoso. Um enxame de abelhas que se tornou tão fraco em termos de população, a ponto de não mais poder defender seu lar eficientemente, será saqueado, mesmo que possa apresentar as abelhas “mais fortes”. Em tais casos, irá vencer a comunidade que tiver a maior “aptidão à vida”; analisada de forma geral, quer dizer, aquela que sabe utilizar a totalidade de suas capacidades de forma mais objetiva possível: da junção de todas as capacidades resulta o “valor”, tanto do ser vivo quanto da espécie.

A natureza não distingue entre forte e fraco, mas sim valoriza somente “apto à vida” ou não!



## 8

# CIFRAS DE REPRODUÇÃO E SELEÇÃO

Muitas vezes se defende o ponto de vista de que os gigantescos números da reprodução são necessários para que, na “luta pela existência” e na “seleção natural”, se possa eliminar tudo o que for inferior, de modo a permanecer somente os melhores.

Este ponto de vista apresenta dois pressupostos, o que na maioria das vezes passa despercebido: primeiro, que a maioria, pelo menos 90% da descendência de cada ser vivo, não é apto à vida; segundo, que toda descendência (indiferentemente se surge de ovos ou sementes, ou se são vivíparos) tem a oportunidade de se comprovar na “luta pela existência”.

Para a manutenção da espécie é suficiente que a morte de um casal de pais seja compensada pela vida de um novo par de filhotes ou, no caso das plantas, para cada uma que morre deve nascer outra. Teoricamente isso necessitaria uma cifra de reprodução de 1:1. Mas na natureza esta relação é multiplicada por muitos milhares, às vezes por muitos milhões, quer dizer, para cada ser vivo que morre, nascem muitas centenas, milhares ou até mesmo milhões.

Certamente está claro para todos, em se tratando aqui de “seleção”, que todo excedente que sucumbe precisa ter sido inapto à vida. De acordo com isso, de um milhão, 999.999 indivíduos precisariam ser exterminados, pois, caso contrário, o plantel sucumbiria em “degeneração”. Mas isso também ainda quer dizer que cada mutação que porventura estiver entre estes 999.999 indivíduos representa uma piora em relação aos outros de sua espécie! Pois se fosse diferente, então tratar-se-ia apenas de uma “seleção” dos melhores entre os melhores. E assim uma meia dúzia seria totalmente suficiente para uma perspectiva e seleção apropriadas!

Desse modo, temos, neste caso, o fato bastante curioso de uma teoria que apresenta duas doutrinas que se excluem mutuamente.

De um lado, sempre devem surgir, teoricamente, descendentes “mais bem adaptados” que são superiores aos outros e por isso na “seleção natural” são privilegiados (quer dizer então que os descendentes em média pelo menos são semelhantes aos outros da espécie, mas que sempre aparecem mutantes que são “mais desenvolvidos”, que finalmente se sobrepõem no “processo de seleção”). Por outro, mais de 99% da descendência é tão inferior, que, no “processo de seleção”, precisa ser eliminada, para não colocar a existência da espécie em perigo. Sem essas pressuposições, toda “teoria da seleção” cai por terra! Se a quantidade total contém bons e se escolhe melhores ainda, então não faz sentido eliminar 99% como sendo inferiores.

Bem, mas todo jardineiro e agricultor sabe que as sementes, em sua maioria, são capazes de germinar (o percentual é diferente de acordo com o grupo): nabos, por exemplo, é de 99%. A maior parte das sementes germinadas, se tiver espaço suficiente e solo apropriado, gera plantas robustas. Teoria e prática se separam novamente, como tantas vezes, em opostos intransponíveis.

Como seria se os teóricos, estranhos à natureza, estivessem certos, quer dizer, se houvesse quantidade de sementes necessária para que o “processo de seleção” escolhesse o mais apto à vida? A humanidade já estaria extinta há dezenas de milhares de anos.

Mas é completamente desnecessário realizar novos “experimentos em laboratórios” e escrever algumas dezenas de livros, pois o agricultor prático sabe dar sobre isso um discernimento acertado.

Em solo apropriado, a planta do trigo carrega 130 espigas com 6.855 grãos. Disso se conclui, “de acordo com a teoria da seleção”, que, na “seleção”, 6.854 precisam ser eliminados para manter um único grão valioso em vida. Ou trazendo para o campo prático: o agricultor precisaria semear 6.854 vezes mais grãos de trigo para manter sua plantação. Quer dizer, por hectare, teria de semear exatos 200.000 quilos em vez de 100 quilos (*Drillsaat*) que necessitaria em realidade. No caso do fumo, teria de semear até 400.000 vezes mais do que ele precisa. Curto e grosso: a colheita jamais poderia ser maior do que a semeadura!

Se, por razões econômicas, alguém na agricultura não consegue oferecer o espaço e distanciamento entre as plantas, a colheita ficará muito abaixo do esperado.



Desse modo, a safra de trigo terá em média não além de 2.000 quilos por hectare. O jardineiro jamais conseguiria lidar com a semeadura e com a “seleção” que seriam necessárias para conseguir alguns pacotes de cenouras e rabanetes.

Como cada jardineiro, agricultor e reflorestador atencioso pode confirmar, a maior parte das sementes produzirá plantas robustas, sem demandar a gigantesca quantidade “para confirmar a seleção”. Para “selecionar” o melhor entre os bons, é completamente suficiente que se tenha uma quantidade de sementes vitais para cada planta.

No mundo animal é diferente. A fêmea do bicho da seda coloca em torno de 600 ovos. Para a manutenção da população da espécie, são suficientes apenas dois descendentes com vitalidade. Desse modo, 598 ovos teriam de ser eliminados pelo “processo de seleção”, para que os dois mais robustos sobrevivam sozinhos. O criador do bicho da seda, portanto, se seguisse a teoria, teria de produzir 600 vezes mais lagartas do que ele irá manter em casulos. Numa criação nestes parâmetros não se pode mais falar em “lucros”. O criador iria desistir, graças a uma “seleção” desse tipo.

Na natureza livre as coisas não acontecem de forma diferente. A maioria dos ovos, quer dizer, quase todos, produzem descendentes com vitalidade. Quem duvida basta proteger em sua horta uma ninhada da borboleta branca da couve de seus “inimigos naturais” e irá ver — desde que haja clima favorável e alimentos suficientes — que tudo que não sucumbir por pestes se desenvolverá em lagartas e, em condições favoráveis para o encasulamento, resultará em borboletas com vitalidade.

Mas quem não tem à disposição uma horta pode verificar a cada momento a inexatidão dessas lições: é só deixar um pedacinho de carne para as moscas colocarem seus ovos e prestar atenção quantas se desenvolvem e se tornam moscas robustas, desde que haja alimentos suficientes e condições de encasulamento correspondentes.

Se ainda não for esclarecedor, que observe uma colmeia de abelhas ou um ninho de vespas. A rainha coloca cerca de 1.000.000 de ovos em sua vida. Como cada ovo recebe seu próprio berço e cuidados, todos, sem exceção, resultam em descendentes robustos; somente algumas larvas são “natimortas” ou eliminadas pelo frio. As mesmas relações ocorrem em todas as abelhas, mamangavas e vespas.

Está claro: a geração dos ovos não pode ser resultado da “seleção”, que aqui na verdade nem existe; ela somente foi necessária para compensar os indivíduos que sucumbem no trabalho fora da colmeia. Isso por sua vez não pode representar uma seleção, pois os pardais que caçam as abelhas no voo, os sapos que capturam as abelhas nas flores e na coleta de água, assim como os demais inimigos naturais, nenhum deles presta atenção em pequenas diferenças microscópicas. O que aqui é determinante na “luta pela existência” são as seguintes coisas: escolha apropriada da moradia, dedicação, atenção e coragem. Somente assim é que a verdadeira seleção elimina tudo que não é apto à vida.

Da mesma forma acontece com as formigas cuja população frequentemente chega aos milhões. Cada ovo é criado sem seleção e resulta em descendentes com vitalidade, mesmo que os cuidados não tenham o mesmo grau de totalidade que nas circunstâncias citadas anteriormente. O fato é que, em todo caso, a maioria resulta em insetos bem formados, desde que haja cuidados apropriados. Neste caso a geração de ovos serve somente para a manutenção da população. Apenas se pode falar de uma seleção quando abordamos o período de formação de novos enxames, quando centenas de fêmeas saem do lar para, cada qual, formar uma nova sociedade para si. As fêmeas que encontrarem lugar capaz de oferecer a melhor proteção para a formação do ninho irão sobreviver.

Maior ainda é a quantidade de ovos produzida pelos cupins, 100.000.000 ou mais. Tudo criado sem distinções. A geração de fêmeas reprodutoras ocorre numa medida igualmente grande: no período de formação de enxames, centenas de milhares abandonam suas árvores. Esse excesso não foi produzido para que os inferiores sejam eliminados por meio de uma “seleção natural”, mas sim para que, apesar de todos os perigos, pelo menos um caszinho sobreviva para a manutenção da espécie.

No período da formação dos enxames, geralmente um dia chuvoso, o ar fica fervilhando como flocos de neve. Mas muitos precisam encarar os inimigos naturais: insetos (libélulas) pardais, entre outros pássaros, que devoram tudo o que conseguem capturar ainda no voo. Em consequência de sua dificuldade de voar, que é antes um flutuar, os que logo chegam ao chão são aguardados por sapos, rãs, lagartixas, pássaros e outros insetos, para os quais se tornam uma presa fácil. A sobrevivência depende, acima de tudo, do fato de pousar sobre madeira morta e

seca o suficiente, já que se alimentam dela, e que rapidamente encontrem um lugar que seja o mais protegido possível para iniciar o seu novo ninho.

Eles não conseguem escolher o lugar em que pousam, pois o voar para eles é muito difícil. Depois de algum tempo, eles aterrissam onde momentaneamente se encontram. De qualquer forma, o voo não consegue percorrer grandes distâncias. Logo depois de pousar, ou ainda durante o voo, eles perdem suas asas. Levantar voo novamente, caso o lugar seja inapropriado, é impossível. Quem encontrar um lugar apropriado ali permanece e, se tiver vitalidade, poderá se manter.

O que ocorre com estes animais não é muito diferente do que ocorre com as sementes que são levadas pelo vento: somente há perspectiva de sobrevivência se caírem em lugares favoráveis, que não são muitos. Por isso, para que possa sobreviver um casazinho, apesar da grande quantidade de inimigos e da casualidade de encontrar um espaço, isso ocorre fundamentalmente por encontrar um espaço vital aproveitável. Por isso é que existe esta necessidade de uma geração tão dispendiosa. Se a maioria dos casaizinhos fosse formada por indivíduos inapropriados que precisassem ser “selecionados”, não haveria nenhuma possibilidade de reprodução. Uma dose demasiadamente grande de acasos seria necessária para que exatamente este par — durante o voo e no pouso — fosse preservado de todos os perigos e que, justamente estes, também encontrassem o lugar mais apropriado para pousar.

Tênia (*Taenia solium*) geram anualmente 42.000.000 de ovos, ou até mais. Se se parte de uma idade de 10 anos para a tênia, então se tem uma geração total de 420.000.000 de ovos.

Apesar dessa inimaginável cifra de reprodução, a população de tênia, entra ano sai ano, permanece quase a mesma. Na realidade, somente aparece um verme novo no lugar em que outro morre, quer dizer, o excedente de centenas de milhões não chega ao desenvolvimento.

Se fosse diferente, a descendência de uma única tênia iria empertear em poucos anos toda a humanidade. Neste caso, mesmo o maior fanático da seleção deve ficar calado. Mas o desenvolvimento da tênia depende unicamente de circunstâncias que ela não é capaz de influenciar!

Somente o ovo que for ingerido por um porco pode se desenvolver no corpo deste animal na forma de uma barbatana. Da barbatana desenvolvida, por sua vez, somente irá surgir uma tênia que for ingerida, ainda com vida, junto com a carne de porco por um humano. Como a probabilidade para que isso aconteça não chega a  $\frac{1}{10.000}$ %, a maior parte dos ovos precisa ser apropriado para a geração de descendentes com vitalidade.

É impensável que justamente o único ovo “mais robusto”, casualmente, seja “selecionado” desse modo. Também neste caso a seleção irá se restringir à eliminação dos seres incapazes de se transformar em barbatanas, assim como mais tarde somente irão sucumbir aquelas barbatanas cuja vitalidade não seja suficiente para se alojar nos intestinos. A quantidade fantástica somente é necessária para garantir a manutenção da espécie, apesar da baixa probabilidade.

Entre os peixes, até mesmo o lúcio gera em torno de 100.000 ovos. Conforme cada criador dono de aquário pode concluir e comprovar, a maioria dos ovos gerados pelos peixes resulta em descendentes com vitalidade, desde que sejam fecundados. Se não fosse assim, a criação artificial de peixes seria impossível. Devido aos grandes perigos aos quais estão expostos os ovos e filhotes de peixes, apenas uma pequena parcela chega ao desenvolvimento pleno. Os números da reprodução são diferentes de acordo com o tamanho do perigo a que estão expostos.

O caso de aves e mamíferos não é diferente. Nos cuidados que são dedicados aos ovos, e conseqüentemente aos filhotes, as cifras de reprodução podem ser relativamente menores. Cada proprietário de um quintal pode confirmar isso apenas observando os ninhos. Mas quem não tem essa possibilidade pode criar camundongos — sejam eles cinzas ou brancos — e chegará ao mesmo resultado. O agricultor iria se desesperar se, entre os descendentes de suas vacas de *pedigree*, apenas fossem geradas duas bezerras. Pois em tais condições uma multiplicação do rebanho, e com isso a criação de animais, seria impossível.

Sejam animais ou plantas, a grande quantidade de descendentes é vital!

Mas o conceito de seleção também parte do pressuposto de que todos os descendentes recebem a oportunidade de se superar na “luta pela existência”. Está claro que — em relação à totalidade da descendência — cada “seleção” é sem valor se

99% dos ovos ou filhotes já sucumbem antes mesmo de seu início. Muito mais provável é que “o melhor” esteja entre a grande massa que é exterminada sem escolha alguma do que entre o resto, que muitas vezes é microscopicamente pequeno.

Se os seres vivos na natureza livre recebem a oportunidade de poder participar desta “prova de si mesmo” ou não, é uma pergunta que já foi respondida anteriormente de forma mais ou menos clara. Por isso é suficiente aqui um curto resumo.

Apenas uma parte das sementes pode germinar e crescer, quer dizer, aquelas que caem em um dos poucos lugares favoráveis, que não são sufocadas nem comidas pelos pássaros, animais e insetos, assim como as que forem poupadas pelas doenças. No caso dos ovos e das larvas, das lagartas e dos insetos — desde que não se trate de indivíduos que formam sociedades ou parasitas —, a grande maioria será ou eliminada por clima desfavorável, escassez de alimentos, doenças, ou será comida por pássaros e insetos, além de outros fatores. No caso dos ovos gerados pelas tênias, apenas um pequeno percentual chega ao desenvolvimento, após ter de passar por uma série de etapas intermediárias de um hospedeiro em condições muito favoráveis. A maioria, muito mais do que 99%, sucumbe sem ter encontrado a oportunidade de desenvolvimento. A maior parte dos ovos de peixes ou da sua ninhada morre, se não for comida antes de se tornar autossuficiente. Da ninhada de aves, grande parte é vítima dos saqueadores de ninhos ou morre de fome, porque outros inimigos exterminaram seus pais. O mesmo acontece com os mamíferos: os filhotes indefesos estão expostos à maioria dos perigos. Até mesmo os seres humanos perderam antigamente mais de um terço de seus descendentes em idade de amamentação.

Sejam animais ou plantas, a grande maioria da descendência nem chega ao desenvolvimento e, por isso, permanece privada de qualquer possibilidade de superação na “luta pela existência”!

Entre aqueles que na natureza livre sobrevivem ao extermínio sem que tenham alguma chance, os que têm a maior vitalidade terão as maiores perspectivas para contribuir melhor para a reprodução da espécie. Mas o permanecer em vida ainda depende de muitas circunstâncias que não podem ser influenciadas por ele. “Supere-se, então você terá as maiores perspectivas de se manter”, continua sendo, apesar de tudo, um dos fundamentos da natureza que se coloca de forma inimiga para todos os seres vivos inaptos à vida.

Como a maioria de todos os descendentes possui vitalidade e na natureza mais do que 99% é exterminada sem mesmo ter algum tipo de escolha, não se pode afirmar que a grande cifra de reprodução seja uma necessidade para os fins de uma “seleção”: as cifras de reprodução crescem somente na mesma proporção com a diminuição do percentual de outras capacidades apropriadas para a manutenção da espécie!



## 9

### ACASALAMENTO E SELEÇÃO

Muito frequentemente se afirma que o acasalamento é resultado de uma seleção. A esse respeito, se apresenta novamente o “forte veado” como exemplo diante de nossos olhos, o qual afasta todos os mais fracos para ser o senhor isolado da manada. Mas passa despercebido que esse ruminante dominador dos acasalamentos representa um estado de exceção pouco difundido na natureza. A propósito, o ser humano não quer fazer parte “filogeneticamente” do gado, mas sim dos macacos...

Assim, este sonho ilusório desaparece. A grande maioria dos seres vivos — devido a suas capacidades corporais e mentais reduzidas — nem é capaz de fazer uma “distinção” na seleção sexual. “Quem chega primeiro, come primeiro” é o que diz o ditado, segundo o qual quase tudo se orienta. O segundo ditado, “proteja o lugar conquistado”, somente é válido para os poucos seres vivos capazes disso.

Nuvens inteiras de pólen são produzidas pelas plantas anemófilas, mas somente poucos, que casualmente caem em tempo hábil sobre os estigmas de uma flor feminina da mesma espécie, possuem a perspectiva de conseguir uma fecundação.

As abelhas carregam quilos de pólen das plantas entomófilas — além disso, contudo, também o pólen de plantas anemófilas, para servir como alimento. Só um pequeno resto que, casualmente, é esfregado sobre um estigma de uma flor feminina da mesma espécie poderá completar a fecundação em circunstâncias favoráveis.

De acordo com isso, não se pode falar em seleção sexual entre as plantas. Elas são orientadas única e exclusivamente pelo pólen, que é conduzido pelo vento ou por insetos para perto ou para longe.

É pouco provável que os grãos de pólen que caem num estigma de uma flor feminina sejam os melhores de todos. Conceber isso, neste acaso, como uma “seleção”

seria resultado de puxar um fumo um pouco forte demais. Nossos teóricos das mutações fariam bem se observassem as extremamente baixas estatísticas de probabilidades para a fecundação realizada pelos grãos de pólen!

A primeira mutação ocorrida numa planta jamais irá abranger todos os grãos de pólen. Se a quantidade total que sai de uma flor fosse 1%, muito de acaso seria necessário para que eles tivessem a oportunidade de pousar sobre o estigma de uma flor. Se a massa principal de pólen fosse formada de material inferior, que teria de ser “selecionada”, o mundo vegetal teria sucumbido já no seu surgimento. Somente com o pressuposto de que a grande maioria de grãos de pólen produzido tenha vitalidade — da mesma forma nas estatísticas de reprodução — há a perspectiva de manutenção da espécie.

O grão de pólen que irá pousar no estigma de uma flor e, desse modo, fará a fecundação será aquele que for mais rápido e que tiver o caminho mais curto de seu tubo de pólen até o óvulo, onde poderá progredir. Nessa perspectiva, além de outras coisas, a velocidade de crescimento e o sentido de direção são determinantes. O que não for capaz disso, fracassa. Somente por meio disso é possível às plantas excluir o que não é apropriado. Mas esta “seleção” se completa de forma oculta.

O mundo vegetal não é capaz de escolher seus parceiros sexuais: não existe poli-gamia no sentido de que o portador do pólen “mais forte” tenha o direito único. Somente o não apto à vida será excluído na fecundação. Apesar disso, no mundo vegetal, não é possível estabelecer nenhuma forma de decadência: as plantas brotam e florescem de forma gigantesca e, em parte, em exuberantes cores há mais de 300 milhões de anos!

Além do mundo vegetal, são os insetos, que abrangem milhões de espécies diferentes, com uma incrível quantidade total de sua população, que deram a maior contribuição para a população da Terra (eles contam com uma idade de 300 milhões de anos), de modo que ainda hoje dominam o reino terrestre. Essa quantidade não pode ser alcançada nem de longe por uma espécie de animais superiores.

Neste grupo, que é tão importante na natureza — sejam besouros, moscas, borboletas gafanhotos ou outros —, a monogamia é mantida, e o princípio de rebanho é descartado. No acasalamento não vale o “direito do mais forte”, mas sim o “direito

do mais apto”, quer dizer, daqueles cuja capacidade mental e corporal, assim como a agilidade de reconhecer e alcançar a fêmea, sejam suficientes. O macho, que somente se interessa no que consegue tirar vantagem, ou como se diz nos trópicos, decai para o vício da bebida e passa o dia inteiro somente fazendo coisas que lhe são aprazíveis, na maioria das vezes fracassa, mesmo que talvez tenha outras qualidades boas. Como os casais de insetos — desconsiderando algumas exceções — permanecem juntos por pouco tempo, no máximo por algumas horas, a “afirmação da propriedade conquistada” aparece somente em casos excepcionais.

Uma “seleção sexual”, composta por meio de “preferências” de alguma forma ou por sinais, em parte alguma é perceptível, a não ser teoricamente na forma de pensar de alguns teóricos. Nem macho, nem fêmea prestam atenção na “beleza”. O primeiro também se contenta com uma fêmea deficiente; à última basta qualquer macho, esteja ele dilacerado ou desgrenhado — o importante é que chegue primeiro!

Nas moscas — indiferentemente se as fêmeas aguardam isoladas ou em bandos —, o macho que consegue acasalar é aquele que é o primeiro a reconhecer a fêmea e mais rapidamente a alcança. Já nos bandos — moscas, algumas *stratiomyidae*, entre outros —, os machos que não foram felizes em sua tentativa recuam a seus lugares, na esperança de ter mais sucesso na próxima vez.

De forma semelhante são também as relações nas moscas d’água (*Trichoptera*) e nas moscas de um dia (*Ephemera*).

No caso das borboletas, igualmente terá sorte somente o macho que conseguir — frequentemente de muito longe — ser o primeiro a ver e abordar a fêmea. Se os desenhos em suas asas apresentam uma listra preta a mais ou a menos, ou outra “distinção”, é totalmente indiferente. Mesmo sendo as asas esfarrapadas, isso não faz diferença. O fato de que, em todos os casos, exatamente “o mais forte” macho chegue em primeiro lugar ainda precisa ser comprovado “experimentalmente” pelos teóricos que defendem a lei do mais forte.

O comportamento de besouros, vespas, percevejos gafanhotos e outros grupos não é diferente disso.

Somente há um determinante na natureza livre: se acasalam somente os pertencentes de uma mesma espécie; os “enganos” são muito raros. Grandes chamativas

diferenças de cor e tamanho no interior de uma mesma espécie não são observadas. Minúsculas diferenças somente observadas por modernos mecanismos, entre espécies aparentadas, todavia, impedem qualquer cruzamento na natureza livre.

Machos minúsculos se acasalam com fêmeas gigantescas de dentro de uma mesma espécie, ou vice-versa. Alguns insetos dispõem até mesmo de mais do que uma forma feminina. Mas nenhuma dessas diferenças externas é “preferida”. Apesar de milhões de anos, ainda não se chegou — a despeito de algumas “belas” teorias — ao “surgimento” ou à formação de uma espécie própria. Até agora é completamente indiferente se se trata de uma fêmea amarela, preta ou malhada. Mas a “teoria da mutação” ainda acredita poder ensinar que minúsculas alterações representam uma “melhora” necessária à vida e um ponto de atuação da “seleção”, presente somente em suas hipóteses.

O alinhamento de uma “teoria da formação”, quer dizer, o desenvolvimento de determinadas formas por meio de uma “escolha natural da reprodução” no acasalamento é uma zombaria para cada verdadeiro observador da natureza, mesmo que soe tão erudita e sábia.

É de se refletir: exatamente para aquilo que não se entende e compreende estão a maioria das palavras estrangeiras à disposição dos teóricos. A melhor maneira de esconder sua ignorância é por meio da utilização de uma grande quantidade delas.

O que é necessário: mais estudos práticos da natureza e menos sabedoria de escrivinha!

Hoje se procura estabelecer, com auxílio do binóculo e do microscópio, minúsculas “variações” e “mutações” para fantasiar “uma nova espécie em formação”. Neste ponto, passa despercebido que a natureza comprova centenas de vezes que, mesmo em concepções humanas, grandes diferenças ocorridas depois de milhões de gerações não chegam a conduzir à formação de novas espécies.

Até se chega ao ponto de afirmar que pequenas variações, causadas por diferentes condições de vida passageiras, ainda no estágio larval e que não chegam a se expressar no inseto formado, já se constituem um indicativo da formação de uma nova espécie que se completa diante de nossos olhos. Na verdade, casos deste tipo comprovam somente que alterações no estágio larval, condicionadas por influências

exteriores, não se refletem no animal formado. A propósito, isso somente poderia se expressar num percentual extremamente reduzido dos insetos.

Mesmo que essas diferenças se manifestem no animal formado, isso dependeria — conforme se comprovou por diversas vezes —, antes de mais nada, que esta “nova” forma não cruze com a “antiga”. Aqui reside o ponto dolorido de nossa “pesquisa”. Ela se satisfaz com a constatação de qualquer diferença minúscula sem comprovar se isso na natureza livre significa algum valor, por menor que seja.

Procura-se compulsivamente apoiar com “provas” qualquer fundamento verdadeiro de uma teoria com lacunas, a qual comprova exatamente o contrário do que se defende! Basta tirar os óculos prismáticos da teoria do evolucionismo.

No mundo das aves, por exemplo, que está próximo dos insetos no que se refere à excelência de cores e conta com uma grande quantidade de espécies em se tratando de vertebrados, se vive em monogamia por um período parcial ou pela vida toda, com algumas poucas exceções, como, por exemplo, alguns galináceos.

Aqui a “manutenção do conquistado” já está muito mais impregnada. Aquele que chegou primeiro muitas vezes tem duras lutas diante de si para defender seu direito contra aqueles que o desafiam, mesmo entre “inofensivos” pássaros canoros. Finalmente — e isto é o determinante —, cada um encontrou seu parceiro sexual; os casais constroem seus ninhos, chocam e cuidam dos filhotes até eles se tornarem autossuficientes.

Nesse sentido, de igual maneira, não se pode falar de uma “seleção sexual”. O comprimento das penas das asas da fêmea encontrada é indiferente ao macho e para a fêmea os detalhes na coloração do macho igualmente não são determinantes, assim como as diferentes formas (volume, duração, etc.) de cantar dos galos são indiferentes para a galinha.

Em linhas gerais, as relações são bastante semelhantes nas relativamente poucas espécies de mamíferos. Do mesmo modo, eles precisam defender a propriedade conquistada diante do novo pretendente de sua espécie. Depois de algumas idas e vindas, neste caso, os casais se encontraram novamente, para curto ou longo tempo. Rebanhos com somente um macho são — como exceção — usuais em poucas

espécies. Não se observa nenhuma preferência a determinadas cores, tamanho do pelo ou detalhes parecidos — detalhes altamente importantes para os acrobatas da teoria do evolucionismo: o gato não presta atenção se a gata possui uma mancha cinza a mais ou a menos. Ao coelho é igualmente indiferente se as orelhas da coelha são alguns milímetros mais curtas ou mais longas.

Aqui ainda seria possível mencionar a defesa do território de caça entre os animais predadores. A região de caça dos grandes felinos é de tamanho de milhas quadradas, ou seja, um encontro — especialmente na floresta virgem — irá acontecer raramente. Por isso, este ponto não deve ser subestimado “teoricamente”.

Mas mesmo no “preferido” cervo, neste animal domesticado, a luta pelo acasalamento não resulta numa “seleção” do melhor macho: como sabem todos os bons caçadores, o cervo velho, quer dizer, um cervo cuja galhada, como sinal de degeneração, apresenta uma ponta inferior desenvolvida de forma sobrenatural, tornando-se um punhal, é capaz de espetar e levar o melhor cervo à morte; a natureza não possui poder de polícia para evitar estes tipos de indesejáveis acontecimentos.

Da mesma forma, no mundo animal não se pode falar de uma “escolha sexual” seguindo “fundamentos objetivos”. Uma “seleção” ou “criação ascendente” de determinada forma não acontece. Poligâmias são usuais somente em casos excepcionais. Fundar uma teoria sobre isso é colocar as coisas de ponta-cabeça. Em toda parte, vale somente o direito do primeiro, quando este for capaz — sempre que necessário — de se garantir!

Em total ofuscamento, muitos seguidores da “teoria da seleção sexual” concebem o “inevitável” como sendo o “necessário”. Sendo assim, não deve ser fundamento da natureza conferir ao animal que chega mais tarde, mas que casualmente é mais forte e que foi preguiçoso demais para procurar uma fêmea ainda livre, o direito de expulsar o mais eficiente que chegou primeiro. Quer dizer, a aptidão à vida não pode ser avaliada exclusivamente por uma característica que somente pode trazer proveito para a aplicação se estiver relacionada com outras capacidades!

É que infelizmente a natureza não possui outro meio de evitar usurpações: em virtude disso, “defenda-se você mesmo” passou a ser uma exigência indispensável que se colocou ao ser vivo. Quem concebe a usurpação no interior da própria espécie —

na qual se conta também a usurpação de fêmeas — como uma necessidade natural esquece que isso ocorre numa proporção muito pequena dos seres vivos que vivem livres na natureza. Jamais algo pode ser concebido como necessário à vida, sendo que muito mais do que 99% consegue sobreviver bem, ou até melhor, sem isso. É de conhecimento geral que em muitas espécies o macho, depois do acasalamento, é morto ou devorado pela fêmea. Desse modo, poder-se-ia com o mesmo direito considerar esse “devorar o macho” como sendo uma “necessidade imitável”!

O mais importante que teria de ser esclarecido pelas exposições da “teoria da seleção” sexual ficou — como de costume — completamente despercebido, a saber, se as fêmeas e os machos “selecionados” não efetuam o acasalamento.

As provas de que na natureza livre fêmeas com vitalidade não acasalam até agora não foram apresentadas. Nada diferente ocorre com os machos aptos à vida que permaneceram “solteiros”. Não se pode aqui usar um caso excepcional, como os zangões das abelhas que produzem mel, como “regra”: a quantidade de machos “excluídos” necessária para uma seleção não está disponível na natureza livre.

Até agora se desviou “generosamente” desta questão: “na época do acasalamento da maior parte das espécies animais há um considerável excesso de machos”? É preferível se dedicar a problemas “mais importantes” que movem o mundo com conclusões científicas por meio de experimentos laboratoriais do que provar se um animal faminto come mais do que um satisfeito.

Se na realidade, com poucas exceções, no final da época do acasalamento, todos os animais com vitalidade de ambos os sexos acabam se acasalando, como então pode ter trabalhado aqui a “seleção sexual natural”?

Da mesma forma generosa, esqueceu-se de esclarecer questões igualmente importantes envolvendo a ocupação com acrobacias teóricas sobre árvores genealógicas: se a fêmea, em torno da qual se luta e que acaba ficando com o “mais forte”, é realmente portadora de uma excelente genética ou não.

Sem mais, está completamente claro que somente se pode atribuir um valor à luta pelo acasalamento se a melhor fêmea fica com o melhor macho!

Mas onde está o sentido, se o forte, que em muitos olhares sempre é confundido com o mais apto à vida, “conquista” uma fêmea inferior e se o macho derrotado depois de algumas buscas encontra uma fêmea melhor? Neste caso o derrotado é que tira vantagem, pois é sabido que ambos acasalam.

Gostaria que os senhores teóricos esclarecessem como o macho deverá reconhecer a melhor fêmea, se uma outra fêmea, como é normal, vive distante, de modo que uma comparação “in natura” e uma avaliação não seja possível?

Será que o macho precisa primeiramente visitar as fêmeas num território de milhares de distância, fixar suas imagens — pois os animais ainda não conseguem fotografar — e então, depois de consultar todos os dados, correr para “a melhor”?

Em que momento o macho deverá reconhecer que diante de si está a “melhor” fêmea, sendo que aparência exterior e genética interior raramente coincidem?

Nem o ser humano é capaz de sempre encontrar o cônjuge “correto” e “melhor”, de separar o parecer e o ser: será que o percevejo, a coruja e todos os outros animais são mais espertos?

Aves, mamíferos, etc. não possuem escolas que possam lhes ensinar o que deve ser feito e como se comportar. Por isso somente uma lição palpável pode lhes trazer a prova: “você não deve fazer isso!” Igualmente, dessa forma, em espécies que demandam um desenvolvimento mais longo, os filhotes não podem ser ensinados com palavras e escrita que eles ainda precisam esperar. “Tire as mãos de minha propriedade” e “afaste-se, seu novato” são os lemas que levam à defesa de sua propriedade: por isso as lutas, e não por causa de alguma “teoria de seleção”!

No mundo animal, assim como no vegetal, a luta dos membros (adultos) de uma mesma espécie uns contra os outros não significa um “procedimento de seleção natural”! A luta mútua — mesmo nos períodos de acasalamento — corresponde a fontes bem diferentes: inveja, ressentimento, ódio, preguiça, vontade de saquear, entre outros vícios, assim como o arrombamento, o roubo, o saque e o assassinato entre humanos também não são acontecimentos relacionados à “seleção natural”!

A verdadeira seleção nesta área acontece na questão essencial de todos os seres vivos de forma bem oculta. Assim como o grão de pólen mais apto entre aqueles

que chegam no estigma da flor consegue fertilizá-la, o espermatozoide mais apto no mundo animal — quer dizer, aquele que, com mais agilidade, consegue se livrar dos empecilhos e toma o caminho mais curto — chega antes na sua meta. Mas ele não precisa necessariamente ser “o mais forte”. Quem não acredita nisso, quem duvida, que faça um homem de estatura normal e um “extra forte” ou até mesmo um gordo correr um longo e difícil percurso com obstáculos.

Não há na natureza livre uma seleção natural por meio da seleção sexual. Todas as teorias desse tipo pertencem ao reino da fantasia. A natureza providencia bem antes e de forma diferente que inaptos à vida não cheguem à reprodução!



10

## CRUZAMENTOS E FORMAÇÃO DAS ESPÉCIES

Mutações não conseguem agir como formadoras de espécies e formas; elas são somente criadas, caso sejam aptas à vida, pela espécie em questão. Com isso desaparece a possibilidade de serem capazes, no sentido da teoria do evolucionismo, de contribuir minimamente para um “desenvolvimento ascendente”: esse fato estabelecido não poderia contribuir para a teoria da ancestralidade se esta teoria tivesse algum compromisso com a verdade.

Para seres vivos bissexuais, essa “possibilidade de evolução” está completamente fora de questão. Como os mutantes até agora não são capazes de produzir melhoramentos, então essa possibilidade de desenvolvimento seria insignificante para seres vivos que se reproduzem por meio da divisão. Mesmo assim seria uma grata tarefa para a ciência estabelecer, sem noções preconcebidas, se a natureza está em condições de conseguir, ao longo do tempo, trazer seres unicelulares, que saíram de rumo, de volta para o caminho normal: isso seria algo eficiente, para o qual se atribuiria um valor maior do que o lúdico.

As condições de vida e de ambiente também não possuem influência para conferir novas espécies ou para exercer uma influência capaz de modificar a forma de espécies de seres vivos já existentes. Da mesma forma, a famosa “seleção natural” e a “luta pela existência” não têm preferência por formas e cores. Para ambas, é bem indiferente se o ser vivo de um ambiente é um pequeno e microscópico unicelular ou uma baleia, um ácaro ou um ser humano, um animal ou uma planta. A sobrevivência simplesmente depende apenas se o ser vivo é capaz e apto à vida. De que forma essa condição é atendida é tão indiferente ao “processo de seleção” quanto a cor do arco-íris o é para a minhoca.



O comportamento em relação à “seleção sexual natural” não é diferente. As texturas das penas das asas são tão insignificantes ao macho quanto o é a textura da superfície lunar: o instinto de acasalamento supera tudo!

Como último apoio da teoria do evolucionismo e das lições da ancestralidade comum, restam ainda os cruzamentos, para os quais se anuncia com trompetes e trombetas uma força formadora de novas espécies e formas. Por isso, vejamos com mais detalhes esta maravilha teórica elaborada pelos teóricos.

O pesquisador vê com espanto inspirador que — em certa medida sob suas mãos —, por meio do cruzamento de duas raças determinadas de boca-de-leão (*Antirrhinum*), surgiram em torno de 1000 diferentes formas “novas”. Ele admira como uma única pequena quebra do equilíbrio da genética é capaz de desencadear um efeito tão grande. Seu raciocínio segue: se uma única pequena intervenção permite o surgimento de 1000 novas formas, quantas vezes mais isso teria acontecido nos grandes períodos geológicos de milhões de anos para transformar a superfície da Terra; quantas vezes isso teria se repetido outrora. Encontrar a explicação para o surgimento das espécies é, assim pensa ele, uma brincadeira de criança.

Contudo, não é algo novo o fato de que pequenas quebras são capazes de provocar grandes alterações: um trilho solto numa ponte e um apressado trem expresso provocam uma porção de novas formas.

Como ocorre tão frequentemente, nesse sentido, o mais importante passa despercebido: o que teria acontecido na natureza livre — partindo do pressuposto de que realmente tais cruzamentos teriam ocorrido — com essas 1000 novas formas ao longo do tempo?

A resposta comprovada pela prática seria a de que “espécies que possuem tal mecanismo de cruzamento e apresentam uma gigantesca formação de divisões sempre irão novamente se cruzar entre si, até que uma mistura uniforme absorva ambas as espécies!”

Nesse aspecto, ao que parece, se desconhece completamente do que se trata! A questão não é se cruzamentos em laboratório são possíveis — sob condições forçadas, pode-se alcançar muitas coisas não naturais, o que em outras situações

não seria possível —, mas sim se isso representa a regra na natureza livre e se as “novas” formas surgidas desse modo conseguem se manter no ambiente!

Observemos primeiramente o mundo vegetal, pois nele encontramos relações que favorecem um cruzamento na mais alta medida: nunca é necessário que se chegue ao contato corporal; assim, as inibições espirituais, a moral, a antipatia, entre outras, não podem exercer influência inibidora.

As mais diferentes espécies de plantas e grupos de “parentesco” próximos e distantes vivem apertados uns aos outros na melhor mistura. O vento e os insetos conseguem carregar o pólen masculino por longas distâncias até as flores femininas e conseqüentemente às suas partes femininas. Verdadeiramente um estado ideal para cruzamentos! Mas as plantas não se cruzam!

Se existisse uma tendência ao cruzamento, a natureza, no decorrer dos últimos 300 milhões de anos, teria transformado a totalidade do mundo vegetal em alguns tipos resultados de misturas, isto é, a riqueza de formas como hoje nós conhecemos nunca teria acontecido.

Mais provável é que essa mistura, por não ser mais capaz de viver, teria desaparecido completamente e, com ela, toda vida animal e humana: pelada e calva, a Terra seguiria atualmente o seu caminho.

Certamente um cruzamento pode, às vezes, estar diante de uma diferente floração, mas ainda há plantas suficientes que florescem ao mesmo tempo. A propósito, de acordo com a teoria, o período de floração seguindo as mesmas relações ambientais seria o mesmo para todas as plantas, quer dizer, todas as espécies floresceriam ao mesmo tempo.

As relações no mundo animal não são diferentes. Na natureza livre, coelho acasala com coelho, raposa com raposa, pato com pato, e assim por diante. O mundo dos insetos que habitam densamente um mesmo espaço, sempre e apesar de tudo, irá manter a pureza natural das espécies. Mesmo quando as diferenças entre elas são bastante pequenas, que somente podem ser percebidas por um olho experiente com ajuda de modernos equipamentos, ainda assim não ocorrem cruzamentos entre estas espécies.

Cruzamentos atentam contra a vontade de quem os permite acontecer: eles representam casos excepcionais doentios que resultam de aberrações do gosto e da inferioridade mental. O castigo da natureza está no enalço da negação da capacidade de reprodução. Jamais, na natureza livre, pode acontecer um aumento do número de espécies por meio de cruzamentos: ou os cruzamentos são um caso excepcional — o que realmente é correto —, ou uma predisposição. No primeiro caso, o plantel ou não é capaz de reprodução, e por isso irá se extinguir por si mesmo, ou irá se misturar novamente com as espécies puras que a geraram e, por meio disso, será novamente incorporada. No segundo caso, ambas as espécies que se cruzaram e os bastardos que dali resultaram irão cruzar entre si, até que de ambas as espécies resulte uma mistura uniforme que, devido à perda da aptidão à vida, por fim também ainda desaparecerá.

Sempre irá surgir um intermediário entre as espécies que se cruzam cujo resultado final será um ser inferior que não se iguala ao mais desenvolvido!

Mas quem crê, apesar de melhor conhecimento, na possibilidade de formação de novas espécies por meio dos cruzamentos esquece que antes do referido cruzamento é necessário que já existam duas espécies completamente desenvolvidas: de onde então vieram estas?

Um desenvolvimento ascendente por meio de cruzamentos e uma evolução das espécies estão totalmente excluídos!

Hoje se discute interminavelmente sobre a questão: os bastardos são capazes de gerar vida? E nisso passa despercebido que essa questão é de significado completamente secundário. Não se trata da capacidade de geração dos bastardos, mas sim do seu destino posterior: se eles conseguem se manter puros e sobreviver!

Não nos interessa minimamente saber quantas “espécies laboratoriais” foram e são criadas. O que importa é a proporção dos cruzamentos que acontecem na natureza livre e o percurso imediato ou posterior e, respectivamente, a sobrevivência dos bastardos. Ou seja, interessa sua influência prática sobre o mundo animal e vegetal dos quais eles descendem, assim como o destino das espécies que, talvez, tenham uma tendência aos cruzamentos. Não se trata de entender se os bastardos, mantidos trancados e mimados, depois de uma ou duas gerações, mesmo assim são capazes de viver, mas sim se depois de muitas gerações eles ainda permanecem na natureza livre!

Só se pode conceber como brincadeiras inúteis as experiências de cruzamentos que não têm como objeto de estudo o destino de seus bastardos na natureza livre ou pelo menos as relações mais abrangentes em que estão adaptadas!

Teóricos do evolucionismo ainda hoje vão querer triunfar com os resultados de suas experiências de criação: são apresentados como “material comprobatório” flores com cores exuberantes, frutas sem sementes, gigantescos morangos e outra arte jardineira, galinhas poedeiras recordes, vacas leiteiras recordes, peixinhos dourados pequenos, mais ou menos bem-sucedidas ou fracassadas raças de pombas e cachorros.

Mas neste contexto, eles esquecem somente de levar em consideração um ponto, que é exatamente o mais importante, a saber: observar os resultados desta “arte humana de seleção” segundo o ponto de vista da natureza. E ela avalia somente um ponto, qual seja: “se depender somente de você mesmo, você é capaz de viver na natureza livre ou não!” Da resposta positiva ou negativa é que depende o ser ou o não ser; um meio termo não existe.

Do ponto de vista da natureza, todas as formas por nós “criadas” nada mais são do que “fenômenos degenerativos” possibilitados por meio da desativação das condições naturais regulatórias. Essas criações humanas oprimem exatamente — no sentido da natureza — as formas de aptidão à vida, para, e por meio da seleção de algumas degenerações que somente parecem servir aos humanos, formar uma raça que lhes ofereça vantagens.

Diante da suposição do desaparecimento dos seres humanos da Terra, o que sobraria depois de algumas centenas de anos de todos estes nossos resultados criacionistas?

Muitos cuidados são necessários para manter em forma uma raça criada! O tempo todo aparecem retrocessos. Depois de algumas sementeiras, é necessário providenciar sementes, porque o “original” já se aproximou demais da espécie primitiva, ocasionando degeneração. Isso se evidencia, pois o ponto de vista humano é unilateral, quer dizer, somente se avalia considerando seus proveitos. Este tipo de “criação de raças”, no sentido de uma “evolução”, é completamente inútil. A natureza não é uma estufa e nem um laboratório de criação de sementes. Forte e implacável, nela só há uma lei: coma ou morra; viva e se mantenha ou desapareça!

Com o desligamento da força ordenada pela natureza, e, simultaneamente, uma seleção criteriosa e cuidados, podem se manter em vida as malformações. Esta seria, nada mais nada menos, a única lição prática que se pode tirar dos resultados dessas criações humanas no que se refere à formação de espécies e descendência.

Darwin construiu sua teoria da evolução sob a impressão da arte humana da criação. Outros seguiram seus passos sem conferir as descobertas na natureza livre: “luta pela existência” e “seleção natural” também encontram a mesma importância que lhes é dada na teoria! A pequena influência destes estados sobre a formação das espécies e das formas eu já esclareci mais detalhadamente nas páginas anteriores. Ela é tão pequena, que não é capaz de exercer um efeito visível.

Sob as influências das novas teorias, chega-se até mesmo à afirmação de que pode ser possível retirar as patas traseiras de uma vaca e criar uma vaca marinha, sem refletir até que ponto isso tem algo a ver com este “gado”! Um vício formal pelas formas transitórias se estabelece. “Espécies darwinistas” assombram por toda parte. Determinados círculos parecem ter perdido completamente a reflexão sóbria.

Como tantas vezes, atirou-se bem longe do alvo, apesar de toda famosa “objetividade”. Também hoje o mundo “científico” ainda está no caminho destas ou de ideias parecidas. Quase nenhum livro científico deixa de colocar nossos “ancestrais” em palavras e imagens, representando-o como um macaco agitando uma clava.

É como se estivéssemos até o momento distantes do auge em termos de desenvolvimento mental, ou será que já o atingimos e estamos decaindo vagarosamente? Por que esta busca por um parentesco com animais inferiores? Realmente é para “trepar nas árvores”. Não se encontra ninguém que possa escavar um pouco de realidade desta montanha de achismos e colocar os verdadeiros limites da seleção natural e da ação da luta pela existência, livre de fantasia? É tão difícil de reconhecer que a natureza não é um cercado de coelhos?

Os criadores possuem — mesmo em se tratando de simples camundongos brancos — outros métodos de seleção e de criação, assim como outros interesses, diferentemente dos da natureza!



## O VERDADEIRO CAMINHO DA SELEÇÃO NATURAL

Se as relações ambientais, as condições de vida e a “luta pela existência” podem dar tão poucas informações sobre a forma do corpo, o tamanho, a cor e outras capacidades e características dos seres vivos, se o elefante pode bem se manter ao lado das moscas, o colibri ao lado do ser humano, então nem é possível que exista uma “seleção natural”, dirão alguns.

Isso está relativamente certo. Bem que não existe uma “seleção natural” no sentido de Darwin & Co., mas, apesar disso, ela está disponível e age ininterruptamente. Só não assim como alguns cientistas de escritório gostariam que fosse. Certamente se imaginou algo, mas não se pode reconhecer muito bem o que era. Nos laboratórios e nas salas de preparação infelizmente não se completa a “seleção natural”.

É altamente indiferente se vive uma borboleta ou um tigre: não se trata da forma, pois a natureza somente construiu estruturas que em seu tempo eram capazes de viver nas condições terrestres. O que importa, isto sim, é se cada ser vivo isolado, seja construído como for, consegue se manter!

Assim, não se trata de saber se o elefante ou a mosca são mais aptos à vida e por isso devem existir sozinhos, mas sim se a natureza deseja manter a comunidade de espécies aptas à vida tanto de elefantes quanto de moscas. Para esse objetivo o excesso de reprodução, que sempre surge, é erradicado impiedosamente. Todos sabem que quanto mais complicado for um aparelho ou uma máquina tanto maior é a facilidade com que aparecem os problemas. Num caso desses, o ser humano simplesmente substitui o rolamento quebrado ou outra parte por uma peça em bom estado, e o prejuízo está sanado.

A natureza, todavia, não consegue consertar uma genética prejudicada por uma peça de substituição e fazê-la novamente utilizável. Agora é conhecido que tais

quebras na genética acontecem às vezes, embora não com muita frequência. Tais mutações são altamente indesejadas pela natureza, pois ameaçam perturbar a estrutura harmônica natural, construída cuidadosamente.

E apesar de manter as espécies puras, a natureza aplica um meio radical infalível: ela elimina todos os seres vivos que saem do padrão! Os caminhos utilizados para isso são muito diversos, mas o resultado é sempre o mesmo. Pequenas mutações irrelevantes serão criadas pela forma padrão e tornadas inofensivas, e as grandes serão eliminadas o mais rápido possível pela “seleção natural”. Alguns exemplos disso: um pardal que, devido a uma mutação, sofreu uma regressão das asas não conseguirá mais o seu alimento e sucumbirá, antes de encontrar tempo para fazer a “teórica” transformação em galináceo. Pássaros migratórios que sofreram uma regressão que se expressa somente numa diminuição da velocidade irão ficar para trás. A raposa come primeiramente o coelho que não consegue ter uma boa audição. O pássaro que demonstra relaxamento na construção do ninho será excluído do círculo dos seres vivos por meio do extermínio de sua ninhada. A população de abelhas que não conseguiu armazenar o suficiente para o inverno irá morrer de fome.

A não utilização do conhecimento para a proteção contra as intempéries do clima e dos inimigos ocasiona o extermínio. Preguiça no cuidado da ninhada extermina ela e, desse modo, a família preguiçosa. O desatento será a presa mais fácil para seu predador. Seres vivos que diminuem sua força e atenção nas lutas entre si estão expostos a um perigo aumentado. Cada malformação nas asas em qualquer inseto — mesmo que seja tão valiosa para os teóricos — os exclui do círculo de seres vivos. Cada ser vivo que, devido a falhas mentais ou corporais, não está mais em condições de conseguir seus alimentos por conta própria irá morrer de fome, caso não tenha sido devorado antes, não podendo deixar descendentes. Uma borboleta cinza, que por alguma mutação receberia manchas de cores vivas, mas continua seguindo os hábitos de sua espécie pousando sobre locais cinzas dos troncos, será encontrada com mais facilidade pelos predadores de insetos do que seus companheiros da mesma espécie. Um gafanhoto degenerado por alguma malformação chamativa terá o mesmo destino. Uma ptármiga marrom, uma perdiz branca, ambas não iriam viver por muito tempo.

Exatamente tendo os mesmos cuidados com as capacidades e virtudes corporais, a natureza vigia também as faculdades mentais. Da mesma maneira, é exterminado

implacavelmente tudo o que não é suficiente para a espécie em questão. Sendo assim, são eliminados antes de tudo aqueles indivíduos cujas faculdades mentais não são suficientes para conseguir o alimento. O pássaro que não consegue mais identificar seu alimento, ou não o encontra, morre. Igualmente todo ser vivo que peca pela falta de atenção será exterminado antes. O inseto que não levanta voo ou não se esconde em tempo hábil — indiferentemente a que família pertence — será devorado. A ave, por sua vez, precisa procurar com atenção cada esconderijo, senão o inseto ou o verme, ou a presa semelhante terão desaparecido antes que ele possa atacar. Enquanto isso ela também não pode esquecer o perigo ameaçador dos predadores. O mesmo acontece com os animais herbívoros: aquisição de alimentos e atenção em relação aos predadores e caçadores são exigências indispensáveis. Sua violação significa a morte.

Um predador, por sua vez, cujas capacidades mentais e corporais diminuem não será mais páreo para a lista e atenção das presas.

O temor diante deles mantém acesas as faculdades mentais dos animais pacíficos; a vigilância destes, por sua vez, ascende as faculdades mentais dos predadores.

Um coelho atleta com poucas faculdades mentais — em comparação com outros de sua espécie — será igualmente eliminado de forma implacável, assim como um felino genial sem garras.

É desconhecido o motivo pelo qual a natureza depositou tanta importância exatamente nas faculdades mentais. Não chegam a ser necessárias à vida em si e para si, pois se todos fossem mais estúpidos, o “equilíbrio” permaneceria mantido. Mas o fato é que isso acontece. Este ponto precisa, portanto, conter algum significado, o qual nós, humanos — embora nos consideramos frequentemente tão inteligentes —, ainda não somos capazes de esclarecer, pois seu sentido está em algo não sensorial e, por isso, nunca pode ser compreendido segundo os acontecimentos terrestres.

Quanto mais alto um ser vivo está tanto maior será o peso conferido ao entendimento, e tanto mais ele vai para o primeiro plano das faculdades mentais. O ser humano não pode se comparar, nem de longe, com a força que possui um inseto, como, por exemplo, uma pulga, que consegue puxar o peso equivalente a oitenta vezes o de seu corpo e saltar uma distância que alcança o equivalente a mil vezes

o comprimento de seu corpo. Em vez disso, ele apresenta uma faculdade mental que jamais será alcançada por outro ser vivo. Ah se ele soubesse sempre utilizá-la beneficemente! Um talento que um ser vivo não consegue utilizar objetivamente pode se tornar sua desgraça. A natureza exige prestação de contas sobre a aplicação de seus talentos, o que ela também irá exigir dos humanos!

Manutenção da aptidão corporal com a formação das faculdades mentais — na medida correspondente a cada ser vivo — é o objetivo da natureza.



12

## O VALOR DOS ÓRGÃOS RUDIMENTARES

Os teóricos do evolucionismo atribuem o maior significado aos assim chamados órgãos “vestigiais”, quer dizer, partes do corpo que não foram acabadas, que estão presentes de forma rudimentar nos respectivos animais, mas não são necessárias à vida. São consideradas como um dos apoios mais fortes de sua construção teórica cambaleante.

Como ao que parece era difícil esclarecer racionalmente a existência de tais órgãos, a teoria ensina que foram herdados de antepassados que ainda os possuíam completamente acabados, mas que, por sua não utilização ou por outra forma completamente incompreensível, foram paulatinamente se degenerando, de modo que atualmente representam um triste remanescente de um passado brilhante.

Como prova, a teoria nos apresenta “linhas evolutivas” que retratam com clareza convincente os “níveis de regressão”, porém, somente no papel.

Quando ouço algo do tipo, preciso pensar involuntariamente que até mesmo na área da pesquisa natural prática, por exemplo, da entomologia sistemática, por meio de fundamentos, foram construídos dogmas e situações que impedem um próspero desenvolvimento das pesquisas.\* Então percebo o perigo que a Muralha da China da teoria da evolução representa para toda a área de pesquisa. E assim me sinto na obrigação de tentar abrir novamente o caminho.

Bom, vocês ensinam que os órgãos, por não serem utilizados ou por outra razão, regrediram a tal ponto que hoje somente sobraram vestígios deles. Se, por isso, membros inteiros “regrediram”, por exemplo, as pernas traseiras, por que então permaneceram os “rudimentares” ossos pélvicos? Será que este resíduo foi poupado pela regressão porque está em constante “uso”?

---

\* Veja o livro “Entomologia na encruzilhada”.

Mas se mesmo os vestígios de tais membros continuam, então é completamente absurdo afirmar que eles, quando completos, não estavam em uso. Se eram usados, então teoricamente eles não podiam ter regredido em função de uma atrofia por desuso.

Será que ninguém percebe que algo não está batendo? Se, de acordo com a teoria do desenvolvimento, facilmente foi possível para a natureza regredir membros inteiros a poucos vestígios, por que então não todo o resto?

“Faltou tempo para isso”, dirão alguns, mas isso é completamente improvável. Se a natureza teve tempo para eliminar membros inteiros, então também teria tido para eliminar o pequeno resto. Ou será que a natureza fez isso numa sábia previsão unicamente para o bem dos teóricos da evolução?

A existência de verdadeiros vestígios de órgãos prova a incapacidade da natureza em eliminar estruturas que em determinado momento estavam disponíveis, mesmo depois de milhões de gerações!

Logo depois que os teóricos haviam “construído” a regressão, iniciou-se uma certa caça aos “órgãos vestigiais” e foram “descobertos” não somente dúzias, mas centenas deles. No movimento desta epidemia tudo e qualquer coisa foram abordados para comprovar isso. Assim, até mesmo chegou-se ao ponto de se considerar marcas de nascença — talvez sardas — como resíduos da “primitiva cor da pele” dos humanos!

Com os óculos prismáticos da teoria do evolucionismo, pode-se reinterpretar tudo: o nariz dos seres humanos poderia representar o último resto “rudimentar” de uma tromba de elefante, que, como não era utilizado, regrediu e hoje infelizmente não pode mais ser utilizada pelos humanos para levantar pesos. Os poucos pelos corporais dos humanos poderiam ser o resto da regressão do pelo animal, que, conforme já afirmado, considerado supérfluo devido às roupas, foi regredido. Infelizmente resta a seguinte pergunta irritante: por que os macacos primitivos construíram para si essas roupas supérfluas?

Como peça estratégica e como meio de convencimento com o que se pretende comprovar a formação das espécies por meio dos órgãos vestigiais, serve usual-

mente a assim chamada “linha evolutiva” do cavalo. Por isso, é necessário analisar com mais detalhes a força comprobatória disso que é considerado o testemunho principal da evolução do desenvolvimento.

No Oligoceno, foram encontrados ossos de um animal do tamanho de uma marta, chamado *Phenacodus*, que possuía cinco dedos e uma mandíbula semelhante à de porco. O que mais chamou a atenção foi que os dedos do meio eram mais longos do que os outros. A teoria do desenvolvimento “reconhece” nisso já a inicial regressão de todos os outros dedos. Encontrou-se — pelo menos de acordo com seu ponto de vista — o animal ungueado primitivo, a partir do qual, por meio de uma contínua diminuição dos demais dedos, acabou surgindo assim o cavalo, que somente manteve o dedo do meio, que por sua vez se “transformou” num casco.

Para reforçar essa perspectiva, é mencionado que uma dúzia de milhões de anos depois do animal ungueado primitivo viveram outros animais, que somente possuíam três ou quatro dedos. Assim, o *Hyracotherium* e o *Eohippus* possuíam nas patas dianteiras quatro dedos e, nas traseiras, três dedos. Dos quatro dedos das patas dianteiras, um dos dedos marginais já estava diminuído. Ambos possuíam mandíbulas semelhantes às de porco e o tamanho aproximado de um cachorro.

Sem mais, está claro para todos os imparciais, que observam não somente a pata mas o animal inteiro, que se trata aqui de um grupo animal bem diferente, que nada tem a ver com o ungueado primitivo. Os teóricos que, ofuscados, olham somente para os dedos até hoje ainda não reconheceram isso.

Mais tarde foram encontrados ossos de um grupo do provável jumento ou cavalo, que viveu milhões de anos depois dos animais citados acima, que, além do casco de cavalo, ainda possuíam dois dedos laterais — como o porco. Destes animais existiam mais espécies. Eles eram relativamente pequenos e, em relação aos mencionados anteriormente, diferenciavam-se, além da forma do pé e do tamanho, também no desenvolvimento dos dentes, ademais outras características.

Com ganância, os teóricos se lançaram sobre esses achados e afirmaram diretamente que este grupo de espécies seria um estágio intermediário para sua teórica formação do cavalo. Como desejado, nestes animais já ocorreram progressos da regressão dos dedos até a diminuição dos dedos laterais.

Já para os imparciais, fica claro que se trata de um grupo de ungulados fechado — infelizmente extinto — que não tem a ver com a forma animal dos mais antigos grupos de martas e nem com a dos cavalos. À “reconstrução” imagética, que apresenta tudo o que é conveniente para se chegar a algo semelhante ao cavalo, não se pode atribuir valor algum, conforme já apontei anteriormente. Depois de alguns anos, no futuro, esses animais serão representados novamente de forma bem diferente. Se o porco tivesse sido extinto, provavelmente nos seria reconstruído como antepassado do gado, no formato de uma vaca, por causa de seus dedos laterais.

Assim, marcham diante de nós grupos de animais — naturalmente sobre o papel — fechados em si, embora não pertençam ao mesmo grupo, mas estejam colocados na camisa de força da teoria do evolucionismo como sendo “ancestrais” uns dos outros.

Algumas questões desconfortáveis os teóricos do evolucionismo deixaram sem resposta até agora: por que acontece a regressão dos dedos? Necessária à vida ela não era, pois até hoje a maioria dos mamíferos ainda possui patas com 5 dedos. A regressão deve acontecer como consequência da sua não utilização; já a exigência maior leva a um aumento do membro. Mas se a regressão acontece por causa da não utilização dos pés, por que o dedo do meio não foi atingido? Por que as pernas não desapareceram por completo, como com as baleias?

Alguns afirmam que, por meio da regressão, foi construído um órgão de corrida de primeira linha. Mas isso significa uma exigência de maior uso das pernas! Neste caso, como foi possível a formação de somente um dedo e a diminuição dos outros? Será que os animais talvez andavam com os 16 dedos restantes levantados, de modo que somente o dedo do meio encostava no chão, e isso levou a seu desenvolvimento? Por que no cavalo não permaneceram os dedos laterais rudimentares? A não presença de órgãos vestigiais comprova a ancestralidade?

A questão primordial é a seguinte: será que se pode ver no encurtamento de alguma parte do corpo uma atrofia ou uma regressão? A diferença de tamanho dos dedos não é um acontecimento rotineiro no mundo animal? No mundo dos insetos frequentemente uma pata é maior do que a outra: deve-se ver nesse sentido também um sinal da formação de ungulados? Nos humanos, as faces são desiguais: isso indica que em algumas a regressão iniciou tardiamente, de modo que che-

gará o momento em que o humano precisará marchar sem cabeça pelo mundo? Ou acefalia seria de se avaliar como um desenvolvimento ascendente?

É aconselhável agora levar a “genial” teoria da evolução para a prática. Por isso peço ao leitor prestar atenção detalhada em suas mãos. Elas apresentam traços nítidos de uma regressão? Veja: o dedo do meio — exatamente como o do ungulado primitivo! — é mais longo que os demais! O caminho da regressão, com exceção do dedo do meio, já foi introduzido! Sim, e até ainda mais: o polegar até mesmo é menor que o dedo mindinho! A mão humana já chegou a um estágio avançado da regressão! Mais alguns milênios e o polegar terá desaparecido completamente, e o dedo mindinho terá regredido pela metade! Mais um tempo posterior e os dois dedos ao lado do meio, os quais agora já estão regredindo, serão apenas toquinhos. Por fim, restará única e somente o dedo do meio, que terá se tornado bem mais forte — quem sabe até na qualidade de um casco. Com isso, teoricamente então o ser humano teria alcançado o estágio mais alto do tornar-se humano!

Talvez finalmente ficara claro para alguns para onde estas “lições de evolução” enganadoras podem conduzir.

Mas em outros grupos de animais teria iniciado, teoricamente, a regressão para um dedo só e, conseqüentemente, para se tornar ungulados. Entre os répteis, o crocodilo manteve cinco dedos; no caso dele, o dedo do meio é mais longo. Por sua vez, a salamandra-da-terra somente possui quatro dedos, um dos quais já regrediu a tal ponto que se assemelha ao polegar humano. É sorte do crocodilo que ele ainda não se extinguiu, pois senão seria classificado no mesmo grupo das salamandras; o licranço, com seus dois toquinhos de pernas, representaria então o “estágio mais alto”.

Relações semelhantes ocorrem com as aves. O avestruz somente possui dois dedos e um deles também novamente é mais longo. Se além dele existissem somente aves extintas (fósseis), sem muito pesquisar, a teoria faria uma “linha evolucionária”, “sem lacunas”, dos pássaros canoros de quatro dedos até o avestruz e, assim, comprovaria a sua hipótese. O mundo das aves teria então “comprovadamente” — semelhante ao cavalo — se desenvolvido com base em animais de quatro dedos. Mas onde ficaram nas aves os dedos “rudimentares”?

Da mesma forma poder-se-ia concluir a regressão iniciada nos animais mamíferos atuais. Se tivessem sido extintos, facilmente poderiam ter se formado “linhas ancestrais” tomando-se por base animais que atualmente convivem. Assim, por exemplo, o tamanduá tem quatro dedos nas patas dianteiras, dos quais o do meio é expressivamente o mais longo. Já o bicho-preguiça possui somente três dedos. Se o atual elefante possuísse quatro dedos e o extinto mamute, cinco (na realidade é o contrário), então o último, sem mais, seria considerado um “antepassado” do elefante.

Como se vê, os futuros teóricos do evolucionismo, caso fossem encontrar o atual mundo animal extinto e fóssil diante de si, não precisariam temer qualquer dificuldade para construir “linhas ancestrais”. Há animais o suficiente que, caso mais tarde forem achados sem carne e sem pele, ofereceriam as mais belas “linhas evolutivas”. Todos que encontrassem a ossada dos atuais animais “reconstruídos”, sem nunca tê-los visto “in natura”, certamente iriam se espantar!

Parece que, enquanto se atacam passionalmente os detalhes insignificantes, justamente sempre o essencial passa despercebido, como neste caso. Antes de se conferir poder “comprobatório” a órgãos vestigiais, interpretando-os como sendo “provas” de uma evolução e de uma ancestralidade, teria de ser conferido primeiro se os portadores dos referidos órgãos realmente descendem de antepassados que os possuíam totalmente formados. Mas isso não foi feito.

Devia estar claro para todo mundo que, quando se fala de “rudimentos”, precisam ser levadas em consideração as faculdades tanto corporais quanto mentais, pois eles estão “ligados a órgãos”.

Cada ser humano possui, entre outros, um “rudimentar” talento de desenhar. Para alguns este resíduo é tão pequeno, que mal pode ser reconhecido. Isso prova que todo mundo descende de artistas desenhistas e respectivamente de artistas pintores? Ao menos neste aspecto teria uma razão esclarecedora para o regresso desse talento: os antepassados não tinham oportunidades suficientes para exercer essa arte.

Não é diferente no que se refere aos resíduos do talento musical. A diminuição poderia ter ocorrido na Era Glacial por causa da pouca quantidade de instrumentos musicais. Nossos antepassados devem ter sido todos talentosos como um Wagner, um Mozart, um Caruso, etc.

Da mesma forma, a maioria dos seres humanos possui resíduos no talento da poesia, da filosofia, da religião, entre outras. Bem, a perspectiva de que toda humanidade descende de heróis mentais de grande proporção e de grandes artistas é bem aceita. Infelizmente também possuímos resíduos de mentira e enganação, roubos e outros vícios. Se quiséssemos tomar como base que o ser humano descende de seres que ainda apresentam uma cultura pura, assim chegaríamos ao diabo, mas isso deve ser demais até mesmo para o maior fanático da regressão.

A hereditariedade nos mostra que as características rudimentares não “provam” que se descende de gênios nem de criminosos, que mesmo a indicação a antepassados deste tipo seria necessário que elas estivessem completamente formadas. Isso é válido para todas as características vestigiais, sejam elas forças corpóreas (pernas, pés, asas, etc.) ou mentais (talentos, senso artístico, virtude, entre outros), pois também estas estão relacionadas a partes do corpo (partes do cérebro).

Por fim, está na hora de se reconhecer que órgãos vestigiais, independentemente de que tipo, não têm nada a ver com ancestralidades e questões semelhantes!

De acordo com a minha perspectiva, a condução das provas com aspectos “rudimentares” demonstra um modo infantil de pensar, como a fala de um menino: “como ainda tenho 10 centavos, significa que meu avô era milionário”.

Rudimentos são características corpóreas ou mentais que não chegaram a uma formação plena — mais nada!





## EMBRIOGENIA E ANCESTRALIDADE

Na história dos embriões, os teóricos encontraram alguns acontecimentos estranhos, para os quais não conseguiram achar explicações e, por isso, foram considerados “provas” para a teoria da evolução, pois aparentemente não eram úteis para outra coisa.

Desse modo, encontrou-se em embriões de animais vertebrados, com poucos dias de idade, uma formação que foi identificada como fendas branquiais. Para que servem essas formações não pôde ser concluído. Algum sentido esta coisa precisa ter, pensou-se na época, e ensinou-se que isso ficou mantido para que hoje se possa “comprovar” clara e determinadamente a ancestralidade dos peixes.

Em outras buscas ficou concluído que, em embriões de aves, havia uma formação de cauda que logo em seguida foi regredida por meio do atrofiamento. Novamente foi encontrada uma nova “prova”: indicou-se e ensinou-se que as aves descendem dos répteis.

O embrião da baleia carrega num determinado tempo características dentárias que apenas em sua posterior existência são regredidas, dando lugar às atuais barbas de baleia, típicas da espécie. Por isso, naturalmente ela descendeu de antepassados que possuíam uma bem formada mandíbula — uma explicação melhor não se encontrou.

Achados deste tipo conduziram ao alinhamento do “fundamento biogenético”, segundo o qual os seres vivos durante seu desenvolvimento embrionário atravessam, de forma abreviada, todos os estágios do teórico desenvolvimento de seus antepassados.

Com zelo se procurou, pesquisou, indicou. Foi concluído que cada ser vivo, seja um ácaro ou um elefante, uma planta ou um ser humano, surge a partir de uma única célula, com o contato e a fusão com a célula fertilizante.

“Aqui temos a prova”, dizia-se, “de que todos os seres vivos surgiram paulatinamente dos seres unicelulares que estão em incontáveis quantidades no mar. O mistério do surgimento da humanidade está solucionado”.

Desse modo, estava incontestavelmente comprovado que o “primeiro estágio” foi um ser unicelular, do qual surgiram todos os seres vivos. O segundo estágio é considerado uma cavidade formada entre o primeiro e o segundo cotilédone. Aqui a “evolução” devia, em certa medida, corresponder ao estágio dos animais celenterados. As formações semelhantes às fendas branquiais puderam ser consideradas estágio dos peixes, com base no que se pode concluir da “linha evolucionária ininterrupta”.

É curioso que, em muitas questões relativas à natureza, muito frequentemente o essencial não é levado em consideração. Esta incapacidade precisa ter suas causas e tem: estudar os fenômenos naturais. A área de estudo situa-se muito distante do lugar de moradia; é muito difícil de ser alcançada; o lugar de trabalho está separado da área de estudo.

Dessa maneira, também neste caso, fiel ao fundamento em vigor até agora, o essencial não foi observado. Antes de tudo seria de se esclarecer inicialmente, entre outras coisas, se se pode atribuir minimamente uma força comprobatória para a passagem deste estágio inicial, no sentido de comprovar a “ancestralidade comum”!

Segundo a forma “científica” de pensar da teoria evolucionista, poder-se-ia “comprovar” com a mesma propriedade a “descendência” de um palácio tomando-se por base uma casa camponesa ou, até mesmo, uma esterqueira! Nesse sentido o raciocínio da teoria evolucionista é real e verdadeiramente “insuperável”!

Cada construção começa com uma pedra, que tem o mesmo significado da primeira célula na estruturação dos seres vivos. Cada construção recebe inicialmente o muro fundamental, o que novamente corresponde ao estágio cotilédone do mundo vivo. Até mesmo a forma é sempre a mesma: por fora uma parede e no interior uma cavidade. Também não faltam os “estágios intermediários”

isolados. Pode-se apresentar uma linha ancestral ininterrupta: esterqueira, estábulo, casa camponesa, casa residencial, prédios de dois, três ou mais andares, palácio. Até mesmo o material é bastante idêntico: para todas as construções são utilizadas pedras, telhas e madeira, o que por sua vez comprova a ancestralidade. Além disso, pode-se comprovar a descendência com as técnicas de construção: primeiro uma pedra, depois uma linha de pedras (células) e depois a segunda, terceira, etc. Da mesma forma pode-se colocar num “sistema” as aberturas de portas e janelas, os quartos e tudo o mais. Até mesmo a paleontologia (conceitos de petrificação) poderia apresentar provas: os arranha-céus aparecem por último! A “homologia” (consenso), à qual a teoria atribui tanto valor teórico, pode ser encontrada em grande medida no que se refere à chaminé, às cozinhas, aos assoalhos, forros, etc. Com isso “a prova incontestável” de que um palácio jamais poderia ser construído sem atravessar todos os estágios intermediários teria sido apresentada. Tudo foi levado em consideração, exceto o mestre de obras! Viva a árvore genealógica!

É completamente difícil ao homem normal compreender o porquê de os teóricos discutirem tanto o fato de a natureza necessitar de apenas uma célula como pedra fundamental para cada ser vivo: só haveria razão de espanto se se precisasse para isso de uma lagosta, um lagarto, um macaco!

Caso a comparação com as construções não pareça natural o suficiente para alguém — numa variação dos sentimentos “naturais” —, então é possível se servir dos seguintes exemplos: na evaporação de alguma solução salina — açúcar, sal, vitriol de cobre, entre outros —, formam-se inicialmente sempre minúsculos “cristais primitivos”. Estes aparecem ou como cutícula, como uma minúscula precipitação no chão e nas paredes laterais, ou, o que é especialmente belo, em fios pendurados em direção do interior. Este início primitivo cresce e, com boas condições prévias, se torna do tamanho de grandes e belos cristais. Assim, cada um deles antes era um minúsculo “algo”. Mas na sequência da construção encontramos consenso, apesar de diversas formas: sempre há superfícies laterais lisas disponíveis, sempre se percebe que há eixos diagonais e longitudinais. Por causa destes caminhos evolutivos iguais, devemos então considerar que todos os cristais descendem deste “ancestral em comum”?

Bem, esta evolução por “etapas” do cristal quadrado para o hexaquisoctaedro deixa-se representar de forma muito bela e com uma “clareza convincente”. Pena que os mineralogistas ainda não compreenderam o quão necessária uma “árvore genealógica filogenética” é também para eles e, conseqüentemente, para seu objeto de estudo.

Desse modo, facilmente pode-se descender o diamante da pedra de sal. Deve estar claro para todos que manobras de descendência deste tipo nada mais significam do que brincadeiras. Igualmente, na direção filogenética das ciências naturais, num futuro próximo, será reconhecido o que para outros já é conhecido.

Se se deixa soluções salinas como o dicromato de potássio evaporar rapidamente sobre uma plataforma de vidro, crescem excelentes flores de cristal, parecidas com flores de gelo na janela. Apesar deste consenso no crescimento e na construção da forma — soa mais “científico” quando se fala de “homologias” —, ninguém deveria ser tão estúpido a ponto de querer relacionar as flores de cristal e as de gelo a um “ancestral em comum”. Neste caso seria muito fácil apresentar uma “linha evolutiva ininterrupta” a partir de formações parecidas com folhas de palmeiras, até chegar numa de forma de roseta. Mas que as flores de gelo na janela e as flores de cristal surgidas do dicromato de potássio numa chapa de vidro não são do mesmo material e, desse modo, não possuem um antecedente em comum, deveria estar claro mesmo para uma criança de escola.

Todos já devem ter observado como o vapor de água no resfriamento se torna visível de forma idêntica a um nevoeiro. Nas janelas frias inicialmente se fixa como um fino sopro, mais tarde se junta em pequenas gotas e por fim desliza da janela como um minúsculo riacho. De forma parecida se comporta o álcool, o ácido nítrico, e muitos outros líquidos, na destilação. É neste procedimento que repousa a sua produção. Mas onde estão os “antepassados em comum”, dos quais todos os líquidos “descendem”? Por causa deste mesmo desenvolvimento a água descende do álcool e o ácido nítrico da água? Nenhum ser humano irá, com base nisso, concluir algo tão absurdo assim.

A partir deste comportamento invisível do vapor do ar, formam-se, sob determinadas condições, diferentes tipos de nuvens e cada qual abrange incontáveis formas. Sua formação pode ser ocasionalmente observada. Elas “começam

pequenas”, mas jamais as nuvens de cirrus serão concebidas como sendo um atalho para a formação das nuvens de tempestade: a despeito da mesma composição, semelhante formação, todas surgem independentemente, sem uma “pré-forma de nuvem-primitiva”. Apesar disso, pode-se facilmente estabelecer uma excelente “linha evolutiva” tomando-se por base as nuvens de cirrus, de véu, nuvens em camadas, nuvens ovelhas, nuvens amontoadas, chegando até as poderosas nuvens de tempestade. Com tal “impressionante material comprobatório”, qualquer pessoa que nunca prestou atenção à formação de nuvens poderia ser “convencido”.

As estrelas cadentes, que podem ser observadas todas as noites, sempre se comportam da mesma forma: aparecem iluminadas, percorrem uma determinada distância em estado luminoso e depois se apagam. Ao lado desses minúsculos corpos, às vezes de tamanho milimétrico, há também aqueles de muitos milhares de quilos que passam zunindo pela Terra. Todos eles possuem um tronco e, consequentemente, antepassados em comum? Acredito que a maioria dos astrônomos ainda deve possuir uma visão mais clara para negar isso.

Mas os bilhões de sóis, que se nos apresentam no céu com estrelas, grande parte das quais talvez até já tenham se apagado e por isso permanecem invisíveis a longa distância, também devem ter surgido de alguma forma. Neste caso há muitas características “conectadas”: estrutura circular, força luminosa, rotação e circunferência, assim como material constituinte. Tudo isso seriam “materiais comprobatórios” mais do que suficientes que poderiam conduzir a uma “teoria da ancestralidade”. Até agora os astrônomos renunciaram a construção de uma árvore genealógica da origem destes corpos celestes que convergiria a uma forma primitiva, a um ancestral em comum. Até hoje ainda não existe uma teoria que afirme, por exemplo, que tudo descende do Sol. Será que no passado remoto havia somente um corpo celeste de acordo com o qual, paulatinamente, por meio da mutação e da “seleção natural”, foram surgindo os muitos tamanhos, a claridade, velocidade de rotação, duração da órbita, estrutura, etc.?

Nenhuma pessoa razoável duvida que cada corpo celeste surgiu independentemente de outros e até mesmo que hoje ainda esses corpos podem surgir e desaparecer. Ou talvez alguém acredita que eles precisam ser relacionados a uma “forma ancestral” quadrada cujos cantos aos poucos foram se arredondando devido à pressão das condições ambientais?

Será que a força que produziu os corpos celestes em números e tamanhos inimagináveis, independentemente de um “antepassado comum”, não seria capaz de trazer também à vida um piolho sem as formas intermediárias? Será que ainda pode haver um ser humano pensante que acredita que para isso teve de ser formado inicialmente um verme ou um crustáceo?

No campo dos universos não há indícios disponíveis que apontam para formas, estruturas, desenvolvimentos e materiais constituintes semelhantes para um “antepassado em comum”, para um desenvolvimento em “estágios intermediários”! Todos os seres vivos de espécie vegetal e animal, assim como o ser humano, são apenas UM membro desta gigantesca inimaginável comunidade mundial: eles estão subordinados às mesmas leis!

Parece que não valia o esforço de uma análise pelos teóricos se as partes corpóreas provisórias que mais tarde seriam regredidas podem ser concebidas como uma força comprobatória para a “teoria da ancestralidade” e se elas representam algo especial. Mas, mesmo assim, esta é uma questão de grande amplitude. Se a formação e a regressão de tais partes corpóreas provisórias representam um abrangente estágio intermediário, então ela nada mais é do que uma parte necessária da preparação para a construção dos seres vivos. De forma semelhante é o andaime na construção de uma casa que, mais tarde, quando tiver concluída sua função, é retirado. Assim, com base no fato de que, na edificação uma casa, são utilizados andaimes provisórios junto com as escadas que lhes são típicas, ninguém irá chegar à conclusão de que as casas descendem dos navios, pois na sua construção também são usados constantemente andaimes e escadas.

Desse modo, na exposição da “teoria da cauda” não se questiona se este tipo de formação realmente aponta para antepassados caudais: é engraçado teorizar sobre algo sem comprovar minimamente a veracidade das afirmações disso resultantes! A despreocupação de determinados pesquisadores em suas teorizações parece realmente ser “grandiosa”.

Conhecidamente, de acordo com a teoria, a cauda provisória nos embriões de aves deve comprovar sua descendência dos répteis caudais. Por isso, deve ser de grande interesse analisar um grupo animal que, mesmo de acordo com as lições recebidas da teoria da evolução, não pode descender de antepassados caudais: os insetos.

Na parte traseira da linha germinativa, forma-se uma dobra caudal, cientificamente denominada de dobra amniótica. Esta cresce aos poucos para frente sobre a linha embrionária, até que se junta a uma curta dobra da cabeça. Entre a dobra caudal e a linha embrionária forma-se uma cavidade, a cavidade amniótica. Como os insetos não possuem ossos, naturalmente esta dobra caudal não é composta por vértebras caudais. Depois de algum tempo, assim que ela se torna supérflua, é regredida e desaparece. Se existisse um ser vivo caudal, do qual os insetos teoricamente pudessem ter descendido, a teoria da evolução iria conceber esta dobra como uma “prova” da descendência de antepassados caudais.

Mas, além dela, também é formada, em muitos casos, uma chamada bainha epitelial (epiderme), que envolve todo o ovo, a serosa. Esta, depois de algum tempo, quando tiver cumprido sua tarefa, será totalmente regredida. Ambas as partes são mais tarde eliminadas, sem que participem efetivamente da construção do embrião. Ao lado disso ainda aparece passageiramente a formação das células-gema, que igualmente caem em decadência.

Como se pode perceber com estes poucos exemplos, a regressão é algo amplamente difundido: se cada uma destas regressões é utilizada “filogeneticamente”, mesmo nossos senhores teóricos da ancestralidade ficariam embaraçados.

Amplamente difundido entre o mundo vegetal é a cor vermelho-marrom das folhas jovens, encontrada tanto em samambaias quanto em plantas floridas superiores. Somente depois que as folhas já estão em estágio avançado de formação, surge a cor verde; apenas então a roupagem vermelha-marrom se transforma em verde. Com base nas concepções da teoria evolucionista, a cor vermelho-marrom seria vista como a cor primitiva das folhas, pois de outra forma não seria possível explicar este “desvio” na formação da cor verde — ao menos esta seria a conclusão seguindo o método pouco aprofundado dos teóricos do evolucionismo. De qualquer forma, essa conclusão ainda seria mais validada por determinados cientistas, ao afirmarem que uma marca de nascença marrom representaria a cor primitiva da pele dos seres humanos.

De acordo com isso, todas as plantas cujas folhas apresentassem uma cor vermelho-marrom teriam de ser concebidas como “mais primitivas” do que aquelas que possuíssem a cor “secundária” verde das folhas. As samambaias e muitas outras plantas floridas superiores seriam assim, em determinada medida, as for-

mas ancestrais; já as palmeiras, os musgos e a maioria das algas seriam as formas “modernas” surgidas a partir disso. Nenhuma teoria, muito menos a doutrina da ancestralidade, pode passar com olhos fechados sobre este “material factual”. Mas a conclusão de uma teoria da ancestralidade construída a partir disso não seria nada além de absurda.

É um dos muitos privilégios da teoria da evolução o fato de sempre levar em consideração aquilo que cabe em seus ensinamentos; todo o resto passa deliberadamente despercebido. Mas o que não pode passar despercebido com facilidade é ressignificado de acordo com a necessidade: se uma parte do corpo se assemelha à de um antepassado atribuído a algum ser vivo, assim forma-se a prova da ancestralidade, “porque a natureza preserva muito persistentemente a genética antiga”. Se apesar da toda busca, uma confirmação desse tipo não é encontrada, sua existência mesmo assim não pode ser questionada, “porque a natureza regride tais partes do corpo muito cedo”. Se uma parte do corpo de um ser vivo, considerado num “estágio anterior”, surgiu posteriormente e foi mais bem desenvolvido do que a de um ser vivo que o evolucionismo criou em suas teorias, então é porque no “decorrer da evolução ela regrediu”. Em contrapartida, se uma parte do corpo de formas “modernas” está mais bem desenvolvida do que seus antepassados teóricos, assim, “no decorrer da evolução filogenética, ela se constituiu e se ampliou”.

Se no desenvolvimento embrionário o aparecimento de partes do corpo coincide com a formação dos mesmos órgãos de seus antepassados teóricos, então a descendência está comprovada, “porque cada animal repete em seu desenvolvimento embrionário os fundamentos de seus ancestrais”. Mas se todavia o desenvolvimento embrionário não percorre a “sequência filogenética”, quer dizer, em conformidade com a teoria, uma parte do corpo aparece mais tarde como teoricamente correta, assim essa parte teria “regredido de forma precoce e mais tarde evoluído novamente”.

Com isso outra vez é comprovado que o tipo de evolução dos “antepassados”, também neste caso, se repete “com bastante exatidão”. De acordo com isso, os métodos de comprovação dessa forma de trabalho são os seguintes: se a presença de uma parte do corpo “serve” em sua teoria, então a “sua presença” comprova a ancestralidade. Todavia, se uma parte do corpo não cabe, então foi adquirida depois independentemente de seus antepassados.

Se entre os teóricos se encontra consenso em relação a marcas hereditárias nos seres vivos de diferentes gêneros, famílias, grupos, então estas marcas — porém somente quando servirem aos teóricos em suas teorizações — são explicadas por meio de “uma comunidade de antepassados existentes antigamente. Se, todavia, não servir a estes senhores, assim tais marcas foram “adquiridas de forma independente umas das outras”.

Mas uma teoria que arbitrariamente avalia seu “material factual” desta ou daquela forma, numa situação como “prova” e noutra como “insignificante”, acaba tirando ela mesma uma única base de sua construção!

Não se pode, em virtude da existência de alguns pelos passageiros no embrião humano, pregar que seus ancestrais sejam mamíferos peludos e, ao mesmo tempo, considerar “insignificante” a presença de cabelos em estágios jovens de outros grupos de animais (mesmo os pintinhos têm cabelos). Nesta forma de pensar, teoricamente “tudo” pode ser provado!

Se a presença de cabelos comprova a descendência de mamíferos, então aves e insetos também precisam descender de mamíferos, pois, nestes últimos, a formação de cabelos está amplamente difundida. Mas se aves e insetos não descendem deles, apesar da presença dos cabelos, então não se pode atribuir força comprobatória aos cabelos no embrião humano. Ou será que talvez sua formação nas plantas também deve ser atribuída a antepassados mamíferos?

Mas se, como os fatos fazem concluir com clareza convincente, os cabelos em plantas, insetos, aves, mamíferos e humanos se desenvolveram independentemente uns dos outros, então também existe a possibilidade do surgimento independente no que se refere a todas as outras partes do corpo: considerando o aparecimento casual de partes corpóreas idênticas — não importando de que tipo — em diferentes grupos de seres vivos, jamais poder-se-ia aferir uma ascendência comum na qual “cabelos” são levados em consideração como uma comprovação.

De forma semelhante dos cabelos são as relações no que se refere às outras partes corpóreas de grupos de seres vivos. No caso dos insetos, por exemplo, foi concluído que seus órgãos respiratórios surgiram independentemente dos aparelhos respiratórios de outros grupos de animais e por isso não se pode atribuir a eles um

ponto de partida teórico em comum. Mas até agora os estudiosos ainda não foram capazes de tirar a conclusão correta disso, isto é, que todos os insetos não precisam descender de um antepassado em comum. A propósito: em tempos recentes, os especialistas teóricos até pretendem descender nematoides dos insetos — é que teoricamente tudo é possível!

Certamente não é necessária uma indicação especial de que, se houvesse uma “lei biogenética fundamental” observada pela natureza que tivesse validade tanto para os seres vivos animais quanto para os vegetais, então no desenvolvimento embrionário destes últimos também teriam de ser encontrados os estágios transitórios “filogenéticos”! De acordo com isso, o desenvolvimento do embrião vegetal teria de passar pelas diatomáceas, musgos, cavalinha, samambaias, palmeiras, coníferas, etc., até chegar às nossas atuais formas superiores de plantas floridas. Mas em parte alguma há indícios para isso! O trigo se desenvolve ainda hoje sem antes ter sido cavalinha; por sua vez, os carvalhos não necessitam dos estágios intermediários das diatomáceas e das coníferas!

Apresentar fragmentos “selecionados” pode servir teoricamente, mas para nós não serve!

Uma teoria da evolução ou, falando mais claramente, uma “teoria do surgimento”, precisa abranger todos os grupos de seres vivos!

Depois de 100 anos da teoria da ancestralidade comum e da evolução, ainda nem se chegou a um consenso entre os “círculos especializados” sobre a origem comum de grupos isolados de seres vivos e também nunca se chegará: o desenvolvimento dos insetos, por exemplo, já no tempo do desenvolvimento dos cotilédones, era tão múltiplo, que uma exposição de “tipos” se torna impossível!

Sobre a formação embrionária igualmente não há consenso, uma vez que os procedimentos — de acordo com os desejos e objetivos — podem ter interpretações muito variadas. Não é diferente com a ancestralidade de classes inteiras: para os insetos, por exemplo, há teorias que “levam” aos anelídeos e trilobitas ou algo parecido. É necessário, talvez, mais uma prova de que tudo, como uma miragem, levou a um equívoco?

Tampouco como o estágio embrionário possui alguma “força comprobatória” no sentido da ancestralidade comum, esta força também não pode ser atribuída a qualquer infância. O mesmo é válido para partes corpóreas provisórias: sua existência somente comprova que elas estão previstas na genética do ser vivo em questão, mais nada!

Foi feito muito alarde sobre estas “importantes” descobertas de que a formação de características superiores apenas aparece e é reconhecível num desenvolvimento mais avançado e de que a específica marca da espécie apenas aparece pouco antes da finalização da evolução do animal, como se em algum momento se iniciasse a construção de uma casa com o lustre!

É completamente óbvio que, quando a obra começa pelo fundamento, começa com uma célula, primeiramente podem ser formados os esboços mais grosseiros e que somente uma formação mais geral pode aparecer, a qual — de acordo com o objetivo e o preconceito — permite se significar desta ou daquela forma! Seria maravilhoso se fosse diferente!

Será que alguém se admira pelo fato de que, quando se coloca o fundamento, ainda não é possível reconhecer as portas e as janelas? Alguém espera que depois de colocado o muro já se pode ver detalhes do estilo delas?

Igualmente incoerente é procurar características demasiado especializadas nos tempos iniciais dos embriões. Num navio a vapor também não são erguidas as chaminés por primeiro. E nas plantas ninguém vai procurar as flores já nas sementes. As especificidades e os aparelhos internos sempre são feitos apenas no final: o construtor que agir de outra forma irá parar no hospício!

Em toda parte, é assim: as particularidades finais aparecem também por último! Por isso, ninguém deve esperar encontrar membros desenvolvidos nos primeiros tempos do estágio embrionário. No começo muita coisa ainda pode ser alterada: o que, à primeira vista, pode parecer uma simples casa camponesa, depois pode virar uma casa familiar generosamente aparelhada.

Não é diferente com a “famosa” estrutura dentária do embrião da baleia. Certamente não deveria sobrar dúvidas de que a baleia foi formada a partir do protótipo

de um mamífero, aos quais naturalmente também pertencem os dentes. Realmente não há nada de estranho ou de maravilhoso nisso: o que faz parte do esboço igualmente aparecerá nele. E tudo se explica de forma bem natural, desde que se retirem os óculos prismáticos dos teóricos.

Como acontece com toda formação embrionária, muito cedo já aparece uma divisão de trabalho, uma especialização das células: algumas constroem a pele exterior do embrião (tecido epitelial); outras iniciam as linhas germinais; outras ainda dividem a gema, etc., etc. Mais tarde uma comunidade celular forma o exterior da cotilédone; outras, o interior. Mas os grupos celulares que participam disso cultivam uma ampla divisão de tarefas, se juntam em grupos profissionais: uma comunidade constrói o coração; uma outra os intestinos; outra, a parte da cabeça e outras coisas mais. Mais tarde é necessária outra divisão de trabalho: os membros isolados, olhos, células, pele, etc. precisam ser formados por grupos especializados. E a divisão das tarefas sempre continua: há áreas especiais para a pele superior e inferior, cabelos, coloração e muitas outras coisas, das quais cada grupo frequentemente ainda necessita de subdivisões.

Não sabemos como é possível todos estes grupos de trabalho estarem atuando assim planejadamente e sem atritos, mas que eles o fazem é um fato inquestionável e cada ser testemunha isso.

Igualmente é comprovado que a direção da obra parece partir de um único ponto, mas que mais tarde há uma “gerência de operações” especial para cada parte do organismo. Cientificamente essas gerências de operações são chamadas de centros organizacionais.

Da mesma forma, é comprovado que nos primeiros tempos do desenvolvimento embrionário ainda não é dado o definitivo destino a cada célula; os exatos procedimentos de trabalho ainda não foram dados. Neste período, as células que foram destinadas para a construção do cérebro, caso sejam transplantadas para outras partes do corpo, ainda conseguem formar ossos e músculos. Apenas mais tarde acontece, passo a passo, a distribuição nas determinadas áreas de trabalho com uma central própria para a gerência de operações. Mas se, agora, uma comunidade de células é transplantada para um lugar diferente do corpo, assim ela também atuará em sua tarefa especial, sob a direção central, embora não seja o lugar

adequado à parte do corpo para a qual foi programada. Assim, num embrião de salamandra, por meio de um tal transplante de um grupo de células já autônomas, foram implantados olhos direcionados na cavidade corporal.

Num procedimento parecido, repousa a formação do sistema dental provisório no embrião da baleia. A distribuição das células em comunidades de trabalho segue primeiramente o plano geral da construção dos “animais vertebrados”. Cada grupo de células trabalha sob sua subcentral. Então é constituída a espinha dorsal, a cabeça recebe forma e, naturalmente, os orifícios dentários a ela pertencentes. Como o grupo de células capaz e responsável pela formação das barbas ainda não está formado, estas cavidades são preenchidas por estruturas parecidas com dentes.

Apenas mais tarde, de acordo com a necessidade, gerências de operações secundárias são criadas e novos grupos especializados são formados. Assim que o novo lugar especializado para a formação das barbas estiver pronto, o trabalho geral mantido para a construção do sistema dental é paralisado e, com isso, inicia-se a formação das barbas próprias da espécie. O preenchimento provisório das cavidades dentárias é transformado e oferece novo espaço. Na natureza nada se perde. No osso pélvico o trabalho é imediatamente paralisado assim que as obras da construção do rabo entram em ação. Isso não é nada especial: para os aparelhos internos e para as estruturas especiais, há por toda parte um espaço especial — assim como na construção de uma casa. De maneira natural, o trabalho somente pode começar depois da chegada dos especialistas para determinada função. Em todos os outros seres vivos, os grupos de células que providenciam as características próprias de determinada espécie entram em ação sempre próximo à conclusão do desenvolvimento. Tudo ocorre de forma bem espontânea. Sobre a origem das estruturas necessárias para isso será relatado mais tarde.

Este “um depois do outro” no desenvolvimento embrionário não deve ser atribuído a algo fantástico presente em antepassados distantes no tempo e pertencentes em diversos grupos de seres vivos, mas sim à formação natural, gradual de comunidades celulares e centros organizacionais, sempre de acordo com as necessidades!

Uma área preferida na qual o teórico deixa correr livremente sua fantasia é a avaliação de que diversas malformações e abortos representam “retornos aos antepassados”.

Desse modo, na Austrália, nas escavações no cemitério de uma prisão, foi feita a “importante” descoberta que o crânio de um assassino apresentava diversas malformações. “Descobriu-se” indícios dos mais antigos (pré)-humanos: o buraco occipital localizava-se mais atrás do dos humanos atuais e, portanto, apontava semelhanças com hominídeos. Também no osso frontal e na parte de trás da cabeça se mostravam malformações. Ambas foram rapidamente avaliadas como “indícios” de formações humanas pré-históricas. Assim, a típica alta sabedoria dos “especialistas” concluiu que se tratava de um “revés para os pré-humanos”. Novamente foi encontrada uma “prova” a mais para a exatidão da teoria de que os humanos descendem dos macacos.

Como é habitual, do mesmo modo, neste caso não foi examinado se a suposição teórica de que abortos espontâneos apontam para características de seus antepassados da mesma espécie está embasada sobre alguma evidência, por menor que seja. Com o passar do tempo, de forma renovada, trivial e despreocupada, os teóricos passaram a transformar qualquer acaso em “provas”, se isso assim servisse.

Malformações e abortos espontâneos aparecem por toda parte. Existem insetos com número maior de pernas, asas não formadas, coberturas perfuradas das asas, além de aves com cinco ou mais dedos, mamíferos com duas cabeças e muito mais. Mesmo entre humanos há o suficiente disso: corcundas e membros deformados não são grandes raridades. Por que isso, entre tantos bilhões de humanos, não poderia aparecer também no crânio? O corcunda aponta para que ancestralidade? Para onde aponta o “revés” do deficiente? Para quais seres de várias cabeças aponta um aborto espontâneo de duas cabeças?

Há pouco tempo nasceu um porco que, embora tivesse somente um olho, possuía uma tromba de elefante bem desenvolvida — pelo menos era assim que se podia definir esta formação. Isto foi um “revés” de um elefante-pré-porco?

Bem, casos deste tipo permanecem sensatamente sem ser levados em consideração. Absolutamente não se quer vê-los nem mesmo ouvi-los, para não serem perturbados no tranquilo sentimento de segurança oferecido pelo colo da moderna teoria da evolução. Por que sempre é mostrado ao povo somente aquilo que “serve” na teoria? Uma tal parcialidade “especialista” não seria repreensível? Quando será que este “científico” cavalgar com um cavalo de pau irá acabar?

A verdade deve ser ensinada, mesmo que com isso quebre toda teoria cinza!

Um tempo vindouro irá saber distinguir entre malformações e o reaparecimento de uma genética escondida!

Muitas valiosas contribuições de nosso conhecimento são resultado das pesquisas embrionárias; muitas coisas interessantes foram produzidas por meio delas. Atualmente é inquestionável que o embrião do piolho não necessita de um verme para se originar, que não é preciso um macaco para a construção de um embrião humano. Nenhum elefante necessita de um crocodilo para surgir, assim como a baleia não precisa de uma rã. A aranha surge sem a implantação de um lagostim, a macieira sem o estágio anterior da palmeira, mas os seguidores da teoria dos macacos passam cegos sobre isso.

Assim sendo, uma proveitosa avaliação deste reconhecimento somente é possível se retirarmos os antolhos que estreitam o campo de visão dos “especialistas”, se os óculos prismáticos das teorias estranhas à natureza forem afastados, se a empecorada aprendizagem de quarto e a sabedoria de escrivantina forem deixadas para trás e derem espaço para o conhecimento vivo e próximo da natureza: em algum momento chegará, e precisa chegar, o tempo em que os empecilhos, que a própria ciência produziu, serão afastados para o bem do povo e da própria ciência.

A pesquisa embrionária comprovou claramente algo que hoje a interpretação teórica não é mais capaz de esconder: nenhum ser vivo neste gigantesco mundo requer qualquer tipo de estágio prévio para a sua origem; todos os seres vivos, sejam grandes ou pequenos, sejam inferiores ou superiores, surgem de uma única célula!



## A FORÇA COMPROBATÓRIA DA CLASSIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES

A classificação das espécies oferece um “impressionante” material comprobatório. Ela faz desfilar, diante dos espectadores, rebanhos inteiros de “linhas ancestrais”. Um grupo animal após o outro surge de seus antepassados teóricos. Com simplicidade perplexa, ela demonstra a origem humana a partir de seu antepassado animal ao povo espantado: animais primitivos – celenterados – rotíferos – porcos selvagens – vermes – trilobitas – insetos – peixe lanceta – peixes – anfíbios – répteis – aves – mamíferos – seres humanos.

Algo assim às vezes até se desenvolve bem e, se não servir para outra coisa, ao menos é útil para a ordem, se a sequência uma vez iniciada fosse mantida, o que infelizmente não é o caso. Força comprobatória, todavia, ela não possui!

Aqui a questão “afinal, a ancestralidade pode ser comprovada por meio de uma exposição e classificação num sistema” teria de ser primeiramente testada e respondida em termos verídicos. Mas para tal trabalho “secundário” não se possui nem tempo, nem vontade.

Está na essência da classificação das espécies (arte do ordenamento, história das espécies) que ela ordena objetivamente numa exposição (sistema) seus objetos abrangidos — de acordo com a análise mais ou menos superficial — seguindo uma lógica de suas semelhanças em um ou mais pontos. Neste ordenamento, as peças que se assemelham mais são colocadas mais próximas: esse é o método de trabalho desta “arte”.

De igual modo, o comerciante, que em sua loja ordena objetivamente suas mercadorias de acordo com pontos de vista, age de forma “classificatória”. Inicialmente são observadas as diferenças maiores, por exemplo, mercadorias de ferro, de tecido,



alimentos e brinquedos; entre estes novamente juntará os grupos mais “próximos”, anéis aqui, pregos acolá; outra vez ele terá novo agrupamento segundo o tamanho, o comprimento ou outras características, e assim por diante, até chegar às menores diferenças. Ele não colocará botões de madrepérola com botões de tecido, manteiga ao lado de lubrificantes de carroças, mas se ele mantém a pimenta ao lado dos temperos, isso de longe não quer dizer que um “descende” de outro.

A tarefa de ordenamento (sistemática) é trazer ordem na confusão dos objetos, quer dizer, ordená-los de acordo com os pontos de vista objetivos de uma exposição (sistema).

Antes de tudo, é preciso ter em mente que a “classificação” não é uma área especial que é aplicada somente a objetos vivos!

Os cristais, por exemplo, são ordenados em “classificações”. Estes são sorteados e diferenciados de acordo com o comprimento e a localização de seu eixo, sendo assim, como sistema regular, hexagonal, rômbo, tetrágono, monoclinico e triclinico. Se se quiser atribuir qualquer força comprobatória ao ordenamento em sistemas, então naturalmente todos os cristais seriam “filogenéticos”, quer dizer, teriam de descender historicamente de seus antepassados, um depois do outro.

Mas como cristais e minerais ainda são diferenciados de acordo com 10 graus de dureza, também neste caso — como na zoologia — aconteceria uma briga sem fim em torno de que ordenamento daria a preferência. No fundo, haveria ainda a possibilidade de adotar, como critério de divisão e ordenamento, a clivagem, o peso específico, o comportamento em luz polarizada e outras características. De acordo com o ponto de vista do qual se partiria, surgiriam para um e o mesmo mineral “ancestrais” bem distintos.

Semelhantes são as relações no que se refere aos elementos químicos, que são divididos em sais, ácidos, compostos de enxofre, metais e muitos outros. Para isso é igualmente válido o exposto anteriormente: um e o mesmo composto podem ser, de acordo com as vontades, enfileirados em grupos bem distintos. E, para permanecer em algo bem conhecido, o vinagre poderia ser exposto entre fluidos, compostos de carbono ou entre ácidos. Ninguém irá querer atribuir ao vinagre e ao ácido sulfúrico uma origem comum ou, em outro caso, ver no vinagre e no

diamante uma origem igual. Mas com isso as possibilidades de enfileiramento e de ancestralidade de forma alguma estariam esgotadas: peso específico, ponto de ebulição e fusão, entre outros, também poderiam ser os “determinantes”.

Se se quiser atribuir a tais aspectos uma força comprobatória, poder-se-ia com o mesmo direito conceber o carrinho de mão como ancestral primitivo da locomotiva expressa.

É uma tragédia que isso ainda não foi reconhecido — pelo menos nas ciências da natureza. A todo momento se procura encontrar uma “ancestralidade” a partir da classificação ou, em outros casos, fazer o contrário e encontrar um ordenamento de acordo com uma ancestralidade. Certamente a capacidade de conhecimento humano frequentemente é inibida por muito tempo por teorias e dogmas, mas mesmo assim espero que algum dia o conhecimento se liberte disso e separe ordenamento e ancestralidade.

Se Schiller e Goethe, por uma questão de ordem, estão lado a lado no armário de livros, isso está longe de evidenciar que ambos tenham os mesmos pais! O colecionador de selos os ordena de acordo com um “sistema”. Assim, deveria por isso a exposição ser introduzida por “árvores genealógicas”, para que todos pudessem ser conduzidos a uma origem comum? Alguém duvida de que eles tenham “surgido” independentemente uns dos outros em diferentes partes do mundo e de formas diferentes?

Nada permite chegar à conclusão de que, pelo fato de teóricos das ciências naturais serem capazes de colocar coisas semelhantes lado a lado, haja ali uma “comprovação” de ancestralidade!

Só o fato de que quase a cada ano pelo menos uma “nova comprovação” para parentesco próximo entre grupos separados pelo mundo é “trazida” já demonstra o quão pouco se pode levar a sério a “comprovação” por meio de exposição e enfileiramento em “sistemas” e árvores genealógicas.

Para elaborar a classificação, um especialista leva em consideração as partes traseiras do corpo; o outro, a mandíbula; um terceiro, a região peitoral. Há os que levam em conta as pernas e ainda os mais espertos se lançam sobre os órgãos

digestivos, enquanto outros dão valor somente às asas. Um imagina encontrar o original nos detalhes; já o seguinte inverte tudo; num certo momento, um número maior de determinados membros, por exemplo, os veios da asa (*Flügelrippen*), necessariamente é concebido como derivado de um número menor desses membros. Já em outra situação ocorre o contrário: o número maior de tais partes do corpo é considerado o “mais primitivo”. Em determinada situação, a quantidade maior é mais primitiva; em outras, o primitivo é “atribuído” à raridade, e assim por diante. Desse modo, os resultados são imprevisíveis.

Está claro que, de acordo com o fundamento do qual se parte, chega-se a um “sistema” completamente diferente. Uma e a mesma espécie podem, dessa maneira, ser atribuídas a diferentes ancestrais. As coisas ficam ainda mais enroladas quando se concebe espécies correndo livremente por aí como sendo mais primitivas do que aquelas que se especializaram em hospedeiros especiais, quando onívoros são vistos como mais primitivos do que aqueles que dependem de alimentos específicos. Enquanto que cuidado parental e formação de sociedades novamente são vistos como sendo de tempos mais recentes: viva a confusão!

Adiante se traz à tona que tipos de veias de asas construídas teoricamente de fato existem na natureza livre. Neste ponto, passa despercebido que isso não é algo tão maravilhoso como parece. Nas muitas centenas de formas de asas, há naturalmente a possibilidade de que uma forma, que até o momento ainda não foi encontrada, mas que já se concluía em teoria que deva existir, de fato realmente fosse identificada.

É claro como o Sol que, por exemplo, se é de conhecimento que há veículos com dois, quatro e dez eixos, pode-se concluir, seguindo o mesmo esquema “teórico”, a possibilidade de se desenhar um veículo com oito. A posterior descoberta desse veículo de oito eixos está longe de provar a descendência do veículo de dez eixos oriundo do veículo de dois.

Se nos cristais foram encontradas formas que demonstram quatro, seis, oito, doze ou vinte e quatro lados, assim pode-se concluir a existência de cristais de quarenta e oito lados. Todavia ninguém iria conceber sua descoberta como “comprovação” de uma “ancestralidade”.

Se na química se encontram elementos univalentes, bivalentes, trivalentes e pentavalentes, então é fácil concluir a existência de elementos tetravalentes. Da mesma forma pode-se supor, nas assim chamadas linhas “homólogas”, a existência de um elo desta corrente que ainda não foi encontrado, por exemplo, metano  $\text{CH}_4$ , etano  $\text{C}_2\text{H}_6$ , propano  $\text{C}_3\text{H}_8$ , butano  $\text{C}_4\text{H}_{10}$ , pentano  $\text{C}_5\text{H}_{12}$ , hexano  $\text{C}_6\text{H}_{14}$ , heptano  $\text{C}_7\text{H}_{16}$ , nonano  $\text{C}_9\text{H}_{20}$ , etc. Nesta sequência é visível que está faltando um elo, o octano  $\text{C}_8\text{H}_{18}$ . A exposição de uma tal sequência de elos intermediários, contudo, está longe de explicar a origem destes compostos. Se se quiser encontrar uma linha ancestral, então ter-se-ia de chegar no etileno  $\text{C}_2\text{H}_4$  e no álcool  $\text{C}_2\text{H}_6\text{O}$ . Mas pensar a cachaça originada do petróleo, ou vice-versa, seria uma hipótese que iria contradizer demais a realidade, para parecer crível.

De forma semelhante, também é possível organizar os corpos celestes em “sistemas”, que chegariam a resultados muito diferentes, de acordo com o critério adotado, seja pela claridade, pelo tamanho, cor ou pela velocidade de rotação, entre outros. Cada um desses sistemas, no papel, iria parecer tão “convicente” quanto outro, como as linhas ancestrais na zoologia: todos os escritos sobre a origem comum não descrevem a história evolutiva, mas sim as semelhanças desta ou daquela característica, deste ou daquele ser vivo — somente o “engano” não é percebido.

A classificação nada mais é do que um ordenamento dos objetos examinados de acordo com pontos de vista objetivos. Assim, jamais se pode atribuir a ela uma força comprobatória em relação a que se refere a “ancestralidade”.



15

## FORMAS TRANSITÓRIAS E ANCESTRALIDADE

Entre as escavações, que proporcionaram muitos conhecimentos sobre o mundo animal de tempos remotos, foram encontrados esqueletos animais que, em sua estrutura, apresentavam características de diferentes grupos. Recebida com alegria pelos seguidores da teoria da evolução, esta descoberta, com poucas “formas intermediárias”, foi elevada à categoria de ponto de referência da teoria.

Desse modo, na Era do Carvão, vivia o *Branchiosaurus*, considerado um anfíbio, com estrutura de lagarto, que se diferencia dos atuais anfíbios por sua cabeça placoderma e, por isso, também denominado de *Stegocephale* (cabeça placoderma - *Panzerkopf*). Na formação dos dentes e das escamas, são semelhantes a répteis, enquanto que sua cabeça e peito blindado apresentam um “parentesco” com o peixe placodermo, que apareceu no período devoniano. No passar do tempo, os teóricos conceberam estes animais como “anfíbios primitivos” que reuniam características de anfíbios, répteis e peixes.

Mais tarde, no período triássico, vivia um réptil que possuía uma mandíbula de predador. Infelizmente é desconhecida a aparência deste animal, pois só foram encontrados crânios. Por causa de seus dentes caninos, os teóricos acreditaram ter encontrado nele o braço primitivo de animais predadores (*Lycosaurus*). Ao mesmo tempo foram descobertos também esqueletos completos de répteis que apresentavam mandíbulas semelhantes às dos cavalos. Muitos teóricos acreditaram ver nesta estrutura óssea uma aproximação em relação aos mamíferos (*Pareiosaurus*). Um outro animal, do qual somente há um crânio, apresenta uma mandíbula parecida com a da espécie dos ouriços terrestres.

Mais tarde, no período jurássico, viveu um ser da espécie das aves e ainda hoje ocorrem discussões em torno de seu pertencimento às aves ou aos répteis.

Conforme se pode perceber nas expressões de uma petrificação, este animal possuía penas. Além disso, se identifica neste achado que o bico apresenta verdadeiros dentes na parte inferior e superior. A longa cauda, formada por inúmeras vértebras, assim como as costelas, são da espécie dos lagartos, mas a pata já era uma completa pata de ave, com todas as suas típicas características. Já o bico e a cintura escapular são completamente estruturados como os das aves. Os teóricos que o descobriram acreditam ter encontrado neste *Archäopteryx* a ave primitiva, a forma transitória do réptil para as aves e, assim, o consideram “a melhor” comprovação que dará a exatidão de sua teoria.

Igualmente no período jurássico viveu o *Ichthyosaurus*, um lagarto marítimo. Ele possuía um focinho que lembra um golfinho, dentes de um crocodilo, cabeça e esterno de um lagarto, barbatanas de baleia e uma cauda que, em sua forma externa, se parece com a de peixe. A diferença dos dinossauros entre si, a riqueza em formas estranhas, diga-se de passagem, era algo gigantesco neste e nos períodos seguintes. Apareceram rinocerontes entre os lagartos e gigantes de 35 metros de comprimento e 600 *zentner* de peso. (*zentner* = 50 quilos)

Apenas no período terciário aparecem os mamíferos verdadeiros. Pode-se atribuir às primeiras formas encontradas características de distintas ordens de mamíferos, mas todas as diferenças eram tão pequenas, a ponto de um dos maiores conhecedores dos mamíferos dos mundos anteriores, Zittel, ter se pronunciado a respeito: “Se fosse possível dar vida às estruturas animais do Holoceno e transportá-las para a nossa atual fauna mamífera, então cada zoólogo iria supostamente resumir os antigos carnívoros primitivos, os primitivos ungulados e prossímios em uma única ordem uniforme, embora sem dúvida representem os predecessores de quatro grupos fortemente diversos. Esta mistura de diferentes troncos numa raiz comum forma um dos argumentos mais fortes em favor da teoria da origem comum”.

Este pronunciamento, ainda realizado no contexto da teoria da evolução, comprova claramente o quanto de fantasia é necessária para poder ver nestes chamados “tipos mistos” as formas primitivas de diferentes grupos de animais! Isso que tanto se quer ver como ungulado primitivo nem sequer tinha um verdadeiro casco, pois pisava com toda a sola, assim como um pé de cinco dedos. Os primitivos animais predadores, ou aquilo que se concebe como tal, somente possuíam uma mandíbula que era do tipo da dos porcos. Nas formas de antigamente, que os

prossímios devem representar, foram “descobertos” “indícios” de ungulados, devoradores de insetos e primitivos predadores. Sobre as “formas intermediárias” do cavalo, já fiz referência em outras partes.

Está claro que, em tempos passados, ainda antes que nossa fauna e flora habitasse a Terra, existiam seres vivos com as características de dois ou três grupos animais distintos. Mas antes de tirar conclusões disso para uma “ancestralidade”, seria de se conferir, acima de tudo, se essa existência simultânea de características típicas de mais grupos animais representa uma especificidade daquele “período transitório”!

Mas certamente não deve mais haver dúvida — com um pouco de reflexão — que, se ainda hoje aparecem seres vivos que reúnem características de mais grupos animais, a teoria da evolução jamais pode dar a tais “características” o significado de “formas transitórias”. Também está igualmente claro que, em tempos antediluvianos, uma “forma transitória” real, se ela na realidade representa aquilo que a teoria diz, jamais poderia ter se mantido na mesma ou em semelhante forma até o presente. Assim sendo, fica indiferente se a “transição” ocorre pela “intermediação” entre filos, classes ou espécies animais.

A existência de qualquer ser vivo antediluviano até os tempos atuais comprova que este jamais pode ser considerado como “forma transitória”!

Por essa razão, o famoso lagarto *Sphenodonta* (*Sphenodon*), que deve ter vivido no período permiano, já deve ser excluído de imediato. Este era um lagarto de cerca de 75 centímetros de comprimento, que, em sua estrutura interna, reunia características de anfíbio, tartaruga e cobra. Por isso representaria uma “ponte” entre estes grupos animais, sendo denominado, assim, de lagarto-ponte. Passou despercebido nesta “peça comprobatória” que ainda hoje na Nova Zelândia vive um representante deste grupo de répteis mais antigo. Assim, um grupo animal que manteve sua forma durante toda sua existência — exatos 250 milhões de anos — não pode ser o ponto de partida de um novo grupo animal!

Somente se pode atribuir algum valor filogenético se se partir do pressuposto de que a “forma transitória” sempre se desenvolve de fato para a forma prevista teoricamente e se na realidade essa pressuposição teórica pode ser observada: no final de uma transformação de muitos milhões de anos não podem coexistir formas transitórias com o “novo”, o resultado final!

Mas uma suposição de que talvez pequenas partes de uma forma animal tenham se partido e seguido sozinhas o caminho para uma nova formação — enquanto a parte principal do tronco teria permanecido em sua forma antiga —, conforme já ilustrado nos comentários sobre mutação e cruzamentos, nada mais é do que pura brincadeira de um pensamento estranho à realidade.

Por isso é de se conceber como sentimentalismo absurdo quando se acredita que se deve olhar um crocodilo com reverência, pois em certa medida está se olhando nos olhos de seu próprio antepassado...

Da mesma forma não há o menor motivo de ver com profunda emoção o peixe lanceta, que supostamente representa o tipo primitivo dos vertebrados....

A propósito, este peixe foi considerado por seu descobridor como uma lesma e, para concebê-lo como peixe, foi necessário muita fantasia: a discussão em torno de onde ordená-lo ainda hoje não está encerrada.

Este ser vivo, denominado peixe-lanceta, que mede poucos centímetros de comprimento, não possui nenhum membro exterior. Crânio, cérebro, coração e especialmente aparelho respiratório estão completamente ausentes. Ossos ou algo semelhante também não existem; como espinha dorsal há uma haste formada por uma massa gelatinosa. Este ser é andrógeno — de seus ovos nasce uma forma de larva, que apenas mais tarde se transforma no peixe-lanceta (*Amphioxus*) — manteve sua forma por um período de no mínimo 600 milhões de anos até os dias atuais. Por esse motivo ele sai da classificação das “formas transitórias”.

Do mesmo modo, o *Ichtyosaurus*, uma forma semelhante ao peixe, não pode representar uma forma transitória, pois já existia há 250 milhões de anos, e répteis, há 75 milhões de anos.

De acordo com isso, somente poderiam ser procuradas formas transitórias, no sentido da teoria da evolução, em seres extintos antes: todavia somente se o aparecimento de formas que apresentam características de mais grupos animais se restringir a tempos antediluvianos. Mas este não é o caso.

O fato é que ainda hoje há grupos animais que correspondem completamente às exigências que a teoria coloca às “formas transitórias”. Sim, atualmente parece que são mais numerosas do que nos tempos dos “períodos de transição”.

Muito melhor ainda, estas formas de vida iriam corresponder às exigências teóricas se fossem encontradas — como formas de vida de tempos antigos — como esqueletos ou até mesmo como somente na forma de um crânio. Dessa maneira, seria muito mais fácil “reconstruir” o esboço desejado da forma transitória que a teoria necessita. Vejam o quanto já se pode fazer a partir de um crânio de baleia! Que aparência será que teria o tamanduá-banguela reconstruído em desenhos!

O conhecimento da verdadeira aparência dos animais atuais e seu modo de vida evita possíveis equívocos, mas torna o estabelecimento de formas transitórias mais difícil.

Uma justa apreciação das atuais “formas transitórias” em relação ao pré-histórico somente é possível se for levado em consideração aquilo que uma ciência provavelmente poderia “reconstruir” do mundo atual, se somente houvesse dele crânios, esqueletos ou outros fragmentos.

As baleias cuja estrutura exterior e estilo de vida são iguais aos peixes possuem um esqueleto — apenas parcialmente existente — parecido com o dos mamíferos, enquanto as barbas indicam um terceiro grupo animal; elas reúnem em si, portanto, as características de três grupos animais completamente separados.

A enguia, de acordo com sua forma, apresenta indícios de cobras, mas pelo esqueleto se assemelha ao peixe, sendo que a pele lisa poderia indicar o pertencimento a outro grupo animal.

Os didelfídeos são marsupiais, possuem um rabo de rato, uma mandíbula de predador, patas apropriadas para escalar, exalam um fedor que seria apropriado a bem outro lugar, além de um pelo que não combina com o resto da aparência. Este animal reúne em si, portanto, uma grande quantidade de características.

O colugo (*Galeopithecus volans*) apresenta características de prossímio, do morcego, de animais predadores e de insetívoro; seria, portanto, uma “forma transitória” ideal — se tivesse se extinguido.

A equidna possui um longo e fino bico e com isso uma roupagem espinhenta semelhante ao ouriço. O mais estranho neste mamífero é que ele põe ovos! O ovo ou os ovos são chocados em sua bolsa, na qual também os filhotes continuam o seu desenvolvimento. Uma outra curiosidade é que este animal não apresenta mamas!

O ureter e o intestino estão ligados a uma saída unitária, como nas aves. De igual maneira, outros órgãos internos são parecidos. O cérebro, por sua vez, apresenta semelhanças com os cérebros de répteis. A longa língua semelhante a um verme apresenta indícios do tamanduá sul-americano. Como se pode ver, este animal poderia representar o ponto de partida “mais ideal” para a totalidade do universo das aves, sim, se ela atualmente não vivesse mais! Por causa do cérebro poder-se-ia talvez “derivar” os répteis dela.

Neste ponto também é semelhante seu parente, o ornitorrinco, que igualmente possui um epipúbis, põe ovos e, ao contrário das anteriores, possui um largo bico de pato e quatro dentes de chifre, assim como uma verdadeira pele de animal. O ornitorrinco possui membranas natatórias entre os dedos e — entre as fêmeas — ainda uma espora perfuradora nas patas traseiras. Ele representa, portanto, um “animal transitório” entre réptil, aves e mamíferos. Mas o estranho é que este grupo não se serviu destes estágios intermediários, teoricamente tão vantajosos, para seu surgimento. Como seria “abençoada” para a teoria da evolução se ele tivesse se extinguido a tempo hábil e seus tristes restos mortais fossem encontrados nas camadas do estágio de Keuper (Triássico)!!! Analisando do ponto de vista dessa teoria, realmente é uma miséria que estes animais tivessem surgido e ainda vivessem num tempo no qual eles teoricamente não combinam, mesmo com toda a melhor vontade do mundo.

A teoria da evolução sempre tem para tais inconsistências alguma “explicação” guardada; também possui aqui neste caso. Assim, é afirmado diretamente que se trata de formas animais que, por terem surgido na Austrália, e como é um continente isolado, tiveram de permanecer num estágio mais antigo na evolução.

Esta explanação “científica”, na minha forma de entender, é tão distante da realidade, que nem merece minha consideração. Mas como para alguns círculos toda explicação basta estar em sintonia com a teoria, parece ser crível, útil e necessário esclarecer este ponto também.

Antes de tudo: como os teóricos imaginam a ação de um continente “isolado” sobre os seres vivos que ali vivem? Sobre seres vivos que nem sequer sabem se sua terra é “isolada” ou não? Como deve acontecer uma ação de longe? Será que o sapo primeiramente corre pela costa de toda terra para verificar se não existe

alguma ponte para outro continente e, então, se não encontrar, decide renunciar à “evolução para o próximo estágio”? Os vermes também fizeram primeiramente esta viagem circular, com percepção da ponte de terra para se desenvolverem? Ou a formação superior ficou ausente porque as escolas superiores da Europa eram inacessíveis?

Mesmo na Austrália — se é que há algo de verdadeiro na teoria da evolução —, em tempos antigos, a evolução deve ter estado em pleno vapor, senão não teria sido possível chegar à formação destas espécies “que ficaram paradas” e que hoje ainda vivem, estes “fósseis vivos” da teoria da evolução! De acordo com teorias de geólogos (Wegener), a Austrália já foi um continente fechado desde os tempos do Carbonífero. Portanto, já num tempo em que as florestas de samambaias, insetos, caracóis pulmonares, entre outros, deram seus primeiros passos para a vida. Se apesar de se tratar de uma Austrália isolada, mesmo assim, ao longo de no mínimo 200 milhões de anos — exceto os seres vivos citados anteriormente e outros —, o continente era povoado por anfíbios, insetos em incontáveis formas, então isso desautoriza completamente qualquer fala sobre um “permanecer parado” em sua evolução devido à ausência de ligação com outros continentes.

Para mim é realmente um mistério sem solução o fato de se falar sobre permanecer parado na evolução, quando já foi concluído que na mesma zona também há seres vivos “de desenvolvimento superior”! Além de insetos “modernos” e outros seres vivos dos tempos mais recentes, aparece igualmente na zona australiana o estranho Kiwi (*Apteryx*), o qual, como suas asas são formadas por curtos toquinhos, não pode ter “vindo voando”, conforme se gosta de supor generosamente nos círculos de teóricos acerca de seres vivos que teoricamente não pertencem a um espaço. A pelagem desta estranha ave é formada por estruturas capilares, quer dizer, ela não possui verdadeiras penas. Além disso, ainda apresenta outra propriedade: suas narinas localizam-se bem na ponta de seu longo bico, enquanto que todas as outras aves as têm na sua raiz.

Se a existência de animais que são concebidos como “inferiores” é atribuída à escassez de contato com outros continentes, então esses animais nunca poderiam ter se originado!

Da mesma forma, ainda ficaria em aberto a questão, a saber, por que então em outros continentes, que antigamente não possuíam contato com as regiões vizinhas — que na época estavam localizadas distantes umas das outras —, animais “modernos” puderam se formar. E, por outro lado, por que em continentes interligados, apesar disso, formas “antigas” vivem até os dias atuais? Os anteriormente citados didelfídeos e os tamanduás vivem, por exemplo, na América do Sul, e “modernas” espécies de insetos vivem ao lado de “velhas” formas em todos os continentes.

Agora certos teóricos querem ter concluído que também havia relações dos marsupiais da Austrália com formas animais mais superiores de outros continentes. É que foi “descoberto” que o musaranho marsupial possuía pelo de musaranho e o *notorictemorfos* (toupeira marsupial) possuía pele de toupeira, conforme era naturalmente de se esperar desde o início. Mas esquece-se de informar como estes animais puderam ter “relações” “filogenéticas” entre si, embora vivessem em continentes sem ligações terrestres. Seria altamente interessante saber como a toupeira chegou “filogeneticamente” a adquirir uma pele de toupeira marsupial que vive na isolada Austrália. O mesmo se refere ao musaranho.

A grande quantidade de marsupiais do mundo mamífero da Austrália, ainda hoje existentes, comprova claramente que este grupo animal — mesmo lá onde estão representados em grande número — não se “transformam” em mamíferos verdadeiros.

Mas é sempre assim: tão logo se analisa de forma imparcial as “provas” da teoria da evolução, elas sempre comprovam justamente o contrário daquilo que na verdade deveriam comprovar.

Merece menção como “forma mista”, entre outros, o tásio (*Tarsius*), que já rodou bastante no “sistema”, pois ora ele foi considerado um jerboa, então um lêmure, logo em seguida foi jogado aos marsupiais e agora finalmente — pra sempre? — sob o nome *Tarsius* foi parar entre os prossímios. As chamativas pernas traseiras, que conferem ao animal uma grande capacidade para saltar estão em impressionante contradição com as curtas pernas dianteiras. A tarsal das pernas traseiras é alongada para a corrida, como nas aves. Os dedos são providos de discos adesivos, como na rã de árvore, e o ajudam a escalar superfícies lisas. Em certa medida ele é a rã entre os mamíferos. Especialmente chamativos são os incomuns olhos grandes. Este animal, se estivesse extinto, daria o melhor material comprobatório

para evidenciar a descendência dos mamíferos a partir das rãs. Só a longa cauda perturba com preocupação o desenvolvimento deste pensamento teórico.

O lêmure-de-cauda-anelada, por sua vez, possui a propriedade de ronronar como um gato — num esqueleto fóssil isso certamente não seria visto.

Já o quati, com seu nariz alongado, seu corpo parecido com o de uma marta e seu longo rabo, iria servir bem como “animal transitório”. Mesmo o tatu, com sua armadura de osso, se não fosse conhecido na natureza, daria uma boa amostra apropriada para excitar a fantasia.

Que seja lembrado o curioso fato, por exemplo, de um esqueleto de uma salamandra gigante com cerca de 90 centímetros de comprimento encontrado no Bodensee\*, que inicialmente foi considerado como sendo de um ser humano, ao qual foi dado o nome científico de *Homo diluvi testis*. A esse achado, que naquela época causou grande sensação, neste meio tempo ainda foi atribuído o nome científico de *Andrias schleuchzeri*. Este exemplo ensina que amplas conclusões podem ser tiradas com base em alguns ossos quando o olhar é velado por teorias de especialistas!

Este tipo de formas mistas também existe entre outros grupos animais — eles só não chamam a atenção dos teóricos porque ainda vivem. As cobras-cegas não possuem pernas, têm os corpos semelhantes ao das cobras, vivem ao estilo das minhocas na terra, todavia, devido à sua estrutura interna e ao seu desenvolvimento, que passa por um estágio larval parecido com o das rãs, são consideradas anfíbios. Um sensor extensível como substituto dos olhos ausentes completa a sequência de curiosidades.

Os lagartos anelados possuem um estilo de vida parecido, assemelhando-se a um verme, mas pertencem aos répteis. Também a estes ou faltam membros exteriores, ou possuem somente pequenos restos desses membros. Estes animais são igualmente cegos.

Mesmo entre as cobras existem algumas espécies que têm uma aparência parecida à dos vermes e que vivem na terra como as minhocas. As cobras-cegas (*Typhlopidae*) assemelham-se às minhocas tão exatamente, que só podem ser reconhecidas com uma detalhada análise.

---

\* Também conhecido como Lago de Constança, situa-se na fronteira entre a Alemanha, a Suíça e a Áustria.

Os tritões, uma espécie de peixe, por exemplo, possuem uma bolha nadadeira que se tornou pulmão e serve para respirar o ar quando estão numa cápsula de lama que fica sem água e seca no verão. Já os peixes-labirinto possuem um aparelho para respirar o ar atmosférico.

O *Anabas testudineus* é até mesmo capaz de subir em troncos de árvores que cresceram verticalmente para fora da água e de maneira frequente saem para a terra.

Vou me abster de alongar a lista de tais exemplos e somente ainda informar sobre os insetos, que deram uma contribuição especialmente grande para a formação destas “formas mistas” e “formas transitórias”.

Entre eles há moscas que, não somente na forma, no tamanho e nas cores como também em seus movimentos, se parecem exatamente com as vespas. A ilusão é tão completa, que, mesmo um especialista, quando encontra as duas lado a lado na natureza livre, pode ser iludido. Outros, por sua vez, se parecem com os zangões. Mesmo grandes vespas escavadoras do gênero *pepsis* encontram um similar entre as moscas. Da mesma forma, existem espécies de borboletas que se assemelham ou a besouros, ou a vespas de diferentes espécies, ou até mesmo a aves. Contudo, se assemelham às aves somente durante o voo na natureza livre e, quando se alimentam de flores, neste momento são confundidas com os colibris.

Insetos assemelham-se, na sua forma externa e nas cores, a algumas vespas parasitas. Outros poderiam ser considerados baratas, etc.

O enxame destas “formas transitórias” é gigantesco também entre os besouros. Entre os longhorn, por exemplo, há espécies que se assemelham às vespas parasitas de diferentes espécies, vespas de diferentes grupos, insetos, borboletas ou mesmo besouros de outras famílias de insetos. Para ser fiel à teoria da evolução, teria de se “derivar” uma única família de insetos a partir de um grande número de diferentes grupos de antepassados, o que naturalmente seria um “absurdo filogenético”. Mas o contrário, ou seja, derivar os insetos, as borboletas, entre outros, dos besouros de longhorn já não é possível por razões simples, porque petrificações de antepassados de insetos aparecem muito antes do que o besouro propriamente dito.

Numa “zoologia aplicada” deste tipo, o resultado seria uma composição de uma meada inextricável de linhas de parentesco, em consequência das “formas transi-

tórias” que estão em todos os grupos. A diferença dos representantes de diferentes ordens de insetos entre si é tão grande, que, mesmo peças mortas e expostas lado a lado, levariam muitos zelosos zoólogos ao embaraço — caso não seja especialista desta área especial — na hora que seria necessário dar informações sobre seu pertencimento. Mas a delimitação de famílias de insetos isoladas nem sempre é bem-sucedida até mesmo ao melhor especialista. Ainda hoje diferentes espécies de uma família são jogadas em outras.

Mesmo entre os insetos e os mamíferos podem ser encontrados indícios disso. Desse modo, por exemplo, o grilo-toupeira apresenta típicas pernas dianteiras de toupeira. Até agora ainda não se chegou à conclusão teórica de que a toupeira descende do grilo. Mas é o suficiente. Com exemplos deste tipo poder-se-ia encher um livro.

No entanto, se, por outro lado, se quiser dar prioridade ao “fundamento biogenético”, quer dizer, perceber os “antepassados” nas formas jovens, então os insetos e gafanhotos teriam de descender de formigas, pois existem formas jovens semelhantes a elas em ambas as ordens. Por meio disso, os insetos que formam sociedades representariam os mais primitivos, assim colocando a “linha evolutiva” de ponta-cabeça.

Ainda mais, é sabido que macacos em sua juventude possuem maiores “semelhanças com os humanos”. As características animais do tipo símio se formam mais e mais apenas com o avançar da idade. Apenas então aparecem os abaulados sobre os olhos, apenas então a testa fica mais plana, apenas então as mandíbulas se projetam mais para frente. De acordo com isso, teria de se supor — de acordo com a “lei fundamental” — que o macaco descende do humano!

Parece ser um privilégio da teoria da evolução aplicar as próprias regras e fundamentos sempre somente onde lhes parece “servir”!

Está indubitavelmente comprovado que ainda hoje existe um grande número de formas de seres vivos que, em sua estrutura e em suas características, apresenta detalhes de diferentes grupos animais. Com isso, o conceito de “forma transitória” — no sentido da teoria da evolução — se tornou caduco.



## A TEORIA DO CAOS E SEU VALOR

Ainda existem teorias que tentam resolver o problema da “evolução” e da “formação das espécies” de um jeito e modo “novo” e próprio. Para esse objetivo, os teóricos da nova linha inventaram uma “lei geral de conveniência” que orienta o mundo inteiro de acordo com este princípio.

O pensamento fundamental que oferece o embasamento a estas “novas” teorias é o seguinte: em todo universo aparecem e desaparecem continuamente estruturas de massa (corpos celestes) que estão submetidas à “lei de conveniência”, quer dizer, surgem no universo indiscriminadamente coisas apropriadas, coisas medíocres (o que não pode ser definido como apropriado e nem inapropriado) e coisas inapropriadas. A possibilidade da sobrevivência — de acordo com a teoria — só é dada aos apropriados. O que não é apropriado desde o início ou se torna apropriado, ou desaparece. A transformação desta estrutura deve seguir uma “lei geral da adaptação”. Estruturas que não são capazes desta transformação são eliminadas de acordo com uma “lei geral da seleção”. Tanto formações inanimadas quanto animadas devem estar submetidas a estas três leis teóricas.

Acreditou-se ter achado nesta “lei geral da conveniência” o motivo, em vão procurado até agora pelos filósofos, para a duradoura harmonia no universo, assim como para as ocasionais e passageiras perturbações — de acordo com as percepções humanas.

Estas três novas leis, que na minha opinião não podem pretender ser “originais”, refletem meramente um darwinismo remodelado, nada mais.

Mas onde algo específico e tudo surge indiscriminadamente reina o caos. E no caos nenhuma “seleção” é capaz de formar uma estrutura apropriada, porque, de acordo com as regras desta arte, nada de apropriado pode surgir.



Se dezenas de milhares de tijolos são jogados ao acaso num monte, não poderá surgir deste procedimento uma casa nem mesmo se por centenas de milhares de vezes o inapropriado monte for removido e a construção reiniciada da mesma forma caótica.

Se o agricultor quiser semear um pasto e fincar as estacas no chão aleatoriamente para o aramado, sem direção, não conseguirá estabelecer uma linha reta para cercar a área nem mesmo se ele centenas de vezes retirar as estacas colocadas de forma confusa e heterogênea, repetindo o mesmo procedimento estúpido com novas estacas. Também não conseguirá, ao misturar mil letras do alfabeto, fazer surgir uma poesia.

Devia se dar para os teóricos do caos, que negam isso, algumas centenas de tijolos e a tarefa de construir um forno a lenha — portanto, algo bem simples, uma construção baseada em “profundas etapas evolutivas” —, seguindo as diretrizes de sua “lei” por meio de indiscriminado amontoamento. Tão logo a tentativa conseguisse a satisfação geral, ele poderia tomar um lanche. Após cada tentativa malsucedida, os tijolos iriam ser rejeitados pela “seleção” e uma nova tentativa teria de começar, de acordo com os mesmos fundamentos.

Acredito não estar afirmando demais quando digo que ele não conseguiria construir um forno até o final de sua vida, apesar da aplicada “seleção”. Sua “lei da adaptação”, como ele pessoalmente pôde se convencer, iria mudar pouco nisso.

Isso seria a parte prática de uma teoria não prática. Infelizmente os teóricos deste gênero não são afeitos a “aplicações práticas”.

Como a área de atuação da “seleção natural” é restrita, eu já a expus na parte sobre seleção e adaptação. Disso resulta ao mesmo tempo que o inapropriado nunca pode se tornar apropriado por “meios naturais”. Todas as teorias mais ou menos “espirituosas” que não levam isso em consideração vão se enganar. Na natureza não há algo intermediário entre apropriado e inapropriado. Ou a criação é capaz de existir, ou não: uma coisa meio assim, meio assado não tem direito de existir e por isso não possui possibilidade de se transformar!

Determinante para a contemplação da natureza são, em primeira linha, as relações estabelecidas na natureza livre. Experimentos laboratoriais podem somente ser le-

vados em consideração quando seus resultados estão de acordo com as verdadeiras relações naturais. Caso contrário, os resultados estão baseados em procedimentos experimentais equivocados e, por isso, sem valor!

As lições do caos carregam em sua área muito própria seus frutos fatais. Assim como se atribui ao acaso a formação de “corpos superiores”, também se acredita aparentemente poder renunciar a ordem e o planejamento no próprio trabalho. Condições caóticas abrangem vastas áreas. Talvez se espera que por causa da “lei da adaptação”, da “força seletiva” ou da “conveniência” o monstro construído se tornara uma bela estrutura.

Neste ponto, até agora todas as leis teóricas — assim como na natureza livre — não conseguiram transformar o inapropriado em apropriado. Agora, quem deve botar ordem no caos? Algum espírito bondoso não é cogitado; este há tempos já foi deposto pelos teóricos em questão.

Talvez o acaso? Bem, aí podereis esperar por longo tempo! Tampouco como o acaso não pode fazer um bom terno a partir de uma bola de lã enrolada, ele não fará um palácio a partir do caos por vocês construído. Nas relações naturais, a ordem somente pode ser trazida por um fazer planejado; a ordem nas preocupações humanas só pode partir do espírito humano e da força humana. Mas isso custa trabalho, e esforço, e reflexão.

Virá um tempo — e isso não está mais tão distante — no qual (falando figurativamente) se jogará a construção caótica na pilha de lixo e se enxotará do templo os apóstolos do acaso e do caos!

Se a partir do caos surgiu e ainda surge algo tão grande por meio do acaso, a primeira vida, as plantas, os animais e o ser humano, até todo o planeta e o universo, todas as relações harmônicas de mais de milhões de diferentes maravilhosos procedimentos, assim como as menores estruturas (átomos, elétrons e radiações em igualmente maravilhosas estruturas), então seria um pecado se o ser humano, por meio da construção de condições ordenadas, tomasse em seus braços as regras superiores do acaso e suas leis e, assim, interferisse na formação dos “melhores”!

Se tais leis casuais dominam a natureza, então o planejamento é um atentado contra estas leis naturais, que seriam de banir da vida humana. Desse modo, por

exemplo, seria estupidez ordenar os trens segundo um plano de tráfego, pois assim jamais os melhores tempos de partida iriam poder se “formar”. Também seria bobagem seguir a vida de acordo com princípios e ordená-la com base em leis, pois ambos prejudicariam a formação de características apropriadas. Igualmente, seria repreensível apresentar um plano de aula para as escolas, já que somente no acaso do livre jogo das leis é que poderia se formar a seleção do melhor. Curto e grosso, cada planejamento seria não somente supérfluo como até mesmo repreensível.

Esses seriam os efeitos práticos se a teoria do caos e do acaso encontrasse reconhecimento geral. Por obra de Deus ainda não se chegou a este ponto e nem se chegará, estou convencido disso, graças ao sentimento natural ainda presente e à saudável razão humana, que se manteve em largos círculos populacionais, apesar de tudo.

No entanto, duas coisas permanecem misteriosas: primeiro, como leis reinam num mundo cheio de casualidades. Segundo, por que, se teóricos “produziram” diferentes teorias e leis para explicar a “origem das espécies”, também não foi teorizada uma planejada “lei da constituição das formas”, que com um golpe tornaria supérfluas todas as demais?

Está claro como o Sol. Se o apropriado, o indefinido (portanto, igualmente inapropriado) e o totalmente inapropriado surgem indiscriminadamente, então o apropriado — partindo do pressuposto de que pode surgir desse modo não natural contra toda experiência humana — somente significa a menor parte das estruturas construídas: para se ter um Sol foi preciso bilhões de sóis que não foram bem-sucedidos. A natureza teria de ser uma trapalhona muito ruim, pelo menos muito mais ignorante que a polícia permite.

Sobre o que esta teoria quer se apoiar? Em parte alguma na natureza há qualquer indicação que possa, com uma sóbria observação, confirmar tais leis teóricas. Bem pelo contrário!

Se a natureza agisse de acordo com estas três leis da teoria do caos, o universo teria se arruinado, ainda antes que a formação do primeiro corpo celeste fosse possível!



## A TEORIA DOS MACACOS E A SUA JUSTIFICATIVA

Em tempos antigos, assim ensinam os propagadores desta teoria, viviam animais semelhantes aos macacos, que representam os antepassados dos grandes macacos e dos humanos.

Por razão desta teoria, foi construída uma sequência de diferentes árvores genealógicas que deveriam expor a forma pela qual os cientistas desta orientação concebem o surgimento dos grandes primatas e dos humanos. Como se sabe, o papel é muito paciente e aceita tudo!

De acordo com uma dessas árvores, devem ter surgido, de um ancestral em comum, dois diferentes filios de grandes pré-hominídeos. De um desses filios teria surgido o gorila e o chimpanzé; de outro, o orangotango, o gibão e o humano. Em conformidade com isso, os últimos três grupos, duas espécies de hominídeos e o humano, possuiriam assim um ancestral em comum, ou o gibão poderia ser cogitado como o ancestral comum do orangotango e do humano.

Uma outra árvore genealógica logo já permite surgir, de um ancestral comum, três filios de pré-hominídeos, os quais se separam em orangotango e raça humana dos mongóis; o do meio em gorila e negro; e o último em chimpanzé e em europeu. De acordo com isso, os chimpanzés e os europeus possuiriam um ancestral em comum no último estágio. Também segundo esta teoria, as raças humanas teriam bem menos parentesco entre si do que cada raça com sua própria espécie de macaco!

Já uma outra árvore permite surgir novamente, assim como a primeira, dois ramos a partir do filo dos pré-hominídeos: um resultaria no gibão, enquanto o outro formaria um filo pré-hominídeo, do qual teria se desenvolvido o orangotango, o gorila, o chimpanzé e o humano. De acordo com isso, no último elo, haveria três espécies de macacos e o ser humano com um ancestral comum.

Além de diferentes “variações” de árvores genealógicas, aparece então outra que, como a última, faz surgir de um ancestral em comum o gibão e um filo dos pré-hominídeos, este último ainda se dividindo entre os orangotangos e um filo mais desenvolvido que, por sua vez, dá origem ao gorila e a um outro tronco. Então, a partir deste último surgem o chimpanzé e o ser humano. Somente chimpanzé e humanos possuem, por isso, um antepassado comum num filo de hominídeos extinto e ainda não encontrado.

Para a defesa desta teoria, é mencionado que chimpanzé e humanos apresentam determinadas características hereditárias que são próprias somente a estes grupos, e não a outros hominídeos. Como todas as teorias desenvolvidas até agora consideram que “é completamente fora de questão” o surgimento de humanos e animais, portanto, seres vivos com diferentes estilos de vida chegarem às mesmas características hereditárias por caminhos diferentes, então a única explicação encontrada para estas conformidades em alguns detalhes passa a ser que ambos devem ter tido um antepassado comum, do qual herdaram essas características.

A exposição de uma árvore genealógica e a defesa de sua existência pela falta de melhores ou outras explicações é, na minha opinião, algo muito duvidoso, mesmo havendo justificativa.

Há indícios na natureza livre apontando que idênticas características hereditárias em diferentes grupos de seres vivos justificam a suposição de um antepassado comum? De forma alguma!

O besouro longhorn (*Hydrocephalus armatus*) apresenta muitas características hereditárias, as quais nenhum outro besouro de sua família possui, mas o gorgulho, distante por mais famílias, as apresenta e até são típicas dele. Um outro besouro longhorn (*Isthmiade braconides*) apresenta características hereditárias que nenhum outro de sua família dispõe, mas são encontradas nas vespas parasitas e neste caso igualmente são típicas. Outros besouros longhorn, por sua vez, apresentam características que aparecem nas vespas. Os exemplos do novo besouro poderiam ser multiplicados. Mas também entre outros grupos de seres vivos se encontram coisas deste tipo. Entre as moscas existe (por exemplo, nas *Syrphyden*) características hereditárias que não aparecem nos demais seres pertencentes desta família, mas nas vespas, sim. Aparece até mesmo um de seus comportamentos típicos: o

dobrar as pernas traseiras para dar a picada — aqui, contudo, um esforço em vão — encontra-se novamente em ambos. Então existem glândulas espinhais em larvas de uma espécie de formigas que somente são típicas em outros grupos de seres vivos. A lista de tais exemplos poderia ser multiplicada conforme o gosto, e algumas coisas inclusive já foram citadas na exposição sobre as “formas transitórias”. Um pássaro, o Kiwi, possui as narinas na ponta do bico, onde não deveriam estar segundo as regras das aves, ou seja, um lugar que corresponde à estrutura dos mamíferos.

Justamente neste caso a teoria se tornou infiel ao fundamento sobre o estudo científico das espécies: em função de uma procura para se comprovar a descendência direta, contorna-se o problema por meio de acrobacias do pensamento, criando “formas transitórias”, místicas, o que torna tudo muito misterioso.

A aplicação prática do ponto de vista teórico, “mesmas características – mesma descendência”, empregada a outros grupos de seres vivos, iria, na verdade, dividir grupos uniformes e misturar todas essas partes isoladas de diferentes grupos, acabando por causar uma grande confusão. Com isso também foi dito tudo sobre o “valor” de tais linhas de raciocínio.

Mas nestes exemplos, além disso, parece que se abriu mão de outro fundamento — contudo, neste e em outros casos, “quando for conveniente” — do estudo científico das espécies: “uma única característica desviante, mesmo que em todas as outras concordâncias, pode ser o suficiente para excluir a derivação de uma forma em relação a outras”. Pois se o ser humano não é derivado dos chimpanzés, mas sim de alguma “forma intermediária” não existente, isso somente representa mais um desvio desta lei fundamental.

Entre os humanos e os macacos há diferenças tão gigantescas e escancaradas — pense-se somente na pele, nos cabelos da cabeça, na linguagem, capacidade mental, etc. —, que as pequenas características em comum caem numa total insignificância. Se um pesquisador fosse trazer para uma mesma subdivisão seres vivos de outros grupos, que a tal ponto fossem diferentes como o ser humano e o macaco, isso não seria levado a sério por ninguém.

Se pequenas diferenças na estrutura de esqueletos encontrados podem decidir entre réptil ou mamífero, então as gigantescas capacidades mentais podem separar muito mais!

A época atual, ainda muito presa a preconceitos teóricos, só leva em consideração as características corporais. A justa avaliação das características mentais será tarefa de um tempo vindouro com uma percepção mais clara!

Contudo, hoje há quem se ocupe, ao menos um pouco, com as capacidades mentais (mas como fazem isso!). Procuram com todos os meios artificiais estimular macacos, mas estas tentativas não servem ao objetivo de pesquisar o verdadeiro estado das capacidades e fazer as comparações mútuas, mas sim são feitas unicamente para, por meio de influências artificiais, encontrar os indícios da vida mental humana nos macacos que de outra forma não estão disponíveis. Ou, falando abertamente, procuram produzi-los.

Mas apesar de todos os esforços e adestramentos, o macaco ainda permanece macaco. (Talvez seria a ordem inversa do experimento a mais correta, quer dizer, comprovar “cientificamente” que alguns humanos às vezes apresentam um comportamento “símio”.) Mesmo que se consiga ensinar algumas peças artísticas aos macacos, ainda assim permanece o mesmo abismo, porque algumas coisas passam despercebidas ao “especialista”: a quais resultados um humano chegaria com os mesmos esforços, com a mesma preocupação e a mesma orientação!

A que resultados absurdos a busca desenfreada de encontrar um parentesco maior com os macacos é demonstrada com a experiência de “educar” filhotes de macacos com crianças humanas para formar macacos falantes. O experimento “científico” — como qualquer pessoa de bom senso pôde prever — fracassou completamente. Apesar de todos os esforços preciosos, nenhum macaco é capaz de falar uma palavra. Mesmo entre as raças mais desenvolvidas de primatas e a menos desenvolvida raça humana há um abismo intransponível! Nenhum povo, por menos desenvolvido que seja, está sem língua, sem representações religiosas, sem crenças de qualquer espécie. Tudo isso seria em vão procurar entre os macacos e também não se pode ensinar-lhes isso.

O humano certamente pode, numa aberração mental — até um determinado grau —, decair para o nível dos macacos, mas o macaco jamais pode se elevar ao nível humano!

Este gigantesco abismo, denominado triunfalmente como “lei de Huxley”, não é diminuído por esta frase, muitas vezes anunciada como comprovação da ancestralidade: “As diferenças na formação de cada membro corporal entre os humanos e os hominídeos são menores do que as diferenças entre os hominídeos e os macacos mais inferiores”. O que aqui é apresentado como prova é somente o reconhecimento de que as diferenças existem! Provar o parentesco com a existência de diferenças ainda maiores em “outro lugar” significa colocar de ponta-cabeça as regras do pensamento consequente!

Atualmente, também já não convence mais o trunfo de que a descendência humana dos ancestrais símios há 100 anos se tornou “propriedade segura” da ciência, da qual não se abre mão e da qual não se duvida mais (em que círculos?).

Quantas coisas já não eram “propriedade segura” da ciência?! Durante milênios o Sol girava “cientificamente” em torno da Terra; “cientificamente”, vacas e cavalos pastavam em marte; depois o ser humano era “cientificamente”, em certa medida, somente uma formação mecânica cujas doenças podiam ser corrigidas — figurativamente — com martelo e chave inglesa, etc., etc. Não, isso não atrai mais! A esse respeito, vale a seguinte afirmação: o melhor é inimigo do bom. Não se trata de saber o que acreditam alguns teóricos — que provavelmente conhecem a natureza somente pelos livros —, mas da verdade!

Além de achados de crânio e ossos, os teóricos ainda não conseguiram fornecer material comprobatório, apesar de todas as “tentativas de explicação”. Certamente durante um tempo o Homem de Neandertal foi concebido como o estágio anterior dos atuais humanos, mas esta concepção, assim como muitas outras, se mostrou equivocada. Novos achados mostraram que esta espécie humana, que da mesma forma é denominada de crânios compridos, não viveu somente na Era Glacial mas também nos tempos mais recentes da história do planeta, no aluvião, que foi um período concomitante com as raças humanas de crânio curto (as raças humanas atuais contam entre os de crânio curto). Portanto, os crânios longos viveram inalterados durante períodos gigantescos de tempo!

Mas com isso também foi trazida a prova de que os humanos — contrariamente a todas as grandiosas teorias — não podem ter “progredido paulatinamente” a partir de “formas inferiores”!

É que os teóricos da evolução têm um visível azar. Como teria sido bonito se as descobertas dos crânios longos somente tivessem se restringido à Era Glacial, se eles somente tivessem sido achados no Diluviano. Com os demais achados, que não podiam ser ignorados, eles tornaram-se somente mais uma espécie humana que devia ter vivido pelo menos desde a era glacial mediana, mas provavelmente já tenham existido há mais tempo antes. O pré-humano se tornou insustentável.

Com o pitecantropos, um crânio encontrado em Java, os teóricos não tiveram muito mais sorte. Neste caso, as semelhanças com o macaco foram ainda mais expressivas. Finalmente foi encontrado de novo o ser humano primogênito. A briga em torno de saber se este fragmento de crânio era realmente de um humano ou de um macaco ainda hoje não está completamente encerrada. Se tivesse permanecido neste fragmento de crânio, haveria ao menos alguma probabilidade de ter diante de si um pré-humano que tinha vivido somente naquele tempo. Mas a má sorte fez com que encontrassem, há apenas 15 metros distantes, um fêmur que não servia com o crânio símio e provavelmente era de um verdadeiro humano. Mas isso significa que neste mesmo tempo já existiam humanos; então o ser, ao qual pertencia o crânio símio, não representa o estágio anterior humano, pois o humano de forma alguma poderia viver no mesmo tempo de seu “ancestral” inferior.

Azar semelhante perseguiu também os impressionantes achados na China, a descoberta do chamado “Homem de Pequim”, que recebeu o nome científico de *Sinanthropus*. Por causa dos reduzidos achados — somente seis crânios cujas bases estavam quebradas, alguns fragmentos de dentes, assim como dois de fêmures —, a briga em torno de saber se eram humanos ou macacos ainda continuava pra lá e pra cá. Enquanto que, por vezes, baseado nos achados, não se atribuía ao Neandertal a capacidade de andar ereto, este ser vivo deveria representar o verdadeiro humano primitivo. Tendo como base os achados fósseis, deve ter sido um ser com andar ereto, aos quais mais tarde os Neandertais se uniram algo que não quer combinar muito bem.

No local dos achados, em uma caverna enterrada, da qual foram peneirados cerca de 100.000 metros cúbicos, encontraram-se camadas culturais que continham cinzas, carvão vegetal, taças para beber compostas por crânios de animais, assim como milhares de ferramentas de pedras e ossos. Somente nestas camadas cultu-

rais foram encontrados os restos do *Sinanthropus*. Os achados eram do início do Diluviano, portanto, os restos de ossos pertenciam a seres vivos que viveram há cerca de 800 mil anos.

A principal conclusão, que aparentemente nem foi levada em consideração, é que enquanto a técnica das ferramentas encontradas apresenta uma progressão das camadas mais antigas para as mais recentes, as características anatômicas do *Sinanthropus* permanecem as mesmas: tempo e técnica progredem, enquanto a “evolução” permanece parada!

Portanto, novamente, como no caso do Neandertal, a evolução teórica não se verifica na prática. Como os teóricos explicam este mal-entendido entre as lições e a realidade?

Exatamente estes achados da caverna, cujas camadas só podem ter se formado ao longo de espaços de tempo, teriam de espelhar a evolução e os estágios da forma mais excelente!

Uma segunda questão de grande significado é saber se as ferramentas lá encontradas realmente podem ter sido feitas pelos seres cujos crânios foram encontrados. Mas é altamente estranho o fato de somente terem sido encontrados crânios, e não esqueletos inteiros. Acrescenta-se a isso que os crânios com marcas de batidas e bases quebradas indicam mortes violentas. Será que talvez se poderia tratar neste caso de espólios de caça de humanos verdadeiros?

É muito arriscado concluir que os ossos e as ferramentas encontrados tenham pertencido à mesma espécie. Facilmente então se poderia conceber uma pega-rabilonga, em cujo ninho teria sido descoberto um anel de ouro, como sendo capaz da ourivesaria.

É da mesma forma inconsistente concluir a inexistência de verdadeiros humanos num determinado tempo somente porque não foram encontrados restos deles. Se somente foram achados crânios e nenhum esqueleto do *Sinanthropus*, alguém vai concluir disso que eles eram seres “sem esqueletos”? É não apenas improvado como também até duvidoso que não tenham vivido verdadeiros humanos ao lado deste homínido naquele tempo.

A causa principal de o *Sinanthropus* ser considerado a mais inferior espécie humana — evito intencionalmente a expressão inapropriada de “pré-humano” — diz respeito ao tamanho do seu cérebro. Medidas resultaram que sua massa cerebral oscilou entre 850 e 1200 centímetros cúbicos. Entre os hominídeos, é o gorila o único que ultrapassa os 600 centímetros cúbicos de cérebro. A Criança de Taung (*Taungsañfê*) — somente foi encontrado um crânio de um animal jovem — deve ter tido de 650 a 700 centímetros cúbicos. A massa cerebral dos humanos atuais oscila entre 1100 e 1700 centímetros cúbicos.

Mas foi apresentada mais uma outra fórmula: o tamanho do cérebro dividido pela medida do queixo resulta em hominídeo em valores abaixo de um; nos modernos humanos os valores são acima de um, enquanto que no *Sinanthropus* os valores em parte são superiores e, em parte, inferiores a um. Disso foi concluído que este hominídeo representou um ser intermediário, a partir do qual os humanos passaram a ter uma boca menor e um cérebro maior. Já nos filós de macacos propriamente ditos, o focinho aumentou de tamanho (de tanto falar?). Como esta teoria se une com a constatação da não alteração das características corporais (anatomia) ainda é misterioso para mim.

Na minha opinião, depende menos do conteúdo em centímetros cúbicos do que da qualidade do conteúdo! Se fosse diferente, as provas das universidades poderiam ser totalmente extintas, e os títulos de doutor seriam dados simplesmente de acordo com o número de tamanho do chapéu!

Apesar de todas as medidas em centímetros cúbicos, uma garrafa de vinho também pode conter vinagre. Quem acha que não, que experimente! De um ovo de galinha bastante grande, mesmo que o conteúdo seja exatamente igual ao ovo de pata, não vai nascer um patinho. Os maiores cérebros humanos — até 2850 gramas — são de idiotas!!! Além desses cérebros gigantes, existem cérebros humanos muito pequenos cujo peso é abaixo até de 200 gramas. Mas estes pequenos cérebros não resultam em macacos, como seria de se concluir pela fórmula, mas igualmente são idiotas!!!

A pesquisa cerebral resultou que tanto os cérebros muito grandes, acima de 2000 gramas, como os muito pequenos, abaixo de 1000 gramas, resultam somente em pessoas com capacidade mental inferior (idiotas). Mas é impossível con-

cluir qualquer coisa sobre a capacidade mental com base em medidas entre 1000 e 2000 gramas. Em cada peso, tanto os mais baixos quanto os mais altos, podem aparecer pessoas extraordinariamente talentosas ao lado de completos idiotas. Somente um ponto de referência se confirmou: quanto mais o peso do cérebro se distancia da média normal de 1300 até 1600 tanto menor é a probabilidade da existência de grandes capacidades mentais! Alguns homens que devido à sua força mental puderam dar ao mundo algo eterno não chegaram a atingir essa média.

Nem mesmo quando se tem os cérebros dispostos diante de nós pode ser dito se seu proprietário era uma pessoa altamente capacitada ou um estúpido animalesco: concluir coisas coerentes fundando-se em uma cápsula cerebral vazia certamente não deve ser mais fácil.

O correto é: cada aumento desmedido do cérebro não significa um desenvolvimento ascendente, mas sim uma degeneração! Como esta conclusão comprovada na realidade se relaciona com as afirmações teóricas incomprovadas da teoria dos macacos, segundo a qual, por meio do aumento do cérebro dos macacos, “evoluíram” os humanos?

Se já existem dificuldades tão grandes na justaposição de cérebros de humano para humano, assim uma comparação de peso comum dos humanos em relação aos macacos é ainda maior. É que está comprovado que o córtex cerebral é o quartel-general das capacidades mentais, quer dizer, que é preciso dar mais valor à superfície cerebral do que propriamente ao peso. Os cérebros de todos os seres vivos com capacidades mentais superiores são por isso divididos em voltas e dobras, para aumentar sua superfície.

Não somente a superfície em centímetros quadrados mas também sua natureza possui significado determinante. Isso depende principalmente do número de células nervosas que entre os mamíferos, de acordo com as espécies, pode ser de 1:10 por milímetro cúbico do córtex cerebral. Se, por exemplo, o peso médio do cérebro dos humanos é de 1400 gramas, no orangotango e no chimpanzé, o peso é de 400. De acordo com isso, o peso cerebral do ser humano é 3 vezes e meio maior do que dos hominídeos.

Todavia, a diferença fica ainda maior quando é levada em consideração a superfície cerebral, isto é, o quartel-general das capacidades mentais. O humano possui uma área cerebral de 2200 centímetros quadrados; o orangotango somente 500 centímetros quadrados; o humano, portanto, possui um tamanho 4 vezes e meio maior do que o dos hominídeos.

Apesar de claramente a natureza do cérebro dos prossímios e dos humanos apresentar grandes diferenças, embora tenha de se reconhecer certa semelhança entre superfície e peso cerebral, o marco divisório real ainda não foi atingido. Certamente é absurdo concluir com base nestas descobertas que o humano é 4 vezes e meio maior do que o macaco ou que este seja tanto mais estúpido do que o humano. Seguindo a mesma linha de raciocínio, teria de se partir do pressuposto de que a baleia seria 125.000.000 vezes mais inteligente do que a formiga. O absurdo de conclusões “baseadas nas descobertas” é evidente.

Disso resulta que, mesmo que tenham sido encontrados crânios de macacos com um espaço cerebral equivalente ao mesmo tamanho que poderia conter uma massa cerebral de um crânio humano, ainda não há a justificativa para considerar o portador de tais crânios como humanos.

Não se pode atribuir força comprobatória no sentido de distinguir “humano ou macaco” à cavidade de uma caixa craniana!

De acordo com isso, querer mostrar a “evolução” do crânio de chimpanzés a partir dos pré-humanos, do Neandertal e até do humano atual é uma representação figurativa. Em relação à descendência, possui tanto valor como a justaposição de formas de cristais, por exemplo, pirâmide, pirâmide dupla, prisma, cubo.

Uma questão muito mais importante do que a estrutura do crânio, que certamente é difícil de resolver, seria a de saber se o chamado Homem de Pequim possuía pele de macaco ou de humano.

No que se refere às provas que se acredita ter encontrado na denteição, possuem uma valor puramente teórico para suposições e explicações. Hominídeos possuem uma lacuna em ambos os lados dos dentes caninos; no *Sinanthropus*, uma tal lacuna existe somente na denteição de leite, que não existe nos humanos. Após esta

descoberta, rapidamente se conclui que o *Sinanthropus* descende de antepassados que ainda apresentavam esta lacuna em ambas as denteições, quer dizer, descende de espécies semelhantes aos símios.

Não se encaixa, não cabe, de forma alguma, nesta admirável linha de pensamento, o fato de que os hominídeos tenham possuído presas, mas o *Sinanthropus* não. Com a “habitual elegância” se ignora tais inconsistências e se afirma que as presas nos macacos seriam formações especiais surgidas tardiamente. Onde está a prova para tal afirmação?

Sempre quando algo não quer se harmonizar com a teoria, então, de acordo com a necessidade, isso foi uma reconversão ou uma aquisição posterior. Com conclusões “científicas” deste tipo já não posso estar de acordo, porque temos montanhas tão grandes de tais suposições, que há o perigo que as coisas mofem. Tão absurdo parece concluir descendências considerando irrelevantes malformações do maxilar inferior, que aparecem tanto no *Sinanthropus* quanto nos mongóis. Se quisermos reconhecer tais “comprovações”, então os humanos europeus da atualidade teriam de apresentar alteração anatômica hereditária no osso maxilar inferior, assim como aparece no buldogue inglês (*Canis familiaris molossus*), que é chamada de “Habsburger Gosche” (*Prognathibe*), da qual todos os buldogues “descendem.” Com semelhantes malformações, que usualmente são denominadas de boca de buldogue e aparecem tanto nos humanos quanto nos cavalos, teria de se concluir “teoricamente” também uma descendência dos humanos em relação aos cavalos.

Mas então seria igualmente necessário que todas as outras hereditariedades, por exemplo, a suscetibilidade de humanos e ratos para a peste, sejam consideradas como resultado de ancestralidade direta: será que por isso os humanos também ainda descenderam dos ratos? Não haveria do mesmo modo outras alterações doentias que são próprias tanto para humanos quanto para animais? Esta “duplicidade” somente poderia ser explicada por meio do “parentesco de sangue”? Pois as membranas nadadeiras entre os dedos, que aparecem com certa frequência tanto em anfíbios, em répteis, em aves quanto em mamíferos, não podem ser explicadas por um ancestral comum, que supostamente foi o primeiro que as “adquiriu”: por que será que, em todo mundo, tudo o que se refere a humanos e macacos, contra todas as experiências na vida, sempre se aponta para uma ancestralidade comum?

Não se pode derivar um parentesco de sangue a partir de características semelhantes herdadas, mesmo que possam ser consideradas como malformações!

A questão, se o *Sinanthropus* era macaco ou humano, ainda vai agitar os ânimos durante muito tempo e provavelmente jamais poderá ser resolvida. Por mais valiosa que uma resposta segura para esta questão possa ser, este ponto está sendo superestimado demais.

Se atualmente se observa a diversidade de raças e tipos humanos ainda existentes, por que não podem ter existido alguns tipos já extintos, os quais apresentavam crânios mais parecidos com hominídeos? Semelhanças em algumas características, mesmo entre espécies muito distantes umas das outras, fazem parte da natureza e podem ser percebidas a qualquer momento! (moscas-vespas, macaco-rã).

Ou outra questão pode ser esta: por que, em tempos antigos, não poderiam ter vivido, além das espécies de hominídeos existentes atualmente, tipos ainda mais parecidos com humanos, mas que neste meio tempo tenham se extinguido? O número de espécies de seres vivos extintos em tempos passados ou em qualquer tempo, e que ainda se extinguem continuamente, é extremamente grande! Não há a menor razão de ver um milagre em qualquer aparecimento de espécies de macacos superiores ou de humanos inferiores e por isso sair da casinha!

Em virtude disso, o principal valor das escavações na China não está nos crânios encontrados — mesmo sendo tão valiosos —, mas sim nos achados de fogueiras e ferramentas, as quais comprovam de maneira irrestrita (indiferentemente do pertencimento dos crânios) que já no início da Era Glacial, portanto há 800 mil anos, viviam humanos dotados de razão, que a mão humana não precisou se formar “teoricamente” por meio de um desvio pelas patas de macacos que viviam nas árvores, que o talento para o saber técnico já existia naquele tempo e não precisou se formar por meio do “frio” e que o humano já era humano antes que a “necessidade dos macacos” o obrigou a isso.

Nesse sentido, os achados de crânios da Rodésia do Norte (África) foram uma gota amarga para os teóricos da evolução. Lá foi escavado um crânio humano muito mais parecido com o dos macacos do que com o do Neandertal — portanto, se aproximava do *Sinanthropus*. Por isso ele foi considerado um precursor do

Homem de Neandertal. Agora este crânio apresenta ainda uma outra característica, que, se se quiser dar um pouco de credibilidade à teoria da evolução, comprova exatamente o contrário: o buraco occipital do Neandertal indica uma postura da cabeça “mais antiga”, inclinada para a frente, mas o crânio da Rodésia do Norte, mais semelhante ao símio, possui um buraco occipital que indica um andar completamente ereto, portanto, uma postura da cabeça “mais nova”. Chegou-se, assim, à feliz condição de conhecer um pré-humano parecido ao macaco, com “moderna” postura da cabeça!

Mas com isso ainda não estão esgotadas as curiosidades deste crânio. Como comprovam as pesquisas mais recentes, há uma entrada e uma saída de tiro que parecem ser atribuídas a uma bala moderna. Por isso seu portador devia ter vivido em nossa época. Por isso se supõe que no interior da África talvez vivam pessoas que estão próximas aos chamados pré-humanos. De forma alguma isso seria um milagre em si. É que nem faz tanto tempo que foi descoberto um “novo” mamífero, o ocapí, que, de acordo com achados de ossos mais antigos, pelo menos vive há 15 milhões de anos na Terra. O ocapí vivo foi encontrado apenas em 1901, no Estado do Congo.

Mas se os “pré-humanos” vivem ainda hoje, então eles nunca e jamais podem ser os “ancestrais” do Neandertal e nem mesmo da atual humanidade. Parece-me que a teoria da evolução tem azar, muito azar.

A localização dos achados de espécies humanas inferiores próximas e semelhantes ao *Sinanthropus* ou, como queiram, talvez também hominídeos superiores, formam no antigo mundo um quadrado cujos cantos estão no sul da Inglaterra, no sul da África, em Java e em Pequim.

Mas como estes seres vivos foram parar simultaneamente nestas regiões?

O percurso Pequim-Inglaterra ao longo da linha da temperatura desviando dos mares perfaz 10.000 quilômetros em linha aérea. Longos desertos e regiões de estepe, diferentes cadeias de montanhas com milhares de metros de altura, tanto na Ásia quanto na Europa, teriam de ser atravessados, além de poderosas correntes marítimas. Os percursos mais curtos mais ao norte não poderiam ser cogitados durante uma era glacial.



Semelhantes condições havia também no percurso igualmente longo entre o sul da África e a Inglaterra. Além de cadeias de montanhas de milhares de metros de altura, havia o gigantesco deserto do Saara para atravessar; de ambos os lados há grandes correntes marítimas para atravessar.

Mesmo o percurso Pequim-Java perfaz 600 quilômetros, lembrando que é considerado uma linha reta aérea! Neste caso, há também gigantescos maciços e grandes correntes no caminho.

Deixei fora de observação o canal — assim como também outros estreitos marítimos —, embora ele já tenha surgido antes da Era Glacial, já que estes empecilhos seriam fáceis de contra-argumentar por meio da suposição do surgimento posterior.

Mas, na prática, estas distâncias iriam aumentar muito, pois estes humanos de outrora não devem ter possuído mapas e bússolas. Sempre e repetidamente eles iriam esbarrar em obstáculos que para aquela época eram intransponíveis.

Seria bom se cada pessoa que se ocupasse com esta questão fosse fazer o que provavelmente foi negligenciado pelos teóricos: verificar num mapa físico!

Nesta observação permanece completamente indiferente se forem consideradas como “berço” da humanidade a Inglaterra, a África do Sul, Java ou a China Oriental. Poder-se-ia conceber o ponto central deste quadrado como berço (a fim de encurtar pela metade o percurso), embora lá não tenham ocorrido achados, mas isso contradiz demais uma ciência “exata calcada em fatos”. A propósito, este ponto se localizaria então em meio ao deserto do sul da Arábia; verdadeiramente não é uma localização apropriada para o “berço da humanidade”!

Estas gigantesas distâncias — automóveis e aeronaves conhecidamente não existiam na época — teriam de ser não apenas transpostas como também colonizadas em tempo relativamente curto, pois caso contrário não poderiam existir descendentes. Mas se houvesse um grande espaço de tempo entre o aparecimento dos “pré-humanos” em Pequim e os outros pontos, então — de acordo com a teoria da evolução — eles teriam se “humanizado”, de modo que não poderia mais haver semelhanças com o antepassado encontrado em Pequim. Só que este não é o caso: *Pithecanthropus*, *Sinanthropus*, *Eoanthropus*, entre outros, podem ser resumidos num

grupo unitário. As pequenas diferenças existentes podem ser facilmente explicadas pelas variadas condições geográficas e climáticas. Estes representam nada mais do que o equivalente às muitas “raças geográficas e círculos raciais” da zoologia.

Que boa razão teria levado os pré-humanos a emigrar de seu lar? Superpopulação está completamente fora de cogitação como uma impossibilidade impossível. O número da população devia ter sido muito pequeno neste período, pois nem a África, América, Austrália, nem Ásia estão hoje superpovoadas em todo seu território, 800 mil anos mais tarde. Por isso a escassez de alimentos igualmente não pode ser cogitada. Uma emigração saindo de uma região rica em animais em direção aos desertos inóspitos também não seria uma explicação. Sem necessidade, nenhum povo natural irá sair de seu lar. Mas em relação a alimentos e a espaço não havia necessidades.

Não há qualquer fundamento que justifique a suposição de uma tal migração. Os índios da América do Norte permaneceram na América do Norte, os da América do Sul na América do Sul, até os dias atuais. Os africanos não foram para a Europa, os australianos não foram para a América. Mesmo os europeus e asiáticos permaneceram até a atualidade ligados ao seu continente. A passageira entrada dos mongóis na Europa se exclui destas observações, pois entre eles e o surgimento dos humanos há uma lacuna de quase 1 milhão de anos. Da mesma forma está excluída a expansão europeia sobre todos os continentes ocorrida nos últimos séculos, que foi possível somente graças ao desenvolvimento da técnica moderna.

Pensar na construção de “estradas de ferro”, e em outros meios de transporte, para com isso construir a probabilidade de uma formação racial a partir da expansão dos “pré-humanos” e fundamentar a teoria de uma evolução, isso só pode ser visto como infrutífera brincadeira de pensamentos.

O que não foi possível à totalidade da humanidade em 800 mil anos jamais pode ter sido possível ao chamado pré-humano e ao primitivo!

A suposição de que, ao tempo do *Sinanthropus* — ou mais cedo —, a humanidade ainda teria sido totalmente unitária cabe igualmente nas impossibilidades científicas que nos foram concedidas até agora.

Somente partindo do pressuposto de que a humanidade teria se desenvolvido a partir de um tronco único, ela poderia, em algum momento e em algum lugar, ter sido unitária. Mas então a humanidade devia ter se expandido de um único ponto central em comum. Uma expansão a partir deste ponto central na velocidade de um comboio expresso por toda a Terra é, como já explicado, completamente impossível. Isso somente poderia ter ocorrido aos poucos, numa progressão vagarosa. Agora é completamente indiferente para onde este fabuloso ponto central é deslocado, mas sempre será preciso diferenciar 4 zonas:

1. O próprio ponto central, portanto, a região de expansão da raça ainda unificada que se expande partindo do meio em direção às margens, mais tarde colonizadas, já visivelmente estaria se constituindo de “forma ascendente”;
2. Um círculo localizado em torno deste ponto central, colonizado pela humanidade que se expande cada vez mais deste centro, agora já no estágio do pré-Neandertal (espécie – *Sinanthropus*);
3. Um novo círculo que se fecha em torno do segundo, que só é alcançado e ocupado pela raça Neandertal, que se formou paulatinamente a partir da raça pré-Neandertal;
4. Outro círculo que só é colonizado pela raça pós-Neandertal, formada a partir da raça Neandertal ou pelos humanos atuais.

Aqui é novamente indiferente se o círculo da primeira expansão da raça humana unitária no decorrer do primeiro recorte de desenvolvimento de 800.000 até 600.000 anos antes de Cristo teve 3000 quilômetros de diâmetro ou mais. Nesta zona sempre deve aparecer o primeiro: 1. raça unitária; 2. pré-Neandertal (*Sinanthropus*); 3. Neandertais, 4. atual raça.

Na segunda zona, quer dizer, no período de 600.000 até 400.000 anos antes de Cristo, será ocupada somente por pré-Neandertais, Neandertais e raça atual. Este espaço não pôde mais ser ocupado pela raça unitária, porque eles antes já haviam evoluído para a raça pré-Neandertal.

Na terceira zona, quer dizer, no período que vai de 400.000 a 200.000 anos antes de Cristo somente serão encontrados os Neandertais e a atual raça. Os pré-Neandertais não podem mais se encontrar ali, porque neste meio tempo evoluíram para os Neandertais.

Na quarta zona, por sua vez, quer dizer, no período que vai de 200.000 antes de Cristo até hoje, pode aparecer somente ainda a raça atual, já que o Neandertal antes de alcançar este espaço foi “transformado” na moderna raça.

Neste contexto, a “suposição” da existência de pontes terrestres que “outrora” ligavam os continentes uns aos outros, mesmo que esta suposição seja verdadeira, não exerce nenhuma influência!

Como uma raça humana, que não tem conhecimento de outros continentes, consequentemente também não tem conhecimento da existência de tais pontes terrestres, poderia tirar proveito disso? Será que talvez os pré-humanos teriam sido mais inteligentes? Será que foram eles que descobriram a América e não no período moderno? Além disso, a humanidade daquele tempo não podia se expandir com tanta rapidez a ponto de chegar a essas pontes antes de terem sido destruídas! Aquilo que um dia existia também não deveria ter ajudado os pré-humanos, tampouco nós, humanos.

Se mesmo seres vivos voadores, por exemplo, o pardal, não puderam tirar proveito das pontes terrestres, que deveriam ter ou não existido, e apenas com ajuda dos modernos meios de transporte chegaram a outros continentes, onde puderam se instalar, então certamente deve-se ver com toda razão tais pressuposições como ilusões desejadas.

Mas na realidade, como apresentado, o pré-Neandertal, o Neandertal e a atual raça também são encontrados na quarta zona e com isso se desmascara a teoria do tronco único e se confirma ela como aquilo que realmente é: uma fantasia!

A conclusão de que igualmente na quarta zona viveram integrantes do grupo *Sinanthropus* contradiz claramente a suposição de um único tronco primitivo humano em comum!

Neste ponto, determinados teóricos, que até agora e noutros casos nunca se ocupam com a religião, usam os ensinamentos cristãos como “testemunhas”, ao afirmar que a Bíblia também ensina a origem da humanidade a partir de casal humano. Isso não confere. Lá está escrito clara e inequivocamente: deixei-nos fazer humanos! Assim então é esclarecido que foram criados homem e mulher, portanto, ambos os gêneros — como em toda parte nos seres superiores. Mas em nenhum

lugar está escrito que foi criada somente uma raça de humanos, conseqüentemente um tipo humano! O discurso é apenas sobre uma região da Terra, onde um casal de antepassados deste tipo humano (judeu) foi criado; pouco se conta do que acontecia nos outros continentes, assim como o que acontecia na Lua e nas estrelas. A propósito, na história da criação, também não há descrição sobre o vento, as tempestades, a eletricidade e muitas outras coisas. Há um único humano que, em virtude disso, acredita que tudo isso não foi criado? Quem se arrisca a afirmar que o poder divino é tão pequeno a ponto de ser capaz de criar apenas um casal humano?

Sinceramente, é difícil de pensar numa “comprovação convincente” para a origem de todos os humanos a partir de um único tronco, sendo que eles são compostos pela possibilidade da existência de cruzamentos entre todas as raças humanas atuais, formando assim um único tipo sistemático, o *Homo sapiens*.

Antes de tudo, quero deixar claro que a “divisão sistemática” não foi realizada pela natureza, mas sim pelos humanos, e que na incapacidade de os humanos “científicos” da atualidade classificarem seu próprio grupo em espécies, é impossível concluir qualquer coisa sobre a origem da humanidade. A classificação das espécies mais antigas colocava lagartas e borboletas em dois grupos diferentes, que por isso deveriam ter diferentes origens, mas hoje se sabe que ambos pertencem a um mesmo grupo e até que uma representa somente a forma jovem da outra. Na classificação das raças humanas acontece algo semelhante, somente de forma invertida.

A propósito, não é fato isolado, no reinante estranhamento da natureza, que raças de uma mesma espécie são consideradas pelos especialistas como espécies diferentes e que espécies completamente autônomas são vistas somente como raças. Estes tipos de engano somente podem ser evitados se, no futuro, além do estudo em livros, a pesquisa da natureza livre esteja em primeiro plano.

Está claro: se se partir do pressuposto de que espécies que cruzam possuem parentesco próximo e uma origem comum — portanto, são parte de uma raiz primitiva —, então espécies que não se cruzam precisam ser parentes distantes e não podem possuir uma origem comum — logo, precisam partir de diferentes raízes.

As espécies ou raças humanas, enquanto apresentam visíveis diferenças, não cruzam em condições normais. De outra forma não teriam se mantido durante

800.000 anos. No entanto, em condições absurdas, cruzam-se não somente as raças humanas mas também muitas espécies de outros seres vivos. Cruzam-se leões e tigres, urso polar e urso marrom, raposas de diferentes continentes e o cachorro doméstico, o jumento, o cavalo e a zebra, a raposa, o lobo e o cachorro etc. Já no mundo dos insetos estas relações são especialmente ricas.

De acordo com esta teoria da miscigenação, seria necessário concluir um antecedente comum, uma raiz comum para as raposas americanas e os cachorros domésticos europeus, o que naturalmente seria uma grande incoerência. O mesmo é válido para outros cruzamentos forçados, que frequentemente abrangem espécies animais muito diferentes: camundongo doméstico com a ratazana, pardal com os tordos-comuns, gatos com leões, veado com servo, abelhas com vespas, o são Bernardo com o Spitz alemão, etc., etc. não se cruzam. De acordo com isso, estes tipos de animais não seriam parentes uns dos outros e teriam de ter ancestrais diferentes, diferentes raízes. Assim, as raças de cães seriam menos aparentadas umas com as outras do que os cães e as raposas, o cachorro e o lobo. Talvez acenda em alguns agora uma luz de sebo, para onde esta teoria iria nos levar. Em toda parte se apresenta o contrário: a ocorrência de cruzamentos não significa uma prova para antecedentes comuns.

Se se quisesse tirar qualquer conclusão em relação ao parentesco com base no grau da capacidade de miscigenação da ancestralidade, então os elementos químicos, cujas soluções se deixam misturar, teriam uma origem comum; as que não se misturam não teriam uma origem comum. Todavia, na realidade, todos os elementos surgiram independentemente uns dos outros.

Sal de cozinha ( $\text{NaCl}$ ) e açúcar ( $\text{C}_{12}\text{H}_{22}\text{O}_{11}$ ) permitem se misturar em suas soluções, mas elas não surgiram a partir de uma raiz comum. Bicarbonato de sódio ( $\text{NaHCO}_3$ ) e ácido tartárico ( $\text{C}_4\text{H}_6\text{O}_6$  - pó efervescente) não permitem se misturar numa solução, segundo o que precisaria ser concluído um parentesco distante. Na verdade, o sal de cozinha e o açúcar, em suas estruturas, são muito menos “parentes” do que os componentes do pó efervescente entre si.

Pelo fato de óleo e água não se misturarem, pode-se concluir com razão que há diferentes composições e com isso naturalmente diferentes origens, mas o fato de os óleos de diferentes origens se misturarem entre si está longe de “provar” uma origem comum.

De acordo com o grau de miscibilidade, somente se pode concluir — mais ou menos acertadamente — uma semelhante estrutura química, mas jamais uma origem comum!

Igualmente absurdo é o ponto de vista, representado em tempos recentes, de que nas formas surgidas de cruzamentos poder-se-ia ver a “forma do antepassado comum”. Poder-se-ia “voltar a evolução” por meio dos cruzamentos, de tal maneira a reconstruir de forma “viva”, no presente, espécies animais extintas: o bastardo do leão e do tigre representaria, assim, a “forma ancestral” destas duas espécies de animais; mulatos seriam os ancestrais do branco e do preto.

Vinho do Mosella e vinho de maçã podem ser misturados — sobre isso não há dúvida —, mas duvidosa seria a perspectiva de poder encontrar nesta mistura a “forma ancestral” de ambos os tipos de vinho.

Misturar o amarelo com o azul resulta no verde. Deve-se ver por isso o verde como a primitiva forma ancestral do amarelo e do azul? Um choque entre a Terra e outro corpo celeste resultaria então na forma ancestral de ambos? Na mistura da linguiça de porco com a de cavalo aparece então a “forma raiz” de ambos? É verdadeiramente quase inacreditável tudo o que foi e o que é teoricamente elaborado conjuntamente em teorias. Gostaria de acreditar estar sonhando, se a efusão não estivesse impressa diante de nós.

Nos exames do sangue foi descoberto que entre o sangue humano e o dos macacos há determinadas semelhanças. Assim, isso devia ser uma comprovação para a descendência humana dos ancestrais símios. Essencialmente esta análise não apresentou nada de novo. A conclusão “quanto mais diferentes os seres vivos entre si, maiores as diferenças na estrutura do sangue” não pôde surpreender ninguém.

Era previsível que na estrutura sanguínea de anfíbios e mamíferos precisam existir maiores diferenças do que entre espécies semelhantes de um mesmo grupo animal. Por isso, o fato de estabelecer “círculos de parentesco” e resumir nestes círculos “em comum” com base nestas análises, por exemplo, entre ganso e pato, cachorro e lobo, macaco e humano — pois isso já se sabia antes em virtude de suas aparências —, surpreende menos do que a arrogância como esta “extraordinária” conclusão é apresentada! Que o ganso e o pato estavam próximos em suas estruturas já era

conhecido antes. Se a veracidade científica tivesse permanecido neste fato, tudo estaria na melhor ordem. Infelizmente alguns se superaram em conclusões teóricas absurdas: com base nas semelhanças na estrutura sanguínea, o humano e o macaco devem descender de um ancestral comum! A “prova” da descendência dos macacos agora era apresentada cientificamente! Humanos e macacos constituíram uma irmandade, agora se tornaram “irmãos de sangue”.

Exatamente as análises de sangue são um exemplo de que, de acordo com o método de trabalho, tudo pode ser provado a partir do mesmo material. O comportamento do soro sanguíneo poderia apoiar a teoria da ancestralidade comum em certas condições. A análise dos grupos sanguíneos, em contrapartida, mostram novamente de forma clara o abismo que os separam às vezes até mesmo lá onde eles — filogeneticamente — nunca poderiam ter existido!

O sangue de diferentes humanos, também daqueles que pertencem à mesma raça, conhecidamente não é equivalente! O sangue de um humano pode, em certa medida, ser venenoso se transposto para as veias de outra pessoa. Por conta do diferente comportamento, o sangue humano foi dividido em quatro “grupos sanguíneos”, que em todos os tipos e raças criam fronteiras entre seus integrantes: o grupo O pode sem prejuízos ser transferido para todos os outros grupos sanguíneos, mas pode receber somente de seu próprio grupo. A transfusão de sangue de outros grupos, embora da mesma raça, seria fatal. O Grupo AB, por sua vez, pode receber de todos os outros grupos, mas pode doar somente para o seu grupo, pois seu sangue “não se dá bem” com nenhum outro grupo. O grupo A aglutina-se com o sangue do grupo B, e este com o sangue do grupo A, portanto, ambos nunca podem estar juntos num corpo. Em contrapartida, tanto o grupo A quanto o B podem naturalmente receber do grupo O e de seu próprio grupo. A e B podem doar sem prejuízos para o grupo AB, mas nunca receber deste.

Com isso fica claro que a estrutura do sangue destes grupos precisa conter gigantescas diferenças, mesmo que elas não possam ser percebidas como instrumentos rústicos. Mas não é somente isso! A relação destes quatro grupos entre si aparece de forma diferente nas distintas raças humanas, quer dizer, o percentual desses grupos é diferente de acordo com as raças. Isso é uma descoberta que certamente não pode ser explicada no sentido da ancestralidade comum da humanidade. Sim,

mesmo cada raça nunca e jamais pode descender de somente um casal humano!

Quando agora, em novas análises, se descobriu que também nos homínídeos há quatro grupos sanguíneos que apresentam semelhante comportamento ao sangue humano, pareceu que a prova perdida foi reencontrada: os teóricos do evolucionismo respiraram aliviados.

Infelizmente se concluiu mais tarde, para o aborrecimento dos apóstolos da teoria dos macacos, que de igual maneira o cavalo apresenta quatro grupos sanguíneos com a mesma composição da dos humanos. Certamente isso não anda bem. Juntar cavalo, macaco, humano num mesmo grupo... embora uma linha evolutiva assim iria ser uma construção bem “interessante”.

Mas como agora no bovino, na ovelha e no porco, cada qual somente possui três grupos sanguíneos, é possível recuar a “linha” para um destes animais. Como “forma-raiz-primitiva” poderia servir então o rato ou o porquinho-da-índia, que não apresentam reações a grupos sanguíneos. Também não faltam formas transitórias. Para isso poderiam ser cogitados — apenas para ficar em animais de fácil acesso — ratazanas, coelhos ou cachorros, que apresentam reações indefinidas a grupos sanguíneos. A sequência “científica” de ancestrais dos humanos iria parecer como segue: rato – ratazana – porco – cavalo – macaco – humano.

Infelizmente esta bela sequência novamente é perturbada em sua convincente harmonia por novas descobertas: tomate, macaco-*rhesus* e humanos possuem 48 cromossomos! Como, de acordo com a teoria, “está completamente excluído” que estes seres vivos chegaram às mesmas características hereditárias por caminhos diferentes, então o tomate teria de ser incluído na linha evolutiva entre o cavalo e o macaco, o que novamente dificulta muito as “explicações”.

Além disso, a ratazana e a minhoca possuem cada qual 32 cromossomos como característica hereditária. Como, de acordo com a teoria, “a concordância de características hereditárias não pode ser explicada de outra forma senão por um ancestral comum, do qual estas características foram herdadas”, então a minhoca teria de ser incluída na linha evolutiva entre o rato e a ratazana.

Como o bicho da seda apresenta 56 cromossomos, ele teria de ser considerado o próximo estágio superior ao humano; logo então a mariposa-cigana, com 62 cromossomos; depois a fentanha-macho (*Wurmfarn*), com 130 cromossomos, a

artêmia salina, com 168 cromossomos. A lombriga do cavalo (*Parascaris equorum*), com 2 cromossomos, poderia formar o “animal primitivo”, a forma do ponto de partida: lombriga do cavalo – rato – minhoca – ratazana – porco – cavalo – tomate – macaco – humano – bicho-da-seda – mariposa-cigana – fentanha-macho – artêmia salina.

Naturalmente haveria ainda muitos estágios intermediários e formas transitórias para se incluir cujas “características hereditárias” atualmente ainda não foram todas capturadas: como se vê, a teoria dos macacos ainda tem muito a “explicar”!

A propósito, o carvão, o grafite e o diamante também apresentam semelhanças em sua estrutura, mas ninguém conclui com isso que eles surgiram de uma “forma-raiz comum”. Parece-me que a genial linha de pensamento da teoria dos macacos em algum lugar possui uma rachadura! Por certo, segundo a análise sanguínea, que de fato promoveu muita coisa valiosa para a ciência, somente se pode concluir que semelhanças nas características do sangue apontam somente para a existência de uma estrutura semelhante, sem tocar na “questão da ancestralidade”!

Mesmo sobre a evolução do macaco para o humano foram expostas teorias — até agora não pude me convencer de que elas fossem especialmente espirituosas.

Assim, entre outras coisas se diz que o mais antigo ancestral humano vivia nas árvores. Devido a um aumento da escassez de alimentos, ele foi obrigado a “descer”. Longas distâncias ele teve de percorrer no chão até chegar às árvores, para colher os últimos frutos. Com isso ele foi exercitando um andar meio ereto, o que lhe pareceu bem mais fácil, porque ele desaprendeu o andar sobre quatro patas, na vida nas árvores. (Por que isso não aconteceu da mesma forma com os esquilos?). A necessidade crescente os obrigou a outras formas de alimentação. Nos primeiros tempos, ele devia ter capturado pequenos insetos e mamíferos. (Gostaria de ver o macaco que é capaz disso!) A necessidade estimulou o raciocínio. (Então é incompreensível porque, pelos mesmos motivos, os camundongos não se tornaram humanos! A dura escola dos tempos glaciais criou então os humanos. (Pulga, coelho e urso polar também passaram por esta escola. Por que estes permaneceram parados na “evolução”?) Para enfrentar a necessidade, o pré-humano-símio caminhou para a descoberta das ferramentas: o passo decisivo havia sido dado! (Na natureza livre, assim como nas gaiolas, todo macaco iria sucumbir, e

não iria “por necessidade” descobrir qualquer ferramenta!) Agora o humano vai se afastando cada vez mais de seus ancestrais. A mão doravante servia apenas para trabalhos delicados, não mais para se locomover. Isso liberou a caixa torácica, que era condicionada por isso, possibilitando o desenvolvimento da fala. (Porque então os pinguins ainda não possuem fala é realmente inexplicável!) Por meio dela o caminho para o desenvolvimento ascendente estava liberado.

A suposição de uma evolução condicionada pela necessidade é totalmente absurda. Em sua curta existência, a humanidade já passou por períodos de grandes necessidades. Necessidades de fome e doenças eliminaram milhões. Mas também na maior das necessidades o humano não se tornou um anjo na Terra!

Se estas pressuposições fossem verdadeiras, no tempo da Guerra dos Trinta Anos, os povos deveriam ter tido um desenvolvimento cultural ascendente gigantesco, pois havia necessidades de sobra para um “acirramento da razão” neste período. Tais necessidades, portanto, não são suficientes para o início de um “desenvolvimento ascendente”; consequentemente, os tempos de necessidade, que levaram os pré-humanos-símios a, teoricamente, se tornar humanos, precisaram ter sido de uma dimensão gigantesca inimaginável. Se algo parecido realmente tivesse acontecido, nenhum macaco, talvez até nenhum único animal teria sobrevivido um período destes!

Cada um pode verificar como a suposição de uma mudança na alimentação devido à necessidade — e, com isso, um condicionado “desenvolvimento ascendente” — é irreal. Cada ser vivo, desde que pela sua natureza não seja onívoro, rejeita na maioria das vezes outros alimentos. Pode-se oferecer o melhor bolo para uma pulga, um ótimo assado ao cavalo, mas eles preferem morrer de fome, antes de alterar sua forma de alimentação. Lagartas que estão condicionadas a um pasto específico morrem de fome mesmo se houver outras plantas em abundância à disposição.

Quem, apesar disso, ainda acredita no desenvolvimento ascendente do espírito em decorrência da necessidade, que veja a população de uma região que está em situação de fome: se existisse uma evolução condicionada por este fator, o humano nestes períodos há tempos teria “evoluido” para a minhoca e encontraria alimentos sem precisar trabalhar duramente.

No que se refere a desaprender a caminhar nas quatro patas, a situação é semelhante: de acordo com esta pressuposição, os bichos-preguiça e a rã-arborícola

já há tempos deviam ter alcançado o caminhar ereto! O que o humano teoriza sonhando raramente está de acordo com a realidade.

Mesmo a perspectiva, frequentemente representada, de que os macacos e humanos teriam seguido caminhos diferentes no desenvolvimento devido a uma divisão territorial é insustentável. Nas regiões ocupadas por humanos ainda hoje vivem macacos. Os leões indianos, cuja área de expansão atualmente está restrita à península Kathiawar na Índia (ao norte de Bombay), se assemelham tanto a seu companheiro africano, que, se fosse, por exemplo, transplantado para a África Oriental, todos iriam considerá-lo como leão africano. Um olhar sobre o mapa deveria convencer todos que a divisão espacial não é fácil de ser superada. Outros exemplos já foram apresentados no recorte sobre a adaptação. Mas há ainda quem esteja ofuscado e acredite que a separação espacial pode ter contribuído para a formação do homem ao dividir um grupo pré-humano.

Com um pouco de reflexão, deveria igualmente estar claro para todos que a hipótese de uma “evolução” do humano que teria ocorrido em decorrência da “necessidade” e da “dura escola da era glacial” não passa de imaginação. Levando em consideração uma tal linha de pensamento, portanto, a pelagem protetora teria sido retirada do ser humano — justamente sob a pressão da fria Era Glacial!!! É difícil de pensar algo mais contraditório. Mas tem mais! A famosa “evolução”, sob pressão da necessidade, em volta de muitos perigos, não encurtou o período sensível da infância dos humanos, mas, pelo contrário, ampliou-a e, com isso, o perigo da morte. Durante longos anos, melhor dizendo, quase duas décadas, a criança depende dos cuidados dos pais. Nenhum ser vivo apresenta uma infância tão longa e precisa de tantos cuidados como o humano. E tudo isso “evoluiu” sob pressão da necessidade, para que este ramo dos macacos não se extinguisse? De acordo com essa ideia, a doutrina deveria ser a seguinte: “por meio de uma maior evolução da sensibilidade, a natureza protege as espécies de sua extinção”.

Não, querida teoria! Nos primeiros tempos os humanos não passavam necessidades: peixes, animais selvagens, frutas e vegetais eram tão abundantes, que os humanos, apesar de seus pequenos conhecimentos técnicos, conseguiam não só se manter mas até mesmo aumentar sua população, embora doenças, animais selvagens e certamente também a rivalidade entre eles devia ter aberto repetidamente

grandes lacunas. Somente partindo deste pressuposto é que se pode pensar que a humanidade podia ter à disposição o tempo necessário ao desenvolvimento do conhecimento, para chegar ao tamanho em que está atualmente. Para aguçar esses conhecimentos, os perigos diários normais eram completamente suficientes para os humanos, assim como para os outros seres vivos. Todavia, por meio da escassez de alimentos, a humanidade teria sido eliminada sumariamente.

Se tivesse tido outrora uma “escassez de alimentos que aguça a razão” e se tivesse tido um desenvolvimento que formasse os seres de acordo com isso, as crianças humanas iriam atualmente, logo depois do nascimento, sair correndo por aí como os cervos ou ter uma vida tão curta como os coelhos. Repetidas vezes se demonstra: apesar de toda busca, detalhamento e distorção, a teoria dos macacos não conseguiu encontrar um apoio para seus ensinamentos que estivesse de acordo com as relações naturais reais!

Na linha do pensamento desta teoria, que o semelhante precisa descender do semelhante, os humanos poderiam descender das aves, em vez de dos macacos, pois não existe ser que se aproxima mais das aves no que se refere ao desenvolvimento da voz e da cantoria do que os humanos. É só comparar a cantoria dos pássaros, o rugido do bugio e a cantoria humana! A cantoria dos pássaros alegra os humanos, eles sentem o som em sua própria sensibilidade musical, mas o rugido do macaco os enche de horror! A língua é o que abre o intransponível abismo entre animais e humanos. O humano reúne em si algo da estrutura do macaco, dos sons das aves e do espírito de um ser vivo ainda não encontrado na Terra, portanto, ele é uma verdadeira “forma intermediária ou transitória”.

Mas agora chega de tais imaginações. Deixando todas as impossibilidades de lado, ainda assim é válido saber quanto tempo o “primitivo-humano-macaco” — seguindo a teoria da evolução — teria levado na prática para evoluir para o humano.

De maneira direta isso não pode ser confirmado, pois para uma comprovação por meio de uma experiência, falta naturalmente o tempo necessário de um milhão de anos. A comprovação, por isso, só pode ocorrer indiretamente.

O fato de se ter como pressuposto gigantescos períodos de tempo deve-se ao que anteriormente já foi mencionado, ou seja, que tanto o *Sinanthropus* quanto o Nean-

dertal não fizeram progressos na evolução, embora em seu tempo de vida a técnica e o tempo progrediram significativamente. O crânio, semelhante ao *Sinanthropus*, com uma perfuração de bala moderna, aponta que pelo menos muitas centenas de milhares de anos seriam necessárias para provocar uma mudança perceptível.

Ainda assim alguns poderiam contra-argumentar que não se pode atribuir força comprobatória a pessoas “mortas”, porque poderiam ocorrer enganos na determinação do tempo. Embora este tipo de engano nos achados que acontecem em camadas, como nos achados do *Sinanthropus*, aconteça muito raramente, é extremamente animador que ainda hoje restos da raça Cro-magnon, do tempo da Idade da Pedra, podem ser observados vivendo “in natura”. Nas Ilhas Canárias vivem ainda hoje resquícios desta raça, que por alguns é considerada como população primitiva europeia. Certamente é indiferente qual é a idade estimada dos crânios pré-históricos encontrados, pois, em todo caso, eles já deveriam ter vivido lá muito antes do que os achados indicam. É mais do que improvável que os crânios achados seriam as primeiras peças desta raça nova formada. Isto é, seria coincidência demais.

Repetidas vezes a mesma comprovação: em algumas centenas de milhares de anos uma raça não se altera!

A propósito: como estes humanos chegaram às Ilhas Canárias? A ponte de terra entre as ilhas e o continente já devia, caso ela realmente tenha existido, afundado no Mioceno, portanto 30 milhões de anos antes do aparecimento dos primeiros vestígios da existência humana.

Por que o isolamento cuja “força formadora de espécies”, frequentemente vangloriada, aqui não contribuiu para a formação de uma raça humana “canária”? A resposta é porque essa força é somente uma imaginação!

Se as raças que se encontram “em pleno desenvolvimento” passaram estes gigantes períodos de tempo sem consideráveis alterações, então igualmente nos períodos iniciais deveriam ter períodos muito maiores sem ser capazes de apresentar alterações.

E não me venham com a explicação “espiritosa” de que se trata de espécies “paradas em sua evolução”!

Uma vez iniciada, ela somente pode se encerrar previamente por meio da eliminação. Obrigatoriamente segue juventude, crescimento, envelhecimento e morte. Um permanecer estagnado em algum estágio de desenvolvimento não existe. Acabar antes do encerramento da evolução pode até ser possível, mas continuar existindo sem encerrar a evolução, não. A forma de lagarta, que teria permanecido em seu estágio de desenvolvimento sem se desenvolver em casulo e mariposa, iria sucumbir e, com ela, sua espécie inteira. Um ferro comido pela ferrugem irá continuar enferrujando até que todo ferro tenha se tornado ferrugem. “Mas o ferro pode ser protegido pela pintura”, alguns irão argumentar. Isso está correto. Por meio da desativação das condições ambientais pode-se parar a “evolução” para a ferrugem. Contudo, um ser vivo não pode se retirar das condições ambientais e das influências do meio ambiente. A natureza não pinta nada.

Onde há evolução não existe ficar estagnado!

Alguém acredita que existem estrelas estagnadas na evolução? Da mesma forma não pode existir ser vivo que ficou parado em nenhum estágio dela.

A existência dos humanos neste planeta ainda é muito curta e nossos conhecimentos ainda são muito pequenos para poder tirar conclusões sobre a duração de uma possível evolução. Por isso é necessário recorrer a outros seres vivos.

Na Era Glacial viviam os antecedentes das marmotas, que, embora fossem maiores do que as atuais, sua estrutura era a mesma. A duração de tal era não foi capaz de mudar esta espécie. Como se pode pressupor, este animal viveu durante todo este período e, em 800.000 gerações, suas características não se alteraram significativamente.

O mesmo acontecia com outras espécies animais. No mundo vegetal não é diferente. A dríade branca, por exemplo, se manteve inalterada em suas características durante toda a Era Glacial e se mantém até os dias atuais. A sucessão de gerações igualmente não foi suficiente para provocar significativas alterações em sua forma. Já por causa desta curta justaposição resultou que 32 milhões de anos (800 mil gerações) não são suficientes para que seja perceptível qualquer “mudança na espécie” humana. Por isso é necessário retroceder mais ainda no tempo. No anteriormente já citado ocapí, trata-se de cerca de pelo menos 2 milhões de gerações que

não foram capazes de provocar significativas alterações. Transferindo isso para os humanos, seria já um período de 80 milhões de anos. No Oligoceno ou no Eoceno, mas provavelmente até já antes disso, viviam espécies de insetos que, como, por exemplo, o *Tetracha carolina*, também aparecem nos tempos atuais exatamente da mesma forma como eram outrora. Se for considerada uma geração por ano, isso já resultaria 50 milhões de gerações! Isso significa que mesmo se o humano vivesse 200 vezes o tempo que vive na Terra, do que realmente é o caso, suas gerações não seriam suficientes para provocar uma alteração significativa. Se quiséssemos pensar em evolução, sua origem teria de ser procurada no período carbonífero, ou até muito provavelmente muito mais cedo. Mas neste momento ainda não existiam os macacos, um ponto que dificulta uma compreensão, pois um desenvolvimento a partir de grupos mais inferiores iria necessitar um período de tempo mais longo.

Com isso inicia uma rosca sem fim: uma evolução partindo dos répteis do período carbonífero iria pressupor uma duração que pelo menos se estenderia até os primeiros tempos da Terra. E naquele tempo nem sequer havia répteis, e sim, no máximo, os primeiros unicelulares. Mas uma evolução a partir de unicelulares iria requerer uma duração ainda maior. Seria necessário voltar mais ainda, e assim por diante. Finalmente, a origem humana teria seu “início” bem antes da criação da Terra.

Contudo, no tornar-se humano a partir de antecedentes símios, não se trata da formação de uma espécie, mas sim da formação de um novo grupo, que poderia com razão ser concebido como nova ordem ou até mesmo nova classe!

Mas a diferença relativa à capacidade mental e à língua entre hominídeos e humanos é muito maior do que entre hominídeos e os mais inferiores representantes dos mamíferos!

Nesta relação, a totalidade do mundo mamífero forma uma unidade fechada; entre ela e os humanos há um abismo intransponível. Nem mesmo o estudo das espécies (classificação das espécies) pode mudar algo nisso, pois ela captura somente a aparência exterior e não é capaz de abranger a essência dos seres.

Assim, nos tempos de Carl von Linné, reuniram-se macacos e humanos juntos na ordem dos primatas. Atualmente, pretende-se, além disso, reunir os gorilas, chimpanzés e humanos num grupo especial, os *summoprimates*, para com isso ter a possibilidade de apagar a divisão entre eles. Por meio de uma simples nomeação



nada é provado. Contudo, pelo menos agora os humanos não são considerados pelos “teóricos dos macacos” como uma simples espécie singular dos macacos, mas como um gênero próprio, ao qual se deu o nome de homo.

Quanto tempo seria necessário para transformar um gênero? Sobre este ponto dispomos de um material comprobatório muito abrangente. Até agora alguns gêneros são tão conhecidos — o verdadeiro número é incomparavelmente maior —, que de 50.000.000 até 500.000.000 gerações não se alteraram. Numa base bem cuidadosa, somente 200.000.000 de gerações não seriam suficientes para, no gênero “humano”, ocorrer alguma alteração. Isso é uma duração quatro vezes maior do que o tempo que passou desde o início da solidificação da superfície terrestre.

O mesmo resultado ocorre quando, no lugar de gênero, é levada em consideração a família. O número das que existem desde o Triássico é bastante notável. É de se ter em mente que nosso conhecimento sobre o que existia em tempos passados diminui à medida que avançamos em direção ao passado.

Se se atribui ao grupo humano, como provavelmente é na realidade, o caráter de ordem, assim resultaria uma sequência de 1.000.000.000 de gerações, e mesmo assim não seriam suficientes para uma alteração das características. Números verdadeiramente astronômicos surgiriam se se quisesse ver o grupo humano como classe especial, o que talvez seria mais correto. Agora, se o grupo humano for visto como gênero, família, ordem ou classe, o resultado sempre é este: desde a solidificação da superfície terrestre ainda não passou tanto tempo para possibilitar uma “evolução humana” condicionada por mudança de gerações!



## OUTRAS IMPOSSIBILIDADES DA TEORIA DA ANCESTRALIDADE COMUM

Na análise da questão se a doutrina na origem comum é fundamentada cientificamente, parece que muitas vezes se confunde a expressão “científica” com “presumida”. O científico, no sentido real, precisa ter suas lições fundamentadas no conhecimento, e não em suposições acrobáticas no pensamento.

O que se supõe está longe de ser explicado ou fundamentado cientificamente!

Obviamente lá, onde nosso conhecimento não é suficiente, precisam ser tomadas decisões. Mas então é preciso que a construção mental fique em sintonia com os fragmentos do conhecimento e da realidade. A última é frequentemente esquecida. Trata-se menos de saber se algo pode ser construído a partir de fragmentos — pois isso sempre é possível —, mas de entender se uma construção está o máximo possível em sintonia com os fatos!

Se teóricos fazem os humanos e chimpanzés descenderem de supostos, mas nunca encontrados, pré-hominídeos ou hominídeos, que, por sua vez, descendem de outras formas intermediárias desconhecidas, e estes de ainda outras desconhecidas formas intermediárias de macacos primitivos, todos os possíveis animais da mesma maneira derivam de desconhecidas formas intermediárias e primitivas. Se nunca conseguem encontrar as incontáveis, teóricas, “supostas” formas intermediárias dos insetos, crustáceos e de muitos outros grupos, então por fim ninguém mais sabe o que supostamente se deve supor!

A doutrina da criação precisa ser libertada de todos os acessórios místicos”, dizem os teóricos, mas, em vez de uma suposta força criadora, sem a qual também não conseguem chegar a lugar algum, nos oferecem milhares de supostas “formas intermediárias”, que certamente nunca existiram. A mística da vida em si e a famosa

“transformação de matéria inanimada em vida” continuou como era antes: explicar a origem da vida também não deu certo aos advogados da teoria dos macacos; em vez disso, se amontoam as dificuldades de “explicar” a origem filogenética das espécies.

Iniciamos com o exemplo das abelhas. Como todos podem observar, as melíferas possuem — assim como espécies de abelhas “selvagens” — uma enghoca para escovar o pólen e, nas pernas traseiras, “cestinhos” onde é guardado o pólen escovado, para ser levado para casa. Como estes cestinhos e esta enghoca para escovação surgiram filogeneticamente?

O pólen é necessário para a alimentação da ninhada. A instalação para a sua coleta só pode ter sido formada bem paulatinamente e gigantescos períodos de tempo devem ter sido fundamentais para isso. (Veja o capítulo anterior) O mel é também necessário para a alimentação da ninhada. Para isso é preciso antes de todas as coisas uma proboscíde para retirá-lo das flores. Neste caso, poderia servir de consolo o fato de este tipo de estrutura estar muito difundida no mundo dos insetos e, por isso, a transformação para o proboscíde das abelhas especificamente deve ter sido fácil. Mas ainda está faltando a bolha de mel, sorvida e levada para a ninhada na colmeia!

A formação desta parte especial do corpo não deve ter sido fácil. Em todo caso, a ninhada provavelmente passou fome até a “formação filogenética” deste membro. Agora, como a ninhada ainda não estava preparada para esta dieta da fome, ela teria morrido de desnutrição antes que pudessem se formar os órgãos nos animais adultos necessários para a sua alimentação. Assim, de onde vieram os animais adultos é uma questão que ainda permanece em aberto.

Não muito melhor devia ter sido o caso das vespas, que, para alimentar sua ninhada, injetam, nas larvas de insetos ou aranhas, por meio de seus ferrões, uma substância paralisante: antes que a correta combinação de veneno do ferrão pudesse se formar filogeneticamente, a ninhada teria morrido de fome, mas com uma ninhada nestas condições, nenhum inseto pode evoluir, também não filogeneticamente.

Vespas parasitas não iriam poder produzir seus ovos antes de ter se formado, paulatinamente, de geração em geração, filogeneticamente o seu ferrão ovipositor (*Legestachel*) necessário. Por mais que a teoria da evolução tenha trabalhado aqui,

a partir de ovos que não foram colocados, conhecidamente não podem se desenvolver seres vivos. As gerações necessárias filogeneticamente jamais poderiam ter se formado.

Mas o mundo vegetal deve ter passado por maus bocados. Antes que tivessem “descoberto” que é necessário produzir o mel para atrair os insetos que providenciam a fertilização, os insetos deste grupo teriam todos morrido de fome; depois da morte deles o mel também não teria serventia alguma.

Deve ter sido infinitamente difícil para o mundo vegetal ter descoberto que uma flor é necessária para sua reprodução! Se por outro lado a necessidade do mel e do pólen teria surgido nos insetos somente mil anos depois — um período de tempo que é minuscilamente pequeno em termos de história da Terra —, o mundo vegetal em questão teria sucumbido devido à “escassez de descendentes”. A formação atrasada dos membros em questão, no grupo de insetos, iria simultaneamente levar à sua decadência.

Somente para a formação das flores, as plantas deviam ter necessitado bilhões de gerações, mas de onde podem ter surgido, se não havia possibilidades para a reprodução? É difícil de pensar que plantas superiores se reproduziram a partir de divisão celular, portanto, assexuada. A propósito, a reprodução dos unicelulares por divisão celular somente podia ter se formado ao longo de um número infinito de gerações. Considere-se o seguinte: a reprodução representa algo novo, desconhecido! Mas de onde tirar as gerações necessárias filogeneticamente, se a reprodução ainda nem havia sido descoberta?

Na América do Norte vive em grande quantidade, nos poços naturais de petróleo, a larva da mosca do petróleo (*Psilopa petrolei*). Ela está totalmente adaptada a seu estilo de vida especial e se alimenta de petróleo, como mostram os estudos. Para respirar o ar, tubos são empurrados para fora, na superfície. Contra a penetração do petróleo na pele, ela é protegida por células especiais de gordura. Mas, todavia, pela boca, absorve o petróleo, que é veneno para todos os outros seres vivos. No estômago e no intestino, ambos adaptados à esta “comida”, a matéria necessária para a estrutura de seu corpo é absorvida. A larva não consegue viver fora do petróleo e, depois de poucas horas, ela morre. Já a mosca é tão rapidamente morta pelo petróleo como qualquer outro animal. A desova precisa, por isso, ser feita com muita

cautela. A larva abandona seu elemento antes da pupação, para que o inseto que está nascendo não entre em contato com o líquido mortal.

Por isso, erroneamente, a mosca do petróleo é apontada, por parte de alguns teóricos, como exemplo de “adaptação”. De acordo com este curioso ponto de vista, a larva deve ter se adaptado completamente, enquanto que a mosca permaneceu “indefesa”. Ninguém esquentava a cabeça sobre como isso poderia ter ocorrido, e todos se contentam com a confortável explicação corriqueira por meio da “adaptação”.

De acordo com a teoria da evolução, esta mosca também precisou ter tido antepassados que ainda não viviam no petróleo. Somente geração após geração, progredindo paulatinamente, a evolução para a mosca do petróleo poderia ter se completado. Neste caso seriam necessários longos períodos de tempo, especialmente porque se trata de uma matéria completamente absurda, que é evitada por todos os outros seres vivos.

Não importa o que os teóricos digam: sempre seria necessário primeiramente uma larva indefesa de mosca parar no petróleo, para lá, sob pressão das circunstâncias, se “adaptar” a este elemento incomum. Naturalmente isso somente poderia acontecer passo a passo; a milésima geração já iria estar um pouquinho adaptada, de modo que uma visível adaptação e transformação em mosca do petróleo talvez já teria acontecido depois de 100.000.000 de gerações. Poder-se-ia concluir com isso que o inseto adulto, portanto a própria mosca do petróleo, que atualmente ainda está indefesa, depois de 1.000.000 de gerações irá adquirir esta proteção.

Agora, é um fato amplamente conhecido que cada ser vivo que foi parar no petróleo em poucos segundos perde sua pequena vida.

Na prática, de acordo com isso, a evolução precisaria ter ocorrido da seguinte forma: todas as larvas das moscas que haviam decidido se transformar em mosca do petróleo iriam morrer em três segundos no primeiro contato com este novo elixir da vida; a segunda geração já iria aguentar a exposição a este veneno durante quatro segundos, antes de sucumbir; a geração seguinte então já chegaria a cinco segundos, e assim por diante, até que finalmente, numa geração muito mais tarde, pela primeira vez, já iria permanecer sua vida inteira ali sem morrer.

Segundo essa teoria, a adaptação por meio de estágios não oferece nenhuma dificuldade aparente para a capacidade mental. A aparência das necessárias “formas intermediárias” e talvez até a “forma-primitiva” podem ser imaginadas e “reconstruídas”: somente há um único pequeno empecilho que resulta desta irrefutável conclusão, a saber, da primeira geração, que morreu logo depois de três segundos — pelo menos na prática —, jamais poderá surgir a segunda geração já mais bem adaptada, que em teoria seria necessária. Isso, claro, é altamente inconveniente, mas não pode ser alterado.

A outra alternativa, a saber, que antigamente o petróleo talvez não tenha sido ainda petróleo, portanto, que a adaptação já ocorreu antes, aos poucos e por etapas, não devia ser muito confortável para a capacidade mental normal, pois algo ainda não disponível não pode condicionar uma “adaptação”. As larvas de moscas certamente também não devem ter sido clarividentes.

Todavia, faz muito, a teoria da evolução já está acostumada com este tipo de inconsistências. Elas aparecem em maior ou menor escala toda vez no desenvolvimento ascendente filogenético de cada espécie.

O petróleo não é algo caro, e larvas de moscas podem ser encontradas em toda parte. Por isso, o fato de que nossos artistas-experimentais ainda não criaram há tempos novas espécies de moscas do petróleo é realmente incompreensível — parece que pecam por omissão. Mesmo que, devido à escassez de tempo, somente os inícios remotos teriam resultado, isso já teria sido finalmente uma comprovação convincente da adaptação na prática — depois de tantas tentativas em vão.

Para a doutrina dos “fatores ambientais condicionantes”, o comportamento da mosca do petróleo devia ser altamente desconfortável. Certamente não há dúvida de que a larva desta mosca vive em condições ambientais estranhas e até mesmo com condições alimentares absurdas. De acordo com todas estas doutrinas teóricas, teria de se ter formado algo completamente estranho, talvez até algo maravilhoso, que nunca tenha existido. Mas longe disso, apesar de todas as teorias, a larva não demonstra nenhuma estrutura incomum, mas sim é igual às outras larvas de moscas. A própria mosca do petróleo pertence à família de moscas (*Ephydriidae*) há muito conhecida e difundida.

Dificuldades semelhantes resultam da evolução teórico-evolucionista de todos os outros grupos comparados com a prática. Naturalmente as coisas são muito fáceis de “explicar” do ponto de vista teórico. Com poucos traços, pode-se pintar todos os estranhos parentescos em linha: é que teoria e prática são coisas distintas.

Mesmo na explicação filogenética de um grupo tão afetuoso como os piolhos (*Anoplura*), ocorrem dificuldades inesperadas, embora teoricamente, de acordo com os achados “morfológicos”, a questão “filogenética” há tempos está resolvida e tudo é concebido como solucionado.

Teoricamente os piolhos devem ter descendido dos malófagos (*Mallophaga*), que aparecem nas aves, e, por sua vez, dos insetos com asas que vivem nas fendas das árvores e na madeira velha, chamados piolho-de-livro (*Corrodentia*). Mas em relação à ascendência destes últimos, os círculos teóricos ainda continuam discutindo. Entretanto, na prática, se realmente existisse uma “evolução”, então os ancestrais dos piolhos-de-livro comedores de líquen teriam vivido, de forma semelhante, como as formas atuais, em árvores e arbustos, pois as plantas surgiram antes do que as aves. Naturalmente também pode ser pensado que estes animais oportunamente foram parar nas aves que lá chocavam ou que pulavam por aí. Mas é impensável que, em tais casos, imediatamente tenham preferido comer penas à sua própria alimentação; pelo menos isso precisa primeiramente ser comprovado por meio de “experiências”, antes que se acredite em algo deste tipo.

Infelizmente necessita ser mencionado que estes animais ainda não possuíam membros que os fixassem às penas das aves. As patas precisariam antes ser transformadas, filogeneticamente, mas isso demandaria muito tempo! Portanto, eles logo iriam cair novamente. Será que a descendência destas gerações que caíram de repente já apresentou uma pequena transformação na direção de comedores de penas? Uma tal suposição parece pouco crível. Contudo, é possível criar tais animais que caem ainda hoje, colocando piolhos-de-livro em galinhas. Estou ansioso pelos resultados de tais experimentos científicos. Espero em breve ler relatos críveis sobre este “caso”. Em sua estrutura corpórea, os piolhos-de-livro são tão sensíveis, que não suportariam uma vida entre as penas. Seria uma possibilidade teórica que, de uma geração tão oprimida, pudesse brotar uma vida mais robusta, contudo, uma suposição zombando de todas as experiências.

Com a formação teórica bem-sucedida dos comedores de penas, na prática, a situação é bem triste e não se pode ter muitas esperanças com a receita: pegar um piolho-de-livro e colocá-lo numa ave e, *hocus pocus*, está formado um comedor de penas.

Em vez disso, faremos piolhos a partir de comedores de penas, o que teoricamente deve ser completamente fácil. Cair, aqui, é menos de se temer, já que estes animais já estão acostumados com a vida de parasita. De fato, seria muito fácil de se pensar que comedores de penas podem optar em sair das aves capturadas e “se transferir” para os felinos.

Esses piolhos “transferidos” não iriam encontrar penas neste novo hospedeiro, o que visivelmente é conhecido pelos teóricos. Eles não são equipados para comer pelos. O mais próximo seria simplesmente alterar teoricamente o lábio inferior para um dispositivo de punção e se alimentar de sangue em vez de penas! Naturalmente uma tal transformação profunda da boca e do sistema digestivo, assim como a estrutura do corpo, requer períodos gigantescos de tempo. Mas na teoria da evolução, o tempo não desempenha nenhum papel...

Que as gerações intermediárias até o desenvolvimento do necessário probóscide não tinham nada para comer, não era algo em si ruim; não iria perturbar a teoria em nada: mais grave era que, por isso, estes animais “iriam morrer”. Mesmo que o acaso quisesse que eles rapidamente ainda desovassem de susto antes de sua morte, não iria adiantar muito: filhotes sem a possibilidade de uma alimentação não vivem por muito tempo. Desse modo, sem filhotes em vida, seria difícil a chance de reprodução; e sem esta, por sua vez, não haveria a possibilidade para a criação das necessárias “formas intermediárias”.

Este é o ponto sensível da teoria da evolução: na prática, tudo morre antes de encontrar tempo para a teórica “transformação”. Com isso, a criação dos piolhos do mesmo modo fracassa, embora teoricamente seria muito bonita. Quem não acredita que tire a prova!

Como os vermes intestinais devem ter “evoluído”? Afirma-se que “a imigração em hospedeiros trouxe grandes vantagens consigo e surgiu, depois de inúmeros estágios intermediários e por uma adaptação sempre mais avançada, o parasitismo completo”. De que exatamente as vantagens são compostas não está muito

evidente. As condições de vida de uma minhoca são muito melhores do que as de uma tênia. Jamais a última poderá ter uma população tão numerosa quanto é a da primeira. Cada ovo de minhoca tem perspectiva de se tornar uma minhoca. A tênia é obrigada a desovar 500.000.000 de ovos em sua vida para garantir sua população. Também a lombriga precisa desovar anualmente 60.000.000 para não se extinguir. Alguns parasitas necessitam fazer um grande desvio por hospedeiros intermediários para chegar ao seu objetivo. Mas onde penetram em grande quantidade acabam levando à morte seu hospedeiro e, com isso, a si mesmos. A minhoca, nesse sentido, está livre dessas preocupações.

Como se pode imaginar este surgimento paulatino e progressivo passando por incontáveis estágios intermediários da tênia? Será que o “precursor” da lombriga foi tantas vezes engolido vivo, até que tudo lhe pareceu tão insuportável e ele disse a si mesmo “agora chega, agora vou me transformar em verme parasita!”? Então a próxima geração ficou algo mais parecido com a lombriga. Pressupondo que ele outra vez seria engolido vivo, a geração que dali surgiria poderia novamente se adaptar um pouco mais, e assim por diante. Mas a transformação do verme para o verme parasita, portanto, um ser vivo fundamentalmente diferente, mal seria completada no tempo histórico da Terra. Ainda permanece aberta a seguinte questão: como foi possível que num tal “ou vai ou racha” a primeira geração de vermes não tenha sucumbido.

As coisas também não ficam mais simples quando se levam em consideração animais superiores. A ação de chocar das aves poderia ter se desenvolvido filogeneticamente aos poucos, depois de muitas gerações. A primeira geração iria colocar ovos, já que não tinha a menor noção de chocar. Descendentes posteriores já iriam chocar por algumas horas, pois aos poucos teriam descoberto o aspecto agradável desta atividade. Gerações ainda mais posteriores iriam então permanecer sentadas por alguns dias sobre seus ovos, e assim por diante, até que o período do choco combinasse com o nascimento dos filhotes. Apenas então o cuidado parental poderia aos poucos e progressivamente ir se formando, mas, neste meio tempo, a ninhada, caso tenha eclodido, já teria morrido. Em espécies que regurgitam, por exemplo, os pombos, teria de primeiramente ser construído filogeneticamente o papo, necessário para isso. Mas este demanda muito mais tempo do que os filhotes poderiam esperar.

Com os mamíferos a situação não seria melhor. A formação de uma mudança tão fundamental como as mamas iria requerer gigantescos períodos de tempo. E nesse ínterim, de que os filhotes iriam viver? Não se pode aceitar que eles, na época, eram tão mais bem formados do que hoje e que imediatamente possuíam a capacidade de sair pela vida com os próprios pés procurando alimentos: então toda a evolução seria para pior! Ver na evolução ascendente uma regressão de capacidades importantes para a vida seria absurdo demais para parecer crível. Antes se poderia pensar que as primeiras gerações iriam necessitar de cuidados mais intensos com a ninhada!

Então é afirmado que somente sob pressão das condições ocorrem mudanças nos seres vivos. Para ir ao encontro dessa pressão, a natureza teria transformado as formas primitivas autônomas, que logo depois do nascimento sairiam mundo afora, não necessitando do cuidado parental, em seres dependentes e indefesos que somente por meio de longos períodos de incubação são despertados para a vida e somente por meio de posteriores cuidados podem permanecer em vida? Ou, como nos mamíferos, a melhora foi criada com os filhotes terem de permanecer nos ninhos, indefesos, durante longo tempo e somente conseguirem ser preservados da fome por meio da mama? Seria vantagem que estes animais jovens se tornassem tão dependentes, que com a morte dos pais eles também morressem? A improbabilidade de tal “evolução” devia estar clara para todo humano pensante.

O que se chama de filogenia — essencialmente — nada mais é do que um encadeamento de formas semelhantes a partir de materiais inanimados, sem verificar se na natureza de fato há a menor possibilidade para uma relação de ancestralidade! Também selos e imagens podem ser encadeados desta forma filogeneticamente em “linhas de ancestrais”.



## A FORÇA COMPROBATÓRIA DAS CAMADAS GEOLÓGICAS

Numa bela sequência, a história da Terra pode ser exposta numa sucessão de camadas geológicas como degraus de uma escada. Cada uma dessas camadas contém, em maior ou menor quantidade, resíduos de seres vivos do passado. Com base nestes aparecimentos, a paleontologia — a propósito, uma área muito interessante — concluiu a sequência e o tempo aproximado do aparecimento de cada forma isolada de ser vivo.

Em camadas de tempos primitivos, que são mais antigas do que 1 bilhão de anos, não foram encontrados resquícios de vida orgânica. A camada seguinte já apresenta crustáceos, radiolários, esponjas, animais semelhantes aos corais, lesmas e vermes. No Cambriano, os principais troncos dos invertebrados já estavam disponíveis. No Siluriano, apareceram os peixes cartilaginosos. O Carbonífero e o Permiano trazem insetos, anfíbios e répteis; o Triássico, grupos de répteis mais evoluídos; o Jurássico, os primeiros pequenos marsupiais; o Cretáceo, as plantas floridas; e no Terciário aparecem os mamíferos.

Por isso, em certa medida é humanamente compreensível que a teoria da evolução procure “derivar” as formas que aparecem mais tarde das que existiam mais antigamente. Desse modo, em teoria, ela faz insetos e peixes surgirem de vermes, peixes “tornarem-se” répteis, dos répteis “evolúem” para as aves e os mamíferos, e finalmente dos mamíferos se “transformarem” os humanos. Como, além disso, a camada terciária é subdividida em cinco subcamadas, cada qual apresentando diferenças na petrificação, com muita facilidade pôde-se “derivar” uns dos outros.

Assim apareceu no Eoceno o primitivo-primitivo-pré-cavalo (*Phenacodus*) e o primitivo-pré-cavalo (*Hyracotherium*). Depois de pular a camada oligocena (subcamada), existiu no Mioceno o pré-cavalo (*Anchitherium*); na subcamada seguinte,

o Plioceno, apareceu a “etapa transitória” *Merybioous*, *Protobippus* e *Pliobippus*, assim como o precursor do cavalo propriamente dito, o *Hipparion*. O perturbante é que na última camada aparecem muitas “etapas transitórias” diferentes, enquanto que em outras elas estão completamente ausentes.

Em todo caso, para cada principiante, as comprovações em camadas da sequência teórica filogenética parecem “surpreendentemente convincentes”. Por isso é necessário analisar mais de perto este “material comprobatório”.

Conclusões podem ser justas até um certo ponto, mas uma aplicação abrangente demais necessariamente leva a grandes enganos. Um exemplo da vida cotidiana irá ilustrar isso: conforme demonstra a cada momento uma conclusão “exata”, o pão é mais duro na sua superfície. Alguns milímetros mais fundo encontra-se já uma camada menos dura, enquanto 10 milímetros abaixo já é “macio de entortar”. Com isso seria de se concluir “perfeitamente” que o pão de cima para baixo, aos poucos, progressivamente, amolece. A conclusão que se tira disso, que o “amolecimento” teria de aumentar de acordo com o percentual de profundidade, depois de 10 centímetros teria a consistência de uma manteiga morna, seria, apesar disso, incorreta — o que cada um pode verificar.

De forma semelhante ocorre com as camadas geológicas, embora numa perspectiva diferente.

Certamente a teoria de que as grandes camadas geológicas, como o Cambriano, a Era do Carvão de pedra, entre outros, dão um corte transversal até certo ponto acertado no mundo animal do período, sem mais, está correta. Mas apenas uma pequena parcela das formas de outrora ficará mantida nelas; a maior parte, contudo, por não ser encontrável, permanecerá para sempre desconhecida.

A suposição de que nos primórdios ainda não havia peixes, de que no Cambriano ainda não havia répteis, no Carbonífero ainda não havia mamíferos e no Terciário ainda não existiam humanos deveria estar correta. Mas uma subdivisão muito mais ampla das camadas necessariamente tende a levar a grandes falácias: as camadas divididas em metros e centímetros jamais irão espelhar a verdadeira sequência do aparecimento de cada espécie animal e vegetal! Somente o que casualmente sucumbiu lá pode ser encontrado nas camadas: imaginemos diante de nossos olhos

o que nas camadas atuais está preservado do mundo atual — é assustadoramente pouco! Por isso os restos encontrados, mesmo que sejam tão valiosos, jamais podem fornecer uma visão geral do que simultaneamente viveu em outras partes da Terra! Sem mais, teria de estar claro que o ser vivo em questão, no tempo da formação da camada, já existia, o que não exclui a possibilidade de ter vivido antes! Entre o surgimento de qualquer espécie até sua casual morte na camada em questão, na qual estão depositados seus vestígios, podem ter passado milhões de anos!

No período jurássico da Suábia, encontram-se repetidas vezes novas espécies de amonites: quanto mais novas as camadas tanto mais enrolada é a estrutura das paredes internas e os adornos externos da casca. (Amonites são invólucros, com formato semelhante a caracóis, de uma antiga ordem de cefalópodes). Por motivo desta incansável “evolução”, que sempre criava novas “etapas”, a camada unitária do Jurássico da Suábia foi separada em — acredite ou não — 18 subdivisões. Como fora “esquecida” a possibilidade de verificar o surgimento tão rápido de uma nova espécie (como é mencionado em capítulos anteriores, o número de gerações de uma subcamada não pode ser suficiente para a formação de uma espécie), acreditou-se ter encontrado aqui uma nova comprovação para a exatidão da teoria da evolução. Desse modo, em consequência de preconceitos “científicos”, com olhos vendados teoricamente, aqui novamente passou-se ao largo dos verdadeiros fatos.

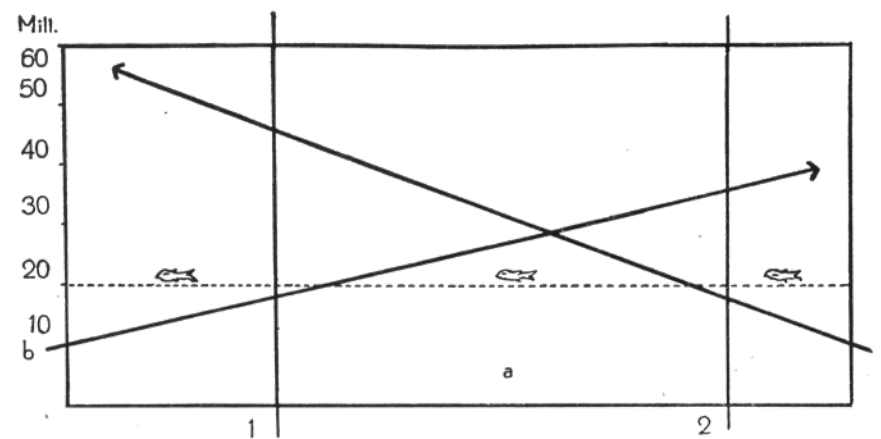
Na verdade, as subdivisões da camada jurássica não demonstram o surgimento sequencial temporal das espécies, mas sim sua imigração para a região da Suábia! Certamente uma diferença que não pode ser menosprezada. Forma n.º 1 imigrou primeiro. Forma n.º 18, que provavelmente surgiu numa região que estava mais distante da Suábia ou que demonstrava menos inclinação para a saída dos animais de seu local de surgimento, apareceu por último. Mas imigração e surgimento significam coisas fundamentalmente diferentes.

A consequência desta enrolada divisão em 18 subdivisões foi que não se sabia mais diferenciar as divisões que haviam sido feitas, e para trazer novamente pontos de referência na própria divisão precisou-se procurar refúgio no chamado “fóssil-índice”, entendido pelo especialista como petrificações cujo surgimento se restringe a determinadas camadas ou até mesmo somente a uma só camada. Se num depósito se encontram *nummulitas* (um grupo de foraminíferos pertencentes à classe

sarcodina), isso significa que foram formados no mais antigo período terciário. Contudo, onde se encontra o grande cone do molusco rudista isso significa que o depósito já entra no período cretáceo.

Este método de trabalho também foi aplicado na divisão do período jurássico da Suábia. Onde se encontrou a forma n.º 1 está a primeira subcamada; onde se encontra a forma n.º 5 está a quinta subcamada, etc. Em regiões localizadas próximas, esta suposição pode ser correta. Contudo, uma garantia não existe! Isso se percebe imediatamente se se quisesse aplicar esta divisão do Jurássico da Suábia em outras regiões destes depósitos.

Uma petrificação somente pode ser valiosa para a determinação de camadas quando se trata de formas de curta duração de vida amplamente difundidas e de camadas de longos períodos geológicos. Caso contrário poderia surgir uma imagem completamente distorcida, até mesmo invertida, da sucessão das camadas!



As formas imigrantes da esquerda e da direita iriam se sobrepor. Na primeira camada da metade esquerda do depósito, iria surgir a sequência da camada **a c**, liderada pelo fóssil-índice; um determinado fóssil-índice (peixe) somente seria encontrado na camada **b**. Na segunda camada do lado direito, em contrapartida, iria se encontrar a sequência **a c b** de camadas; o peixe somente seria encontrado na camada **c**. Portanto, **b** iria parecer mais jovem do que **c**, enquanto que, na realidade, ambos apresentariam a mesma idade no ponto em questão.

Contudo, se o peixe já não tiver sido nativo na área inteira, ele iria primeiramente imigrar na região da direita para a esquerda; desse modo iria aparentemente ter surgido “filogeneticamente” na camada 1, no período entre 50 e 60 milhões de anos; na camada 2, por sua vez, já entre 10 e 20 milhões de anos, teriam brotado outros antepassados. Contudo, se o peixe, embora tenha imigrado, for considerado “fóssil-índice”, ele iria chegar na parte esquerda da camada depois de 600 milhões de anos. Esta camada, de acordo com a “comprovação pelo fóssil-índice”, iria parecer muito mais jovem.

Como diferentes seres vivos também possuem diferentes velocidades de expansão, eles iriam chegar ao outro ponto final em tempos diferentes. Com isso, iriam não somente confundir a verdadeira idade da camada como simular uma sequência “filogenética” que jamais existiu de fato.

Contudo, na realidade, a expansão não ocorre de uma forma tão simples: correntes marítimas, montanhas e clima irão causar alguns desvios e demoras; por isso pode surgir uma formação que é muito difícil de desvendar. Desse modo, o aparecimento de um animal que vive há pouco tempo pode aparentemente se distribuir em três camadas, o que poderia simular um longo tempo de vida. Por outro lado, uma emigração da região da formação da camada pode fingir um curto período de vida e uma extinção precoce.

Assim, aquelas formas que as camadas “comprovam” estar lado a lado, na realidade, podem ser formas sucessivas, separadas por gigantescos períodos de tempo, da mesma forma que uma aparente sucessão de formas somente repousa sobre uma imigração em tempos diferentes dessas formas. Por isso, a teoria dos fósseis-índice esconde uma fonte de erros muito grande: se a idade do fóssil-índice é determinada pelas camadas, a idade das camadas por sua vez é determinada pelos fósseis-índice. Então o resultado é mais do que questionável; jamais pode ser uma comprovação.

A correta delimitação das camadas geológicas, embora pareça muito simples nas representações (Cambriano, Siluriano, Devoniano, Carbonífero, Permiano, Triássico, Jurássico, Cretáceo, Terciário, Quaternário), é um problema de grandes dificuldades. Sua solução definitiva, desde que ocorra sem preconceitos e sem os antolhos filogenéticos, ainda pode trazer algumas surpresas. Mas somente se for encontrado um meio que possibilite uma exata determinação da idade,

independentemente de suposições e de fósseis-índice, a questão polêmica sobre a atribuição de determinado depósito a esta ou àquela camada, ao Jurássico ou ao Cretáceo, irá silenciar. Mas então alguns ancestrais e algumas árvores genealógicas irão perder seu brilho “filogenético”.

Infelizmente ainda estamos muito distantes disso. Uma camada na Espanha e uma na Rússia pode, apesar dos mesmos fósseis-índice, estar distante uma da outra em milhões de anos no que se refere à sua origem. Necessariamente precisamos nos contentar hoje com os meios simples e insuficientes que nos estão à disposição. Por isso sempre que possível é necessário prestar atenção nas grandes fontes de erros que aparecem, para evitar enganos.

Com base no exposto acima, conclui-se que o fato de que todas as pré-formas de cavalo, as intermediárias e a precursora, viveram simultaneamente uma ao lado da outra está completamente no campo das possibilidades. O mesmo é válido para todos os outros seres vivos cuja aparição se restringe ou se restringiu a um período de tempo — concebido em termos de história geológica — de somente poucos milhões de anos.

Jamais deve ser esquecido que somente para seres vivos com uma grande população há a perspectiva — mesmo que pequena — de deixar membros “petrificados” de seu grupo para a posteridade!

Entre as petrificações iremos — exceto em fatos casuais — encontrar, na maioria das vezes, representantes das formas mais numerosas da época. Por isso há grandes possibilidades de uma espécie rara principiante ser encontrada petrificada apenas depois de dúzias de milhões de anos, após ter se reproduzido acima do normal em razão de algum favorecimento incomum, seja o tempo ou o clima: sua “origem” tardia, de acordo com os achados, era apenas aparente, porque ela antes já existia.

A parte principal das formas mais antigas, uma multiplicidade daquilo que está diante de nós até agora, mesmo nas melhores condições de pesquisa, sempre permanecerá não descoberta, desconhecida. Por exemplo, mal conhecemos uma décima parte das espécies de insetos que vivem atualmente! Do período carbonífero-permiano nem sequer 1000 espécies conhecidas; do período pré-Era Glacial, o Terciário não chega a 7000 espécies. Com razão, pode ser concluído, a partir disso, que, dos



seres vivos de nosso pré-mundo, no máximo é conhecida a milésima parte das formas que existiam outrora. Nos dinossauros, mamíferos e semelhantes seres vivos de grande porte, as relações naturalmente estão melhores, apesar de ainda insuficientes.

A propósito, se a sequência de camadas tivesse alguma força comprobatória no sentido da descendência, então uma camada teria de “descender” da outra, ou seja, o Jurássico teria de ser o pai do Cretáceo.

A pesquisa em brejos e banhados, entre outros, comprova que a dúvida, expressa acima, em relação à “sequência filogenética” dos achados numa única camada, é mais do que justa. Aqui se encontram as camadas geológicas, em relação à duração de tempo, em escalas comparativamente menores. No lugar de dez milhões de anos, entram em consideração somente dez mil. Uma coisa permanece igual: há uma sequência de camadas e cada uma delas é diferente.

Se nas camadas geológicas falta a possibilidade de determinar a exata composição do mundo vivo de outrora, assim obtém-se por meio da moderna pesquisa de pólen a oportunidade da exata determinação — pelo menos para uma parte dos grupos vegetais.

Na observação das estruturas das formas de outrora, sem levar em conta as “minorias”, que a paleontologia também não apresenta, resulta a seguinte sequência de camadas e “linhas evolutivas”: subsolo da Era Glacial, *pinus*; *pinus* e conífera (período transitório); avelã, carvalho, faia e conífera. De acordo com isso, a conífera representaria a última “etapa da evolução das árvores. Que isso é absurdo devia estar claro para todo mundo.

Na realidade, esta sequência não é resultado de uma “evolução ascendente filogenética”, mas sim da imigração, espaçada no tempo, nas terras que se tornaram livres do gelo. Todas as árvores que apareceram aqui, dispostas uma após a outra, já estavam disponíveis, umas ao lado das outras, há centenas de milhares de anos antes em outra parte da Terra. A pesquisa do pólen, que é capaz de abranger “tudo”, está em condições de comprovar indubitavelmente a existência de todas as outras árvores já no “tempo-conífero”.

Mesmo no mundo das plantas inferiores, poder-se-ia seguir a aparente evolução (pseudoevolução) e isso resultaria nas mais belas “sequências evolutivas”: solo pri-

mitivo, vegetação pantanosa, vegetação de turfa hepática, juncos, carriço, grama de algodão, musgo de turfa, urze. Naturalmente uma evolução que igualmente é falsa, como a anterior, das árvores. Neste caso se trata simplesmente de plantas imigradas umas depois das outras, de acordo com as condições de vida!

Que esta imigração não ocorreu de forma uniforme, acontece já porque em tempos mais antigos as tílias e avelãs cresciam nas montanhas a uma altitude de 150 metros acima do que nos dias atuais na região do Oberharz. Igualmente, na Escandinávia, antigamente os *Trapa natans* e as avelãs — diga-se de passagem, já depois da Era Glacial — eram encontrados mais ao norte do que atualmente é o caso. Este avanço rumo a esta direção deve ter ocorrido num período posterior, mais quente.

Já em poucas dezenas de milhares de anos — as turfás mais antigas que foram analisadas não são mais antigas do que 40 mil anos —, foi possível uma mudança da fauna deste tipo sem novas criações. Em relação às dúzias de milhões de anos da história geológica da Terra, imagina quantas mudanças destas teriam acontecido!

Mas também está clara a confusão que teria de ter surgido, se se quisesse transpor o método de trabalho dos fósseis-índice da paleontologia para a região da pesquisa de brejos e banhados, e atribuir o valor de fóssil-índice para um grão de pólen e definir a idade de uma camada a partir de seu aparecimento!

Quem possui um microscópio pode facilmente brincar de “criação em miniatura”, observando a aparente “separação” de diferentes grupos de seres vivos em medida reduzida, contudo aumentada pelo microscópio, *in natura*. Para isso já é suficiente uma chamada infusão de feno, quer dizer, uma mão cheia de feno e palha é colocada num recipiente e irrigados com água de poço ou de torneira.

Depois de algum tempo apareceram, conforme as experiências sob o microscópio permitem concluir, somente bactérias (Idade Pré-histórica); mais tarde surgiram as amebas (Idade Antiga); logo, os infusórios menores de diferentes espécies (Idade Moderna) e finalmente, então, os infusórios maiores (contemporaneidade).

Os seres vivos característicos de cada “idade” podem ser facilmente capturados por preparativos microscópicos. As amostras produzidas desta forma representam a mesma coisa que nos transmitem as camadas geológicas. Nós possuímos nesse sentido um “material comprobatório” semelhante para a “filogenia” de nosso

pequeno mundo *in vitro*, da mesma maneira que a teoria da evolução acredita possuí-lo em suas petrificações para o mundo vivo da Terra.

Se nós quisermos seguir as concepções “científicas” da teoria da evolução, então poderíamos, como eles, afirmar com a mesma razão que as bactérias evoluíram para as amebas, estas para infusórios menores e estes últimos para as espécies dos infusórios maiores.

As linhas evolutivas construídas com base nestas “comprovações inquestionáveis” estariam, ao que tudo indica, “corretas” temporal e sistematicamente. E mesmo assim as conclusões estariam falsas!

Comprovadamente também em nossa infusão de feno (*Heuaußguß*) a evolução de cada espécie isolada seguiria seu próprio caminho a partir de um “ponto inicial independente”, sejam eles ovos, cistos etc.

O que vivenciamos em escala menor completa-se em grande escala no tempo geológico da Terra. O nosso mundo de infusão de feno representa um recorte do mundo vivo de nossa Terra, que por sua vez representa um recorte do universo: aqui como lá, os grupos de seres vivos “surgindo uns a partir dos outros”, em certa medida, são somente uma ilusão de ótica.

Quem observa o que realmente acontece na natureza, sem os antolhos do tipo teórico, reconhece: a paleontologia certamente pode oferecer algumas valiosas revelações sobre o aparecimento temporal e espacial de seres vivos isolados. Com base nessas informações, pode-se — de forma mais ou menos correta — concluir também o tempo de surgimento desta espécie, mas jamais atribuir a ela qualquer força comprobatória no que se refere à descendência e à sequência cronológica do aparecimento de formas semelhantes.

Por mais valiosos que sejam os achados da paleontologia para a determinação do aparecimento temporal e espacial de uma espécie, como “comprovação” de uma descendência eles não têm o menor valor!



## O VALOR DAS MUTAÇÕES PROVOCADAS ARTIFICIALMENTE

Em grandes apresentações somos impressionados com significativos resultados de pesquisas que provocam artificialmente mutações por meio de radiações. Essas mutações, que são resultado de mudanças genéticas, são capazes de produzir formas modificadas em vez do ser normal.

Para entender isso, é necessário ter diante dos olhos que a genética precisa ser observada como um todo, em certa medida como uma fôrma de modelagem: sempre que ela é preenchida com o mesmo material apropriado, surgirá um corpo da mesma aparência exterior, quer dizer, cada peça que sai da mesma fôrma será semelhante à outra.

Tomemos como exemplo a conhecida fôrma de modelar do artificial favo de mel, como as que são utilizadas pelos criadores de abelhas. A cera derretida é derramada na fôrma e fechada e, assim, surge cada vez um favo artificial. A estrutura externa do favo artificial que sai de uma tal fôrma de modelar será sempre a mesma, por mais que se repita a operação por milhares de vezes. Em termos gerais, a estrutura será sempre a mesma. Obviamente sempre se encontrarão algumas peças, entre estas milhares, que apresentam alguns pequenos desvios da forma normal. No todo, alguns serão ligeiramente mais espessos ou mais finos; em outros, talvez haverá apenas uma aresta superior ou uma inferior mais grossa, ou mais fina, ou apenas uma das arestas laterais etc.

De acordo com as características da cera utilizada para a modelagem, a cor do favo apresentará algumas oscilações do amarelo escuro até o puro branco; com calor demais formar-se-ão bolhas, e assim por diante.

Todos os desvios que ocasionalmente aparecem são variações do favo artificial que surge da mesma fôrma: a fôrma em si permanece inalterada!

Exatamente assim é o comportamento com as variações dos seres vivos. Tais variações surgem ocasionalmente sem que ocorra uma alteração na fôrma da genética. Entre elas chamam a atenção, por exemplo, pequenos desvios no desenho da capa da asa, no pelo, nas penas, assim como manchas grandes ou pequenas nas flores, entre outros.

Volta e meia acontece de o criador de abelhas utilizar pouca cera para a modelagem, de modo que um ou outro canto não é preenchido: o favo está incompleto. “Acasos” semelhantes também acontecem com os seres vivos e se mostram, na maioria das vezes, por meio de membros do corpo que permanecem incompletos.

Em determinado tempo e lugar, viveu um criador de abelhas que gostava de se ocupar com trabalhos de pesquisa e que, em absoluto, não conseguia entender por que todos favos artificiais que saíam daquela fôrma eram tão parecidos. Para estudar o método de trabalho da fôrma, ele pegou um martelo e deu algumas fortes marteladas nela. E vejam só: a fôrma demonstrava alterações corporais! Mas tem mais! Os favos produzidos nessa fôrma exibiam as mesmas alterações em seu formato. Mas o que beirava ao maravilhoso era o fato de que, a partir disso, cada favo — por mais que se tenha repetido a experiência — apresentava a mesma alteração em seu formato! Isso foi uma descoberta arrebatadora nunca antes vista! Rapidamente, a sociedade dos criadores de abelhas foi convocada, reuniões e mais reuniões foram realizadas, nas quais foram discutidas a novidade e a incomum abrangência desta descoberta; discursos e mais discursos foram pronunciados celebrando este fato: o herói do dia foi coberto de honrarias, por toda parte declarado membro honorário.

O que aquele criador de abelhas neste caso criou artificialmente foi aquilo que as mutações fazem nos seres vivos: uma mudança na fôrma genética, ocasionada por algum impacto, que, por sua vez, atua de maneira semelhante ou igual nos descendentes. E igualmente como o criador de abelhas acima, atuam hoje na realidade os criadores de mutantes.

Para a criação de mutantes, usualmente se aplica radiação artificial emanada de raios muito pesados. Uma tal ordenação experimental “científica” pode ser colocada em pé de igualdade com os métodos de pesquisa do criador de abelhas acima descritos. Pois esse tipo de radiação nada mais são do que batidas de martelo —

e geralmente muito pesados — sobre a genética das cobaias. Aqui, como lá, necessariamente irão aparecer mudanças na forma em seres sensíveis. E também está claro que uma tal alteração artificial da fôrma (genética) influenciará a descendência e que essas influências precisam ser hereditárias.

Mais ou menos desta maneira se pode imaginar os efeitos da moderna radiação sobre a genética. Eu acredito que ninguém terá me compreendido mal e suponha que a genética seja uma fôrma de cobre e lata.

Os efeitos de uma “forte” radiação resultam claramente do exposto acima. Radiações leves cuja força não é suficiente para uma alteração na fôrma e que no máximo são capazes de atuar sobre o material de enchimento naturalmente não conseguem provocar mutações, somente variações. Fôrmas mais robustas naturalmente irão resistir a qualquer radiação, mesmo que com isso o ser vivo venha a sucumbir.

De acordo com o que foi apresentado antes, também deveria estar claro que, no fracasso de determinados raios que influenciam o material de enchimento para as fôrmas “normais”, determinadas variações podem ocorrer.

Da mesma maneira pode ser pensado que as fôrmas genéticas sensíveis às radiações normais, as quais normalmente mantêm a fôrma “em forma”, podem também ocasionar mutações. Por exemplo, se a pressão externa normal não acontece num determinado ponto da fôrma, onde talvez seja mais fina, então a parede irá ceder neste lugar: a consequência disso é um ser alterado.

É óbvio que, se se deve atribuir a este tipo de experiência algum valor prático, então somente podem ser aplicados tais raios que, em aplicações constantes, ainda permitem possibilidades de vida aos seres. Experimentos laboratoriais em que se expõe a cobaia somente por um curto tempo a uma “dose” de raios artificiais ou que se lhe aplica um produto químico com efeito limitado podem até ser um passatempo muito bom, mas são completamente sem valor do ponto de vista natural. Num mundo penetrado por raios-x e outros raios pesados, ou encharcado em soluções coloridas ou venenosas, nenhuma vida é possível: com isso também está pronunciada a sentença sobre experimentos que “formam mutações” com auxílio deste tipo de raios e deste tipo de venenos.

Nesse sentido, se trata menos de estudar a possibilidade de formar mutações por meio de influências externas, mas tudo depende se as mutações geradas artificialmente, no meio ambiente que ocasionou a mutação genética, conseguem viver e se reproduzir: se uma tal possibilidade não está dada, então experimentos deste tipo são praticamente sem valor; não têm mais nada a ver com ciência!

Se o experimento elimina a possibilidade de vida, então não pertence à área da ciência, no máximo da técnica: se se consegue fazer tinta com o pó da borboleta, fazer óleo de seu corpo, se se esmaga algo normal e se consegue formar outra coisa a partir dos destroços, tudo isso é, em primeira linha, uma questão técnica.

O exemplo apresentado acima sobre a comparação entre genética e fôrma de modelar facilita também a compreensão da composição tão diversificada e diferente do material genético das quase incontáveis espécies de seres vivos.

Quem observa a natureza com atenção já deve ter percebido que a formação de qualquer capacidade sempre requer o sacrifício de outra capacidade.

Isso é válido não somente em relação à totalidade das classes (animais primitivos – crustáceos – peixes – animais vertebrados, etc.) como também, conforme mencionado anteriormente, no interior de uma classe, família, gênero e até mesmo no interior da própria espécie.

Um peixe vivíparo jamais irá gerar tantos filhotes, em termos numéricos, quanto a desova daquele que põe seus ovos sem nenhum cuidado. Uma ave que corre bem não sabe nadar tão bem, um bom voador não corre tão bem. Não é o correr, o voar ou nadar, em si, que são necessários à vida: tudo depende da capacidade de aproveitar corretamente a força do corpo. Então todas as formas que a natureza nos apresenta de forma tão numerosa são capazes de viver.

Este princípio da economia da natureza também é perceptível entre membros de uma mesma espécie: alguém com alto talento musical não possui, ou possui somente bem poucos, talentos manuais. Um gênio da matemática talvez não possua conhecimentos das ciências naturais, e assim por diante; o campeão mundial de boxe normalmente não será um “Goethe”.

O princípio de que “um pouco a mais de um corresponde a um pouco a menos de outro” — e isso perpassa toda a natureza, concordando com o esquema es-

tabelecido na disposição hereditária —, resulta, sem mais delongas, como algo condicional, se se considerar tal disposição de cada espécie como algo fixo ou, permanecendo no exemplo mencionado, como um molde.

Como no exemplo da produção de favos artificiais, assim também a fôrma adquirida pelo material genético é constituída por pequenas partículas, pequenas estruturas únicas. Naturalmente, cada fôrma de modelar pode ser preenchida somente por uma determinada quantidade destes “blocos de construção” (células). Por mais que se queira, não se pode colocar nem mais, nem menos, pois, caso contrário, se formaria um buraco pelo qual o material de preenchimento vazaria: um corpo não poderia se formar.

Se, por exemplo, cada lado de uma tal “fôrma genética” é composta por 100 células — na realidade teriam de ser milhões —, então seria num ordenamento quadrado 100 X 100 e surgiria a seguinte imagem: a primeira linha no lado direito apresenta as células com “genética especial”, como o tamanho, a forma, o peso, a razão, etc., etc. O espaço restante então é preenchido por células que transmitem a reprodução, assim como uma quantidade de “células que preenchem as lacunas”, células estas sem uma determinação própria. Sem levar em consideração as “que preenchem lacunas”, ter-se-ia a seguinte relação: 99 X 99 células que condicionam a medida da reprodução contra uma que condiciona o tamanho, a forma, a mente, etc. Isso seria a fôrma genética própria dos primitivos unicelulares.

Se uma outra capacidade passar a valer em maior medida, então isso somente pode acontecer com a supressão de células da reprodução. Se a quantidade de células da razão cresce dez por cento, assim, nove células da reprodução precisam ser suprimidas, de forma semelhante como um balão de ar infantil murcha quando se tira o ar dele. Como uma maior capacidade mental está lado a lado com uma maior especialização da estrutura inteira do corpo, então também as demais células da “genética especializada” irão se reproduzir de forma correspondente e todas juntas irão oprimir cada vez mais a genética da reprodução. Então teríamos 99 X 99 células da genética especializada contra 100 da reprodução: isso seria, em linhas gerais, a fôrma genética de um mamífero superior.

Agora, volta e meia acontece que uma destas células adoece ou é prejudicada. Então o espaço que fica livre é ocupado pelas células vizinhas de aumento de tama-

no: o tamanho das orelhas triunfa talvez sobre o que determina o tamanho dos cabelos. Num caso destes ocorre então uma mutação “espontânea” não condicionada a influências externas (batidas de martelo). Se, num caso destes, células que condicionam a força da visão saem e em seu lugar entram células que influenciam a forma do nariz, o resultado final será um nariz hereditário aumentado.

Com um tal modelo em mãos e suficientes bloquinhos coloridos, cada um pode em casa conduzir estudos práticos sobre formas hereditárias. O fato de que na natureza as coisas ocorrem de maneira bem mais complexa tem um papel menos importante: a aplicação prática atribuída a modelos e teorias atômicos, com os quais a nossa química alcançou sucessos práticos tão grandes, também não corresponde à verdadeira construção complexa do átomo, e muito menos dos procedimentos bem mais complexos na formação das moléculas. (Fundamentar a estrutura das formas hereditárias das classes e ordens seria uma tarefa bem mais digna para a ciência do que este moderno correr atrás e fazer profissões de fé sobre teorias bobas sobre macacos!)

Se o hidrogênio se une com o cloro para as moléculas de cloreto de hidrogênio ou o hidrogênio se une com o oxigênio para as moléculas de água, então é necessário que o hidrogênio possua ambas as disposições, tanto para a união com o cloro quanto para a união com o oxigênio. Mas, todavia, somente uma destas disposições consegue chegar à formação da molécula.

O mesmo acontece com os seres vivos. Determinadas genéticas sempre estão disponíveis, mesmo que não consigam chegar a uma formação visível. Se elas se desenvolvem apenas de forma parcial, mas não chegam a afetar a imagem total do ser vivo, então os especialistas falam de “membros rudimentares”. Com isso se quer dizer membros que, em outra composição do material genético e da fôrma genética, poderiam chegar a uma formação completa. Mas então jamais poderia surgir o ser para quem atualmente este resquício de membro é próprio. Tudo isso, e ainda mais, resulta claramente do modelo das fôrmas genéticas. Desse modo, sempre acontecerá: de mutações surgidas de relações não naturais ou de resquícios de membros que normalmente aparecem jamais pode ser derivada uma “ancestralidade”!



## O CONCEITO DE “EVOLUÇÃO ASCENDENTE”

Todas as razões que a teoria da evolução apontou para uma evolução ascendente se mostraram completamente inapropriadas. Mesmo sobre as características que indicam uma evolução ascendente parece que reinam muitas incertezas. Sob o pretexto de uma melhor adaptação às condições de vida — conforme mencionado anteriormente —, essas razões não podem ser encontradas. Nenhum ser vivo que tenha surgido posteriormente está mais bem adaptado do que os primeiros unicelulares, especialmente os vegetais. Somente estes possuem a capacidade de conseguir seus alimentos de matérias minerais, da água e do ar. Apenas eles são “autônomos” no sentido estrito. Tudo o que surgiu mais tarde se constrói sobre esse fundamento. Sobre suas costas repousa todo o ramificado aparato vital dos oceanos e aquíferos, assim como da terra, já que sem bactérias do solo também o crescimento de plantas é impossível.

A parte principal naturalmente sempre recai sobre os oceanos. Dos 510.000.000 de quilômetros quadrados da superfície terrestre, 365.000.000 são povoados por tais unicelulares moradores dos oceanos e por outros pequenos seres vivos, os plânctons marítimos, como são denominados todos estes pequenos seres. É quase impossível de medir a gigantesca quantidade que lá vive. Estas estruturas chegam a estar a 400 metros de profundidade ou mais!

Incrível é sua força de reprodução — e também é necessário que assim seja — para poder satisfazer todos os seus consumidores e, apesar disso, ainda manter a linhagem. A reprodução por fissão, que predomina nos seres inferiores, se completa ininterruptamente em resultados tão rápidos, que, para o *Noctiluca*, foi calculada uma descendência de mais de milhões — por cabeça — no decorrer de poucos dias. De acordo com pesquisas recentes, a cada 100 litros de água do oceano

aparecem cerca de 77.000.000 de pequenas plantas (algas), cerca de 1.600.000 animais primitivos e 17.000 animais flutuantes mais organizados.

Estes pequenos seres vivos sobreviveram durante exatos 1,5 bilhão de anos e irão sobreviver ainda. E mais: apesar de seu número astronômico de gerações, eles não conseguiram se “adaptar” a repentinas mudanças de temperatura.

Entra ano, sai ano, as correntes marítimas geladas se chocam com as quentes e se misturam, mas o mundo vivo não: ele morre! Nestes lugares, uma ininterrupta corrente de cadáveres se perde nas profundezas. Por que nesse sentido não se forma, “sob a pressão das condições”, a capacidade de suportar esta mudança de temperatura? Porque eles, assim como em todo lugar, morrem sem conseguir tirar proveito das experiências vividas para seus descendentes.

Agora vamos entender as razões teóricas do desenvolvimento a partir dos seus fundamentos filogenéticos: por que supostamente estes seres não estavam satisfeitos com sua sorte? Por que se esforçaram para evoluir?

Uma melhor adaptação às condições de vida dos que possuíam estes primeiros unicelulares vegetais e uma evolução nesta direção são impensáveis, pois eles já estavam presentes quando nada havia e continuam ainda hoje, apesar de todos os outros seres vivos também existirem!

Sob esta perspectiva, a resistência dos unicelulares e de outros animais inferiores (infusórios) jamais será novamente alcançada por seres mais evoluídos. Suas formas permanentes, que se originaram fora da água, podem ser levadas pelo vento como pó ou permanecer onde estão, até que a umidade que estimula a vida seja novamente encontrada, e, com ela, aquilo que aparentemente havia desaparecido, desperta, iniciando nova atividade. Uma evolução ainda maior nesta direção, nas características que estes seres já apresentam, é igualmente impensável.

Cada ser vivo, sejam plantas vermes, moscas, aves ou outros, está “adaptado” ao ponto de ser vantajoso e útil para sua vida. Não é mais proveitoso ser uma rosa ou um bolor. Mesmo as formas mais antigas dos anemófilos em determinadas relações possuem muitas vantagens no que diz respeito aos entomófilos “superiores”. O vento é capaz de levar o pólen por cerca de 150 quilômetros. Ainda que uma fecundação a uma distância destas seja pouco possível, de qualquer forma a abrangência deveria

ser maior do que nas entomófilas, que estão restritas ao seu entorno. Que o fato de estarem dependentes de outros insetos poderia ser melhor é pouco explicativo. Por meio da extinção dos insetos, também este grupo de plantas iria cair por terra.

De forma semelhante são as relações com outros seres vivos. De que adiantaria ao verme se ele tivesse braços ou uma racionalidade superior? Ou ao peixe se ele possuísse patas de cavalo? Ou ao gato se possuísse uma capacidade reprodutiva igual à dos unicelulares?

Para a minhoca, ter membros exteriores somente seria um estorvo e a ameaçaria em sua luta pela existência. De igual modo, conhecimentos sobre a teoria da relatividade também não lhe trariam vantagens: em suas reflexões sobre a teoria, ela iria frequentemente se esquecer de suas obrigações necessárias à vida. Da mesma forma esclarecedora é que, para o peixe, uma transformação de suas nadadeiras em pernas não o ajudaria. Mas um gato que fosse agraciado com uma maior capacidade de reprodução estaria fadado à decadência. Uma gigantesca descendência iria em pouco tempo devorar todos os seres vivos comestíveis e, com isso, eliminar seus próprios fundamentos de vida: depois de alguns anos não existiriam mais gatos.

A “evolução” não pode ser encontrada numa melhor adaptação nem tampouco numa maior reprodução. É perceptível que cada complexidade na estrutura dos seres vivos traz consigo uma diminuição de sua capacidade de procriar. Nos seres unicelulares chega-se a uma astronômica cifra de reprodução; peixes também desovam centenas de milhares de ovos; anfíbios e répteis, que apareceram mais tarde, já são bem mais modestos; a maioria das aves e dos mamíferos possui uma cifra de reprodução relativamente menor; bem por último vem o humano, cuja geração seguinte demora em torno de 40 anos até surgir a próxima. O mesmo ocorre no mundo vegetal. Entre os cogumelos, por exemplo, o bovista produz nuvens inteiras de “sementes” (esporos); lírios já são bem mais modestos.

Então talvez a “evolução” deve ser procurada numa maior duração da vida? Também isso não confere. A longevidade depende de várias condições. Animais inferiores vivem ao longo de várias gerações. Árvores podem existir durante centenas de anos, mas o número de suas gerações não vem a ser tão grande, pois demoram muito para chegar a florir, como pode parecer à primeira vista. No mundo animal, alguns répteis atingem uma idade bem avançada; também algumas aves têm

uma vida longa. O papagaio, por exemplo, sobrevive ainda depois de 80 gerações. Os humanos chegam, na melhor das hipóteses, até a geração dos bisavôs.

Mesmo se se levar como base a duração de vida por anos e dias — uma conta que em certa medida representa uma “ilusão de ótica” —, os seres humanos nesta relação estão bem abaixo de outros seres vivos. Por este motivo, a duração da vida não pode ser determinante para uma evolução superior.

Que o tamanho também não pode ser o determinante está claro, senão a baleia seria o ser vivo mais evoluído, com a qual os humanos nem de longe poderiam competir. Já mesmo no interior de uma classe, as diferenças de tamanho são gigantescas. Nos unicelulares, a relação é de 1:3000 ou mais. Nas aves também há uma grande diferença entre o colibri e o avestruz. Nos insetos, uma oscilação entre espécies que mal podem ser vistas a olho nu e as de 70 centímetros. Semelhantes contradições se encontram entre os mamíferos, o camundongo *Micromys minutus* e a baleia, etc.

O desenvolvimento de pernas igualmente não pode ser o que define uma evolução, pois então a centopeia seria a criatura mais evoluída. As asas também estão excluídas, pois os homens não as possuem, as aves possuem duas e os insetos quatro delas!

Ou então o determinante para a evolução ascendente deveria ser os olhos? Alguns crustáceos, aranhas e insetos possuem cinco, mas o humano somente dois. E se se tratar da medida da força da visão, então os humanos não conseguirão competir com aves de rapina! O olfato e a audição também se excluem completamente, pois nesta relação os humanos estão bem abaixo, até mesmo do cachorro e dos insetos!

Fala-se de mamíferos “placentários” altamente evoluídos como animais que conseguem parir seus filhotes já formados, ao mesmo tempo que se contempla os marsupiais — entre os quais os filhotes depois do nascimento ainda permanecem nas bolsas para receber a formação completa, como animais mais “primitivos”. Talvez esteja nisso a chave para o entendimento?

O caracol do pântano *Paludina vivipara* dá à luz filhotes vivos já com o invólucro; algumas espécies de répteis e peixes são vivíparos e até mesmo insetos também não se excluem. Além disso, esta característica não é uma conquista dos tempos

mais recentes: já há cerca de 130 milhões de anos, portanto, muito tempo antes dos primeiros “mamíferos verdadeiros”, já havia peixes vivíparos (por exemplo, o *Undina penicillata*), que provavelmente já viviam muito antes, só que isso foge ao nosso conhecimento. Uma capacidade que também aparece em seres inferiores não pode ser considerada evolução ascendente. Somado a isso, como contraprova, pode-se citar que também existem mamíferos que põem ovos.

A partir desta breve comparação fica nítido e claro que uma evolução ascendente não deve ser procurada unilateralmente em determinada expressão corporal. (Quem ainda não acredita nisso deveria visitar os internos de um manicômio). Todas as novas formas que sacrificaram, cada vez mais, capacidades até então importantes, acabaram sendo inferiores a formas mais primitivas em mais de um aspecto. Mas, como compensação, foram agraciadas com outras capacidades com melhor eficiência. E sempre o que foi beneficiado num lado ocorreu em detrimento de outro.

Aos infusórios e às sementes de plantas que suportam todo tipo de ressecamento — nesse sentido — não há nada mais valioso a ser compensado. Insetos conseguem sobreviver intactos na forma de casulos durante anos difíceis, que exterminariam tudo o que vive. (Em parte, esta capacidade própria, mesmo em situações normais, de não deixar eclodir todos os casulos, mas apenas um percentual, é considerada uma “estratégia de garantia”. A eclosão dos restantes vai sendo adiada ao longo de cinco anos). Pólipos devem ser tão resistentes, que exemplares cortados em pedaços crescem novamente e se tornam animais completos. Répteis e peixes (enguia) possuem também uma vida resistente incomparável com qualquer ave ou mamífero. A resistência do gambá é conhecida por todos que já atiraram nele. “Resistente como um gato” aqui não é correto; ele não se iguala de forma alguma com este marsupial.

O piolho somente precisa de algumas semanas para seu desenvolvimento; já o rato, de meses, e o humano necessita de uma infância e de uma juventude muito longas para seu desenvolvimento.

Também não se pode explicar nada com a ideia de “domínio” ou de “devorar ou ser devorado”. Certamente alguns já tentaram construir uma escada de etapas: unicelulares animais comem unicelulares vegetais; unicelulares animais são comi-

dos por seres vivos pequenos organizados; peixes e outros animais se alimentam desses seres vivos menores. Herbívoros da terra se alimentam de plantas terrestres; o humano se alimenta de ambos e domina o mundo vegetal e animal.

Infelizmente este belo cálculo não confere! O humano ainda está muito distante de dominar todos os seres vivos da Terra e, de acordo com todas as previsões, jamais dominará. Talvez isso seja bom assim.

Apesar de todos os esforços, o inço cresce, o pão embolora, o leite estraga, a manteiga fica rançosa, as batatas apodrecem, os insetos devastam a colheita e a plantação inteira, os mosquitos perseguem os humanos, chupam o seu sangue e podem levá-lo ao desespero. Nem mesmo a melhor espingarda pode ajudar contra este pequeno inimigo. Pragas assolam seu rebanho, fungos do fogo e da ferrugem ameaçam suas plantações. Assim, a luta não é somente por sua alimentação mas também por sua própria vida.

Noite e dia o humano está exposto ininterruptamente a ataques que são conduzidos contra ele por pequenos e minúsculos seres vivos (bactérias, bacilos, entre outros). Somente em constante defesa ele pode se manter em vida. Ai dele se abrir uma brecha na defesa de seu corpo! Doenças graves, senão a morte, podem ser a consequência! Certamente o humano aprendeu a vencer algumas lutas contra estes pequenos inimigos (difteria, varíola, entre outros), que antes eram fatais. Apesar disso, milhões de pessoas ainda morrem na batalha contra estes agressores, que são ridiculamente muito pequenos, de modo que nem mesmo podem ser vistos com os melhores microscópios! Nem sequer sobre um resfriado o humano domina; ele vem e vai quando bem entende; sem falar da tuberculose e de outras enfermidades; muito menos consegue impedir que seus dentes “estraguem” na boca com o corpo ainda em vida. Enquanto anda assim em luta constante contra os microrganismos, por outro lado, ele necessita de determinados tipos de bactérias intestinais para a manutenção de sua digestão: mas o que acontece se fosse declarar uma “greve geral”?

Todo respeito pelo grande saber, mas sobre domínios humanos ainda não se pode falar. Assim, este conceito não serve como parâmetro de “evolução ascendente”. Também na relação “devorar ou ser devorado” não é melhor. Se se quiser deixar valer este ponto, os unicelulares teriam de ser a criatura mais desenvolvi-

da, pois eles ameaçam e eliminam cada ser vivo superior, sejam plantas, animais ou humanos.

Bactérias — e ainda outros seres vivos pequenos — são os que dominam o mundo! São eles que coletam o nitrogênio do ar e possibilitam o surgimento da vida vegetal. Sem o trabalho de outras bactérias nada iria se decompor, e a Terra estaria coberta por cadáveres. Bactérias — mesmo que de formas diferentes — podem trazer a morte para todos os seres vivos! O bem e o mal estão aqui bem próximos um do outro.

Assim, essencialmente restam ainda a razão e as capacidades mentais, que de certa forma poderiam desempenhar um papel importante como determinante.

Os primeiros unicelulares vegetais encontraram os oceanos e a Terra praticamente sem vida — somente bactérias coletoras de nitrogênio deviam ter vivido antes deles —, necessitando antes de tudo uma gigantesca capacidade de reprodução para povoar os espaços vazios. Capacidades mentais eram quase que supérfluas. Era suficiente que essa capacidade somente conseguisse regulamentar a fissão. (Como capacidades mentais, não se concebe apenas o ler e escrever ou o entendimento de uma sonata!) Mais tarde, quando apareceram os unicelulares animais, eles encontraram os mares já povoados por unicelulares vegetais. Para sobreviver, já necessitavam de uma capacidade mental um pouco maior. Era necessário poder ao menos reconhecer o contato com seus alimentos e poder comê-los. Este “mais” no que se refere à capacidade mental só pôde acontecer às custas de uma diminuição das cifras de reprodução. Mas isso era de importância vital, pois um animal equipado com a mesma capacidade de reprodução iria se sobrepor aos seres vegetais e acabar com eles, com isso enterrando sua própria possibilidade de existência.

Os crustáceos, que surgiram mais tarde, por exemplo, precisavam de uma capacidade mental maior ainda. Eles já necessitavam, entre outros, poder reconhecer seus parceiros e apresentar uma certa “moral” para evitar cruzamentos. O preço para isso era, por exemplo, um maior tempo de desenvolvimento e uma menor capacidade de reprodução.

O que acontecia naquele tempo é tão grandioso quanto o tão admirado surgimento dos mamíferos. Entre um unicelular e um rotífero, ou entre um rotífero e um crustáceo existem tantas diferenças quanto entre répteis, aves e mamíferos!



Quando apareceram os primeiros animais vertebrados na estrutura de peixes cartilaginosos, que ainda hoje possuem representantes, já deve ter se passado em torno de um bilhão de anos desde o aparecimento dos primeiros unicelulares. Estes peixes necessitavam possuir maiores capacidades mentais do que todas as formas que existiam antes deles: agora já precisavam caçar seu alimento! Menor ainda foi a capacidade de reprodução e mais longo o tempo de desenvolvimento.

No mesmo ritmo destas transformações na flora e na fauna marítima também se passaram grandes transformações na terra. Chuva, ar e luz solar, frio e calor haviam decomposto rochas, montanhas e formado aquilo que, em geral, se denomina solo. Acontecimentos semelhantes dos ocorridos há 1 bilhão de anos no mar, daqui pra frente aconteceram também na terra. Bactérias do solo e outros pequenos seres vivos — algo em torno de 100.000.000 em uma grama! — enriqueceram o solo com nitrogênio e construíram os fundamentos para a prosperidade da vida vegetal. Musgos e líquenes surgiram e colonizaram a Terra. Samambaias, cavali-nhas e palmeiras cresceram: ergueu-se a floresta que deu origem ao Carbonífero.

Então apareceram os primeiros insetos. Destes ainda não se exigia muito. Era suficiente que se acasalassem e desovassem em solo pantanoso, que havia por toda parte, na floresta. Inimigos naturais praticamente não existiam. Só havia uma condição especial: precisavam saber voar, o que foi adquirido às custas da capacidade de nadar bem. Mais tarde apareceram os répteis e os anfíbios. Espécies predadoras tinham de saber caçar suas presas, herbívoros tinham de poder se evadir das perseguições. Dessa forma, de ambos era exigida uma capacidade mental maior do que até o momento havia. Novamente isso foi adquirido às custas das cifras de reprodução.

Os mamíferos verdadeiros, que surgiram 150 milhões de anos depois, tinham de dividir o espaço vital com as formas já existentes e, apesar disso, poder se afirmar; quer dizer, eles precisavam superá-los em capacidade mental e força. As condições de existência passaram a ser mais duras. Animais terrestres foram obrigados a se proteger de predadores de suas próprias espécies e daquelas dos grupos de répteis e aves. Aves necessitaram se proteger, dentro do possível, de representantes predadores de seu próprio grupo e do grupo dos mamíferos, dos répteis e até mesmo de insetos. Mas entre os indivíduos de determinado grupo — assim como já antes — precisavam existir diferenças no que se refere à capacidade mental. O rato não é

tão “inteligente” quanto o gato; por isso sua capacidade de reprodução não precisa ser tão baixa como a do gato. A mesma relação existe entre o pardal e a ave de rapina. Naturalmente isso não acontecia tão simplesmente, a ponto de uma parte de reprodução ser trocada por uma parte de inteligência.

Bem no final apareceu o ser humano num meio ambiente hostil. Frio, calor e chuva, predadores, cobras, parasitas de diferentes espécies e uma flora selvagem dificultavam sua primeira existência. Nenhuma pelagem aquecedora para se proteger contra as intempéries do clima, sem garras e sem mandíbula defensiva ou outro tipo de defesa corporal contra predadores: nada disso lhe foi dado. Pelo contrário: para piorar, à esta escassez se juntou ainda um longo período de infância. Mas algo que equilibrou substancialmente lhe foi oferecida a capacidade mental que fez sombra a tudo o que até o momento existia. Mas também neste ponto a natureza se mostrou — como em todas as outras capacidades de todos os outros seres vivos — extremamente econômica na distribuição: os Hotentotes, que surgiram num clima quente, não receberam a mesma pressão para a criação nem a alta capacidade mental das espécies humanas surgidas nas regiões temperadas. No moldes europeus, eles não precisaram da agricultura e por conseguinte também não foi necessário esforço para tal. A natureza lhes deu, por assim dizer, espontaneamente, tudo o que precisavam. O humano surgido num clima temperado recebeu, como contraposição a um mundo duro, a pressão para criar e, com isso, a capacidade mental que lhe possibilitou usar as forças da natureza a seu favor, mas ele também era mais exigente que seu colega Hotentote! O humano surgido no extremo norte, que somente se alimentava de caça e pesca, igualmente não precisou desta pressão para a criação; a capacidade para a matemática avançada também não lhe era necessária, já que ele nunca iria utilizar competências deste tipo. Para ele o principal era a modéstia e a resistência da desolação e do frio, e isso ele recebeu.

Desde o início foi inconfundível o esforço da natureza para a criação de seres vivos aptos à vida, dotados de altos talentos mentais. Não sabemos por que foi dada tanta importância a isso. Não era necessário à vida, pois as mais irracionais espécies de bactérias podem, com sua reprodução em massa e, conseqüentemente, com sua grande população, eliminar o mais inteligente dos humanos. Mas para isso deve existir alguma razão profunda, localizada no sobrenatural. O solo foi preparado

para isso durante milhões de anos; os seres vivos foram sendo criados aos poucos. Tudo isso, visto puramente pelo lado da vida terrena, não é compreensível; aponta com inabalável consistência para o espiritual que envolve o universo e, assim, para o além sobrenatural. Por meio disso se entra no campo da religião.

Apenas quando tudo estava preparado até os menores detalhes é que apareceu o humano: mas não para se entregar à doçura de não fazer nada, e sim para igualmente viver sob as duras regras que valem para todos os seres vivos, sejam eles vegetais ou animais: “Lute e cuide-se ou morra!”



## O TEMPO ATUAL OBSERVADO “MAIS TARDE”

Deixe-nos apresentar um relato imaginado de uma revista do ano de 80 milhões depois de Cristo e vejamos o que as pessoas relatam sobre os dias atuais. Lemos:

“Depois de tão ricos resultados das escavações na Eurásia, sobre os quais informamos constantemente nossos leitores e que comprovam inquestionavelmente a antiga existência de muitas espécies de humanos, seguiram-se as importantes escavações do Sr. Prof. Dr. Legeispneleu na África do Sul.

Em virtude dos últimos achados, pode-se seguir claramente a ancestralidade dos primeiros estágios da humanização, recuando até o macaco. Esta é uma das descobertas mais importantes do novo humano de nossa época e a mais bela comprovação de nossa extremamente genial teoria da ancestralidade comum.”

Certamente a partir de achados mais antigos não restavam mais dúvidas entre os círculos especializados de que nós descendemos dos humanos e ignoramos os pré-novos-humanos. Com estes grandes novos achados, podemos reconstruir a linha sem lacunas de nossos ancestrais, ligando um após o outro. Mas a última comprovação para a genial conclusão de nossa ancestralidade do macaco ainda estava faltando. Aqui se mostra claramente como estamos em superioridade mental sobre todos os humanos antes de nós. O Sr. Prof. Dr. L. explica detalhadamente os resultados de sua pesquisa na maravilhosa obra “A Ancestralidade do Novo Humano” e assim nos permitiu apresentar o mais importante no artigo que segue. Ele escreve:

“Depois das novas pesquisas pode ser considerado comprovado que o berço do novo-humano está na África do Sul. Lá os vestígios possibilitam seguir claramente a ancestralidade desde os primeiros estágios até o macaco. Uma discussão sobre a questão: ‘descendemos dos macacos’ hoje não pode mais existir, pois cada pesquisador e humano pensante somente tem uma resposta afirmativa.

Apesar de todos os ricos achados, ainda havia uma abertura no lado dos macacos. Esta agora está preenchida. O fato de ainda não poder apresentar ‘in natura’ o animal intermediário entre o macaco e o humano primitivo, que seria o último elo da corrente, não altera em nada estas descobertas. Mas isso em breve poderá ser possível e é somente uma questão de tempo. Teoricamente a forma dos hominídeos já pode ser calculada e estabelecida exatamente. E isso é o principal, pois sucesso do esboço desenhado é a melhor comprovação da existência do ser desenhado!

As dificuldades encontradas por nossa pesquisa estão principalmente no fato de que toda a África (Central e do Norte) — antigamente florescentes áreas de terra com cultura elevada — está hoje submersa pela água do oceano. A exatidão dessa perspectiva, há tempos por nós defendida, é comprovada pelo motivo de que o mundo animal de ambos os territórios, tanto África quanto Eurásia, na época, apresentavam grandes semelhanças. Nenhum animal sem asas teria sido capaz de percorrer os 3.500 quilômetros de água entre os continentes.

Dos animais existentes em ambas as localidades, cito apenas os seguintes: cavalo, bovino, ovelha, cachorro e gato. Especialmente a existência de pequenos insetos sem asas, por exemplo, pulgas, apontam claramente para uma antiga ligação por terra. Mas também animais com asas, como abelhas, moscas, galinhas, etc., jamais poderiam atravessar uma tal distância de água.

Uma prova ainda mais importante é a proximidade do nível cultural dos humanos na África do Sul e na Eurásia. Foram encontrados, por exemplo, instrumentos de vidro que eram rotulados com o nome de ‘garrafas’ e com a mesma forma encontrada em diferentes lugares. Mas também instrumentos em forma de disco feitos de ouro, chamados de relógios, que, com certeza, serviam para fins religiosos, apresentam em ambos os continentes formas semelhantes. Infelizmente seus interiores estão completamente destruídos, mas, mesmo assim, se encontram pedras preciosas perfuradas dentro deles. Também as chamadas ‘lâmpadas’, instrumentos de vidro de pouca espessura com um fio de metal bem fino dentro, cujo significado ainda é um mistério, são encontradas na mesma forma por toda parte. Mesmo nos objetos de argila e porcelana também se encontra grande semelhança.

Infelizmente as ferramentas não podem mais ser reconstruídas. Estas devem ter sido produzidas por um metal totalmente inapropriado, que não resiste às in-

fluências do ar e da umidade. Este atraso nesta importante área provavelmente é devido a uma redução das partes de cérebro correspondente. Em contrapartida, as ferramentas dos pré-novos-humanos — mas que na África do Sul ainda não aparecem — são bem conservadas. E mesmo as ferramentas da chamada “Idade da Pedra” foram construídas com material mais duradouro.

A arte da confecção das ‘garrafas’ deve ter sido muito mais antiga, pois até foram encontradas ao lado de um esqueleto de chimpanzé, o qual portanto também devia ter dominado essa técnica. Nesse sentido, isso é mais admirável que o humano ainda não pôde apresentar nada de melhor e continuou a usar este material quebradiço.

A evolução da humanidade deve ter ocorrido da seguinte forma: a partir de uma espécie desconhecida de macacos, surgiu o macaco-primitivo-humano; deste, surgiu o humano primitivo, que por meio de diferentes estágios chegou até o humano. No aparecimento de cada espécie superior, a antiga se extinguiu. Isso fica bem claro nestes achados na África do Sul: os Bosquímanos deram espaço aos Damara; estes aos Hotentotes; logo, aos Herero e, no aparecimento dos humanos, os últimos desapareceram. Resíduos das tribos, contudo, parecem ter se mantido durante muito tempo, e a pesquisa exata é muito dificultada por meio deste ‘ficar parado na evolução’ de tais ‘grupos de relíquias’. Junta-se a isso ainda o fato de as camadas se misturarem muito. Esta dificuldade se reforça pelo péssimo hábito da época de enterrar seus cadáveres, de modo que na mesma camada apareceram esqueletos de diferentes períodos. Agora, depois que a sequência das espécies foi estabelecida cientificamente de forma teórica, casos de dúvida em torno dos resíduos de ossos das tribos humanas encontradas podem ser, pelo menos em parte, resolvidos.

Parece que o clima na África do Sul não agradou aos humanos. Parece que ele não chegou a uma grande expansão neste local. Os sucessores desta espécie humana migraram provavelmente logo em seguida para as regiões paradisíacas ao norte, povoando toda a África Central e do Norte, e chegaram finalmente à Europa, para povoar também este continente num tempo relativamente rápido. A capacidade de reprodução desta espécie deve ter sido incrivelmente grande, considerando que povoaram densamente não somente toda a África com 30.000.000 de quilômetros quadrados (esta região provavelmente mais densamente, pois

somente poucos emigraram para a não tão favorável Europa), mas também a Eurásia com 54.000.000. Quanto mais ao norte da África, mais fértil era o solo — isso é comprovado pelas amostras do solo da África do Sul: na parte mais ao sul há um deserto; na direção norte, o solo vai ficando paulatinamente mais fértil.

Entre as principais linhagens, há inúmeras transições, de modo que frequentemente é difícil de ordenar corretamente as espécies: mas exatamente essas transições entrelaçadas são um dos argumentos mais fortes da recente teoria da ancestralidade.

Em outros continentes, por exemplo, na América do Norte, a evolução pode ser bem estudada. Inicialmente havia somente uma espécie, chamada de indígenas, mas mais tarde formou-se a partir deles a espécie que comumente chamamos de europeus. A melhor comprovação desta transformação e evolução dos indígenas para os europeus é o fato de que, com o surgimento da nova espécie, os até o momento nativos — quer dizer, os indígenas — se extinguíram.

Como era a aparência de nossos ancestrais? Nesse sentido, pode-se oferecer informações bastante seguras com base nos bem conservados achados. De período a período, cada espécie vai se parecendo cada vez mais com os novos humanos. Como as partes de carne quase nunca permanecem conservadas, uma reconstrução dos tipos é quase impossível. Mas não iremos nos enganar se a cada etapa supormos uma redução do crescimento de cabelos. Esta suposição é reforçada pelos crânios encontrados em Kraxteppelin (Königsberg), os quais permitem claramente reconhecer que no centro da cabeça havia cabelos faltando. Neste tempo, portanto, a transformação para a cabeça calva dos tempos mais recentes já se iniciou por meio da formação da careca.

A impressão de um crânio ainda mais antigo apresenta até mesmo o crescimento da barba. Com certeza quase absoluta, pode-se supor a partir disso que o humano primitivo ainda era totalmente coberto por pelos e que os estágios seguintes, bosquímano, Hotentote, etc., ainda possuíam a barba cheia, que envolvia o rosto inteiro. Na sequência, com a passagem para o humano, o crescimento da barba provavelmente foi diminuindo, até que o europeu somente possuía assim uma espécie de bigode. Com a passagem deste estágio, depois do desaparecimento total da barba, verifica-se a redução dos cabelos da cabeça, os quais ainda lembravam os ancestrais animais. Somente sobre a cor da pele ainda há incertezas, pois até o

humano (europeu) ela deveria provavelmente ter sido uma mistura entre as várias pigmentações da epiderme.

Mesmo que as causas desta evolução ascendente ainda sejam desconhecidas, não há como duvidar do fato de que nenhum pesquisador sério as encontrará. A que transformações até mesmo as plantas são capazes de chegar, minhas experiências com batatas demonstram com impressionante precisão.

Há tempos já não se dúvida mais de um parentesco entre a batata e as trepadeiras, que em parte também apresentam a formação de tubérculos. A questão somente é apresentar a comprovação de que a batata é realmente a forma mais primitiva de todas essas plantas. Aqui entram as minhas pesquisas: se a batata é plantada próxima a uma árvore e se a envolvermos junto com o caule, em um tubo aberto em sua extremidade superior, de modo que ambos se encontrem dentro do tubo, então as forças transformadoras do caule não são desperdiçadas e acabam agindo totalmente sobre a batata. Em consequência desta intervenção, ela formará gavinhãs de 2 a 3 metros. Assim, o primeiro estágio para a trepadeira foi alcançado. Este experimento, que cada pessoa facilmente pode reproduzir, sempre conduz ao mesmo sucesso contínuo. No entanto, é importante ter o invólucro adequado, uma vez que esta é a única forma de as plantas produzirem plenamente.”

Este foi o relato do Sr. Prof. Dr. Legeispneleu. A continuação cada um pode imaginar por conta própria.

Exatamente tão hilariante quanto estes “resultados filogenéticos” agem sobre nós, provavelmente assim também a atual teoria dos macacos agiria sobre as pessoas que “estavam vivendo” na Era Glacial! — claro, se eles tivessem podido ler estes relatos.

### III. A REALIDADE

Infelizmente, é um triste sinal de nossa época que seja necessário dedicar dois terços de nossa força de trabalho para afastar concepções, doutrinas e ideias equivocadas, antes de entrarmos propriamente na tarefa de explicar os verdadeiros fatos, devido a um método de trabalho científico fundamentalmente enganoso, que teorizou tudo e nunca deu a atenção devida para a experiência e para os conhecimentos práticos, procurando resolver exclusivamente por linhas de raciocínio aquilo que somente pode ser explicado levando em consideração a experiência prática. Esse método, que priorizou o confortável “estudo literário” antinatural em oposição à bem mais cansativa atividade de pesquisa, acabou juntando uma montanha de ruínas e lixo, lascas e aparas em quase todas as áreas — seja nas ciências naturais, seja na religião —, de modo que é necessário um esforço muito grande para primeiramente afastar este obstáculo desnecessário e poder partir para o trabalho prático.

Falas de autoridade, dogmas religiosos, opiniões preconcebidas, ideias equivocadas, tudo isso, aliado a um assustador desconhecimento em muitas áreas vitais, atrapalha a descoberta do real conhecimento: inicialmente é preciso afastar as heresias antes que a verdade possa ser ensinada.

Atualmente, quando se lê qualquer obra, encontra-se nela habitualmente, para grande espanto, não uma representação própria das coisas, mas sim, na maioria das vezes, uma quase inacabável sequência de citações sobre opiniões de pessoas supostamente referências sobre tal assunto, que igualmente construíram suas opiniões baseadas em opiniões de outras “grandes” referências, com opiniões formadas previamente: lê-se que Sr. S. se pronunciou desta forma sobre determinado ponto; Sr. N. escreveu isso; Sr. X. escreveu aquilo, e assim por diante, seguindo no mesmo ritmo. Como se o fato de os Senhores S., N. e X. terem se pronunciado no mesmo sentido que o autor acerca de determinadas questões fosse a melhor comprovação de que o ponto de vista em questão é o correto.

Assim, o método de trabalho atualmente é analisar obra por obra para obter uma ideia geral, comparar opinião contra opinião e por meio de uma linha de raciocínio chegar ao que poderia ser o correto, mas a maioria das pessoas, via de regra, não veem que, em cada caso, somente é possível chegar ao verdadeiro conhecimento por meio da própria experiência baseada em fatos.

Cada época tem sua opinião, cada pessoa tem sua própria opinião, mas somente a realidade nos permite saber o que disso pode estar correto!



## 1

# FATOS SEM MAQUIAGEM

As rochas acessíveis mais antigas apontam para uma idade de 2 bilhões de anos, de acordo com as conclusões mais recentes. No período de 1 bilhão de anos que segue a isso, não foram comprovados até agora vestígios de vida orgânica. As antigas camadas, transformadas e deformadas por erupções vulcânicas, devem ter destruído todo o resto, caso realmente tenham existido. Por isso não há esperança de encontrar vestígios de vida nesta camada de tempo, quer dizer, no período arcaico ou primitivo.

Apenas no Eozoico, como é chamado o período de tempo entre 1 bilhão até 675 milhões antes de Cristo, encontram-se vestígios inequívocos da vida orgânica. Aqui não aparece uma “forma primitiva”, a partir da qual — conforme nos ensina a teoria — vão evoluindo, uns após os outros, diferentes grupos e formas de seres vivos. Não, pelo contrário, já nesta época existiam as mais diferentes espécies e, em parte, filos altamente organizados do mundo vivo em toda sua riqueza e diversidade!

Aqui é de se levar em consideração que nós conhecemos apenas uma microscópica pequena parcela das espécies existentes na época. Pode muito bem servir de comparação o fato de que, do período terciário para a Era Glacial, somente é conhecido cerca de um milésimo das espécies de insetos existentes na época. Se nosso conhecimento sobre o passado não tão distante já é tão lacunar, então nosso conhecimento em relação a um tempo que está tão distante, a bilhões de anos, é muito menor.

Ainda assim, sabemos da existência de celenterados, equinodermos, vermes, crinoides articulados da época primitiva. Deste período também já é conhecido o mais antigo depósito de carvão com uma enorme costura de antracito de 2 metros, localizado na Finlândia. Sua origem ainda é inexplicada. Novamente um dos muitos mistérios que ainda precisam ser desvendados. Outra característica

é a existência de duas eras glaciais já naquele tempo. Por certo, neste período geológico, a deformação das rochas, causada por erupções vulcânicas, exterminou muito do que restava do mundo vivo. Mas também muito disso, que permaneceu conservado, se tornou tão irreconhecível, de modo que em muitos casos não se pode mais discernir se uma pequena depressão, um pequeno nódulo e outras impressões na superfície das rochas realmente foram provocados por seres vivos ou são formações casualmente surgidas por ações químicas ou pressão.

As forças do interior da terra devem ter atuado de forma incomum naquele período e no seguinte. Erupções massivas de vulcões com aquele poder quase não aparecem mais nos períodos posteriores. A potência dessas erupções é evidenciada também, entre outras, pelas correntes de lava que foram encontradas em camadas de 10 quilômetros (!) de altura no Lago Superior na América do Norte.

O grande período geológico seguinte, o Paleozoico ou Idade Antiga, vai até 225 milhões antes de Cristo e é subdividido em mais subcamadas.

O primeiro recorte, o Cambriano, parece ter sido um tempo de paz. Quase todas as formas animais são pequenas; somente entre as várias espécies de trilobitas já existiam seres gigantes que chegavam a meio metro de comprimento. A maioria das espécies de trilobitas eram cegas. *Trichopteras* apareceram, mas que animais ainda se encontram dentro dos longos cones ainda não se sabe. Braquiópodes surgiram, assim como vermes que apresentam grandes semelhanças com as espécies atuais. Crustáceos representavam o estágio superior da vida naquele tempo. Ainda assim já havia no período diferentes espécies de invertebrados. Neste momento não se percebe nada de transformações; os seres já apresentavam formas mais ou menos especializadas. Ao todo, eram em torno de 1000 espécies diferentes conhecidas; destas, 300 somente de trilobitas.

O segundo recorte, o Siluriano, é subdividido em dois subperíodos, cujo respectivo mundo animal é diferente. Depois do primeiro recorte deve ter ocorrido uma era glacial. As formações montanhosas silurianas foram ao longo do tempo diminuindo; por isso é difícil de decifrá-las. No primeiro período deve ter reinado um calor constante e abaixo dos 80 graus de latitude ainda existiam recifes de corais. A magnitude das formações silurianas alcança os 9.000 metros. Linguieirões (peixe navalha) apareceram e se mantiveram até os tempos atuais. Foi o perío-

do principal das trilobitas, das quais em torno de 1400 espécies são conhecidas. Ao contrário das formas cegas do período cambriano, apareceram nesta época trilobitas com grandes olhos reticulados que apresentavam até 15.000 unidades de facetas. No segundo subperíodo surgiram, como primeiro representante de vertebrados, os peixes cartilagosos com e sem armadura óssea. Também eles apareceram logo em diferentes espécies, sem antes formar um “peixe primitivo”. Como outra novidade vieram os crustáceos gigantes, os escorpiões e as centopeias. Braquiópodes eram encontrados em grande número (cerca de 2500 espécies são conhecidas). Ao todo, sabemos da existência de cerca de 10.000 espécies animais do período siluriano.

O recorte seguinte é chamado devoniano. De acordo com minerais devonianos, pôde ser atribuída ao recorte intermediário deste tempo geológico, por meio da radiologia, uma idade de 340 milhões de anos. A magnitude das camadas chega até 6.000 metros. É o período principal dos peixes com armadura óssea, que eram representados em muitos gêneros. Um deles, o *Pterichthys milleri*, já foi elevado, pelos teóricos da ancestralidade comum, à categoria de “elo de transição” entre o peixe e as aves, devido à sua barbatana peitoral com armadura óssea alongada, de modo que, por algum tempo, os peixes também possuíam sua ave-primitiva. As primeiras plantas terrestres que apareceram eram criptógamas vasculares da classe *Psilophyta*, plantas de crescimento herbáceo, rastejante. No final do período devoniano, o mundo vegetal já tinha crescido ao nível das grandes florestas do Carbonífero: havia samambaias e seus parentes, cicadáceas, *lycopodiophyta* (cavalinha), etc., na maioria das vezes aparecendo já em formato parecido com o das árvores. O período devoniano certamente foi o mais importante para o surgimento do mundo vegetal. Trilobitas já se encontravam em extinção. Também os braquiópodes estavam regredindo — somente cerca de 1400 espécies deste período são conhecidas (atualmente vivem somente 150 espécies!) Aparecem os terebratulidas, que ainda hoje estão amplamente difundidos. Corais de quatro pontas, tabulatas, braquiópodes, goniatitas, *Clymenias* igualmente existem.

O período duplo seguinte, o Carbonífero-Permiano, é difícil de ser separado de uma forma nítida e é melhor analisá-lo em conjunto, pois eles representam uma era revolucionária na geologia. Neste momento, surgiram os gigantescos depósitos de carvão na Terra. Novamente atividades intensas do interior do globo. Incríveis formações montanhosas resultaram disso no meio deste período. Entre outros, foi

formado o Ural. No Carbonífero, reinou um clima constante de calor, até mesmo nas regiões mais altas. Apareceram os primeiros insetos. Mas não a partir de um “inseto primitivo”, e sim logo em quantidades de ordens idênticas às existentes atualmente, das quais já nos são conhecidas 18. (Nosso mundo de insetos conhecido atualmente é composto por 33 ordens.) Algumas espécies chegaram a medir meio metro de comprimento e tinham uma abertura de asas de  $\frac{3}{4}$  de metro. *Fusulines* do grupo dos foraminíferos apareceram de forma massiva e, depois, no período permiano, novamente se extinguíram. Lírios-do-mar estavam em florescência; aranhas se expandiram. Os primeiros anfíbios apareceram em alguns gêneros estranhos, que, assim como também o mundo vegetal daquele tempo, foram extintos. Do mesmo modo, surgiram isoladamente os primeiros répteis.

No período permiano ocorreu uma nova era glacial, que se estendeu para a Índia, África do Sul, Austrália e para o Brasil. Por que justamente nas regiões quentes surgiu uma tal era glacial é um dos pontos mais obscuros e completamente inexplicados deste tempo. O resultado disso é a extinção das florestas do Carbonífero e do mundo de insetos e outros seres vivos típicos deste ambiente. Na sequência se desenvolveu um novo mundo vegetal.

Novamente começou um novo grande período geológico, chamado Mesozoico ou período intermediário, que se estendeu de 225 milhões até 60 milhões antes de Cristo. Este período é dividido em três subperíodos, cada qual ainda ramificado em várias partes.

No primeiro subperíodo, o Triássico, os *lycopodiophyta* (cavalinha) e as samambaias recuam em favor das cicadáceas (numa grande riqueza de formas) e das plantas angiospérmicas e de sementes nuas” (gimnospermas). Se os dentes encontrados neste período realmente pertencem a marsupiais, ainda é questionável. Os primeiros amonoides apareceram em diversas formas. Do mesmo modo, dinossauros marinhos, lagartos de rios, “dinossauros amedrontadores” (*Schreckenssaurier*) e dinossauros semelhantes a crocodilos, mas com uma constituição bem diferente da do período seguinte, o Jurássico. Tartarugas terrestres também surgiram. Espécies de répteis superiores com mandíbulas idênticas às de mamíferos viveram nesta época.

O período que se segue é chamado de Jurássico. A zona de calor vai até a faixa dos 70 graus de latitude. Foi o tempo principal de florescência dos amonoides,

belemnites e répteis. Ictiossauro, plesiosauros, pterossauros apareceram. Mas os grandes lagartos predadores iriam desaparecer lentamente no meio deste período, sem surgir espécies novas em seu lugar. Os primeiros vestígios seguros de marsupiais estão presentes. Os primeiros peixes vertebrados e aves (*archaeopteryx*) também surgiram neste momento.

O período seguinte, o Cretáceo, significou a era revolucionária do mundo vegetal. A Terra recebeu uma nova roupagem. A florescência a encheu pela primeira vez. Plantas decíduas apareceram, as quais são parentes próximas dos choupos, bordos e loureiros. Neste tempo não surgiu uma “árvore-decídua-primitiva”, mas sim diversas formas de uma vez só! Os dinossauros se extinguíram. As plantas angiospérmicas deslocaram as anteriores, as gimnospérmicas. Registram-se inundações em escala mundial (dilúvio) e a formação mais acentuada de zonas climáticas. É o período das conchas rudistas e das formas de dinossauros terrestres como o iguanodonte, entre outros, assim como das diferenças mais nítidas entre o mundo animal do norte e do sul. Quase no final deste período desapareceram os rudistas, os amonoides e os belemnites.

A sequência agora é o Cenozóico ou o período novo, que é dividido em uma série de subperíodos.

O primeiro deles é o Terciário, que novamente representa um período revolucionário: a superfície terrestre foi novamente transformada essencialmente. Alpes, Cárpatos, Cáucaso, Himalaia, Cordilheira do Atlas, cordilheiras e montanhas surgiram. Parece que todas as forças da Terra estavam em movimento. Árvores decíduas se expandiram. Os primeiros mamíferos genuínos apareceram sem ter tido um “mamífero primitivo”, do qual teoricamente apenas bem mais tarde teriam evoluído os demais. Neste momento não surgiu somente um grupo de mamíferos, mas uma grande quantidade, embora nem todas as formas até agora tenham sido encontradas.

Logo no início já havia predadores, ungulados, prossímios, entre outros. Pouco mais tarde, com o aumento do calor — as zonas das florestas decíduas eram na época as zonas polares! —, apareceram outras formas e animais semelhantes aos cervos. Nos oceanos surgiram em quantidades incríveis os nummulitas, dos quais hoje somente existe um único gênero. Mais tarde, depois da mudança climática

— agora subtropical —, ainda apareceram animais semelhantes a antas, animais com verdadeiros cascos fendidos e animais com membranas interdigitais entre os dedos. O mundo dos insetos já possuía as características atuais. Novamente entraram em ação as forças do interior da Terra. As cadeias de montanhas de nossos continentes acumularam-se; tudo parece ter sido revirado. Imensos terremotos devem ter sido percebidos. Depósitos de carvão marrom se formaram. Com a continuidade do resfriamento do clima, apareceram os animais com probóscide e ruminantes que têm galhadas e os que têm chifres, os verdadeiros ursos e os típicos felinos. Da mesma maneira, as formas pequenas entre as aves, como os pequenos falcões, papagaios, etc., já existiam. O clima ficava cada vez mais frio; ao mesmo tempo surgiu um mundo animal que é semelhante ao atual: cervos, antílopes, antas, gazelas, porcos, rinocerontes, hipopótamos, hienas, cachorros, ursos, leões, macacos, etc. Os primeiros probóscides se extinguíram, e o elefante apareceu em seu lugar. A morte pelo frio marcou o final deste período geológico.

Com o dilúvio ou a Era Glacial, começava o período quaternário. O frio se expandiu por toda Terra. Na Alemanha, reinava um clima como se o polo norte se localizasse a 20 graus, na Escandinávia. Na América do Norte, a camada de gelo era ainda maior. Mesmo os Andes e os gigantes vulcões na África estavam cobertos de gelo. Nas regiões livres de gelo, já vivia o humano (somente o Neandertal e outras espécies foram encontradas) durante toda a Era Glacial. Nas regiões afetadas pela glaciação e cobertas pela massa de neve, o mundo animal e vegetal sucumbiu. Esta era glacial deve — provavelmente com interrupções — ter se estendido de 800 mil até 15 mil anos antes de Cristo. Todos os achados até o momento, que se referem aos humanos, indicam que também em tempos mais antigos devem ter existido mais espécies e raças.

O período seguinte é chamado de Aluviano ou contemporaneidade. Nas regiões liberadas pelo gelo, um novo mundo vivo foi aos poucos avançando. Mas ondas de frio limitaram por vezes o avanço e eliminaram os extremos que avançaram demais. Ao mesmo tempo, com a expansão humana, muitas espécies animais e vegetais se extinguíram e ainda se extinguem.

Desta curta exposição pode-se perceber que, em determinados intervalos de tempo de calma, as forças do interior da Terra entraram em ação de forma incomum,



de modo que, ao mesmo tempo, gigantescas montanhas apareceram e na sequência ocorreu um passageiro resfriamento do clima, uma era glacial. Ao mesmo tempo que aconteceram estas catástrofes, que frequentemente reduziram significativamente o mundo vivo, quando não o eliminaram completamente, surgiram formas diferentes. Também devem ter acontecido formações de cadeias antes das eras glaciais. Neste intervalo ainda se percebe períodos com muitas inundações. Mesmo nas oscilações do clima e na formação das zonas climáticas pode-se reconhecer uma certa uniformidade. No mesmo momento em que se verifica as formações de montanhas silurianas e a era glacial, apareceram os primeiros vertebrados. No período arcaico desta era devem ter surgido os braquiópodes, entre outros. Na formação de montanhas do período carbonífero-permiano e da Era Glacial surgiu um mundo vegetal completamente novo como também novas formas de vertebrados e, concomitantemente com a formação de montanhas do período terciário e esta era, surgiu o humano. Sempre que ocorrem transformações na superfície da Terra também ocorrem transformações na fauna e na flora. Estes períodos, considerados revolucionários da natureza, estavam sempre entre uma grande inundação, com uma formação de montanhas, e uma era glacial que se seguiu.

Mesmo que este tipo de acontecimento tenha se repetido diversas vezes e mesmo que se volte tanto a tempos mais antigos, os seres vivos recém-formados sempre aparecem — sejam eles animais ou vegetais — imediatamente em uma grande riqueza de espécies; jamais surge inicialmente uma “forma primitiva”, a partir da qual as demais vão paulatinamente surgindo!



## 2

# SEM PLANO ESTRUTURAL, NÃO HÁ MUNDO

Um olhar na natureza sempre enche os humanos incultos de espanto e temor. Se se contempla o gigantesco número de espécies de plantas, assim se reconhece que cada espécie isolada deste grande grupo está adaptada de forma especial a seu lugar e suas condições de vida. O capim pode sobreviver, sendo capim, tão bem como a árvore sobrevive como árvore. Também não há vantagem em ser planta anemófilas ou entomófilas, mas ambas são construídas de forma a poder sobreviver no ambiente em que estão inseridas.

E ainda mais! Para cada espécie vegetal que depende de polinização de insetos também existe o inseto apropriado para esta função. Este, por sua vez, tem sua existência assegurada pela planta em questão, que fornece o néctar e o pólen que serve de alimento para o próprio inseto e sua ninhada. Por outro lado, a planta não é capaz de gerar sementes sem a polinização realizada por ele: um interfere no outro, um depende do outro.

Os herbívoros, entre os animais, dependem do alimento fornecido pelas plantas; dos insetos dependem os insetívoros, que por sua vez alimentam os carnívoros. Animais que são expostos a uma perseguição mais forte também se reproduzem com maior rapidez para que sua existência esteja assegurada. Já os predadores não se reproduzem tanto quanto suas presas, caso contrário, iriam eliminar os herbívoros e, com isso, enterrar suas próprias condições de vida.

As plantas espalham tantas sementes quanto são necessárias para sua manutenção: o *Galanthus*, poucas; Bovistas, em contrapartida, espalham nuvens de sementes. Carvalhos crescem mais lentamente do que choupos, mas possuem em compensação uma vida mais longa. Plantas perenes que brotam cedo, as chamadas flores da primavera, armazenam antecipadamente o alimento para o inverno, mesmo

sem nunca ter ouvido, presenciado nem nunca ter visto e sentido o frio. Insetos, por exemplo, as abelhas, fazem a mesma coisa, embora a maioria nem vá viver o inverno para o qual estão coletando, e as abelhas que o vivenciam não poderão coletar para o inverno subsequente.

Nas aves migratórias desperta a tempo hábil o desejo de migrar, embora estejam vivendo em cativeiro distantes de seus iguais e nunca tenham visto as regiões distantes, para as quais querem migrar, sem mapa ou bússola. De igual modo, sabem o momento de retornar, mesmo sem possuir um calendário. Aves sabem o tempo certo que é mais vantajoso para elas construírem seus ninhos, da mesma forma como o fazem os mamíferos e até determinados peixes.

Insetos preparam as construções apropriadas para eles. A vespa predatória carrega presas, imobilizadas por seus ferrões, para o ovo colocado, embora nunca tenha visto a larva que posteriormente eclodirá e, por isso, na verdade, não pode saber se necessitará deste alimento. Lagartas se encasulam ou se penduram em determinados locais procurando facilitar a eclosão das borboletas. As que vivem no interior do bambu já fazem uma abertura para a eclosão que permite a saída da borboleta, e deixam uma pele externa bem fina, que as borboletas conseguem facilmente abrir, servindo também como proteção e camuflagem. E, mesmo assim, nenhuma lagarta tinha visto uma borboleta antes.

A borboleta, por sua vez, deposita seus ovos somente em plantas que podem servir de alimento para a lagarta que eclodirá dos ovos. A vespa parasita se esforça — em determinadas espécies — para, com seu ferrão ovipositor, penetrar na madeira dura até espantar a larva de um inseto que vive ali e colocar seus próprios ovos neste buraco. Como a vespa parasita sabe que precisa procurar a espécie de larva justamente neste local? E mesmo assim seria tudo em vão se a natureza não lhe tivesse dado o referido ferrão.

Acredita-se poder explicar estes acontecimentos como “instintos” e, desse modo, passa despercebido que isso nem sequer é uma explicação, nem sequer é um conceito sobre cujo significado se pode ter “consenso”! Até hoje isso não passa de uma ilusão científica, embora prática, mas sem valor, por trás da qual se esconde a própria ignorância: brilho exterior, mas internamente vazio.

Mas de onde, afinal de contas, vem esse famoso instinto? A formação filogenética progredindo lentamente, passo a passo, de geração em geração, de um tal instinto jamais chegaria ao objetivo, porque a primeira geração que filogeneticamente ainda não pode possuir tal instinto não poderia deixar descendentes.

Quase todas as obras das ciências naturais falam com intensidade do “instinto”, mas ninguém é capaz de explicar este conceito místico (misterioso). Com essa explanação, percebe-se que pessoas que querem banir qualquer “mística” constroem toda sua doutrina com base em mística!

Esta perspectiva teórica, alheia à natureza, prefere não atribuir um agir racional aos animais (vertebrados, crinoides articulados, conseqüentemente invertebrados), mas a ciência necessitou criar um substituto para o agir racional do mundo animal que em toda parte era perceptível: desse modo, tudo o que de agora em diante acontece neste mundo somente ocorre devido ao “instinto”.

Devido a ele, o gato caça o rato, as abelhas armazenam o alimento para o inverno, as aves migram para o sul, a borboleta desova, o coelho foge, a perdiz se agacha, o besouro procura proteção. Devido ao “instinto” os casais se encontram, as aves chocam, os mamíferos cuidam de seus filhotes, a lagarta tece seu casulo, a ninfa de libélula já rasteja cuidadosamente para a terra para eclodir. Por ação do “instinto”, as aves confeccionam artificialmente seus ninhos, as abelhas constroem células e favos, animais escavam suas tocas, os cupins empilham seus gigantescos ninhos. Por “instinto” as formigas têm uma vida familiar em sociedade, a raposa se tornou solitária, lobos caçam em alcateias. Por “instinto” ecoa o chamado de alerta, os pássaros ecoam cantos pelo ar, o galo atrai sua galinha. Por “instinto” o cachorro pula de alegria ao redor de seu dono, o gato ronrona satisfeito no colo da dona de casa. Por “instinto” todo cachorro recebe envergonhado a repreensão e, com alegria, o elogio.

A razão parece agora supérflua. Os acontecimentos mundiais são explicados cientificamente, de forma incontestável, pelo instinto: o humano age “racionalmente”, os animais “instintivamente”. Porém, chegar a esta falácia pode ser tudo menos um elogio para a “razão”.

Assim foi e sempre será: tão logo se adiciona uma palavra estrangeira a algo inexplicável, parece como se estivesse tudo “explicado”. O superficial não percebe que

por trás de cada palavra estrangeira, na maioria das vezes, se esconde a ignorância, pois senão sua utilização nem seria necessária.

Cada pessoa normal logo compreende o que leva cada animal a agir. Não é algum “instinto” maravilhoso que obriga a máquina animal a uma ação mecânica que neste momento é necessária, mas sim, como ocorre nos humanos, há um impulso inato natural que se esforça em seguir a razão existente dentro das possibilidades de cada espécie: a ação é direcionada racionalmente ao objetivo apontado por esse impulso!

Somente o grau de interação entre esse impulso e a razão é diferente nos humanos e nos animais: nestes, prevalece o impulso; naqueles, a razão. Mas esse impulso não precisou se formar “filogeneticamente” a partir de uma sequência ancestral: cada dom conferido ao ser está estreitamente ligado ao respectivo impulso de utilizá-lo corretamente e, em contrapartida, cada capacidade já aponta o caminho para esse impulso!

Mas o impulso somente é capaz de apontar o caminho, e somente a razão é capaz de conduzir as ações! Quanto maior a competência da razão, tanto maior será sua liberdade em conduzir as ações, mas tanto maior também se torna o perigo do equívoco mental. Quanto mais poderoso o impulso, tanto mais ele irá dominar no sentido de dar os comandos para as ações racionais e tanto maior será o perigo do impulso não alcançar seu objetivo. O impulso certamente é capaz de poder levar o ser a se alimentar, contudo, sem um agir racional, certamente a sopa se derramaria no caminho do prato para a boca.

Desse modo, a enguia é impulsionada ao mar para a desova, e o salmão sobe os rios com o mesmo objetivo. Todos sabem seu local adequado e também possuem a capacidade de chegar até ele. Com este propósito, o salmão é capaz de superar grandes cachoeiras com fortes correntes, assim como pequenas quedas d'água, mas sempre precisa estar a caminho do objetivo, o qual é estabelecido pelo impulso. A razão conduz as ações dentro das condições disponíveis ao salmão.

Seja água, pântano, terra, floresta, campo ou mar, cada tipo de ambiente contém o mundo vivo adaptado especialmente para o respectivo ambiente. Cada ser vivo isolado está adaptado de forma especial à sua forma de vida. Quem consegue correr rápido, não consegue voar; quem consegue voar bem, não consegue correr

bem. Quem tem uma boa visão, não possui um olfato apurado. Quem é ágil na água, não o será em terra. O desenvolvimento de qualquer capacidade necessária para a vida está sempre às custas de uma outra que para esta criatura não é tão importante. Nesta relação, o verme está tão bem equipado para sua luta pela existência quanto o humano. Se não fosse assim, ele não mais estaria existindo atualmente. Determinante para o verme é progredir na terra ou, de acordo com a espécie, também na água; é encontrar o alimento e manter as cifras de reprodução para a manutenção da espécie. Mas isso não serve para todos os seres vivos. As capacidades mentais dos humanos seriam um empecilho para outros seres vivos, mas para o humano elas são vitais e um pressuposto para o cumprimento de suas tarefas nos acontecimentos mundiais.

Os vegetais estão presos a seus locais, mas possuem a capacidade de obter seu alimento a partir da luz, do ar, da água, do Sol e dos minerais. Animais e humanos não conseguem se alimentar de puros minerais; dependem de proteínas vegetais — também a proteína animal vem, em última análise, das plantas. Por isso receberam a capacidade de movimento, mas se tornaram dependentes dos vegetais. Eles iriam imediatamente se extinguir se os vegetais, mesmo que temporariamente, desaparecessem! (Determinadas plantas e também outros seres vivos pequenos conseguem sobreviver em suas sementes ou em seus estágios de formas duradouras (criptobiose) aos anos desfavoráveis, enquanto todos os outros seres vivos são eliminados. Mais tarde, afastado o perigo, estes despertam para uma nova vida. Sementes de rabanete selvagem, por exemplo, conseguem permanecer no colo da terra durante 40 anos sem perder sua força de germinação.)

Este equilíbrio da natureza, às vezes, é temporariamente perturbado por circunstâncias especiais, que tornam inativas as relações determinantes da reprodução. O resultado disso é uma incrível reprodução do ser vivo em questão. Os habituais inimigos naturais existentes não conseguem mais conter o excesso. A impressão que se tem é que tudo parece ser inundado. Mas para casos deste tipo também há providências. Chegando ao auge deste desenvolvimento, fortes medidas combativas entram em ação. O excesso populacional é eliminado, mais rápido do que surgiu, pelo desenvolvimento desproporcional de parasitas (especialmente em insetos) e acima de tudo por pestes, para cuja disseminação a alta densidade populacional é ideal. Nos insetos pode demorar entre 3 e 4 anos até que as condições normais sejam reparadas.

Desse modo, no período do florescimento do bambu, que ocorre somente a cada 30 anos, no intervalo de um ano, os ratos\* se reproduzem de forma tão incrível, que mesmo durante a luz do dia eles caminham por aí colocando perigosamente a colheita e a semeadura em risco. Em grandes quantidades, invadem as casas e por toda parte causam grandes prejuízos. Gatos e outros predadores não conseguem fazer nada contra estes indesejados. No auge desta praga, quando o calor do verão chega e, com isso, ocorre também a disseminação de doenças, então começa a morte dos ratos. Por toda parte eles se encontram mortos e logo o equilíbrio original é refeito.

Somente desta forma e de outras parecidas, de tempos em tempos, o equilíbrio da natureza é temporariamente perturbado e restabelecido: a natureza não funciona de acordo com as lições da doutrina do caos, que explica as perturbações e sua reestruturação por meio do surgimento e da eliminação de corpos “inapropriados”!

Mas não somente animais e plantas, quando analisados como um todo, deixam transparecer com espantosa clareza a harmônica combinação de todas as partes da grande comunidade da vida; cada integrante isolado está adaptado da melhor forma possível. Isso também é percebido quando analisamos um a uma combinação das partes isoladas dos corpos dos seres vivos, sejam eles vegetais ou animais.

Em sua estrutura, cada flor é de tal forma equipada, que está amplamente adaptada à possibilidade de fertilização por meio de um polinizador específico — seja vento, inseto ou vertebrado. Cada semente é de tal forma constituída, para que aconteça a expansão prevista por meio do vento, da água ou de animais. Cada célula da complexa estrutura possui uma tarefa específica que está adaptada exatamente às condições do respectivo ser vivo.

Em todo crescimento de uma planta isolada reina igualmente a concordância: mas onde está o cérebro que tudo guia? Se não existisse um centro organizacional, por exemplo, as células iriam crescer “no livre jogo das forças”. Assim um lado da árvore ou da planta iria se desenvolver mais rapidamente do que o outro, etc.

Cada semente contém alimento armazenado necessário para alimentar cada plantinha até sua autossuficiência. Por sua vez, por meio de pelos, aromas, paladar,

---

\* A população principal dos ratos na região do rio Uruguai (Sul do Brasil) em tais anos eram os *Akodon fuliginosus*.

espinhos, venenos, entre outros, a planta em si é protegida de seus inimigos e de determinadas influências que podem ser prejudiciais.

Também nos animais e humanos cada membro do corpo está localizado onde é mais vantajoso. Isso nos parece tão óbvio, mas não o é de forma alguma. Somente partindo do pressuposto de um projeto prévio é que se pode compreender isso; jamais por meio de uma formação casual, de uma mutação, etc.

Quantas casualidades realmente casuais seriam necessárias somente para a formação de um olho! Mas não estaria resolvido somente com a formação. De que adiantaria se tivéssemos os olhos atrás ou na ponta dos dedos? Num desenvolvimento casual seria necessária a formação em todos os possíveis membros corporais destas estranhas criaturas. Então, teoricamente, a seleção natural somente teria deixado os indivíduos isolados que tivessem o olho ou outra parte do corpo casualmente no lugar apropriado. O mesmo teria acontecido com braços e pernas, assim como com todas as outras partes do corpo, caso fosse assim como a teoria ensina.

Mas nós renunciamos a uma tal evolução casual, porque um tal acúmulo de casualidades ocasionalmente corretas, no local casualmente correto, no tempo casualmente correto, parece improvável demais para o entendimento humano e para a capacidade mental normal. Então, com isso, cai o fundamento de toda doutrina da evolução, da ancestralidade comum e do caos!

Teorias e ideias podem agir construtiva ou destrutivamente: depende se forem corretas ou falsas. Elas podem não somente levar áreas de trabalho para as alturas ou para as profundezas como também conduzir povos inteiros para a vida ou para a perdição.

A pesquisa é, em grande medida, influenciada por teorias, o que também se verifica nas ciências naturais. Ainda hoje ela está — e felizmente apenas ela — na esteira da teoria da evolução e de outras estruturas teóricas semelhantes. A natureza nos é apresentada a partir do espelho de distorção do darwinismo, do lamarckismo e de outros “ismos”. Mas esses “ismos”, dependendo de sua qualidade, também podem exercer uma influência muito prejudicial sobre as capacidades mentais, como o conhecemos a partir do morfínismo, do cocainismo, entre outros.

Certamente é adequado que as ciências naturais se libertem de falsas teorias e somente levem em consideração o que realmente existiu e existe; senão há o perigo de se chegar num ponto em que a classificação das espécies já se encontra, quer dizer, no caos.

Todas as teorias, seja o darwinismo, o lamarckismo ou afinismo, começam com a vida já existente, partem do pressuposto de uma criação ou surgimento único da vida, mas querem deixar o mundo à mercê do acaso. Suas explicações nunca foram capazes nem de chegar perto de afastar o véu que está sobre a origem da vida, apesar de toda pompa de seus defensores. Se as moléculas nos átomos, estes nos elétrons, e assim por diante, são “divididos”, isso não nos aproxima nenhum passo da origem de todas as coisas, mesmo que estes trabalhos isoladamente possam ser muito valiosos: no lugar em que há algo conhecido, se acrescenta um pouco de desconhecido; assim se amplia o conhecimento, mas o surgimento da última partícula, apesar de tudo, ainda permanece no escuro, como antigamente era a origem da célula.

Procura-se a todo custo a “explicação” na casualidade, sem contudo poder renunciar a um poder criador, mas o “moderno” especialista evita pronunciar isso abertamente e, em oposição, prefere até mesmo atribuir a isso nomes longos que soam muito cultos, mas que — mesmo sem querer — dizem a mesma coisa. A “moderna” direção procura, de uma forma ou de outra, reduzir esta força criadora, necessária e assumida — e mesmo que alguns prefiram chamar de acaso, em vez de criador. A teoria concebe essa força criadora como sendo utilizada somente uma única vez, como sendo suficiente, na época, para gerar uma gosma viva em unidades microscópicas: tudo o que se segue depois não passa de um jogo de acasos.

Assim algumas vezes nos é oferecida uma imagem vergonhosa: seguindo o modismo, a pesquisa pretende evitar o conceito “místico” de Divindade. E o que o modismo faz? Em lugar da Divindade, rapidamente nos é apresentado outro conceito “místico”, o de acaso. Assim ele pede a todo mundo que faça o mesmo.

Mas o que é o acaso? Se o alçapão cai na cabeça de alguém, isso ocorre por “acaso”. Mas como “governa”? Está sujeito a regras ou ele mesmo faz as regras? Até onde sei, a pesquisa, até agora, esqueceu de explicar o conceito de acaso que ela tanto aplica!

Se um tijolo cair no nariz do teórico, isso é puro acaso ou é a força de atração e a quebra do equilíbrio do tijolo, quer dizer, é um acontecimento relacionado a regras? A propósito, o homem somente poderia entrar na rota do tijolo caindo graças à sua capacidade de movimentação. Sem as regras (ou, como se disse até agora, leis) da gravidade, da atração, da insistência, da movimentação, entre outras, jamais este “encontro” poderia ter acontecido. Mas esse encontro também ocorre — ao contrário das regras dos adoradores do acaso — bem regularmente ou, como se dizia antigamente, de “acordo com as leis”: sempre que o teórico passar no mesmo lugar, no mesmo horário e na mesma situação (portanto, quando estiver caindo um tijolo) com a mesma inclinação da cabeça, ocorrerá este encontro; quem não acreditar, que faça o teste! Um acontecimento “seguindo as leis” num mundo regido pelo acaso seria uma tal contradição, que nenhuma arte de pensamento poderia lhe dar algum sentido!

Mesmo aquilo que chamamos de acaso somente é possível pela junção de situações regidas por regras num mundo encadeado por planos!

Sem regras, leis e planos nos acontecimentos, uma libra de manteiga hoje teria um peso e amanhã seria diferente; um objeto em determinada situação seria mole, outra vez seria duro, numa situação cairia para baixo e outra para cima, etc. Nenhum humano pode imaginar um mundo construído sem planejamento. Alguém com suas faculdades mentais normais ainda pode acreditar que o mundo vivo — como ensinam aqueles teóricos — tenha surgido sem plano, sem regras e sem objetivos?

Da mesma forma como não pode surgir uma casa amontoando-se tijolos ao acaso sem algum projeto ou, de forma semelhante, não pode surgir um automóvel, assim também não pode, de um encadeamento não projetado, surgir um átomo a partir de elétrons; de átomos, uma molécula; de moléculas, uma célula; e das células, um humano!

Sem uma força ordenadora, sem um projeto estrutural, nada além do caos pode surgir, mesmo já estando prontas as peças para a construção. A direção “moderna” apresenta para isso a melhor prova nas publicações de suas “próprias diretrizes”. Graças a esta perspectiva já reina o caos em determinadas áreas e — em oposição à teoria da ancestralidade comum — somente haverá uma certa estrutura racional, se pessoas razoáveis conseguirem retirar as coisas boas e úteis deste lixo e lastro que foi

produzido. Os trabalhos posteriores precisam ser ordenados seguindo projetos mais proveitosos. Mas isso pressupõe uma “mudança de atitude” em muitos sentidos.

É urgente que cada pesquisador em sua área específica não se esqueça do todo. De sua área de trabalho, a partir de sua escrivaninha, ele frequentemente deve olhar para cima, para a distância infinita do universo, deve tentar recuperar a conexão perdida com a natureza. Então ele entenderá que a natureza não necessariamente é regida pelas leis teóricas e ideias por ele inventadas, que ele pode pesquisar as leis naturais, mas não legislar, pois que tudo não gira em torno dele.

À noite, um olhar para o céu estrelado deve lhe tornar visível a sua insignificância e a imensa grandeza da força criadora, indiferentemente se o portador desta força for Deus ou a toda-poderosa e onisciente força primitiva. Então irá reconhecer que as leis naturais do universo não foram feitas sob medida para a Terra, mas são válidas para todo os poderosos espaços mundiais. E também verá que sem um projeto, sem uma força estrutural desse projeto, a construção do universo, mesmo a construção de um átomo, é impensável e impossível: por milhares de vezes temos diariamente diante de nós provas de que, sem um plano e um objetivo, nada de aproveitável pode surgir. Mas os apóstolos do acaso ainda estão devendo a prova de que seu acaso é todo-poderoso: acreditamos mais em provas do que em teorias vazias!

Quem deitar seu olhar, liberto de teorias alheias à natureza, sobre o incontável mar de estrelas, irá reconhecer — caso não seja completamente indiferente ou cético — que não se pode falar de uma força criadora que tenha agido somente uma única vez, como a teoria da ancestralidade comum pressupõe para o nosso mundo: nada no universo e nos acontecimentos da natureza aponta para uma singularidade!

Somente nossa Via Láctea conta com 35.000.000.000 de sóis. Quantos planetas ainda estão neste sistema permanecerão eternamente desconhecidos, pois são invisíveis? Cada um destes sóis, ou estrelas fixas, está tão distante um do outro, que sua luz demora de 5 a 10 anos para chegar a seu vizinho mais próximo! Como a luz percorre uma distância de 7 vezes e meia a circunferência da Terra por segundo, isso realmente é uma distância quase incompreensível. Da mesma forma deve ser citado que a luz do Sol demora mais do que 8,25 minutos para chegar até a Terra.

E mesmo assim, por mais que os humanos, com seus modernos telescópios e outros meios, avancem analiticamente no incomensurável espaço estelar, os corpos celestes encontrados sempre possuirão uma e a mesma natureza — exceto alguns pequenos detalhes especiais. Em toda parte, os acontecimentos ocorrem na mesma forma e na mesma regularidade.

Desse modo, em torno de outros sóis, assim como em torno do nosso, que apenas é um anão entre eles, movimentam-se terras e planetas, nos quais surgem e desaparecem vidas. De acordo com o mencionado acima, há espaço suficiente entre as estrelas e os sóis para tais mundos.

Conhecemos inúmeros aglomerados de galáxias\* (sistemas solares) cuja luz, que hoje podemos ver, foi produzida há 170 milhões de anos, portanto, no tempo em que somente havia dinossauros e enquanto os mamíferos e nosso mundo vegetal ainda não existiam. Apenas vamos poder ver com nossos telescópios e meios semelhantes daqui a 170 milhões de anos como esses aglomerados atualmente são, e então não saberemos como estes sistemas serão no futuro. O tamanho desses sistemas de aglomerados pode ser entendido a partir de um aglomerado na área do Centauro, que reúne cerca de 3000 galáxias. Dos milhões de galáxias que atualmente conhecemos, mais uma vez, somente uma parte do que realmente identificamos, cada qual é constituída por milhões ou bilhões de “mundos”!

Tudo isso que atualmente reconhecemos a partir dos raios de luz não é o que hoje se apresenta — por mais estranho que possa parecer —, mas como era num passado inimaginável. Nos períodos de tempo neste intervalo, podem ter acontecido catástrofes mundiais de gigantescas proporções: estrelas e planetas podem ter surgido e desaparecido, assim como a vida e a morte na Terra podem se suceder.

Como desde o surgimento dos primeiros seres vivos no nosso planeta (que provavelmente eram seres unicelulares) se passaram cerca de 1500 milhões de anos, deve-se supor que também ocorreram mudanças nas galáxias que nos circundam. Mudanças que talvez tenham influenciado nosso próprio sistema solar e, com isso, as condições de vida na nossa Terra.

---

\* O termo usado originalmente é *Schwärme von Welteninsel*. (Nota do tradutor)

Também sóis (estrelas) não brilham eternamente. O período do brilho de uma estrela, que por sua vez somente representa apenas uma parcela de sua existência, é estimado em muitos bilhões de anos. No interior deste período de radiação há diversas diferenças que vão de uma coloração de luz mais azulada até uma vermelha. Disso se pode concluir diferenças de temperaturas reinantes.

Assim se vê as diferentes “etapas da idade” das estrelas; a própria idade de uma estrela não pode ser verificada por humanos devido à sua vida microscopicamente curta. Por essa razão, com certeza nunca poderá ser decidida a discussão em torno da temperatura superficial de uma estrela ser mais alta quando mais jovem ou quando mais velha. Como exemplo, pode ser citada a Spike com 20.000 graus e a Betelgeuse com 2.600. Entre elas existem os mais diferentes “estágios de transição” e ainda há tipos raros de estrelas, que são mais quentes ou mais frias.

Todas essas estrelas e sóis — embora cada qual possua uma formação com propriedades especiais, de modo que não se encontram duas que sejam exatamente iguais — podem ser ordenados em determinados tipos espectrais de acordo com seu tamanho e com a quantidade de sua radiação. Também aqui é de se reconhecer a regularidade e a existência de um projeto em comum.

Mas até agora os astrônomos ainda não concluíram, nesta área, uma sequência “filogenética” que entende que os semelhantes precisam “descender” de semelhantes e as possibilidades de divisão em “classificação” como uma prova de ancestralidade comum.

As mesmas grandes diferenças que aparecem em seres vivos de classes específicas também aparecem entre as estrelas: entre elas ocorrem gigantes e anões. As maiores diferenças são encontradas na classe das estrelas vermelhas, cujas diferenças de tamanho podem chegar a uma escala de 1:10.000.000!

Cada um que deixa seu pensamento repleto de admiração perambular pelo universo estelar irá considerar como completamente fora de cogitação que esta quantidade de sóis e outros corpos celestes possam ter surgido repentinamente, e, igualmente, da mesma forma repentina, possam num belo ou feio dia ter desaparecido no nada num golpe só. Nesta área, é impensável uma “geração primitiva”, quer dizer, uma formação de unidades materiais a partir de partículas ainda não existentes. Isso é

tão impensável quanto a geração primitiva “científica” de formações vivas a partir de materiais vivos ainda não existentes, quer dizer, de matérias inanimadas!

Na realidade, aqui todas as teorias de escrivadinha “espirituosas” chegam ao fim de sua sabedoria catedrática: o humano não pode imaginar um espaço estelar onde não exista absolutamente nada. Da mesma forma, não se consegue imaginar que algo “material” possa surgir do nada — assim, simplesmente do nada! As “leis naturais” ainda não podem ter existido num tempo em que teoricamente nada havia: naturalmente o mundo não pode ter surgido a partir de leis naturais.

Em vão os humanos batem nas portas que escondem este mistério. Neste ponto, assim como no que se refere ao infinito, para cada porta aberta, os humanos se deparam com uma nova, firmemente travada. Mas uma coisa está clara: as formações materiais que estavam disponíveis em tempos imagináveis hoje não existem mais, e o que hoje existe mais tarde não existirá mais. No entanto, para tudo que desaparece, aparecerá algo novo em seu lugar, e as lacunas serão preenchidas como num círculo eterno. O mesmo estado, que na Terra denominamos de estado de equilíbrio natural, também reina no que se refere às muitas galáxias e sistemas de mundos como um todo.

Para baixo e para cima: a força criadora parece não conhecer limites. Somente a razão humana é limitada. Abaixo do menor sempre há algo menor ainda e, sobre o maior, há algo maior ainda, mas por detrás de tudo está o mistério!

Todas as incontáveis estrelas que podemos ver à noite no céu, assim como também aquelas que não podemos ver, dia após dia, ano após ano, bilhões de anos após bilhões de anos enviam uma gigantesca quantidade de raios de luz, de calor e outras radiações. Mas cada radiação precisa estar ligada a uma perda de massa, por menor que seja.

Uma estrela espectroscópica dupla, a Capela, da constelação de Orion, nos mostra entre outras coisas a quantidade inimaginável de massa “material” que diariamente é lançada no espaço. Esta estrela dupla cuja luz chega até nós em 55 anos possui cerca de 14 vezes o diâmetro do Sol, mas tem somente 7 vezes o seu peso, pois possui uma densidade muito pequena. Enquanto sua temperatura superficial é de 5.000 graus, seu interior é calculado em 7.000.000.

Esta estrela irradia em cada segundo 500.000.000 de toneladas de sua massa no espaço! Se ela continuar a irradiá-la ininterruptamente até o final, sem que uma catástrofe externa a atinja, então somente ainda teria 500 bilhões de anos de vida. A partir da massa irradiada seria tranquilamente possível formar 2.300.000 “Terras” do tamanho da nossa, quer dizer, em conformidade com sua massa. Mas de acordo com a circunferência, desproporcionalmente muito mais. E isso somente a partir de uma estrela! Os artistas do cálculo, se tiverem vontade, podem medir o montante total da irradiação de massa de todos os corpos celestes!

Certamente, as pessoas pensantes devem perceber que não deve haver a menor dúvida de que este tipo de massa, da qual nosso planeta não absorve nem mesmo uma minúscula parcela, quase nada, não foi e nem é ejetado por causa da Terra. Mas na natureza nada é desperdiçado sem objetivo e sem utilidade. Na natureza nada permanece sem utilidade: se as massas estelares podem se transformar em radiação, então, em determinadas condições e pressuposições, deve ser possível que a radiação emitida por estes incontáveis mundos, que estas unidades primitivas de massa de radiação possam novamente se incorporar em novos espaços atingidos.

Certamente está claro: todas as estrelas existentes atualmente, entre elas também nosso Sol, terão em algum momento — mesmo que demore muito — sua radiação extinta. Assim, uma noite escura iria se espalhar sobre todo universo; toda vida, esteja onde estiver, iria se tornar impossível se não surgisse uma nova estrela no lugar da que se extinguiu. Foi concluído de forma inquestionável que realmente novas estrelas surgem. É irrelevante, nesse aspecto, se essas estrelas anteriormente tiveram ou não uma juventude longa em que não brilhavam. De certa forma, os corpos celestes também se “reproduzem” e nesse sentido a radiação desempenha um papel significativo. Não tem nada a ver o fato de atualmente estarmos muito distantes desta constatação. Da mesma forma é evidente que o surgimento e o desaparecimento de plantas e animais ocorre de forma diferente e que não se pode procurar “ovos” e “sementes”.

Mas uma coisa está clara: também este surgimento e desaparecimento não ocorre sem objetivos e planos; isso está fundamentado em objetivo e sentido!

Até onde alcança nosso olhar fortalecido por modernos instrumentos, em toda parte sóis radiantes reinam no abrangente espaço — e deve ser semelhante nas

distâncias mais profundas intransponíveis. Mas também reconhecemos que o criador, em todas as grandezas de sua obra, não levou em consideração a nossa limitada capacidade de compreensão: as distâncias ali reinantes, os tamanhos e as velocidades são incompreensíveis para nós, assim como a lesma não entende a velocidade de um pedestre, caso de fato consiga ter alguma percepção disso.

Parece também ser incompreensível para os humanos o fato de que, pelo menos num espaço mais restrito, quer dizer, até onde nós conseguimos alcançar com nossos mecanismos, reina um projeto único no qual a força criadora, sempre se utilizando do mesmo meio e a partir de relativamente poucos materiais básicos, é capaz de produzir esta incompreensível multiplicidade em grande e em pequena escala.

A luz irradiada dos bilhões e bilhões de sóis se compõe dos mesmos elementos que a luz terrestre. Os sóis, por sua vez, seguindo determinadas regras espaciais, atravessam o espaço como esferas flutuantes iguais ao nosso Sol e nossa pequena Terra. O mesmo ocorre em outros mundos distantes. Dois terços de todos os elementos que aparecem na Terra estão presentes em nosso Sol, mas com isso não se quer dizer que o terço restante também não seja encontrado lá. (A relação entre o Sol e a Terra poderia ser representada como o Sol sendo um globo com um metro de diâmetro, enquanto a Terra com apenas 9 milímetros).

Mesmo para quem gosta de ser convencido por algo mais concreto, a natureza colocou à disposição alguns objetos de estudo. Pedras de meteoros e sideritos são viajantes das profundezas do espaço que são bem apropriados para isso. A quantidade de meteoritos que cai na Terra é estimada em 500 toneladas anuais. De acordo com as pesquisas, em sua constituição, são semelhantes aos materiais terrestres e contêm, entre outros, oxigênio, hidrogênio, monóxido de carbono, ácido carbônico, ferro, silício, fósforo, magnésio, enxofre, cálcio, níquel, cromo, cobalto, titânio e carbono. Sobre seu surgimento ainda reina, como em muitas outras coisas, muita escuridão. A partir da cristalização somente se pode perceber que a formação ocorre por solidificação parcialmente muito rápida e parcialmente muito devagar.

Os elementos lá encontrados já há tempos foram analisados detalhadamente como sendo constituintes de nossa própria Terra.



Em vista disso, é apresentada a comprovação de que também em outros mundos sempre são utilizados os mesmos materiais básicos e que estes seguem um plano e regras, como os nossos o fazem na Terra!

Com isso conhecemos não somente o valor dos elementos, o número atômico, sua estrutura e ligações entre si aqui na Terra: sabemos que tanto aqui como lá, por exemplo, o carbono — concluindo de acordo com suas propriedades — possui a composição de dois elétrons internos e quatro externos, estruturados a partir de um núcleo, assim como é encontrada também em todos os outros elementos uma regulamentação e planificação semelhante. E mais: é certo que os átomos isolados, portanto, as menores partículas dos elementos, somente fazem ligações entre si seguindo exatamente planos estabelecidos. Assim o hidrogênio liga somente um átomo, logo, univalente; o oxigênio liga dois átomos e, de acordo com isso, é bivalente; o carbono abrange quatro e, com isso, se torna tetravalente, etc.

Mas também sabemos que, para uma ligação acontecer, determinadas condições precisam ser atendidas e que na simples mistura dos elementos nada acontece. De acordo com as ligações almejadas, essas condições podem ser bem diferentes. Em condições normais, o carbono e o enxofre jamais irão formar uma ligação, mas se o vapor de enxofre é conduzido por carbono incandescente, assim surge a ligação dissulfeto de carbono. Refrigerantes carbonatados e ácido tartárico se ligam somente se for adicionada água; jamais no seco, com a excreção do ácido carbônico para o refrigerante de ácido tartárico. Alguns elementos até mesmo se unem somente no momento de seu surgimento ou, falando mais corretamente, no momento de sua excreção, a partir de outra ligação: depois de excretados sozinhos, acaba-se com qualquer tentativa de união. Ela pode acontecer em determinada medida somente durante o estado embrionário. Outras, por sua vez, se ligam somente com um terceiro corpo, com o qual nada têm a ver, mas que aqui atuam de certa forma como mediador, etc., etc.

De acordo com suas ligações neste ou naquele ponto, poder-se-ia ordenar os elementos em diferentes grupos — semelhante às classes nas ciências naturais, por exemplo:

1. Elementos que surgem com o oxigênio e os halogênios univalentes, por exemplo: Potássio -  $K_2O$  (Óxido de potássio); Sódio -  $Na_2O$  (Óxido de sódio)
2. Elementos que surgem com o oxigênio e os halogênios bivalentes, por exemplo: Magnésio -  $MgO$  (Óxido de magnésio); Cálcio -  $CaO$  (Óxido de cálcio).
3. Elementos que surgem com o oxigênio e os halogênios trivalentes, por exemplo: Boro -  $B_2O_3$  (Ácido bórico); Ouro -  $Au_2O_3$  (Óxido de ouro).
4. Elementos que surgem com o hidrogênio univalente, por exemplo: Cloro -  $HCl$  (Cloro de hidrogênio);  $HClO_3$  (Ácido clórico).
5. Elementos que surgem com o hidrogênio bivalente, por exemplo: Oxigênio -  $H_2O$  (Água); Enxofre -  $H_2S$  (Sulfato de hidrogênio).
6. Elementos que surgem com o hidrogênio trivalente, por exemplo: Azoto -  $NH_3$  (Amônia); Fósforo -  $PH_3$  (Fosfina).
7. Elementos que surgem com o hidrogênio tetravalente, por exemplo: Carbono -  $CH_4$  (Hidrocarbonetos); Silício -  $SiH_4$  (Ácido silício).

No universo dos materiais inanimados aparecem “características de espécie” e “características de classe” por toda parte, as quais poderiam formar a linha mestra para a divisão sistemática em grupos e subgrupos especiais: Com o mesmo equívoco que ocorre nos seres vivos, neste caso a teoria da ancestralidade comum poderia construir árvores genealógicas, derivar uns dos outros e com isso “fundamentar” sua teoria!

Em laboratórios já foram produzidas mais de 100.000 diferentes ligações carbônicas, entre as quais também a proteína (fórmula crua  $C_{12} H_{19} N_3 O_4$ ), mas todas estas ligações surgem seguindo planos determinados e seguem regras próprias; somente sob determinadas condições podem ser compostas. Apesar deste número incrível de diferentes possibilidades, cada um destes materiais possui um programa de construção “próprio da espécie”, seu próprio plano estrutural.

Se não houvesse esse plano, este acontecimento regrado, então todo o trabalho de nossos químicos seria impossível: toda vez aconteceria algo diferente, mas não o desejado. Da mesma forma como não se pode esperar que se formem palavras ou mesmo frases a partir da mistura aleatória de letras do alfabeto, assim também não surgiria aqui alguma ligação química aproveitável. Quem afirmar o contrário, que prove.

Uma lei geral da seleção baseada numa lei geral da conveniência de nossos teóricos iria trabalhar a vida inteira e, no final, não sobraria nada de aproveitável com este exagero seletivo: o que na verdade representa uma “lei” no mundo regido pelo acaso de nossos teóricos? Nisso mesmo o regimento do acaso devia ser banido deste mundo, pois senão “a liberdade do surgimento” seria novamente colocada em perigo!

No mundo “ideal” de nossos apóstolos do acaso, seriam impedidos todos os procedimentos amplamente conhecidos em nossa vida, até mesmo no nosso corpo. Na sua ausência de regras, ficaria impossibilitada cada cultura, cada vida, até mesmo a formação de materiais inanimados, mesmo a formação dos materiais estruturantes de nosso planeta, inclusive o próprio planeta. Mesmo corpos já formados — caso sua formação tenha sido possível — iriam novamente decair completamente na ausência de regras ou, por outro lado, em oposição de todas as expectativas, desafiaria qualquer tentativa de eliminação.

Sem plano estrutural, por exemplo, os palitos de fósforo — partindo do pressuposto de que tenham em algum momento surgido — somente iriam acender de vez em quando ao serem riscados; outras vezes iriam fracassar completamente ou iriam explodir. Nenhuma lâmpada seria confiável: uma vez utilizariam oxigênio, outra vez azoto. Madeira que queima suavemente, em virtude de uma repentina inclinação ao azoto, iria explodir como dinamite: as peças iriam explodir para os teóricos do caos.

Mesmo os componentes do ar iriam constantemente se ligar a tudo o que é possível e impossível; constantemente uma corrente de novas ligações iria se abater sobre a Terra, que então iria selecionar o pouco que seria aproveitável. Se ainda sobrar algum ar respirável, já é uma outra questão.

Naturalmente, num mundo casual, mesmo nos alimentos consumidos, haveria mais do que 99,75% de inaproveitável, isso se não até mesmo venenos viessem a surgir. Somente o resto poderia, numa probabilidade muito reduzida, formar “casualmente” a correta ligação que então o corpo, depois de uma “lei de conveniência”, poderia “selecionar” para sua estrutura — caso nesse meio tempo não tivesse morrido. Cada um pode imaginar outros exemplos de como seria um mundo sem um plano estrutural, sem regras, sem objetivos, como imaginam os teóricos do caos como sendo ideal.

Mas o plano estrutural, que está presente em todo o mundo, que é perceptível por toda parte, somente é invisível por meio dos antolhos teóricos. Esse plano trabalha, por sua vez, seguindo determinadas regras, mas também está relacionado a determinadas precondições. Somente se essas condições, que para cada caso são diferentes, forem preenchidas, as partes isoladas se juntam para compor o todo almejado.

Assim a análise química concluiu, por exemplo, que a molécula de glicose é composta por 6 átomos de carbono, 12 átomos de hidrogênio e 6 átomos de oxigênio, portanto, a fórmula  $C_6H_{12}O_6$ . Se não houver determinadas precondições para cada plano de construção, ou seja, para a construção de qualquer ligação, então a receita para a produção do açúcar seria muito simples: misturar vigorosamente 6 partes de carbono, 12 partes de hidrogênio e 6 partes de oxigênio, e pronto! Estaria aí o açúcar. Poder-se-ia utilizar a fuligem de chaminé, misturando água (conhecidamente, duas partes de hidrogênio e uma parte de oxigênio), na proporção de 1:3 e se teria uma base muito barata para o açúcar, mas que disso não surge o açúcar qualquer pessoa pode concluir por conta própria.

Será que o plano estrutural de cada molécula talvez tenha se formado por meio de uma incessante “seleção natural” e de uma incrivelmente longa “corrente de mutações” — através de inúmeros “estágios intermediários” e “formas transitórias” — e lentamente progredido de um “ancestral primitivo” até os descendentes?

Ou talvez cada átomo descubra a ligação correta através de seu “instinto”? A “adaptação ao ambiente” talvez tenha produzido a forma correta? Ou será que o “acaso” sempre e constantemente foi o mestre? Nada disso acontece.

Por mais que esbarremos no menor dos detalhes, em parte alguma neste vasto mundo há uma matéria que não possua seu próprio plano de construção: não existe um mundo casual!

As condições para a realização do mesmo plano, quer dizer, para a formação do mesmo corpo, podem às vezes ser dadas de formas diferentes. Ou, dito de outra forma: no plano estrutural de um corpo podem estar previstos vários caminhos bem diferentes, os quais sempre apresentam os mesmos resultados.

Certamente não resta dúvida de que a planta de índigo (*Indigofera tinctoria*), da qual é extraído o corante, tomou um caminho bem diferente para a formação de sua matéria do que a atual construção sintética a partir da naftalina. Também o óleo de amêndoa surge a partir de outros caminhos, diferentemente do caminho seguido pelo óleo artificial produzido a partir do alcatrão de carvão. Da mesma forma o álcool não precisa somente ser produzido a partir da fermentação de materiais que contêm açúcar mas também a partir do carboneto de cálcio. Borracha, óleos, etc. podem ser produzidos também por caminhos diferentes dos utilizados pela natureza, mas jamais estes materiais surgem como um produto aleatório do acaso.

Em consequência a esta relação regrada, sob as mesmas condições, sempre irá surgir a mesma coisa a partir dos mesmos materiais e logo das mesmas misturas de materiais. O fabricante de álcool sempre irá produzir álcool sob as mesmas condições; o fabricante de índigo produzirá índigo, e assim por diante. Sob as mesmas condições meteorológicas sempre acontecerá uma trovoadas, uma tempestade ou chuva. Sob as mesmas condições sempre um átomo de cloro ligado a um átomo de hidrogênio resultará em um novo corpo de ácido clorídrico. O mesmo é válido para todos os outros materiais: se um cristal de neve cair nesta ou em outra Terra, sempre seguirá o mesmo plano; se forma seguindo as mesmas regras: em todo o vasto mundo, não se percebe nada de ações únicas, como sonham os teóricos da evolução com sua “geração espontânea”.

Nenhum átomo, nenhuma molécula surge somente uma vez, mas sim muitas vezes e sempre que as condições o permitem. Mas a partir dessas moléculas se constroem mundos e, do mesmo modo que para os átomos, em relação ao seu surgimento, não existe um “era uma vez”, assim também os mundos não surgem “uma vez”: unicidade somente ocorre na teoria da evolução, da ascendência comum e na teoria dos macacos!

No mundo dos átomos e das moléculas não existe unicidade. Nas mesmas condições surge sempre o mesmo produto, e, em condições diversas, mesmo com os

mesmos componentes, surge algo distinto. Mas para o surgimento de algo pode haver diferentes caminhos, desde que esteja previsto em seu plano estrutural: em toda parte impera a regularidade relacionada a regras, e não o caos.

Não somente no interior dos átomos e das moléculas reina a regularidade, mas também nas estruturas externas das formações por eles constituídas.

Determinadas aglomerações de moléculas — ou, como se diz usualmente, ligações — constituem determinados cristais em formas puras, ou seja, em seu estado sólido e insolúvel: portanto, mesmo ainda no aglomerado de moléculas unitárias — nós, humanos, diríamos, talvez, estados —, já existe um pronunciado plano estrutural de um tipo específico!

De novo as coisas não são singulares: tantas vezes quanto nós dissolvemos e cristalizamos corpos, sempre será mantida a mesma direção. Mesmo unidades novas que são formadas, que nunca haviam sido cristalizadas, que nunca haviam vivenciado isso, já assumem a forma cristalizada característica do corpo em questão. (Certamente não se pode tratar aqui de características herdadas, consequentemente também não de “instinto”). Exatamente com a cristalização, os teóricos da ancestralidade comum e os classificadores das espécies teriam muito a aprender, se olhassem em torno de si! De acordo com sua composição, existem ali corpos completamente distintos que apresentam as mesmas formas cristalizadas; em contrapartida, também há corpos semelhantes em sua composição, com materiais da mesma família, mas que apresentam formas cristalizadas completamente diferentes. Sempre a mesma imagem, seja animal ou vegetal: não se pode concluir “parentesco” a partir da forma externa!

Muitos que acreditam na teoria dos macacos rapidamente perderiam sua fé cega caso se aprofundassem neste assunto.

Também alguns minerais insolúveis se cristalizam segundo um determinado sistema, por exemplo, a fluorita no sistema regular, a calcita no sistema hexagonal, o enxofre no sistema rômico, etc. A quantidade de formas de cristais multiplicada por cristais combinados, como, por exemplo, os que formam berilo e sílica de zinco: neste caso temos a contrapartida das famosas “formas transitórias” e na zoologia dos “animais intermediários” — é uma pena que cristais não geram filhos.

Um corpo também pode contar com diferentes cristalizações, que irão se formar de acordo com as influências ambientais. Assim, por exemplo, o enxofre, numa solução de dissulfeto de carbono, se cristaliza em pirâmides pontudas de quatro lados, mas em fluxo de fusão forma colunas inclinadas; além disso, ainda dispõe de uma forma amorfa, não cristalizada. Neste caso temos a contrapartida da constituição multiforme do mundo vivo: a “adaptação”, que é muito admirada pelos teóricos e nos é apresentada como “prova” da “evolução’ das formas do mar raso e profundo, da planície e das montanhas, aqui encontra sua contrapartida. Só é uma pena que algo assim não possa ser explicado por “mutações” — teria sido tão lindo!

Corpos que não recebem uma forma cristalizada em condições usuais podem conter “rudimentos” para sua formação. Contudo, necessitam, de influências externas especiais para que se tornem visíveis. Da mesma forma, o chumbo pode ser levado à cristalização, formando octaedros como o alúmen.

Mesmo que o surgimento de uma unidade de alguma espécie de corpo (elemento, ligação, entre outros) esteja espacial e temporalmente tão distante, sempre aparecerá na forma específica da espécie em questão, mas não é “parente de sangue” com as outras unidades!

Isso significa que para cada corpo a construção já está previamente definida antes de sua origem!

Cada corpo, tendo ele uma forma cristalizada ou não, portanto, não somente sais e minerais mas também líquidos e gasosos, possui características especiais que o separam de outras ligações parecidas, por exemplo, coloração, peso, solvabilidade, dureza, refração, etc.

Álcool ( $C_2H_6$ ) contém características diferentes da água,  $H_2O$ ; esta, por sua vez, se distingue do ácido sulfúrico  $H_2SO_4$ . Também o não especialista sabe que os três, apesar de representarem líquidos claros, são corpos completamente diferentes. Segundo a linha de pensamento da teoria da ancestralidade, poder-se-ia ordená-los na classe dos líquidos e “comprovar” sua descendência mútua por meio de seus pesos específicos.

Seguindo a metodologia da construção de árvores genealógicas, isso seria uma prova comprovada, mas, apesar disso, todos sabem que os três corpos não têm nada a ver uns com os outros.

Da mesma forma deveria ser conhecido que também gases possuem características de espécie: gás luminário pode ser queimado; ácido carbônico não; gás hidrogênio, que é usado para encher balões, é leve; gás cloro é pesado, etc.

Nesta área podemos diariamente brincar de criadores em miniatura e também o fazemos: em nossas indústrias ocorre a união de milhares de formas atômicas e grupos de átomos unindo-se a outros grupos de átomos, os quais nunca haviam se encontrado antes! Como conseguem sempre formar o mesmo corpo, já que nunca tiveram esta experiência?

Nas fábricas e nos laboratórios — observado em relação ou sob o ponto de vista de um átomo —, estando distantes mundo afora, nas mesmas condições, sempre vai surgir o mesmo corpo com as mesmas características e capacidades próprias da espécie: se for produzido ácido sulfúrico na América ou na Alemanha, ele sempre irá apresentar a capacidade de, entre outros, retirar água de corpos orgânicos — e naturalmente também do ar — e carbonizá-la. Se álcool é produzido no Japão ou na França, em toda parte ele terá a propriedade de embebedar pessoas. Quem não acreditar, que tire a prova.

Aqui não se trata de “capacidade adquirida” ou de “adaptação” adquirida ao longo do tempo nem mesmo de “seleção” da matéria mais capaz à vida. Todas estas tentativas de explicação não têm efeito. Neste caso são revelados visivelmente o que as teorias alheias à natureza não querem reconhecer no mundo vivo ou não querem ver nesse mundo: os planos e as regras da composição e formação já existem antes mesmo de a matéria existir.

Cada uma destas características e capacidades representa, em certa medida, uma genética que já estava determinada no plano estrutural da unidade anteriormente ao seu surgimento! E estes mecanismos tão próprios das espécies e comuns nos seres vivos permanecem como propriedade dos corpos formados, podendo ser considerados, da mesma forma, mecanismos hereditários.

Por exemplo, toda vez que nós diluimos cristais de vitríolo-azul e o recristalizamos, sempre irão se formar os cristais azuis nas formas características deste material. Mesmo se quebrarmos as moléculas, as separarmos e depois as juntarmos, sempre se forma novamente o mesmo material de acordo com os mesmos fundamentos e com as mesmas características. Mesmo se formos pegar os átomos de outro lugar bem distante, se os retirarmos de outra ligação e os ligarmos pela primeira vez neste corpo, sempre resultará a mesma imagem: as capacidades repousam nas partículas antes mesmo de elas se “conhecerem” e antes que for feita esta ligação.

Para observar e reconhecer esta regularidade que rege o mundo todo, não precisamos nos sentar entre retortas e vidros de laboratório: em nosso entorno as transformações e os surgimentos ocorrem diariamente diante de nossos olhos. Analisemos um dos corpos mais difundidos, a água. Todos sabem que ela possui a característica e a capacidade de evaporação, quer dizer, que o ar, de acordo com a temperatura, é capaz de absorver uma determinada medida de moléculas de água, que passa a ser invisível para o olho humano, mas que flutua sobre nós e em nosso entorno. Como o ar frio não é capaz de absorver tantas moléculas quanto o ar mais quente, com o resfriamento, se formam as precipitações: orvalho, chuva, neve, entre outros, caem para a terra; a névoa então flutua no ar.

Todos já devem ter observado as nuvens ou até mesmo a formação das nuvens sem ver nada de especial nisso: também se mostra novamente que tudo acontece seguindo rígidas regras e planos! Jamais se forma algo seguindo as doutrinas dos adoradores do acaso, ou seja, que existe o apropriado, o medíocre e o inapropriado e a partir disso então a “seleção natural” se esforça para selecionar o pouco que é aproveitável: não é a partir de milhões de formas de nuvens que a natureza então vai, seguindo a “lei geral dos mais aptos”, escolher somente o que é aproveitável, mas sim somente surge o que é condicionado por planos e regras! Assim, um simples olhar para fora da janela já desmente uma teoria que alguém pensou sentado ao lado de um aconchegante fogão.

Nas camadas baixas de até 1000 metros de altura, se forma a névoa, e a névoa que se eleva se transforma em camadas de nuvens. A partir de 1400 metros, num espaço que pode ter picos de até 1800, encontram-se o *cumulus* e, nos picos de até 3000 metros, se formam as nuvens de tempestade numa corrente de ar ascendente. Entre

1000 e 2000 metros, encontram-se expandidos os *cumulus* e as nuvens de chuva. Entre 3000 e 7000 aparecem as nuvens chamadas de *altocumulus* (*Schäffchenwolken*) e, ainda mais alto, por volta dos 9000 metros, ocorrem as nuvens de formato de penas, formadas por agulhas de gelo, que foram observadas entre 23 e 140 km de altura.

Por mais que este círculo de evaporação-nuvens-precipitações se repita, ele sempre está fundamentado numa regularidade rígida, que age sobre a forma externa na aglomeração das gotas de água. Jamais se vai encontrar nuvens de tempestade na região das nuvens com formato de pena e invertida, não se vai encontrar nuvens com formatos de penas na zona de nuvens de tempestade. As nuvens podem se dissolver e recompor por bilhões de vezes: o tipo de nuvens em questão, sob as mesmas condições, sempre será a mesma, mesmo que suas imagens isoladas possam apresentar pequenas diferenças. Este tipo de diferença se encontra também, em outros aspectos, entre os humanos, que pertencem todos ao mesmo grupo humano; apesar de cada qual ter algo de diferente, ninguém é completamente igual ao outro.

Tudo isso, assim como a água nunca pode ferver sem esquentar e jamais poderá formar gelo estando quente, nos parece bastante óbvio, que mal prestamos muita atenção para reconhecer que o óbvio nem sempre é tão óbvio assim como parece ser!

Estas características e capacidades que aparecem aqui, as partes constituintes isoladas — no exemplo aqui apresentado, os átomos de oxigênio e hidrogênio — já precisam estar contidas como plano estrutural ou material genético no caso de uma união para a formação da água. E ainda atualmente a nova água produzida, ou como se expressa aqui, a nova água que se forma, continua seguindo as mesmas regras e apresentando as mesmas características e capacidades.

Se se atribui à água mais antiga da Terra cerca de 2 milhões de anos e se se levar em consideração as incontáveis vezes neste espaço de tempo em que o ciclo (água, vapor, nuvens, chuva, água) se repetiu e se se refletir que mesmo este longo tempo não foi capaz de proporcionar uma diferença sequer, assim todos devem se convencer de que este tipo de planos estruturais e propriedades precisam receber uma validade eterna: no oxigênio e no hidrogênio ainda hoje estão as mesmas propriedades presentes há 2 bilhões de anos e, no futuro, isso não será diferente. O mesmo ocorre com todos os demais átomos e moléculas. Disso se pode concluir

o seguinte: as propriedades internas dos átomos não se alteram de acordo com o tempo e com o espaço!

Se dentro dos átomos já estão embutidas tais propriedades diferentes e numerosas para todas as relações pensáveis para o futuro, então não pode se tratar de uma formação simples como é imaginado até agora. Uma pequena análise deveria revelar mais a respeito.

De acordo com as concepções da teoria atômica atual, o hidrogênio é um dos átomos mais simples: é composto por um núcleo atômico carregado positivamente, o chamado próton, e por um elétron negativo. Uma molécula de hidrogênio é composta teoricamente por dois átomos de hidrogênio cujos elétrons se ligam de forma mútua.

Bem, o hidrogênio possui, entre outras, as seguintes características: um peso reduzido de 0,069; queima no ar formando água — uma característica bem estranha! —; sob forte pressão (600 atmosferas) e frio intenso (-140 graus), dilui-se num líquido semelhante ao mercúrio; e, por meio de uma evaporação, se solidifica parcialmente. Misturado com o ar ou com o oxigênio, produz uma mistura explosiva e possui, além disso, as propriedades já citadas na formação da água, que apenas acontece em contato com o oxigênio. Além disso, ainda apresenta a especificidade de compor ligações com uma grande quantidade de elementos; já com outros não. Para cada uma dessas ligações se juntam novamente propriedades especiais que apenas são visíveis depois de realizada a ligação. Mas então os elementos de mais de um elétron teriam de apresentar as mesmas características em múltiplas medidas. Se isso não acontece — como a realidade comprova —, então elétron não é elétron, mas algo altamente desenvolvido, que, de acordo com o caso, apresenta uma alteração ou, de qualquer forma, já mostra uma construção diferente. O mesmo devia valer para o próton.

Hidrogênio possui a capacidade, em ligação com o oxigênio, de formar água (daí seu nome). Se no hidrogênio — indiferentemente se no próton ou no elétron —, realmente há características formadoras de líquidos, então também precisam surgir líquidos em ligações com outros elementos. Vejamos se isso está certo.

Um átomo de hidrogênio e um átomo de cloro formam em sua ligação o gás de cloreto de hidrogênio, que compramos diluído em água como sendo ácido

clorídrico. Por isso tomemos dois átomos de hidrogênio, os ligamos a um átomo de enxofre e então obtemos sulfato de hidrogênio, novamente um gás, e não um líquido! E talvez se tomarmos três átomos de hidrogênio e os ligarmos com um átomo de azoto? Também não: surge o gás amoníaco, que se diluirmos em água, obteremos o sal amoníaco, que se encontra facilmente para compra.

De acordo com isso, o hidrogênio não possui um poder especial formador de água, conforme acontece com sua ligação com o oxigênio. Então é o oxigênio que possui tal poder? Façamos a prova. Oxigênio ligado ao azoto resulta no óxido nítrico, novamente apenas um gás! Mesmo ligado a corpos sólidos, por exemplo, carbono, somente surge gás, neste caso, o dióxido de carbono. Nem sinal do poder formador de líquidos. Em contrapartida, verifica-se com frequência que, no lugar de características especiais dos átomos isolados, aparecem nas ligações desejadas coisas novas até então ainda inexistentes.

Se a partir de dois elementos formadores de gás podem surgir líquidos (veja, por exemplo, a formação da água), então podemos também obter líquidos de dois elementos sólidos, como carbono e enxofre, o que resulta em dissulfeto de carbono (CS<sub>2</sub>), que é muito volátil e inflamável, e, em contato com o ar, até mesmo explosivo.

Disso sucede que também em ligações a partir de elementos totalmente diferentes e de diferentes tipos de átomos podem surgir corpos semelhantes, mesmo que entre os tipos de átomos de uma ligação e os tipos de átomos de outra ligação não haja o menor “parentesco”, semelhança ou “forma transitória”. Para isso, mais um exemplo:

ácido clorídrico - HCl (1 átomo de hidrogênio e 1 átomo de cloro)

ácido acético - C<sub>2</sub>H<sub>4</sub>O<sub>2</sub> (2 átomos de carbono, 4 de hidrogênio e 2 de oxigênio)

O primeiro representa uma ligação inorgânica de gases; o último é uma oxidação orgânica (ou artificial) do álcool: ambos são — o primeiro na solução usual — líquidos incolores em seu estado puro; ambos possuem cheiro forte (embora diferentes); ambos são ácidos com típicas características; ambos destroem cobre e com ele formam um material esverdeado, em alguns lugares chamado de cloreto de cobre; em outros, acetato de cobre (verdete).

Apesar deste mesmo comportamento, o caminho para o surgimento de ambos os ácidos foi fundamentalmente diferente. A construção química e os elementos

constituintes isoladamente mostram de maneira clara que nenhum pode ser “derivado” do outro. Ácido clorídrico não possui carbono nem oxigênio; ambos em contrapartida são parte essencial do ácido acético; este por sua vez não possui cloro, que é parte essencial do ácido clorídrico. E mesmo assim reina, apesar desta diferente “descendência”, ampla concordância no que se refere a algumas características entre ambas as ligações!

Mas também pode ser observada a transferência ou opressão de determinadas características de elementos em determinadas ligações. Neste caso, isso forma a contrapartida do que a pesquisa da hereditariedade promove em certos seres vivos: sódio é um metal leve inflamável que decompõe a água para se ligar a suas partes constituintes, assim como o potássio. Cloro é um gás pesado fortemente venenoso com grande poder clareador. No novo material formado pela ligação química destes dois elementos, o cloreto de sódio (NaCl), na vida cotidiana chamado de sal de cozinha, como todos sabem, não possui mais nada das características venenosas e clareadoras do cloro, isto é, não se percebe mais nada do inflamável metal leve do sódio. Na ligação do cloro com o hidrogênio, quer dizer, no ácido clorídrico, em contrapartida, os elementos destrutivos do cloro ainda são claramente perceptíveis, mesmo que esta ligação, vista como um todo, apresente características completamente diferentes. Já a ação clareadora do cloro em sua ligação com o cal, portanto, o cal clorado  $\text{CaOC}_{12}$ , é mais evidentemente mantida. Esta propriedade aqui, em certa medida, somente em parte é encoberta. No cal clorado, as características do cloro ainda são notadamente reconhecidas, mas no sal de cozinha, pelo contrário, não.

Entretanto, como os átomos “adquiriram” as características que lhes são próprias? Quem está apoiado no solo da teoria da ancestralidade precisa partir do pressuposto de que estas características só puderam surgir paulatinamente de forma progressiva, passo a passo, a partir de um começo muito pequeno. O exemplo acima resultaria numa linha evolutiva, que, por meio da adaptação, teria conduzido a uma completa ocultação de uma propriedade ou característica: no papel seria exatamente fácil de ser feito, como na “linha evolutiva do cavalo”, mas, apesar disso, tais conclusões seriam equivocadas.

No mundo das moléculas, dos materiais de todos os seres corpóreos, encontram-se muitas das ocorrências de procedimentos idênticos aos dos seres vivos, que de

acordo com todas as teorias até o momento eram explicadas como “surgidas por meio da evolução”, contanto que aparecessem em seres vivos, mas como átomos não necessitam de tais linhas evolutivas para o desenvolvimento de qualquer propriedade, esta explicação falha é extremamente questionável, também no que se refere aos seres vivos.

Existem átomos que, na aplicação de todos os procedimentos artificiais e meios coercitivos, não constituem ligações uns com os outros, ou as fazem muito lentamente. Mas na presença de um determinado terceiro material, que não faz parte da ligação, provocam uma imediata ligação. Estes materiais, que parece que agem somente com a sua presença, são chamados de catalisadores. A classe principal desses catalisadores é aquela que age somente com seu contato com a superfície, preferencialmente porosa.

A ação de um tal material é observada facilmente na junção de peróxido de hidrogênio com óxido de manganês, mas infelizmente está longe de ser compreendida: o primeiro se decompõe numa rápida gaseificação, enquanto o segundo permanece completamente inalterado.

Somente com a descoberta e aplicação de tais catalisadores nossa indústria química pôde chegar a uma inimaginada ascensão. Foi possível, por exemplo, a produção artificial de borracha, gasolina, amônia, ácido nítrico e muito outros, abrindo-se, assim, uma nova área repleta de novos conhecimentos.

Mas esses catalisadores apresentam em parte uma outra curiosidade que ninguém supunha em materiais inanimados: eles são tão sensíveis com relação a venenos como os seres vivos! Frequentemente bastam pequenos resíduos de materiais, que para eles são danosos, para que se tornem completamente inativos e inaplicáveis. De onde vem esta hipersensibilidade? De onde vem esta especialização, que, de acordo com a teoria da evolução, sempre aponta para uma evolução muito avançada? De onde vem esta exata “adaptação” a determinadas “condições ambientais”?

Neste caso, as mutações genéticas, as adaptações, mesmo nos macacos, não contribuem: todos os tipos de átomos, que desse modo podem ser levados a ligações, já desde seu surgimento precisam ter tido as propriedades para reagir na presença de determinados catalisadores, que talvez no momento de sua forma-

ção ainda nem existiam. Por meio da herança genética ou da adaptação, eles não podem ter adquirido estas propriedades e capacidades. Isso já estava previsto no plano estrutural dos átomos em questão, antes que no presente se tenha forçado esta ligação: o humano descobriu o que já existia desde tempos primitivos.

Jamais o homem irá promover uma ligação entre átomos que previamente não estava prevista e não promoverá uma ligação já prevista no plano estrutural, por caminhos que não estavam previstos no plano!

Baseado nestes poucos exemplos da área da química, é claramente perceptível que também cada pequena partícula, cada átomo e seu material constituinte recebeu já prescritas pela natureza as exatas plantas de construção condicionadas a regras. A estes e outros conhecimentos que podem ser adquiridos a partir do estudo das partes constitutivas dos mundos — quer dizer, dos átomos e moléculas, que por sua vez são compostos por outras partes menores ainda, e que agem de forma extremamente frutífera sobre o conhecimento e a compreensão dos comportamentos no mundo vivo —, adiciono somente o seguinte: as características e capacidades de cada corpo já foram prescritas antes de seu surgimento. Sem um plano estrutural, nada surge!

Para a formação de cada corpo — a química chama isso de ligação —, é necessário que reinem determinadas relações externas e a existência de determinados materiais básicos. Estas condições necessárias estão estabelecidas especialmente de acordo com um plano para cada um deles. Sob as mesmas condições podem surgir diferentes corpos, desde que seus materiais sejam diferentes.

Mesmos materiais e mesmas condições externas produzem sempre corpos iguais, embora estejam distantes no tempo e no espaço: não há surgimento único — a força criadora é eterna!

A mesma coisa pode surgir dos mesmos materiais, mas por caminhos diferentes, quer dizer, para o mesmo corpo podem estar prescritos diferentes caminhos para o seu surgimento.

Para cada corpo — seja a estrutura interna ou externa — há uma margem de variação maior ou menor; por exemplo, os cristais do mesmo corpo sempre apresentam determinadas variações específicas. Mesmo a água, também a destilada, é sempre a mesma.

Sem a presença dos materiais necessários para o surgimento de determinado corpo, ele não pode surgir, mesmo que todas as outras condições prévias estejam disponíveis. Sem a disposição das condições exteriores prévias, também a disponibilidade dos materiais não é suficiente.

A mesma estrutura e as mesmas características podem surgir em corpos de uma composição fundamentalmente diferente.

Em sua composição, corpos iguais ou muito idênticos podem apresentar estruturas e características fundamentalmente diferentes.

Os corpos não conhecem descendência no sentido de uma teoria evolutiva: de acordo com sua constituição e estrutura, corpos muito idênticos podem surgir independentemente uns dos outros.

Características especiais dos materiais fundamentais podem, na formação de novos corpos, ser encobertas completa ou parcialmente (rudimentos) e novas características podem surgir em seu lugar.

No afastamento de um dos materiais fundamentais, o corpo formado se decompõe.

Um corpo formado sob determinadas condições exteriores se decompõe, se é conduzido a condições que lhe são prejudiciais.

Condições que são prejudiciais para alguns corpos, para outros, podem ser normais ou até indispensáveis.

Alguns corpos podem assumir formas diferentes sob situações externas diferentes, condicionados a elas: possuem a propriedade de multiformidade.

Alguns materiais fundamentais se ligam somente no momento de seu surgimento e inibem qualquer tentativa posterior de união. Outros, por sua vez, fazem ligações somente com a presença de determinados elementos que agem como catalisadores, mas não fazem parte da sua constituição.

Determinadas partes constitutivas indispensáveis para a construção do corpo fogem à análise química. Entre elas está a formação de milhões de espécies de proteína.

Cada material fundamental já possui a propriedade de cada forma, a característica, etc., que apenas aparecem em determinadas ligações. Por isso, cada uma destas



“propriedades hereditárias” precisa estar ligada a algo do átomo isolado. Características que não são importantes são oprimidas na ligação; as importantes são evidenciadas.

A partir disso resulta que cada material, também as menores partes a partir das quais um átomo é construído, já possui um determinado “quantum” do plano estrutural mundial.

A formação de alguns corpos depende da existência de determinadas radiações.

Por outro lado, as radiações, que são necessárias para a formação de determinados corpos, podem destruir outros já formados e, em determinados casos, podem ser mortais. Ligações e elementos químicos (catalisadores) são sensíveis em relação a venenos.

Aparições semelhantes podem ocorrer simultaneamente nos seres vivos, mas as corretas conclusões a partir disso, devido aos antolhos teóricos, ninguém foi capaz de fazer. Entretanto, ainda hoje pode estar no caminho da pesquisa.

É necessário atribuir plano estrutural e de construção para os átomos e as moléculas; para os seres vivos ele será atribuído!

Estes conhecimentos adquiridos a partir do comportamento dos átomos e das moléculas são especialmente importantes, porque se trata aqui de materiais a partir dos quais cada planta, cada animal e até mesmo o humano é constituído: o comportamento regado e planificado desses materiais em corpos vivos não é possível de ser observado; apenas podemos ter uma compreensão parcial.

Se reconhecemos que reina um plano válido para toda área criativa, seguindo certa regularidade preestabelecida, começando pelas menores partes constituintes dos átomos até os gigantescos corpos do mundo, e até mesmo os sistemas de mundos e galáxias, então certamente são necessárias apenas algumas poucas reflexões para pressupor um plano estrutural e constitutivo também para os seres vivos.

Nesse sentido, teria de estar claro para cada ser humano normal que, a partir do fato de haver uma mesma formação tanto em estruturas inanimadas como em seres vivos, jamais se pode concluir um “surgimento” destas unidades vivas a partir das unidades inanimadas: o mundo vivo, que dispõe das unidades inanimadas

apenas como partes constituintes, precisa naturalmente de planos e regras a seu favor, mas a matéria deve estar presente.

Quem abrir os olhos dessa maneira e reconhecer um plano na natureza e no mundo, pode então ver com escárnio as tentativas infantis daqueles pesquisadores que passam sua vida inteira se esforçando para encontrar uma relação da vida a partir de materiais inanimados.

Então começam os experimentos, alguém deixa uma gotinha, produzida por muco ou algo parecido, deslizar sobre uma lâmina de vidro untada com gordura: e olhe isso! Oh, maravilha! As gotinhas movem-se — como na verdade é de se supor — não de forma linear e, em certa medida, se deslocam para frente. A partir disso se conclui que as gotinhas se movimentam de forma parecida às amebas (unicelulares).

Alguns saem completamente da casinha com tais “descobertas”: a formação de um ser unicelular quase foi alcançada, assim parece ser. Este pouco de vida que ainda falta nem era mais de se considerar. Parecia ser somente uma questão de tempo.

Contudo, o que aqui se observou com demasiada alegria, como grande maravilha, não era nada de especial e o que separa matéria inanimada e vida continua em aberto como antes: acima de tudo passou despercebido que na Terra existe vida sem estar untada com gordura, que todos os seres vivos se movimentam independentemente, que aquela gota se movimenta porque outras forças desconhecidas a impulsionam, que unicelulares somente podem se servir de procedimentos que os materiais inanimados lhes conseguem oferecer.

Outro se esforça dia após dia com experimentos em bolos de cera, e então fica superfeliz quando consegue produzir neles bolhas de ar, que, ao entrarem em contato umas com as outras — se admira tanto que quase não se acredita —, abandonam a forma circular, ficam planas nas bordas e se tornam angulares, como células em ligação: a forma das células agora foi produzida artificialmente; falta “somente” aquilo que se encontra “dentro” das células vivas.

Contudo, sobre o que se relata com muita alegria, sobre o que se discursa e se escreve em livros, não é nada de especial. Está distante de ser o início da vida o que se encontra aqui: já era de se prever que ar quente está dentro de outro corpo, e, por meio de pressão de uma bolha, se produz outra, e as bolhas somente podem

preencher o espaço completamente se se tornarem angulares. É claro e certo que círculos não podem formar estruturas, pois entre eles sempre permanecem espaços vazios. Por isso as células de seres vivos também são angulares; não podem ser circulares. Portanto, tudo isso já era previsível: se matérias inanimadas formam estruturas, se seres vivos constroem corpos, pôde e pode somente surgir o que está no plano estrutural de cada matéria.

O fato de as formas serem idênticas não significa que uma descende da outra: a vida que se exterioriza na matéria constrói seus corpos de acordo com um plano condicionado aos materiais.

A “perspectiva etapista”, de acordo com a qual depois de uma matéria morta deve seguir a vida como etapa seguinte, é assim tão “genialmente equivocada” quanto imaginar que a casa de toras seria o próximo estágio da floresta, porque análises “internas” demonstraram que este corpo (casa de toras) possui as mesmas estruturas dos troncos de árvores encontrados na floresta: um projeto e um construtor parece que aqui não são necessários e tudo acontece — de acordo com esta linha de pensamento — aparentemente de forma bem natural.

Não é a pedra isolada que determina a construção da casa; a construção indica o seguinte: o que reúne planejadamente as pedras para uma construção superior não é a pedra isolada, pois jamais uma pedra pode ser a determinante da obra inteira.

Se, preenchendo as condições necessárias, é comprovado que um surgimento novo sempre é possível, e até palpável factualmente, tanto nas menores unidades das moléculas e radiações quanto nos mundos, então o surgimento da vida não deve ser visto como exceção. Uma geração primitiva única mal pode ter existido! Vida surgiu e surge sempre que as condições necessárias forem atendidas. Vida é circunstância cósmica, não adaptada e restrita às condições terrestres!

Sabemos que leis, regras e planos da radiação, da luz, força da gravidade, estrutura atômica e molecular (elementos), até mundos e sistemas solares são organizados de acordo com um princípio e um objetivo que compreende todo o universo. Quem ainda é tão presunçoso em ensinar que neste pequeno planeta a vida nele existente seria um estado excepcional sem regras, leis ou planos? O que é o humano, a cereja do bolo da criação, em comparação com o universo? Será que real-

mente o poder criador supremo alterou toda sua programação para não contrariar as doutrinas de determinados apóstolos da ancestralidade comum?

Deveria ser apropriado observar a Terra brevemente a partir do ponto de vista do universo. Imaginemos ela como um gigantesco globo de 6 metros de diâmetro; assim a crosta terrestre teria uma espessura de 2,5 centímetros. Mais de  $\frac{2}{3}$  da superfície terrestre também aqui seriam, como na realidade, cobertos pela água. Mas a profundidade dos oceanos em nosso modelo seria não mais do que 2 metros. As maiores montanhas seriam representadas por montinhos de 1 a 3 milímetros de altura e todas as cordilheiras somente seriam percebidas por algumas rugosidades. E os humanos? Somente seriam descobertos com os melhores microscópios. Os pequenos seres microscópicos iriam conceber a escalada nestes pequenos montinhos, que representam as montanhas, como um grande desempenho; iriam adoecer porque se elevariam demais do nível do mar! Em 5 milímetros de altura, o humano já não poderia mais viver e sucumbiria. Mantendo a mesma escala, o Sol teria de ser um globo de 700 metros de diâmetro.

Para representar universos de mundos, esta escala é imensurável demais. Tomemos para isso a escala de 1:100 bilhões. Então a Terra seria um grão de pó, quase imperceptível, de cerca de  $\frac{1}{10}$  milímetros de diâmetro (12.740 quilômetros), circulando em 1,5 metro de distância do Sol, cujo diâmetro aqui seria de 1,3 centímetro (1.319.999 quilômetros). Para completar o percurso em torno deste astro se levaria um ano. Da Terra até outros sóis-estrelas fixas necessitaríamos então ainda de uma distância de 1.000 quilômetros (!) e mais! Somente a partir do Sol deixa-se formar, de acordo com a amplitude, exatos 1.300.000 esferas terrestres. E isso que nosso Sol não é um “grande” entre os sóis; outros são centenas de vezes mais poderosos. Nos espaços por nós analisados flutuam exatos 200.000.000.000 de sóis deste tipo! As nuvens estelares de Magalhães devem ter sozinhas 300 sóis; cada um deles é 60.000 vezes maior do que nosso Sol! A nova estrela descoberta em 1885 no centro da nebulosa de Andrômeda possuía uma capacidade radioativa de cerca de 100.000 vezes a claridade solar! Também as distâncias são incríveis: as ilhas mundiais na constelação Coma e Virgem estão a 170 milhões de anos luz de distância.

As protuberâncias que emanam da superfície solar, que alcançam uma altura de 450 quilômetros mostram as forças gigantescas do nosso Sol. Não somente a área

desta formação é incrível mas também a taxa de subida. Esta alcança, de acordo com Fényi, até 275 quilômetros (!) por segundo! (disparos de armas modernas alcançam  $\frac{3}{4}$  de quilômetro por segundo).

Entre os mais significativos corpos de nosso sistema solar, ainda seria de se citar os cometas. Partindo do pressuposto de que as informações dos astrônomos estejam corretas, as suas caudas se estendem por um espaço que é maior do que a distância entre a Terra e o Sol. O diâmetro destas formações deve inúmeras vezes ser de muitos milhões de quilômetros. Para a cabeça do cometa de 1811 é calculado um diâmetro de no mínimo 1 milhão de quilômetros, portanto 80 vezes maior do que o diâmetro da Terra. Mas esta formação que preenche gigantescos espaços segue sua rota determinada e está submetida às regras que regem o universo. Já sobre a posição “filogenética” dos cometas, parece que nos círculos astronômicos ainda ninguém quebrou a cabeça.

Mas certamente deve parecer crível para todos que, para a formação de tais corpos e dos muitos “mundos”, são necessárias forças que vão além da limitada capacidade de compreensão humana!

Talvez em algum momento chegue o discernimento de que para a construção de um dos incontáveis corpos celestes, entre os quais há uma dependência mútua, é necessário algo a mais do que a criação de um piolho. Então iriam cair os limites que uma teoria da evolução criou arbitrariamente e um surgimento independente também desta criatura viva “talvez” ainda seja levado em consideração — esperamos o melhor.

Seja como for, a força criadora não necessitou de uma Lua para a criação da Terra e, da mesma forma, também não deve ter necessitado de um macaco para a criação dos humanos!



## RELIGIÃO E NATUREZA

A razão do ódio em relação à existência de um plano e regras, que com tanta frequência aparece em determinados círculos teóricos, não deve ser procurada nem na ciência, nem na realidade prática, pois em nenhuma das duas há uma razão relevante para negar planos e regras, negar sentido e objetivo, pois a vida diária oferece “provas” em quantidade suficiente que os comprovam!

Como a experiência diariamente nos confirma, em nenhuma parte deste grande mundo surgiu ou surge algo de aproveitável sem um plano previamente elaborado, sem um firme propósito: enquanto os teóricos não apresentam a contraprova prática convincente, continuamos a acreditar mais em nossas experiências do que em suas palavras vazias! O que a experiência nos confirma vale mais do que todas as teorias!

Portanto, a razão da negação de um plano está não na realidade, mas sim na teoria: com o reconhecimento de um plano estrutural na natureza e no mundo, aparece fortemente a questão da origem deste plano! Aqui está o ponto teórico central: de acordo com todas as experiências humanas ao longo dos milênios, é necessário que, onde ocorre algo planejado, primeiramente tenha sido elaborado um plano; por trás da obra visível esconde-se sempre o desejo de um mestre! Onde uma obra é construída de forma planejada precisa haver um mestre que tenha seguido um plano! Antes de ocorrer uma obra aproveitável, havia antes também a vontade de um mestre!

O reconhecimento de um plano estrutural na natureza e nos acontecimentos mundiais obrigatoriamente requer de maneira simultânea o reconhecimento de um desejo superior aos acontecimentos mundiais: as ciências naturais seriam transferidas para a área da religião, mas isso iria contradizer demais o “bom tom”

de uma elegante direção teórica que adota, de forma um tanto remodelada, a doutrina materialista dos saduceus como sua “crença”!

Desse modo, chegamos ao ponto de negar convulsivamente algo, apesar de toda experiência, de todo conhecimento, de todo sentimento, de todos os antepassados, de todos os conhecimentos primitivos, porque o modismo assim o quer!

Também para este equívoco do “instinto” humano deve haver, e há, alguma razão. Além de todas as propriedades e capacidades, cada ser vivo, inclusive o humano, possui ainda uma certa medida do impulso que direciona inconfundivelmente para o objetivo natural, mas é tarefa da razão que lhe foi conferida encontrar o caminho correto em cada caso.

Por vontade da natureza repousa há tempos impensáveis em cada peito humano, ainda não degenerado, um poderoso impulso para o pensamento religioso, um conhecimento original que possibilita pensar na existência de algo superior, que está acima de todos os mundos: para este desconhecido, os seres humanos deram o nome de Deus.

Nenhum povo, por mais inferior que seja seu desenvolvimento, está livre deste impulso natural que coloca os seres humanos acima de outros animais, constituindo uma lacuna em relação aos demais seres que jamais será transposta. Esse impulso, por meio de um conhecimento primitivo, oferece aos humanos a consciência da existência de algo que ele somente pode ter uma noção aproximada, mas nunca poderá compreender: nenhum impulso que algum ser recebeu da natureza jamais será supérfluo, da mesma forma que o impulso para o pensamento religioso nos humanos possui sua necessidade.

Mas cada ser que foi retirado de seu ambiente natural e foi transposto para ambientes antinaturais precisa contar com a consequência de regredir em sua consistência ou de se degenerar. Com isso regride o impulso e suas propriedades: no mar de casas das grandes cidades, o impulso e o conhecimento primitivo vão aos poucos desaparecendo e se degenerando. O espírito humano, agora agindo sem objetivos, vai se perdendo: o humano não degenerado, nas relações e nos ambientes naturais, jamais se torna negador de Deus; jamais um agricultor se torna materialista! O ambiente castiga diariamente cada doutrina mentirosa antinatural.

Mas a época “moderna”, com aglomerados antinaturais de “centros culturais” nas grandes cidades, graças a seus meios de poder, atraiu para si as lideranças espirituais: elas acabam indo cada vez mais para as mãos de pessoas que, em consequência de suas “condições ambientais” antinaturais, foram perdendo gradativamente o impulso natural que orienta o sentido da vida. Com isso, o conhecimento primitivo e a ligação com a natureza são totalmente perdidos.

Desse modo, temos atualmente a estranha imagem de que pessoas querem liderar em áreas para as quais elas já perderam esta propriedade e este impulso. Um daltônico que não consegue mais identificar as cores, também não é mais capaz de reconhecer algo. Além disso, ainda querem anunciar a seus conterrâneos esta ignorância antinatural como a única “correta”, procurando torná-los seres incompletos como eles próprios.

Em lugar de indicar o caminho correto para chegar ao objetivo apontado pelo impulso natural, por meio de utilização responsável do dom do pensamento, eles negam o objetivo. Como para eles mesmos o objetivo está ausente, não conseguem apontá-lo a alguém. Contudo, em vez de reconhecer esta ausência, elogiam-na como uma das maiores conquistas de nossa época! É como se um daltônico fosse afirmar que “conseguiu” chegar a um “conhecimento superior” de que o mundo não possui cores.

Nesse aspecto, as coisas apenas irão melhorar e voltar ao abençoado caminho correto quando as lideranças nesta área forem retiradas das mãos daqueles que vivem em grandes cidades antinaturais. A liderança deve novamente voltar para as mãos daqueles que ainda possuem os dons naturais intactos e inalterados e, por isso, necessários à vida ainda: a grandeza espiritual das áreas rurais!

Da fonte, da qual brota a força do povo, também devem brotar as lideranças. Quem somente consome essa força não consegue ser liderança para si e nem para os outros!”

---

\* A verdade disso e para onde isso vai nos levar mostram os acontecimentos dos últimos anos, um olhar sobre a Europa destruída: aonde nos conduzirão os avanços da ciência? Os humanos atualmente com rádio e bomba atômica são mais felizes do que em tempos antigos? A ciência aponta novos caminhos para a técnica, mas não para o espírito: como será o fim disso? Como um ícone de nossa época, há uma escuridão sobre as ruínas de felizes tempos antigos: “ai da humanidade que faz descobertas antes de estar preparada espiritualmente para utilizá-las de forma razoável!” Mas também o destino da humanidade está submetido às leis da natureza, que nunca foram quebradas sem haver severas punições: é como se novamente entosasse o chamado “Caim, onde está seu irmão Abel?”

Se se colocar um plano estrutural que reina em todo universo no lugar dos inúmeros acasos da teoria da ancestralidade comum, como seria o correto, então é necessário, como já afirmado, que haja uma força que tenha elaborado este plano, pois nada surge do nada.

No que se refere a isso, é completamente indiferente se se chamar este poder criador de “Deus” no sentido religioso ou de “força primitiva” num sentido mais mundano. Mas também a origem desta força primitiva mundana com sua onisciência e onipotência tem um efeito perturbador, pois, apesar de tudo, ainda permanece algo místico: ambas as concepções, seja Deus ou força primitiva, colocam essencialmente algo acima de todas as coisas. A pessoa com uma postura antirreligiosa, que evita a palavra Deus, não é “esclarecida” — pelo contrário! Ela acredita, em contrapartida, em astrologia, amuletos, números de azar, ocultismo e sabe-se lá que coisas confusas mais. Em vez da igreja, corre para as curandeiras (*Weisen Frauen*).

O que honramos no sentido religioso como Deus incorpora o poder criador, ordenador e estruturador acima de todas as coisas do mundo: Deus é o conceito mais elevado que o espírito humano é capaz de elaborar! Com a limitação da razão humana, somos capazes de apenas ter uma noção aproximada da grandeza de sua força e dos limites de seu poder. Da mesma forma não podemos imaginar Deus propriamente: sentimos a partir de um conhecimento primitivo que algo superior existe, vemos os resultados de seu poder e nosso conhecimento racional nos confirma, segundo esses resultados, que está correto o que suspeitamos de acordo com nosso conhecimento primitivo, mas o próprio Superior incorporado não podemos compreender.

Se nossos antepassados imaginaram Deus como um ser semelhante ao humano, isso correspondia ao espírito da época (*Zeitgeist*). Nela, não se suspeitava da grandeza da criação neste pequeno pedaço de terra — sem falar de outros mundos. Hoje é de conhecimento de todos que o poder criador, nosso Deus, é tão grande, que a razão humana não é capaz de ter uma representação sua. Com nossa limitada razão, atribuir a Ele uma determinada forma seria — na minha perspectiva — o mesmo que zombar de sua superioridade: os humanos nem sequer estão em condições de imaginar aproximadamente a grandeza da Terra ou do Sol, a distância até a próxima estrela fixa, sua luz e seu calor. Assim, com que critérios quer atribuir, de maneira autoritária, uma forma ao criador de todas estas coisas?

O poder, que determina todos os mundos e tudo neste mundo, criou também os humanos seguindo seu plano, regras e leis. A cada criatura, seja humano, animal, planta ou átomo, foram dadas as capacidades que são indispensáveis e necessárias para cumprir suas tarefas e sua existência. Ninguém recebeu de menos e nem de mais.

Se tantos milhões de espécies diferentes de seres vivos de nosso planeta receberam os dons necessários, embora cada qual de forma diferente, então certamente pode-se partir do pressuposto de que esta criatura poderosa também conferiu tudo o que é necessário ao humano, que representa a cereja do bolo da criação.

Desse modo, aos humanos foi dado o dom de uma inteligência superior como contrapartida a determinadas capacidades animais que lhe foram parcial ou totalmente negadas. Mas esse dom o capacita — no sentido mental e corporal — a superar os perigos da vida. Ele superou e supera ainda hoje, em termos mentais, todos os demais seres vivos da Terra. Mas uma capacidade lhe ficou negada: conhecer pessoalmente o criador. Somente recebemos um almejar Deus, ou seja, um impulso natural pela vida religiosa. Esse impulso é diferente de povo para povo, mas aos ímpios ele foi oferecido na forma de “rudimentos” — aqui ele somente foi encoberto pela idolatria.

Para satisfazer esse impulso necessário à vida, os seres humanos possuem capacidades suficientes para reconhecer as grandes maravilhas da criação e a onipotência divina. O impulso natural de honrar toda grandeza e o criador também está presente no humano degenerado e incompleto. Portanto, pode ser concebido como algo desejado pelo Superior que esta capacidade fosse algo necessário à vida humana.

Por certo, quanto mais se aproximam das imensuráveis maravilhas da natureza, tanto mais precisam seguir com admiração e temor as regras da força criadora e com mais naturalidade venerarão este Deus, o criador de todas as coisas. Somente quem não possui mais relação com a natureza, quem tem seus sentimentos e propriedades mais ou menos degenerados, quem vê nela — caso ainda tenha um olhar para ela — somente procedimentos químicos e físicos, em vez de seres vivos, não irá mais sentir nada. O estranhamento em relação à natureza é uma degeneração e a consequência disso é o desaparecimento do impulso natural da veneração a Deus, assim como o desaparecimento do conhecimento primitivo do Superior.

Da mesma forma nos ficou desconhecida a forma pela qual devemos dar expressão a esta adoração, assim como o próprio reconhecimento do ser superior: somente podemos reconhecer e admirar Deus em suas obras. Por isso ficou mais ou menos a nosso critério a forma como o veneramos. O ponto principal é que não se deve conceber essa devoção como algo que vá contra as obrigações humanas — como um ser vivo criado pela vontade divina — na grande escala da criação e da razão. Se fosse diferente, teria sido dada ao ser humano a capacidade de conhecer a forma única e correta dessa veneração.

O ser humano possui todas as capacidades necessárias à vida. Será que justamente o criador se descuidou das que se referem à alma, um dos pontos mais importantes? Mas em grande escala o impulso natural aponta ao espírito o objetivo correto: quem quer venerar o ser supremo, Lhe ser grato, Lhe servir, deve fazer o justo e evitar a injustiça. Mas isso é o que nossa obrigação como humanos também já exige.

Cada erva, cada animal, por menor que seja, recebeu todas as capacidades que lhe são necessárias para sobreviver e cumprir suas obrigações. O fato de não podermos conhecer fisicamente o ser supremo — o que será que mais está encoberto? — não é uma deficiência, e sim uma coincidência desejada por Ele: Deus, vida, espírito e muitas outras coisas são e permanecem místicos, apesar do microscópio e do telescópio — e certamente assim deve ficar.

Parece questionável, atualmente mais do que nunca, que em geral há uma forma universal de veneração divina e que exista uma única religião para todas as espécies e raças humanas tão diferentes. Certamente, chegar a este consenso é tão pouco provável quanto chegar a uma linguagem universal. A forma exterior pode até ser apreendida, mas a interior irá apresentar abismos intransponíveis.

Se existisse uma forma universal de religião e se fosse desejada por Deus, os seres humanos também teriam recebido o dom de conhecê-la. Sua forma é, e certamente também assim deve ser, diferente de acordo com povos e tempos, mesmo mantendo hábitos aparentemente parecidos. A tarefa de cada religião é preservar os povos de equívocos religiosos que possam ser extremamente prejudiciais e até mesmo fatais se observados como um todo. Além disso, outra tarefa é também manter o impulso religioso, que está desaparecendo nos seres humanos, dentro de limites razoáveis, mas isso está condicionado à utilização correta das faculdades mentais!

É desejo de Deus, conforme nos é transmitido pelo impulso e pelo conhecimento primitivo, que nós o veneremos e que contemplemos suas obras: chamamos de religião a forma assumida por esta adoração. A religião exerce esta veneração da maneira que melhor corresponde ao respectivo povo e que atende da melhor forma às suas preocupações em escala de população mundial. Essa religião é a melhor para o povo e a mais desejada por Deus. Mas cada uma que desvia a força de suas obrigações naturais terrenas, por meio de dogmas errôneos construídos pelos humanos, é prejudicial!

A palavra religião, assim como igreja, ainda não diz nada sobre seu valor. Este resulta apenas de sua relação com obrigação, objetivo e tarefa dos seres humanos relacionados aos acontecimentos mundiais. Quando isso finalmente for reconhecido pelos “círculos vocacionados”, então também se encerra a infeliz rivalidade que ocorre especialmente na igreja evangélica, de modo que as forças desperdiçadas nesta fragmentação prejudicial serão empregadas para objetivos e tarefas mais dignas. Também erros que, nesta perspectiva, são cometidos por igrejas isoladas são danosos e serão punidos: Deus e a natureza não privilegiam determinadas classes ou pontos de vista! Os pecados daqueles que não querem ver, embora poderiam ver, terão um peso maior.

Não resta dúvida de que o conceito de pecado presente nos dez mandamentos das religiões cristãs somente está esclarecido parcialmente: transgressão e pecado são coisas diferentes! Pecado corresponde a uma postura interna má. Todavia, tudo o que foi e é feito de errado, sem a intenção de maldade ou por negligência, não é e nem foi pecado, mas somente uma transgressão! O conceito de transgressão é muito mais amplo do que o descrito nos dez mandamentos de Moisés e ultrapassou, e ultrapassa ainda hoje, em toda sua abrangência, o conhecimento humano. Também um cristão fervoroso comete o maior engano quando imagina encontrar ali a receita suficiente para todos os casos da vida.

Sobre os perigos de uma tal crença literal, já foi alertado por alguém há 2000 anos e por isso ele foi pregado na cruz. Disso pode-se concluir claramente que é preciso fazer uma limitação dos conceitos no decorrer das mudanças do tempo. O conceito de pecado nos tempos de Moisés era diferente do da época do Novo Testamento, assim como atualmente é diferente do que era outrora. A ampliação do conhecimento sempre traz consigo uma ampliação e um esclarecimento de conceitos.

Pecado ou transgressão, portanto, não é somente aquilo que é proibido nos dez mandamentos do Antigo Testamento, mas muito mais: também está relacionado a tudo o que é contrário às leis da natureza estabelecidas por Deus — e, dessa forma, contra a vontade divina.

É uma convicção minha que, num futuro não muito distante, as ciências naturais se libertarão das heresias e farão uma parceria com uma verdadeira ciência da religião. O resultado disso será o benefício mútuo. Novos tempos irão trazer novos problemas para os povos, os quais não podem ser resolvidos com antigas metodologias, mas os seres humanos precisam tomar novas posições diante destas novas questões. Contudo, essa tomada de posição pode decidir sobre a vida e a morte.

Neste contexto, uma ciência natural livre de preconceitos irá compreender as reais leis da natureza, nas quais se espelham em parte a vontade divina, ou talvez em alguns casos até já tenha entendido. Uma verdadeira ciência da religião irá tirar proveito para pesquisar e compreender as vontades divinas. Por meio de alterações e ampliações de suas doutrinas, que constantemente levem em consideração os novos cenários, a religião irá oferecer as diretrizes para o comportamento do seu povo. Os seres humanos, por sua vez, recebem com isso o apoio incondicional necessário para encarar as novas situações da vida. Contudo, uma ciência da religião que segue a política da avestruz no que se refere aos novos contextos, abandonando seu povo desamparado nos novos desafios, comete um pecado mortal!

Religiões devem conduzir os humanos na área espiritual, devem oferecer uma base segura quando tudo oscila e se torna incerto. Se quiserem fazer jus a esta grande tarefa, então jamais devem se guiar pelo seguinte fundamento: veja você mesmo como lidar com isso ou com aquilo. Pelo contrário: elas precisam lidar com os problemas da vida. Ainda antes de expor suas posições para a ampla população, elas já devem estar claras. Mas uma liderança, ela mesma estando dividida em conflitos — mesmo no campo espiritual —, é incapaz de conduzir um povo. Além disso, a religião não é um objetivo em si, não existe por sua causa, e sim para as pessoas. Isso não vale somente em grande escala, mas também em pequena: a comunidade não existe apenas para servir os religiosos, mas sim o contrário!

Uma sincera colaboração entre uma verdadeira ciência da religião e uma verdadeira ciência natural traria ricas bênçãos: seria um ponto final no último capítulo de

um período obscuro, que está distante de Deus, já que se persegue com insaciável ódio aqueles que contemplam e pesquisam as maravilhas da criação com olhos abertos. E tudo isso pelo único motivo de conceber as obras do criador como elas realmente são e de encontrar a coragem de ensinar o que haviam pesquisado em correspondência com a realidade. Durante milênios foram perseguidos aqueles que valorizaram os fatos mais do que as puras palavras bíblicas-judaicas. Pelos “pecados”, que jamais podem ser considerados como tais, as fogueiras ardiavam e os homens sinceros foram nelas friamente entregues à morte: bens dos mais valiosos foram retirados, eliminados, da corrente hereditária dos povos.

Não deve e não pode ser minimizado o que as religiões, até o momento existentes (o percentual dos cristãos na religião é de 40%; dos muçulmanos, cerca de 13,5%; das religiões do Brahma e de Buda, cerca de 33,5%), contribuíram para impedir o aprimoramento cultural. Mas, todavia, a culpa que seus representantes às vezes carregam não pode ser esquecida e desculpada: o “débito” se tornou muito grande.

As linhas seguidas pelas ciências naturais, apesar de terem tido uma contribuição positiva bastante grande, também carregam uma grande culpa e são corresponsáveis pelas relações conflituosas. Um estranhamento em relação à natureza conduziu aqui a um materialismo antinatural e, como resultado, levou a uma absurda negação de Deus! Um tal comportamento precisa ser amaldiçoado — e também o é. Lições e teorias fixadas em dogmas prejudicam tanto a área das ciências naturais, e limitam as pesquisas, quanto os dogmas e as doutrinas das diferentes igrejas prejudicam a área das ciências da religião: nesse sentido, o “débito” se tornou muito grande.

A natureza é a única que não é obra humana e nunca se torna obsoleta: ela espelha pura e claramente o modo de agir e a vontade do criador, ainda não distorcidos pelas aberrações, paixões e pelos interesses pessoais humanos. Nenhuma religião, que leva a sério as tarefas assumidas, pode ignorar a natureza!

## IV. A CERTEZA DO GERME PRIMITIVO

“Era uma vez, e então surgiu, por meio de uma geração primitiva única em nossa Terra, a vida a partir de matérias sem vida, o inanimado saiu de si mesmo para a vida”, ensinam os “teóricos da evolução”.

“Era uma vez, e então Deus com as próprias mãos formou o primeiro humano a partir do barro e lhe introduziu com um sopro a primeira vida, transformou assim a terra em humanos”, ensinam as igrejas cristãs existentes até hoje.

“Era uma vez, e então a partir da matéria inanimada, etapa após etapa e de forma ascendente, a vida foi surgindo”, nos ensinam ainda até hoje os filósofos naturais que procuram o elo perdido.

Assim, nos dias atuais, o comportamento ainda é igual ao dos tempos antigos, quando alquimistas tentavam produzir ouro acreditando que ele podia surgir de forma maravilhosa a partir de outros materiais. Na época, ainda não tinham a noção de que tal elemento, assim como todos os outros, possuem sua própria origem e nunca precisam de outra matéria para surgir.

Completamente envolvidos em suas teorias, os antigos procuravam, os atuais ainda procuram, de modo compulsivo, “derivar” o existente de algo que tenha existido previamente. Sempre começaram, e ainda começam, pelo meio, não olham para o início: para eles certamente o ouro era argila e terra; a vida outrora uma pedra inanimada. O ser humano, nesta perspectiva, era um macaco; em outra, argila macia que Deus deu forma com as mãos; ainda em outra, tudo ocorreu “de forma autônoma”.

Assim, na minha opinião, todos os filósofos, na tentativa de “explicar” as coisas de forma religiosa ou mundana, fracassam neste abismo do pensamento limitado teoricamente, devido ao insuficiente conhecimento ambiental: o mundo não pode ser prensado num sistema; no máximo este pode se adaptar àquele!

Como em consequência de uma crônica miopia, isto sempre é equivocadamente esquecido: tentaram de forma antinatural “introduzir” num sistema as “etapas” da existência, mesmo separadas; empurraram e mudaram as coisas, até que aparentemente “servissem” no novo esquema.

De acordo com esta teoria, a primeira etapa ocorreu quando ondas movimentaram o universo; na segunda, apareceu então a ligação de prótons e elétrons e,



quando estes se ligaram a elementos, átomos, se formou a terceira etapa, que logo foi um trampolim para a quarta, quando os átomos se uniram em moléculas. A quinta etapa ocorreu quando as moléculas se juntaram e se cristalizaram. As estruturas e flores que se formaram nos cristais densamente apertados caracterizaram a sexta etapa. Já a sétima aconteceu quando tais grupos de moléculas se juntaram em unicelulares e lhes foi dada a vida. Estes seres unicelulares formaram comunidades, o que é considerada a oitava etapa, e a nona foi quando estas células se transformaram em seres mais superiores. Quando começaram a sentir, pensar, reconhecer, ver, da décima à décima terceira etapa. Quando estes seres formaram famílias, clãs, povos, culturas, da décima quarta à décima sétima etapa.

Aparentemente, com o avanço das etapas, também aumenta o número de formas possíveis: nas ondas certamente apenas havia 2 formas; na etapa seguinte, já havia 5 formas e, na terceira, já eram 92; na quarta, certamente 30.000; na quinta, 300.000 e nas subsequentes provavelmente muito mais.

Tudo isso se passa perfeitamente no papel, assim como as várias árvores genealógicas dos apóstolos da teoria dos macacos, contudo, apresentam, também, o mesmo erro.

Por mais convincentes que tais trabalhos num primeiro momento possam parecer, assim também com grande facilidade, com um pouco de reflexão séria e atenção à realidade, podem ser refutados como falácias: se as ondas se transformam em partes de átomos, essas partes constituem átomos; átomos se juntam em moléculas; estas se tornam cristais e depois se unem em grupos de cristais. Então jamais poderia surgir disso um ser unicelular na sétima etapa, como tão sabiamente nos querem convencer os teóricos. Mas o que surgiria seriam montanhas: granitos e gnaisse, basalto e dolomitas, argila e ardósia se unem na sétima etapa; aglomerados de montanhas formam na oitava etapa os corpos celestes, os planetas; as associações de corpos celestes recebem a forma de sistema solar na nona etapa; combinações de sistemas solares formariam as galáxias na décima primeira etapa; estas todas na décima segunda etapa constituiriam o universo. Mas ainda não haveria sequer um ser vivo unicelular. Cara, abra os olhos!

Numa análise mais detalhada, o suposto aumento da quantidade de formas à medida que avançam as etapas também vai se mostrar como uma ilusão teórica: certamente o número de formas possíveis cresce constantemente, iniciando pelas ondas sobre os átomos e grupos de moléculas, mas nos corpos celestes, nas etapas mais elevadas, o número das formas possíveis vai reduzindo; nas galáxias já é muito pequeno e finalmente no universo somente há uma forma: o universo mesmo!

De modo semelhante ocorre com os seres vivos. Neste caso, o número de formas não cresce constantemente para números infinitos a cada etapa, mas encontra sua limitação depois de um certo crescimento: nos seres unicelulares, ela é imensamente grande; nos seres multicelulares, maior ainda. Na etapa seguinte, que é a junção das famílias, já passa a ser menor, e na união das famílias para a formação de clãs, que é a etapa subsequente, o número continua em queda, assim como na formação dos povos a quantidade já é sensivelmente menor. Na próxima etapa, ou seja, de junção das espécies, surgem poucas formas e, na seguinte, quando se reúnem as espécies nas comunidades de espécies, o número de formas se torna ainda menor, para, finalmente, o universo vivo encontrar somente uma unidade: o próprio universo vivo!

A partir da unidade indo para a diversidade e depois para a unidade, esse é o caminho da existência: nada cancela esta alternância!

Além disso, todos aqueles que pretendem derivar a vida a partir de matérias inanimadas cometem ainda um outro gigantesco equívoco: não se lembram de incorporar na conta o ponto mais importante, o espírito! Somente um ser vivo é capaz de vivenciar uma experiência seguindo nossos conceitos, mas sem o espírito, apesar da mesma constituição, somente há vida, sem experiência!

Com um pouco de reflexão e observação neutra percebe-se erro após erro em todas as teorias apresentadas até agora. Assim também os físicos, que pretendem explicar todas as causas físicas, até este momento se esqueceram de esclarecer como e de onde puderam surgir as “ondas primitivas” num espaço existente ou ainda não existente, no qual nada havia, nada há.

Ademais, na teoria das etapas, ainda há outro erro considerável: unicelulares e pluricelulares não surgiram em estágios diferentes como sendo a junção dos

primeiros para a formação dos segundos, conforme se defende, mas tanto uns como outros são seres vivos em si. Por isso devem ser classificados em uma etapa: o ser humano não pode ter sido formado pela junção de inúmeros unicelulares! Teorias não comprovadas, disso nós já possuímos mais do que necessitamos. Teóricos, trazem provas para vossas afirmações; já estamos fartos de palavras vazias!

Na realidade, a diferença entre unicelulares e humanos é a mesma entre um pequeno cristal de vitamina e uma grande montanha de cristal pesando um quintal (*Zentner*): certamente o número de blocos é de tamanho diferente, mas a partir do aglomerado de um não se pode deduzir jamais o surgimento de outro numa etapa posterior.

Se tu queres fundamentar algo, lança teu olhar sobre o todo e não tires conclusões precipitadas a partir de fragmentos.

Graças a esta tão genialmente equivocada teoria da ancestralidade comum, estamos agora nas ciências da natureza, área na qual há milênios estiveram os químicos com suas pesquisas: para estes estudiosos das ciências naturais, a vida começa com os seres unicelulares, assim como para os físicos e químicos de outrora a “matéria” iniciou com a formação dos cristais. Conceber os unicelulares como a etapa mais elementar da vida parece tão óbvia para nossos “especialistas da natureza” atuais, da mesma forma como o cristal parecia ser a etapa mais elementar do mundo!

Por isso ocorrem os intermináveis equívocos, as heresias, árvores genealógicas e teorias! A ciência natural apenas será competente quando reconhecer o que os químicos há tempos reconheceram: que o corpo visível está longe de representar o estágio mais elementar do ser!

Certamente o tamanho dos átomos, elétrons, prótons dos físicos está bastante abaixo do limite da visibilidade, mas a partir disso tirar conclusões precipitadas sobre a ausência de formas parece mais do que arriscado! Ser reconhecido pelos seres humanos está longe de ser uma condição prévia para qualquer forma de existência! Ah se os especialistas finalmente reconhecessem isso!

Para a mosca, que não consegue reconhecer a linha de uma aranha, parece que a teia não possui forma de existência. Em vista disso, ela não consegue encon-

trar uma forma para isso, não acreditando que algo assim seja possível! Todavia, o ser humano, por ter recebido um conhecimento superior, sabe que aquela mosca se enganou, mas não reconhece onde ele mesmo se engana!

Por isso, assim como a mosca, ele não conseguirá saber onde está o limite de seus conhecimentos; não saberá pensar onde está a forma de existência das coisas nem pensar a si mesmo. A fronteira do conhecimento está longe de ser a fronteira do ser formal.

Conforme mostra um olhar na natureza, tudo o que possui um corpo, sendo perceptível ou não, apresenta, na sequência de sua composição para uma unidade superior, inicialmente, uma linha ascendente e depois uma descendente no que se refere à sua riqueza de formas. A representação esquemática seguinte irá esclarecer esta apresentação:

- Eternidade
- Pré-matéria primitiva
- Matéria primitiva
- Átomo
- Molécula
- Grupos de moléculas
- Cristais
- Montanhas (grupos de cristais)
- Corpos mundiais
- Sistemas solares
- Galáxias
- Galáxias-enxame
- Universo

Crescendo constantemente a partir da matéria primitiva, a maior riqueza de formas reside nos grupos de cristais, para assim rapidamente reduzir até o universo, formando-se uma unidade que envolve tudo o que havia antes. Não sabemos e nem sequer somos capazes de imaginar por que no meio há uma tal riqueza das formas da existência. De forma semelhante são as relações do mundo vivo:

Seres vivos  
Família  
Clã  
Povo  
Espécie  
Comunidade de espécies  
Universo vivo

Numa comparação entre a tabela das formas de existência das matérias inanimadas e a tabela de formas de existência do mundo vivo, ficará imediatamente claro para todos que a última está incompleta, que a importante parte inicial está faltando, que os pesquisadores preferiram começar seu trabalho no meio, em vez de no início. Somente os teóricos não percebem isso! Se ao menos por um momento tirassem os óculos prismáticos da teoria dos macacos, criada por eles mesmos, então teriam notado isso há tempo.

Realmente não é necessário ter um grande potencial mental para reconhecer que a origem da vida não pode ser encontrada na diversidade das formas de seres vivos, mesmo que os unicelulares sejam retirados de forma antinatural da Terra. Também o jamais existente unicelular-primitivo, primitivo-primitivo, não contribuiu para este reconhecimento: na etapa dos seres vivos, mesmo em tempos muito remotos com necessidades naturais, o número de formas dos seres vivos primitivos precisou ser imensamente grande, conforme comprovam os achados de seres superiores de épocas antigas.

Por isso, o quadro completo das formas de existência do mundo vivo, que a ciência do futuro precisa tomar como base, deve parecer como na sequência. O mundo da radiação, como terceiro grupo da existência, irá apresentar um quadro parecido das formas de existência, mas esta área ainda não foi suficientemente pesquisada e na atualidade ainda não possibilita uma tal exposição:

Eternidade  
Pré-embrião primitivo  
Pré-embrião

Genekel  
Grupos de Genekel  
Seres vivos  
Famílias  
Clãs  
Povos  
Espécies  
Comunidades de espécies  
Universo vivo

A completude deste quadro é logo percebida clara e inequivocamente na comparação com o quadro das formas de existência das matérias inanimadas. Por isso, a verdadeira sequência de etapas do mundo vivo é a seguinte:

1. Pré-embrião primitivo (abaixo dos limites do visível)
2. Embrião primitivo (abaixo dos limites do visível)
3. Gene (hereditariedade – abaixo dos limites do visível)
4. Genekel (ligações genéticas – abaixo dos limites do visível)
5. Grupos de Genekel
6. Seres vivos
7. Famílias
8. Clãs
9. Povos
10. Espécies
11. Comunidades de espécies
12. Universo vivo (totalidade do mundo vivo)

A partir disso se conclui que inequivocamente as teorias da ancestralidade comum e da evolução iniciaram a construção de seu prédio teórico “somente” seis etapas mais tarde: já é uma coisa! Quem não inicia de forma correta, jamais irá encontrar o final correto!



# 1

## MATÉRIA PRIMA E GERME PRIMITIVO

Sem a pressuposição de um plano e também de um poder sobrenatural correspondente, que criou este plano e o executou, não é possível compreender nem o espírito e nem a matéria, nem entender o início da matéria e nem a origem da vida: sem plano não há mundo, e não há plano sem um mestre!

Todavia, os apóstolos do caos ensinam obscuramente que as pessoas somente são corretas quando não aceitam mais esta verdade. Por isso, por receio de ser considerado bobo, atualmente há uma timidez em afirmar o que todos, que ainda possuem suas faculdades mentais e que ainda não degeneraram, percebem diariamente: que sempre é de se pressupor uma obra, um plano e um mestre, que uma coisa jamais é pensável e possível sem a outra!

E mesmo pressupondo o impossível, ou seja, que poderia ter surgido um mundo casual, mesmo contradizendo todas as experiências diárias, como sonham os teóricos estranhos à realidade: quem fez então a lei da casualidade, de acordo com a qual o mundo teve de surgir!

Os apóstolos do caos, que negam cada plano, e o mestre “infinitamente sublime” (sua obras também correspondem a isso) não se dão conta, em absoluto, de que quem eleva a casualidade como regra conseqüentemente também precisa pressupor que algum poder sobrenatural criou intencionalmente esta suposta casualidade: a teoria do acaso, que nega qualquer tipo de poder criador, em todo caso precisa dele (naturalmente, somente “uma vez”) para criar a casualidade! Novamente, em seus sonhos infrutíferos, o sonhador concebe a realidade que lhe foi criada como um sonho. (*Über fruchtlosem Träumen verträumt der Träumer die schaffengebietende Wirklichkeit.*)

Seja corporal ou espiritual, ser inanimado ou animado, tudo precisa ter um ponto de partida, um lugar de surgimento, uma pátria, onde surge e para onde retorna:

o ser surge no âmbito deste lugar de origem, vive uma existência curta ou longa e no final retorna para a proteção deste local de origem.

Este eterno tornar-se pode ser imaginado conforme o esquema que segue e que pode nos ajudar a entender isso:

1. Correntes de força de diferentes direções emergiram do colo do tempo, flutuaram durante sua existência no espaço, retornaram para o mar do tempo.

### Iª ETAPA:

1. As duas correntes de força se encontraram e se uniram, por meio de sua predominância, desenharam a direção do desenvolvimento: surgiram pré-matérias primitivas e pré-germes primitivos.
2. Com a unificação, a existência das correntes isoladas de forças acaba: pré-matérias primitivas e pré-germes primitivos surgiram como novos seres no colo do tempo, flutuaram durante sua existência no espaço e, no final, retornaram para o colo da eternidade.
3. Se, em tempos normais, correntes de força encontram o caminho de unidades flutuantes e se encontram a si mesmas, elas se esbarram sem deixar rastros e retornam como se nada tivesse acontecido novamente para o mar do tempo.
4. Em períodos catastróficos do universo, que são próprios para as grandes mudanças da Terra, sob as influências dos impactos cósmicos, as impressionantes correntes de forças unem-se com as unidades flutuantes, retirando-as de seu caminho tranquilo, e emitem radiações pelo espaço.
5. As unidades, que com grande velocidade percorrem o espaço, se encontram com unidades em repouso ou com unidades que igualmente já foram impulsionadas. Em grandes distâncias, portanto, longos caminhos, as unidades em movimento são atingidas por correntes de força contrárias e desviadas de seus caminhos: os primeiros movimentos ondulatórios se mostraram. Correntes de força na mesma direção passaram sem efeito.

## IIª ETAPA:

1. Com a união das unidades surgiram germes e matérias primitivos. Em cada grupo houve pelo menos cinco possibilidades: a) germe primitivo carregado com correntes de força positiva (+) encontra germe primitivo neutro; b) germe primitivo carregado com uma corrente de força negativa (-) encontra germe primitivo neutro; c) germe primitivo carregado com correntes de força positiva encontra outro germe primitivo carregado com correntes de força positiva; d) germe primitivo carregado com correntes de força positiva encontra germe primitivo carregado com correntes de força negativa; e) germe primitivo carregado com correntes de força negativa encontra germe primitivo carregado com correntes de força negativa. Estava constituído o rascunho da genética do círculo dos seres vivos: unicelulares vegetais, multicelulares vegetais, unicelulares animais, invertebrados e vertebrados. Da mesma forma surgiram a partir da união de pré-materiais primitivos as matérias primitivas: prótons, elétrons, nêutrons, entre outros, se formaram.

2. As novas matérias primitivas e os germes primitivos que acabaram de chegar à existência são arremessados pelo espaço por movimentos ondulatórios semelhantes a radiações, criados por correntes de força em períodos de catástrofes do universo.

3. As unidades que se precipitaram encontraram-se com pré-germes primordiais e com germes primordiais e, por sua vez, entraram em contato, respectivamente, com pré-matérias primitivas e com matérias primitivas.

## IIIª ETAPA:

4. As unidades que se encontraram uniram-se para novas estruturas: genes dos seres vivos passaram a existir. Os fundamentos das imagens genéticas das ordens foram dados. Em consequência da diversidade

das possibilidades de combinações, o número de formas já é visivelmente grande. Ao mesmo tempo passaram a existir as 92 espécies de átomos. Mas somente onde as condições externas foram atendidas formaram-se as ligações necessárias planejadas, caso contrário, os átomos passariam flutuando uns pelos outros sem formar ligações.

## IVª ETAPA:

5. Radiações e ondas de todos os tipos agora encontraram os genes e átomos que chegaram até a Terra. Sob a influência controladora das radiações ambientais, os genes unidos se transformaram em ligações genéticas (Genekel): o plano estrutural da família agora está estabelecido na genética. Ao mesmo tempo os átomos se uniram às moléculas. A riqueza de formas fica maior; em matérias, chega a cerca de 30.000 diferentes formas de existência.

## Vª ETAPA:

6. Sob as influências controladoras das radiações ambientais, as ligações genéticas (Genekel) se transformaram em grupos de Genekel: a genética dos gêneros estava formada. Ao mesmo tempo, as moléculas das matérias se uniram em grupos de moléculas. A riqueza de formas se tornava cada vez maior, tanto que cresceu para 300.000 formas diferentes de existência.

7. Sob a ação dos catalisadores presentes no ambiente, com a utilização de átomos e moléculas, os grupos de Genekel se uniram como matéria constituinte para as primeiras células: o plano estrutural das espécies foi fixado na genética dos seres que estavam surgindo. Graças a este trabalho, a nova unidade neste meio tempo se tornou capaz de receber uma quantidade muito grande de vida, de modo que sua ação se torna visível: a primeira vida perceptível começava a se mover! Ao mesmo tempo, os grupos de moléculas materiais se uniram em comunidades: cristais emergiram.

#### VIª ETAPA:

1. De acordo com o plano estrutural que determina as espécies, que repousa nos grupos de Genekel, crescem as células uma após a outra até formar o ser vivo planejado: unicelular para unicelular, multicelular para multicelular, humano para humano. Nenhum ser vivo pode se elevar sobre a forma que está determinada em sua genética. Ao mesmo tempo segue o crescimento dos cristais de acordo com o plano estrutural próprio da espécie, que repousa nos grupos de moléculas: tipos de cristais finos como o pó encontram seu limite de crescimento no pó de cristal; já as pedras de cristal chegam a 700 quilos de cristais hexágonos gigantes. No final do crescimento, seja ser vivo ou matéria, em cada unidade encontramos a existência própria acabada; cada qual, apesar de possuir uma relação com sua espécie, é uma coisa em si: a personalidade passa a existir em meio a uma grande diversidade de unidades pessoais.

#### VIIª ETAPA:

2. As personalidades isoladas se unem em grupos, formam uma etapa superior, desistindo de uma parte da liberdade pessoal: seres vivos se unem em famílias, cuja quantidade de indivíduos pode ser pequena (como nos humanos) ou chegar aos milhões (como nos cupins, entre outros). Unidades materiais formam, nesse sentido, as flores de cristal (flores de gelo) até atingir gigantescas montanhas de cristal basalto. Também aqui cada cristal abre mão de parte de sua liberdade de crescimento para poder chegar a uma unidade superior.

#### VIIIª ETAPA:

3. As famílias isoladas se unem abrindo mão de uma parte de sua liberdade familiar para formar comunidades superiores: surgem clãs. Ao mesmo tempo, as comunidades de cristais se unem desistindo de parte de sua liberdade de existência para formar unidades superiores: surgem os corpos celestes.

#### IXª ETAPA:

4. Clãs se unem desistindo de parte de sua liberdade tribal para formar unidades superiores: povos passam a existir. Corpos celestes se unem abrindo mão de parte de sua liberdade de movimento e outras liberdades para formar unidades superiores: sistemas solares animam o universo.

#### Xª ETAPA:

5. Povos se unem abrindo mão de uma parte de sua liberdade popular para formar comunidades superiores: espécies e talvez gêneros formam uma unidade. Ao mesmo tempo, os sistemas solares, desistindo de uma parte de sua liberdade de movimento, formam unidades superiores: galáxias se formam.

#### XIª ETAPA:

6. Para proveito mútuo, espécies se encontram para formar comunidades de espécies, sem que, como em casos anteriores, sejam perdidas a pureza e as características da espécie, a pureza e as características do povo, a personalidade e as características de caráter: somente é colocado um freio na liberdade de ação, na medida em que for de origem egoísta. Da mesma forma as galáxias encontram suas ordens superiores em grupos de galáxias.

#### XIIª ETAPA:

7. O mundo vivo de toda Terra encontra no universo vivo seu objetivo comum, sua tarefa comum, sua pátria comum. Da mesma forma, o mundo da matéria inanimada de todos os mundos do universo encontra seu todo superior: a diversidade se tornou novamente unidade, de onde ela surgiu.

Agora está claro como o Sol que nunca e jamais os unicelulares podem ou puderam evoluir para animais ou árvores, pois o plano estrutural que estabelece os limites do desenvolvimento já existia naqueles tempos distantes quando o ser em formação nem sequer possuía o tamanho de elétrons e, assim, sua forma de existência ainda estava bem abaixo do limite da visibilidade. E do mesmo modo está claro que em unicelulares vivendo em comunidades não existem “estágios transitórios” que levem para seres vivos superiores com sistemas de órgãos, mas somente uma comunidade que simplesmente denominamos de “clã”.

Agora também fica compreendido por que, apesar de um grande esforço “científico” de cuidar dos macacos, mesmo com a melhor das intenções de ambos os lados, não pode surgir um humano a partir de um deles: o plano estrutural de um símio já está em seu esboço num tempo muito anterior, quando a forma de existência daquilo que posteriormente iria se tornar um macaquinho apenas tinha alcançado o tamanho de uma molécula! E da mesma forma já estava presente, naquele tempo distante, o rascunho do plano estrutural para os humanos em outras minúsculas coisas do tamanho de moléculas.

Se você quer entender o tornar-se das coisas, é preciso encontrar primeiramente os elementos constituintes, para a partir daí também conhecer o plano estrutural: precisa aprender a obra segundo a ação do mestre!



## 2

# PERÍODOS NA GEOLOGIA E NA HISTÓRIA NATURAL

Todos os achados realizados até agora e que fornecem informações sobre tempos passados apontam insistentemente no sentido de que os diversos grupos de seres vivos foram ganhando posições em nossa Terra de forma abrupta. Mesmo o mais fanático apóstolo da teoria da ancestralidade, se quiser ser honesto, precisa reconhecer de forma desapontada que uma evolução ascendente, que vai progredindo aos poucos, não é percebida, mesmo com a aplicação de todo tipo de arte da distorção. Sempre depois de longos períodos de calma aparecem de forma repentina, como que brotando da terra, novos grupos de plantas e animais. Então se segue novamente um longo período de calma e, de forma igualmente abrupta e direta, aparecem novos grupos de animais e plantas, e, mais tarde, se repete o mesmo jogo em espaços correspondentes.

Estes períodos que retornam ritmicamente não se referem somente aos seres vivos mas também a mudanças geológicas e climáticas profundas, como a formação de cadeias de montanhas, eras glaciais, vulcões, inundações, climas e zonas climáticas. Além disso, chama a atenção que grandes transformações geológicas sempre coincidem com profundas transformações na fauna e na flora.

Nos tempos de formação montanhosa do Siluriano e na era glacial que se seguiu, apareceram os primeiros vertebrados na estrutura de peixes cartilaginosos. Na formação montanhosa permiana e na era glacial que se seguiu, apareceu um novo mundo vegetal e os répteis chegaram a um florescimento superior. Achados também apontam que provavelmente neste período surgiram os primeiros marsupiais. Já durante a formação montanhosa do Terciário e na era glacial subsequente, os mamíferos verdadeiros chegaram a um desdobramento e o humano pisou na Terra.

Semelhante regularidade também pode ser desenhada nas mudanças climáticas. Depois da era glacial pré-cambriana reinavam, durante o primeiro terço do período cambriano, inicialmente zonas climáticas bem definidas, depois menos definidas e um clima frio; mais tarde isso se transformou num clima quente, que se estendia uniformemente por toda Terra, que apenas foi interrompido pela era glacial siluriana. Na sequência, a segunda metade do Siluriano possuía zonas climáticas bem definidas e clima mais frio. No final deste período, ocorreu um clima mais quente abrangendo quase a totalidade do planeta, que apenas foi cessado bruscamente pela era glacial permiana. No período seguinte, o Triássico, reinavam novamente zonas climáticas bem definidas e clima mais ameno, que no período jurássico e cretáceo foi aos poucos ficando mais quente, apenas interrompido por um retorno do frio. Somente quase no final do período terciário, a última era glacial encontrou o seu término. O atual período pós-Era Glacial está novamente, como sempre ocorre nos períodos com formação montanhosa e era glacial, sob o signo das zonas climáticas definidas cujo frio nós ainda hoje sofremos. Também se pode concluir um retorno periódico parecido no que se refere às inundações (dilúvio) em todas as idades da Terra.

Todos esses grandes períodos se alternam exatamente de maneira tão regular quanto o inverno e o verão de cada ano. Cerca de 225 milhões de anos antes de nossa contagem do tempo e antes da última era glacial, a Terra viveu a era glacial permiana; 225 milhões de anos antes desta, portanto, há 450 milhões de anos antes de Cristo, a siluriana; há 675 milhões, a Pré-Cambriana e a Eozoica, há 900 milhões.

Como, até onde nosso conhecimento pode alcançar, a cada 225 milhões de anos depois de cada avanço de gigantescas formações montanhosas, surgiu uma era glacial, então podemos certamente supor isso para tempos anteriores e também para tempos vindouros. Nesse sentido permanece completamente indiferente se a Terra já chegou realmente à formação de geleiras nos tempos primitivos ou se somente houve um forte recuo de temperaturas. Depois de outro período destes, portanto, algo em torno de 225 milhões de anos depois de Cristo, nossa Terra em todo caso deve esperar uma nova era glacial, após a formação de cadeias de montanhas (orogenia).

No interior de cada um desses grandes períodos geológicos, que eu denomino de anos geológicos, há três subperíodos que regularmente são repetidos de forma

exata, para os quais utilizo a denominação de primeiro, segundo e último terço. A linha divisória destes três tempos da geologia, que quase sempre coincidem com o início de grandes transformações, eu denomino de período de mudança. Com isso deve ser entendido que as mudanças que até agora aconteceram no decorrer da história natural e na geologia são promovidas por algo que está fora da Terra.

A contagem dos anos geológicos começa adequadamente com o resfriamento da superfície terrestre no tempo primitivo, como sendo o momento mais antigo, sobre o qual se pode expressar algo específico: este tempo está, de acordo com as mais recentes pesquisas, no ano de 2 bilhões de anos antes de Cristo. O primeiro período de mudança, que introduziu este primeiro ano geológico, deve ter acontecido então em 225 milhões antes de Cristo. Contudo, isso não significa que não havia acontecimentos deste tipo anteriores a isso, em todos os tempos.

No último terço de cada ano geológico, portanto, entre o terceiro período de mudança, quer dizer, o último, e o primeiro período de mudança do novo ano que está iniciando, segue-se sempre as grandes transformações do ponto de vista geológico, climático e natural. Este período de tempo representa o tempo revolucionário da natureza.

Assim como antes do primeiro período de mudança a bagunça na superfície terrestre foi causada por incríveis orogenias, antes do terceiro período de mudanças esta bagunça foi provocada por inundações (dilúvios) de alcance mundial.

Também o segundo período de mudanças foi introduzido por inundações, embora em escala muito menor. Entre os períodos de mudança isolados há sempre um espaço de tempo de 75 milhões de anos.

De acordo com algumas sequências de camadas nos depósitos minerais, às vezes parece como se justificasse ainda uma subdivisão de cada terço isoladamente, cada qual em três estágios (A, B e C) cujas linhas divisórias denomino de período secundário de mudança. Somente uma posterior pesquisa mais exata e sem preconceitos pode esclarecer se uma tal subdivisão é realmente correta. Inicialmente tenho fortes desconfianças, mas, apesar disso, em todo caso, apresento esta subdivisão cujo período é de 25 bilhões de anos.



As relações climáticas no interior de cada ano geológico, de acordo com os resultados das pesquisas até o momento, indicam o seguinte:

#### PRIMEIRO TERÇO:

- a) No início da Era Glacial, as zonas climáticas são bem definidas; frio nas partes mais altas; gelo permanente nas zonas polares.
- b) Um pouco mais quente; zonas climáticas menos definidas.
- c) Calor crescente; zonas climáticas equilibradas.

#### SEGUNDO TERÇO:

- a) Subtropical: zonas climáticas equilibradas.
- b) Um pouco mais ameno: moderadamente desenvolvido para zonas climáticas equilibradas.
- c) Zonas climáticas definidas: moderadas a equilibradas.

#### ÚLTIMO TERÇO:

- a) Calor crescente: subtropical; zonas climáticas equilibradas.
- b) Subtropical: zonas climáticas equilibradas.
- c) Temperaturas em queda: zonas climáticas definidas — de moderada à Era Glacial.

Com o primeiro período de mudança do 10º ano geológico, o atual, que se estende até o ano 225 milhões depois de Cristo, começou a Era Glacial, e o humano apareceu. O último período de mudança do 9º ano geológico ocorreu 75 milhões de anos antes de Cristo. Com ele iniciaram os tempos mais recentes e com ele o predomínio dos mamíferos verdadeiros. O segundo período de mudança do mesmo ano geológico aconteceu 150 milhões de anos antes de Cristo, no período jurássico. Depois dele, no período seguinte, o cretáceo, as plantas decíduas e as plantas floridas tiveram seu início e começaram seu domínio por toda a Terra. O primeiro período de mudança, 225 milhões de anos antes de Cristo, coincide com o início deste ano geológico, aliás, como sempre ocorre. No lugar das decadentes florestas do Carbonífero, um novo mundo vegetal acompanhou a Terra; anfíbios e répteis, provavelmente também marsupiais, começaram a animar o planeta.

Com o último período de mudança do 8º ano geológico, 300 milhões de anos antes de Cristo, apareceram os primeiros insetos, e as florestas do Carbonífero evidenciaram sua pujança. O segundo período de mudanças, 375 milhões de anos antes de Cristo, ofereceu o prelúdio para o desenvolvimento das plantas terrestres, enquanto que o primeiro período de mudança, 450 milhões de anos antes de Cristo, que introduziu este ano geológico, trouxe os primeiros representantes dos animais vertebrados na estrutura dos peixes cartilagosos. Como novidade apareceram então os trilobitas com grandes olhos reticulados.

O último período de mudança do 7º ano geológico, 525 milhões de anos antes de Cristo, trouxe o auge dos trilobitas. A partir deste momento, seguindo em direção à idade primitiva da Terra, as fronteiras das subdivisões se apagam e somente as fronteiras dos anos geológicos em si permanecem mais ou menos nítidas, para mais tarde desaparecerem da mesma forma. Nossos conhecimentos sobre os seres vivos da época vão ficando cada vez menores. O início deste ano, 675 milhões de anos antes de Cristo, trouxe entre outras coisas o desdobramento dos *brachiopodas*.

No início do 6º ano geológico, 900 milhões de anos antes de Cristo, surgiram provavelmente os vermes e corais, entre outros; no início do 5º ano geológico, 1125 milhões de anos antes de Cristo, provavelmente as esponjas e os crustáceos inferiores; no início do 4º ano geológico, 1350 milhões de anos antes de Cristo, os protozoários devem ter aparecido, enquanto que o surgimento das algas primitivas e de diversas bactérias e micróbios já devem ter seguido já no início do 2º e 3º ano geológico, 1575 milhões e 1800 milhões de anos antes de Cristo. No início do 1º ano geológico, em 2025 milhões de anos antes de Cristo, começou a solidificação da superfície terrestre, conforme já mencionado anteriormente.

Certamente não há necessidade de mencionar que as informações de tempo que abrangem gigantescos períodos só podem ser consideradas como aproximações, mesmo que grandes equívocos possam ser descartados graças a modernos métodos de pesquisa. Razões desconhecidas podem colocar em dúvida a exatidão de tais cálculos e uma margem de erro de 10% pode estar dentro do campo do possível.

Também o momento em que a ação de cada período de mudança se torna visível pode ter e tem determinadas oscilações. As relações devem — neste aspecto — nos anos geológicos ser semelhantes às do ano do calendário. Certamente o início

da primavera pode ser calculado para o dia 21 de março, mas o momento em que a verdadeira primavera começa, quer dizer, quando as temperaturas mais quentes vão sobrepujar as frias, quando as árvores brotam, isso foge a qualquer cálculo, embora todos os “fatores ambientais” permaneçam os mesmos. Isso é diferente de um ano para outro. Situação semelhante acontece com as outras estações do ano, apesar de amplo aparelhamento meteorológico e calendários seculares. Mas nem por isso alguém vai querer abrir mão desta distribuição prática e considerar as informações dos produtores de calendários como inverdades.

O que mesmo no interior de um ano do calendário não é possível, apesar de anos de experiência e projeções, também não se pode esperar em se tratando de um ano geológico. Além disso, há poucos anos geológicos à disposição para os pesquisadores, e o contemporâneo não pode ser considerado, porque os humanos contemporâneos não irão sobreviver a ele. Por isso, o conhecimento humano, como em todas as áreas da pesquisa, sempre terá lacunas.

A ação de períodos isolados pode coincidir com o momento calculado; se isso realmente aconteceu, ninguém pode predizer: da mesma forma é possível que sua ação tenha aparecido mais cedo ou mais tarde!

As concepções acerca da duração de cada idade da Terra talvez possam até ainda mudar mais vezes no decorrer dos séculos, mas equívocos como os que ocorreram há poucos anos, quando se supunha a idade da solidificação da superfície terrestre em apenas 25 milhões de anos antes de Cristo, não devem mais se repetir nem hoje e nem no futuro. O grande significado que está no conhecimento da sequência dos grandes períodos e dos períodos de mudança, sua constante repetição e retorno, de forma alguma será prejudicado por isso.

Até onde hoje conseguimos ver o passado, sempre se alternam na Terra tempos de calma e tempos em que todas as forças estão em ação. Na sequência deste desdobramento de poder do “céu e da terra” aparecem repentinamente de forma direta novas formas de seres vivos que nunca existiram: este poder, que periodicamente pôde levar as forças da Terra a um incrível desdobramento, que supera todas as representações humanas, também será poderoso o suficiente para, de tempos em tempos, despertar nova vida!



### 3

## PRÉ-CONDIÇÕES PARA O SURGIMENTO DA VIDA

Na época em que se inventou esta teoria antinatural da ancestralidade comum, se concebia a idade da Terra como sendo muito curta. Isso já aponta seu “genial” pensamento subjacente. Tendo como base o período de tempo, já mencionado no capítulo anterior, de apenas 25 milhões de anos entre a solidificação da superfície terrestre e o tempo atual, estaria à disposição apenas 300 mil anos desde o aparecimento dos primeiros mamíferos verdadeiros e para o tornar-se humano a partir dos ancestrais símios no máximo 60 mil anos ou somente 1500 gerações!

Parece até uma piada de mau gosto a constatação de que entre os círculos da teoria da ancestralidade aparentemente ninguém refletiu sobre o fato de que uma sequência de gerações tão pequena poderia levar à formação de um grupo de ser vivo superior (ordem, família, entre outros). Mas acredito que foi este o caso, pois a análise e a constatação disso também teriam sido possíveis naquela época, mesmo sem os modernos instrumentos. Não levando em consideração as formas de vida curta, que necessitam de apenas dias ou semanas para a constituição de uma nova geração, ainda assim restam muitas espécies que precisam de um ano para uma geração. Entretanto, um período de tempo de 1500 anos (1500 gerações) teria sido suficiente para observar essa necessidade. Em todo caso, para aqueles que estavam de olhos abertos, já estava claro que nem o mundo animal e nem o vegetal se “transformam” num espaço de apenas algumas milhares de gerações!

Com os resultados das pesquisas de tempos mais recentes, que aumentaram o número de gerações que estão no nosso passado em 80 vezes, a suposição de uma mudança nas espécies parece um pouco mais provável. Na realidade, mesmo esta sequência de gerações não é suficiente, como já mencionei anteriormente.

Uma geração única com a suposição de uma “evolução” através da sequência de gerações é, desse modo, algo impossível. Que condições prévias seriam necessárias para possibilitar um surgimento múltiplo da vida?

Acima de tudo, teriam de ser preenchidas as seguintes pré-condições, para que a vida pudesse ressurgir de tempos em tempos:

1. Uma ação cósmica externa geradora de vida.
2. A possibilidade de formação celular a partir de matérias minerais básicas.
3. Um plano estrutural válido para todo o universo.
4. Um germe de vida capaz de se adaptar nos primeiros tempos de seu surgimento.
5. A possibilidade de influência de um ambiente emissor de radiação sobre um germe em formação.
6. A possibilidade de divisão celular e, com isso, de crescimento do ser vivo, controlado pelo ambiente, durante seu desenvolvimento embrionário.
7. A possibilidade de desenvolvimento de todos os seres vivos, também o mais altamente organizado, a partir de uma única célula inicial.
8. Para poucos casos excepcionais, a possibilidade de uma velocidade de crescimento incomum.
9. A possibilidade de formação de seres vivos idênticos a partir de diferentes estágios iniciais.
10. A possibilidade de algum tipo de reprodução.

A existência de uma ação externa geradora de vida é tão óbvia que para isso certamente não é necessária uma comprovação especial. Em algum momento e em algum lugar alguma coisa precisa ter dado o pontapé inicial para a formação de células vivas. É completamente indiferente se o poder criador promoveu este início por meio de algo especial a partir de radiações vindas do universo ou da própria Terra em determinados tempos, ou se por meio de primitivos germes da vida, ou seja lá o que for. Sem influências externas especiais — como todo dia reiteradamente é comprovado —, jamais pode surgir vida a partir de matérias inanimadas. Até mesmo os teóricos da ancestralidade não podem viver sem esta suposição — e isso já significa muito.

Certamente não restam dúvidas de que a vida surgirá cada vez que ocorrem ações deste tipo e enquanto nossa Terra ainda for capaz de oferecer condições, seja quais forem. Exatamente da mesma forma que os movimentos da maré recebem influências externas (força gravitacional do Sol e da Lua), assim também surgirá vida na Terra sempre que houver as mesmas ações externas.

Será que alguém duvida da ação da ferrugem sempre que houver ferro, ar e umidade ou da “geração” de calor, fumaça e gases de combustão em qualquer fogo?

Em todo caso, não há uma razão sensata para sonhar com o surgimento único da vida, pois este fato não se consegue comprovar! Quem apresenta tais doutrinas provavelmente não tem mais direito de zombar dos dogmas de unicidade presentes em outras doutrinas.

Da mesma forma está comprovada a possibilidade de transformar materiais minerais, orgânicos e químicos em proteína viva e estruturas vivas. A imensa quantidade de unicelulares vegetais do mar que fornecem o alimento para outros seres vivos se constituiu desta forma. Procedimentos semelhantes também são percebidos no mundo vegetal da terra firme. Esta possibilidade é igualmente preconcebida pelos teóricos da evolução, embora silenciem infelizmente sobre a “evolução filogenética” desta capacidade.

Cada agricultor pode confirmar que matérias orgânicas já formadas — seja ainda em vida ou já mortas — são igualmente suficientes para a formação de animais superiores. A mosca do petróleo, entre outras, confirma que materiais bem absurdos, ou até mesmo venenos, podem levar à construção desses seres vivos. De igual modo, a traça da cera é um destes animais estranhos: ela deixa intocados o belo mel e o nutritivo pólen das flores para se alimentar das ressecadas paredes de cera. O tempo aqui não levou a uma “mudança”.

Conforme já mencionado em capítulos anteriores, não se pode mais duvidar da existência de um plano cósmico de construção e de estrutura, tanto para seres vivos quanto para inanimados. A própria teoria da evolução parte do pressuposto — ainda que de forma inconsciente — de um tal plano estrutural, mesmo que ainda tenha reconhecido e não queira ver: o que seria de uma “evolução” sem um plano que desregradamente por vezes iria desenvolver o olho direito, outra vez “re-

converteria” a pata traseira esquerda, na próxima vez “transferisse” os dentes para dentro do estômago, etc. Provavelmente o gato hoje teria um olho no rabo (de acordo com a espécie, em lugares diferentes) e o outro na língua. Não pode existir um mundo sem um plano estrutural — mesmo o cego com a bengala sente isso!

Por certo, a capacidade de adaptação do germe de vida que se encontra em formação não deveria ser colocada em dúvida por nenhum humano capaz de pensar claramente. Indiferentemente de como se pensa o surgimento da vida, sempre deve-se partir do pressuposto de que seres vivos, recém-formados foram adaptados às condições ambientais, caso contrário, já teriam sucumbido logo no início. Por esta razão, as primeiras estruturas vivas da teórica geração primitiva filogenética já precisavam conter a capacidade de adaptação à água, senão teriam todas se afogado!

Verificam-se procedimentos semelhantes aos da formação das moléculas. Do mesmo modo que um elemento somente consegue formar uma ligação com algo existente e, neste contexto, novamente prefere um “tipo” a outro, na formação do germe da vida, o local em que as unidades são depositadas fornece os materiais para sua construção. De acordo com os materiais, ocorre uma determinada influência na estrutura e na forma, e estes agem como catalisadores na formação de corpos, mas não fazem parte da sua constituição. Cada diferença condiciona um ser diferente.

Da mesma forma se sabe da existência de um ambiente emissor de radiação. Essa radiação emitida é capaz de influenciar até mesmo seres vivos já formados, conforme é comprovado irrestritamente. Neste caso, são capazes de fazer muito mais em germes minúsculos que ainda se encontram em formação — ainda tudo está no tornar-se.

De fato, os teóricos da evolução já possuíam uma vaga noção e contemplaram isso com o conceito de “influências por meio das relações ambientais”. Mas as conclusões que tiraram a esse respeito estavam erradas: as influências do ambiente não são suficientes para uma alteração da forma de seres vivos já constituídos, conforme pode ser facilmente comprovado a todo momento.

Há exatos 30 anos, Gurwitsch descobriu que células vegetais em crescimento emitem radiações capazes de exercer sensíveis influências sobre plantas que estão nas

proximidades. Na sua perspectiva, a “radiação de divisão nuclear” se expande livremente pelo espaço e transfere energia para plantas vizinhas, agindo de forma a estimular o crescimento. Como de costume, os “especialistas” dão de ombros no que se refere a este aspecto — embora este efeito possa ser reiteradamente comprovado por meio de experiências, já que faltam instrumentos capazes de captar tais radiações.

Nesse sentido, novamente o tempo passou e mostrou, apesar da negação por parte das “autoridades”, outra vez de forma completamente clara, o quanto é injusta a perspectiva: “o que não conseguimos medir ou não conseguimos compreender, isso não existe!” Um novo tempo construiu aparelhos que são bastante sensíveis para captar esses efeitos. Foi constatado assim que a radiação emitida possui uma onda com o comprimento de 340  $\mu\text{m}$ , portanto, que pertence ao campo dos raios ultravioletas e está próximo ao limite da luz visível. Desse modo, a prova de um efeito químico desta radiação sobre materiais inanimados, conforme concluído, demonstrou que tecidos animais em crescimento também emitem radiações do comprimento acima mencionado. Inclusive a radiação é mais forte à medida que as células vão se reproduzindo. Por isso, tecidos já formados não emitem mais radiações capazes de serem medidas. Disso foi concluído que a emissão da radiação não acontece mais em casos de anestesia (narcose).

Mas isso ainda não é tudo: correntes elétricas muito finas são geradas por toda parte e emitidas nas proximidades onde se agita a vida. Em cada batida do coração, em cada atividade corporal ou mental, tais correntes — as quais nossos aparelhos ainda são capazes de captar a um metro de distância ou mais — fluem para os arredores.

Além do mais, uma área no entorno pode ser influenciada por efeitos químicos externos. Diferentes metais, penas de pássaros, asas de borboletas e outros materiais animais ou vegetais mortos são tão influenciados por uma prolongada exposição à luz, que exercem efeitos semelhantes à luz sobre chapas fotográficas: não há dúvida de que ao lado dessas radiações e efeitos já descobertos ainda há muitas coisas existentes que estão desconhecidas.

Mesmo que todos esses efeitos sejam muito fracos para promover uma mudança na forma de seres vivos já formados, eles podem ser mais do que suficientes para exercer uma profunda influência sobre a construção do germe primitivo e sua

composição, assim como sobre a formação das moléculas de proteína no período do surgimento das primeiras células dos seres em desenvolvimento.

As próximas duas precondições, a divisão celular e a construção de todos os seres vivos a partir de uma única célula inicial, são perceptíveis em toda parte, desde os menores unicelulares até os maiores vertebrados. Isso é até mesmo “reconhecido” pelos teóricos da evolução.

Os unicelulares se multiplicam por meio de divisão celular, da mesma forma que todo crescimento, independentemente de sua espécie. A cada hora são formadas dessa maneira uma quantidade de células tão grande, que nem se consegue mensurar com cifras astronômicas. Uma prova especial disso é completamente supérflua.

Desse modo, a pesquisa embrionária há tempos já promoveu esclarecimentos de que cada ser vivo, cada descendente de plantas ou de animais existe inicialmente como uma única célula, mas que já contém o plano estrutural do ser que irá se formar.

Assim, cada esporão de cogumelo, cada semente, portanto, cada capim, cada flor, cada árvore e outra planta qualquer foi uma única célula em seu início, quando então se formou a semente ou o esporão. Exatamente assim ocorre com os seres vivos animais. O ponto de partida de cada ovo, de cada embrião foi e sempre será uma única célula!

Seja pulga, mosca, peixe, ave, elefante ou qualquer outro ser, tudo foi em algum momento uma célula solitária que se dividiu e se multiplicou e, dessa maneira, constituiu aos poucos o ser definitivo. Para a construção de uma macieira, a natureza não necessita de um musgo, assim como não é necessário um crustáceo para a construção de um peixe e para o humano não se precisa de um macaco: o ser humano surge ainda hoje a partir de uma única célula, apesar de toda a teoria dos macacos!

Assim, de forma reiterada, a natureza faz surgir os descendentes de seres vivos já existentes a partir de uma única célula inicial cujo número já em um segundo supera toda imaginação humana. Isso é tão conhecido e sabido, que ninguém mais presta atenção. Nesse sentido, de tanto observar as árvores, em especial os seguidores da teoria da evolução são incapazes de ver a floresta. Às vezes parece que o mais conhecido e o mais geral é o mais difícil de ser reconhecido e compreendido.

Dessa forma, faltou somente ainda, no “período da criação”, a chance de existência de um acelerador de crescimento para possibilitar e explicar o surgimento de todos os seres vivos.

Mesmo em tempos “normais”, o crescimento aumenta muitas vezes. O ser humano, por exemplo, cedo ou tarde terá atingido o “crescimento máximo”, com uma ampla margem de diferença. Muitas coisas podem contribuir para isso. Como exemplo pode ser citado que um tratamento com hormônio da tireoide é capaz de em poucos anos recuperar o desenvolvimento perdido por décadas.

O poderoso efeito estimulante do desenvolvimento deste hormônio também aparece em outros seres vivos, de modo que é indiferente a espécie de animal na qual ele é coletado. Depois da injeção de  $\frac{1}{10}$  de miligrama de puro hormônio da tireoide, um axolote (espécie de salamandra) começa já depois de 11 dias sua transformação para a forma terrestre, enquanto que 3 centésimos de miligrama são capazes de forçar tal desenvolvimento somente depois de 5 a 6 semanas.

De fato, o mundo vegetal dispõe de hormônios que estimulam o desenvolvimento. Por meio de um breve tratamento com hormônio do crescimento, por exemplo, a formação de raízes de um ramo fincado na terra pode ser acelerada por várias dúzias de vezes. Mesmo ramos de plantas que dificilmente se reproduzem dessa maneira podem ser levados facilmente a um enraizamento por meio deste tratamento.

A quantidade de massa celular que a natureza é capaz de produzir em condições normais nos é demonstrada claramente pelo desenvolvimento do bovista gigante (*Globalia bovista*), que às vezes no decorrer de uma noite já se desenvolveu num corpo de  $\frac{1}{2}$  metro de diâmetro e 9 quilos. Como as células em cada divisão se reproduzem para o dobro, assim, 1 quilo se transformaria em 2 depois da primeira divisão; depois da segunda, seriam 4; depois da terceira, 8; depois da quarta, já chegariam a 16, e assim por diante. Neste caso, este cogumelo logo encheria um caminhão inteiro, caso seu desenvolvimento continuasse nesta velocidade.

Mesmo que se calcule o alto teor de água dos cogumelos, exatos 90% (bovistas garrafa - 87%), a massa formada num único dia seria suficiente para o “acabamento” de um filhote dos maiores mamíferos. (Os humanos são formados de exatos 60% de água)

Que a diferença da velocidade do desenvolvimento dos atuais mamíferos é muito grande deveria ser de conhecimento de todos. Assim, um rato tem uma gestação de poucas semanas; em contrapartida, a do cavalo demora quase um ano (340 dias). Que esta diferença não é condicionada pelo tamanho do filhote já é comprovada pelo fato de que o período de desenvolvimento de um cachorro São Bernardo não é correspondentemente maior do que o de um minúsculo cãozinho de colo.

Da mesma forma, a duração do desenvolvimento não pode ser condicionada pela massa que precisa ser formada, pois os melolontas (espécie de besouros) necessitam de três anos para formar poucas gramas; já o porco chega a 200 quilos ou mais (de acordo com a raça) em menos de um ano.

Uma tempestade nos mostra, entre outras coisas, a rapidez com que gigantescas forças, mesmo em normais condições terrestres, são capazes de se formar. Durante semanas e meses, a pequena força da eletricidade do ar pode permanecer a mesma. Mas então repentinamente — especialmente nos trópicos —, em poucas horas, crescem gigantescas nuvens de tempestade no céu anteriormente sem nuvens e então se sucedem os trovões estonteantes dos raios, que chegam de 10.000 a 20.000 amperes, com uma tensão de 1 a 2.000.000 de volts, fazendo tremer céu e terra.

Seria necessário muito para chegar a uma única fagulha que possa ser assemelhada ao raio por meio do “atrito”, que é o caminho normal de um eletróforo\* e de uma garrafa de Leyden\*\* gerar eletricidade!

Na formação da tempestade vivenciamos assim, em condições terrestres normais, uma aceleração do desenvolvimento em escala milionésima!

A tempestade é um dos fenômenos mais maravilhosos cujo surgimento — basicamente — ainda está no escuro, apesar de todas as teorias. Sabemos somente sob quais relações externas ela pode surgir, mas não como surge! Um relato sobre os gigantescos efeitos da concentração da eletricidade do ar iria parecer inacreditável para pessoas que vivem em regiões em que não ocorrem tempestades, exatamente como o efeito dos relatos sobre a água que se solidifica no inverno tem sobre

\* Bolo de resina que é batido com um pelo para a geração de eletricidade.

\*\* Uma garrafa coberta por papel laminado que armazena as faíscas geradas pelo eletróforo. Baterias de tais garrafas podem dar choques mortais.

as populações dos trópicos. Também nossos especialistas iriam prontamente nos “comprovar” por meio de suas regras e leis a impossibilidade de formação de uma tempestade, se não tivessem eles próprios vivenciado este fenômeno incompreensível. É esclarecedor que as gigantescas forças que aparentemente surgiram do nada podem, se conduzidas para outros caminhos, ser capazes de prestar gigantescos trabalhos!

Se uma tal aceleração do desenvolvimento e formação de forças já é possível e costumeira em condições normais, imagina em tempos de grandes acontecimentos naturais, como as transformações da superfície terrestre! Conhecemos uma porção de estrelas fixas (sóis) que em tempos de catástrofes aumentaram sua força de luminosidade em milhares de vezes ou até mesmo em centenas de milhares. A Nova da grande nebulosa de Andrômeda chegou até uma luminosidade solar centenas de milhões de vezes mais intensa!

Tudo indica que para tais tempos geológicos incomuns pode ser preconcebida com razão uma velocidade de desenvolvimento muito acima da medida normal.

Sobre a possibilidade de uma formação e desenvolvimento da mesma espécie de seres vivos a partir de diferentes pontos de partida há tempos não há mais dúvidas.

Os fungos da levedura, que geralmente se reproduzem por germinação, fazem-no em condições desfavoráveis, formando esporos. Vários esporos envolvidos por uma película são então formados em cada célula de levedura, tornando-se muito mais resistentes a influências externas do que à célula de levedura. Se mais tarde eles entrarem em condições favoráveis, crescem em células de levedura do mesmo tipo e se multiplicam novamente na forma habitual através da germinação. É evidente que existe uma enorme diferença entre o desenvolvimento por germinação e o dos esporos; o resultado final, no entanto, é o mesmo.

As bactérias se reproduzem usualmente por meio da divisão mas também podem desenvolver esporos permanentes e, mais tarde, se voltarem ao solo favorável, retornam à forma usual embrionária, novamente se reproduzindo por divisão. Tais esporos permanentes frequentemente são muito resistentes; eles podem ressecar, congelar e até mesmo ser cozinhados, sem com isso perder sua capacidade embrionária.

Samambaias podem se reproduzir tanto por meio de rebentos como por esporos. Neste caso a diferença é tão gigantesca, que, se uma tal reprodução não estivesse incondicionalmente comprovada, nenhum leigo nem especialista iriam considerá-la possível. Acima de tudo também deve ser observado que entre esporos e sementes já existe um abismo intransponível. Na maioria das vezes, por serem formações unicelulares extremamente minúsculas, eles não são perceptíveis a olho nu. Parecidos com microscópicas bolhas cheias de líquido, que — ao contrário das sementes — não possuem embrião, já contêm o completo centro organizacional que introduz o plano estrutural predeterminado para o desenvolvimento, mesmo da maior samambaia!

Tão logo esses esporos chegam a um área favorável, desenvolve-se a partir de cada um deles o *Prothallium*, um minúsculo pré-embrião — de cor verde e da forma de uma folha —, no qual ainda não é possível reconhecer uma constituição de raiz, haste e tronco! Esta estranha “planta primitiva”, que ainda não apresenta semelhança a uma planta, já possui uma estrutura em forma de garrafa, composta por um óvulo, denominada *Archegonien*, que representa o órgão feminino e também contém órgãos masculinos na forma de verrugas, chamadas de *Antheridien*. Nesta fase da existência, a alimentação é fornecida por minúsculas raízes em formato de cabelos (rizoderme). A formação de verdadeiras raízes ocorre apenas no estágio seguinte.

A partir dos órgãos masculinos, sob influência da umidade, surgem inúmeras células-sementes (espermatozoides), que inicialmente são esféricas, mas mais tarde assumem um formato de saca-rolhas. Com ajuda de seus cílios vibrantes, elas se locomovem em direção ao óvulo. Apenas na junção de ambas as células sexuais surge de fato o embrião, por meio do qual uma nova planta de samambaia se desenvolve. O pré-embrião no início ainda contribui para a alimentação da planta em formação e, quando sua contribuição não for mais necessária, ele morre.

Já musgo e cavalinha são capazes de se reproduzir de formas fundamentalmente diferentes: rebentos, brotamento, copos gema (*Brutbecher*), esporos. O crescimento a partir de esporos se completa entre eles de forma idêntica como ocorre no desenvolvimento oriundo dos pré-embriões.

Uma reprodução de formas variadas também é percebida em muitas outras plantas. Como todo agricultor sabe, os *elymus* e outros inços enraizados se reproduzem

tanto por estaquia como por meio de sementes. As cebolas podem ser plantadas com cebolinhas novas ou com sementes; a batata-doce por meio de tubérculos, por estaquia ou por sementes; pastagens, diferentes tipos de árvores, assim como muitas espécies de arbustos e plantas, se reproduzem por meio de rizomas e por sementes. Nestes tipos de desenvolvimento há significativas diferenças.

O crescimento de uma mesma espécie, como por exemplo, o de uma cebola jovem, é bem diferente quando o ponto de partida é uma semente. O bambu se reproduz durante longo tempo — cerca de 30 anos — ininterruptamente somente por meio de rebentos da raiz. Nestes períodos, seu desenvolvimento alcança velocidade incrível, chegando a 90 centímetros por dia (!). O crescimento de algumas espécies então se encerra em pouco mais de um mês. Se depois de exatos 30 anos ocorre a floração do bambu, então todas as plantas da espécie, que estão em determinada região, florescem ao mesmo tempo; depois do amadurecimento das sementes, todas as plantas morrem, para dar espaço a uma nova geração surgida a partir delas, que segue o mesmo ritmo e se reproduz inicialmente apenas por meio dos rebentos da raiz, para mais tarde finalizar suas vidas com a produção de sementes.

Em uma observação de 29 anos, poderia, portanto, facilmente ser “comprovado” que um desenvolvimento desta planta a partir de sementes não acontece. Mesmo o tataravô de um rato não saberia falar nada a respeito e, mesmo assim, existe esta possibilidade para esta planta.

Mesmo no mundo animal, o desenvolvimento de uma mesma espécie a partir de diferentes pontos de partida não é algo incomum: animais musgosos (*Bryozoa*) se reproduzem tanto pelo brotamento quanto por duas espécies de ovos. A partir dos ovos de verão, de paredes finas e com formato esférico, nascem larvas incompletas e com cílios, as quais geram dois filhotes por meio de brotos em seu interior, que aos poucos vão crescendo e se tornando animais completos. Em contrapartida, nos achatados ovos de inverno, que possuem uma casca grossa, nascem animais já formados, que na sequência se reproduzem por meio de brotamento.

De forma semelhante se comportam também os pólipos e as esponjas, que tanto se reproduzem por meio de brotamento quanto através de células que formam ovários e espermatozoides. Ou os óvulos fecundados já se formam em larvas no

corpo do animal-mãe, que logo depois do nascimento já saem nadando, ou as larvas saem apenas mais tarde depois da desova.

Diferentes espécies de estrelas-do-mar podem se reproduzir tanto pela divisão quanto por meio de ovos que se desenvolvem sobre um estágio intermediário larval. No primeiro caso, o corpo do animal se parte em duas metades e cada uma delas possui a capacidade de recomposição da metade ausente, de modo que surgem dois animais completos. No outro caso, as larvas que nascem a partir dos óvulos primeiramente passam por uma ampla transformação antes de assumir a estrutura específica do animal. No desenvolvimento a partir dos óvulos, temos, assim, uma certa geração que passa por desvios.

Tubelários, como, por exemplo, o *Microstonum*, conseguem se reproduzir não somente por meio de uma divisão transversal mas também por meio de minúsculos ovos de verão e de grandes ovos de inverno. Além da legítima divisão transversal, na qual surgem dois vermes, há mais uma divisão usual, que resulta em quatro exemplares. Até mesmo pedaços cortados se tornam novamente animais capazes de viver. O que chama a atenção é que esta capacidade de regeneração não é prejudicada pela fome, ou seja, a ingestão de alimentos não é necessária para este crescimento. Não é de se admirar que os filhotes que nascem dos pequenos ovos de verão passam por um desenvolvimento diferente daqueles que surgem dos grandes ovos de inverno.

O pulgão dá à luz 30 a 40 filhotes e depois de 2 a 3 semanas igualmente dá à luz filhotes sem ter havido um acasalamento. Desse modo, a reprodução ocorre da primavera até o final do outono, sem que um macho esteja presente. Somente as fêmeas com asas que aparecem no outono dão à luz filhotes, compostos por fêmeas e machos com asas. Depois de um acasalamento bem-sucedido, a fêmea coloca um único ovo. Então, ela e o macho morrem sem ter ingerido alimento. Do ovo se desenvolve ainda no mesmo outono uma larva: esta é mais resistente ao frio e consegue sobreviver geralmente intacta durante o inverno. Na primavera ela se transforma numa fêmea que novamente, como as primeiras do ano anterior, se reproduz sem ter sido fecundada, reiniciando o velho círculo. Também aqui há uma grande diferença entre o desenvolvimento do filhote a partir do ovo, passando por um estágio larval, e o crescimento do filhote nascido já formado.

Vários outros exemplos são encontrados no reino animal e vegetal. A possibilidade de surgimento do mesmo ser vivo a partir de diferentes pontos de partida e por caminhos diferentes está definitivamente comprovada.

A “geração primitiva” dos seres unicelulares, nas concepções dos teóricos da evolução, apresenta uma nova formação como substituta da divisão. Mas podemos tirar uma importante lição desta justaposição: cada caso isolado desta geração que percorre diferentes caminhos somente parece ser crível porque pôde ser observada “in natura”. Se não fosse isso, seria negado como sendo “impossível”!

O preenchimento da última exigência, quer dizer, a possibilidade de reprodução, é tão óbvia que não necessita de comprovação, mesmo que a forma — como já demonstrado nas páginas anteriores — possa ser extremamente diferente. Ainda precisa ser mencionado que o desenvolvimento direto da descendência não é uma capacidade somente dos mamíferos superiores ou dos humanos mas sim também é encontrado em outros grupos de seres vivos: assim ocorre entre vivíparos, amebas, vermes, caracóis, insetos, peixes, lagartos (por exemplo, *Lacerta vivipara*) e cobras.

Mas o mais estranho é que todas as precondições que devem ser preenchidas para um surgimento múltiplo da vida também são requisitadas pela “geração primitiva” única da teoria da evolução! Todas as exigências são realmente preenchidas de acordo com essa concepção. Uma única exceção é o ponto oito, que a propósito é necessário para a explicação de poucas espécies de seres vivos com cuidado parental. Um plano estrutural sem dúvida não é oficialmente reconhecido pelos teóricos da ancestralidade comum, mas o pensamento de uma “evolução” sem um tal plano estrutural é tão infantilmente simplório, que só pode parecer ridículo.

Um teste imparcial e sem nenhum tipo de “ismos” resultara clara e inequivocamente: todas as precondições necessárias para um múltiplo surgimento da vida estão disponíveis em nossa Terra; nenhum motivo razoável se opõe à suposição de uma “criação” capaz de se repetir periodicamente!





## 4

# A EXPLICAÇÃO

Como se pode perceber claramente a partir dos restos de seres vivos pré-históricos encontrados, a cada 75 milhões de anos aconteceu uma mudança fundamental no mundo vivo que povoou a Terra. Conforme já citado anteriormente, um ano geológico é composto de três períodos, totalizando 225 milhões de anos. O primeiro período, que introduz um tal ano, é seguido por transformações de tamanha amplitude, que é imensamente superior em seu aspecto revolucionário.

Também se deve levar em consideração que, ao passo que há o surgimento de novas formas de seres vivos, assim como a formação de montanhas, inundações ou mudanças climáticas, há um retorno regular de tempos revolucionários. Do mesmo modo que no cotidiano se repete a alta e a baixa das marés, assim também se repetem na vida da Terra — e certamente também em outros corpos celestes — diferentes períodos geológicos que coincidem com a história natural. Da mesma forma que não há período de oscilação das marés, mudança de dia e noite, verão e inverno sem uma interferência de um corpo celeste distante, assim também não podem ocorrer ou se desfazer períodos geológicos, climáticos e da história natural sem essa tal interferência.

Atualmente é de conhecimento geral que as mudanças das estações do ano estão condicionadas à circulação de nosso planeta em torno do Sol. De forma semelhante, mas numa escala muito maior, provavelmente também todo nosso sistema de planetas gira em torno de um ponto central — pelo menos isso é evidente nas estrelas reconhecidas a olho nu e na nossa pequena Terra com o Sol e todos os planetas próximos. Uma tal circulação, que em 225 milhões de anos terá sido concluída, significa um ano geológico. Ele condiciona a mudança dos tempos geológicos da história natural. Se para a mudança das marés já é suficiente um ou dois corpos celestes, então certamente para o desencadeamento de períodos geológicos e da história natural é necessária a influência de todo um sistema planetário.

A posição dos sistemas planetários em relação à nossa Terra, e conseqüentemente em relação ao nosso sistema solar específico, é deslocada a cada 75 milhões de anos, de modo que a força conjunta dos sistemas planetários provoca uma perturbação do equilíbrio, causando com isso uma nova seqüência de períodos geológicos e da história natural. Um fato semelhante como o movimento das marés em nosso planeta perpassa por todo o espaço, se reforça nos períodos revolucionários da geologia e se transforma em tempestade, hoje ainda incompreensível, mas mesmo assim existente.

Esta oscilação no equilíbrio do universo naturalmente tem efeitos na densidade do seu conteúdo: nos tempos de maré baixa é perceptível uma diluição. Nos tempos de maré alta, uma compressão, quer dizer, a posição espacial dos corpos celestes isolados e a posição das moléculas das matérias serão diferentes no que se refere às distâncias entre si.

O presente, depois de há pouco ter passado por uma tempestade do universo (há 1 milhão de anos), novamente está no momento de vazante: como um incrível alívio perpassa pela totalidade que se expande e se amplia. Se tal contexto não é válido para todo o universo, mas sim somente para a parte que somos capazes de observar, isso é indiferente para nossas considerações, pois jamais iremos compreender a outra parte, que nos permanece inacessível.

Em conseqüência deste fenômeno de ampliação na pequena ponta de universo que conseguimos observar, que no próximo período de mudança irá passar por um processo de compressão, o conjunto de estrelas que nos circundam (tirando algumas exceções, sobre as quais nós nos movemos) irá se afastar cada vez mais e tudo poderá desaparecer no universo e abandonar a Terra, deixando-a solitária: a névoa de Andrômeda se aproxima do nosso planeta numa velocidade de 300 quilômetros por segundo; as estrelas da Via Láctea voam numa velocidade média de 15 a 30 quilômetros por segundo; as pequenas nuvens de estrelas já voam a 170; as grandes nuvens até mesmo a 175 e outras nuvens de estrelas com inédita velocidade de 12.000!

Mesmo que efeitos desconhecidos prejudiquem a exatidão da velocidade — talvez, na realidade, ela não seja tão alta como parece hoje —, ainda assim permanece o fato inquestionável de que todo universo de estrelas está se afastando de nós,

numa velocidade inimaginável: ele se expande e se amplia e, por meio disso, a distância entre as estrelas cresce constantemente. Mas assim como as estrelas se afastam de nós agora, irão retornar depois de milhões de anos numa velocidade inédita, condicionadas novamente pelo próximo período de mudanças: a onda de fluxo se expande então pelo universo e lá onde aparecer com potência suficiente abala terra e mar, brotando nova vida.

Como em tais imensos espaços de tempo que separam os períodos geológicos, perturbações de diferentes formas conseguem influenciar, e de fato influenciam, o caminho de corpos celestes e de sistemas planetários, assim também não deve ser esperada uma total regularidade no decorrer de cada ano geológico, da mesma forma que também não é esperada uma total regularidade climática de um ano do calendário.

Catástrofes mundiais de medidas inimagináveis haviam acontecido e acontecem em tais momentos, especialmente em corpos mundiais que, nos tempos em questão, são ou eram especialmente sensíveis. No nosso planeta surgiram inundações mundiais e a formação de montanhas de vários mil metros de altura a partir do poderoso desdobramento de forças daqueles tempos.

Já sobre catástrofes em outros corpos celestes nos informa a supernova da grande nebulosa de Andrômeda. A catástrofe desta estrela deve ter ocorrido há cerca de 900 mil anos, portanto, no início da Era Glacial, e foi observada em 1885. Na época apareceu lá uma estrela do tamanho 8, que até agora nunca havia sido vista. O aparecimento de tal “estrela nova” já é conhecida em nosso sistema estelar: em poucas horas ou dias, uma estrela invisível ou com baixa luminosidade aumenta sua capacidade de luminosidade em milhares de vezes. Logo em seguida, inicialmente em grande velocidade, e depois vagarosamente, desaparece sua força luminosa, até que depois de meses ou anos — às vezes depois de oscilações — novamente retorna à sua antiga luminosidade fraca. A catástrofe da nova estrela, que pôde ser observada no referido ano, foi, todavia, a maior percebida por humanos até o momento. Neste momento, ela alcançou 100 milhões de vezes a luminosidade do Sol!

As forças naturais que se desenvolveram, neste e em outros casos parecidos, são completamente incompreensíveis para os conceitos humanos. Mas a catástrofe ali visível aconteceu há quase um milhão de anos. Como a luz das estrelas fixas

necessita de milhares, até mesmo de 150 a 200 milhões de anos para chegar até nós, até sabemos como elas eram num tempo bastante remoto, mas não sabemos como são atualmente ou se hoje ainda existem.

As concepções sobre as causas dos períodos geológicos podem talvez ainda passar por algumas mudanças no decorrer dos milênios, por vezes irão se afastar do que aqui é explicado e, outras vezes, se aproximar. Novos tempos com novos equipamentos irão aprofundar e ampliar os conhecimentos neste ou naquele ponto. Mas o fato que tais períodos realmente existiram e existem, não somente em nossa Terra mas também em outros corpos celestes, não será alterado.

A partir do comportamento de estrelas variáveis, das quais já conhecemos milhares, fica claramente evidente que neste caso ainda contribuem alguns efeitos desconhecidos. Os integrantes desta classe estelar não irradiam sua luz regularmente, como somos habituados a ver na maioria das estrelas, mas sua força luminosa sobe e desce, semelhante a curvas de febre, em períodos que sempre retornam. Este alto e baixo da curva de luz destas estrelas também se repete no que se refere à sua claridade, composição da radiação, assim como também no ritmo regularmente mantido. Mas também existem estrelas que neste aspecto apresentam uma evidente irregularidade. Sempre a claridade se eleva de maneira repentina, para desaparecer relativamente de forma mais lenta. Assim que o ponto mais baixo é alcançado — às vezes apenas depois de um período de repouso —, a força luminosa logo pula para uma força incomum, depois novamente vai desaparecendo, e assim por diante, numa eterna alternância, ao menos para o entendimento humano.

As forças naturais das estrelas variáveis, que se nos revelam apenas por meio de sua potência luminosa, periodicamente são desdobradas. De forma semelhante também as imensas forças do interior da Terra são levadas de tempos em tempos (três vezes no interior de um ano geológico) à atividade. Então a fina crosta terrestre se levanta e se afunda, por toda parte vulcões entram em erupção em escalas nunca antes vistas, a terra treme, os mares inundam terras e continentes, imensas montanhas se empilham e o antigo fundo do mar se ergue a milhares de metros acima do nível. Assim, a face da Terra é transformada, novos movimentos se consolidam, um novo tempo começa.

É inevitável que tais revoluções afetam sem compaixão o mundo vivo. Muitas formas que não conseguem se proteger e se salvar são completamente eliminadas; outras, fortemente afetadas: vida é eliminada.

Mas a natureza não somente elimina, ela também cria. Como no usual decorrer das coisas, nascimento e morte se sucedem. Mas cada lacuna provocada pela morte é preenchida por um novo ser — assim também ocorre nos períodos geológicos da Terra. Para este caso o surgimento da nova vida já havia sido preparado há muito tempo: o antigo cai, e nova vida brota a partir das ruínas.

Minúsculos germes primitivos invisíveis surgem e flutuam — talvez restritos e comprimidos em determinados pontos — nos amplos espaços geográficos. Esses germes primitivos, que representam menos do que um átomo de uma célula, em seus pré-estágios ainda não eram predeterminados. A partir deles pode surgir ou um animal, ou uma planta, de acordo com as condições encontradas — seja no passado, no presente ou no futuro. Até a primeira célula, que é o ponto de partida de cada novo ser, ainda há um caminho muito longo. Em certa medida é uma vida adormecida que apenas desperta em condições ambientais apropriadas: da mesma forma que esporos permanentes conseguem se manter intactos durante décadas, assim também esses germes primitivos conseguem sobreviver durante imensos espaços de tempo, pelo menos em seu pré-estágio como pré-germe primitivo.

A observação das nuvens escuras, formadas por partículas de pó — que, em parte, chamam a nossa atenção no céu como manchas escuras —, permite ter uma noção da incrível quantidade destes germes que podem flutuar imperceptivelmente pelo universo. Um fragmento dessas poderosas nuvens, que causa a cor avermelhada das estrelas, deve ser de partículas de pó (principalmente partículas de ferro e alumínio), compostas de somente  $\frac{1}{10.000}$  milímetros de diâmetro; a outra parte, que condiciona o enfraquecimento da luz, deve ser composta por partículas mais robustas de em média 1 milímetro.

A massa total das estrelas luminosas localizadas numa mesma parte do universo somente poucas vezes é tão grande quanto a massa total das partículas de pó da nuvem escura que ali se encontra!

O número de partículas isoladas que constituem as poderosas nuvens escuras em geral não pode ser expresso, embora se trate de um pó gigantesco em comparação com o tamanho dos germes primitivos. Há poucos anos ainda não se tinha noção da existência desta gigantesca massa de pó no universo, assim como na atualidade comumente não se tem ideia da existência de centros de germes primitivos. O surgimento e a origem dessas nuvens escuras de pó em específico ainda hoje é tão desconhecido e inexplicado quanto a origem dos germes primitivos que flutuam no universo. Nesse sentido o humano certamente sempre encontrará portas fechadas: o conhecimento sobre estas coisas sem dúvida permanecerá eternamente negado e talvez também é bom que assim seja.

Nos tempos dos períodos de mudança, que sempre introduzem um novo capítulo da geologia, uma parte dos germes primitivos penetra na atmosfera terrestre, conforme já citado anteriormente, atravessando-a até a superfície. Neste momento é em si irrelevante se este encontro resulta de uma grande aproximação da Terra em relação a um centro de embriões primitivos, se está condicionado a uma extraordinária pressão radioativa, se é por um movimento próprio dos germes primitivos, semelhante à radiação, ou ainda por efeitos completamente desconhecidos. Uma explicação inquestionável desta hipótese talvez apenas seja possível no próximo encontro, que deve acontecer em exatos 74 milhões de anos. Até lá dependemos de conclusões aproximadas. Seja como for, por meio do aparecimento dos germes primitivos, em todo caso ocorre uma alteração da fauna: nova vida surge.

Independentemente de sua velocidade, se o germe primitivo se locomove de forma rápida ou devagar para a Terra, ele sempre terá de atravessar uma atmosfera terrestre com uma espessura de no mínimo 100 quilômetros. A construção da atmosfera terrestre, de acordo com as atuais concepções, é a seguinte:

0-12 quilômetros	troposfera: zona de nuvens; o frio se intensifica com o aumento da altura.
12-32 quilômetros	estratosfera: zona fria; temperaturas quase permanentes de -50 °C.

32-40 quilômetros	temperaturas em elevação; linha aérea da artilharia remota da 2ª Guerra Mundial chegava a uma altura um pouco maior.
40-50 quilômetros	temperaturas em elevação; no limite superior quase a mesma temperatura da superfície marítima; atmosfera densa o suficiente para conduzir o som.
50-60 quilômetros	o máximo de altura alcançada pelas ondas sonoras está no meio desta zona; no limite superior a temperatura chega a +100 °C.
60-70 quilômetros	temperatura não exatamente conhecida.
70-80 quilômetros	nuvens vulcânicas de pó alcançam esta altura.
80-90 quilômetros	o ar neste ponto é um bom condutor de eletricidade.
90-100 quilômetros	atmosfera densa o suficiente para produzir incandescência na queda de estrelas cadentes.

Com certeza, deve-se partir do pressuposto de que a atmosfera terrestre no decorrer de cada ano geológico em particular passou por determinadas alterações em sua composição, densidade e altura. Alterações desse tipo também irão exercer outros efeitos sobre os corpos que por ali passam, quer dizer, um germe primitivo que passou pela atmosfera terrestre no ano geológico anterior terá sido influenciado de forma diferente do que um que passou pela atmosfera no tempo da última era glacial.

A intensidade transformadora com a qual a atual atmosfera terrestre pode agir é demonstrada, entre outros, por seu comportamento em relação à chamada radiação cósmica. Infelizmente sua ação até agora somente pôde ser pesquisada

até uma altura de 16 quilômetros. Além disso, ainda há muitas coisas inexplicadas nesse sentido. Se a força da radiação cósmica em 16 quilômetros de altura é considerada numa escala de 1, assim, ao atravessar esta camada de ar, ela chega ao nível do mar enfraquecida em  $\frac{1}{200}$ . Ainda mais intensamente esta radiação é enfraquecida pela água: depois de atravessar 250 metros na profundidade da água, por exemplo, ela reduz de 1 para  $\frac{1}{800}$ .

Enquanto o germe primitivo vai se desenvolvendo ao transpor a camada de ar da Terra, esta em certa medida irá agir como uma peneira que somente deixará passar as formas, ou seja, deixará existir as que realmente encontram possibilidades de existência. Naturalmente apenas podemos supor, e não provar, se neste caso vários germes primitivos se reúnem ou se sua transformação é condicionada por meio da junção de átomos livres ou radiações. Provavelmente se trata de uma ação conjunta de ambas as possibilidades e talvez ainda de outras que nos são até este momento desconhecidas. Neste caso, a radiação emitida pela Terra e pelo seu mundo vivo, assim como a radiação refletida, devem ter contribuído para isso. (É improvável que uma parte dos germes primitivos tenha se locomovido até o Sol e outros corpos luminosos, onde teriam sido eliminados: bem antes a pressão da radiação de tais sóis já iria rechaçar esses germes primitivos).

De acordo com isso, durante o 2º e 3º ano geológico, as condições por eles promovidas são suficientes apenas para a predeterminação dos pré-germes até as algas e diferentes classes de micróbios. O 4º e o 5º ano são suficientes para a predeterminação dos protozoários, esponjas e crustáceos inferiores e, no 6º ano geológico, puderam ser predeterminados os germes primitivos dos vermes e corais. O tempo avança incessantemente e com ele as mudanças em todas as condições terrestres, inclusive provavelmente nas condições astronômicas. Assim, no 7º ano geológico, já puderam ser predeterminados os primeiros vertebrados na estrutura dos peixes cartilaginosos e, durante o 8º ano, já foi possibilitado o surgimento das florestas carboníferas e dos primeiros insetos. O 9º ano, por sua vez, permitiu a formação dos lagartos, dos marsupiais e da principal criação, os mamíferos. Apenas no 10º ano geológico foram preenchidas todas as condições para o surgimento dos humanos.

Se nos primeiros anos geológicos surgiram somente pequenos seres vivos, nos últimos, surgiram grandes seres vivos vegetais e animais, e junto com eles também

todas as outras classes, mas em novas formas, cujo surgimento já havia sido possível nos tempos mais antigos. Os germes primitivos que nos últimos períodos de mudança dos últimos anos geológicos chegaram até a superfície da Terra foram predeterminados não somente para o surgimento inédito dos mamíferos verdadeiros mas também, em parte, para os micróbios, as algas e outros pequenos seres vivos, para cogumelos e para plantas floridas, crustáceos, vermes, insetos, moluscos, peixes, répteis e todos os outros grupos, desde que em condições de existência.

É óbvio que os novos seres vivos surgidos a partir dos germes primitivos se desenvolveram para as “modernas” formas que melhor se adaptavam às condições do momento, e não às formas mais antigas. As mais antigas não podiam mais surgir nas novas condições ambientais, mas certamente as antigas formas já existentes puderam, em parte, continuar existindo.

Da mesma forma é instrutivo que nos antigos anos geológicos apenas seres vivos inferiores com relativas formas simples puderam encontrar condições de vida e, conseqüentemente, surgir. Os tempos antigos da Terra ofereceram somente possibilidades de existência para seres inferiores. Os seres vivos que se alimentam deste seres primitivos só puderam ser formados quando estes já povoavam seus espaços vitais. Quando ainda não havia o crescimento de plantas, naturalmente não podiam existir animais herbívoros e, antes da existência destes, não podiam existir predadores. Em contrapartida, o surgimento de seres inferiores a partir de germes primitivos não é impedido pela existência de espécies vegetais e animais. Pelo contrário! Exatamente sua existência possibilita a criação de muitos grupos e formas especializados, independentemente se se trata neste caso de simples unicelulares ou de complexas formas de seres mais elevados que levam uma vida parasitária.

Aqui se repete apenas o que sempre podemos observar em nossa Terra, contudo, em escala infinitamente maior.

Desse modo, atualmente, sobre rochas crescem líquens e, nos locais úmidos, algas. Ninguém vai esperar encontrar ali uma macieira. Se mais tarde a superfície está preparada, o musgo encontra condições de vida favoráveis e cresce nos locais mais apropriados para, a partir disso, se expandir. Com uma preparação mais avançada, com depósito de pó e restos de plantas, desenvolvem também plantas inferiores, mais tarde arbustos e, por fim, árvores. Com isso temos diante de nós uma “linha

evolutiva”, comprovada por “achados”, semelhante à que nos é apresentada pela teoria da evolução. Nesse sentido, a paulatina evolução pode ser “comprovada” por achados separados temporalmente. Apoiado nisso poder-se-ia até construir uma “árvore genealógica” para cuja exatidão até mesmo surgiria uma “classificação das espécies”, pois tudo segue uma perfeita sequência, como deve ser, só que ninguém seria tão ingênuo de acreditar.

Um ponto deveria ser mais bem esclarecido: líquens, algas, musgos e plantas inferiores ainda irão crescer nesta área, mesmo que em parte em outras formas, mesmo que a área há tempo esteja coberta por árvores. Inicialmente apenas uma forma de plantas pouco exigentes encontra condições apropriadas de vida; mais tarde também plantas mais superiores e depois formas mais organizadas de plantas, mas que jamais irão impedir o surgimento de unidades de grupos que haviam surgido antes, “mais primitivos”.

De forma semelhante são as relações em cada nova piscina natural, lago ou mar. No primeiro momento se encontram ali somente micróbios, então unicelulares maiores, vegetais e animais, depois disso já crustáceos e depois vermes, caracóis, larvas de insetos e insetos, plantas marítimas, algas, plantas de banhado e plantas flutuantes e, por fim, certamente também peixes e vertebrados caçadores de peixes.

Novamente temos diante de nós uma “linha evolutiva”, partindo de unicelulares, passando por crustáceos, vermes, insetos e peixes e até aves e mamíferos, que novamente está em ótima sintonia com a classificação das espécies: será que por isso alguém vai acreditar que a lontra lá encontrada tenha surgido neste lago a partir de unicelulares, passando por pulgas de água e crustáceos?

A “linha evolutiva” está teoricamente correta, e achados e a classificação das espécies “comprovam” hipoteticamente sua exatidão, mas, na realidade, a evolução ocorre de forma bem diferente!

Somente um pequeno equívoco ocasionou esta falácia, quer dizer, a negligência dos esporos, sementes e ovos existentes na realidade. Mas um ser humano ligado à natureza também neste caso não terá dúvidas de que se ovos ou formas permanentes de peixes e de outras espécies tivessem sido levados, mesmo neste tempo ainda poderiam “surgir” novos unicelulares e outros pequenos seres vivos.

Inicialmente despontariam seres pouco exigentes, mas se as condições de existência para seres vivos superiores estão dadas, então também se encontram esses seres e as condições apropriadas para seu desenvolvimento.

Não é diferente o comportamento em relação ao surgimento de seres vivos e ao povoamento da Terra. Assim como nas rochas não podem surgir imediatamente árvores, assim como nos lagos novos não podem surgir imediatamente os peixes e mamíferos, da mesma forma não puderam viver imediatamente mamíferos e o humano nos tempos primitivos. Nesse sentido, os grupos isolados de seres vivos puderam surgir aos poucos, exatamente como no caso acima.

Em relação ao povoamento da Terra, a linha evolutiva, que na realidade é apenas uma sequência, está correta, mas a evolução ocorre de forma bem diferente do que os teóricos acreditam reconhecer baseados nos “achados”. Este engano “superior” foi igualmente causado por um pequeno detalhe: o de ignorar os germes primitivos.

Assim, os crustáceos encontrados em lagos não são peixes que não evoluíram, e os musgos encontrados no chão das florestas não são árvores que não evoluíram, mas em ambos os casos se trata de seres vivos que se mantiveram em sua forma original desde seu surgimento a partir dos germes primitivos que se precipitaram para a Terra.

Cada espécie, que alguma vez surgiu de um germe primitivo, vive, se reproduz, se multiplica até quando ainda encontrar possibilidades de vida. Ela apenas se extingue quando uma nova espécie coloca sua existência em grande perigo e a expulsa de seu espaço vital, ou quando novas condições ambientais surgem, as quais ela não consegue suportar. Outra possibilidade é quando sua aptidão à vida diminui em função de uma perda de vitalidade, de cruzamentos ou outros, ou quando as fontes de alimentos diminuem. Também pode acontecer de, num novo período de mudanças, surgir a partir de germes primitivos novas espécies que provocam doenças graves ou parasitas, colocando a espécie que já existia em perigo. Além disso, catástrofes naturais podem eliminá-la. Mesmo em comportamento completamente normal, as que surgem a partir dos germes primitivos em novos tempos, por serem mais adaptadas às novas condições, e por isso mais aptas à vida, via de regra, irão superar e oprimir as espécies existentes do mesmo grupo — desde que estas ainda não tenham sido extintas em virtude de outras causas —, contribuindo para sua decadência.

Com isso se explica o fenômeno do convívio de espécies “inferiores” e “superiores”, de formas “antigas” e “novas”, o que não tem a ver com “permanecer estacionado na evolução”!

Conforme se pode concluir do que foi mencionado anteriormente, os germes primitivos não foram criados somente para a nossa pequena Terra, mas possuem um significado cósmico muito maior, válido para todos os mundos. Assim como neste caso se precipitaram, onde encontraram condições favoráveis, eles podem chegar da mesma forma a planetas de outros sistemas de mundos e lá também gerar vida.

Os tempos de mudança específicos, que possibilitaram e provocaram esta precipitação e que possuem um período de tempo entre si de 75 milhões de anos, não acontecem somente em nosso planeta mas também em outros corpos celestes, mesmo que em parte ocorram em tempos diferentes, de forma semelhante às curvas de luz das estrelas variáveis. Depois de algum tempo de calma, o efeito rapidamente evolui; no período de extremo desdobramento de força, os germes primitivos se precipitam para a Terra ou para outros corpos celestes com condições apropriadas. Na sequência disso, o efeito vai aos poucos regredindo, até chegar a um ponto de repouso. Mais tarde, depois de passar esse repouso, recomeça um novo período na mesma sequência. O que acontece entre o ponto mais alto de desdobramento de forças e o período posterior, que pode ser levemente percebido, na minha opinião, não pode ser atribuído a efeitos novos que vêm do exterior, mas sim a consequências das próprias mudanças. Em certa medida, se trata aqui de fenômenos de inchaço, assim como é percebido nos mares ainda tempos depois do aparecimento de um furacão. Se em tais períodos, nos quais estas consequências aparecem, realmente novos germes primitivos são capazes de chegar à Terra, somente pode ser esclarecido por meio de uma posterior pesquisa livre de preconceitos.

Conforme se pode concluir, as consequências diretas do primeiro período de mudanças de cada ano geológico, que deu início à Era Glacial, ainda serão perceptíveis pelo menos durante 15 milhões de anos, enquanto que as oscilações consideradas como períodos secundários de mudanças podem ser esperadas ainda depois de 24 a 49 milhões de anos.

Partir do pressuposto da existência de germes primitivos implica ampliar a possibilidade de vida, que até agora estava teoricamente restrita à Terra, como algo cósmico que envolve todo o universo. Está claro como o Sol que este pressuposto é atacado por pessoas que se consideram sábias, pois essa conjectura condiciona um campo de visão mais abrangente: isso não é mais para pessoas que estão presas a antigas concepções ou a teorias equivocadas. Essa pressuposição requer uma mudança das concepções sobre possibilidades de vida e a própria vida em outras estrelas!

Enquanto se pensa poder explicar o surgimento dos humanos apenas por meio de um estágio símio, provocado por um grande amontoado de acasos favoráveis, contra os quais nem mesmo os números astronômicos podem esclarecer, parece que é impossível que o humano ou mesmo a ave ou o mamífero, ou também insetos e unicelulares, possam ter surgido mais do que uma vez. Assim, mesmo no surgimento da vida em outros mundos teria de ter ocorrido a mesma quantidade incrível de acasos na mesma sequência, medida e efeito. Mas se a vida é uma ocorrência que abrange o universo inteiro, ela sempre pode ressurgir de germes primitivos, seguindo planos estruturais, como plantas sempre surgem de esporos ou de sementes. Desse modo, seres vivos também irão povoar não somente a Terra mas também “outras terras”!

Os tempos em que alguns puderam se arriscar a apresentar às pessoas seres fantásticos de outros planetas estariam definitivamente no passado. Assim também irá pertencer ao passado o tempo em que se procura explicar a possibilidade de existência de vida em outros corpos celestes por meio da pesquisa de planetas próximos da Terra.

Atualmente a visão precisa penetrar muito longe no universo, para dentro do mundo dos 200 bilhões de massas solares que estão ao alcance da nossa visão — o que está além disso é totalmente desconhecido. Somente então conseguiremos compreender a quantidade de corpos celestes não luminosos, e por isso invisíveis, que possam flutuar nestes espaços!

Mesmo que se parta do pressuposto de que, para cada sol parecido com o nosso, não haja uma terra habitada por seres vivos, mesmo que se parta do pressuposto de que para cada galáxia — ou somente uma parte desta galáxia, das quais são conhecidas cerca de 2 milhões — somente haja uma única terra, mesmo assim já

se chegaria a números consideráveis de terras. O fato de não poder ver essas terras não “prova” que elas não possam existir: há tantas coisas entre o céu e a terra que o ser humano não é capaz de ver, mas que mesmo assim existem.

Se fosse possível chegar a elas e vê-las povoadas por seres vivos, iria se encontrar algumas ainda na idade dos primeiros anos geológicos, outras que já teriam iniciado o décimo ano geológico e se encontrariam no atual estado de nossa Terra, e ainda outras que estariam bem mais “idosas”.

Se chegássemos a uma terra distante que estivesse na mesma idade da nossa, então iríamos concluir com admiração que basicamente tudo seria familiar, pois nela o ar também seria ar, a água igualmente seria molhada, neve e gelo teriam as mesmas propriedades por nós conhecidas, os oceanos, lagos, rios, as planícies e montanhas seriam iguais na forma e nas características da Terra. Os materiais orgânicos queimariam, e o fogo também seria quente; lá também choveria de tempos em tempos, o arco-íris irradiaria as mesmas cores. As nuvens passariam pelo céu nas mesmas formas, noite e dia, verão e inverno se alternariam igualmente na forma habitual, mesmo que talvez em tempos diferentes. De igual maneira, os corpos não cairiam para o céu, e sim, como habitual, para o chão. Gravidade, fenômenos luminosos, inércia e eletricidade, congelamento e calor, tudo seria como na Terra! Resumidamente: não encontraríamos nela nada de diferente; somente a Lua, se existir, é diferente.

O mesmo ocorre com o mundo vivo. Em vez dos fabulosos seres incríveis, encontramos besouros e outros insetos, peixes, aves, mamíferos e todos os outros grupos em formas completamente “modernas”. Estes certamente se diferenciariam em determinadas características, como na coloração e na forma da superfície do corpo, em relação aos conhecidos da Terra, mas na estrutura e nas formas em geral não haveria uma diferença substancial. Sem mais, todas as espécies animais e vegetais poderiam ser enquadradas na mesma classificação de espécies de ordens e famílias construída para as condições da Terra. Os humanos que nela vivessem certamente se diferenciariam no que se refere à linguagem, vestimentas, cultura e conhecimento em relação aos da Terra, mas não no que se refere à estrutura do corpo. Se eles estivessem vestidos como europeus, seríamos involuntariamente tentados a perguntar: “cara! por quais caminhos você voou até aqui?”

Se chegássemos a uma terra distante, que se encontrasse no último terço do 8º ano geológico, poderíamos admirar as florestas carboníferas e os insetos, e veríamos igualmente semelhança na forma e na estrutura dos fósseis que aqui foram descobertos. Da mesma maneira, observaríamos na Terra “mais jovem” uma fauna e flora típicas para esta idade e encontraríamos em vida “velhos conhecidos” na forma petrificada.

Em planetas distantes não é encontrada somente uma total coincidência com representantes do mesmo nome na Terra, no que se refere à forma e estrutura dos elementos, metais, minerais e outros materiais “inanimados” mas também no que se refere à estrutura e forma de todos os seres vivos vegetais e animais.

Não há razão para temer que talvez o flutuar de milhões de anos nos congelados espaços do universo possa ter uma influência prejudicial na força vital dos pré-germes primitivos. Pelo contrário! Exatamente estas baixas temperaturas, que quase chegam a anular as atividades vitais, garantem uma existência na hibernação ao pré-germe primitivo.

Além disso, foi inequivocamente comprovado que mesmo bactérias, leveduras e fungos conseguem suportar temperaturas de  $-272^{\circ}$ , que, portanto, chegam quase ao absoluto ponto zero. Esporos de samambaia suportaram tais temperaturas baixas até quando mantidos em espaços de vácuo, assim como oscilações de temperatura de  $285^{\circ}$  e um longo período de armazenamento. Mesmo assim, de 99 a 100% brotaram sem que se tenha percebido qualquer tipo de prejuízo.

Em todos estes casos se trata de seres vivos organizados relativamente superiores, se comparados com os germes primitivos. Mas quanto mais simples for o ponto de partida de um ser vivo, tanto mais resistente ele tende a ser. A força de resistência dos embriões primitivos pode ser considerada com razão como quase ilimitada.

No que se refere à “geração primitiva”, alguns até defendem o ponto de vista de que atualmente não poderia mais surgir nova proteína, pois já no seu surgimento seria imediatamente devorada por seres vivos já existentes. Isso é uma falácia completamente alheia ao conhecimento real da natureza.

Como deveria ser de conhecimento geral, ainda hoje surgem a cada segundo novas proteínas em quantidades imensas: pode não ser por meio de “geração primiti-

va”, mas a partir de esporos, sementes e ovos, o que no fundo significa exatamente a mesma coisa. Se, conforme ocorre diariamente, uma gigantesca samambaia se desenvolve a partir de um pequeno microscópico esporo, ou se, no período de mudança, uma árvore conífera ou caducifólia se desenvolve a partir de um germe primitivo menor ainda, sempre precisa surgir “nova proteína”, que necessita escapar da perseguição de algum inimigo, função que desempenha com muita eficiência.

As relações não são diferentes no mundo animal. Seja um inseto surgindo a partir de um minúsculo ovo, passando por um estágio larval, ou um germe primitivo ainda menor, sempre é preciso surgir “nova proteína”, que necessita, por sua vez, escapar da perseguição de uma grande quantidade de inimigos.

De igual maneira, cada ave que sai de seu ovo, cada ser vivo recém-nascido incorpora uma massa de proteína desprotegida que leva à sua autossuficiência. Isso tudo ocorre diariamente e a cada hora. É tão óbvio, que este “óbvio” passa totalmente despercebido!

Ainda hoje também poderia ser criada, a partir de germes primitivos, toda uma Arca de Noé nas florestas virgens, até mesmo num espaço densamente povoado, sem que durante seu desenvolvimento os novos seres vivos se destruíssem mutuamente ou fossem devorados por seres já existentes. Mesmo a população nativa nestes primeiros anos não iria perceber nada destes acontecimentos, sendo que, nos tempos geológicos primitivos, as florestas virgens já se faziam presentes.

A propósito, se a natureza não encontrasse uma proteção para os novos seres vivos surgidos a partir dos germes primitivos, o que contradiz todas as experiências, ela seria uma completa trapalhona. Provavelmente as relações neste caso são semelhantes como na desova do sapo, que, embora esteja em uma situação vulnerável, é evitada pelos predadores devido à sua característica gelatinizada.

Também não pode passar despercebido que a geração primitiva a partir de germes primitivos é um procedimento completamente desconhecido para o mundo vivo que existe no período em questão. Já por esta simples razão este “algo” novo deveria ter sido evitado. A proteção seria completa se viesse ainda um cheiro ou sabor repulsivo para os inimigos. Exatamente o desconhecido, caso de fato fosse encontrado, oferece uma ótima proteção, seguindo um conhecido ditado: “o co-



lono não come o que não conhece!” (*Watt de Bua nicht kennt, frett hee nich!*, em dialeto *Plattdeutsch*).

Mesmo já na pequena parcela da floresta virgem sul-americana que consigo apreciar da janela do escritório em que escrevo, poderiam surgir despercebidamente, ainda hoje, desta forma, centenas de animais grandes e, se fosse o caso, até mesmo rebanhos de elefantes e milhões de seres vivos menores do tamanho de insetos poderiam se reproduzir e se expandir durante anos, antes que um deles fosse descoberto pelos moradores que vivem no entorno.

E os “inimigos naturais”? Bem, os poucos jaguares e pumas realmente teriam outras coisas para fazer do que colecionar “novidades”! Inicialmente iriam permanecer no cardápio ao qual já estão habituados e, apenas depois de ter casualmente encontrado o novo como algo bom, iriam mudar a dieta, mas então já seria tarde demais para poder conter a “evolução”, para barrá-la.

Ainda hoje o surgimento de novos seres vivos a partir de germes primitivos estaria, mesmo em formas maiores, completamente no campo das possibilidades. Contudo, as condições estarão muito mais favoráveis propriamente no período geológico das mudanças: então os embriões primitivos iriam encontrar espaços vitais despovoados em virtude das catástrofes naturais e da extinção de espécies! Depois de ter se formado a crosta terrestre no início do primeiro ano geológico, depois que já existia uma atmosfera, depois de ter se formado terra firme e mares, os germes primitivos, quando da sua chegada na Terra no seguinte período de mudanças, encontraram condições que permitiram pela primeira vez uma evolução.

Se isso ocorreu ainda no primeiro ano geológico ou apenas no quarto, jamais poderá ser esclarecido com exatidão; para os objetivos da presente argumentação, inclusive, trata-se de algo completamente sem importância. Em todo caso, como é suposto pelos teóricos da evolução, surgem os primeiros seres vivos na nossa Terra.

Os germes primitivos, que naqueles tempos distantes aqui chegaram, encontraram condições que apenas lhes permitiram o desenvolvimento para bactérias e bacilos. Na época, somente as águas concederam possibilidades de vida, que provavelmente também naquele tempo cobriam grande parte da superfície terrestre.

As condições para o desenvolvimento de unicelulares vegetais (algas) apenas devem ter sido preenchidas no período de mudanças seguinte. Mas também nada depõe contra a suposição de que naquele tempo também já teriam se formado bactérias terrestres.

Quando os germes primitivos chegaram e quebraram as ligações inorgânicas de (minerais) de carbono, assim como outras decorrentes, e as transformaram em átomos para a construção de seu corpo, cresceu aos poucos o centro organizacional dos posteriores unicelulares. A radiação ambiental, que neste momento agia na Terra, formou os seres de acordo com o plano estrutural previsto para cada caso.

Entre as matérias-primas necessárias à construção, havia carbono na estrutura de ácidos em quantidades mais do que necessárias na água e no ar: somente no ar flutuam na forma de ácidos de carbono mais do que 800.000.000.000.000 quilos de carbono! Também realmente não faltavam azoto e oxigênio como composição do ar.

Em consequência de seu reduzido tamanho, os germes primitivos afundam lentamente ou, de acordo com a velocidade com que chegam, atingem uma profundidade maior ou menor na água. Mas independentemente, eles irão flutuar e, com as correntes marítimas, subir e novamente afundar, absorvendo assim as ligações carbônicas e outros elementos químicos necessários para sua constituição.

O desenvolvimento sobre o solo irá ocorrer de forma semelhante. Neste caso, é a água que possibilitará seu desenvolvimento. Para isso é completamente suficiente a quantidade de água no interior dos pequenos orifícios na terra. Sendo assim, os germes primitivos irão crescer nas “águas” que por toda parte podem ser encontradas nas minúsculas rachaduras na superfície terrestre. Dependendo do local de sua queda, irão se transformar no ser definitivo — em ambos os casos bactérias ou bacilos.

Os unicelulares vegetais passaram por um desenvolvimento semelhante no período de mudanças seguinte. Mas neste momento havia a diferença fundamental de já existirem seres vivos nos espaços (bactérias e bacilos). Talvez também neste caso o germe primitivo oscila para baixo e para cima durante seu crescimento, quebrando ligações químicas, dividindo átomos e provavelmente utilizando, de forma proveitosa, radiações de diferentes tipos. Mas sempre, já durante seu primeiro

crescimento — portanto, já no período de sua primeira junção entre o germe primitivo e o átomo —, terá sido formado seu centro organizacional, que mais tarde irá conduzir propriamente a estrutura do ser, seja bactéria ou outra coisa. Durante este tempo, o germe primitivo naturalmente está exposto a efeitos dos mais variados, todos eles exercendo influências decisivas sobre a definitiva estrutura e o tamanho do ser que se encontra em formação.

Radiações dos mais diversos tipos e nas mais diversas quantidades e sequências, entre eles raios luminosos diretos e indiretos, radiações cósmicas, radiações da terra, efeitos magnéticos e elétricos, radiações de crescimento e de calor afetam o germe primitivo que está se transformando em ser vivo. Os seres vivos que surgem nas proximidades e os que já existem não irão permanecer sem influências. Além disso, outros motivos irão exercer efeitos dos mais significativos sobre o germe primitivo que se encontra em desenvolvimento. Um exemplo disso pode ser o tipo das ligações químicas encontradas, a densidade das ligações carbônicas e de outros elementos que se encontram no local, como pressão da água (profundidade), pressão atmosférica, diversidade adequada dos materiais necessários para a estruturação que se encontram propriamente no local, temperatura, teor salino da água, comportamento das correntes (repouso, movimento para a frente, para cima e para baixo, entre outros), movimento ondulatório da água, abalos sísmicos, influência de materiais que agem como catalisadores, momento do dia (se predomina radiações do dia ou da noite), quantidade e combinação de todas as radiações recebidas e ainda alguns efeitos completamente desconhecidos. Nisso ainda é determinante a intensidade e o nível de desenvolvimento que cada efeito isolado emite. Por certo, deve ser pressuposto que algumas dessas influências, se não a quase totalidade delas, somente são capazes de exercer seus efeitos sob determinadas pré-condições.

Está comprovado que raios, até mesmo luz de cores diferentes, podem exercer influências também sobre seres já formados. Infelizmente ainda não se sabe exatamente o que na verdade são raios. Um tempo posterior com certeza irá ainda produzir algumas mudanças; então talvez também para isso irá se encontrar uma regra:

**massa x velocidade**

---

**volume**

Tão simples como o exemplo anterior as coisas naturalmente não serão na realidade. Somente os poucos pontos aqui mencionados e suas variações, como sequência, quantidade, duração e momentos do efeito em que eles aparecem, já são suficientes para formar quantidades astronômicas de espécies.

Junto a isso ainda viria o diferente armazenamento dos átomos e das moléculas isoladas que constroem as células. A quantidade incrível de possibilidades de constituição que aparece é compreensível quando se leva em consideração que, por exemplo, as células do espermatozoide humano contêm na sua cabeça de somente 0,003 até 0,005 milímetro de comprimento 70.000.000 de moléculas de proteína. Além disso, essas moléculas são das maiores. Mesmo pequenas bactérias de menos de 0,005 milímetro, que são consideradas as estruturas mais simples, devem apresentar ainda 1 milhão de moléculas de proteína. Para comparação deve ser mencionado que uma única molécula de hemoglobina (glóbulos vermelhos) é formada por 16.669 átomos! Assim como o germe primitivo, cada uma delas é influenciada por isso e pelo ambiente durante sua estruturação, mas a quantidade de todas as moléculas, inclusive a unidade do germe primitivo, acaba resultando numa célula que trabalha harmonicamente.

Mas com isso as possibilidades de composição ainda não estão esgotadas: cada molécula de proteína é constituída por grupos especiais de átomos, que são chamados de aminoácidos, dos quais já são conhecidas mais do que duas dúzias. Somente pela combinação de diferentes agrupamentos desses aminoácidos já se pode formar bilhões de diferentes tipos de proteínas, mas a isso ainda se pode juntar muitas coisas. Aqui repousam as mesmas possibilidades de formulações como as 25 letras do alfabeto, que são suficientes para a formação de todas as palavras de todas as línguas.

As chances de formação são quase ilimitadas no surgimento a partir dos germes primitivos. Somente por meio de um planejamento determinado, semelhante como ocorre na química, que regula as ligações, se evita uma expansão para o ilimitado.

Novamente se passaram dúzias de milhões de anos. Bactérias haviam se expandido e, por meio da preparação de matérias-primas (azoto, entre outros), facilitaram a existência de seres unicelulares vegetais, de modo que estes puderam se expandir

imensamente. Assim, todos os outros germes primitivos diversos, que ainda não haviam tido a oportunidade de se desenvolver, vão da mesma forma fornecer peças para a construção destes seres.

Então chegaram novamente germes primitivos em nossa Terra. Outra vez surgiram bactérias e unicelulares vegetais em muitas novas formas. Uma parte dos germes primitivos encontrou algo completamente novo, quer dizer, a já formada proteína vegetal. No local onde o embrião se encontrou com esta proteína ele não escolheu o caminho mais difícil, que era a formação de proteína por meio de matérias-primas, mas sim utilizou como material de construção, mesmo que um pouco deformada, a já existente proteína vegetal. Surgiram os primeiros parasitas, ainda que muito pequenos.

Mas também os germes primitivos, que se instalaram nas proximidades em que se encontravam unicelulares vegetais, sejam já formados ou em formação, foram atingidos por algo novo, quer dizer, a radiação e os estímulos exalados por estes: uma nova influência sobre a formação apareceu. Além de todas as fontes de influências já existentes, agora o tipo de proteína vegetal encontrada, assim como o seu estado e possivelmente o grau de sua decomposição, foram significativos. De acordo com estes efeitos, o resultado é o surgimento de outras espécies de animais primitivos. Isso por sua vez condicionou um novo refinamento da construção corporal: os primeiros unicelulares animais, os chamados animais primitivos (infusórios, rizópodes) surgiram e, com isso, apareceu novamente algo bem novo no círculo do mundo vivo de nossa Terra.

Os germes primitivos que chegaram no período de mudanças seguinte encontraram, além da já conhecida proteína vegetal, agora também a proteína animal. Neste momento apareceram bactérias, unicelulares animais e vegetais, e a novidade incomum representada pelos primeiros pluricelulares. Principalmente crustáceos inferiores menores passaram a povoar pela primeira vez as águas, mas também rotíferas, tardigrada, entre outros, surgiram a partir de germes primitivos. Da mesma forma como no caso anterior, em que o tipo e o estado da proteína animal tinha sido determinante para a formação, agora também a proteína animal, viva ou morta, encontrada nas proximidades, passou a exercer uma tal influência.

Onde as pré-condições de desenvolvimento para os multicelulares não foram preenchidas, surgem obviamente também novas espécies de unicelulares, em corpos vegetais e animais mortos, como bactérias e bacilos decompositores. Além disso, como já mencionado, pode ser preconcebido certamente com razão que, para o desenvolvimento dos multicelulares, já foi necessária uma predeterminação especial dos germes primitivos, sendo que é indiferente se ela foi concluída na travessia da atmosfera ou apenas na água. Neste contexto de transformações, a composição da atmosfera, assim como também da água — por exemplo, o teor dos íons livres — foi essencialmente diferente do que em tempos mais antigos. Certamente também apareceram as primeiras algas multicelulares, surgiram esponjas, medusas, corais, entre outros.

Além disso, novas possibilidades foram dadas por meio da fusão de centros organizacionais que se encontram em formação ou de embriões vegetais e animais que dão origem às células. Isso novamente ainda depende do momento da evolução em que a unidade se encontra quando surge a fusão: simbioses entre espécies separadas aparecem, como, por exemplo, entre algas e fungos nos líquens, entre algas e verme enrolado (*Wickelwurm*).

Novamente se passaram algumas centenas de milhões de anos e as condições ambientais na Terra alteraram-se correspondentemente. Grupos de Genekel (ligações de gens), surgidos a partir de genes primitivos, agora já puderam ser predeterminados para trilobitas, artrópodes e outras novidades, que chegaram à formação. Também em terra firme já estavam as condições que possibilitavam o desenvolvimento dos germes primitivos em musgos e líquens.

As possíveis predeterminações para os peixes cartilaginosos dos tempos seguintes trouxeram novamente algo bem novo para nossa Terra. De maneira incessante, as condições ambientais continuam se alterando e no período de mudança posterior aparecem, como não era de se esperar algo diferente, completamente novas formas de já conhecidos troncos e classes, por exemplo, trilobitas com grandes olhos reticulados (até 15.000 facetas!) Em terra firme crescem *Lycopodiaceae* e samambaias.

A cobertura vegetal da Terra recém-formada produziu, naturalmente, condições completamente novas, tanto em sua superfície quanto na sua profundidade. Assim, esteve permeada por raízes e sofreu mudanças na atmosfera terrestre: oxigê-

nio foi pela primeira vez produzido em grande quantidade, enriquecendo o ar. Isto foi o início das mudanças revolucionárias.

Assim cresceram as florestas carboníferas. Uma nova fonte de alimentação foi dada. Enquanto que no tempo dos musgos e líquens certamente se pode considerar como pobre a quantidade de oxigênio no ar, neste período, ele foi intermediário. Nossa capacidade de imaginação não é suficiente para construir uma verdadeira imagem das mudanças provocadas neste contexto. Somente este ponto e uma mudança climática seria suficiente, mesmo não se alterando as outras condições, para fazer surgir seres bem diferentes a partir dos germes primitivos de outros ordenamentos de Genekel e grupos de Genekel. Agora aparecem as condições para a predeterminação da genética dos germes primitivos dos insetos: surgem os primeiros insetos, obviamente em formas correspondentes às condições da época. Germes primitivos, que em consequência das vivências até o momento talvez resultariam em peixes, puderam ser predeterminados a anfíbios.

Uma era glacial que novamente entra em vigor eliminou as florestas carboníferas e um novo período de mudanças permitiu um novo tipo de mundo vegetal, adaptado às condições alteradas. Essas novas condições também possibilitaram a predeterminação da genética dos germes primitivos para os répteis: inicia o auge dos répteis. Sem mais está claro que, a partir dos germes primitivos, pode e teve de se desenvolver também um mundo de insetos em consonância com a cobertura vegetal, pois as novas condições ambientais condicionaram uma mudança geral de formas. O novo mundo vegetal e o forte início do desenvolvimento das plantas decíduas não provocaram somente outras condições atmosféricas mas também meteorológicas. Além disso é de se pensar que um outro mundo vegetal irá emitir e refletir também outras radiações e estímulos nas redondezas: foi o mundo vegetal que deu início a uma aceleração dessas mudanças. Cada vez com mais rapidez resultou disso também uma transformação das formas no mundo vivo animal. Este novo tempo possibilitou também o desenvolvimento dos marsupiais a partir de germes primitivos. Mas tudo o que até o momento esteve presente em grande parte em novas formas, surgiu a partir de novas vindas de germes primitivos.

Depois que as plantas cetáceas cobriram a Terra, deve ter surgido uma atmosfera rica em oxigênio, semelhante à atual. Com isso, as condições para o surgimento

dos mamíferos verdadeiros a partir dos germes primitivos estariam preenchidas, enquanto que o humano apenas pôde ser formado depois que uma nova era glacial outra vez havia provocado grandes transformações. O aparecimento de plantas floridas (angiospermas) naturalmente incentivou a formação de novas espécies de insetos. Por meio disso foi estabelecida a maravilhosa colaboração entre plantas floridas e o mundo dos insetos que as visitam e agem como polinizadores.

Como já mencionado anteriormente, surgiram naquele tempo não somente novos troncos e classes dos seres vivos mas também grupos já existentes — contanto que ainda tivessem aptos à vida —, até os mais simples unicelulares, mesmo que cada vez em formas diferentes. Por meio disso se explica o surgimento das doenças e dos parasitas.

Simples germes primitivos, que em outras situações teriam crescido como inofensivas bactérias e bacilos, se transformaram em terríveis causadores de doenças (*Typhus*, peste), graças à sua capacidade interna de adaptação. Isso acontece quando forem ingeridos por algum ser vivo antes de ter concluído seu desenvolvimento, portanto, no período de seu primeiro crescimento, ainda antes que seu centro organizacional tiver completamente formado — caso o corpo que o ingeriu não consiga expulsar o invasor. Do mesmo modo, a partir de embriões predestinados a se tornar inofensivos vermes, acabam surgindo terríveis vermes intestinais, quando se alojam no intestino antes que seu tempo de formação tiver concluído, quer dizer, antes que o Genekel se fixe.

Por meio da atuação do ambiente emissor de radiação e de estímulos, que vai se alterando a cada período de mudança, sobre o germe primitivo que se transforma em ser vivo tudo se explica: tamanho, forma, cor (cor protetiva), capacidades, adaptação, preferência por alimentação especial, local de vida, estilo de vida, e tudo o mais que faz parte desta área.

Enquanto se formam os gens e Genekel, e átomos se agrupam em torno do germe primitivo para formar as primeiras células, todas as condições ambientais conduzem à formação do centro organizacional e assim dão forma para o ser que está se desenvolvendo. Nisso certamente são formadas enzimas (fermentos inorgânicos), que desempenham grande papel quando decompõem matérias-primas e preparam a alimentação do embrião que está se originando.

Um tal procedimento não representa nada de novo. Pelo contrário: isso é algo conhecido há bastante tempo, que acontece em toda parte e o tempo todo onde há vida.

Enzimas são conhecidamente matérias orgânico-químicas complexamente constituídas por corpos vegetais ou animais cuja junção ainda hoje é completamente desconhecida. Mas se sabe que desempenham um papel extremamente importante na vida dos humanos, dos animais e dos vegetais e que, entre outros, aceleram de forma incomum a velocidade das implementações químicas sem, contudo, tomar parte direta destes procedimentos, como se pode verificar com a ação da pepsina e da tripsina, cuja contribuição é fundamental para a digestão.

O poder diastático do malte de cevada, que é capaz de converter uma grande quantidade de amido em açúcar, mostra a abundância com que tais enzimas são produzidas e o tamanho de sua ação. Enfatizando: esta conversão acontece sem a contribuição de massa celular viva! Também coalho, que está no estômago dos bezerros e que é utilizado para a fabricação do queijo, é uma enzima: sua força conversora é tão grande que em pouco tempo converte 40.000 vezes sua quantidade de proteína de leite (caseína), sendo capaz de levá-la a coalhar!

Mas o efeito de cada enzima é exatamente definido: podemos adicionar a quantidade de enzimas do malte da cevada que quisermos ao leite e não conseguiremos provocar a coalhada que é necessária para a fabricação do queijo. Podemos adicionar a quantidade de enzima do estômago do bezerro (quimosina) que quisermos à solução de pasta de amido e jamais se irá conseguir a sacarificação. Cada enzima é capaz de exercer seu efeito somente sobre a matéria na qual sua ordem estrutural foi exatamente programada!

Foi demonstrado incontestavelmente que não somente seres vivos vegetais ou animais organizados de forma superior são capazes de formar enzimas mas também minúsculos unicelulares, que não podem ser vistos a olho nu, como, por exemplo, leveduras. Nesse sentido, não há verdadeiramente um motivo razoável de não atribuir esta capacidade aos germes primitivos, que são um pouco menores: neste caso, eles irão dispor de tudo o que é necessário para sua manutenção e desenvolvimento!

Tudo isso é facilmente compreensível e não requer nenhuma explicação rabugenta. As coisas não ocorrem de forma mais complexa do que a teoria da “geração primitiva” no âmbito da evolução: a primeira célula cresce a partir do germe pri-

mitivo e, a partir dela, uma após a outra — semelhante como ocorre no desenvolvimento embrionário de qualquer ovo —, até se formar o ser definitivo!

A proteína e os materiais constituintes necessários neste tempo são formados sem atritos a partir das matérias-primas com a ajuda das enzimas, assim como ocorre no corpo dos diferentes seres vivos com as células nutrientes e materiais constituintes dos óvulos e embriões. No primeiro caso, os novos materiais constituintes preparados chegam direto no embrião em formação, que surge a partir do germe primitivo. No segundo, estes materiais são preparados da mesma forma, mas inicialmente com a ajuda de enzimas no estômago, intestino, raízes ou formados de outra maneira, para chegar por outros caminhos ao fluxo da seiva do ser vivo, que os conduzem até chegar ao óvulo, à semente ou ao embrião em formação. Como em todos os seres vivos, a formação e a condução de tais alimentos “pré-digeridos”, também nos seres surgidos a partir dos germes primitivos, somente se encerra quando o embrião passa a se tornar autônomo.

Durante este tempo, o jovem em formação a partir do germe primitivo é envolvido por uma concha que, como de hábito, é constituída por grupos especiais de células e imersa numa solução alimentar gelatinosa formada pelas enzimas. Tudo isso é igualmente envolvido por uma película, como observamos diariamente no surgimento a partir de ovos: procedimentos antigos dos germes primitivos permitem o surgimento de novos seres em determinados tempos! A única diferença é que esta solução alimentar, destinada à constituição do ser em formação (células-gema, entre outros) no desenvolvimento a partir de óvulos, como se verifica atualmente, já é formada antes de despertar o desenvolvimento do filhote, enquanto no surgimento a partir de embriões primitivos, a formação dos alimentos e o crescimento do filhote (embrião) ocorrem simultaneamente lado a lado. O estágio prévio do óvulo “em repouso” desaparece: o surgimento dos seres vivos a partir do germe primitivo é apenas um estágio anterior ao óvulo, que se adaptou a este percurso especial; o restante é idêntico ao desenvolvimento usual.

É indiferente para este germe primitivo durante sua constituição o que tenha sido determinado; seja lá para qual ser vivo ele se desenvolva, as coisas sempre acontecem de forma “bem natural”. É desnecessário nesse sentido que se comprove os milhões de formas intermediárias, nunca vistas e nunca conhecidas! O desenvolvimento de cada ser vivo, seja por meio de divisão, por meio de óvulos, por meio de

semente, ou seja lá como for, é simplesmente compreensível, desde que se dispense a “esclarecedora” teoria da evolução!

A partir do germe primitivo cresce o unicelular até seu tamanho definitivo, então ele se divide para se reproduzir de maneira autônoma da forma que é conhecida. O germe primitivo destinado a se tornar crustáceo cresce numa massa gelatinosa idêntica a um ovo, até chegar ao tamanho que ele teria no momento em que deixa seu lugar de origem, para continuar se alimentando por conta própria e crescer como ser definitivo. Com embriões primitivos destinados a se tornar vermes, caracóis, peixes, etc. não acontece de forma diferente. Neste caso os filhotes saem da casca protetora idêntica a ovos e do respectivo envolvimento nutricional assim que conseguem a necessária autonomia.

Germes primitivos destinados a se tornar insetos se comportam de forma idêntica: também aqui o filhote deixa seu local de surgimento, idêntico a um ovo, assim que atingir o tamanho em que ele sairia dos ovos no formato de larva. Caso se trate do besouro serra-pau (*Cerambyciden*), então os filhotes se infiltram no interior da madeira, da qual eles surgiram a partir dos germes primitivos, assim como ocorre com todas as larvas desta família ainda atualmente. O desenvolvimento posterior não apresenta diferença em relação ao que hoje acontece. Se se trata de germes primitivos destinados a se tornar o besouro-da-folha (*Chrysomeliden*) ou borboletas, assim eles se alimentam das folhas e plantas do lugar de onde se originaram, de maneira idêntica às larvas e lagartas que surgem de ovos, da forma já conhecida. Consequentemente, a partir disso o inseto formado posteriormente irá depositar seus ovos na mesma espécie de plantas: o ciclo começa na forma que conhecemos na atualidade.

Enzimas do germe primitivo da vespa-das-galhas e dos mosquitos da família *Cecidomyiidae* fazem surgir galhas já durante seu inicial estado semelhante a ovos. No interior dessas galhas, como atualmente ainda é usual, crescem as recém-formadas larvas. Nestes casos os insetos nascidos dessas larvas vão preferir o mesmo tipo de plantas para posteriormente depositar seus ovos.

Germes primitivos que pousam sobre um ovo de inseto, uma larva ou uma massa semelhante a um ovo de um jovem ser em formação, caso consigam penetrar, se desenvolvem como vespas ou moscas parasitas e crescem no corpo do animal hospedeiro, deixando-o apenas para se encasular, comportando-se exatamente como

ainda hoje podemos observá-las. Nestes casos, o inseto parasita que irá nascer vai preferir depositar seus ovos na espécie de onde surgiu. Também é compreensível que esse inseto irá procurar o tipo de larva em questão preferencialmente em lugares semelhantes a seu lugar de surgimento.

Se os germes primitivos determinados a se tornarem insetos pousam em aves ou mamíferos e encontram neles matérias-primas apropriadas (caspas, sarna, sujeira, entre outros), então eles crescem como piolhos, pulgas ou outros ectoparasitas. Está claro que estas pragas foram muito bem “adaptadas” a seus animais hospedeiros e por isso — porque uma tal “adaptação” especial somente é possível em seu desenvolvimento a partir dos germes primitivos — não conseguem encontrar condições de vida adequadas em outros seres vivos cujo sangue e corpo apresentam outra forma. Na composição das penas que servem de alimento para os malófagos (*Mallophaga*) — seres semelhantes aos piolhos —, aparecem as mesmas diferenças que na composição das folhas de muitas espécies de plantas, mas cada uma condiciona um ser diferente, uma outra espécie.

Embriões primitivos de anfíbios igualmente resultarão em filhotes que logo depois de se tornarem autônomos deixam o lugar de surgimento semelhante ao ovo, para logo sair autonomamente em busca de alimentos naturais. Como este desenvolvimento ocorre na água, seria necessário, como parece óbvio, que um estado larval (por exemplo, os girinos no desenvolvimento das rãs) fosse introduzido.

Os répteis que surgiram a partir de germes primitivos sobre a terra naturalmente não necessitaram de um estado larval: neste caso os filhotes tornados autônomos deixam seu local de surgimento, assim como atualmente nascem a partir dos ovos.

Assim, cada tipo de planta, capim, árvores, ou seja lá o que for, surgiu com facilidade a partir de um germe primitivo, passando por um estágio prévio semelhante a uma semente. Se nisso ainda é incluído um estágio intermediário semelhante ao germe primitivo, como nos musgos e nas samambaias, ou se resulta no desenvolvimento a partir de um verdadeiro embrião, atualmente não pode ser esclarecido com certeza e, para o resultado final, também é completamente secundário.

Até aqui o desenvolvimento a partir dos germes primitivos é facilmente compreensível. Mas para seres vivos que apresentam cuidado parental ou filhotes que têm a necessidade de cuidados e são indefesos, o leigo poderia encontrar algumas

dificuldades: quem alimenta os filhotes da primeira ninhada de abelhas e vespas surgidos dos germes primitivos? Quem cuidou das primeiras aves surgidas a partir de germes primitivos? Quem cuidou dos primeiros filhotes mamíferos indefesos que surgiram dos germes primitivos e os alimentou?

Neste ponto pretendo afirmar contundentemente que tal questão jamais foi resolvida pelos teóricos do evolucionismo! Jamais puderam oferecer uma resposta satisfatória, nunca nos disseram como se alimentou o primeiro mamífero, resultado da “mutação” dos répteis, pois os crocodilos na época não possuíam mamas! Com leite da vaca não se podia alimentar os jovens mamíferos, já que as vacas também não podiam ser ordenhadas, porque elas ainda não existiam. Da mesma forma eles silenciam sobre como a indefesa criança humana, que pela primeira vez nasceu de um macaco, foi alimentada, cuidada e educada durante seu muito longo período de infância.

Os seguidores do evolucionismo preferem discutir questões muito mais importantes, a saber se as abelhas precisam ser derivadas de gafanhotos, baratas ou de um estágio anterior completamente desconhecido, mas em torno da questão principal, afinal como a larva da abelha que nasceu de um ovo de gafanhoto foi alimentada, agem como um gato em torno de um prato de mingau quente. As larvas de abelhas sabidamente não podiam comer capim. Sua alimentação é composta por um mingau especial feito de pólen e mel. Certamente é muito mais simples e confortável observar animais mortos para comprovar de alguma forma a “ancestralidade” por meio da “conformidade” real ou suposta de algum membro corporal do que prestar atenção na vida real e em suas questões!

Deve ter chamado a atenção de cada observador atento que os seres vivos — que em sua infância necessitam de cuidados e orientações dos pais, não importa a que tronco eles pertencem — aparecem apenas no 9º ano geológico, portanto num período relativamente tardio da idade da Terra.

Disso já resulta que, para possibilitar o surgimento de tais seres vivos, condições especiais precisaram ser preenchidas, condições cuja existência era impossível em tempos anteriores.

O preenchimento de uma destas pré-condições devia ser visto num tempo em que, por alguma causa e efeito incomum, tenha acontecido uma atividade extraor-

dinária das enzimas produtoras de alimentos, que, por sua vez, teriam provocado uma inimaginável aceleração do crescimento. Além disso, devem ter participado também algumas energias liberadas vindas do exterior.\*

O comportamento da diástase de cevada, entre outros, nos mostra que o efeito das enzimas já com uma relativa pequena ação exterior pode aumentar enormemente. Com um aumento da temperatura em somente 15 °C, o poder formador de açúcar dessa enzima aumenta de 0,13% para 90,34% na transformação de fécula de batata em açúcar. Temos assim uma força multiplicadora milhares de vezes mais forte.

O que neste caso é realizado pelo calor, no surgimento a partir do germe primitivo certamente pôde ter produzido outras influências por nós ainda desconhecidas. Em termos de quantidade, quase não há limites para o desenvolvimento de matérias-primas. Assim as gigantescas quantidades de fécula que são processadas nas destilarias de batata e de cereais, com ajuda das enzimas se sacarificam em quase uma hora! Determinantes para o procedimento de tais transformações são a existência de uma quantidade suficiente de enzimas e condições favoráveis: ambas são exigências que a natureza indubitavelmente pôde cumprir no caso da geração de seres vivos a partir dos germes primitivos.

Com o aparecimento das plantas floridas foi garantida a alimentação de insetos visitantes florais, principalmente os diversos tipos de abelhas.

O germe primitivo, que em seu tornar-se, pousa sobre os sacos polínicos de uma flor, encontra ali materiais estruturantes em forma altamente concentrada. Devia ter sido muito fácil para ele ainda provocar uma excreção de suco ou utilizar uma fonte de mel e estimular um fluxo mais fortalecido. Dentes-de-leão e flores semelhantes iriam, dessa forma, poder fornecer alimentos suficientes para a formação de espécies medianas de abelhas. Flores de abóboras e lírios iriam, por exemplo, fornecer alimentos e espaço para o surgimento de espécies maiores de zangões. Uma larva de abelha necessita em condições normais de um desenvolvimento de 5 a 6 dias. Como cada flor prospera pelo menos um dia, seria necessário, se no lugar

---

\* Neste meio tempo, as pesquisas avançadas da fissão nuclear já foram capazes de levantar um pouco a ponta do véu de pelo menos uma fonte de energia. Mas ainda estamos num campo bastante obscuro de um conhecimento que está se iniciando. Somente num dos muitos mistérios nós nos aproximamos um pouco, mas quantos ainda esperam uma solução?

de ovos se imagina o germe primitivo, no máximo uma aceleração de crescimento em 10 vezes para que no período de florescência a larva se desenvolva em casulo.

Isso seria uma possibilidade. Além disso ainda há uma outra: estes insetos poderiam se alimentar diretamente de matérias-primas, por exemplo, de pétalas de flores caídas, massa vegetal morta, entre outras. Neste caso as enzimas iriam formar a solução alimentar. Pólen polvilhado que é encontrado em toda parte, ou a junção de partes de plantas caídas, assim como estímulos que partem das plantas, iriam conduzir o desenvolvimento e influenciar a criação da forma. Em ambos os casos, a alimentação da larva estaria garantida, que até seu crescimento estaria deitada num mingau alimentar preparado pelas enzimas. Ainda hoje existem espécies de insetos cujas larvas permanecem todo o seu desenvolvimento nas flores ou em partes de flores.

No desenvolvimento a partir de germes primitivos em matérias-primas, sob a influência condutora do ambiente, insetos, que normalmente se multiplicam em grandes enxames, poderiam ao mesmo tempo surgir numa grande quantidade populacional por meio da divisão do primeiro embrião (poliembrionia), surgindo assim inúmeras unidades a partir de cada inseto, assim como atualmente ainda pode ser percebido, por exemplo, nas vespas parasitas. Em tais “poliembriônicas” ainda hoje podem se desenvolver centenas ou mais larvas a partir de um único ovo. Todos os seres surgidos de um único ovo possuem o mesmo sexo. Entre os tatus, os óvulos se dividem em várias partes e cada um deles resulta num filhote do mesmo sexo. Ao surgirem flores isoladas umas das outras, elas precisam posteriormente se reunir em grupos homogêneos, para se reproduzirem, o que igualmente seria possível.

Com o aparecimento dos animais homeotérmicos verificou-se novamente algo novo, que nunca havia acontecido. É claro que estes animais de sangue quente, aos quais pertencem aves e mamíferos — e naturalmente também os humanos —, necessitaram para seu surgimento algo fundamentalmente diferente de tudo o que havia acontecido até então.

Desse modo, ovos de aves e de mamíferos ovíparos jamais chegam a um desenvolvimento sem um período de incubação, no qual a temperatura oscila entre 38 e 41 °C. Somente isso sozinho é fundamentalmente diferente do que apresentado até agora, de modo que a totalidade do mundo animal iria ver estes acontecimentos

revolucionários com grande exaltação, se fossem capazes disso, como se o mundo tivesse sido colocado de ponta-cabeça. O que estes novos moradores do planeta necessitam nem os insetos, nem os crustáceos, nem os peixes, nem os anfíbios tinham se arriscado a exigir. (As poucas espécies de anfíbios e répteis que apresentam inícios de cuidado parental são uma criação de tempos posteriores, quando isso já havia se tornado “moderno” por meio dos homeotérmicos. Períodos de alimentação e de amamentação, contudo, sempre estiveram ausentes). Da mesma forma, todos os seres vivos até o momento possuíam somente sangue “frio”, isto é, se adaptavam a temperaturas do ambiente; apesar disso céu e terra existiam: por que esta novidade? O restante do mundo animal jamais iria compreender isso.

Quando ficou claro que muitas espécies de aves, depois de seu nascimento, ainda estavam longe de ser autossuficientes, dependendo assim de seus pais, que lhes davam alimentos naturais ou “regurgitados”, parece que, nos outros, que não vivem essa situação, existe uma alegria com a desgraça alheia — se isso for possível de acontecer.

Certamente nesse sentido as espécies mais antigas de animais tinham uma situação bem melhor: os ovos eram simplesmente depositados, e o resto ficava por conta do bom Deus. Ele que teria que ver como as coisas iriam continuar; não interessava mais aos pais. Agora havia muito o que fazer. Ninhos necessitavam ser construídos. Os períodos de incubação precisavam ser mantidos com certa rigidez, os filhotes precisavam ser cuidados, esperados e educados. Para que estes homeotérmicos pudessem surgir, devido a este período de cuidados parentais, o desenvolvimento a partir de embriões primitivos deve ter ocorrido de forma bem diferente do que o desenvolvimento atual a partir dos ovos. Caso contrário, nem sequer uma destas espécies poderia ter sido formada. Todos teriam morrido de fome em sua infância.

Antes de tudo, precisou haver uma temperatura de choco ideal durante seu desenvolvimento a partir dos embriões primitivos. Mas na época ainda não havia na natureza pais capazes de chocar. Assim, restava somente um caminho: a transformação química das matérias-primas, por meio das enzimas, quer dizer, a transformação das matérias-primas em materiais utilizáveis e, na sequência, em proteína viva. A constituição das células teve de ocorrer de forma tão rápida, que o germe primitivo predeterminado para se desenvolver em homeotérmico, assim como o



ser que disso se formaria, permaneceu em temperatura constante de incubação por meio do calor liberado desta forma.

Um procedimento deste tipo não representa nada de místico, nada de novo. A preparação do pão, assim como a fermentação de massa contendo açúcar na indústria de bebidas alcoólicas, se fundamentam sobre idênticos procedimentos. Neste caso as células de fermentação em crescimento na transformação das matérias-primas emanam calor. Uma massa “que cresce rápido”, na qual fungos de levedura se desenvolvem em larga escala, se aquece ainda mais à medida que a transformação ocorre com mais rapidez!

Uma rápida transformação da matéria significa naturalmente também uma constituição mais rápida, quer dizer, encurtamento do período de desenvolvimento do ser em formação. Isso pressupõe, por sua vez, no caso dos homeotérmicos — pelo menos após o surgimento da respiração —, a presença de oxigênio suficiente no ar. Este tipo de riqueza de oxigênio somente poderia ser produzida por uma rica flora: antes que os homeotérmicos pudessem surgir, um mundo vegetal adequado teve de encobrir a Terra e ter tempo suficiente para enriquecer o ar com oxigênio.

Já o simples fato de o ser humano em grandes altitudes não conseguir mais encontrar oxigênio suficiente para poder viver, mostra o quanto somos dependentes deste elemento químico. A quantidade de oxigênio do ar ao nível do mar é de, em média, 267 gramas a cada 1000 litros. Na altitude de 3000 metros há somente 186 gramas, e isso já é muito pouco para os humanos comuns!

A diferença da quantidade de oxigênio no ar é uma das causas para que em tempos mais antigos, com pouco oxigênio, somente puderam surgir e viver os répteis e anfíbios que são animais de sangue frio.

No 9º ano geológico, no qual apareceram as primeiras aves e mamíferos, havia matérias-primas mais do que suficientes na forma de árvores e folhas caídas, e outros restos de vegetais. Os germes primitivos que chegaram encontraram condições especialmente favoráveis para seu desenvolvimento posterior.

Assim a transformação da matéria, introduzida pelas enzimas, pôde ocorrer num tempo muito rápido, facilitando a geração da temperatura incubatória. Uma ace-

leração do desenvolvimento de apenas 10 vezes, que neste caso já seria suficiente para a manutenção constante da temperatura incubatória, seria suficiente para o surgimento da maioria das espécies de aves. Então, por exemplo, o tempo de incubação, no qual o embrião se desenvolve até se tornar filhote, que nos periquitos (*Euphema undulata*) é de 14 dias, se reduziria em aproximadamente 2 dias e, da mesma forma, a vida no ninho, que é de 30 a 35 dias, se reduziria para somente 3. Isso esclarece que o filhote nos primeiros três dias, ou nos três dias inteiros, facilmente pode ser alimentado pela fenda umbilical. Assim resultam duas possibilidades: no primeiro caso, a alimentação se encerraria no momento em que a jovem ave sairia da casca do ovo; assim, ele iria comer os excessos que se encontram no local onde nasceu, até poder voar e se dedicar à própria procura de alimentos. No segundo, ele permaneceria num estado semelhante ao sono e seria alimentado exclusivamente pela fenda umbilical, até poder voar.

Ainda hoje podemos observar, nas aves que caem dos ninhos cedo demais, que uma tal alimentação até o surgimento da penugem e do desenvolvimento dos sentidos é possível. Desse modo, por exemplo, os jovens *Megapodiidae* (*Wallnister*) saem dos ovos com a penugem já formada e em poucos dias são capazes de voar e desde os primeiros momentos de vida percorrem o mundo sozinhos, pois seus pais não se importam mais com eles!

Nada justifica se exaltar sobre um tal desenvolvimento acelerado, pois isso ainda fica longe atrás da velocidade percebida no desenvolvimento dos fungos em tempos normais! O que hoje é possível certamente também terá sido naqueles tempos extraordinários em que agiam forças poderosas o suficiente para transformar toda Terra.

Um percurso semelhante também deve ter passado no desenvolvimento dos primeiros mamíferos a partir dos germes primitivos, os quais apareceram na forma de marsupiais. Também aqui devem ter sido massa vegetal morta que forneceu a matéria-prima para sua constituição. As temperaturas mais quentes necessárias para o desenvolvimento dos homeotérmicos induzem a elevação da velocidade da transformação das matérias, permitindo ao germe primitivo, assim como ao novo animal dele surgido, um crescimento num tempo relativamente curto, até se tornar autônomo.

Nesse sentido, há dois caminhos abertos, como no caso anterior: ou a alimentação do novo animal ocorre por meio do umbigo, até ele atingir um tamanho que possibilite a busca autônoma por alimentos, ou a alimentação do mesmo modo acontece somente até um tamanho que corresponde a uma animal recém-nascido. No último caso, o jovem animal teria de permanecer em seu local de nascimento até se tornar autossuficiente, se alimentando lambendo e sugando a solução nutritiva formada pelas enzimas. Este último caminho não representa algo novo. Lagartas muitas vezes comem como primeiro alimento as cascas dos ovos em que nasceram. Da mesma forma é conhecido que enzimas podem, sem a ajuda dos seres vivos dos quais surgem, continuar a desdobrar suas forças e transformar matérias-primas.

De forma semelhante, os mamíferos verdadeiros, em 75 milhões de anos mais tarde, se desenvolveram a partir de germes primitivos. Eles necessitavam para seu surgimento somente as mesmas matérias-primas. Obviamente podem ser considerados da mesma forma partes constituintes do ar e da água. Para isso, uma velocidade de crescimento ainda maior pode ser considerada com grande probabilidade, pois nada impedia uma aceleração múltipla. Desse modo, é facilmente pensável que recém-nascidos permaneceram em um estado semelhante ao sono até chegar à autonomia e neste período ser alimentados pela fenda umbilical. Filhotes de diferentes espécies de animais ainda hoje nascem bastante desenvolvidos e logo saem correndo por aí. O estado de indefeso dos recém-nascidos não é uma necessidade incondicional, mas sim um mal necessário ocasionado pela reduzida capacidade de reprodução dos progenitores.

Se no desenvolvimento a partir do germe primitivo os jovens animais se formassem com uma autonomia relativa, bovinos e equinos, por exemplo, deveriam nutrir-se do alimento adicional, simultaneamente ao leite materno.

Quanto maior o animal, tanto maior devia ter sido a velocidade do desenvolvimento. O calor excessivo gerado com isso facilmente pôde ser afastado ou tornado inofensivo pelas glândulas sudoríparas ou por outros meios. Partindo do pressuposto de uma aceleração em 20 vezes, o período de amamentação de 100 dias do cavalo, por exemplo, seria reduzido a 5. Mas o mais provável é que o jovem animal formado a partir de um germe primitivo nasce completamente autônomo e não

necessita de períodos de amamentação. Para alcançar isso, basta que o estado semelhante ao sono do novo ser dure alguns dias a mais. Um exemplo que comprova que isso é muito bom, e até mesmo ainda hoje é possível, é o já anteriormente citado filhote de *Wallnister*, que permanece embrião por muito tempo até que esteja com a penugem completa e com os sentidos formados, para logo em seguida nascer completamente autônomo.

É de todo equivocado supor que grandes animais não poderiam surgir repentinamente e que necessitem para isso de inúmeros “estágios intermediários”. Na existência de uma quantidade suficiente de matérias-primas, o limite do tamanho do ser é estabelecido pelas diretrizes previstas em seu plano estrutural: Terra, Sol e Lua certamente são maiores do que o maior ser vivo e, apesar disso, não necessitaram dos infinitos “estágios micro-pré-terrestres” para seu surgimento. Mesmo produtos puramente “terrestres” comprovam isso. Assim existem, entre outros, cristais gigantes, por exemplo, cristais de montanhas medindo 8 metros de extensão e cerca de 700 quilos. Também para sua formação não foram necessárias “formas intermediárias” ou “pré-estágios”!

Matérias-primas para a formação de animais maiores a partir de germes primitivos também já existiam em quantidade mais do que suficientes na época, na forma de árvores florestais mortas e outras massas vegetais. Numa única árvore florestal pode haver 2500 quilos de carbono; em árvores gigantes da floresta até mais do que isso. De acordo com o peso, aproximadamente a metade da proteína é formada por carbono. Como o corpo vivo é composto por cerca de 60% de água, uma tal árvore já seria suficiente para a produção de 8000 quilos de peso vivo, o que corresponde ao peso de 200 bezerros recém-nascidos de peso médio.

Alguns ignorantes talvez possam contrapor: “mas a massa vegetal não possui ossos! De onde o germe primitivo em crescimento pôde conseguir os materiais constituintes necessários para a formação de seu esqueleto, que em animais maiores possui um peso bem significativo?”

Não há razão para inquietações! Sabidamente ovos de galinha também não possuem ossos. Mas os pintinhos que nascem possuem não somente um esqueleto completo como também uma massa de chifre (bico e pés) e uma penugem fofa, coisas que não são encontradas nos ovos. Em algumas espécies que nascem e já

saem do ninhos até mesmo se encontra uma plumagem já completa. Além disso, todos, se tiverem vontade, podem observar como herbívoros com uma alimentação composta exclusivamente por plantas crescem de forma excelente. Mesmo elefantes constroem seu massivo esqueleto sem adicionar outros ingredientes em sua dieta.

Além disso, parece que a capacidade imaginativa de muitas pessoas, por não conhecerem outras formas de reprodução que não seja pelo nascimento, é tão estreita que chegam a acreditar que esta seja a única forma possível de geração de seres vivos e que precisa ser projetada para todos os tempos.

Antes de tudo é necessário notar que na reprodução por nascimento o novo ser vivo jamais vai poder receber o tamanho completo e a autonomia, como por exemplo na reprodução por divisão binária. A natureza dos pais não oferece nenhuma possibilidade para isso. Ademais, parece que há ainda uma outra questão importante referente ao cuidado parental e à educação dos filhotes: a manutenção e formação das forças mentais!

Este tipo de limitação, todavia, não é imposto a uma geração a partir de germes primitivos. Por isso jamais se pode ver no tamanho e no estado do recém-nascido a forma “única apropriada” que foi se cristalizando ao longo de uma extensa “linha evolutiva”. Ou se sim, mas então somente na medida em que a natureza neste caso esgotou todas as possibilidades dadas aos pais cujas características não oferecem condições de dar à luz um ser autônomo. Uma estrutura corporal que possibilita isso, por sua vez, não combina com as tarefas que no sentido corporal e mental são colocadas aqui na Terra. Somente uma reprodução por meio da divisão binária, como é encontrada em seres unicelulares, pode resultar em seres imediata e completamente autônomos. Além disso, oportunidades semelhantes são oferecidas ainda pela reprodução por meio de brotamento ou por meio de esporos. Mas o mesmo não pode acontecer em seres superiores.

Assim, a natureza esgotou todas as possibilidades dadas e permitiu à reprodução acontecer, de modo que ambas as partes, pais e filhotes, permanecessem capazes de viver. O que ainda faltava para alcançar a autonomia, mas que no nascimento não pôde ser dado imediatamente, foi atribuído depois ao filhote no período de amamentação e de alimentação.

O que atualmente as teorias nos oferecem é um desenvolvimento em etapas por caminhos desviantes direcionados pelas condições ambientais. Mas um tal desvio não é necessário no desenvolvimento a partir dos germes primitivos. Neste caso não existem animais maternos, que colocam limites ao tamanho dos filhotes e condicionam um nascimento antes de alcançar a autonomia: o jovem ser vivo, antes de chegar à vida, pode crescer até o tamanho que lhe garante a autonomia e a autossuficiência na luta pela existência.

Depois de outros 75 milhões de anos, as condições terrestres e a atmosfera progrediram ao ponto de não haver mais empecilhos ao desenvolvimento humano. Novos germes primitivos que chegaram puderam pela primeira vez ser determinados também para humanos.

Novamente a massa vegetal forneceu a matéria-prima. Neste caso, o germe primitivo, enquanto recebe do ambiente as influências e os estímulos, forma inicialmente o centro organizacional e as primeiras células. Cada espécie e raça humana foi adaptada da melhor forma possível de acordo com as relações e condições de vida reinantes em seu local de surgimento. Nesse sentido, o exato plano estrutural dos humanos em formação já foi estabelecido desde o surgimento das primeiras células. Obviamente o desenvolvimento não foi interrompido abruptamente ao chegar ao tamanho de um bebê humano, mas somente quando o corpo e a mente estavam formados a ponto do jovem humano poder garantir uma alimentação e estilo de vida autônomos.

Para compreender o curto espaço de tempo de aceleração no desenvolvimento que um jovem humano necessita para surgir a partir de um embrião primitivo, não é necessário ter como base a possível formação corporal de 9 quilos por dia, que em condições normais pode ser percebida em bovinos gigantes (cogumelos). Aqui certamente são suficientes poucos dias. Mas para a natureza seria algo fácil permitir que o estado de dormência, no qual o feto se encontra, se estenda por alguns dias, até que alcance a autonomia. Por isso, o ser humano “originalmente” surgido a partir de um embrião primitivo não apareceu como um indefeso recém-nascido, mas como um ser já autônomo, mesmo que ainda não crescido completamente: há diferentes caminhos em aberto à natureza para alcançar um determinado objetivo, e ela sempre escolhe aquele que é o melhor para cada caso!

Depois de 74 milhões de anos novamente chegarão germes primitivos para a Terra. Outra vez irão surgir novas espécies de plantas, animais e, talvez, humanos, caso o ser humano até lá ainda não tenha exterminado todas as possibilidades de vida. Então os pesquisadores da natureza, se é que ainda irão existir até lá, poderão realmente pesquisar na natureza livre. O surgimento a partir do germe primitivo poderá ser observado “in natura”. Mas é recomendado conservar bem os materiais comprobatórios para, nos tempos seguintes, ter em mãos um bom meio de defesa contra ideias e concepções antinaturais!

No final do atual ano geológico, quer dizer, depois de exatos 224 milhões de anos, provavelmente surgirá algo bem novo a partir dos germes primitivos, caso o plano da criação já não se tenha expirado com a gente. Talvez então até mesmo apareçam seres na Terra que estarão muito mais adiantados em sua capacidade corporal e mental do que o ser humano. Mas hoje é meio duvidoso se então ainda haverá humanos de nossa espécie que poderão observar isso. Talvez já terão saído de cena milhões de anos antes, como aconteceu em seu tempo com os grandes dinossauros e com quase todas as formas de vida anteriores.

Exatamente porque o ser humano é tão “rico mentalmente” se escondem nele não somente perigos para o restante do mundo vivo, mas também para si mesmo. Ele pode fazer coisas infinitamente boas, mas ao mesmo tempo provocar misérias imensuráveis. Tomara que ele aprenda finalmente a utilizar seu conhecimento para o bem. A natureza atribuiu ao humano altas competências, mas ela também irá exigir uma prestação de contas sobre sua utilização. O futuro da humanidade na Terra depende de seu comportamento diante desta prova. Neste caso a natureza é implacavelmente rígida.

Neste momento estamos ainda diante dos primórdios deste ano geológico. Nem sequer um dia dele já passou e, mesmo assim — em relação à curta vida humana —, incrivelmente já decorreu muito tempo. O futuro distante é nebuloso e desconhecido. O que nos acontecerá nos está oculto. Somente de vez em quando conseguimos lançar um olhar por meio de um espaço iluminado para o futuro e muito do que virá podemos perceber em contornos aproximados. Mas os detalhes permanecem velados até que aparecerem na contemporaneidade.

Forças poderosas estavam em atuação no passado para formar a Terra. Inimagináveis forças ainda atualmente deslocam os corpos celestes pelo espaço em trajetos estabelecidos. Da mesma forma, em caminho previamente estabelecido, ocorre o povoamento do corpo celeste apropriado por seres vivos. Assim também há planos e regras únicas para a gravidade, para os movimentos, entre outros, válidos para o universo inteiro. Nada surge “casualmente”; nada aqui é único; tudo se repete tantas vezes quanto é permitido pelas condições. O visível já ultrapassa em muito a razão humana, mas maior do que as obras visíveis é o poder invisível, o mestre que elaborou estes planos e os coloca em prática.



## 5

### PROVAS

De acordo com os resultados da pesquisa embrionária, está irrefutavelmente concluído que cada ser vivo atual e de tempos mais antigos, seja qual for, surgiu a partir de uma única célula, mas antes disso ela também precisou ser formada. O ser humano não é, nesse sentido, uma exceção; ele não resulta da passagem de inúmeros “estágios intermediários”, partindo de crustáceos, passando por cobras e macacos, mas sim surge a partir de uma única célula, como todos os outros seres vivos.

Apesar de todas as buscas fanáticas por séculos, nem sequer um único caso pôde ser encontrado que pudesse demonstrar um desenvolvimento embrionário constituído por meio de “estágios intermediários” como nos crustáceos, vermes, lagartos ou qualquer outro tipo de ser. Em vez disso se percebe claramente algo diferente: cada desenvolvimento começa de forma universal e em seu primeiro estágio poderia servir tanto para unicelulares como também para crustáceos ou vertebrados, ou seja lá qual ser vivo, se o plano estrutural do ser em formação já não estivesse sido fixado no centro organizacional da célula inicial.

Como na primeira célula do ser em formação já está fixado todo o programa estrutural, então a célula inicial jamais pode ser considerada como ponto de partida da primeira vida, mas sim uma unidade anterior a ela, muito menor, a saber, o germe primitivo. Todos os achados apontam para o fato de que o germe primitivo universal foi predeterminado para gerar, passo a passo, o posterior ser vivo e de que na sequente formação do centro organizacional todas as condições ambientais exerceram grande influência sobre a definitiva estrutura do ser em desenvolvimento.

Como não era de se esperar algo diferente e como isso também nem seria possível, cada ser vivo, seja grande ou pequeno, se encontra inicialmente no estágio de desenvolvimento de um ser unicelular, assim como também cada construção, seja um palácio ou chiqueiro de porcos, inicia na estrutura de uma única pedra, a partir da qual a construção se desenvolve. Ninguém será tão tapado de tentar encontrar

nesta primeira pedra a imagem, mesmo que de forma microscópica, da posterior construção. Todavia, esta primeira célula naturalmente não se divide como um unicelular para se tornar dois seres diferentes, mas cresce como duas células juntas e unidas. E isso não acontece porque seu avô foi um ser unicelular ou uma bactéria, senão porque não havia outra possibilidade maior de crescimento à disposição!

É neste procedimento, este crescer juntos das células para uma comunidade de vida de um novo corpo, que se pode perceber o ponto divisório entre unicelulares e seres superiores. (Referidos são realmente células que crescem unidas numa unidade corporal. Unicelulares que vivem juntos em linhas ou em aglomerados de forma passageira ou duradoura são seres isolados que se juntam, mas que jamais formam uma unidade corporal). Somente uma teoria da evolução é capaz de ver nesta separação uma “ligação”!

Na sequência, as duas primeiras células se dividem novamente, crescem para as primeiras quatro células, a partir das quais surgem da mesma forma as primeiras oito células, e assim por diante. No posterior decorrer esta comunidade celular cresce para uma pequena estrutura, que envolve um espaço interior oco. Ao contrário da perspectiva dos teóricos do evolucionismo, este espaço oco não foi formado porque o tio foi um “animal de estômago”, uma esponja, mas porque cada ser vivo animal possui um blastocele e este precisa ser formado dessa maneira. A parede fundamental de uma esterqueira também apresenta certas “semelhanças” com a de um palácio, tanto na forma interior quanto na exterior, mas não se precisa chegar à admirável ideia de ver nisso uma comprovação da descendência do palácio em relação à esterqueira.

A predeterminação e o desenvolvimento etapista do centro organizacional do ser vivo surgido a partir do germe primitivo aparecem de forma especialmente clara nos chamados órgãos “rudimentares”. Na maioria dos casos se trata de pontos de partida para órgãos, quer dizer, locais a partir dos quais poderia, sob determinadas condições, desenvolver-se algum membro corporal, mas que — porque não possuía valor para o ser em questão — não chegou a isso. O mesmo é válido para partes corporais que no posterior decorrer do desenvolvimento são revertidas.

Todos estes rudimentos lembram o primeiro tempo da predeterminação do germe primitivo e da sua estruturação a partir de pontos iniciais gerais. Eles teriam, em

parte, chegando ao crescimento, se o germe primitivo tivesse sido predeterminado a um grupo de seres vivos mais inferiores. No decorrer do avanço da estruturação posterior de seu centro organizacional predeterminado a um ser vivo superior, esta parte corporal se tornou supérflua: ela não se desenvolveu, mas os mecanismos para isso permaneceram mantidos.

Assim, do mesmo modo, as partes corpóreas dos insetos apresentam inicialmente os primeiros estágios embrionários, a partir dos quais se formam os órgãos quando necessários, enquanto os desnecessários não chegam ao desenvolvimento e, parcialmente, são revertidos e desaparecem. Nos pontos de partida dos segmentos orais desenvolvem-se duas partes corporais, que crescem juntamente e se desenvolvem em lábios superiores. Da mesma forma os sensores se desenvolvem a partir dos pontos de partida dos segmentos das antenas; já dos segmentos das mandíbulas surge o queixo; o restante das partes bucais surge do primeiro e do segundo segmento maxilar, enquanto que a partir dos três segmentos torácicos surgem os três pares de pernas. Ao contrário destes, os pontos de partida para órgãos do primeiro até o décimo primeiro segmento abdominal, que erroneamente são considerados mecanismos de pernas, permanecem subdesenvolvidos.

A causa para a equivocada definição dos pontos de partida para órgãos como sendo mecanismos de pernas deve ser procurada na incapacidade de reconhecer os fatos reais. Sobre este equívoco está fundamentada a falácia da teoria da evolução. Um tal engano é quase incompreensível! Cada corpo de inseto é composto por um determinado número de segmentos corporais. De acordo com sua composição, pertencem a cada um destes segmentos também ambos os pontos de partida para órgãos correspondentes. Se e como este desenvolvimento acontece, depende única e somente da situação deste segmento e do projeto estrutural do grupo animal em questão, não do tio ou da tia!

Ainda mais curioso do que esta perspectiva equivocada é a sua “fundamentação”: “como se trata de verdadeiros mecanismos de pernas, conclui-se disso que, no grupo dos insetos *Collembola*, são encontradas pernas transformadas em outros membros. Os mecanismos de pernas no primeiro segmento foram transformados em tubo ventral; os do terceiro segmento se transformaram em retináculo e os do quarto, em garfos de salto. Que realmente se trata de pernas transformadas se

conclui pelo fato de que sua localização na área do respectivo segmento corporal em linhas gerais combina com o das pernas, assim como o início de seus membros combina com a localização das pernas, dos maxilares e dos sensores”.

Esta conclusão comprova exatamente o contrário do que supostamente deveria comprovar! Claro e inequivocamente se conclui que todas as citadas partes corporais surgem de pontos de partida universais para órgãos e que mesmo os primeiros membros de todas estas partes corporais são do tipo universal. Em todos os casos se trata exclusivamente de pontos de partida gerais para órgãos — e não de mecanismos para pernas —, a partir dos quais, de acordo com a necessidade, surgem de forma geral inícios de membros que, no posterior desenvolvimento, recebem sua forma especial segundo o plano estrutural. De acordo com tudo o que até agora foi pesquisado, não há razão alguma para admirar se membros supérfluos não chegam ao desenvolvimento, embora no esboço universal estejam previstos pontos de partida para tais membros.

Não saber distinguir ponto de partida para órgãos e mecanismos para pernas leva à consideração de que os pontos de partida para órgãos, erroneamente concebidos como mecanismos para pernas, foram considerados “prova” para a ancestralidade dos seres vivos de múltiplas pernas (centopeias): falsas interpretações levam a falsas conclusões!

É conhecido que muitas árvores e outras plantas, por exemplo, pastos, apresentam pontos de partida para órgãos mesmo em seus finos ramos, a partir dos quais, se necessário, podem se desenvolver raízes. Em contrapartida, em outras espécies em que este mecanismo está ausente, apesar de todo esforço, jamais se desenvolvem raízes, porque os mecanismos foram revertidos demais e por isso são “rudimentares” demais. Este fato é tão conhecido e tão frequentemente utilizado de forma prática (estaquia), que passa completamente despercebido “filogeneticamente”. Com a mesma autorização com a qual os pontos de partida para órgãos dos seres vivos animais são considerados órgãos rudimentares ou mecanismos de membros vantajosos e necessários do ponto de vista “filogenético”, também os pontos de partida para órgãos encontrados nos ramos poderiam ser considerados raízes rudimentares. A partir disso se poderia pensar numa “prova” para a ancestralidade de antepassados que até mesmo nos mais finos ramos eram enraizados. Contudo,

fica em aberto a questão sobre o que esta árvore ancestral queria com essas raízes bem lá no alto, nos ramos mais finos. Neste caso seria fácil de afirmar que a árvore somente teria mantido com grande tenacidade a antiga genética de seus antepassados, de modo que a ancestralidade dos galhos enraizados com isso estaria inquestionavelmente comprovada, já que não se consegue explicar de outra forma a existência destes “rudimentares” mecanismos de raízes.

A estruturação da totalidade do ser vivo em seu período inicial é exatamente tão geral como cada ponto de partida dos órgãos. Começa com a divisão da célula animal ou vegetal; na sequência, ocorre a formação de um aglomerado celular, que em seu agrupamento é mantido tão geral, a ponto de que quase cada ser vivo poderia ser formado a partir disso. Logo após, nos seres vivos animais, vem a formação de um espaço interior oco, que em sua primeira estrutura é completamente geral. Mais tarde então começa, progressivamente e aos poucos, a estruturação do corpo. Cada membro é inicialmente programado de forma totalmente universal. A partir de pontos de partida existentes para órgãos, se desenvolvem na sequência os membros, mas somente nos locais previstos no plano estrutural, no qual já está desenhado um centro organizacional do ser vivo em questão. No período seguinte, a partir deste algo universal que representa todo início de órgãos, vai surgindo aos poucos o membro no local mais necessário e na forma mais vantajosa para o ser vivo em questão. Assim também ocorre com todas as outras partes. Sempre se progride passo a passo e, finalmente, são formados os detalhes externos da forma e a coloração. Cada um destes muitos detalhes é fixado no estágio do germe primitivo. De acordo com as influências do meio ambiente, eles sempre se repetem, desta vez na mesma sequência em que surgiram primeiramente. Foram fixados inicialmente no plano estrutural e então na genética.

Assim, ainda hoje partem de tempos em tempos novos impulsos a partir do centro organizacional do ser em formação. Verifica-se a evolução passo a passo: as influências do meio ambiente recebidas no primeiro surgimento a partir do germe primitivo se refletem na estrutura do ser vivo da época.

Um destes comandos dados pelo centro organizacional poderia, para permanecer no exemplo anterior, ser como segue: “formem membros corporais!” Imediatamente se começa com a estruturação. Como os detalhes ainda não foram comuni-

cados, então para todos os casos, se instalam em todos os locais possíveis os pontos de partida para órgãos, que talvez possam vir a ser necessários. Depois da conclusão do trabalho ou já um pouco antes, a ordem então é a seguinte: “no tórax devem ser formados mecanismos para pernas”. Rapidamente, depois da chegada ou da formação das células capazes disso, se começa com este trabalho. Os mecanismos são mantidos completamente de forma geral, já que ainda não foi esclarecido se se trata de pernas para andar, escavar ou nadar. Então a ordem é “formar pernas andantes!” Desenvolvem-se então as pernas na forma típica, mas sem detalhes específicos. Sempre há a preocupação de estar equipado para todos os casos. Assim segue-se estímulo após estímulo, ordem após ordem, até que por fim o ser está concluído nos mínimos detalhes. O que no decorrer destes trabalhos se mostrar como não mais necessário será simplesmente removido, e o material, na medida do possível, utilizado para a construção de outros detalhes.

Este princípio geral, que provoca tanto espanto entre os teóricos da evolução, na realidade não apresenta nada que possa gerar admiração! Trata-se neste caso, em certa medida, da fabricação em série de diferentes unidades. O mundo inteiro é construído por poucos tipos de átomos, a partir dos quais ocorre a necessidade de estruturar as partes cruas ainda não processadas de forma muito universal, para poder encontrar outras aplicações em outras partes. Nos pontos de partida, de acordo com a necessidade, podem ser implantados mecanismos para pernas, mecanismos das ferramentas bucais ou para algo diferente. Os inícios das ferramentas bucais em formação ainda permitem estruturas para morder, sugar ou picar. O mesmo é válido para as demais partes. Sempre é possível, por meio de pequenas mudanças, alcançar uma adaptação bem diferente. Partindo de um plano estrutural básico, a natureza consegue sempre construir novas formas com meios relativamente simples.

Ninguém começa a construção de uma casa com a limpeza e quem coloca o muro não precisa se preocupar com a cor da veneziana da janela. O pintor paisagista irá iniciar com uma base bem geral. Apenas mais tarde se espelham em sua obra as impressões mais detalhistas: montanhas, floresta, nuvens, rios, casas, etc. Ainda mais tarde surgem as figuras mais específicas do primeiro plano: vacas e cavalos pastando, pessoas trabalhando, assim como o mundo vegetal. Por último, seguem as flores e folhas na parte frontal do primeiro plano e os seres vivos que ali se encontram em seus últimos acabamentos. Mas jamais o pintor trabalhará primeiro o

acabamento do olho do boi pastando. O escultor também não procederá de outra forma. Ele não irá começar logo com os acabamentos do focinho do animal que quer formar.

Assim, como as influências aos poucos vão condicionando a estrutura do ser em formação, da mesma maneira isso também ocorre com a forma do ser vivo a partir o germe primitivo. De fato, não há razão para a suposição de que a natureza necessariamente começa sua obra de forma mais estúpida do que o humano inicia a sua: o trabalho dela não é teórico, mas prático!

Em cada desenvolvimento embrionário se espelha — de maneira mais ou menos visível — o desenvolvimento inicial do ser vivo a partir do germe primitivo, que segue um início universal, mas de acordo com um plano estrutural e regras fixas, adaptados às condições ambientais!

Nesse sentido, o rico material petrificado encontrado que os paleontólogos nos apresentam mostram milhares de vezes o surgimento direto a partir do germe primitivo. Indiferentemente se os vestígios colocados à luz do dia pelas escavações pertencem a espécies vegetais ou animais, sempre se trata de algo completamente isolado. Somente com uma fantasia “superior” se consegue ver neste caso uma “derivação”, tendo como base um método tão excelente, que, sem muito esforço, também permite conceber a derivação “filogenética” da bota a partir de uma pantufa!

Seja qual for o membro corporal levado em consideração, ele sempre estava completamente acabado de forma repentina, sem inícios, sem experiências. As pernas apareceram imediatamente como pernas acabadas, e não inicialmente como produtos fantásticos idênticos a pés. Os olhos possuíam imediatamente a estrutura apropriada à sua função, a visão, sem a necessidade de passar por um processo evolutivo. Assim que apareceram animais que necessitavam de uma boca para sobreviver, esta também estava disponível em sua forma final. Jamais existiam animais cujos pés dianteiros nem eram pés e nem asas, que não tinham função nem para andar e nem para voar, mas que somente depois de milhões de anos sendo utilizados para voar finalmente se transformaram em asas. O que aconteceu foi justamente o contrário! Logo que apareceu um animal capaz de voar, ele também possuía as asas necessárias numa determinada parte da estrutura corporal mais bem adaptada para isso. Também as mamas não surgiram paulatinamente como

resultado de várias tentativas empreendidas pelos filhotes para sugar o leite, mas sim já existiam quando o primeiro filhote mamífero apareceu na Terra. Direto ao ponto: cada parte corporal, indiferentemente a partir de qual material ele foi estruturado, possuía imediatamente a estrutura apropriada para o ser vivo em questão.

As mesmas provas também são encontradas no mundo vegetal de forma bem idêntica. Seja qual for o ano geológico, sempre as espécies de plantas surgiram direta e repentinamente, quer dizer, em parte alguma há uma “corrente evolucionária” a partir de algas ou de “estágios prévios” semelhantes. No período do carbonífero apareceram samambaias, cavalinhas, palmeiras, coníferas e muitas outras espécies em formas nitidamente distintas. Surgindo igualmente de forma direta, apareceram mais tarde as plantas decíduas e floridas. Assim como no mundo animal, também no mundo vegetal os detalhes já existiam em suas formas apropriadas para exercer suas funções da melhor forma. A secreção de néctar das flores não foi desenvolvida a partir de milhões de anos pelo estímulo das abelhas que visitavam as flores — que neste meio tempo supostamente viviam de luz, ar e sol —, mas sim a fonte de mel apareceu com as primeiras plantas entomófilas, e a abelha voou até a flor porque a fonte de mel, que iria garantir sua vida e a de seus descendentes, já estava disponível.

Não somente as partes isoladas dos corpos mas também toda espécie de ser vivo surgida de forma acabada comprovam inequivocamente seu surgimento, independentemente se a partir de germes primitivos ou não. Se se trata de mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, insetos, moluscos, vermes, crustáceos, seres microscópicos ou seja lá o que for, nada leva a concluir a existência de uma ponte de um grupo para outro. Mesmo nas espécies isoladas de cada grupo isso ocorre de forma semelhante. Assim existe um abismo intransponível entre humanos e macacos, pois todas as teorias de macacos de todo mundo não são capazes de eliminar, por maiores que sejam seus esforços.

Se existisse para os seres vivos um outro caminho para seu surgimento, além daquele explicado anteriormente a partir dos germes primitivos, então as espécies isoladas de seres vivos dos diferentes anos geológicos teriam de estar tão inter-relacionadas, que as espécies e os grupos isolados, mesmo com a existência de grande quantidade de “materiais comparativos” e a utilização dos mais modernos



instrumentos, não seria possível fazer a distinção entre espécies: em nenhuma parte se encontrariam lacunas; em parte alguma se poderia estabelecer uma linha divisória; todo mundo vivo iria nos aparecer como uma comunidade fortemente variável imbricada em “raças geográficas”!

Certamente encontram-se, entre os milhões de espécies de seres vivos de tempos antigos, alguns poucos que, em sua estrutura, reúnem características de grupos hoje separados. Mas este surgimento não ocorreu por meio de linhas evolutivas, mas sim condicionado por um plano estrutural universal, que se esconde em cada germe primitivo: em cada átomo e molécula está presente um plano universal, que também está contido em cada elétron e em cada parte de matérias primitivas!

Mas para a teoria da evolução, que devido à sua miopia crônica não compreende isso, os tipos transicionais desempenham um grande papel: como esperado, isso foi explicado pelos teóricos do evolucionismo com “seu” significado! De acordo com “sua” perspectiva, precisa ser vista uma “prova” para a “evolução” gradual, pois nestas formas estaria, de acordo com “suas” perspectivas, grupos hoje completamente separados que estavam naquele tempo reunidos, os quais teoricamente apenas mais tarde teriam se distanciando e seguido caminhos completamente próprios para finalmente se constituir como formas “modernas”. Contudo, a maneira pela qual esta evolução gradual, por meio de etapas, teria acontecido, nos é convenientemente silenciada, porque uma explicação convincente para este repolho gigante é impossível.

Bem, os “fósseis transitórios” não só existiram como ainda hoje existem! Mas eles não podem ser muito bem analisados “filogeneticamente”, porque todos os grupos de animais que reúnem já estão à disposição. Assim, se restringem a “processar” fósseis transitórios antigos.

O fato de existirem estes “fósseis transitórios” também em corpos inanimados, por exemplo, cristais de ligações químicas, entre outros, já demonstra que estes tipos transitórios jamais podem ter a força “comprobatória” que a teoria da evolução lhes atribui.

Assim, somente para citar um exemplo, a galena se cristaliza na forma de octaedro triakis. Esta forma de cristal representa um “tipo transitório” que apresenta sua

parte principal como octaedro, sub cuja superfície está uma pirâmide de três lados. A magnesita se cristaliza em octaedro, enquanto que a esfalerita (blenda de zinco) em forma cristalizada apresenta a pirâmide de três lados (tetraedro). No octaedro triakis da galena, temos assim diante de nós um tipo transitório entre a magnesita e a esfalerita. Permanecendo fiel às teorias do evolucionismo, então a magnesita e a esfalerita deveriam “descender filogeneticamente” da galena, o que é um absurdo que qualquer químico facilmente poderia refutar. Também neste caso nenhum dos três corpos — apesar de toda teoria — “evoluiu” a partir de outro, mas todos os três surgiram de forma independente a partir de um plano estrutural próprio.

Os tipos transitórios dos seres vivos e aqueles que são “derivados” destes não são diferentes. Eles apenas demonstram que surgiram independentes de outros seres vivos, mas a partir de um germe primitivo universal. Em consequência das múltiplas possibilidades contidas em cada germe primitivo, foi possível que algumas combinações entre milhões de espécies pudessem reunir numa única criatura características de grupos separados. Exatamente esta possibilidade é uma comprovação a mais para a existência de germes primitivos mantidos de forma totalmente geral. Apenas depois da ação do meio ambiente, eles passam a seres vivos que, num determinado lugar e num determinado tempo, possuem o direito à existência.

O fato de atualmente espécies estarem vivendo uma após outra, ou uma “surgindo da outra”, também é um claro indício do surgimento independente e autônomo das espécies a partir de embriões primitivos. Um exemplo é a história ancestral do cavalo e do elefante. Já há muito tempo antes do aparecimento do “animal intermediário”, a partir do qual o elefante deve ter evoluído, já existiam mastodontes e outros animais com proboscídea e com presas. Mas isso não significa que os elefantes necessitavam de um animal intermediário para surgir, mas que seu surgimento ocorreu diretamente a partir de germes primitivos. As espécies animais, que são consideradas os “estágios prévios” do cavalo, viveram no mesmo período geológico (Terciário)! Alguns desses estágios, que apresentaram gigantescas diferenças em sua estrutura corpórea, foram encontrados nas mesmas camadas deste período. Por isso, com grande probabilidade, pode-se esperar que posteriores achados confirmem que outros “estágios prévios” tenham vivido simultaneamente. Certamente isso é somente uma questão de tempo. A propósito: o comprimento dos dedos secundários dos pés destas espécies, considerado “prova” da ancestra-

lidade, tem tanto poder comprobatório quanto, por exemplo, os diferentes tamanhos dos ferrões das atuais espécies de vespas parasitas. Uma “linha evolutiva” deste tipo iria transcorrer de diversas formas, de acordo com a escolha do critério inicial, se o maior ou o menor ferrão fosse considerado o mais primitivo. Mas, na verdade, de nenhuma das formas uma surge da outra.

Nesse sentido, a construção geral, ainda não refinada e especializada das primeiras espécies de determinados grupos de seres vivos de tempos mais antigos aponta para um surgimento direto a partir de germes primitivos. Naqueles primeiros tempos, a construção de animais superiores precisou ser mantida de forma geral, para lhes oferecer possibilidades de vida na nova região de abrangência. Apenas mais tarde também puderam surgir predadores e outros animais “especializados”. Sempre prevaleceram as formas, norteadas pelas condições ambientais, que pudessem encontrar melhores condições de vida.

Enquanto sucumbe o velho mundo vivo não capaz de se adaptar nas, ou depois das, grandes revoluções geológicas, surge uma diferenciação e especialização cada vez maior no mundo vivo novo a partir de germes primitivos. Se se quiser conceber “ancestralidade”, então seria necessário conceber uma propriedade agrícola moderna, com suas construções para o trabalho e a moradia separados, como sendo uma derivação filogenética das propriedades agrícolas de tempos mais antigos em que a moradia, os estábulos, celeiros e tudo o mais estava sob um mesmo teto.

Além disso, segundo os achados de tempos mais distantes, ainda se pode concluir que cada alteração fundamental na constituição do mundo vegetal também é acompanhada por uma alteração idêntica no mundo animal. Aos novos pastos, que apresentam grandes diferenças dos anteriores, nem os insetos e nem os animais puderam se adaptar; eles tiveram de se extinguir. Mas com eles também morreu a possibilidade para a evolução. A prova também hoje é facilmente alcançada por meio de experimentos: nenhuma árvore está em condições de se transformar num cacto para sobreviver às secas. Na escassez de alimentos, nenhuma tênia está em condições de se transformar em minhoca. Nenhum gato pode se tornar herbívoro na falta de alimentos, nenhum cavalo se torna carnívoro, predador. Mas tal configuração experimental parece ser prática demais para ser levada a sério.

Onde e quando um novo período geológico se inicia sempre surge um novo mundo vegetal e com ele também um novo mundo animal, adaptado até nos mínimos detalhes às novas condições: isso somente é possível com um desenvolvimento, a partir de germes primitivos, completamente independente do mundo anterior. Esse desenvolvimento, conduzido pelos efeitos do meio ambiente, segue os planos estruturais previstos para estes casos e com isso garante a existência dos seres vivos. Ou conforme se prefere conceber a questão: partindo de uma análise imparcial, todos os achados petrificados apontam inequivocamente para um surgimento independente das espécies isoladas de seres vivos a partir de germes primitivos!

Embora, numa estimativa muito positiva, a classificação das espécies no máximo somente conseguiu processar um quarto das espécies, já pode ser claramente reconhecido que a maioria das espécies de seres vivos, tomando cada uma isoladamente, representa um todo fechado em si mesmo. Apesar do número milionário das diferentes espécies, se encontram poucos casos em que duas ou mais se assemelham tanto no que se refere à construção externa do corpo, a ponto do mais virtuoso especialista não conseguir fazer a correta distinção.

Mas não deve ser esquecido que o olhar humano e as percepções animais muitas vezes são diferentes, e a diferenciação ocorre com mais facilidade e com mais segurança. Assim, muitas vezes é difícil encontrar as diferenças externas muito discretas dos histerídeos (besouros). O mesmo também vale para alguns grupos de girínídeos e *Proculus*. O fato de que estas espécies, aparentemente muito idênticas, conviveram num mesmo espaço, com as mesmas condições de vida, sem se cruzar, já é um indicativo de que não são as diferenças externas que abrem o abismo entre as espécies. Todos estes animais encontram com facilidade o seu parceiro, sem precisar usar microscópio ou micrômetro, apesar da semelhança da roupa que pode enganá-los. Em tais casos, as enormes diferenças internas quase não se refletem na estrutura externa. O que a teoria da evolução coloca como parentesco filogenético e também aparece como tal nas descrições nunca teve um ancestral comum!

Os animais não julgam pelas “aparências”. Para eles outras diretrizes são determinantes. Assim há, por outro lado, espécies que podem apresentar grandes variações em suas características externas, por exemplo, no seu formato (*Coccinélídea*, entre outras) ou no seu tamanho (*Brentídae*, entre outras). Isso ocorre em conse-

quência de grandes variações que lhes são típicas, de modo que a partir disso cada leigo e até mesmo alguns especialistas poderiam classificar meia dúzia de “espécies” diferentes: todas as variantes da espécie em questão, por mais diferentes que pareçam, se cruzam entre si, porque para eles somente é determinante a harmonia “interior”, informada por sua capacidade de resistência.

O que impede o cruzamento de variadas espécies não são as pequenas diferenças na constituição corpórea — de acordo com a qual muitas vezes não haveria dificuldade —, mas sim no seu interior, algo parecido com forças espirituais que despertam uma inclinação ou uma negação. Nestas relações ainda não está claro e permanece praticamente indiferente se esta influência ocorre por meio de ondas, radiações, cheiro ou outro fator: em todo caso ela existe. Somente em condições não naturais ou em perturbações do centro racional em questão ocorrem cruzamentos que ou permanecem infrutíferos, ou são absorvidos pela comunidade da espécie que ainda é mantida pura e, assim, não consegue provocar prejuízos.

Mesmo no mundo vegetal as condições são semelhantes. Neste caso a reprodução bem-sucedida jamais depende da estrutura externa da planta ou de detalhes no formato e na coloração da flor, mas sim da constituição interna, própria da espécie, do grão de pólen e do ovário. Além disso, naturalmente depende das possibilidades de um órgão se deslocar até o outro. A planta nem estaria em condições de reconhecer tais aparências e, a partir disso, fazer a escolha dos parceiros.

Até mesmo os pólenes apresentam em sua constituição externa, apesar de características internas diferentes, mas não perceptíveis externamente, diferenças minúsculas somente percebidas com forte ampliação. Desse modo, o pólen da bétula, da tília e da avelã, portanto, grupos vegetais distantes uns dos outros, mostram grandes semelhanças em sua forma exterior. Esta descoberta seria fácil não se observando outras características — derivar filogeneticamente os três grupos uns dos outros.

A forma exterior — que podemos ver somente com ajuda do microscópio e de instrumentos óticos — não é determinante para as plantas, mas sim a constituição química e os estímulos disso resultantes, que não somos capazes de perceber e nossos brutos métodos de análise química fracassam. Podem ser encontradas as fendas que separam uma espécie da outra, quando a aparência externa simula uma semelhança, mas onde há fendas não pode haver ancestralidade comum.

Este não observar as diferenças internas, para os humanos dificilmente perceptíveis ou completamente imperceptíveis, é o que levou a graves equívocos: o que é separado foi derivado como sendo parentesco. E as grandes desigualdades nas capacidades mentais infelizmente não são reconhecidas pelo binocular e não podem ser medidas pelo compasso, apesar de terem o mesmo peso que as diferenças corpóreas.

Assim, o pisco-de-peito-ruivo (*Sylvia rubecula*) apresenta uma vida mental significativamente mais desenvolvida do que o rouxinol (*Sylvia luscinia*). Tais casos comprovam que espécies, que pela aparência foram classificadas no mesmo gênero e com isso consideradas como descendentes de um ancestral comum próximo, na verdade nunca possuíram um ancestral comum. Atualmente a classificação das espécies leva em consideração unicamente diferenças corporais, mas se em vez disso privilegiasse as diferenças mentais, o pisco e o rouxinol, que atualmente estão no mesmo gênero\*\*, seriam classificados em grupos distantes uns dos outros. (Na classificação das espécies, que tem como objetivo suprir necessidades práticas, as aparências sempre precisam ser observadas em primeira linha. Não se deve condenar a observação de aparência, mas sim as conclusões equivocadas que são tiradas disso.)

Repete-se, em menor escala, o que em “grande pompa” se declara como sendo o parentesco entre os humanos e os macacos!

Se isso já é possível de acontecer com seres que, em carne e sangue, estão diante de nós, quanto mais isso ocorre quando somente restam alguns ossos e, no melhor dos casos, esqueletos inteiros. Assim os animais que, de acordo com o comprimento dos dedos secundários dos pés, representam de forma tão bela, no papel, a “linha ancestral” do cavalo, podem ter sido seres com aparência bem distinta e com capacidades mentais ainda mais diferentes.

---

\* Aqui se faz referência à diferença do comportamento de ambas as espécies; diferenças pessoais nos talentos que acontecem no interior de todas as espécies e também entre humanos não são levados em conta aqui.

\*\* Já estavam também no gênero *Erithacus* e estão agora no gênero *Luscinia*. *Sylvia*, *erithacus*, *luscinia*: três nomes diferentes de gêneros para uma única espécie! Isso se assemelha fortemente à caótica forma de trabalho daquele “especialista” que em 10 anos alterou 6 vezes o nome de família de um animal. Isso é a maldição da atual classificação “moderna” mas altamente inapropriada!

O que se conclui a partir dos achados de ossos não é a descendência uns dos outros, mas a existência de diferenças tão grandes das espécies, que até mesmo são perceptíveis na estrutura esquelética!

Se se quiser construir uma linha ancestral levando em consideração o tamanho de um membro escolhido arbitrariamente, sem contar sua aparência e suas forças mentais, então poder-se-ia construir uma linha ancestral com o mesmo poder comprobatório, levando em consideração o crescimento da tromba entre os *Sphingidae*. Aqui haveria tudo o que uma teoria da evolução necessitaria para o estabelecimento de uma linha ancestral: estrutura corporal semelhante e diferença tipológica de um membro. Mas as conclusões tiradas a partir disso seriam igualmente falsas!

A confusão que surge a partir de um tal método de trabalho todos podem experimentar no exemplo que preferir. Em espécies extintas, a teoria da evolução consegue os melhores resultados, na medida em que seus equívocos não podem ser desmentidos imediatamente por animais “in natura”.

Centenas de milhares de vezes, até mesmo milhões de vezes, pode-se concluir na descrição das espécies elaboradas pela classificação, que vai impressa para todo o mundo, que as espécies de seres vivos representam unidades independentes que entre si possuem tão pouco “parentesco de sangue” quanto o que há entre diferentes ligações químicas! Somente em  $\frac{1}{4000}$  dos casos tem-se a impressão de que poderia haver uma com uma certa probabilidade, uma derivação entre espécies, já que suas diferenças espirituais não são pesquisadas. Entre todos os outros há fendas que somente podem ser transpostas por uma imaginação muito fértil, mas fantasia fértil e arco-íris não possuem poder comprobatório!

Uma prova que tem validade jamais pode ser considerada a partir de exceções de  $\frac{1}{4000}$ . Somente a massa principal pode ser considerada como tal. Cada espécie genuína está completa em si mesma. Assim ainda é atualmente, foi assim em tempos distantes e assim será nos tempos vindouros.

Nesta completude de cada espécie se encontra a melhor prova do surgimento independente e direto das espécies a partir de germes primitivos. Esta afirmação possui ainda a grande vantagem, que não pode ser menosprezada, de ser confirmada por mais de 99% dos casos!

Embasada em vestígios encontrados e sem ser influenciada pela fértil imaginação, a observação objetiva do aparecimento dos crinoides articulados, um dos mais importantes filios da história natural, resulta no seguinte: já no período pré-cambriano (Eozoico) apareceram os primeiros representantes deste filo na estrutura de poliquetas (*Chaetopoda*) — uma classe que há muito passou por seu auge e está em declínio. Apesar das espécies desta classe terem surgido de forma completamente direta e sem qualquer “transição”, elas mesmas assim já estavam completamente formadas e especializadas. Logo seguiram-se as trilobitas, ainda no Eozoico, da mesma forma sem transições, sem formas intermediárias ou outros produtos da fantasia, em admirável completude em relativamente grande número de espécies. Da mesma forma repentina em que surgiram, já se extinguíram no período permiano. Imensas fendas separam ambos os subfilios.

Então, no período cambriano, apareceram os sipúnculos (*Gephyrea*), da mesma forma direta e sem o menor indício de “transições” em relação aos grupos já existentes. Aproximadamente no mesmo período surgiram os crustáceos (*Crustacea*), também de forma tão repentina e em grande número de espécies. Igualmente eles não necessitaram de “estágios intermediários” para seu aparecimento. Neste período o primeiro aparecimento dos *Aglaospina* ocorreu de forma repentina e sem “formas intermediárias”. O tempo da existência destes grupos foi curto. Já no Siluriano estes seres vivos se extinguíram de forma direta, sem deixar “descendentes” de qualquer tipo.

No final do Cambriano, apareceu então a classe dos *Gigantotraca*, de forma igualmente “sem transições”, pela qual surgiram os grupos já existentes até aquele momento. Mas no período carbonífero ela se extinguiu da mesma forma repentina, sem deixar “parentesco”.

No Siluriano apareceram então os xifosuros (*Xiphosura*), como os anteriores, de forma completamente direta e sem avisar previamente. Trata-se de uma classe que ainda hoje é representada por espécies vivas. No mesmo tempo e exatamente de modo tão surpreendente apareceram os aracnídeos (*Arachnoidea*), que em cada período geológico recebem um crescimento em novas formas. Também para esta classe não foi possível atender às exigências de uma “teoria da evolução” de apresentar uma árvore genealógica retilínea logo em seu primeiro aparecimento.

O período carbonífero trouxe os primeiros insetos (*Insecta*), sem avisos prévios e sem o menor indício de “transições”. Contudo, somente apareceram integrantes da segunda subclasse (*Pterygonea*). Também surgiram em grande variedade de combinações, tanto em relação a grupos superiores como a ordens e também a famílias, gêneros e espécies. Apesar da riqueza de formas e da alta especialização, igualmente nesta classe não se mostraram “formas intermediárias” que pudessem levar à conclusão de uma derivação de outras classes. Eles apareceram sem o necessário “parentesco”. Novamente uma violação das regras de “bom tom” da teoria da evolução! Os anos geológicos seguintes trouxeram, em cada segmento, novas espécies e grupos de insetos, sempre sem “formas transitórias” e em constante número crescente. Na atualidade, estas classes estão em seu auge.

Igualmente no período carbonífero, mas um pouco mais cedo, apareceram os quilópodes (*Chilopoda*), igualmente sem parentescos. Esta classe ainda hoje é representada. Pouco mais tarde surgiram as aranhas corredoras (*Schizotarsia*), da mesma forma contrária à teoria: apresentam representantes vivos ainda nos dias atuais.

Os iniciais representantes da primeira subclasse de insetos, os *Apterygonea*, que apareceram no período cretáceo, também não fizeram diferente e surgiram sem o acompanhamento de uma bisavó, tio e tia.

Não surpreende mais se no final do Cenozoico, já na contemporaneidade, todas as novas classes apareceram exatamente da mesma forma repentina e sem transições. Neste período, as classes surgiram rigidamente separadas. Os rotíferos e os *Gastrotricha*, *Kinorhyncha*, *Tardigrada* e *Dinophylea* pertencem a este período, mas são fundamentalmente diferentes. O aparecimento tardio dos rotíferos é muito significativo, uma vez que a teoria da evolução construiu todo seu edifício fantástico sobre os supostos ancestrais destes animais! A partir disso a teoria faz “evoluir” com uma “objetividade sóbria” todos os ramos de sua imensa árvore genealógica, deste produto supermístico da fantasia.

Ao mesmo tempo e da mesma forma direta apareceram ainda os *Myzostomida* e *Malacopoda* (ambos vermes), *Hirudinea* (sanguessuga), *Pantopoda*, *Pauropoda*, *Symphyla* e os parasitas *Linguatulida*.

Parecidas são as relações em todos os outros filões e classes. Contudo, seria demasiado abrangente analisar todos detalhadamente. Peixes, anfíbios, répteis, aves,

mamíferos e o humano, algas, musgos, samambaias, cavalinhas, palmeiras, plantas coníferas, árvores caducifólias, plantas floridas, etc., tudo apareceu sem estágios prévios, “como que brotando da terra”, rapidamente e completos.

A classificação das espécies já reconheceu inequivocamente as significativas diferenças entre a estrutura de todos estes seres vivos, ordenando-os em grupos superiores, quer dizer, em filões e classes. Cada descrição útil publicada pelos classificadores expressa sem dúvida os elementos separadores: assim como cada espécie representa algo completo em si, o mesmo ocorre em cada classe e filão. O nome da classe, assim como o do filão, representam em certa medida um nome coletivo (como floresta, campos, saís, entre outros) para as espécies que, além de muitas características diferentes, revelam muitos pontos em comum, mesmo que às vezes muito abrangentes. Todas as espécies reunidas sob um tal nome coletivo apresentam ainda assim seres completamente “não derivados”, como se pode ver nas descrições nas observações “in natura” das espécies em questão! Naturalmente há fendas nos filões entre si, nas classes entre si e nas espécies entre si. Nos filões, as fendas são correspondentemente maiores e mais profundas do que entre as espécies.

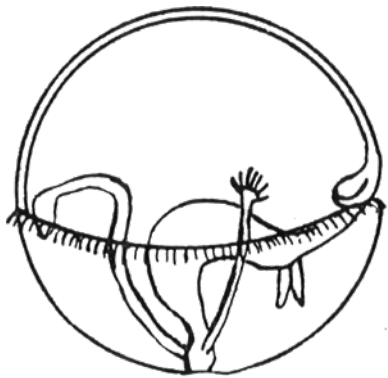
Para uma melhor visão geral, segue uma exposição usual da classificação dos grupos principais:

FILO	Reúne diferentes classes que apresentam algo em comum em sua estrutura (Sob o nome plantas, estão todas as vegetais vasculares: musgos, cavalinhas, samambaias, assim como plantas floridas.)
CLASSE	Reúne da mesma forma diferentes ordens. (Sob o nome musgos, estão as diferentes ordens de musgos decíduos e <i>Septophyta</i> .)
ORDEM	Reúne da mesma forma diferentes famílias. (Sob a ordem dos “roedores”, os ratos, os coelhos, o porco-espinho, os esquilos, entre outros.)

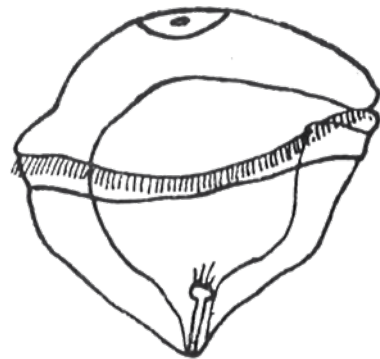
FAMÍLIA	Reúne da mesma forma diferentes gêneros. (Sob o nome da família “Pica-pau”, todos os gêneros deste grupo de aves.)
GÊNERO	Reúne do mesmo modo as diferentes espécies. (Sob o gênero pardal, tanto os pardais domésticos quanto os do campo.)
ESPÉCIE	Reúne seres isolados com poucas diferenças de personalidade. (Sob o nome de “abelhas melíferas”, as abelhas isoladas de diferentes colmeias.)

Neste ponto, convém fazer algumas considerações sobre a teoria da evolução relacionada com a classificação. Como já mencionado nas páginas anteriores, ela pretende “derivar” todos os seres vivos a partir das rotíferas e, em parte, passando por vermes. A obra-prima que pretende comprovar a exatidão desta concepção é resultado da contraposição de uma espécie dos rotíferas e de uma larva de anelídeos (larva de vermes). De acordo com essa teoria, a “ampla semelhança” na estrutura destas formas “comprova” a descendência mútua.

Certamente é bom que cada um possa se convencer do poder comprobatório — não existente — desta “prova”. Por isso apresento na sequência ambas as formas em tamanho bastante ampliado num desenho esquemático:



Rotífera



larva de anelídeo

Teoricamente, a partir de uma tal larva rotífera deve ter surgido uma larva de verme, que posteriormente teria evoluído para verme (anelídeos), que então teria evoluído para muitos “outros seres vivos”...

Contudo, não deve ser esquecido que as semelhanças na forma também aparecem com muita frequência em espécies que, mesmo com a ampla convicção dos teóricos da evolução, jamais podem descender umas das outras! Assim existem aranhas que se assemelham de uma forma tão enganosa à determinada espécie de formiga, que mesmo especialistas podem se enganar quando as encontra na natureza livre. O mesmo ocorre entre moscas e vespas, besouros e borboletas, e entre muitos outros grupos distantes entre si. Contudo, para tratar da mesma forma que “a comprovação filogenética” citada acima, adiciono um desenho esquemático de uma formiga e de uma larva de percevejo. A semelhança entre elas é por certo muito grande, como ocorre entre a acima citada rotífera e a larva de verme. Neste contexto, ainda precisa ser levado em consideração que, em formas superiores, tais semelhanças deveriam ter um peso bem maior.



Aranha



larva de percevejo

Seguindo os princípios da metodologia de trabalho da teoria da evolução, a formiga teria que ter evoluído para a larva de percevejo, que teria evoluído para o percevejo e mais tarde então para vários “outros seres”: o percevejo, desse modo, teria derivado “filogeneticamente” da formiga. Deve estar claro para todos que isso é um absurdo. Assim, a “prova”, apresentada de forma tão confiante pela teoria da evolução, cai por terra e com ela toda a teoria da ancestralidade comum.

A teoria da evolução se baseia na perspectiva de que semelhanças em qualquer característica comprovam uma ancestralidade. Seguindo uma tal forma simples de pensar, então a carroça, o automóvel, o trem e a aeronave deveriam descender

uns dos outros e formar uma “linha ancestral”, já que apresentam semelhanças em relação às rodas, janelas e até mesmo ao “esqueleto”.

Muitas vezes é difícil evitar um sorriso ao ver os teóricos da evolução deslocarem classes e filos para um tempo de 700 milhões de anos, para derivá-los de alguma forma intermediária “imaginada”, mas que na realidade apareceram diretamente em tempos mais recentes. Mas por outro lado, espécies de animais que na sequência temporal dos achados poderiam oferecer a desejada “linha ancestral” são descartadas persistentemente como impossíveis de terem surgido antes, apenas por seus vestígios estarem depositados alguns centímetros acima na camada geológica em questão. É de se refletir o perigo que poderia correr a linha ancestral do cavalo, se se levasse em consideração um aparecimento mais cedo do último pré-estágio, que então teria vivido simultaneamente como o teórico primitivo-primitivo pré-estágio! Aqui seria apenas um deslocamento de 20 a 30 milhões de anos, o que não é nada comparado com os deslocamentos temporais realizados pelos teóricos, quando lhes convém, “deslocando” as coisas em bilhões de anos.

Após esta digressão, voltemos a nos dedicar ao nosso tema. Com os grupos menores, por exemplo, com as ordens, os procedimentos são exatamente os mesmos dos já mencionados filos e classes. Para uma melhor visão geral, cito como exemplo — como grupo mais importante e mais rico em formas — os insetos.

A partir desta classe apareceram no período carbonífero, de forma completamente direta e sem transições e ancestrais, as ordens rigidamente separadas: *Protoblattodea*, *Protorthoptera*, *Palaeodictyoptera*, *Mixotermiteoidea*, *Synarmogioidea*, *Reculioidea*, *Hapalopteroidea*, *Hadentomoidea*, *Megasecoptera*, *Sypharopteroidea*, *Protodonata*, *Protephemeroidea* e *Blattariae*. As primeiras três ordens apareceram com grande riqueza de espécies, mas todas, exceto a última, já desapareceram completamente do mapa no final do Carbonífero Superior ou, no mais tardar, no final do período permiano, sem deixar “descendentes” de qualquer forma.

Desse modo, como em toda parte, o aparecimento repentino de uma classe animal completamente nova, altamente especializada e com riqueza de espécies, fornece uma bela comprovação da exatidão da suposição de um surgimento independente e direto a partir de germes primitivos de cada unidade, completa em si mesma!

No caso em questão, as descrições da classificação também deixam reconhecer claramente as grandes fendas que separam rigidamente os diferentes grupos.

No Permiano apareceram, então, igualmente “sem ancestrais”, o *Protohemiptera* e o *Palaeohemiptera*, que já no final do mesmo período novamente desapareceram sem deixar qualquer vestígio. Em contrapartida, há ordens que da mesma forma surgiram diretamente em riqueza de espécies no início do Permiano e que ainda hoje apresentam representantes vivos, embora em formas completamente diferentes. São as seguintes: *Mantodea* (louva-a-deus), *Perlariae* (moscas) e *Ephemerida* (moscas de um dia). Todos estes grupos já passaram de seu auge e atualmente são bem menos representados do que no início de seu aparecimento.

No início do Triássico apareceram os besouros (*Coleoptera*), da mesma maneira repentina e com riqueza de formas. Em cada segmento do ano geológico em questão surgiram diretamente e sempre em inúmeras novas formas, enquanto que as existentes desapareceram sem deixar vestígios. O número de espécies cresceu imensamente a cada segmento e, hoje, esta ordem está no auge diante de nós.

No período jurássico apareceram, novamente de forma repentina, como num passe de mágica, em considerável riqueza de formas, os *Saltatoria* (louva-a-deus), *Neuroptera*, *Homoptera* (cigarras), *Panorpatae* e *Trichoptera* (moscas-d’água). Todos, exceto as cigarras, já passaram pelo seu auge. Ao contrário disso estão os *Heteroptera* (perceijos) e os *Diptera* (moscas), que surgiram no mesmo tempo e cujo número de espécies até hoje ainda está em crescimento. Do mesmo modo, apareceram no período jurássico as ordens dos *Hymenoptera* (himenópteros), *Lepidoptera* (borboletas) e *Phasmida* (insetos de vara), embora em menor número de espécies. Enquanto ambas as primeiras ordens, exatamente como os besouros, apresentaram um crescimento de espécies a cada segmento geológico, o número de espécies dos últimos permaneceu bastante reduzido.

No Terciário apareceram da mesma forma surpreendente os *Corrodentia* (piolhos de livros), *Isoptera* (cupins), *Strepsiptera*, *Thysanoptera*, *Suctorina* (pulgas), *Thysanura* (traças de livro), *Entotrophi* e *Collembola* (colêmbolos).

Também forma surgiram na contemporaneidade, sem se anunciar previamente, os *Anoplura* (piolhos), *Mallophaga* (malófagos), *Zoraptera*, *Diploglossata* e *Protura*.

A partir das descrições da classificação e das observações dos “originais”, conclui-se claramente que nas ordens citadas anteriormente se trata de unidades completamente separadas, que não apresentam “transições” umas para as outras. Por isso, a briga inútil em torno de quem deriva de quem — que, a propósito, é uma briga em torno da barba do imperador — não quer silenciar entre os “círculos de especialistas”: um acredita poder “derivar” pulgas das moscas, outro quer vê-las incondicionalmente derivadas dos besouros, enquanto o terceiro introduz razões “válidas” para uma descendência a partir dos *Neuropteras*. Mas isso não poderia ficar ausente: com um pouco de fantasia, partindo das diretrizes “científicas” da teoria da evolução, segundo as quais cada grupo em algum lugar precisa descender de alguma coisa, tudo pode “derivar” de tudo.

Esta briga infinita em torno da ancestralidade “correta”, por mais triste que seja este inútil desperdício de força, em todo caso comprova que as “diretrizes” da teoria da evolução nada são além de equívocos que tiram os cientistas de suas verdadeiras tarefas e os atraem para o reino da fantasia. Mas esta discussão também comprova que, entre os grupos isolados, assim como entre seus supostos “antecedentes”, existem imensas fendas que provisoriamente podem ser disfarçadas por uma fantasia fértil e suas provas aparentes e forçadas, mas que jamais podem ser transpostas!

Tudo isso confirma que somente há um caminho para a explicação de uma diversidade tão grande da vida, que é bastante acertada e bem adaptada. Com um golpe só se esclarece o inexplicado e toda a confusão: o surgimento de cada espécie genuína diretamente a partir de germes primitivos!

Talvez se possa usar como contra-argumento a afirmação de que os milhões de estágios intermediários, que ligam os grupos isolados entre si e com seus ancestrais, certamente existiram, mas por razões inexplicáveis ainda não puderam ser encontrados nas escavações.

Embora não possa ser compreendido quais foram as forças místicas que devem ter agido, pois, por exemplo, em 11.000 espécies de insetos escavados, sempre se encontrou espécies genuínas e jamais foram encontrados os “estágios intermediários”, o simples fato de não terem sido encontrados, já poderia enfraquecer esse contra-argumento. Mas mesmo assim, seria apropriado então levar em consideração as espécies ainda existentes, já que não precisam ser escavadas e por isso

não podem passar despercebidamente ou não ser descobertas. Mas também aqui resulta a mesma imagem: todas as espécies genuínas são unidades completas em si que, além disso, se diferenciam tanto umas das outras, que a classificação das espécies necessita de um imenso número de gêneros e grupos!

Seguem aqui alguns exemplos: para a classificação de 2200 espécies de baratas, foram necessários 200 gêneros; para as 1500 espécies de louva-a-deus, são 200 gêneros; para 700 espécies de corrodêncios, foram estabelecidos mais de 150 gêneros; para 125 espécies de piolhos, são 25 gêneros; para 200 espécies de besouros aquáticos (*Dystiscidae*), há 90 gêneros; para 12.000 espécies de *tenebrionidae*, há 1200 gêneros; para 20.000 espécies de *Chrysomelinae*, há 1200 gêneros; para 170 espécies de *Strepsiter*, há 66 gêneros (!); para 3500 espécies de *Tenthredinidae*, há 200 gêneros; para 7000 espécies de *Chalcididae*, há 700 gêneros; para 1600 espécies de *Trichoptera*, há 240 gêneros; para 900 espécies de *Sphingidae*, há 170 gêneros; para 4000 espécies de *Capsidae*, há mais do que 600 gêneros e para 15.000 espécies de *Cerambycidae*, há 2500 gêneros. Além disso, se percebe ainda que, para cada espécie nova encontrada, é necessário um novo gênero. Frequentemente as diferenças que separam as espécies são tão imensas, que para cada uma dessas espécies isoladas é necessário criar uma família, por exemplo, a *Platypylliadae*, que foi criada para classificar o gênero *Platypyllus*, expandido por uma espécie na Europa e na América do Norte. Assim também a família *Vanhornidae* foi criada para classificar o gênero *Vanhornia*, expandido por uma espécie na América do Norte.

O mesmo é válido para outras classes. Assim, cada espécie de aves ainda viva forma um todo fechado em si mesmo. Nesse sentido, as diferenças entre as espécies isoladas são tão grandes, que cada gênero apenas pode englobar uma ou poucas espécies. Não é diferente em relação às cobras, às rãs, aos ruminantes, entre outros; mesmo entre gatos selvagens e leões faltam os necessários “elos de ligação”. Já no mundo vegetal, as coisas não são diferentes. Um aprofundamento no mundo das bactérias e de outros seres vivos menores ou nos gigantes do mundo vegetal e animal, assim como um estudo do mundo vivo aquático ou terrestre, apontam que em toda parte — tirando algumas exceções — se encontram espécies fixas, separadas por fendas. O fantasma das “espécies darwinistas” desaparece imediatamente no primeiro estudo e mente atenta!



As fendas realmente existentes, que separam cada espécie fechada em si mesma das demais, formam uma forte comprovação para a exatidão da suposição de um surgimento direto a partir de germes primitivos. Ser confirmada milhões de vezes passa a ser a vantagem desta suposição em relação à teoria do evolucionismo, que somente é capaz de se “estabelecer” segundo inúmeras exceções necessárias no número milionário de espécies!

Comprovações muito esclarecedoras para o surgimento direto de cada unidade fechada em si mesma a partir de germes primitivos são fornecidas pela pesquisa na área da zoogeografia. Nenhuma teoria até o momento — incluindo a dos macacos — conseguiu oferecer uma explicação plausível, que esteja em concordância com a realidade, para o surgimento de seres vivos restritos em áreas de expansão em regiões estreitas ou mais amplas.

O surgimento de raças geográficas, ou de espécies, é impossível de ser explicado com uma transformação do “original”, condicionada geográfica e climaticamente. Em centenas de milhares de vezes pode ser comprovado que, por um lado, este tipo de influência nem sequer está em condições para isso e, por outro, o período de tempo não seria suficiente para tal. A impossibilidade de uma tal evolução eu já expliquei no início. Na minha opinião, somente numa época de estranhamento em relação à natureza é que uma teoria antinatural como esta pode encontrar terreno fértil.

Uma publicação do ano de 1936, que pretende apresentar a “prova” da descendência dos cupins em relação às baratas (*Blattariae*), mostra como os teóricos do evolucionismo “trabalham” de forma “incorrutível-objetiva-lógica”.

De acordo com o trabalho em questão, nas asas posteriores de um gênero de baratas chamado *Pycnoblattina*, que viveu há 250 milhões de anos no Kansas (USA), foi encontrada uma área anal dobrável, que se assemelha à da espécie de cupim *Mastotermes darwiniensis*, que vive atualmente na Austrália. Com isso, de acordo com as explicações do autor, está provada a “descendência” dos cupins a partir das baratas.

Tirando o fato de que as aparências externas de uma parte do corpo, que além disso ainda apresenta uma diferente estrutura interna (veias), jamais pode repre-

sentar uma prova para uma ancestralidade, ainda há outra coisa que precisa ser observada: como a atual espécie de cupim que vive na Austrália pode descender de uma espécie de baratas que viveu há 250 milhões de anos na América do Norte?

Já que espécies extintas do gênero dos cupins australianos também viveram há 50 milhões de anos na Europa, certamente poderia ser preconcebido que espécies semelhantes a este gênero ao mesmo tempo também viveram na América do Norte. Mas se esta suposição crua estiver certa, como estes péssimos voadores chegaram de lá até a Austrália, para “evoluir” para a espécie atual? Quem já observou enxames e o voo de cupins na natureza livre, irá concordar comigo que isso é completamente impossível. Além disso, há entre o tempo em que viveu o “gênero da barata ancestral” em questão e o surgimento do teoricamente “derivado” gênero de cupins um espaço de tempo de 200 milhões de anos.

De acordo com as possibilidades teóricas ilimitadas da teoria da evolução, poder-se-ia, como é usual para sair de impasses, deslocar os cupins no tempo, para 200 milhões de anos antes, para que possam ter “surgido” diretamente do gênero mais “adequado” de baratas. Mas isso iria significar que, num período de tempo de 250 milhões de anos, não teriam ocorrido mudanças significativas neste gênero de insetos, pois ainda hoje eles apresentam as mesmas características. As primeiras baratas apareceram no meio do Carbono Superior, portanto no máximo 20 milhões de anos mais cedo, e em 250 milhões de anos não foram capazes de alterar um gênero, muito menos uma família, ou, como era, neste caso, uma ordem. Nesse sentido, então, em virtude da falta de tempo e da ausência de outras possibilidades, os cupins não podem ter evoluído das baratas. Do mesmo modo, o conceito artificial de “voltar no tempo” não ajuda a sair deste problema. Além disso, neste caso, teria sido necessário “evoluir” não somente uma estrutura corporal fundamentalmente diferente mas também toda uma outra forma de reprodução, outra alimentação e estilo de vida. O mesmo ocorre com a formação de sociedades e cuidados parentais, típicos dos cupins, que por sua vez está condicionada a uma constituição mental bem diferente. Estranhamente parece que os teóricos da evolução não conseguem reconhecer estes aspectos separadores, pois em suas observações consideram apenas um ponto aparentemente em comum acima de todos os demais pontos divergentes.

Tais “manobras de trabalho” infelizmente vão muito além da capacidade de compreensão dos simples mortais! Tomara que os tempos vindouros recusem tais teorias antinaturais de escritório e privilegiem teorias ligadas à natureza, que levem em conta experiências práticas e embasadas.

Uma evolução das baratas para os cupins é impossível, conforme comprova a realidade, mas apesar disso existem baratas e cupins por todas as partes do mundo, mesmo com sua pouca habilidade de voar.

Também aqui a situação se esclarece imediatamente assim que se desamarra o nó górdio da teoria da evolução, e se pensa que os cupins surgiram completamente independentes, assim como as primeiras espécies de insetos e todos os demais seres vivos anteriores. Este caminho é novo somente para teóricos da evolução, mas não o é para a natureza, que o trilhou aqui na Terra há bilhões de anos e ainda continua a trilhá-lo, apesar de todas as teorias.

A suposição de um surgimento a partir de germes primitivos explica de uma forma completamente natural, e sem forçar nada, o surgimento em todas as partes do mundo e a diversidade das espécies condicionada por isso.

Entende-se com o conceito de espécie uma comunidade de indivíduos muito semelhantes, mas mesmo assim — talvez até possa não ser percebido exteriormente — também diferentes. Seus integrantes, embora descendam de antepassados diferentes, em grande escala apresentam semelhanças, de modo que poderiam ser considerados como descendentes de um único casal. Em condições naturais, estes integrantes conseguem se reproduzir, sem forçar nada.

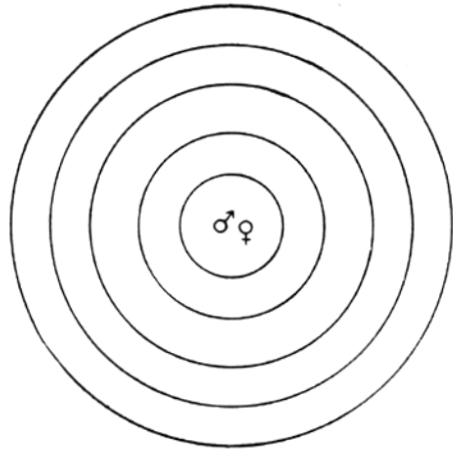
Em cada ser isolado de uma tal espécie está a genética de todos os seus antepassados na mistura mais múltipla possível. A espécie não representa, assim, algo unitário como a raça humana. Tanto num quanto no outro caso, cada ser isolado apresenta diferenças pessoais no que se refere às características corporais e mentais.

O ponto de partida de cada espécie não é um casal de pais evoluídos a partir de mutações genéticas ou de outras formas, mas sim uma diversidade de casais surgidos de germes primitivos. Não importa aqui se seu número é 100 ou 1000,

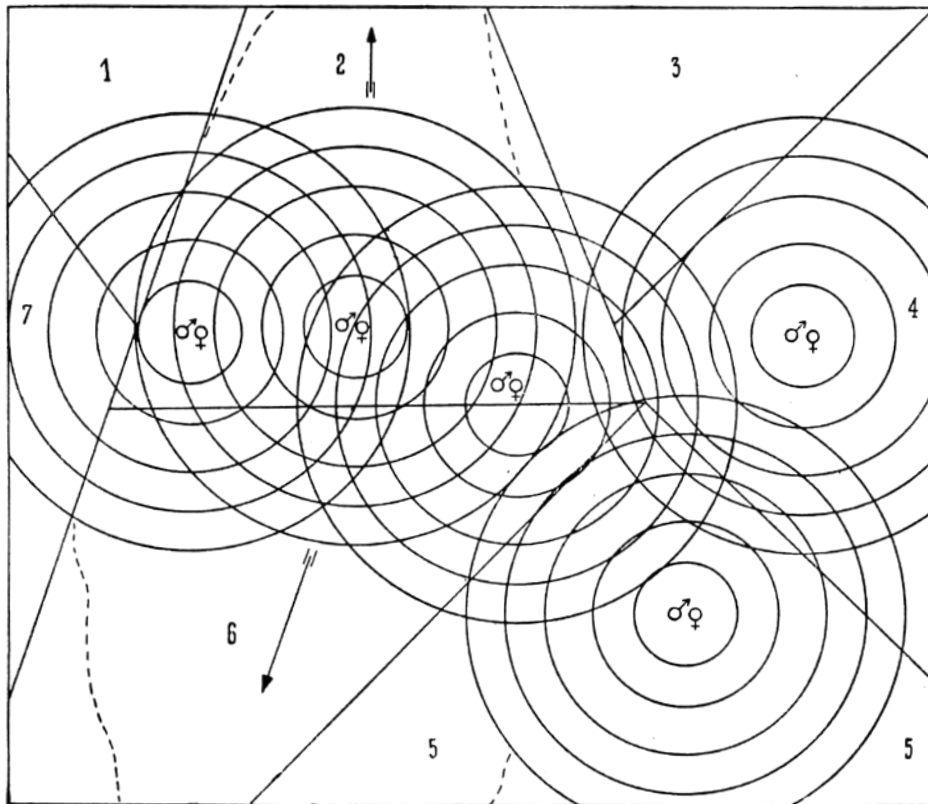
ou 100.000. Em todo caso, cada um destes casais surgiu em lugares diferentes e talvez também em tempos diferentes, mas completamente independentes uns dos outros, exatamente como ocorreu, por exemplo, com o surgimento de cada cristal, dos cristais de rocha da Europa e da América. Naturalmente eles também apresentam diferenças pessoais, que, contudo, não foram tão grandes para impossibilitar um posterior acasalamento. O desenvolvimento embrionário dos insetos evidencia o tamanho que podem ter as diferenças encontradas no interior de uma mesma geração de uma espécie. Aqui até mesmo precisou ser alterado o método de trabalho da formação embrionária, de modo que a conclusão do abdômen em ambas as gerações acontece de forma diferente.

Jamais ocorre surgimento de uma espécie a partir de descendentes da endogamia, resultado de apenas um casal primitivo de pais. Na verdade, se verifica tal ocorrência por meio do encontro de inúmeras gerações surgidas a partir de germes primitivos cujas correntes de sangue se misturam nos descendentes, para na sequência se misturar, entrelaçar e interpenetrar num confuso emaranhado!

O rascunho a seguir demonstra de forma esquemática este procedimento. Cada círculo ilustra o avanço da totalidade da descendência direta de uma geração. O círculo menor interno representa a área de abrangência da descendência gerada do primeiro casal de pais em um ou em muitos anos, portanto, durante todo seu tempo de vida. Em cada um destes pares já se reúne a genética diferenciada das gerações surgidas independentes umas das outras. O círculo seguinte mostra a área de abrangência de todos os seres vivos que foram gerados por este primeiro casal de pais; o próximo mostra a área de abrangência dos descendentes destes descendentes, e assim sucessivamente. Naturalmente entre os primeiros e os últimos já ocorre um forte mistura — e especialmente entre seres vivos capazes de voar pode ocorrer uma contribuição de descendentes vindos de longe, de outros casais de pais. Na prática, cada tronco, caso tenha surgido assim isoladamente, antes de chegar a este estágio, devido à endogamia, teria sucumbido em grupos e grupinhos.



a



Na realidade, a mistura ocorre de forma muito mais confusa, já que a expansão nunca acontece de maneira regular: montanhas altas, rios e águas, desertos, estepes e florestas, alimentos vegetais, superpopulação, doenças e muitas outras coisas frequentemente causam uma expansão muito irregular.

Contudo, não se deve atribuir um valor demasiado grande para as superpopulações. Somente o mundo vegetal aproveita completamente os espaços e as possibilidades de vida. Entre os seres vivos animais há poucas espécies que são capazes de ter uma expansão tão grande a ponto de, em decorrência de superpopulação, as possibilidades de vida não serem mais suficientes para sua alimentação e terem de migrar para outras regiões.

Obviamente não se pode pensar nas condições das terras cultivadas, onde cada espaço é remodelado e aproveitado em benefício dos humanos. Tais condições são caricaturas de uma natureza. Nos tempos de formação das espécies, isso ainda não existia. Para tais considerações apenas se leva em consideração as condições que ainda hoje podem ser encontradas em florestas virgens intocadas. Os herbívoros que ali vivem, sejam insetos, aves ou outros vertebrados, ainda podem se multiplicar cem vezes sem que chegue a faltar alimentos, mas isso também possibilitaria uma igual multiplicação das espécies predadoras. Repetidamente pude verificar isso em minha vivência de décadas nas florestas virgens da América do Sul, sempre chegando aos mesmos resultados.

A superpopulação não evita a expansão das espécies. Isso se pode concluir a partir do fato de que, embora as antigas espécies existentes num local não cheguem a números tão altos, as espécies invasoras, para as quais não existem inimigos naturais (doenças, predadores), acabam se tornando uma praga. Exemplos disso são os coelhos na Austrália, os pardais na América, o rato almiscarado na Alemanha, etc.

Assim, também se conclui que uma expansão das espécies ocorre a partir do centro de uma linhagem primitiva comum e que uma divisão em raças geográficas não é possível. No tempo do surgimento das espécies atuais de animais também já existiam seus inimigos naturais, que evitaram uma expansão ilimitada. Sob tais condições, por exemplo, como os esquilos poderiam ter se expandido — apenas para citar uma espécie — para os diferentes continentes?

Seguindo a teoria da evolução, todos os esquilos de todo mundo somente poderiam ter surgido a partir de um ancestral, já que uma “evolução” múltipla a partir dos “estágios prévios” seria acaso demais. Mesmo que se desloque, de acordo com a teoria, o “berço” dos esquilos para a América do Sul ou para a Europa, sempre haverá dificuldades de se evidenciar uma expansão para todo o mundo.

Mesmo partindo da existência de uma tal impossibilidade: por que os esquilos, que em toda parte só são capazes de chegar a limitados números populacionais, chegaram a percorrer grandes distâncias que separam os continentes, enquanto que o rato almiscarado e o pardal voador, por exemplo, que têm capacidades muito melhores de locomoção, somente foram capazes disso na contemporaneidade e com a ajuda humana? Aparentemente, os teóricos da evolução estão ocupados demais com a procura do correto “berço da humanidade”. Eles não têm tempo para poder refletir sobre estas “questões secundárias”: como puderam os animais de cavernas, cegos e que não voam, assim como os moradores de águas subterrâneas, se expandir por toda a Terra, se mesmo a maioria dos seres vivos que conseguem voar permanecem restritos em áreas estreitas?

Mesmo excetuando-se as verdadeiras espécies localizadas, já há suficientes exemplos cujas “explicações” deixariam os teóricos da evolução “num grande embaraço”. Como exemplo, pode ser considerada a ocorrência de algumas famílias de insetos asas, que apenas surgiram no período do âmbar:

<i>Machilidae e Lepismatidae</i>	paleártico, neártico, neotropical, indomalaio, africano, australiano, havaiano.
<i>Capodeidae</i>	paleártico, neártico, neotropical, oriental, africano e havaiano.
<i>Japxgidae</i>	paleártico, neártico, neotropical, etiópico, indomalaio, australiano, Nova Zelândia e havaiano. (Esta família ainda não era encontrada nem no período do âmbar.)

\* O âmbar deve ter surgido no Oligoceno, portanto, há cerca de 45 milhões de anos. As perspectivas, em toda parte, não são unânimes. Dados exatos certamente jamais poderão ser oferecidos

<i>Eosentomidae</i>	desta família, que no período do âmbar ainda não existia, é o gênero <i>Eosentomon</i> que é encontrado na Europa Central e Sul, na América do Norte e na região do indomalaio.
<i>Poduridae e Sminthuridae</i>	paleártico, neártico, neotropical, indomalaio e australiano.

Ainda é preciso chamar a atenção que somente pode ser levada em conta a rapidez natural para a expansão da espécie. Nunca pode ser determinante um tempo antinatural, que pode ser observado em áreas sem inimigos naturais.

Minha pergunta para os senhores teóricos da evolução: “como as inúmeras famílias, gêneros e espécies de seres vivos puderam tão rápida e objetivamente ter se expandido para toda Terra a partir de seu filo?” Uma explicação compreensível e em sintonia com a realidade deveria lhes ser muito, muito difícil...

Mas o surgimento a partir dos germes primitivos explica de forma mais informal e objetiva a distribuição geográfica das espécies, as milhares de diferentes combinações da genética, o surgimento dos grupos sanguíneos no interior das espécies, a formação de comunidades, a formação de biocenoses, a colaboração entre plantas e animais, o parasitismo e a doença, cor de proteção, adaptação, imitação e muitas outras coisas!

Nas áreas marginais, onde se encontram as espécies vizinhas que se expandiram, as espécies surgidas separadas, ou seja, as raças geográficas, caso sejam próximas corporal e mentalmente, chegam ao acasalamento e, nestas “zonas de contato”, desenvolvem as chamadas “formas intermediárias”. Contudo, isso somente ocorre excepcionalmente. Tais espécies com limites não muito bem definidos, ou seja, raças geográficas, em virtude de seu pequeno número, desempenham um papel menor na imagem geral das espécies de seres vivos. Seu significado é supervalorizado pela tendência “geográfica” moderna.

Espécies com limites bem definidos, que são a maioria, naturalmente também não vão se misturar, mesmo se sua área de expansão entrar na de outras espécies. Nessas espécies, a adaptação em relação às condições climáticas dos diferentes locais

de surgimento, o que já ocorreu em seu surgimento a partir de germes primitivos, não consegue mais exercer influências sobre a estrutura externa. (Também em humanos, quando migram para outros continentes, somente ocorre uma alteração interna, jamais uma mudança de formas e de cor.)

Ao contrário disso, nas espécies que atualmente são definidas como raças geográficas, a adaptação interna em diferentes locais de surgimento e a consequente diferença genética se espelham nas características externas alteradas (coloração, tamanho, entre outros).

Para obter uma imagem da insignificância de tais raças, assim como para explicar de forma inequívoca outras importantes questões, não deveriam ser “escolhidas” famílias com poucas espécies, mas sim famílias com muitas delas: quanto maior o número, tanto menor o perigo de equívocos pessoais.

Para todos estes estudos, são os insetos os mais adequados, em virtude de sua alta especialização, sua estrutura corporal “moderna” e suficientemente desenvolvida, sua rápida sucessão de gerações e seu alto número de espécies.

Se escolho borboletas para ilustrar este ponto, é porque este grupo apresenta muitas variações de cores e formatos e porque as pequenas diferenças facilmente podem ser reconhecidas. Além disso, ainda há a vantagem de terem sido bem conhecidas e pesquisadas.

Para a fauna de borboletas da América do Norte, Sul e Central, ocorre o seguinte: das 170 espécies do gênero *Phyciodes*, apenas 9 apresentam uma subdivisão aparente fundamentada em raça geográfica. Das 750 espécies do gênero *Thecla*, são somente três que entrariam em questão. Mais favoráveis são as condições para a família *Erycinidae*, sendo que, das 840 espécies, 110 talvez possam apresentar uma subdivisão. Em relação ao número total de borboletas americanas, mostra-se que 8,5% provavelmente apresentam uma divisão em variedades geográficas e, destas, a maioria iria apresentar bem poucas estirpes. Além disso, justamente nas borboletas aparecem muitas formas temporárias, formas femininas, variações, entre outras, que são descritas como “raças”. Em virtude disso, o número das verdadeiras linhagens ainda irá receber uma diminuição num estudo mais exato. Nos besouros e em outras famílias de insetos, em moluscos marítimos, vermes, entre outros, o percentual deveria ser ainda muito menor.

Muitas vezes, a afirmação do condicionamento climático na formatação de raças geográficas esbarra em contradições muito grandes. Mas é comprovado que as do mesmo tipo (círculo racial), quando se encontram no extremo de sua área de abrangência, acabam sendo tão estranhas quanto duas diferentes espécies que não se acasalam: então as condições geográficas há tempos — de acordo com a teoria geográfica — teriam de ter transformado e equilibrado ambas as raças em uma só. Além disso, a ausência de uma “adaptação” visível comprova que a adaptação não possui necessidade vital. Então, normalmente quando ocorre um tal descompasso entre a teoria e a prática, os teóricos imediatamente afirmam que a ausência aleatória deste “alinhamento” é atribuída à “ausência de tempo”.

A observação dos insetos também mostra que isso são falácias. Em virtude de sua rápida sucessão de gerações numa mesma região, eles teriam de ser muito mais “geografados” do que os mamíferos. Para tais confirmações, as mais apropriadas são as espécies com desenvolvimento muito rápido (quatro semanas) ou pequenos seres vivos com uma sucessão de gerações ainda mais rápida.

Mas não é necessário ir tão longe assim. Fatos muito conhecidos esclarecem muitas coisas. Por isso, podemos citar, por exemplo, as abelhas melíferas\* (*Apis mellifica*), também uma espécie que pode ser subdividida em raças geográficas. Poderiam ser citadas a abelha nórdica, que na Europa Central e do Norte aparece até o grau de latitude 61, no sul da França, Portugal, etc.; a abelha urze na Charneca de Lüneburg; a abelha carniolana e a abelha *hymettus* na Grécia. Adiante ainda poderiam ser consideradas como raças geográficas as seguintes espécies: a abelha italiana (*A. ligustica*), a abelha egípcia (*A. fasciata*), a abelha africana (*A. adansonii*) e a abelha de Madagascar (*A. unicolor*).

Que região pode ser considerada como o “berço”? Qual é a “forma do original”? Se a formação das raças é condicionada pelo clima, pela localização geográfica, por que somente se formaram raças nas regiões sulinas? Por que a linha da formação de raças somente vai do Egito, passando pela Grécia, Áustria, Itália até a Alemanha? Por que as abelhas, em sua expansão, não formaram raças francesas, portuguesas, inglesas, norueguesas? Por que conseguiram com sua antiga agilida-

\* O fato de que atualmente elas são encontradas desde o Equador até o grau de latitude 38, de forma inalterada, sem formar “raças”, mostra o quanto elas são capazes de adaptação.

de se estabelecer em todos os continentes, mas para a Áustria, Alemanha, Itália e Grécia foram necessárias diferentes raças geográficas?

Como se pode perceber, as explicações teóricas sobre a origem das espécies e das raças, que nos é apresentada pela teoria geográfica da evolução, não encontra respaldo na realidade! Numa conferência mais detalhada, logo se percebe o equívoco das frases vazias sobre a divisão das espécies condicionada geograficamente, que se assemelha a uma árvore genealógica. A propósito, até mesmo os delicados animais domésticos, seja lá para onde forem levados pelos humanos, conseguem viver em todas as partes do mundo sem a formação de novas raças geográficas: isso é conhecido demais para ainda não ser percebido! Jamais os teóricos da evolução irão conseguir explicar a suposta divisão, semelhante a uma árvore genealógica, das raças condicionada geograficamente, nem mesmo sua comprovação geográfica: o olhar desvelado do “simples mortal” vê muitos fatos que claramente comprovam o contrário! Assim também no caso das abelhas melíferas: com a suposição do surgimento das espécies e raças de abelhas diretamente a partir de germes primitivos em determinados centros de origem se respondem simplesmente todas as questões acima!

Certamente não é necessário citar que nos períodos de mudança os embriões primitivos não alcançaram, não alcançam, de um só golpe densamente e ao mesmo tempo, todas as partes do mundo. Assim como as estrelas cadentes, a radiação cósmica, entre outras, somente de vez em quando chegam na Terra, obviamente atingindo desse modo somente áreas bem restritas, os germes primitivos naqueles tempos chegaram de forma completamente irregular e em névoas ou em enxames: como que por uma tempestade de granizo as regiões isoladas foram atingidas pelos germes primitivos. (Naturalmente é uma comparação um tanto grosseira). Devido à rotação do globo terrestre, a região atingida apresenta a forma de elipse de leste a oeste; frequentemente o ângulo da queda e outras influências podem ocasionar uma grande variação. Naturalmente também algumas regiões são atingidas mais vezes, outras nem sequer o são. Este aparecimento se repete durante longos espaços de tempo nos períodos de mudanças.

Os descendentes dos seres isolados de uma espécie, que surgiram a partir de um enxame destes, ainda vão apresentar algumas variações “externas”, de acordo com

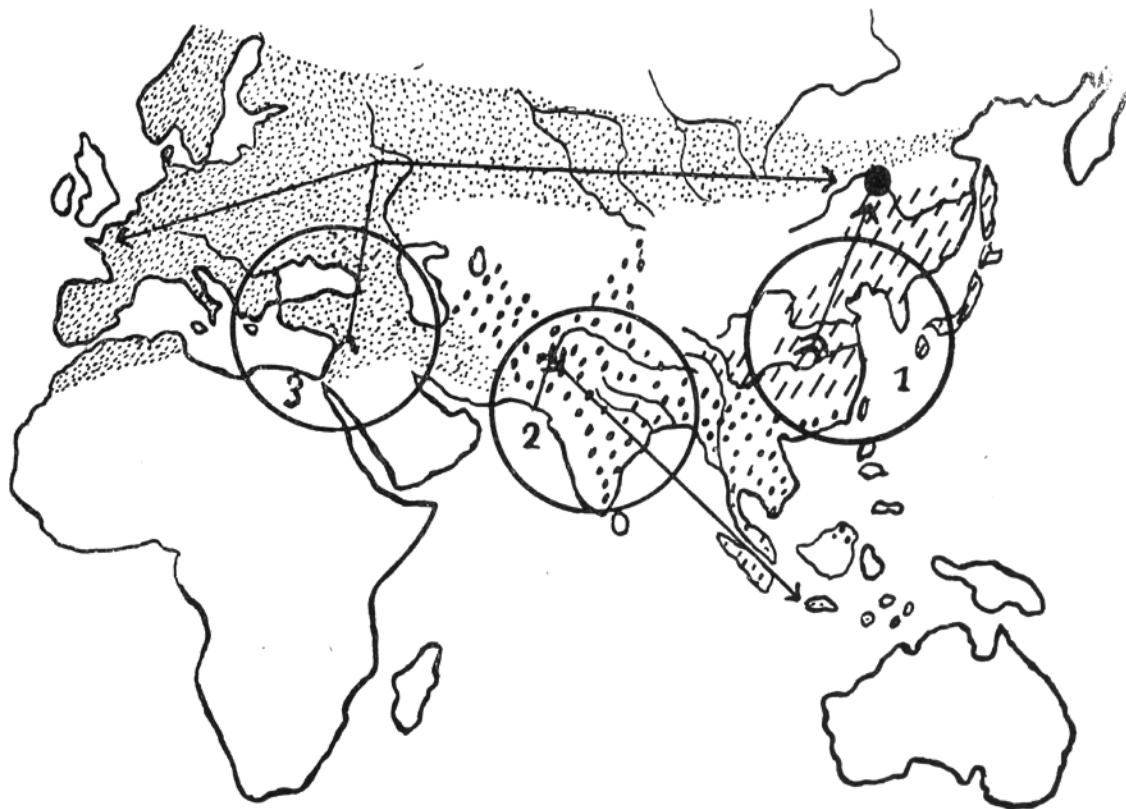
a mistura genética dos casais isolados. Nas áreas limítrofes surge toda uma porção de modernas raças “microscópicas”. Naturalmente, se um enxame de germes primitivos pousar a 1000 quilômetros de distância, mesmo que os enxames não tenham um distanciamento temporal muito grande, podem acontecer nas espécies diferentes “formas de expressão”. Do mesmo modo, podem surgir grupos de animais paternos primitivos com aparência um pouco diferente, mesmo que possuam exatamente os mesmos planos estruturais. Estes grupos separados iriam aparecer na atual classificação das espécies como raça geográfica, se seus lugares de origem estivessem correspondentemente separados uns dos outros.

Espécies com aparência externa imutável também irão surgir por toda parte, mesmo a partir de germes primitivos de diferentes precipitações, desde que as condições ambientais externas necessárias para a formação da espécie sejam as mesmas. Por outro lado, em outras regiões ou em outros tempos, na ausência de qualquer uma das pré-condições necessárias para a formação da espécie, a que está em questão não irá se formar: gelo e neve também não se formam em todas as regiões e em todos os momentos.

Como exemplo em uma outra área, pode-se citar aqui o quartzo. Sua espécie “inalterável”, o cristal de rocha, aparece em toda parte em cristais incolores, enquanto que sua espécie “variável”, a ametista, tende a aparecer em diferentes tonalidades de cores, que vão do azul ao violeta e formam as “raças geográficas”. Com estas duas formas de aparecimento do quartzo, ainda se seguem as seguintes espécies em inúmeras “raças”: citrine, topázio fumê, morion, calcedônia, ágata musgo, ônix, cornalina, heliotrópio, ágata, crisopas, aventurina, jaspe, opala, pederneira, entre outras. Onde está o “berço” de todas estas raças de minerais? E como ocorreu neste caso a divisão genealógica das espécies e raças?

Também aqui segue-se o estabelecimento das “espécies”. De modo semelhante ocorre nos seres vivos no tempo de seu surgimento a partir dos elementos primitivos. Nenhuma das posteriores alterações climáticas são capazes de formar uma nova raça geográfica!

Melhor do que muitas palavras, o desenho seguinte ilustra o surgimento de espécies e raças, variáveis geograficamente, a partir de germes primitivos e sua posterior aglomeração num moderno círculo racial.



Este desenho, um tanto esquemático, apresenta a área de abrangência do “círculo racial” *Parus major*. Na região identificada com o número 1, está a região original do grupo *Parus minor*; na identificada com o número 2, está o grupo *Parus bokborensis*. As setas indicam as direções da expansão. No que se refere ao surgimento de cada um destes grupos diretamente a partir de germes primitivos e sua formação de raças, vale o que foi escrito nas páginas anteriores.

É facilmente compreensível que as raças situadas na região limítrofe do grupo 1 e 2, assim como na dos grupos 3 e 2, sejam parecidas e, devido à esta conformidade interior e semelhança exterior, podem ocorrer “casamentos mistos” nos locais em que se encontram.

Mas bem diferente é o caso para o grupo 3, cujas raças nórdicas se deslocaram para áreas que se tornaram livres após a Era Glacial, momento no qual encontraram espaços vazios e condições favoráveis de vida para se expandir rapidamente na direção norte e leste, para, finalmente, se encontrar com a raça do grupo 1, situada na região limítrofe norte.

Como não era de se esperar algo diferente, vivem lá na região em questão (mancha preta no mapa) a raça marginal leste do grupo 3, *Parus major major*, e a raça marginal norte do primeiro grupo *Parus major minor* numa mesma região sem se cruzar!

Os locais de surgimento do grupo 1 e 3 situam-se muito distantes uns dos outros. Por isso que as raças isoladas destas variáveis espécies de chapim (*Paridae*) surgiram tão diferentes, de modo que eles são estranhos uns aos outros, como duas “boas espécies” que, usualmente, são separadas por fendas intransponíveis.

O que temos aqui diante de nós, e que não pode ser negado, é exatamente o contrário do que teria de ser o caso de acordo com a teoria de uma separação genealógica, condicionada geográfica e climaticamente, em raças geológicas: se existisse uma tal posterior “geografização” das espécies, deve estar claro para todos que então os grupos 3 e 1, onde se encontram, teriam de ter se “equilibrado”, de modo que eles não poderiam mais se sentir estranhos uns em relação aos outros!

Teoria da ancestralidade e realidade também aqui estão em desarmonia. Contudo, a suposição de um surgimento a partir de germes primitivos esclarece tudo!

Há exemplos suficientes para isso. Observemos a família das aves corredoras. Na Europa encontram-se somente vestígios petrificados de um antigo período tropical. Ainda hoje esta família é encontrada nas zonas tropicais e subtropicais. Assim, na África, vive o avestruz; na América do Sul, a ema; na Austrália, o emu e o casuar; e, na Nova Zelândia, o kiwi. A gigantesca ave chamada moa, de três metros de altura, também natural deste arquipélago, infelizmente está extinta na atualidade.

Onde se situa o berço destas espécies de aves corredoras? Como chegaram nos distantes continentes? Divisões em todas estas espécies estão separadas por tais fendas, de modo que para cada uma delas teve de ser estabelecido um gênero especial?

Mesmo que teoricamente essas grandes aves corredoras possam percorrer grandes distâncias, na prática, há grandes obstáculos intransponíveis para elas, como os oceanos, as montanhas, entre outros. Além disso, todos os achados indicam que elas nem sequer foram capazes de povoar o próprio continente em que viviam, se restringindo a uma específica área de expansão.

Supondo-se o “berço” destas espécies na América, Europa, Austrália, ou seja lá onde for, não se encontra base para uma explicação plausível para sua expansão e formação das diferentes espécies. Como essas aves incapazes de voar conseguiram chegar até a Nova Zelândia? As supostas, mas nunca vistas, pontes de terra “que antigamente existiam”, ligando continentes por todos os lados, também fracassam totalmente para provar suas teorias. É conhecido que neste país não existiam mamíferos. Se estas gigantes aves puderam passar por tais pontes de terra entre continentes para alcançar as distantes ilhas, por que então os mamíferos não puderam percorrer os mesmos caminhos para chegar até lá?

As aves corredoras mostram em sua estrutura corporal tantas semelhanças — por exemplo, esterno achatado sem crista, ausência total da fúrcula, asas atrofiadas, entre outros —, que é impensável que uma evolução casual tenha ocorrido em cada continente a partir de diferentes ancestrais no mesmo grupo. Assim, também esta “explicação” precisa ser recusada.

Semelhantes dificuldades ocorrem com as explicações evolutivas a respeito das relações da zoologia na Austrália. Se for pregada uma evolução a partir de estágios iniciais mais simples, por que lá a evolução permanece no estágio dos marsupiais?

Por que estes não evoluem para os mamíferos verdadeiros? Por que nestes há uma “atraso”, apesar de existirem formas “modernas” em outras famílias e classes? Por que existem neste caso especificidades como as caudas de lira e a esponja preta? Como as cobras, minhocas, entre outras espécies, puderam se expandir pelo mundo inteiro a partir do berço de seu casual surgimento filogenético? Como estes animais sem pernas puderam passar por rios, mares, montanhas, desertos ou obstáculos semelhantes? Para tudo isso não há uma explicação evolutiva plausível: por isso os virtuosos teóricos da evolução evitam conscienciosamente tais perguntas perigosas.

Desse modo, as especificidades da fauna australiana, a raridade dos mamíferos nativos, além de outros aspectos, oferecem uma nova prova para a exatidão da suposição do surgimento direto a partir de germes primitivos: onde a precipitação chegou parcamente, onde as condições para determinados seres vivos estavam ausentes, e a fauna e flora permaneceram esparsas e lacunares. Por isso, o mundo vivo de cada continente e de cada zona possui sua expressão própria. América do Sul e Austrália apresentam como característica uma quantidade de marsupiais. África possui uma rica fauna de mamíferos verdadeiros, mas lá estão ausentes a toupeira, o urso, o cervo, a cabra e diferentes animais de regiões nórdicas.

De forma ainda mais clara isso aparece em outra classe animal, por exemplo, nos insetos. Entre eles, ainda mais esclarecedores são aqueles grupos que não voam e os que são cegos, cuja existência, exatamente por estas características, se restringe a regiões de abrangência bem estreitas.

Assim, o gênero de besouros corredores *Reicheia*, que não voam, possui representantes de espécies com pequenos olhos na Cidade do Cabo (África do Sul), Argélia, Tunísia, nos Pirineus do leste, em Barcelona (Espanha), Roma, Córsega e no sul da Itália, assim como no nordeste da Sicília, sul da Dalmácia e sul da Herzegovina. Além disso, encontra-se espécies completamente cegas deste gênero em Palermo (Sicília), na Ilha de Elba, em Toscana (Itália), Corfu, na Herzegovina, no oeste do Cáucaso, assim como 12 espécies em regiões de abrangência separadas na Sardenha.

Um olhar sobre o mapa deveria mostrar para todos que possuem um pouco de conhecimento sobre a natureza que uma divisão genealógica e uma expansão destas espécies a partir de um centro, que foi seu berço, para metade do mundo é completamente impossível. De acordo com o número de espécies, certamente o berço



deveria estar na Sardenha. Mesmo as espécies com olhos e sem asas jamais conseguiriam superar o caminho da Sardenha até a Cidade do Cabo. Nesta extensão naturalmente não se pode considerar a linha aérea, mas somente o “verdadeiro” caminho. Cada pequeno riacho, cada corrente, cada pequeno ou grande lago, cada montanha e todos os demais empecilhos teriam de ser contornados – sem mapas e sem bússola. Além disso, haveria ainda a “adaptação”, que demanda tempo, às diferentes condições ambientais e às possibilidades de vida. Neste contexto, teoricamente deveria ocorrer aos poucos a formação de inúmeras “raças geográficas”, o estabelecimento da genética de muitas espécies. Em vez da distância de 8000 quilômetros, esta seria muito maior quando percorrida a pé. Junto a isso permanece ainda completamente desconhecido o motivo pelo qual os vestígios desta família apenas são encontrados em regiões distantes uns dos outros, e não nos milhões de quilômetros quadrados localizados entre essas regiões.

O contraditório de uma tal teoria da expansão e da formação de raças se evidencia pelo fato de que a atual área de expansão desta espécie, que já existia no mínimo no início da Era Glacial, mas provavelmente muito antes, se restringe a alguns quilômetros quadrados e, muitas vezes, a muito menos. Isso significa que esta espécie precisou de um milhão de anos para colonizar algo em torno de um quilômetro quadrado. A colonização dos demais espaços que estão entre cada espécie individual, como pré-condição para a expansão desta família em direção a outras regiões mundiais, teria de ter iniciado há milhões de anos antes do surgimento dessas espécies, mas isso é algo que nem teoricamente é possível.

Na observação das espécies, que estão dispostas de forma tão bela lado a lado nas caixas de colecionadores, certamente passaram despercebidas as grandes distâncias que na realidade separam os locais de vivência dessas espécies na natureza viva.

Além disso, não se deve esquecer em tais teorias de expansão e não se deve ignorar o fato de que uma grande parte dos seres vivos permanece restrita a uma certa área de abrangência, embora tenha capacidades corporais para uma ampla abrangência, pois cada corrente migratória sucumbe na nova área. Como exemplo conhecido, apresento aqui o avanço dos gafanhotos migratórios, que, apesar de inúmeros impulsos, ainda não conseguiram chegar à formação de uma “raça geográfica” fixada nas novas áreas alcançadas.

Para tornar a teoria da expansão mais atrativa, foi criada uma quantidade de outras hipóteses. Sobre uma delas, a teoria das “pontes continentais”, eu já escrevi. Contudo, é necessário analisá-la um pouco mais de perto, pois em cada estudo sério sobre o tema ela se mostrou equivocada.

Como no Mioceno foram encontradas espécies pré-Era Glacial do gênero de vespas *Phenacoperga*, cujos parentes vivos somente viviam na Austrália e na América do Sul, pôde-se concluir a partir disso a existência de uma ponte continental ligando a América do Sul à Austrália, por sobre a qual as espécies em questão puderam migrar de continente para continente. Mas muitos outros exemplos comprovam o contrário: a subfamília dos besouros-veado, *Chiasognathinae*, representada atualmente por sete gêneros nativos da região australiana (Tasmânia, Austrália, Nova Guiné, Nova Zelândia, Lord Howe e Ilha Norfolk), por quatro gêneros nativos da América do Sul (Venezuela, Brasil até Chile) e por um gênero nativo da África do Sul. Além disso, há uma espécie antiga, *Palaeonathus succini*, do âmbar báltico. Isso confirma clara e inequivocamente que para o surgimento e a expansão mundial não são necessárias as fantásticas pontes continentais. Todos estes gêneros e espécies surgiram independente e diretamente a partir de germes primitivos.

Neste caso, o mundo vivo de ilhas isoladas aponta para isso. Na Córsega, vivem 80 espécies nativas de besouros que somente habitam este local. Mas junto com eles também vivem espécies que aparecem em regiões de terra vizinhas, separadas pelo mar. Como exemplo pode ser citado aqui o *Reicheia palustris*, que, além de viver na Córsega, ocupa também a Sicília e o sul da Itália. De acordo com a teoria, a Córsega esteve antigamente ligada com os Apeninos por meio de uma ponte continental. Por essa suposta ponte, muitas espécies migraram desta ilha em direção às jovens e ainda vazias montanhas do continente. Outra explicação para isso a teoria da evolução não conseguiu encontrar. A expansão das espécies citadas acima parece comprovar esta suposição. E, mesmo assim, a conclusão, pelo menos em parte, é falsa! Com a existência das pontes continentais e da necessária força de expansão das espécies, que está ausente na maioria dos casos, então também teriam de ter imigrado espécies do continente para a Córsega ao longo do tempo. Contudo, este não foi o caso!

Mas mesmo se isso fosse ignorado, ainda permaneceria a questão principal em aberto, que, sem solução, deixaria todas as outras teorias adicionais sem sentido: se todas estas espécies em tão grande número populacional puderam e tiveram de emigrar em direção ao continente por meio de uma nova ponte continental, temporária e não conhecida por eles, então a questão é como essas espécies chegaram na Córsega.

A Archatlantis, uma suposta ponte continental que antigamente deve ter ligado o norte da África às Antilhas, mostra com que frivolidade tais pontes continentais são “construídas”. Ela foi elaborada pelos teóricos porque um único animal, o *Manatide (Sireníe)*, teve “parentes” no período pré-Era Glacial no norte da África!

Além disso, mais uma coisa não pode passar despercebida: ou as pontes continentais afundaram vagarosamente, e a maioria dos animais pôde se salvar nas terras fronteiriças, ou elas afundaram repentinamente, e então as ilhas e as terras mais baixas teriam sido inundadas pelas ondas provocadas, o que por sua vez significaria a morte para a maioria dos seres vivos, ou seja, uma parte da fauna teria sucumbido.

Neste ponto ainda tenho de fazer referência à curiosa forma de trabalho dos teóricos construtores dessas pontes continentais. Onde lhes serve para comprovar o parentesco de insetos não voadores vivendo em terras separadas pelo mar, a existência de pontes continentais é vista como prova. Mas onde não lhes convêm, as espécies que vivem separadas pelo mar são “regredidas” e “filogeneticamente” derivadas das que antigamente imigraram voando! Como exemplo de tal dubiedade cito aqui somente o *Haplothorax buchelli* de St. Helena, que teoricamente teria surgido “neste lugar” a partir de uma forma *Calosoma* mais antiga!

Se a existência de um ser que se faz presente em duas regiões de terras separadas pelo mar indica uma antiga ponte continental, assim, logicamente a não existência teria de apontar para a não existência de tal ponte. Contudo, há inúmeros exemplos para este último.

Pontes continentais para lá, pontes continentais para cá: em um ou outro caso pode até ter existido, mas jamais tiveram influência sobre a expansão e sobre a formação da fauna que lhes é atribuída pelos teóricos!

A mesma frivolidade me parece estar presente na explicação do surgimento de “formas-reliquias” por meio da extinção dos integrantes de grupos que povoam

regiões intermediárias. De acordo com esta teoria, no exemplo do gênero *Reicheia*, citado anteriormente, teria de ter se extinguido em toda a região da Tunísia até a África do Sul, para que possa ter surgido a espécie *Reicheia promontorii*, que aparece na Cidade do Cabo. Somente é pena que não se aplicou esta “teoria da extinção” também para o surgimento dos corpos celestes! Mas o que não é ainda pode vir a ser! Então, com um único golpe seriam explicados “inequivocamente” os grandes buracos entre as estrelas do céu.

A situação da “teoria das balsas naturais” também não está muito melhor. Segundo suas sábias lições, seres vivos foram levados por troncos de madeira para regiões distantes e assim povoaram a Terra.

Também aqui parece que a questão principal novamente foi esquecida (aparentemente, um mal crônico), ou seja, é preciso levar em consideração como então as espécies chegaram ao curso superior dos rios para a partir dali sobre troncos de árvores serem transportados no mar afora!

Além disso, achados testemunham contra esta teoria. Jamais foram encontrados insetos vivos ou semelhantes em troncos de madeira que percorreram grandes distâncias no mar, a não ser insetos que casualmente há alguns minutos tenham caído sobre a madeira. Mesmo nos milhões de anos não foi possível, apesar da bela teoria, transplantar a fauna específica do curso superior para o curso inferior de grandes rios.

Exatamente assim está a “teoria das patas das aves”, que afirma que o mundo vivo foi transplantado de lagos em lagos, de terras em terras, por meio de ovos que ficaram presos nas patas das aves. Neste caso a natureza já comprovou por diversas vezes o contrário, sem que os teóricos tenham feito alguma anotação a respeito. Os inúmeros patos, garças, entre outros, que povoam os lagos de Celebes até hoje ainda não conseguiram “transportar” para lá o *Unioniden*, embora este grupo fosse nativo nas três ilhas a oeste de Sunda e na Nova Guiné.

Enquanto a maioria das espécies permanece em regiões restritas, mesmo as que vivem em áreas continentais, não se pode considerar uma teoria das pontes continentais, das patas das aves ou da balsa para a explicação da expansão das espécies!

Na Córsega e na Sardenha existem, ao lado de um relativamente grande número de espécies nativas (também borboletas nativas), algumas que vivem também nos continentes vizinhos, entre outros também alguns gêneros de besouros cuja área de abrangência se restringe a estas duas ilhas. Entre eles estão os *Agelaea*, *Thilmaus* e *Spathorrhampus*, que na fauna europeia vivem completamente isolados e não possuem parentes próximos. O citado gênero *Anthribiden* tem como parente mais próximo o gênero *Plintheria*, que somente é conhecido em Nova Guiné. Como se explica este “parentesco”? Aqui nenhuma teoria das pontes continentais, da balsa de madeira, da extinção, das patas de aves consegue oferecer uma explicação.

Partindo do pressuposto do surgimento direto das espécies a partir de germes primitivos, todas estas adversidades desaparecem com um só golpe. Se espécies com dificuldades de locomoção e que não voam habitam regiões separadas por obstáculos naturais intransponíveis, então é suficiente uma elipse da precipitação de germes primitivos, a partir da qual elas surgiram. Assim eles puderam chegar a todas as zonas em que atualmente estas espécies se expandiram — provavelmente isso não tenha atingido toda a área de expansão. Neste caso é indiferente se no passado havia pontes continentais ou não.

Para isso, apenas alguns exemplos a partir da quantidade de materiais já são suficientes: *Trechus rufulus* (incapaz de voar) aparece na Sicília, na Sardenha, no noroeste africano e no sul da Espanha; *Reicheia palustris*, igualmente incapaz de voar, pelo contrário, só é encontrado na Córsega e no sul da Itália; *Nebria kratteri*, com a mesma incapacidade, aparece nas montanhas do norte da Grécia, na Albânia e na Itália, do Aspromonte até Roma. Com base num mapa, pode-se facilmente “reconstruir” nos três exemplos a elipse da região compreendida pela precipitação de germes primitivos.

Ao contrário disso, no caso do “parentesco” entre o *Spathorrhampus*, da Córsega, e o *Plintheria*, da Nova Guiné, se trata de diferentes precipitações de germes primitivos, a partir dos quais, em semelhantes efeitos externos, acabaram surgindo espécies semelhantes. Entre ambos há o mesmo “parentesco” entre o petróleo mexicano e o do Cáucaso. Também lá não há “ancestral comum”!

Desse modo se explica, sem adivinhações de palavras cruzadas, a existência de inúmeras espécies nativas (endêmicas) em ilhas distantes umas das outras — por

exemplo, entre as Ilhas Canárias e Madeira —, assim como o “parentesco” maior ou menor das espécies distantes ou mesmo em diferentes continentes. O mesmo é válido para os muitos gêneros que aparecem na região australiana e na América do Sul, mas em outras regiões estão ausentes. Um exemplo para isso é o *Cicindeliden-Tribus (Ctenostomini)*, cujo gênero somente é encontrado na América do Sul e em Madagascar, embora as relações faunísticas mútuas das zonas africanas e sul-americanas sejam extraordinariamente menores. (De acordo com Handlirsch, de 16.000 gêneros, somente 4717 apresentam representantes fora de sua região de origem).

Exemplos semelhantes também são fornecidos pelo mundo vegetal, cuja análise iria ser demasiada extensa. Assim, *Primula farinosa* da Europa, do norte da Ásia e da América do Norte está amplamente expandida nos Andes chilenos, na Terra do Fogo e nas Ilhas Malvinas.

A única coisa que estas semelhanças comprovam é que no tempo das precipitações dos germes primitivos havia iguais condições externas em ambos os continentes, o que possibilitou a formação de seres vivos semelhantes. Contudo, as precipitações isoladas podem estar distantes temporal e espacialmente umas das outras. Os diamantes da América do Sul e os da África também puderam surgir independentemente uns dos outros!

O fato de que a grande maioria de todos os gêneros permanece restrita somente na zona de sua região original aponta claramente para o surgimento independente das espécies de cada região a partir de germes primitivos. (Além destes poucos exemplos aqui mencionados, ainda há um rico material de todas as faunas). No entanto, esta afirmação ainda dá um golpe na região australiana, que — no sentido filogenético — é muito prestigiada por sua “originalidade”, mas se mostra na região neotropical (sul-americana), que possui o principal percentual de gêneros e espécies nativas (endêmicas), e na Austrália apenas está em terceiro lugar.

O caminho para uma pesquisa autossuficiente só estará livre quando se reconhecer que as espécies isoladas dos gêneros expandidos por diferentes continentes, apesar de possuírem aparentemente o mesmo parentesco — por exemplo, os tipos de granito da América e os da Europa —, evidenciando semelhanças exteriores, não podem ser tomadas como prova. Isso também pode ser afirmado em relação aos cristais da neve dos diferentes continentes. Eles se assemelham até os míni-

mos detalhes e de acordo com a riqueza de formas — estrelinhas, cruzinhas, etc. —, de modo que se poderia formar as mais belas “linhas evolutivas”. Apesar disso, eles jamais foram parentes! Um olhar claro no meio ambiente sempre nos mostra: a área de expansão frequentemente restrita das espécies isoladas, o aparecimento de espécies “aparentadas” em continentes distantes uns dos outros, de grupos animais que não voam e, em parte, também não possuem pernas e são cegos, assim como muitas outras coisas, tudo isso aponta inequivocamente para o surgimento direto a partir de germes primitivos.



## 5

# EXPERIÊNCIAS

Se uma doutrina quiser ser levada a sério, então sua autoridade precisa ser confirmada por provas. Para isso, jamais se deve escolher os exemplos arbitrariamente. Pelo contrário! Ela precisa resistir a isso. Caso contrário, não presta! Uma teoria que somente é capaz de explicar uma parte dos casos mais fáceis não tem valor científico. Quer dizer, exatamente os casos mais difíceis e complicados precisam ser levados em consideração. Se a doutrina resiste a isso, então ela também estará à altura dos casos mais fáceis e dos casos “escolhidos” de outras teorias.

Como ainda hoje podemos diariamente observar o desenvolvimento, por exemplo, das inúmeras espécies de musgos e samambaia, a partir de minúsculos e dos mais simples “esporos”, e assim perceber que ainda crescem samambaias de grande porte de uma minúscula poeira inicial, então é facilmente compreensível para todo mundo o surgimento de todas as espécies de plantas e árvores, entre outros, a partir de germes primitivos: é só substituir os minúsculos esporos por muito menores germes primitivos. Igualmente simples são as relações na maioria dos outros seres vivos.

Por esta razão me restrinjo a oferecer provas somente para os casos mais difíceis. Outros exemplos cada um pode escolher de acordo com suas preferências, mesmo naqueles casos em que a “teoria dos macacos & Co.” fracassa com suas “explicações filogenéticas”. A teoria dos germes primitivos detalhada aqui está à altura de todos.

Para a comprovação de sua exatidão, os casos mais apropriados são daqueles seres vivos que passaram por um complicado desenvolvimento, como é o caso, entre outros, de alguns parasitas.

Assim temos por exemplo a *Trichinella*. Obviamente ela apenas pôde ser formada quando os mamíferos já habitavam a Terra. Naqueles tempos, os germes primitivos predestinados a estes vermes inferiores chegaram nos alimentos ingeridos por

determinados mamíferos e, assim, alcançaram os intestinos do “hospedeiro” (por exemplo, ratos, porcos, entre outros). Sob a pressão das “condições ambientais” especiais, formou-se o centro organizacional; os germes cresceram e se tornaram jovens *Trichinellas* com tamanho minúsculo de 0,1 milímetro de comprimento. Estas, extraordinariamente móveis, chegaram por meio dos vasos linfáticos localizados entre as vilosidades intestinais até os dutos linfáticos e, destes, para a veia cava. Com a corrente sanguínea foram levadas para os músculos estriados. Chegando, forçada pela imunidade do corpo, a *Trichinella* muscular, que neste momento já chegou ao tamanho de 1 milímetro, se encapsula, já que um desenvolvimento maior foi impedido. O crescimento teve de ser interrompido, antes que ela se tornasse capaz de reprodução. A *Trichinella* se defende com a amplamente difundida constituição de “formas criptobióticas”, encontradas em bactérias e em muitos outros pequenos seres vivos, assim que as possibilidades de vida são ameaçadas. Graças às tais “providências”, estes seres vivos conseguem sobreviver intactos durante muito tempo a condições impróprias (seca, calor, frio, escassez de alimentos, entre outros). Por isso não é nada novo que também a *Trichinella*, em tal forma criptobiótica, quer dizer, em seu “encapsulamento”, consegue permanecer em vida durante 20 ou 30 anos, caso o hospedeiro não morra antes.

Assim como as formas criptobióticas de outros seres vivos podem retornar à vida por influências externas, por exemplo, a umidade, assim o retorno à vida das *Trichinellas* também somente pode ocorrer por circunstâncias externas, ou seja, por si mesma ela não é capaz de fazer algo. A *Trichinella* iria se extinguir, apesar da forma criptobiótica, se outros seres vivos não tivessem ingerido, junto com a alimentação, as *Trichinellas* musculares encapsuladas. Os sucos gástricos quebram a prisão e elas são novamente libertadas. Com o bolo alimentar, chegam, então, ao intestino delgado, para, em 30 ou 40 segundos se tornarem sexualmente maduras. Depois do acasalamento, que ocorre no intestino, o macho morre, e a fêmea (agora chamada de *Trichinella* intestinal), contudo, ainda dá à luz de 1500 a 2000 filhotes, que são exatamente iguais aos da época de seu surgimento a partir dos germes primitivos e que da mesma forma chegam aos músculos por meio dos vasos linfáticos na corrente sanguínea. Com isso recomeça seu ciclo vital.

Outro parasita famoso que se apresenta com uma interessante alteração de gerações é a fasciola hepática. Da mesma maneira, o seu surgimento ocorreu de forma

“completamente natural”. Assim como nos outros casos, neste, em especial, os germes primitivos predeterminados para vermes chegaram no intestino dos hospedeiros com a ingestão de alimentos. Os hospedeiros, neste caso, os ruminantes, ingeriram junto com o alimento também vestígios de gosma e de fezes do caracol de lama *Limanaeus minutus*, os quais às vezes se encontram em inúmeros milhares nos campos pantanosos.

Conduzidos por “condições ambientais” e por estímulos fornecidos pelos vestígios da gosma dos caracóis, os germes primitivos cresceram e se tornaram minúsculas jovens fascíolas hepáticas, que, de forma semelhante às *Trichinellas*, perfuram as paredes intestinais para avançar até o fígado, se tornando sexualmente maduras. Além disso, não é de se admirar que elas, na própria formação do centro organizacional do germe primitivo, já tenham sido influenciadas por mudanças ocorridas ainda nos caracóis, devido à existência de vestígios encontrados na sua alimentação.

A desova da fasciola hepática sexualmente madura ocorre com as fezes do ruminante. A produção de ovos precisa ser grande, pois a maioria sucumbe devido à desidratação. Somente ovos que chegam a locais úmidos se desenvolvem.

Depois de 2 a 6 semanas, um embrião minúsculo e grosso em forma de pera rompe a casca do ovo. Ele é equipado com um denso tecido cintilante e já possui boca, intestinos, dispositivos de sucção, entre outros. Tão logo encontra um caracol-de-lama, penetra nele, desfazendo-se de seus cílios. Com a regressão de seus órgãos internos, ele se torna um esporocisto. Isso representa, em determinada medida, o estágio larval sendo uma estrutura disforme semelhante a uma mangueira, também denominada tubo germinativo. No interior desse tubo, desenvolve-se paulatinamente cerca de uma dúzia de “esferas germinativas”, que se desdobram e se desenvolvem como ovos. Por fim, tão logo seu desenvolvimento como “redien” estiver concluído, acabam explodindo o tubo germinativo.

Redien são seres vivos parecidos com folhas em formas cilíndricas. Eles não abandonam o hospedeiro, mas procuram dentro dele um lugar melhor, de preferência no fígado. Os redien recebem novamente esferas germinativas. A partir destas se desenvolvem agora os “girinos”, também chamados de cercaria, que são parecidos com os redien, mas possuem uma longa cauda móvel, assim como boca e intestinos.

Nos períodos mais quentes, estes girinos abandonam os caracóis para viver por um curto espaço de tempo na água. Mais tarde sobem então numa lâmina de grama e lá se encapsulam. Aqui, em certa medida encapsulados, se desenvolvem na jovem fasciola hepática. Se uma tal lâmina de capim é comida por um animal ruminante, os sucos gástricos soltam a cápsula e o sanguessuga é libertado, para, a partir do intestino, se deslocar para o fígado, reiniciando assim o círculo vital.

Todo este maravilhoso jogo da sucessão de gerações — hospedeiro temporário e hospedeiro — já foi fixado em forma objetiva no centro organizacional do germe primitivo, que se desenvolveu no intestino do hospedeiro, recebendo a influência dos estímulos emitidos da secreção do hospedeiro intermediário, de acordo com as possibilidades deixadas em aberto do plano estrutural do germe primitivo.

O surgimento de patógenos também é facilmente compreensível. Os embriões primitivos determinados para seres vivos microbianos são ingeridos no corpo por meio da alimentação, da respiração ou de outra forma. Nele, conduzidos pelos estímulos do ambiente especial, crescem na forma de patógenos causadores da doença específica, caso a imunidade do organismo não for mais forte do que o invasor e não o destrua. Mesmo os casos complicados, em que o patógeno passa por uma mudança de hospedeiro, podem ser facilmente explicados.

Uma das mais importantes doenças deste tipo é a amplamente difundida malária. Minúsculos germes primitivos determinados para seres microbianos provavelmente em seu tempo já foram ingeridos pelas larvas do mosquito anópheles e, durante o desenvolvimento do inseto, chegaram no estômago, onde cresceram de cistos para minúsculos esporocistos.\* Em outras espécies de mosquito, cuja estrutura corpórea não foi apropriada a isso, os germes primitivos ingeridos não chegam ao desenvolvimento e tomam uma outra direção. Aliás, ainda hoje somente os patógenos da malária que foram ingeridos pelo grupo anópheles chegam ao desenvolvimento. O antigo procedimento não representa, portanto, algo de estranho.

---

\* Casos em que o parasita já foi ingerido pela larva, mas se desenvolvem apenas no inseto propriamente pronto, já são conhecidos e foram pesquisados. Fazem parte deste grupo, entre outros, o verme de sucção *Prosthogonimus intercalandus*, bastante perigoso para a criação de galinhas. O estágio prévio deste parasita é ingerido no “estágio de larva com cauda” pela larva da libélula; posteriormente ela se encontra pronta para ser transmitida em forma encapsulada no inseto (libélula) propriamente desenvolvido.

Os minúsculos esporozoítos, que têm a forma de foíce e amadureceram nos cistos dos tecidos dos mosquitos, chegaram antigamente, assim como ainda hoje, por meio da saliva presente na picada deste inseto, até a corrente sanguínea dos hospedeiros intermediários (por exemplo, os humanos). Ali se multiplicaram de forma assexuada em gigantescas quantidades e inundaram o sangue com parasitas (ataques de febre); finalmente, cresceram tornando-se seres isolados sexualmente maduros, os chamados “gametas”.

Se este sangue inundado por gametas for sugado por um mosquito anópheles, então as fêmeas fecundadas desses parasitas penetram nos tecidos dos mosquitos para, em cistos, novamente produzir esporozoítos em massa. Com isso o ciclo vital recomeça.

Também neste caso, a maravilhosa adaptação do parasita ao hospedeiro e ao hospedeiro intermediário, assim como a correspondente mudança de hospedeiro, é compreensível se for levado em consideração que toda estrutura corpórea — e naturalmente o estômago do mosquito anópheles, que serve de hospedeiro —, assim como todo seu estilo de vida, dependem da sucção de sangue. Ele é constituído perfeitamente para hospedeiro intermediário para a malária, de modo que ela não é capaz de existir sem ele. Esta estrutura corpórea e, provavelmente, o sangue ingerido e os estímulos provocados foram responsáveis pelo desenvolvimento do centro organizacional do parasita-malária, forçando uma forma que lhe seja adequada.

Do mesmo modo, os mistérios até agora ainda não desvendados em torno das simbioses de seres vivos de diferentes espécies, que muitas vezes são tão íntimas, que uma não é capaz de viver sem a outra, são resolvidos da forma mais simples pela explicação via germes primitivos.

Entre todos os exemplos, destacamos apenas o verme enrolador *Conoluta paradoxa*, que vive com algas, portanto, vegetais, numa simbiose que dificilmente pode ser mais íntima. Pequenas algas arredondadas se encontram massivamente no interior do verme, que, por isso, recebe sua curiosa aparência esverdeada. Como as algas vivem em seu interior e, em certa medida, se tornam parte constitutiva, elas não possuem um envoltório, já que assim não precisam dele, ao contrário de outras espécies. No entanto, fora do verme elas imediatamente iriam morrer. O parasita, por sua vez, não possui intestino, pois lhe seria supérfluo, de modo que sua alimentação depende completamente dessas algas. Sua alimentação exclusiva

é constituída por pequenas partículas destas algas que residem em seu interior e de seus alimentos excedentes. Quer dizer, ele não poderia sobreviver sem os moradores em seu interior. Ambas as partes, verme e alga, portanto, são completamente dependentes um do outro. Separados eles iriam sucumbir.

Como em toda parte, assim também o surgimento desta “maravilha” ocorreu de forma bem natural. Os germes primitivos determinados para vermes e algas estavam armazenados juntos na época de seu desenvolvimento. Um influenciou o outro na formação do centro organizacional. O resultado disso foi um trabalho em conjunto, em extrema harmonia, que levou a uma simbiose dos grupos de germes primitivos fundidos de vermes e algas. No mundo vegetal ocorre algo semelhante na associação simbiótica entre fungos e algas, denominada de líquens.

De forma bem simples se completou também o surgimento de plantas superficiais sobre árvores e rochas, as chamadas plantas epífitas (por exemplo, orquídeas, bromélias, *Tillandsia*, entre outras) e plantas parasitas (por exemplo, visco). Elas não escalaram aos poucos nem progressiva e filogeneticamente as árvores — para o que não seriam capazes —, mas surgiram diretamente a partir de germes primitivos.

Quem ainda acredita em tais lições filogenéticas deveria semear hortaliças debaixo de árvores próximas umas das outras e observar se rabanetes, por exemplo, escalam as árvores devido à ausência de luz. Se este experimento for bem-sucedido, me dou por vencido.

Ainda hoje pode ser observado por centenas de milhares de vezes como uma floresta nova suprime toda vegetação nativa que antes nela vivia, sem que uma única espécie vegetal sequer consiga fugir deste destino “escalando uma árvore”: todas sucumbem. Mas o que está morto não consegue mais “evoluir”. Isso pode ser observado de forma especial nas florestas de crescimento rápido — e estou contente que tive a oportunidade de ver isso por diversas vezes. Nenhuma das muitas espécies vegetais está em condições de “conquistar”, seja por meio de “adaptação” ou de outra forma, o alto das copas das árvores para seu novo espaço vital em substituição do que desapareceu, conforme ensinaram teorias antinaturais.

Aqui também, como em tantas outras situações, a realidade é bem diferente do que as “instruídas” teorias apontam. No tempo antigo, em todos os casos semelhantes, os germes primitivos encontraram os galhos e troncos de árvores já cres-

cidas e idosas. Por toda parte, onde de alguma forma tenha havido a possibilidade de desenvolvimento desses germes, eles se desenvolveram para uma das inúmeras espécies das poucas famílias vegetais cujo plano estrutural possuía uma composição genética adaptada a estas estranhas relações e, com isso, deu-se início à constituição da forma. Naturalmente cada uma destas novas espécies vegetais surgidas estava adaptada da melhor forma possível às novas condições, por mais estranhas que elas fossem.

Da mesma forma, a adaptação de parasita e hospedeiro, que pode ser observada em diversas formas em insetos (vespas parasitas, moscas parasitas, e outras), encontra sua explicação.

Nos milhões de espécies de insetos e em sua astronômica população, não poderia permanecer ausente que os germes primitivos, determinados a insetos, que em seu tempo seriam novos, encontrassem germes primitivos, também determinados a insetos, mas que já haviam chegado antes e estavam em desenvolvimento. Em tais casos, eles deveriam ter constituído no interior do ser em desenvolvimento uma espécie de forma permanente semelhante a um ovo, a partir da qual, tão logo o inseto e/ou sua larva tenha alcançado um tamanho necessário, progride para a larva do parasita, como ocorre de maneira usual.

Está completamente claro que o germe primitivo em crescimento oferece os estímulos para o desenvolvimento do centro organizacional do parasita em formação e, com isso, também conduz o desenvolvimento definitivo para a forma mais adequada para a espécie em questão.

Com apenas alguma reflexão, está claro que é completamente suficiente que somente alguns poucos indivíduos destes insetos parasitários, entre milhões de integrantes de uma espécie, atinjam sua formação. A enorme cifra de reprodução dos parasitas possibilita, então, sua ampla expansão.

Depois destas provas, não deveria mais haver dificuldades para a explicação de outros casos. Cada um pode escolher de acordo com seu gosto e compreensão: macacos como ancestrais ou humanos como antepassados; teorias nas quais o início da humanidade se reduz a animais inferiores ou que versam sobre o início da humanidade como sendo já humano: onde a razão e o entendimento se unem para a ação, o melhor passa a ser inimigo do bom!



## SER HUMANO E LEIS NATURAIS

A grandeza do mestre do mundo se revela nas maravilhas da natureza e nas do universo, até onde nossos sentidos nos permitem perceber. Mas sua forma física nos permanece desconhecida: aqui, na natureza e em suas regras, se espelham os princípios e as vontades do criador.

O humano é o único ser equipado com capacidades mentais únicas apto a seguir esses princípios. O recebimento de dons extraordinários também o compromete a obrigações extraordinárias: em todo o universo, não há ser vivo, por mais inferior que seja, sem ter recebido obrigações! Cumpri-las é algo tão importante nos acontecimentos mundiais, que sua realização é exigida de todos os seres vivos!

Como o ser humano é capaz de reconhecer — ainda que de forma indireta — as vontades do criador, mesmo que não em toda a sua abrangência, a natureza pôde assim renunciar a um alinhamento puramente instintivo de seu agir e lhe permitir um livre campo de ação, como a nenhum outro ser vivo foi concedido, mas o humano também tem a obrigação, ele mesmo, de abrir os olhos, de utilizar razão e entendimento para pesquisar e reconhecer o que dele é esperado e exigido. Se há a capacidade de reconhecimento dessas obrigações, ele deve agir de acordo!

A natureza foi o único fundamento sólido recebido diretamente das mãos do criador e que mesmo depois de muitos anos geológicos ainda continua novo e atual. Ela oferece um fundamento sólido, como uma rocha, que nenhuma obra humana jamais será capaz de mover. Quem é capaz de ler alguma teoria nela, de olhos abertos e sem óculos prismáticos — infelizmente são poucos os que conseguem —, irá coletar valiosas conclusões e conhecimentos de imensa amplitude. Mas deverá tomar cuidado com um aspecto: conceber o inevitável como vontade divina! Se isso não for observado, este ponto pode se transformar em fonte de grandes equívocos. Se os seres humanos tivessem uma relação mais próxima com a natureza, alguns grandes equívocos teriam sido evitados.

Os conhecimentos alcançados nas várias áreas do saber são muito belos e valiosos, elevando os povos a uma “cultura” cada vez maior. Mas jamais isso deveria conduzir a um estranhamento em relação à natureza. Este é um preço alto demais. Cultura estranha à natureza oferece prazeres antinaturais. Os efeitos colaterais são o desprezo às leis naturais, o que significa a morte!

O criador deixou vários caminhos para a natureza chegar a um mesmo objetivo; em todos os casos ela sempre escolhe o que for mais bem adaptado às capacidades mentais de cada ser vivo. Está claro que o comportamento de algum ser vivo, por exemplo, do peixe predador lúcio, que irracionalmente come a sua própria prole, não pode ser considerado como diretriz para os humanos. Não se pode concluir leis naturais a partir de alguma espécie selecionada isoladamente, mas sim segundo a observação do mundo vivo como um todo. No entanto, neste mundo vivo o humano não está imune às leis naturais! Ele está submetido a elas: humano e natureza possuem uma ligação inseparável! Ele não está acima da natureza, mas sim entre ela! As leis que são válidas para todos os seres vivos são válidas também para ele, de acordo com a vontade do criador!

Desde o início, tudo na natureza está preparado para, da melhor maneira possível, cuidar para a vinda da geração seguinte. Também em cada semente, mesmo no menor esporo, tudo já está preparado para se tornar o melhor possível.

Os cuidados com a descendência são maiores à medida que se eleva o grau de desenvolvimento mental do ser vivo em questão. Bactérias não necessitam de “cuidado parental”, pois sua cifra de reprodução as permite passar sobre os perigos da vida sem atividades deste tipo. Aproximadamente na mesma proporção em que se complexifica a estrutura do ser vivo, especialmente no que se refere à sua capacidade mental, se ampliam também os cuidados com a descendência. Insetos são obrigados a encontrar a planta correta ou algo semelhante que sirva de alimento para seus filhotes e os que vivem em sociedade já precisam exercer um cuidado parental bem mais elaborado. Répteis geralmente não necessitam de mais nada além de um local escondido para a desova. Esta atividade se resume a todo o cuidado com os filhotes. Já as aves precisam construir ninhos, precisam chocar e cuidar até que os filhotes tenham se tornado autossuficientes. De forma semelhante são as relações com os mamíferos. Por toda parte a natureza exige um cuidado com a descendência que esteja em consonância com as capacidades corporais e mentais. Contravenções a esta regra são



punidas com a eliminação da descendência. E isso significa sua exclusão da corrente hereditária da espécie. Esta é uma medida muito objetiva da natureza, que impede que tais contraventores danosos à espécie sejam transmitidos hereditariamente.

Se se segue com atenção esta exigência crescente que a natureza coloca aos seres vivos com maiores capacidades mentais, então se compreende o tamanho das imposições que ela espera neste aspecto dos humanos, cuja capacidade mental coloca na sombra tudo o que já existiu. O longo período de juventude (por exatos 20 anos o humano necessita de maiores ou menores cuidados e educação) mostra a medida extraordinariamente alta que lhe foi posta. Enormes são as exigências — infelizmente em parte pouco observadas — que nesse sentido a natureza coloca aos humanos.

Não basta somente gerar descendentes — isso também é feito por cada mosca varejeira e por cada cogumelo falo-impudico —, mas sim, por meio de amplo cuidado, educação e orientação, formar a descendência que gera indivíduos preciosos tanto no aspecto físico quanto mental!

Trabalho de educação requer muita dedicação e empatia, e em toda parte é válido: de menos não é bom, demais também não é saudável! A obediência precisa ser incentivada, mas o objetivo é educar pessoas autônomas com força de vontade, e não fracos sem vontade própria, que são levados para onde o vento sopra.

Quem educa três crianças e as transforma em pessoas virtuosas, faz muito mais do que aquele que cria 10, mas as deseduca ou talvez nem sequer cuida delas, as quais depois acabam prejudicando a vida de outras pessoas. Mas se o último educa as 10 para pessoas virtuosas, ele está bem acima do primeiro.

Qualidade vai além da quantidade. Ambas reunidas é o ideal. Se a última cai abaixo de uma certa norma, assim a primeira não pode mais valer.

Sem uma condução correta, ainda hoje existe o real perigo para o corpo e a alma da juventude. Por isso é obrigação dos pais e responsáveis afastar tudo o que pode prejudicar a boa educação da juventude, da mesma forma que os demais seres vivos afastam inimigos e tudo o que for prejudicial a seus descendentes, muitas vezes sacrificando sua própria vida.

Mas o se manter distante, contudo, nem sempre é suficiente! A juventude precisa

estar atenta para os perigos ameaçadores! Somente assim ela saberá se proteger diante dos riscos!

Com olhos fechados não se pode combater um perigo, assim como não se pode diminuí-lo. O mundo vivo também adverte sua descendência das ameaças, contanto que seja capaz disso. Também neste caso a descendência não é entregue ao acaso diante das desgraças. Mas quem mesmo assim não leva a sério as advertências, irá sofrer na pele. A natureza é uma professora muito rígida, ainda não contagiada pela exagerada indolência humanitária.

Quem desobedece a advertência de “se manter longe das confusões”, descumpra as leis da natureza. A penalidade irá atingir as crianças e, com isso, indiretamente, a espécie!

Infelizmente, repetidas vezes se percebe uma valorização demasiada à criação de galinhas e pombas de “raça pura”, aos cuidados da própria “beleza”, ao aumento dos negócios, à aquisição de riquezas e outros bens. Muitas destas coisas até podem ser bem importantes, mas o problema é que isso leva muitas vezes a uma condução irresponsável da educação e da orientação dos filhos, o bem mais valioso dos pais. Não é suficiente que se compre roupas para eles, os alimente bem, os encaminhe para a escola, talvez até lhes ofereça uma “boa escola”, lhes possibilite entretenimento, etc. Não, há infinitamente muitos aspectos que fazem parte da educação.

Por isso, lamentavelmente se percebe que ainda existem muitas pessoas que não foram educadas ou até mesmo foram deseducadas! As consequências disso são insatisfações, conflitos e coisas piores. Por meio de uma correta educação, muitos custos judiciais poderiam ser poupados. No lugar de valores destruídos, poderiam ser criados valores novos e, com isso, aumentar o capital populacional. Contudo, atualmente se ouve com muita frequência: o que o pai adquire, o filho desperdiça. Frequentemente se atribui demasiado valor nas escolas a conteúdos empurrados para as pessoas, mas que acabam não sendo digeridos. O resultado de uma tal “educação” acaba, então, se tornando pura “fantasia”. Menos sabedoria de letras e mais sabedoria da vida seria mais apropriado.

É óbvio: uma educação correta da descendência é algo que não trará benefícios aos pais, que precisam se esforçar e se empenhar, mas sim às crianças. Nesse sentido, não se pensa em seres isolados, mas principalmente na espécie. Esta nova geração, por sua

vez, igualmente não deve cuidar apenas de si mesma, mas sim também da geração seguinte. Somente desse modo a espécie pode continuar. Se a natureza exige este cuidado até mesmo de seres irracionais, então o “inteligente” humano ainda deve ter razões para se admirar se o mesmo, em medida correspondente, também é exigido dele?

De acordo com as leis naturais, o cuidado com a descendência é a maior obrigação. Peca quem descumpra esta lei, por conforto ou prazer pessoais, mesmo que em outros assuntos seja o “cara mais virtuoso”. A natureza tem uma rígida punição para esta contravenção: o extermínio!

O ser humano que vive em sociedade facilmente ignora este ponto, pois sempre há outros que compensam o prejuízo, que sempre procuram melhorar. Os indivíduos isolados quase não percebem a punição, mas o povo como um todo, sim. Enquanto se trata de casos isolados, o prejuízo não é tão grande, pois estes serão absorvidos, assim como as famosas mutações. Mas se eles se multiplicam, o perigo aumenta assustadoramente. Num Estado reina mais ou menos uma concepção única sobre determinadas coisas. Desse modo, facilmente uma concepção “moderna” pode se tornar “moda”. Uma tal época, o conforto próprio poderia ser mais valorizado do que a obrigação para com as gerações vindouras, que talvez nem sequer mais estariam em condições de surgir. Este perigo precisa ser levado muito a sério.

Um povo que, em descumprimento das leis naturais, negligencia e despreza o cuidado com a descendência — seja por conforto próprio, seja por algo diferente — irá sentir a punição do criador: cedo ou tarde será exterminado!

A natureza exige de cada ser vivo um estilo de vida adaptado à sua natureza. Infrações contra isso são punidas com doenças, degenerações e morte. Uma planta que se alimenta de forma errônea sucumbe. De maneira semelhante ocorre com o mundo animal. Mesmo as bactérias mais resistentes estão submetidas a isso. Sejam unicelulares ou seres vivos mais elevados, cada um precisa procurar alimentos e um local, de acordo com o estilo de vida que lhe foi pré-determinado. A lagarta que se alimenta de algo que não é adequado a ela morre. Se um pardal comesse grãos contrários à sua natureza, iria sofrer o mesmo destino. A coruja e o bacurau somente conseguem permanecer vivos se mantiverem os hábitos noturnos; os pássaros canoros, as aves de rapina e outros só saem em busca de alimentos durante o dia; o veado não come

carniça; o gato não come capim. Somente onívoros possuem um amplo cardápio.

Volta e meia é possível que o alimento específico seja substituído por um de igual valor. Assim, determinadas lagartas de borboletas tropicais podem se alimentar de folhas completamente estranhas, de frutíferas europeias. Contudo, sempre deve ser levado em consideração que a alimentação substituída seja equivalente ao alimento original.

Não há problema algum na utilização de alimentos substitutivos de igual valor adaptados largamente à forma natural de alimentação!

De modo semelhante ocorre com o local de vida atribuído. Plantas típicas de lugares com pouca luminosidade numa floresta não suportam muito bem locais abertos. Plantas que adoram o Sol não suportam locais com muito sombreamento. Animais de lagos profundos sucumbem se chegam às camadas mais rasas de água. Com os animais das camadas superiores ocorre o mesmo se forem para as profundezas. Insetos que necessitam de abrigo em folhas e plantas secas não conseguem morar em locais úmidos e sob pedras. Quer dizer, lugar de moradia e de permanência precisam estar adaptados às necessidades do corpo de acordo com as condições climáticas!

Também no que se refere à roupagem, as relações são parecidas. Larvas de moscas *Trichoptera* preparam seu “terno” a partir de partes vegetais e de grãos de areia; a lagarta *Psychidae* tece ela mesma a sua roupagem, cobrindo-as muitas vezes com partículas de musgo e de plantas, de acordo com a espécie. A ostra prepara sua cabana com calcário; já o teredo, dependendo da espécie, prepara seu “terno” com pedacinhos de conchas, lama e grãos de areia. Para as aves, os mamíferos, insetos e outros, o “terno” já vem crescendo nele, sendo que nos dois primeiros ele até muda de forma autônoma, de acordo com as necessidades e da estação do ano. Já o humano de regiões frias, por sua vez, precisa construir seu próprio terno, assim como o teredo e a lagarta *Psychidae*.

Cada ser vivo que não recebeu uma “roupagem autônoma”, em compensação, ganhou a necessária habilidade mental e corporal para conseguir suas proteções necessárias. Mas com a concessão dessas qualidades vem também a obrigação de utilizá-la de forma eficiente!

Se algum destes seres vivos fosse renunciar a utilização dessas capacidades que

lhe foi dada e com isso não for preparar a “roupagem” contra efeitos prejudiciais e contra inimigos, ele estaria exposto a tantos perigos, que invariavelmente iria sucumbir. Uma roupagem razoável, portanto, não é algo antinatural, mas sim algo desejado pela natureza.

Por toda parte se pode observar que cada ser vivo se defende, na medida do possível, de influências climáticas desfavoráveis e efeitos prejudiciais. Para se proteger do frio ou do calor intenso, árvores, arbustos e outras plantas permanentes se desfazem de suas folhas. Em alguns casos, como nas cebolas, elas se recolhem completamente na terra — o que naturalmente não é possível em árvores e em outras plantas. Assim, por exemplo, no inverno, na Europa, o sabugueiro (*Sambucus*) perde suas folhas; em contrapartida, no inverno, no Brasil, ele permanece com elas, mas as perde no auge do verão, por causa do calor.

Não se toma medidas somente contra grandes oscilações sazonais de temperatura e contra os perigos daí decorrentes mas também contra os pequenos inoportunos efeitos que aparecem de muitas formas no dia a dia: para proteger as partes sensíveis da flor contra a umidade prejudicial, em parte elas se fecham durante a noite em tempos de chuva. Nesse sentido, as plantas renunciam com prazer à “seleção natural”, que, com certeza, teoricamente, no decorrer dos milhões de anos, há tempos já teria de ter “criado” flores “à prova d’água”, mas na prática isso não ocorre.

No mundo vivo animal, o comportamento é idêntico. Nos meses chuvosos de inverno (nas zonas quentes), somente permanecem em vida os cerambicídeos (besouro serra-pau), que vivem nos locais que são protegidos da umidade excessiva, enquanto que todo o restante sucumbe, frequentemente 90% ou mais. Neste caso, as centenas de milhares de anos não foram capazes de provocar uma adaptação. Assim também ainda atualmente muitas espécies de aves precisam sair temporariamente de suas pátrias para migrar para o sul, porque o frio vindouro lhes provocaria a morte. Uma “adaptação” não seria mais vantajosa? Com os mamíferos as relações são semelhantes: espécies não preparadas para tal clima se recolhem em cavernas que anteriormente já foram preparadas por eles. Seja para onde vá nosso olhar, o ser vivo que poderá superar da melhor forma possível o perigo e que tem a melhor perspectiva de vida será aquele que for esperto o suficiente para se defender objetivamente dos perigos. Disso se conclui o seguinte: é obrigação de cada ser

vivo utilizar da melhor forma possível as forças mentais e físicas para a proteção e o combate contra efeitos prejudiciais, além de ter um estilo de vida que esteja em sintonia com as capacidades existentes e com a própria resistência. Aqui também está incluso um estilo de alimentação adaptado à estrutura física.

Como o ser humano está sujeito às mesmas leis naturais, também ele tem a obrigação de segui-las. Assim, precisa dar valor a uma alimentação apropriada. Mas para ele, como integrante dos “onívoros”, isso é relativamente simples. Basta que erros grotescos sejam evitados. Não é necessário preparar o alimento seguindo “receitas secretas”. Um alimento diversificado bem preparado está à altura de todas as exigências. A alimentação deve ser suficiente, mas não uma “dieta de engorda”. Se houver uma alimentação excessiva e escassez de movimento, os resultados não são de provocar admiração. A culpa da gordura antinatural de muitas pessoas é, em primeira linha, a falta de exercícios físicos. Pessoas gordas que emigraram para a floresta para construir uma nova pátria, apesar da alimentação forte, com muito trabalho, perderam rapidamente todo o lastro inútil de gordura acumulada e se tornaram novamente pessoas no perfil desejado pela natureza. Esta dieta parece que nunca falha, ao menos não conheço ninguém em quem tenha falhado. Ela deveria poder ser aplicada inclusive em outros locais — também não precisa sempre ser na floresta —, nas pátrias de cada pessoa.

Dormir demais pelo dia adentro, ter uma alimentação superfarta, evitar qualquer caminho a pé por ser empenho demais, uma atividade em que se permanece o tempo inteiro sentado, assim como muito tempo gasto em festas: isso não se harmoniza com as exigências da natureza.

Mas este não é o único caminho para arruinar a saúde: exagerado consumo de artigos de gula (tabaco, álcool e outros), vícios de entretenimento, modismos e vício de limpeza contribuem igualmente para isso. Já sendo as consequências financeiras por si só devastadoras, os prejuízos que as crianças de tais pais carregam no corpo e na mente são muito piores: a progressiva idiotização de descendentes de linhagens saudáveis se deve em grande medida ao consumo exagerado de álcool, que acaba sendo um veneno para os embriões. Entre os prejuízos devastadores diretos do álcool e outros vícios vem frequentemente ainda uma alimentação insuficiente, porque não sobra dinheiro para isso.

Estes tipos de pecado têm efeito na descendência: por isso eles estão entre os piores. Mesmo que o direito humano, por ser lacunar, não responsabiliza o contraventor contra a sagrada genética, as leis naturais o julgam em sua descendência, de forma bem mais severa e, com isso, o povo que permite tais comportamentos.

O que ocorre neste caso é uma aberração cultural. As consequências são perceptíveis em medidas assustadoras por toda parte. As concepções e os estilos de vida antinaturais das “modernas” cidades grandes já retrocederam de forma assustadora a sua força populacional. Por enquanto a população do interior e, em parte, das pequenas cidades, ainda segue um fundamento saudável. Por isso é ela que ainda mantém a força populacional — contudo, é a única. Mas ela também aos poucos vai se enterrando. Ai dos povos se a “direção moderna”, o vício dos prazeres, em que o “eu” vai acima de tudo, também se estabelecem.

Cultura pode se tornar maldição quando viola as leis da natureza por meio de modismos e concepções antinaturais. Nenhuma “elevação cultural” pode substituir a força popular que está desaparecendo: a decadência é inevitável, mas uma pena justa!

Todas as conquistas modernas estão relacionadas aos humanos. De que adianta viagem aérea, rádio e outros, se o povo se autodestrói violando as leis da natureza? Com a diminuição das cifras populacionais, diminui também a cultura. O início paulatino da decadência irá terminar numa queda catastrófica.

Em consequência de um amplo estranhamento em relação à natureza, podem aparecer aberrações de gostos em todas as áreas. Por isso não é de se admirar se às vezes o modismo, resultado direto de “interesses privados” bem diferentes, declara uma determinada forma de vestimenta como padrão, mas que na melhor das intenções não se harmoniza com as exigências naturais de uma vestimenta conveniente. Em toda parte em que a natureza não conferiu uma vestimenta “natural” aos seres, ela ofereceu suficientes capacidades de superar esta deficiência da melhor forma possível, indiferentemente se se trata de um verme ou de humanos. O verme, embora seja um animal completamente irracional, jamais irá se deixar influenciar por ideias estúpidas para preparar sua roupagem conveniente.

Assim como a roupagem é uma coisa estimulada pela natureza, também o é a construção e utilização de uma moradia conveniente. Isso da mesma maneira é algo que

a natureza exige imperiosamente. Ambos devem oferecer, em primeira linha, defesas contra os rigores do clima e de outros perigos. Em ambos os casos as exigências podem ser correspondentemente baratas e boas ou caras e ruins, mas o determinante para a natureza é, em primeira linha, que alcance os objetivos propostos. Um aquecimento da sala de estar, se não for exagerado, mas feito de forma razoável, não pode ser concebido como algo antinatural. É tão natural como a junção de feno e folhas aquecedoras dos mamíferos hibernantes. Certamente não deve ser enfatizado de forma especial que tudo isso é protetor, mas não deve ser indolente.

Por isso, jamais os humanos devem por medo se privar de um pouco de ar fresco. Pelo contrário! Se quiser permanecer saudável, ele necessita de uma boa quantidade disso. Nesse sentido ainda se peca bastante, embora o ar fresco seja um dos mais baratos alimentos. Um retorno à natureza não significa se vestir com peles, utilizar pedras para fazer fogo, alimentos crus ou coisas do tipo, mas sim seguir as leis naturais de uma forma e estilo adaptados a nossos tempos!

Justamente o humano, como ser equipado com as melhores capacidades mentais, tem a obrigação de valorizar em grande medida a observação das leis naturais. Como essas leis requerem a utilização de todas as capacidades, ele não deve dirigir sua atenção somente para o bem-estar físico mas também se preocupar de forma ampla com a formação da mente.

Em termos gerais, a humanidade tentou atender à estas exigências: escolas e universidades foram implantadas e assim muita coisa bela e nobre, além da necessária instrução em leitura, escrita e cálculo. O espírito encontrou muita coisa digna de ser estudada e interessante para seu estímulo. Mas de década em década, a “matéria a ser aprendida” inchou cada vez mais. Assim, conteúdos que no início pareciam muito úteis, se tornaram perigosos: a imensa quantidade de “matéria” que o coitado do cérebro humano recebe mais ou menos imposto esquematicamente não deixa mais espaço àquilo que mais interessa ao humano como ser pertencente à natureza e subjugado às suas leis!

As grandes conquistas da técnica, as mais significativas competências em todas outras áreas, o melhor daquilo que o espírito produziu em palavra, escrita e arte: tudo irá acabar no nada, se forem perdidas as raízes da força do povo por meio do estranhamento em relação à natureza! Então a atual cultura irá afundar, como an-

tes desta afundaram muitas outras culturas antigas! A natureza é implacavelmente rígida e duras são suas penas. Decadência ou elevação depende da observação ou não das leis naturais: mas quem as conhece? Onde são ensinadas?

Atualmente, a humanidade, com seu estranhamento em relação à natureza, ainda acredita poder olhar com desdém para isso. Mas já teria todas as razões para se assustar. É chegada a hora para que tudo seja novamente colocado nos trilhos corretos. Um pouco de aulas a mais sobre a natureza e professores que realmente a conhecem, e não somente livros, poderiam fazer verdadeiros milagres. Naturalmente não basta ensinar que os gatos comem os ratos, que o burro é burro e que a vaca é gado: isso isolado é um peso tão morto quanto o conhecimento passado sobre os metamerismos de *Geophiliden*, de *Glomeriden* e de *Polyxeniden* (*Miriapoda*). O que precisamos é tirar e ensinar conclusões sobre a vida diária, assim como oferecer informações acerca de como se deve chegar a tais conclusões!

O conhecimento das leis naturais é muito mais importante do que o conhecimento e as formas discursivas de um Sócrates ou de algum outro “sábio antigo”. Nesse sentido, ainda há muito peso antigo nos planos de aula: joguem tudo fora e ensinem em vez disso o que é necessário, o que é decisivo entre a vida e a morte dos povos!

A manutenção da espécie igualmente está entre os principais fundamentos da natureza. A maioria das medidas e leis naturais estão concentradas neste ponto. Um dos principais meios que ela deu aos seres vivos para alcançar este objetivo e para atender à esta exigência fundamental é a reprodução. Mesmo que os antigos sucumbem, a espécie continua vivendo nas novas gerações. Mesmo que imensas catástrofes naturais abram grandes lacunas, a ininterrupta força de reprodução consegue repor as perdas novamente.

O tamanho das diferenças entre as cifras de reprodução das diferentes espécies isoladas é quase inimaginável. Elas vão de somente um descendente até vários milhões em um ano. E, mesmo assim, cada cifra está da melhor maneira adaptada às necessidades da espécie em questão. Num ambiente natural, elas sempre são suficientes para sua manutenção. De forma infalível e implacável, a natureza também impede a reprodução ilimitada. Mas uma espécie cujas cifras de reprodução por alguma razão ficam atrás do número condicionado pela natureza

acaba sendo exterminada. As que se encontram em extinção e as já extintas comprovam isso suficientemente.

Não conseguir alcançar o que a natureza coloca como “dever” da reprodução é uma violação contra uma de suas mais importantes leis, e a penalidade para uma tal violação é o extermínio da espécie.

Isto também vale para os seres humanos. Também a eles foi estabelecido um “dever” correspondente. Também para eles não há privilégios; se não quiser ou não puder mais atender à esta obrigação, receberá igualmente uma dura, mas justa penalidade.

Existem ilhas nos mares do sul cuja população está em franca extinção. Em uma delas, que apresenta cerca de 100 moradores, somente há uma única criança. Em outras, as condições são idênticas. Numa cegueira mental, os moradores procuraram evitar o nascimento de crianças, ao passo que, quando isso acontecia, elas eram mortas. Somente ideias e concepções erradas podem ser responsáveis por tais suicídios raciais, pois a população vivia saudável, vivia naturalmente, de modo que ainda não havia sido manchada pela moderna cultura. A terra oferecia sem esforços alimentos abundantes (cocos, frutas, peixes, e outros) e também o espaço era suficiente. O fim é inevitável: um depois do outro irá morrer e, como não há descendentes, logo não haverá habitantes na ilha, a não ser que antes uma outra tribo, que ainda não foi contagiada pelo veneno fatal de tais concepções, a invada e mate os poucos sobreviventes, ocupando-a e povoando com integrantes de sua comunidade, que ainda está com sua força vital ininterrupta.

O “cultivado” e “civilizado” europeu não tem razão de balançar a cabeça e olhar com superioridade sobre os “selvagens”. O que acontecia, ocorre também, mesmo que de forma vagarosa, há tempos com ele mesmo. Também no caso europeu, trata-se de aberrações mentais que conduzem a isso. Num estranhamento cada vez maior em relação à natureza, concepções mortíferas escondidas sob o manto da tendência “moderna” conseguiram encontrar muitos simpatizantes, mesmo entre os “inteligentes” europeus. As cidades grandes apresentam muitos vícios de todos os tipos, como o vício do eu, o vício do entretenimento, além de problemas de todo tipo. O extremamente precioso “caminho da educação” somente vê uma elevação, quer dizer, permite uma permanência nas “melhores” classes, se o número de filhos for mantido baixo. Da mesma forma há muitas outras coisas que contribuem para

iludir o povo no que se refere à necessária descendência. Mesmo que possa ser atrasado um pouco, também aqui o fim será o mesmo: a eliminação da espécie!

Nenhum povo, nenhuma tribo, independentemente se branca, amarela, marrom ou preta, consegue se furtar à dura penalidade se infringir de maneira frívola — consciente ou inconscientemente — as leis da natureza!

Já foi concluído que exatamente os povos que ostentam uma “cultura elevada” são os que mais pecam nesse sentido. Somente para dar um exemplo: no ano de 1931, as cifras de nascimentos, de acordo com os cálculos de Burgdörfer, estavam 20% abaixo do necessário para a manutenção da população.\*

Para manter os números populacionais, cada casal deve em média ser capaz de gerar de 3 a 4 filhos. Contudo, Berlim apresentou em 1927 somente 43% dos nascimentos que seriam necessários para a manutenção do número populacional. Em outras grandes cidades, as relações não são muito diferentes. Em algumas delas, 50% dos jovens casais permanecem sem filhos! Isso acontece, embora centenas de milhares de pessoas saudáveis das áreas do interior, que ainda não se tornaram “supermodernas”, migrem para as cidades, atraídos por uma ilusória vida glamurosa e descomprometida. Estes acabam fortalecendo provisoriamente a população dos grandes centros urbanos! Aqueles que para lá se deslocaram, também logo são contagiados pelo “moderno espírito do tempo” e igualmente se extinguem silenciosamente, como os que os antecederam. As grandes cidades são, na realidade, incríveis cemitérios. Elas literalmente devoram um povo. Aqui se percebe claramente que a modismo, as lições e concepções das cidades grandes trazem em si o germe da morte do povo!

O que acontece não é uma recusa da vida para o próprio eu. Não, pelo contrário: nesse sentido a vontade de viver e de se divertir ainda é muito grande! A recusa ocorre no que se refere à família e, com isso, ao povo!

O motivo para este suicídio racial não é a “civilização” em si, como muitas vezes se quer acreditar, mas sim está relacionado com esta aberração mental nela infiltrada. As forças mentais das pessoas são capazes de realizações imensas e belas,

---

\* As cifras de nascimento para cada 1000 pessoas: Alemanha, Inglaterra, Suécia, Noruega - 15-18; França, Finlândia - 18-22; Itália, Hungria - 22-28; Espanha, Portugal, Rússia, Polônia, Romênia - 28; Japão - 33; Índia - 35.

mas se essas forças se perdem, o resultado é uma desgraça incomensurável. Isso é demonstrado não somente por aquele pequeno povo em extinção das ilhas dos mares do sul, mas é perceptível no número de nascimentos dos “modernos esclarecidos”, que se encontra em níveis muito baixos. A natureza reage contra isso e tenta desativar sua influência mortífera, eliminando os portadores de tais ideias e, se for preciso, todo o grupo, para proteger os demais.

Exatamente neste contexto é bastante estranho que os líderes que avançam no caminho mortal são especialmente os “círculos educados”, portanto, aqueles que deveriam reconhecer o perigo em primeiro lugar e preveni-lo. Uma pesquisa realizada há não muito tempo por Muckermann, referente ao número de filhos dos professores, demonstrou que ele nem é suficiente para a manutenção da população. Em outras profissões, a relação é semelhante. A seguir, um exemplo disso: na Prússia de 1912, cada casamento tanto entre altos funcionários como entre profissionais liberais gerou 2 filhos; entre trabalhadores instruídos, 2,9 filhos; entre trabalhadores do campo, 5,2 filhos.

Estes números demonstram bem mais do que muitas palavras. Na incorporação da chamada “educação”, foi tomado um caminho errado. Passa-se ao largo exatamente daquilo que todos deviam saber. Não sobrou espaço para o que realmente importa, mesmo com toda a educação, ou muito por causa de um ensino equivocado.

Negligenciar as medidas necessárias à manutenção da espécie é uma violação contra as leis naturais. A natureza pune severamente: uma espécie que peca contra isso será extinta.\*

Um outro ponto que é muito valorizado é a manutenção da qualidade. Isso é algo

---

\* É óbvio que nenhuma espécie, mesmo a população da Terra, não deve se multiplicar a tal ponto que uma superpopulação dos espaços vitais venha exaurir as últimas fontes de alimentos e as possibilidades de existência, acabando, assim, com os fundamentos da sua existência. Mas em relação aos humanos, parece que este perigo está num distante futuro nebuloso, pois uma “era atômica” que está iniciando ameaça introduzir despovoamento a curto ou longo prazo. Os perigos para a espécie e para os povos, aglomerados em grandes cidades, se tornaram imensamente grandes: alvos fáceis para ataques atômicos. Na imagem do futuro, as metrópoles irão se tornar algo do passado e, assim, desaparecerá o perigo que antes era uma ameaça. Contudo, as pessoas de hoje estão no meio de uma mudança dos tempos. Em todas as áreas temos diante de nós somente aquilo que já foi e o que ainda é, mas aquilo que deveria ser nos próximos tempos ainda não está aqui; deverá ser construído mais tarde. A questão somente é se ainda teremos tempo para isso: as pessoas da atualidade estarão mentalmente preparadas para isso, maduras? O tempo irá comprovar...

tratado com muita sensatez, pois se a qualidade é diminuída, a aptidão à vida da espécie acaba sendo restringida. Mas isso significa a decadência da luta pela existência.

Para garantir o sucesso total nesse sentido, a natureza inicia muito cedo. Muito tempo antes mesmo do nascimento do ser vivo, ela já presta atenção a isso e, se necessário, adota rígidas medidas, para que os inaptos à vida não cheguem a se reproduzir. Caso contrário, a inaptidão seria transmitida por meio da hereditariedade. Com isso, obviamente, a genética das espécies seria prejudicada e a aptidão se estabeleceria.

Sejam seres vivos vegetais ou animais, somente aqueles grãos de pólen e os espermatozoides que possuem uma certa medida mínima de aptidão à vida chegam ao óvulo e poderão construir fundamentos para um novo ser — todo o resto irá sucumbir. Os embriões que, a partir disso, evoluírem, ainda terão de novamente passar por duras provas. Todos os que não passarem serão sumariamente eliminados: desaparecerão completamente como uma semente não desenvolvida, morrerão antes da eclosão ou serão abortados.

Estas primeiras medidas, isoladamente, ainda não são suficientes para garantir o sucesso. Por isso o desenvolvimento posterior ainda é cuidadosamente observado e novamente tudo o que não responde às exigências será excluído da corrente hereditária. Um embrião que é muito fraco para romper a crosta terrestre morrerá. Um filhote, indiferentemente se é uma lagarta, um peixinho ou outro ser, que não for apto o suficiente para suprir as exigências que lhe foram colocadas para se alimentar, direta ou indiretamente, morrerá. Mesmo durante a juventude, indiferentemente se é preciso um maior ou um menor cuidado parental, o ser vivo possivelmente irá fracassar se exigências físicas ou mentais a ele conferidas não forem notadas.

Está claro que cada ser que vive na natureza livre, depois de passar por todos estes testes e chegar à reprodução, precisa possuir um certo nível de aptidão à vida. Mas a natureza não se contenta somente com isso e acaba vigiando também o longo caminho até a morte. O encerramento da aptidão à vida, seja por indolência, ignorância, doença ou algo do tipo, somente pode ser combatido eficientemente através do extermínio do ser vivo em questão. Por isso, na natureza livre, somente são capazes de deixar um grande número de descendentes aqueles seres vivos cuja aptidão à vida permanece inalterada por um período mais longo possível.

Mas tudo isso seria em vão se os limites entre as espécies não fossem observados. Os cruzamentos no caos da mistura das raças iriam acabar com a aptidão à vida. Nesse assunto a natureza também tem uma vigilância apurada, para que o criador não seja zombado por suas criaturas: aos bastardos será retirada, parcial ou completamente, a capacidade de reprodução ou a aptidão à vida. Se na natureza degenerada houvesse a mínima inclinação para os cruzamentos, há tempos todo florescimento teria desaparecido da Terra, há tempos toda cantoria das aves teria emudecido e todos os seres vivos elevados teriam se extinguido. Resumindo: a Terra seria hoje povoada por um único mingau de bactérias.

Somente graças às medidas que a natureza adota para garantir a manutenção da pureza das espécies é que as florestas continuam a se ampliar, com sua vida em milhares de formas, cobrindo amplos espaços. Além disso, é também em virtude dessas medidas que há um tapete de flores cobrindo nossos corredores, onde se houve o zumbido das abelhas no ar. A vida humana na Terra está igualmente condicionada a isto: aquele que permite que a vida floresça em tal variedade estrutural não desejava um mundo vivo simplório, mas sim diversificado!

Infelizmente o ser humano “moderno” atual já é “simplório” demais para reconhecer isso, mas tudo o que é válido para a natureza, também o é para ele. De fato, quem colocou limites entre as espécies também queria que elas fossem observadas seriamente.

Onde isoladamente ocorrem cruzamentos em virtude de confusões mentais, as criaturas antinaturais geradas são exterminadas ou serão absorvidas pela massa permanecida pura da espécie. Elas são tornadas inofensivas. Mas nos locais em que há uma onda de cruzamentos que atinge espécies inteiras, outras espécies, permanecidas puras em virtude de sua intacta aptidão à vida acabam exterminando as espécies cruzadas. O perigo novamente é afastado!

São medidas duras. Mas somente desse modo a degeneração das espécies, assim como de todo o mundo vivo, pode ser evitada. Se mesmo assim algum indivíduo inapropriado consegue se manter, então será absorvido pela totalidade da espécie permanecida pura, assim como ocorre com as famosas mutações. Alguns poucos indivíduos falhos não são capazes de prejudicar a massa hereditária da espécie. O eterno vir a ser e morrer elimina estes poucos paulatinamente da corrente hereditária.

Na observação destes procedimentos, algumas pessoas conhecedoras da natureza poderiam chegar ao pensamento de que o objetivo dela seria eliminar os “fracos”. Mas isso seria um imenso erro. Quem passa de olhos abertos por ela, logo irá perceber que a verdade novamente não é essa. Se em alguns momentos a natureza percorre este caminho, é porque é inevitável e mostra os melhores resultados. A eliminação dos inaptos à vida é um caminho para alcançar o objetivo, porém não o único!

A lei da natureza significa: “inaptidão à vida em circunstância alguma permite a reprodução”. Os caminhos para alcançar esse objetivo podem ser diferentes. Determinante unicamente é o objetivo!

Não é suficiente se forem “escolhidos” alguns exemplos entre os mamíferos para ilustrar estas colocações. Uma imagem fiel à realidade somente pode ser obtida levando-se em consideração a totalidade dos seres vivos.

Um breve olhar nos insetos que vivem em sociedade já nos mostra um segundo caminho adotado pela natureza, que também conduz com a mesma infalibilidade ao mesmo objetivo.

Como é de conhecimento de cada criador de abelhas, vive numa colmeia uma fêmea completamente formada, a chamada rainha, que é a única responsável pela reprodução, sem contar com o macho (zangão) que de vez em quando aparece. Além disso, vivem ainda mais 50.000 ou mais fêmeas não desenvolvidas completamente, que formam um grupo especial, usualmente chamadas de abelhas-operárias. Suas competências são imensamente grandes: elas servem para o bem-estar da colmeia. Mas para evitar que estes seres não desenvolvidos completamente cheguem à reprodução e, com isso, coloquem em perigo a espécie por meio de uma piora da hereditariedade, a natureza aplicou um método simples e infalível: ela deixou definharem seus órgãos sexuais! A eliminação dos incompletos, que traria prejuízos, neste caso, foi substituída por este novo método.

Num cupinzeiro vive um casal completamente formado (um macho e uma fêmea), dos quais surge toda descendência, quer dizer, os moradores da termiteira.\* Além disso, a população é composta por muitos milhões de “trabalhadores” e “soldados”, que também são machos e fêmeas não completamente desenvol-

\* Em algumas espécies, a rainha cupim, portanto, a fêmea, coloca um ovo a cada 2 segundos.

vidos. Os trabalhadores são minúsculas criaturas em comparação com a fêmea completamente crescida cujo tamanho em algumas espécies africanas chega a ser 30.000 vezes maior do que um cupim trabalhador. São eles que executam todos os trabalhos que surgem na sociedade: alimentação, moradia, instrução, etc. A capacidade destes animais é admiravelmente grande. As construções por eles realizadas superam em altura em mais de 2500 vezes o comprimento de seus construtores. Se os humanos quisessem ter prédios tão imponentes como os dos cupins — algumas espécies chegam a construir moradias de 12 metros de altura —, então teriam que erguer imóveis do tamanho do Matterhorn (4500 metros). Já os soldados, que também fazem parte da sociedade, são um pouco mais robustos e possuem a tarefa de proteger a construção contra ataques de qualquer tipo.

Se a natureza quisesse aqui eliminar todos os que são “mais fracos” e “incompletos”, então restaria somente um único par de cupins, que sem os inferiores também iriam sucumbir, já que são dependentes da ajuda dos trabalhadores e dos soldados. Novamente a natureza percorre o caminho já citado no caso das abelhas: os órgãos sexuais não se desenvolveram nos soldados e trabalhadores! Com esta medida ela pôde fazer com que a sociedade dos cupins conseguisse tirar proveito da força de trabalho de ambos os grupos para o bem da espécie, sem correr o risco de que a herança dos incompletos prejudicasse a sua genética e, por essa via, colocasse em risco a população.

Eliminação e infertilidade são dois métodos infalíveis que estão disponíveis na natureza para a proteção da valiosa genética e para a manutenção da qualidade, respectivamente. De um deles, ela cruelmente lança mão sempre que for necessário!

Nos humanos a natureza adotou o primeiro caminho. Nos primórdios, quando viviam em pequenos grupos esparsos numa natureza original, distantes uns dos outros e dependendo apenas de si mesmos, a natureza eliminava inaptos à vida de forma igualmente dura e cruel — na maioria das vezes, na idade infantil. Somente os aptos à vida se tornavam adultos, permaneciam em vida e deixavam descendentes.

Em tempos posteriores, a formação de comunidades maiores possibilitou, além de uma crescente civilização e cultura, já um grande cuidado com doentes, fracos e idosos. Já era possível curar enfermos em proveito da espécie. Possibilitar uma



atividade útil na medida das forças do mais fracos e preparar um final de vida tranquilo aos idosos.

Isso foi algo muito belo e de forma alguma antinatural. O fato de que antigamente a maior parte das pessoas sucumbia, não quer dizer nada e não testemunha contra isso. Na época não havia outro caminho. A qualidade da genética dos povos precisou ser mantida e, se possível, ainda ser melhorada. A medida que a natureza adotou para alcançar esse objetivo não podia ser diferenciado entre uma passageira queda na aptidão à vida (doenças, idade, e outros) e uma permanente inaptidão à vida (doença mental e física). Somente por estas razões muitas pessoas que, de alguma forma, adoeceram, foram eliminadas, mesmo sendo portadoras da mais valiosa genética. Doenças não atingem sempre os mais fracos, mas também muitas vezes as pessoas mais robustas e até algumas doenças preferem estes últimos. Em tais casos se trata de efeitos colaterais indesejados de uma medida em si objetiva. A finalidade prevista pela natureza não era a eliminação dos “inaptos à vida”, mas sim “a exclusão dos inaptos à vida da corrente genética da espécie”. Um caminho que, mesmo utilizando o que antigamente teria sucumbido, alcançando o objetivo de fortalecer a espécie, sem indesejados efeitos colaterais, é o melhor para a natureza.

Muito frequentemente, em insetos, o macho morre logo após o acasalamento e a fêmea, logo após a desova. Nos insetos superiores que vivem em sociedades, o macho morre logo após a cópula (abelhas melíferas e outros) ou vive uma monogamia por toda vida com a fêmea escolhida (cupins).

Também em aves a regra é a monogamia passageira ou pela vida inteira. Somente assim as exigências da natureza em relação ao cuidado com a prole podem ser atendidas de maneira mais satisfatória. Na maioria dos casos, a monogamia dura pelo menos enquanto os filhotes necessitam de cuidados e de orientações.

Entre os mamíferos a monogamia é igualmente difundida (marmotas, macacos e outros), embora em algumas espécies o estilo de vida próprio exige um relacionamento conjugal próprio.

Naturalmente um sentimento familiar mais desenvolvido somente pode ser encontrado em seres vivos superiores mentalmente. Em aves, que cuidam e orientam

seus filhotes até que consigam voar, um sentimento familiar já está fortemente desenvolvido. Nos mamíferos que vivem em monogamia, frequentemente este sentimento é ainda muito mais forte. Mas quando a mãe ou o pai assumem sozinho o cuidado e a educação dos filhotes — que frequentemente não ocorre sem “castigos” parentais —, incorporando assim a cabeça da família, mesmo nestes casos já existe um significativo sentimento familiar.

Quanto maiores as faculdades mentais, tanto mais desenvolvidos e difundidos estão a monogamia e o sentimento familiar. Analisando de forma geral, ocorre o seguinte: a natureza exige de cada ser vivo, desde que esteja apropriado a isso, a manutenção da monogamia, o convívio com os descendentes ainda incapazes de se alimentar e o desempenho das tarefas educativas relacionadas aos filhotes.

Obviamente os seres humanos não estão excluídos disso. Capacidades mentais mais evoluídas levam a competências maiores. Aos seres humanos foram atribuídas capacidades mentais especialmente grandes, que até então ainda não existiam em outros seres: por isso também se exige dele a exata observância destas leis naturais.

Os corretos preparativos que a natureza tomou para alcançar seus objetivos são demonstrados pela quase exatidão numérica de ambos os gêneros. Indiferentemente de como seja a sua distribuição entre filhos de famílias isoladas, analisando o povo como um todo, sempre nascem 1060 meninos para 1000 meninas. Já a partir disso se pode concluir que a poligamia jamais pode ser um mandamento natural para os seres humanos.

Por isso alguns fatos bíblicos são antinaturais\*. Tais caminhos equivocados, se fossem seguidos, iriam levar a uma situação em que somente homens “ricos” e “influentes” poderiam manter um harém de mulheres e iriam se reproduzir acima da média. Os bens genéticos estão em flagrante oposição em relação às propriedades materiais ou ao poder. As consequências disso seriam uma reprodução insuficiente com menos qualidade e, com isso, o extermínio do povo.

Sem mais, todos deveriam ter claramente em mente que, para os seres humanos, uma monogamia serial jamais pode ser cogitada; somente a monogamia para a

---

\* O “sábio” rei Salomão teve 700 esposas e 300 amantes.

vida inteira. De acordo com as leis naturais, o ser humano é obrigado a desempenhar da melhor forma possível as atividades referentes ao cuidado e à educação de seus descendentes. Os cuidados com a descendência se extinguem principalmente com o crescimento dos filhos até a maioridade. Em condições naturais, contudo, antes disso, aparecem os irmãos e, quando o mais jovem chega à maioridade, o pai já deve estar acima dos 60. Mas então já é muito tarde para o início de um novo casamento, sem contar que um tal passo seria uma idiotice completa.

Disso se conclui que, normalmente, um casamento deve se encerrar com a morte de um dos cônjuges. Na vida as coisas frequentemente não seguem os planos. Os grandes perigos aos quais os seres humanos estão expostos conduzem frequentemente a uma morte precoce de um dos cônjuges. Além disso, ainda ocorre que muitos casamentos se tornam insustentáveis devido aos conflitos ocasionados em virtude da má ou insuficiente educação de um ou de ambos. Os erros dos pais — neste caso, a desobediência das leis naturais da educação — preparam tristes acontecimentos: a punição envolve os filhos e netos. Em tais casos, a exigência da natureza não significa “manter o casamento a qualquer custo”, mas sim promover cuidados para o bem-estar dos filhos e, com isso, o bem-estar da espécie.

Também no que se refere à idade do casamento, o determinante em primeira linha é o bem-estar da espécie. Por toda parte, a natureza está programada para que a geração de descendentes ocorra quando os seres estiverem no mais alto vigor de suas vidas — seja pelo fato de se tornarem férteis mais tardiamente, seja pelo fato de somente encontrarem oportunidades para isso. Já nos casos excepcionais em que a reprodução ocorre antes, a estrutura física já é preparada de tal forma que não apresente nenhum prejuízo para a espécie.

Apenas para oferecer alguns exemplos disso: os milhões de espécies de insetos somente se reproduzem quando estiverem completamente adultos. Os casais de cupins até mesmo constroem antes sua moradia, no “período do noivado”, e somente depois disso se reproduzem. O mesmo ocorre com muitas espécies de aves, que apenas o fazem quando alcançam o auge da vitalidade de suas vidas. Para todos os criadores de animais não é segredo algum que um acasalamento precoce se torna prejudicial.

Como para os seres humanos o determinante deve ser o bem-estar da descendência, conclui-se sem mais que a manutenção da usual idade mínima é uma regra natural.

O bem-estar da espécie nesse sentido equivale ao bem-estar dos filhos; está acima de tudo e em todos os casos duvidosos dá a palavra final.

Por toda parte na natureza há uma correlação entre a propriedade e a obrigação de sua defesa. Uma coisa é impensável sem a outra. Mas somente o que se possui pode ser defendido, mesmo que esta propriedade seja somente a vida. Quem possui algo também deve estar preparado para o fato de que esta propriedade, em algum momento, pode ser contestada. É secundário o fato de que esta contestação pode ocorrer por um ataque inimigo de outro ser vivo ou por influências climáticas, catástrofes naturais e outros. Na natureza livre não se pode manter uma propriedade ou a vida sem o impulso de defesa. Também a gigantesca capacidade reprodutiva de determinados seres vivos representa, a princípio, uma medida defensiva. Se o impulso defensivo ou a capacidade defensiva se esgotam, segue-se o extermínio.

Cada esporo, cada semente, assim que chega na terra, precisa imediatamente tomar conta de uma área onde poderá fincar raízes e se expandir, caso queira crescer. Normalmente isso somente pode acontecer onde há um espaço livre disponível. Onde já estão ocupados por outras plantas, a semente estranha é vista como invasora e é eliminada na defesa do espaço vital já conquistado.

Mas a bem-sucedida ocupação do espaço está longe de ser o suficiente. Normalmente já estão armazenadas ali sementes ainda não germinadas, de diferentes espécies vegetais, que chegaram muito antes, mas que apenas agora começam a se desenvolver. Com o aparecimento das novas sementes, que ao mesmo tempo iniciam a germinação, verifica-se uma concorrência pela ocupá-lo. Mas as plantas vizinhas mais antigas se lançam para ocupar o espaço e procuram conquistá-lo para si e sua espécie. Sementes de outras espécies constantemente chegam e procuram igualmente se estabelecer. Dessa maneira, frequentemente, a dura luta pelo necessário espaço de terra já inicia logo após a germinação da semente e, caso forças externas não exerçam sua influência, a espécie mais apta à vida sairá como vencedora. Mas também a vencedora não deve descansar.

Constantemente outras espécies vegetais tentam invadir o espaço. Somente se ela permanecer capaz de defender sua área conquistada, conseguirá sobreviver.

Desse modo, em toda parte na natureza livre ocorre uma dura luta por cada pedacinho de terra. Esta luta, via de regra, é uma luta entre as diferentes espécies vegetais entre si. Na América do Sul, por exemplo, as florestas decíduas conquistaram as áreas mais férteis e até hoje as defenderam de forma bem-sucedida. Já às coníferas (pinheiros) ficaram reservadas as áreas menos férteis, e os capins se estabeleceram nos solos pobres dos campos. De forma semelhante são as relações no mundo animal. Contudo, entrar em todos os pormenores seria ir longe demais. Por toda parte se percebe: o melhor está reservado à espécie mais apta à vida.

Nos casos mais controversos, sempre a natureza confere a propriedade disputada à espécie mais apta nas condições em questão!

Uma espécie será mais apta à vida à medida que gasta menos as suas forças em lutas internas contra os próprios integrantes de sua espécie. “Quando dois brigam, o terceiro se alegra”: esse ditado também é válido neste caso. Onde uma espécie se desgasta em lutas internas, uma outra acaba se beneficiando. Assim, tudo o que prejudica a espécie é maligno, inclusive a luta fratricida!

Por isso o conceito de “ocupação”, ou seja, “propriedade”, está entre as “obviedades” mais necessárias da natureza. Somente os nômades em sua cultura mais pura podem abrir mão disso, em parte. Não se pode pensar num mundo vegetal sem a “propriedade” do espaço vital necessário. É impensável a vida de aves sem a propriedade de um espaço para um ninho, assim como a propriedade do próprio ninho. As exceções aqui são somente os parasitas! Insetos (abelhas, vespas, e outros) concebem sua moradia como “propriedade” e as defendem em parte bastante enfaticamente. Também os mamíferos sabem dar valor à “propriedade” do próprio lar e de sua área de caça. Até mesmo peixes possuem “propriedades” em seus ninhos (esgana-gato, e outros) e lugares em que vivem. Aranhas “possuem” uma teia própria e uma toca própria, assim como cobras os seus refúgios próprios, vermes as suas próprias moradias, etc., etc.

A este mal se junta ainda outro, a incessante luta fratricida entre as tribos isola-

das dos povos, assim como entre os povos entre si! Rios de valioso sangue foram derramados em absurda imprudência. Incrivelmente grande é a culpa que assumiram os círculos responsáveis, indiferentemente se foram príncipes mundanos ou espirituais, ou outras “altezas”.

Derramar sangue inutilmente numa luta fratricida é um dos piores males. A maldição da natureza repousa nos principais culpados. Também o povo que tolera isso não ficará impune!

Justamente os seres humanos, que possuem uma cifra de reprodução tão baixa, têm todas as razões para evitar qualquer derramamento inútil de sangue, para o bem-estar de sua espécie. Os seres com alta cifra de reprodução sempre conseguem equilibrar com facilidade perdas deste tipo. Já para os seres humanos, isso é impossível de ser consertado: quanto menor a cifra de reprodução, tanto mais devastadoras são as consequências de uma luta fratricida!

A vontade do criador, que se pode inferir claramente pela contemplação da natureza, é que os integrantes de uma espécie evitem tudo o que pode ser prejudicial para a própria espécie — desde que seu conhecimento seja suficiente para isso.

Os humanos, com suas altas capacidades mentais, são os únicos seres vivos que conseguem reconhecer a amplitude de suas ações, se quiserem (mas muitas vezes é justamente isso que falta). Por isso não necessitaram de uma cifra reprodutiva que poderia equilibrar tudo. “Utilize de forma correta os dons que te foram dados”, é uma exigência da natureza. Por isso, o ser humano deve e precisa utilizar sua racionalidade se quiser sobreviver na luta pela existência. Por isso não há desculpas para ele, como há para seres irracionais. Além disso também não há atenuações para burrices nem remédios que as curem. “Não há cura para a estupidez”, diz acertadamente um ditado popular. Muito menos ainda há um remédio para as consequências da estupidez.

Em virtude disso, os prejuízos e as calamidades crescentes causados pela estupidez, despreocupação e leviandade podem provocar a decadência de um povo. Tristes exemplos deste tipo são fornecidos em abundância pela história. A decadência de povos que ocorreu em consequência das violações das leis naturais não é resultado da “vontade divina”, como querem fazer crer alguns “sábios”, mas

sim a justa penalidade aplicada pela natureza para uma contraversão mortal em relação às suas leis naturais.

Partindo do pressuposto de que o bem-estar da espécie e, conseqüentemente, do povo é o que está acima de tudo, então também cada medida que viola o seu bem-estar é maligna, mesmo que traga vantagens pessoais para seu contraventor!

Disso se conclui que cada enriquecimento, cada “aquisição de propriedade”, mesmo que a propriedade adquirida logo seja consumida ou bebida, portanto em processo de desaparecimento, é uma violação das leis naturais, especialmente se isso é adquirido à custas de outro integrante da espécie, prejudicando, assim, o povo como um todo. Por meio de roubos, furtos e outros crimes jamais pode ser aumentada ou mantida a força do povo. Da mesma forma não se pode com isso melhorar a qualidade física e mental, muito pelo contrário.

Somente têm direito a aumentar sua renda, e conseqüentemente suas propriedades, aqueles que, por meio de um aumento de seu trabalho físico ou mental, oferecem os bens ou serviços úteis correspondentes para o bem-estar do povo.

O conceito de propriedade, aplicado a aquisições justas, só estabelece o direito a ela, mas não dá carta branca a seu possuidor, para fazer dela o que bem entender. Todas as suas medidas devem levar em consideração o bem-estar do povo. Ele somente pode fazer uso dessa propriedade para proveito próprio, na medida em que não prejudique os interesses da população.

Todas as leis e regulamentações que proíbem o assassinato, o roubo, a fraude, o adultério, a difamação, e muitas outras coisas, baseiam-se nas leis naturais e são justas, desde que correspondam à vida e às suas exigências!

Proteger com todas as forças a propriedade pessoal adquirida justamente contra ladrões, assaltantes e outra rale é obrigação de cada indivíduo. Mas o povo, como tal — ou como também se fala, o “Estado” —, tem a obrigação de proteger o espaço vital e assim também as propriedades que pertencem a seus integrantes contra ambições predatórias de povos vizinhos inimigos.

Em tais casos de perigo, o povo assume a proteção de suas fronteiras limítrofes, pois somente se o inimigo pode ser barrado é que se pode alcançar o sucesso total,

jamais se cada indivíduo por si só procurar proteger apenas sua propriedade individual. Ninguém pode ou deve se furtar a esta obrigação de proteção. Em tais momentos fica claro para muitos que somente ligam para as questões que se referem ao próprio “eu” o quanto a propriedade individual está relacionada ao bem-estar e à manutenção de seu povo. Neste momento o povo passa a estar em primeiro plano, como sempre deve ser!

Uma das mais importantes leis naturais diz o seguinte: “garanta o espaço vital do povo, da espécie e proteja sua propriedade!” Atender a isso é, portanto, uma das mais importantes obrigações dos seres humanos. Neste caso significa que o bem-estar do povo está acima do bem-estar do indivíduo. Acima do bem-estar do povo está então o bem-estar da espécie!

A tecnologia progride de forma incessante e em velocidade rápida. Diariamente somos agraciados com descobertas e mais descobertas. Constantemente ocorrem grandes revoluções e melhoramentos em quase todas as áreas. Navios a vapor, locomotivas, automóveis, eletricidade, rádio, fotografia, telescópio, microscópio, soros de cura, operações indolores e muitos outros sucessos, também aqueles em áreas puramente científicas, foram alcançados num curto espaço de tempo. Nenhum outro ser vivo na Terra consegue apresentar algo deste tipo, mesmo que for no início mais remoto.

A lagarta come seu pasto da mesma forma há milhões de anos, tece seu casulo para se encasular com a mesma técnica como fizera em tempos remotos; a borboleta que eclode procura seu refúgio, hoje ainda exatamente como fora antigamente; a ave manteve sua antiga técnica de construção e gorjeia ainda hoje seu antigo canto ancestral; ruminante ainda come seu pasto da mesma forma há milhões de anos. Nada se alterou em seu estilo de vida. Os macacos, apesar de toda teoria dos macacos, ainda hoje vivem sem vestir roupas, sem utensílios domésticos, sem uma linguagem variável, sem a sensibilidade do belo e se locomovem de galho em galho como seus ancestrais. O mundo vegetal hoje ainda continua tão permanentemente em seu local como há centenas de milhares de anos. Nem nas algas, nem nas árvores floridas, nem nos unicelulares, nem nos vertebrados são perceptíveis quaisquer progressos.

Por um lado, nos seres humanos, mostra-se um incessante avanço e, por outro, nos demais incontáveis seres vivos, a estagnação: opostos que não podiam ser pensados de forma mais impressionante.

Também aqui se percebe novamente de forma clara o abismo intransponível que separa os seres humanos dos demais animais!

Mesmo que em alguns detalhes apresentem resquícios de seres vivos animais — inclusive o fato de que seu corpo é constituído por carne e osso, e não por maçapão —, seus dons mentais, sua vida espiritual, sua linguagem, seu longo período de juventude e muitas outras coisas os separam de todos os seres vivos existentes até o momento. O abismo entre os seres humanos e os mamíferos é maior do que o existente entre mamíferos e animais unicelulares.

Atualmente ainda não podemos saber por que a natureza se esforçou durante milhões de anos para preparar a criação dos humanos e por que ela os equipou com tão grandes capacidades mentais: em condições puramente mundanas, essas questões permanecem incompreensíveis. Seja como for, o fato em si permanece mantido. Tampouco sabemos por que apareceu a vida em tão grande diversidade no corpo celeste apropriado, como uma coroação final. Na natureza nada é sem sentido. Também a vida possui um objetivo superior e um profundo sentido. Provavelmente, como portadora do espírito, ela dá o real sentido e o objetivo para todo o cosmos com suas incontáveis constelações e outros corpos celestes. Talvez sem vida todo o universo não teria direito à existência.

Mesmo que muitas coisas ainda possam estar sem esclarecimento, inconfundível é o esforço da natureza desde o início direcionado para a vivacidade e, se possível, o desenvolvimento do espírito de todos os seres vivos, portanto, também dos seres humanos. Toda a luta pela existência está orientada para isso. Perseguir e ser perseguido aguçam muito a mente e a razão, tanto das presas (herbívoros) como também dos perseguidores (predadores). Busca por alimentos e cuidados com os descendentes provoca o mesmo efeito. Da mesma forma a transformação do clima e a necessária proteção contra as variações climáticas também têm sua contribuição nisso. Nesse sentido, a natureza não brinca: cada ser vivo cujas forças mentais estão em declínio, será exterminado na natureza livre!

Se a vivacidade e o desenvolvimento de seu maior ou menor percentual de razão e de espírito já são exigidos de cada ser vivo, por mais inferior que seja, então isso é muito mais intenso no caso dos seres humanos.

A importância extraordinária que a natureza confere à observância, à obediência às leis naturais e à vivacidade, assim como ao desenvolvimento mental, pode ser percebida pelo simples fato de que ela ameaça sua desobediência com o extermínio!

Os seres humanos receberam talentos mentais incomuns. Por isso também precisam observar muito mais do que qualquer outro ser vivo. Pois quem percebe mais também tem uma responsabilidade muito maior.

A mais importante exigência, que nesse sentido é colocada a cada ser vivo, é a utilização de todas as capacidades necessárias na luta pela existência. Neste ponto é que ocorrem os maiores males. Os seres humanos de hoje sabem ler, escrever, calcular, sabem jogar e dançar, têm a cabeça cheia de números e a chamada instrução. Ele se eleva se necessário até a 5ª dimensão, mas tem pouca noção de algo que é mais importante do que isso, sobre algo decisivo não somente sobre sua vida, mas especialmente sobre a vida de seu povo. Também não há, até agora, um ensinamento sobre esse algo mais importante: os conhecimentos sobre as leis naturais! Mas somente o conhecimento dessas leis não é o suficiente. Os seres humanos também precisam segui-las!

Esta vergonhosa desproporção entre o saber e seu correto uso salta imediatamente aos olhos assim que se coloca a questão: “os seres humanos atuais, apesar do telefone e do rádio, das aeronaves e dos automóveis, dos selos postais e do papel para escrever, do teatro e do cinema, da maquiagem e do pó, do álcool e do tabaco, da luz elétrica e do aquecimento a vapor, da pólvora e do gás, das escolas e das igrejas, das universidades e das sociedades científicas, com tudo isso, são mais felizes do que seus antepassados?”

Certamente em relação a seus antepassados as pessoas de hoje são mais inteligentes no que se refere ao conhecimento técnico. No entanto, no que diz respeito à sabedoria de vida, me parece que se tornaram mais estúpidas: até hoje os povos não foram capazes de utilizar estes novos conhecimentos para o seu bem-estar!

Certamente se ensina às pessoas a ler e a escrever, competências fundamentais para o mundo atual, mas ninguém as ensina como utilizá-las para o bem-estar de seu povo e ninguém aponta os objetivos a serem seguidos.

Claro que as pessoas dos tempos modernos enchem seu cérebro com expressões de antigos “sábios”, de Sócrates para Herodes até Pilatos, aprendem a saber como gregos, romanos e hebreus denominaram isto e aquilo, aprendem antigas poesias, canções e provérbios bíblicos, mas o que as leis naturais exigem delas, isto elas não aprendem!

Aqui está a causa do lamentável fracasso em todas as áreas vitais para o bem-estar do povo: enquanto a técnica avança, nossos pensamentos são inibidos por um ensino equivocado, permanecendo perdidos e presos há milênios. Cada pensamento novo próximo à contemporaneidade sufoca sob o peso morto de tempos antigos!

Neste contexto, a convivência de pessoas em famílias e povos mostra que todas as capacidades e todo conhecimento são parcial ou completamente inúteis se não houver a necessária força de caráter, mas esse ponto até agora não é contemplado nos planos de ensino e nos certificados.

Ninguém irá confiar suas finanças para um gênio da matemática, mas sem caráter. Todos terão receio de cair nas mãos de um médico sem probidade. Ninguém confiará a educação de seus filhos a um professor com índole duvidosa. Ninguém irá passar a condução de um navio, avião ou qualquer máquina de valor a uma pessoa leviana. Ninguém irá confiar um trabalho de precisão para uma pessoa relaxada. Um pai ou uma mãe dissolutos, fracos de caráter, trazem a desgraça para toda família. Uma pessoa bisbilhoteira jamais irá guardar um segredo. Por meio de um vigia dorminhoco, mesmo que seja um mestre na arte da proteção, toda tropa pode ser perdida. De forma semelhante ocorre com outras falhas de personalidade: inveja, temperamento colérico, maldade, teimosia, ciúmes, desamor, egoísmo e muitos outros. Bem conhecida também é a triste figura do gênio embriagado.

Por isso, as tarefas mais urgentes e importantes são a educação do caráter para uma completude cada vez maior, assim como a educação do pensamento para uma pureza cada vez maior!

O impulso religioso, que está em cada ser humano não degenerado, é uma ajuda que não pode ser subestimada neste caminho. Não há povo que não possua representações religiosas; mesmo os mais primitivos não estão excluídos disso. Pessoas “esclarecidas” contrárias à religião são, na maioria dos casos, resultado de equívocos nos impulsos e no espírito, que apresentam um “sortimento de superstições” na adoração de bonecos e outros, concebidos como amuletos (mascotes), no temor diante de “números de azar” e de “gatos pretos”, assim como inúmeras outras coisas bobas.

O impulso religioso das pessoas, do qual nenhum povo está excluído, é natural e até desejado pela natureza. Onde o espírito se engana no esforço de seguir este impulso, se chega à superstição, à idolatria e ao esclarecimento moderno. Mas em toda parte tal impulso, que existe em cada pessoa, mostra o intransponível abismo vigente entre humanos e animais.

As forças do impulso religioso são imensamente grandes, sim, e até mesmo às vezes “incrivelmente” grandes, capazes de levar os povos às alturas ou às profundezas. São forças primitivas que estão dentro das pessoas e as dominam. Em grande medida, o destino deles depende dos caminhos para os quais essas forças são canalizadas. Aqui irá se mostrar se a humanidade realmente é digna dos talentos mentais superiores, se irão conduzir para a salvação ou para a perdição.

Dominado pelas representações religiosas, o ser humano pode se tornar um grande fanático e, dependendo da religião, largar tudo o que lhe é querido e valioso: família, povo e pátria, ou então valorizar tudo isso e a cada momento estar disposto a arriscar tudo para estes bens. Dependendo das doutrinas, as consequências podem ser o mais elevado requinte do espírito, como a pureza de costumes, um amor compreensível mútuo e, assim, uma vida feliz, ou, então, o embotamento dos sentidos, os vícios, de todo tipo, o ódio, a sede de sangue e, assim, provocar o “inferno na Terra”.

A tarefa da religião é conduzir este impulso religioso em sintonia com as leis naturais e, desse modo, seguir a vontade do criador, direcionando para caminhos razoáveis e adequados. Portanto, as responsabilidades que os religiosos levam

consigo são incrivelmente grandes: uma verdadeira religião, nos moldes desejados pelo criador, precisa estar ligada à natureza!

Esta ligação ajudará não somente a evitar muitos erros graves, como também será uma grande ajuda para o despertar do sentido da arte e do belo, contribuindo desse modo, em grande medida, para o refinamento do espírito.

Já quem aprendeu, apenas um pouco, a abrir os olhos e compreender o que significa mergulhar nas maravilhas da natureza, irá conceber cada flor, cada minúsculo unicelular, como uma obra de arte. Isso o preencherá de admiração e temor diante de suas regras. Mesmo que seja necessária uma grande ampliação por meio de instrumentos, elas são e permanecem obras de arte, muitas vezes em perfeita beleza de forma.

Que excelência e beleza admiráveis se revelam nas esplêndidas flores, insetos, aves e em muitos outros seres! E tudo permanece maravilhoso, seja quando se coloca em primeiro plano o gigantesco sol do universo ou as minúsculas insignificâncias das partículas atômicas. Muitas coisas que as mãos humanas transformam em obras de arte foram imitadas da natureza. Muitas coisas que o sentido artístico refinado construiu por meio de um saber manual em tempos passados se destacam em detrimento do “moderno” *kitsch* contemporâneo.

Por isso o sentido da arte e do belo, com o qual nos deparamos por toda parte nas obras da natureza, representa um importante instrumento intencional da natureza para o refinamento das faculdades mentais. Cultivá-lo igualmente faz parte das necessárias obrigações dos seres humanos!

O cultivo do canto e da música também faz parte disso. Ambos, se aplicados corretamente, também contribuem bastante para o refinamento do caráter e do espírito humano. A arte aliada à razão pode contribuir muito para o bem-estar do povo, mas no fracasso da razão, no triunfo da irracionalidade, ela contribui em grande medida para preparar o caminho do abismo para os povos. Cantos e músicas podem “elevar as pessoas até o céu” ou então jogá-las na mais profunda imundice da sarjeta. O mesmo pode ser atribuído em certa medida para a arte.

A tarefa dos seres humanos é ajudar o bem a triunfar. E isso significa uma luta acirrada contra o mal e toda sujeira. O caminho do triunfo passa por uma batalha preparada pela natureza. Mas essa batalha vale a pena! Imundice e escória, mesmo que servidos em excelentes embalagens, enterram e contaminam a moral do povo e o afundam nos indignos pântanos do vício. Isso enfraquece a sua força. E o que enterra e enfraquece a sua força é um pecado contra as leis naturais. Tais pecados são seguidos por uma dura e inexorável punição. As pessoas devem se entusiasmar por tudo o que é belo e nobre e odiar o mal e o que é ruim: somente então o povo poderá viver bem.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

Com isso concluo esta obra, que não somente aborda questões de imensa amplitude como também em parte as resolveu. Ela terá grande utilidade para aqueles que sabem pensar, que procuram pesquisar, que evitam frases vazias, que se esforçam pelo que é justo, verdadeiro: o espírito pesquisador humano é libertado, os véus teóricos foram rasgados!

A obra aborda, em certa medida, que o que vivenciei aqui não foi somente pensado artificialmente mas copiado da vida. Isso é um princípio seguro: nós, humanos, agora não somos mais macacos; aqui na Terra temos também nossa própria obrigação! E quem realmente quiser pode ler na natureza e no universo o que ela e o criador exigem de nós.

Assim, esta obra também deve contribuir, nas agitações de nosso tempo, nas agitações de nosso pensamento, para indicar o caminho correto ao espírito: o antigo cai! Mas a vida nova ainda não quer brotar das ruínas. Escombros cobrem a terra, lixo, entulhos e uma densa camada de poeira ainda cobrem o pensamento amordaçado. Em vão, pessoas estranhas ao nosso tempo, com seu olhar embasado por teias de aranhas, procuram apoiar com força o antigo antinatural que sobrevive em diferentes áreas da vida. Mas, apesar disso, tudo desmorona: as forças, que demoliram o existente, me parece, se esqueceram completamente de construir algo em seu lugar.

Como tudo o que é novo, assim também meu trabalho baseado na natureza irá encontrar inimigos, que irão combater o novo, porque não são capazes de entender o que está localizado fora de seu campo de visão estreito como mosca doméstica: mas somente tolero críticas para aqueles que conseguirem expor algo melhor! Além disso, ainda permanece em aberto aquela questão: por que então os sabichões, que tudo sabem melhor, já que são tão corretos como imaginam ser, não agradeceram o mundo com sua sabedoria antes do surgimento desta obra!

Indiferentemente de como seja e do que virá, o novo irá triunfar, a verdade será reconhecida como verdade, o correto ainda irá vencer, mesmo que depois de longa e dura batalha.

Mas de todos os pesquisadores e cientistas sinceros, espero uma contribuição honesta na explicação de questões ainda não esclarecidas, até que o espírito humano seja capaz de tirar o véu sobre o último mistério, para que o espírito se liberte para um pensamento claro, para que o caminho se abra para a pesquisa correta na direção de um objetivo superior num novo tempo.





### Equipe técnica

Coordenação geral JOÃO KLUG

Coordenação ELISANDRA FORNECK e ALINE MAISA LUBENOW

Revisão textual DENIZE GONZAGA

Tradução ANDRÉ CARLOS WERLE

Design gráfico VANESSA SCHULTZ

Produção DENISE BENDINER e PARÂMETRO EMPREENDIMENTOS CULTURAIS

Imagens ARQUIVO PARTICULAR EDELTRAUDT PIEROZAN

### Agradecimentos

GISELA GERMENDORF PLAUMANN (*in memoriam*)

SANDRA GERMENDORF FERREIRA

EDELTRAUDT PIEROZAN

PREFEITURA MUNICIPAL DE SEARA

FUNDAÇÃO CULTURAL DE SEARA

MUSEU ENTOMOLÓGICO FRITZ PLAUMANN

CASA DE FRITZ PLAUMANN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Plaumann, Fritz, 1902-1994

A origem da vida : concepções completamente  
novas sobre a origem da vida e do ser humano /  
Fritz Plaumann. – 1. ed. – Florianópolis, SC :  
Parâmetro Empreendimentos Culturais, 2022.

ISBN 978-85-5915-006-3

1. Biodiversidade 2. Ciência política 3. Física  
4. Meio ambiente 5. Origem da vida 6. Química  
7. Religião 8. Seleção natural I. Título.

22-106828

CDD-572.0162

Índices para catálogo sistemático:

1. Seleção natural : Ciências biológicas 572.0162  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Santa Catarina \* 2022





Lei de Incentivo à  
**CULTURA**

Apoio



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Andriele de Apoio à Cultura – Edição 2021, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense da Cultura  
Projeto selecionado pelo Edital Aldir Blanc 2021 – executado com recursos do Governo Federal e Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, por meio da Fundação Catarinense da Cultura

ISBN: 978-85-5915-006-3

